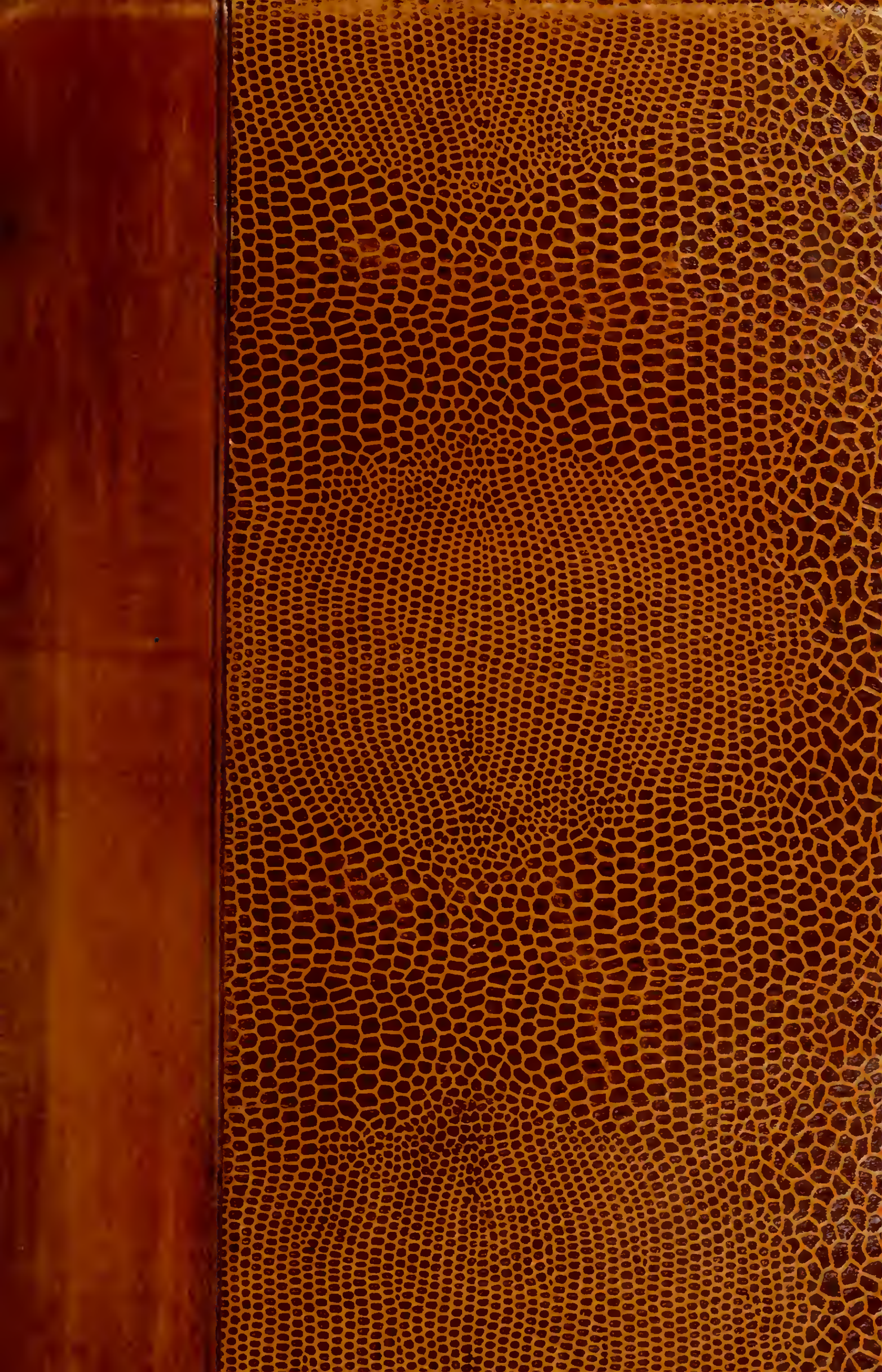


MEMORIAS

DE LITTERATURA PORTUGUEZA.

MEMORIAS

DE

LITTERATURA PORTUGUEZA,

PUBLICADAS PELA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA.

Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria.

TOMO VIII. — SEGUNDA EDIÇÃO.



LISBOA.

NA TYPOGRAPHIA DA MESMA ACADEMIA.

1856.


LIBRARY
MAR 1 6 1966
UNIVERSITY OF TORONTO

MEMORIA

Sobre as origens da Typographia em Portugal no Seculo XV.

Por Antonio Ribeiro dos Santos.

Quasi todas as Nações Européas tem a Historia, ou Annaes da sua Typographia: Escritores eruditos, e zelosos, que se cançárão em averiguar as antiguidades da sua patria julgárão justamente, que as que tocavão á sua Typographia não desmereciào huma parte de suas indagações, e trabalhos; e escrevêrão sobre isto doutas obras. Portugal porém, sendo tão rico de bons engenhos, e contando muitos, e mui illustres escritores de seus feitos, que levantárão com a penna a fama de nossa terra: não teve hum até agora, quanto nós podémos saber, que chegasse a publicar as noticias, e progressos das origens de sua Typographia, e a esclarecer esta parte assaz escura, e difficultosa da sua Historia Litteraria (*a*).

Moveu isto a nossa curiosidade, e entrámos em pensamentos de colligir noticias, que illustrassem as nossas antiguidades Typographicas. Revolvemos para isso nossa His-

(*a*) Não nos consta de obra alguma impressa sobre este assumpto, sem embargo, que alguns houve entre nós, que tratárão de apurar esta materia: sabemos que Gregorio de Freitas, Escrivão da Correição de Setubal, pessoa de não vulgar curiosidade neste genero de estudos, cuja Livraria servio de muito para a composição da Bibliotheca Lusitana do douto Abbade de Sever; havia lançado em 1750 algumas linhas para formar huns Annaes Typographicos de Portugal, e huma especie de Supplemento aos de Miguel Maittaire: foi isto porém feito com tão pouca ventura, que seus apontamentos ficando mss. ou de todo se perdêrão, ou estancárão em parte aonde estão inuteis á Nação, a quem podérão muito aproveitar.

D. Antonio Caetano de Sousa, varão de grande nome entre nossos Historiadores, tratava de escrever sobre esta parte de nossa His-

toria; corremos algumas das mais providas Bibliothecas; consultámos pessoas de bom saber, e pedimos Documentos de muitas partes; mas forão tão escassas as noticias, que alcançámos, que quasi estivemos resolvidos a deixar de as escrever; muito mais encontrando difficuldades, que bastantes erão para quebrar nosso animo, e nos fazer desistir deste trabalho. Porém valeu mais para comnosco o desejo de sermos uteis aos nossos com esse pouco que fosse, que o temor de parecermos de curto alcance, e cabedal nestas materias; entendendo, que estas noticias assim mesmo imperfeitas, e diminutas, como aqui as damos, não deixarião de servir de alguma cousa aos curiosos destes estudos, e de espertar sujeitos da Nação, para se abalançarem a maior obra, com mais largo conhecimento deste assumpto. Se conseguirmos este fim, havello-hemos por grandioso, e honrado fructo destas nossas indagações, e tentativas.

---

toria; mas apenas chegou a fazer huma curta Lista dos Impressores dos tres ultimos seculos, que existia entre os copiosos mss. da Casa dos Clerigos Regulares da Divina Providencia, e hoje na Real Bibliotheca da Côrte.

Fr. Manoel de Figueiredo, Chronista da Ordem de Cister, e bem conhecido por seus cargos, estudos, e composições eruditas, começou de escrever huma particular Dissertação sobre a entrada, e progressos da Typographia em Portugal, de que elle faz memoria no indice de suas obras; mas ferido de gravissima doença, não pôde avançar até onde a sua idéa pensava ir, como elle mesmo se explica em huma Carta de 26 de Abril de 1793, que nos mandou em resposta de huma nossa, por que o haviamos consultado sobre este assumpto; e a morte que no-lo roubou ha poucos tempos com viva saudade dos que bem conhecião seus grandes talentos, e estudos, acabou de nos privar da esperança, que tinhamos de huma obra completa, que fizesse escusado qualquer outro trabalho nesta materia.

CAPITULO I.

Da antiguidade da Typographia em Portugal.

Poucos annos depois de seu nascimento entrou a Typographia em Portugal. Huma Nação, como a nossa, que pelo meio do Seculo XV. avultava já muito em trato de Litteratura Sagrada, e Civil, como se sabe de suas antigas escolas, e de varias composições, que trabalhou naquelles tempos; não podia deixar de acolher logo com boa sombra, e gazalhado huma tal Arte, que tanto servia de encurtar os trabalhos da escritura manual, e de propagar com maior facilidade, e energia os conhecimentos de todas as Artes e Sciencias. Ella vio com maravilha levantarem-se naquelle mesmo Seculo em tres illustres Cidades os primeiros prélos Typographicos, que sobre maneira nos honrárão, e ennobrecêrão naquella idade.

He com tudo mui difficil de apurar entre nós os principios desta Arte, e assentar ao certo o anno em que ella entrou em Portugal, descuido de nossos Chronistas passados, ou antes condição dos tempos, em que vivêrão, nos quaes sómente os rompimentos de batalhas, e feitos d'armas, e conquistas deslumbravão os olhos da Nação, e attrahião a penna dos Escritores, que não os estabelecimentos pacificos, e menos apparatosos das Artes Liberaes, ou Mechanicas, das quaes como se forão materias menos importantes, ou não escrevêrão, ou só tocárão levemente: donde vêm, que de seus principios se nos escondeu esta parte de nossa Historia, perdendo-se entre as trevas do tempo, quasi toda a lembrança da sua fundação, e progressos: pelo que hoje não podêmos caminhar senão pela vereda de meras conjecturas, deduzidas de alguns factos dispersos, e fugitivos, para rastrearmos a verdadeira origem, e primeiros progressos das Artes, e das Sciencias entre nós. Com este presupposto diremos o que nos tem parecido mais provavel nesta materia, seguindo huns longes, e som- Difficuldade nesta materia.

bras de verdade, como aquelle que no meio da noite escura vai atinando a lume posto em grandissima distancia.

Rejeita-se a prova, que se tira da data da Carta Executorial de D. João Manoel, Bispo da Guarda.

Alguns para datarem de mui alto a introducção da nossa Typographia recorrem á Carta Executorial de D. João Manoel, Bispo da Guarda de 13 de Outubro 1461, sobre o Breve do Santo Padre Pio II., expedido á instancia do Senhor Rei D. Affonso V. para a reforma dos vestidos do Clero destes Reinos: por quanto explicando-se o Executorial a respeito da tonsura, manda, que os Clerigos tragão *Coroa aberta tão grande, e tão redonda, como a redondeza em fim daquella Carta impressa*, donde colhem, que já correndo o anno de 1461 se achava domiciliaria entre nós a Typographia dos Alemães (*a*).

Mas do theor da mesma Carta Executorial se vê, que alli se não fallava da Imprensa Typographica; mas tão sómente da fórma, ou marca da Corôa Clerical, figurada na dita Carta, segundo a redondeza do sello de chumbo, que trazia o Breve Pontificio, impressa, e estampada com o mesmo instrumento, e pela mesma fórma, e maneira com que antigamente se figuravão nos Pergaminhos, e nos sellos de Cera, e de outras semelhantes materias os escudos, as armas, as letras, e divizas muito antes da invenção da Typographia (*b*).

(*a*) Desta prova usámos nós em nossas *Memorias de Litteratura Sagrada* sobre a fé do erudito, e zeloso Author das *Memorias do Pulpito* §. XIV. pag. 117 por nos parecer então decisiva a passagem que allegára desta Carta; mudámos porém de juizo, e não ousamos hoje encostar-nos neste arrimo, depois que houvemos á mão hum traslado do Breve, e do seu Executorial, e por certo que não será este aïnda o unico lugar em que nós errámos.

(*b*) Achão-se no Real Archivo da Torre do Tombo a Carta do Bispo, e o Breve do Papa, lançados de Leitura nova em o Liv. de Extrav. de fol. 197 v. até fol. 200, e a Bulla original com sello maior de doze vintens no Maço 28 das Bullas n. 29. Na Bulla vem esta clausula a que a Carta se refere: *Tonsuram vel coronam largam, et rotundam, sicut plumbum praesentium deferre debeant*: O que o Bispo D. João traduz por este modo: *Tragam tonsura Clerical, e Coroa larga, e redonda assy como o sello de chumbo destas presentes letras*: e no fim

Tomemos pois mão de outras provas, que nos assegurem melhor da antiguidade de nossa Typographia. Será huma dellas a que se tira da tradição, que recolheu a curiosa diligencia de Pedro Affonso de Vasconcellos na sua rara Obra da Harmonia das Rubricas do Direito Canonico (*a*). Fallando elle á *Rubrica de Renunciatione*, attesta da fama, e voz constante no seu tempo, que já vinha authorizada do nosso insigne Mathematico Pedro Nu-

Provas da antiguidade da Typographia em Portugal.
I. Prova: Tradição de nossos maiores.

---

manda, que os Clerigos: *Tragam Coróa aberta tão grande, e tão redonda, como a redondeza em fim desta Carta impressa segundo a fórma do Sello de plumbo da dita Letera de Santo Padre predito.* E no cabo de tudo depois da testemunha do Notario se diz assim: *Esta he a grandeza, e redondeza do sello do plumbo do Papa, per qual manda e nós per sua authoridade mandamos que sejão feitas as Coróas.* E no traslado da mesma Bulla, que se acha no mesmo Archivo no Livro de Leis Extravagantes, que compilou Duarte Nunes de Leão em 1565 a fol. 178. está por baixo della hum circulo de tinta semelhante a huma moeda de cinco réis do tempo d'agora. A mesma figura igual á do sello se imprimio no Epitome, ou Compilação II. do mesmo Duarte Nunes em 1569. Part. II. Tit. IV.

Devemos confessar agradecidos por quem nisto aproveitamos; o erudito Cisterciense Fr. Manoel de Figueiredo, a quem pouco antes de sua morte, haviamos consultado sobre a origem da nossa Typographia, nos advertio por sua Carta de 20 de Abril de 1793, de que já fallámos, que nos não confiassemos no argumento, que se tirava da Executorial do Bispo D. João; e o Senhor José Anastacio de Figueiredo, Official da Secretaria de Estado dos Negocios do Reino, erudito, e incançavel indagador de nossas antiguidades, e mui amigo de inquirir a verdade de nossas cousas, nos communicou depois huma Copia da dita Executorial, fielmente extrahida do Real Archivo, que acabou de nos desenganar sobre este ponto. Do mesmo anno de 1461, de 13 de Agosto he outra Carta do mesmo Bispo, por que confirma a Pedro Fernandes, criado que fòra do Infante D. Henrique, na Igreja de Santa Maria da Covilhã, em que está o seu sello pendente, impresso em Cera, e papel de figura esferica, com huma faxa em roda, por que corre hum letreiro, a qual Carta se achava no Archivo da Sé da Guarda no Maço VII. dos Documentos pertencentes aos Bispos, numero 2, de que se faz memoria em hum papel ms., que ha na Real Bibliotheca da Côrte.

(*a*) Temos visto tres exemplares desta Obra, hum na Livraria de S. Francisco da Cidade, outro na de S. Francisco de Enxobregas, e outro da Real Bibliotheca publica da Côrte.

nes, e de outros Varões mui sabedores de nossas cousas, que Leiria fôra a primeira Cidade em toda a Hespanha, que tivera a *impressão de forma*, ou de *caracteres metallicos*, quaes João de Guttemberg havia inventado na Cidade de Moguncia (*a*).

Com effeito para todo o homem de boa razão poderá muito a opinião destas cousas, fundada na tradição dos maiores, muito mais trazendo ella em seu abono os testemunhos de Varões doutos, vizinhos áquelles tempos, de que podião alcançar noticias certas, principalmente o do Sabio Pedro Nunes, que muito tratou as cousas, e pessoas curiosas destes Reinos, e havendo sido recolhida, e apurada por pessoa tão erudita na Historia, e natural da mesma Cidade de Leiria, como foi Pedro Affonso de Vasconcellos.

Nem se póde dizer, que este homem por elogiar sua Patria inventára a seu sabor estas noticias, porque sem prova, ou motivo solido, que nos faça desconfiar de sua fé, não havemos de pôr em hum Varão de boa fama tão baixa nodoa de seu nome, sob pena de expôrmos todos os outros Escritores á mesma crise, e arruinarmos por hum geral Pyrrhonismo os fundamentos de toda a Historia.

He verdade, que não sabemos ao certo, nem quando a Typographia se hospedou em Leiria, nem quaes forão as primeiras obras, que nella se estampárão, porque a mais antiga, que appareceu até agora com data, como he a edição dos Profetas primeiros, não sóbe mais alto, que aos annos de 1494. Mas basta-nos saber, que Leiria foi

---

(*a*) *Superiores Rubricæ, quas Leiriæ otium nobis dedit jure suo postulare videntur, ut &c. Nec mirum si homo Leiriensis Leiriæ a multis annis extinctam litterarum impressionem iterum excitem: ut enim mihi relatum est ex testimonio multorum, qui se id a Petro Nonio Cosmographo Regio, maximo Mathematicorum facile principe, et a viris doctis audiisse affirmabant æneas in libris scribendis formas Joannis Guttembergi apud Maguntiam inventas Leiria nostra omnium in Hispania prima apud se habuit, quod in honorem Patriæ. . . . . dixisse liceat.* Part. II. no princ. edição de Coimbra de 1588. 4.°

a primeira Cidade em toda a Hespanha, que recebeu a Typographia, para podermos assentar com muita probabilidade, que já pelos annos de 1470, ou pelo menos de 1474 havia nella huma Officina Typographica; por quanto no de 1470 se dá por estampada em Palencia de Hespanha a Historia de Rodrigo Sanches de Arevalo (*a*), e quando alguem queira duvidar desta edição, não se poderá negar, que em 1474 se publicou em Valença o *Certame Poetico*, ou *Trovas* de D. Bernardo Fonellar, sobre os louvores da Virgem, em varias lingoas (*b*): donde sendo a Officina de Leiria a mais anti-

---

(*a*) Nicoláo Antonio fixa já neste anno de 1470 a introducção da Typographia na Cidade de Palencia, pela edição da Historia de Rodrigo Sanches de Arevalo, o que adoptou Fabricio, que na *Bibl. Med. et Inf Latin.* tom. IV. deu esta edição pela primeira, que se fizera deste Author. Prospero Marchand julga ser provavel, que Nicoláo Antonio se enganasse, sem toda via nos dizer os fundamentos, que teve para esta sua conjectura.

Joaquim Esguerra em huma nota dos *Retratos dos Reis de Hespanha*, diz, quando falla de D. Fernando Vafirma, que a obra mais antiga que havia descoberto em toda a Hespanha fôra a Historia de Rodrigo Sanches de Arevalo, mas da edição de Sevilha de 1477, e desconfia tambem, que Nicoláo Antonio se alucinasse. Mas de não ter encontrado outra edição senão esta, podia elle concluir com exacção, que não tinha havido outra? Elle mesmo não encontrou, nem soube da edição do *Certame Poetico dos Louvores da Virgem*, em Valença em 1744; nem da edição das Obras de Sallustio tambem em *Valença;* e do *Comprehensorium* de João; e do Livro de *Epidemia* de Valasco Tarentino em Barcelona em 1475, que todos são anteriores á edição Sevilhana de Rodrigo Sanches de Arevalo de 1477, e nem por isso deverá negar-se a existencia destas antigas edições.

O douto Laire na Obra *Specimen Typographiæ Rom. Secul. XV.* quer, que a primeira edição de Arevalo fosse a de Roma antes dos fins do anno de 1470, notando por isso a Fabricio, e como dando a entender, que elle attribuira á Palencia, o que só era devido á Roma Cap. 137. Nota (*a*); o que tambem segue Fr. Francisco Mendes, na Typographia Hespanhola tom. I. p. 44, e 45; mas não apontão razões solidas, que convenção: houve com effeito edição em Roma em 1469, ou 1470; mas não implicava, que em hum mesmo anno houvesse duas em diversos lugares.

(*b*) Veja-se Vicente Ximenes *Biblioth. Scriptr. Valentinorum:* Nico-

ga de toda a Hespanha, necessariamente a havemos de suppôr já existente, ou pelos annos de 1470, ou pelo menos por 1474 antes da edição Valenciana.

Mas como he crivel, que houvesse já por estes tempos huma Officina Typographica em Leiria, se até agora não tem apparecido obra alguma de seus prélos, anterior aos annos de 1494? A resposta não he difficil: poucos Livros se imprimírão naquella idade, e delles mui poucos exemplares se estampárão; os quaes por isso, e por sua mesma antiguidade se tem feito muito raros. Não he logo maravilha, que não tenhamos até agora visto os que se imprimírão nos primeiros tempos da Typographia Leiriense. Temos nós hoje por ventura todas as obras, que nella se estampárão depois da edição dos Profetas Primeiros de 1494, edição de que ninguem duvida? Ou diremos acaso, que a Typographia Leiriense só produzio naquelles tempos tres obras de seus prélos, porque até agora nos não tem vindo á noticia outras? E diremos o mesmo de Lisboa de cujas Officinas não tem apparecido até ao presente mais edições do que treze, ou pouco mais? E de Braga, que a penas nos tem appresentado huma? Não tivérão as idades passadas tanto cuidado desta parte de nossa Litteratura, e industria, que nos não deixassem esperanças de podermos ainda um dia descobrir, e saber cousas de que elles nenhuma lembrança nos deixárão.

II. Prova. Edição das Obras do Infante D. Pedro.

Parece com tudo, que esta não he ainda a maior antiguidade, a que devemos subir, e que a Typographia Portugueza remonta mais acima. Isto he o que se colhe de um Documento, que muito cumpre não deixar em silencio, qual he a antiquissima edição das obras do Infante D. Pedro, no fim das quaes se diz, que forão impressas *seis annos depois, que em Basiléa fôra achada a famosa arte de imprimissão.* Desta verba attestava em 1724 o sabio Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes, que as-

---

lão Antonio *Biblioth. Hisp.*, e Raymundo Diosdado *de prima Typographiæ Hispaniæ ætate*, pag. 5.

sim o lêra em hum exemplar da selecta Livraria do Conde de Vimieiro, que depois se queimou no incendio do terremoto de Lisboa de 1755, o qual havia já sido da preciosa Bibliotheca do doutissimo Chantre d'Evora Manoel Severim de Faria (*a*). Exemplar da Livraria da Casa de Vimieiro.

Succinta, e apoucada informação nos deu o Conde de huma obra, que assim o não merecia por sua tão alta antiguidade, e raridade, deixando-nos desejosos do mais, a que se podéra estender a sua penna; he certo porém, que elle houve esta edição por um parto da nossa Typographia, pois que logo accrescentou, que *ella podia servir de muito para mostrar a brevidade, com que a Arte da impressão se havia introduzido em Portugal*; e ainda que nos não deixou em lembrança as razões, que teve para a legitimar por nossa, certo que ella traria em si mesma vinculadas as notas, e divizas de sua filiação Portugueza (*b*).

Nem póde negar credito a esta attestação do Conde, quem bem considerar, que elle era homem Sabio, e veridico, e muito versado em nossa Historia, e antiguidades; que tivera a seu cargo examinar os Livros raros da Bibliotheca da Casa de Vimieiro, que desta nota, ou subscripção das Obras do Infante dera conta á Academia Real

(*a*) Veja-se a conta, que elle deu á Academia Real da Historia Portugueza, na conferencia de 23 de Agosto de 1794. n. 23. pag. 7.

(*b*) Com effeito nos primeiros tempos da invenção da Typographia não era natural, que Impressores fora de Hespanha se lembrassem de dar á estampa huma obra, que sendo escrita na Lingoa Castelhana então pouco tratada, e conhecida das mais Nações, lhes não podia prometter maior extracção, e consumo. Poder-se-hia suspeitar talvez, que algum dos nossos, ou dos Castelhanos a faria imprimir em Hespanha; mas a Typographia Castelhana começou em 1470, ou em 1474, como acima notamos, quanto mais que para contrastar o juizo do sabio Conde, que a vio, e examinou, e a deu por legitimo parto da nossa Typographia, não bastaria huma simples conjectura sem outro maior fundamento, que a apoiasse; de outra sorte desconfiaremos a todo o instante das cousas que se nos contão, e sobre estas desconfianças, e suspeitas passaremos facilmente a tirar a fé a toda a Historia.

da Historia Portugueza, attestando de hum Documento, que ainda então existia, e que facilmente podia ser visto, e examinado não só dos Academicos; mas ainda de todos os Sabios da Nação, a quem foi annunciado; e isto em tempos em que fervia o calor de averiguar as nossas antiguidades, e descobrir cousas raras nas Bibliothecas, e Cartorios destes Reinos.

Exemplar da Livraria da Casa dos Duques de Lafões

Cresce a força, e pezo deste discurso com o testemunho, que aqui devemos accrescentar, do outro sabio Academico José Soares da Silva, o qual nas suas Memorias de Portugal no Governo do Senhor Rei D. João I. attesta de outro exemplar das Poesias do Infante, que fora da Livraria do Cardeal de Sousa, e existia na Casa dos Excellentissimos Duques de Lafões, Marquezes de Arronches; affirma elle, que era *hum Livro de quarto, que continha as Obras Poeticas do Infante, e que se imprimira sem mais data, que huma, que podia ser a mais clara para saber-se o verdadeiro anno em que a impressão se inventou.* E accrescenta no fim, *que forão impressas nove annos depois de inventada a famosa Arte da imprimissão* (que erão palavras do mesmo Livro) *que porém não declara o anno em que se imprimírão* (*a*); por mui certo temos, que as mesmas razões, que abonão o illustre e sabio Conde da Ericeira, recahem igualmente sobre a pessoa deste Academico para o havermos por tão sabedor, e veridico, como o mesmo Conde.

Resolve-se a duvida sobre as datas dos dois exemplares.

Não devemos porém disfarçar a difficuldade, que nasce da variedade das datas, que hum, e outro referem, pois que na subscripção, que vio José Soares da Silva se data a impressão de nove annos depois de inventada a Arte Typographica, quando na que o Conde trasladou, e referio em sua conta, sómente se assinalão seis annos; mas já póde ser que ou fossem duas diversas edições, que se da-

---

(*a*) Tom. I. Liv. Cap. LXXII. pag. 365. 366.... Este Tomo foi impresso em 1730, e por conseguinte depois da conta que deu o Conde da Ericeira á Academia Real da Historia Portugueza.

tárão em diversos tempos da época da invenção da Typographia, imitando a segunda o estylo, e formula da subscripção da primeira, ou fosse antes descuido do Amanuense, ou do compositor na impressão das Obras de hum dos dois Academicos, que ao copiar, ou compôr as taboas, corrompeu inadvertidamente a lição original, como succede muitas vezes (*a*). De qualquer modo que fosse, não podemos duvidar da existencia destes dois exemplares, de que publicamente attestárão dois homens de caracter, de probidade, e de não vulgar litteratura, remettendo-se para duas Livrarias tão notaveis, e conhecidas nesta Côrte, aonde elles se podião então vêr, e examinar (*b*).

Resolve-se a duvida sobre a nota da invenção da Typographia em Basiléa, que vem nos dois exemplares.

Mas não hiremos ainda por diante, sem primeiro atalhar outra duvida, que se nos póde oppôr nesta materia. Póde alguem desconfiar da exacção daquella nota, e declaração, que vem no fim das Obras do Infante, por nella se suppôr o nascimento da Typographia em Basiléa, quando corre como certo, que outra Cidade lhe dera o berço,

B ii

(*a*) Parece, que foi esta edição a de que fallou João de Villanueva no Folheto, que imprimio em Lisboa em 1732, para dar a amostra dos primeiros caracteres, que formára para serviço da Academia Real da Historia Portugueza, dizendo: *Porém eu entendo, que João de la Caille se engana, se he certo o que Pessoas dignas de maior credito me affirmárão, dizendo-me, que na Livraria de huma das primeiras Casas deste Reino se acha um Livro impresso em Lisboa sem data; porém em lugar della se lê nelle que fora impressa oito annos depois de se inventar a Arte de imprimissão* pag. 7. e 8.

He verdade, que esta data diversifica tambem das duas dos dois Escriptores acima citados; mas sendo facil a troca de numeros, e datas, maiormente, havendo-se tomado a noticia de memoria, não admira, que Villanueva ao escrever as confundisse, e as datasse de oito annos, o que devêra datar de seis, ou nove. São frequentes os exemplos de semelhantes erratas, e por aqui se vê, que assim como Villanueva trocou a data, igualmente haveria trocado um dos dois Amanuenses, ou Impressores das obras dos dois Academicos.

(*b*) Contra o que temos dito da existencia desta edição das Obras do Infante, póde tirar-se huma objecção das clausulas do Prologo, ou Dedicatoria, que poz Antonio Durrea na edição, que deu no mesmo Seculo destas Obras; mas disto fallaremos ao diante no Cap. VI. Art. III.

e maiormente quando as primeiras edições, que tem apparecido até aqui das Officinas da Basiléa, descem muito abaixo, isto he aos annos de 1478, sendo para suspeitar, ou que aquella edição foi supposta, e muito posterior ao tempo em que se diz publicada, ou que o Editor assim como se enganou sobre o lugar em que nasceu a Typographia, se enganou igualmente sobre a computação dos annos da sua invenção para della datar aquella obra (*a*).

Mas nem por taes razões havemos de esmorecer, e desamparar esta causa: se todo o fundamento desta suspeita he o nascimento, que se assigna desta Arte em Basiléa, não he isto motivo sufficiente, nem para havermos por supposta a edição, nem para taxarmos de ignorante, ou de falsario o Editor. Esta Arte nasceu occultamente, os seus primeiros esboços forão clandestinos, e secretos; pois que seus inventores os recatárão por alguns tempos, para fazerem passar por mss. os primeiros Codigos, que imprimírão, estampando-os então com caracteres semelhan-

---

(*a*) O douto, e erudito Cisterciense Fr. Manoel de Figueiredo na sua Carta em reposta á Consulta que lhe fizemos de que acima fallamos, não approvou, que nós nos affiançassemos nesta prova. A sua só authoridade, que respeitavamos, como de Varão mui sabedor de nossas antiguidades, nos fez estremecer, e vacillar sobre o em que até então haviamos estado muito firmes; e em verdade, que bastante motivo tinha elle para assim o entender, por se suppôr naquella nota a invenção da Typographia em Basiléa, o que ainda ha poucos tempos causou novidade a Raymundo Diosdato *De prima Typographiæ Hispanicæ ætate* pag. 98...... Com tudo não causou escrupulo ao erudito antiquario João Henrique Leichio, que no Supplemento a Maittaire, que vem no fim da sua Obra *De Origin. et increment. Typographiæ Lipsiensis* pag. 125. conta esta edição como huma prova de quão cedo entrou a Typographia em Portugal: *Lusitaniæ typographia celeriter innotuit et extant sane libri, iis quos Cel. Maittairii diligentia indagavit, multi vetustiores; servantur in Bibliotheca comitis de Vimieiro Lusitanicarum splendissima Domni Petri Principis Regii Opera quibus addetur ea sexto post inventam Basileæ artem anno in Lusitania inpressa esse:* e a nota de *Basilea*, que não causou escrupulo a um Varão natural de Alemanha, e tão sabio como elle era nesta casta de estudos, não nos deve trazer maior espanto.

tes aos da escritura natural, para adquirirem com esta traça grandes sommas de cabedal. A desavença, e demanda que houve entre Fausto, e Guttemberg, foi a que deu occazião a descobrir-se este segredo; daqui veio não se saber depois com certeza; nem o lugar onde começárão as tentativas desta Arte, nem as primeiras Obras, que se imprimírão. Assim que quatorze Cidades entrárão depois em debate sobre o nascimento da Typographia, sendo huma dellas Basiléa, e os Historiadores, e Bibliografos, que mais tratárão das origens, e progressos desta Arte, até agora se não tem acordado entre si sobre o lugar, que a vio nascer.

Póde ser pois, que a noticia, que corria abonada com maiores creditos nos tempos do Editor das Obras do Infante, désse a invenção desta Arte a Basiléa: com effeito a não ser assim, como era praticavel, que elle se enganasse nesta parte, e attribuisse este invento a Basiléa, se a voz geral o désse então a Moguncia? Ou como he crivel, que se fosse supposta esta edição, a datassem com huma nota, que por si mesma descobria logo a sua supposição, e falsidade?

De mais, não só se conta Basiléa entre as quatorze Cidades, que disputárão a gloria desta invenção a Moguncia; mas até pretendem alguns, que ella appresentou o primeiro parto da Typographia tabularia na impressão do Livro *Reformatorium vitæ morumque Clericum*, publicado nos annos de 1444, e ainda até agora se não mostrou com fundamento decisivo, que ou era falsa a data deste Livro, ou que elle não fôra producção de Basiléa (*a*).

Pelo que com muita reflexão accrescentou o douto Conde da Ericeira, a quem não erão desconhecidas as controversias, que nisto havia, que a edição das Obras do Infante podia servir de muito fundamento para disputar á

(*a*) Póde ver-se João Jorge *Disert. Libro de quodam unde Basiliensis Typographiæ inventionem asserere quidam conantur*, que vem no Mercurio de Suissa de Agosto de 1734.

Cidade de Moguncia a gloria desta invenção. No mesmo pensamento entrou depois João Henrique Leichio fallando desta edição: *Apparet etiam hinc gloriam, quam Moguntini dicunt esse suam, Argentoratenses repetunt, Harlemenses vero suam esse contendunt, Basilienses jam olim sibi tribuisse* (*a*).

E com effeito se este ponto he obscuro, e embaraçado, se se não acha ainda decidido com clareza, se ainda hoje disputão os Escritores sobre o lugar do nascimento da Typographia, certo, que o testemunho do nosso Editor, longe de dever pôr-se em rejeição, e desabono, he talvez o documento mais subido, que apparece em toda a Historia Typographica para fixar o paiz nativo desta Arte, pois que elle parece ser anterior á Chronica de Trithemio, e á outra Anonyma de Colonia, que são dos monumentos mais antigos, que se costumão trazer sobre as origens Typographicas.

Accrescentaremos ainda a tudo isto, que posto que depois corresse, como huma geral opinião em muitas partes, que Moguncia fôra o berço desta Arte, todavia he hoje assentado entre os que melhor averiguárão estas materias, que ella o foi sómente da Typographia de fundição, que se aperfeiçóou pela invenção de caracteres moveis, e metallicos, qual hoje temos, e não da Typographia Tabularia de esculptura, que constava de caracteres immoveis, e relevados em pranchas de madeira, que foi o primeiro genero de Typographia, que se inventou, que esta negão constantemente Marchand, Meerman, e outros muitos, que fosse parto de Moguncia. Acaso pois desta pri-

(*a*) *De Origine, et Incremento Typographiæ Lipsiensis* no Supplemento a Maittaire pag. 125. o P. Fr. Manoel de Figueiredo na sua Carta, sem embargo de não reconhecer a authoridade da nota do Editor das Obras do Infante; todavia estava no conceito, de que Moguncia *não fôra o nascedoiro da Typographia. Eu me detive,* diz elle, *para conciliar as opiniões respectivas ao Author da mesma Arte dentro das balizas da Europa, e ainda que não decidi a favor dos Moguntinos, escrevi bem larga tenção.*

meira especie de Impressão, se datava naquelles tempos a origem, e invenção desta Arte em geral, e se attribuia então a Basiléa, como outros depois a quizerão attribuir a Harlem (*a*). Pelo que não ha por ora razão bastante para desconfiarmos da nota do Editor das Obras do Infante, e deixarmos de aproveitar o argumento, que della se tira para datarmos a nossa Typographia de tão subida antiguidade.

Isto posto podemos dizer com muita probabilidade, sem que pareçamos arremeçados por demasiado amor de nossas cousas, que Portugal foi das primeiras Provincias fóra de Hollanda, e de Alemanha, que recebêrão a Arte Typographica, e que elle póde datar com muita verosimilhança a sua entrada pelos annos de 1464, ou 1465, levando assim a dianteira a muitas Cidades da Europa, que se gabão hoje de grandes Letras (*b*). Conclusão de tudo.

(*a*) Tem apparecido diversas Obras impressas neste genero de Typographia, que pela imperfeição, e rudeza de fabrica, e esculptura dos caracteres em pranchas de páo, assaz mostrão, que são das primeiras producções desta Arte, das quaes toda via se ignorão inteiramente os seus Artifices, e o tempo, e lugar em que nascêrão, sem se poderem attribuir mais a huma Nação do que a outra, como adverte Marchand, na Historia da Impressão Sect II. § II. pag. 14, e 15. Taes são por exemplo *hum Manual*, ou *Horologium Beatæ Virginis Mariæ: Ars memorandi notabilis per Figuras Evangelistarum*: *O Cantico, ou Historia Beatæ Virginis: Historia S. Joannis Evangelistæ*: *Speculum humanæ Salutis: Confessionalia*: hum *Psalterio*, e outros mais Livros, dos quaes se conservavão alguns ha poucos annos em Harlem, e nas Livrarias do Conde de Pembrock, de Vffenbach, de Vilembrouk, e de Schelhorn; e sobre tudo a rarissima Obra *Tractatus brevis ac valde utilis de arte et scientia bene moriendi*, em 4.º As letras abertas por huma mão vacillante, e ainda pouco assente, a tinta desbotada, e desigual, as figuras, pelo dizer assim, *exangues*, e *estrigosas*, tudo indica a subida antiguidade destas edições.

(*b*) Sendo provavel o nascimento da Typographia entre os annos de 1450, e 1455 segundo a melhor opinião, e sendo as Obras do Infante impressas 6, ou 9 annos depois da sua invenção, fica provavel pelo menos a introducção da nossa Typographia pelos annos de 1464, ou 1465, tempo em que tambem se estabeleceu em Sublaco a primeira Typographia de Italia. Pelo que crivel he, que tivessemos Prélos

Isto he o que podémos alcançar da origem de nossa Typographia, seguindo os rastos, e vestigios da tradição dos maiores, e o resultado da Legenda da edição das Obras do Infante: e na verdade bem considerado o discurso de tudo o que temos dito, assaz máo de contentar seria, quem para prova de feitos tão antigos desejasse melhores argumentos, visto que as idades não tiverão cuidado de nos deixar com mais clareza a noticia destas cousas. Mas ponhamos fim a esse arrazoado por evitar a prolixidade, em que já cuidamos ter cahido, e passemos a fazer particular memoria dos diversos generos de Typographia, que entre nós houve: das Cidades em que se estabelecêrão naquelles Seculos Officinas Typographicas: dos Impressores estranhos, e nacionaes, que então tivemos, e das Obras, que sahírão de seus prélos, quanto o permittirem as escaças noticias de nossa Historia: e em quanto, ou a casualidade, ou a diligencia nos não descobre documentos, que ou mostrem o que está occulto, ou desembarassem o que ainda está incerto, e duvidoso.

CAPITULO II.

Das tres Classes de Typographia em Portugal.

Classe I. Typographia de Livros Portuguezes.

No Seculo XV. houve tres classes de Typographia em Portugal, a saber a Typographia Portugueza, a Hebraica, e a Latina.

Typographicos pouco depois de Basiléa, Harlem, Strasbourgo, Moguncia, e Sublaco, que são as que hombreão em maior antiguidade Typographica, e por conseguinte antes de muitas Cidades de Alemanha, e de Italia, e antes de França, Inglaterra, e Hespanha; pois que as que madrugárão mais cedo, só apparecem com Obras de seus Prélos depois dos annos de 1465. Com o que se póde occorrer á opinião de Prospero Marchand, que huma Memoria de sua propria letra, que conservava D. José da Silva Pessanha, e que vio nosso amigo, e honrado Francisco José da Serra, Chronista dos Estados Ultramarinos, lançava a Epoca da nossa Typographia para os annos de 1480.

E pelo que toca á Portugueza, isto he, á impressão de Livros em linguagem, parece que esta foi entre nós anterior ás outras duas, e que começou de se estabelecer poucos annos depois do nascimento da Typographia na Hollanda, ou na Alemanha, segundo o que havemos discorrido no Capitulo II. de sua origem, e antiguidade em Portugal. He certo com tudo, que os Impressores Estrangeiros forão os que vierão assentar os nossos prélos, e ensinar-nos esta Arte; mas por ventura quizerão dar as primeiras amostras dellas na estampa de Livros Portuguezes, que logo podessem correr mais facilmente pelas mãos de todos. Esta Typographia porém não fez grandes avanços naquelle seculo, ou porque della não curárão muito os Impressores Estrangeiros, ou porque os estudos dos nossos se voltárão para os Livros Latinos, que se estimavão então mais que os Portuguezes.

Classe II. Typographia de Livros Hebraicos.

Seguio-se a esta a Typographia Hebraica; ella nos veio transplantada de Italia, e por mãos dos Hebreos, que erão os unicos naquelles tempos, que a estabelecião, e propagavão por toda a parte; por quanto os Judeos, maiormente os Alemães da Cidade de Spira, que havião passado á Italia, tinhão levantado os seus primeiros prélos nas Cidades de Socino, de Piobe, de Pesaro, de Bolonha, e de Ferrara, e destes vierão alguns a Portugal, para onde muito os attrahia e convidava a grande quantidade, que cá tinhamos de Judeos estrangeiros, e nacionaes, e a esperança de grosso lucro, que lhes promettia o muito fervor, com que então se tratavão os estudos da Litteratura Sagrada nas Synagogas deste Reino.

Suspeitamos, que os Judeos Portuguezes da Academia de Lisboa, e os da Communa de Leiria, que muito figuravão naquelle seculo, querendo aproveitar-se de hum invento, que com tanta facilidade podia multiplicar os Livros de sua Lei, forão os que com mais ardor, e diligencia chamárão a si de algumas partes da Italia a estes primeiros Impressores, para virem exercer entre elles esta Arte; e com effeito não sabemos, que se levantasse

a Typographia Hebraica senão nas duas Cidades de Lisboa, e Leiria.

Ella appareceu entre nós, quanto podémos conjecturar, hum pouco mais tarde, que a Typographia Portugueza; porém muito mais cedo, que a Latina. Provavel he, segundo o que temos de notar ao diante, que nós a tivessemos já pelos annos de 1485, tempo em que ainda a não tinha nenhuma outra Cidade da Europa, excepto as cinco de que acima fallamos, isto he, Socino, Ferrara, Piobe, Bolonha, e Pesaro, que são as que remontão nesta parte á maior antiguidade.

Esta Typographia começou de luzir com grande esplendor e apuramento; e pelas brilhantes edições que logo apresentou de seus prélos, bem fundadas esperanças nos dava de apostar perfeições e gentilezas com todas as Officinas das Nações estranhas. Entrou porém em nossos Reinos com má estrea, e foi sua existencia de curta duração; porque a vio acabar o mesmo Seculo, que a vira nascer. O odio com que olhavamos os Hebreos; a desconfiança em que estavamos de todos os seus Livros Hebraicos, suppondo ser desvario tudo o que nelles se escrevêra; e o temor de que por meio da impressão se propagassem as doutrinas do Talmud, de que tanto mal se havia dito; excitárão os clamores de alguns Christãos, que com mais piedade, que sabedoria desaprovárão indistinctamente todas as Obras de Hebraismo, e trabalhárão por arrancar em seu mesmo nascimento este ramo de Litteratura Sagrada, de que podiamos ter colhido grandes fructos. Por fim o Decreto de 1496 que desterrou de Portugal os Hebreos, e o outro de 1497, por que se prohibio aos que cá ficárão a titulo de conversos todos os Livros em Hebreo; desanimou inteiramente a Litteratura Hebraica, tornou inuteis os seus prélos, e fez sahir de Portugal para estranhas terras huma Typographia tão util e vantajosa, que então nos honrou por suas illustres producções, e que ainda hoje nos podia muito ennobrecer com suas obras (*a*).

(*a*) Refere este Decreto Fr. Pedro Monteiro na *Historia da Inqui-*

A Typographia Latina entrou igualmente em Portugal naquelle Seculo; ella se propagou ainda mais, que a Typographia Hebraica, pois se estabeleceu nas tres Cidades de Lisboa, Leiria, e Braga: nem podia deixar de ser vulgar, e de mais uso por serem os estudos da Latinidade, os que mais tratavão os Ecclesiasticos naquelles tempos, e os em que quasi se assommava naquella idade toda a erudição e Litteratura dos homens sabios. Muito se deveu nesta parte á diligencia, e persuasão dos illustres Mestres Antonio Martins, Cataldo Parisio de Sicilia, Freixenal, e outros mais que trabalhavão por inspirar nas Escolas de Portugal o mesmo gosto da Latinidade, que excitava o doutissimo Nebrissa nas de Castella; os quaes promovião por sua authoridade a impressão dos Livros Latinos para uso dos estudos, que então corrião. Com tudo esta Typographia não sobresahio entre nós com a mesma gala e luzimento, que a Hebraica, conservando-se até aos fins daquelle seculo, e ainda quasi até o meio do seguinte sem maior adiantamento e perfeição.

Classe III. Typographia de Livros Latinos.

Quanto á Typographia Grega, corremos no Seculo XV. a mesma sorte, que quasi todas as mais Nações; porque sabido he que á excepção de mui poucos Livros Gregos, que se imprimírão em Milão, e Veneza, della se cuidou muito pouco naquelles tempos, ficando esta gloria reservada ao incomparavel varão Aldo Manucio, que pelos annos de 1500 começou de a propagar e aperfeiçoar na sua Officina de Veneza, e a Gilles Garmont, que pelos annos de 1507 a introduzio nas Officinas de Pariz (*a*).

De como não houve entre nós Typographia de Livros Gregos.

sição, Tom. II. pag. 429, 430. Exceptuárão-se tão sómente os Livros de Medicina, e Cirurgia; e assim mesmo só a respeito dos Judeos Conversos, que já fossem Fysicos, ou Cirurgiões antes de sua Conversão.

(*a*) No Seculo XV. pouco se imprimio dos Autores Gregos: apenas se estampou em Milão em 1676 a *Grammatica de Lascaris*, *e as Obras de Dion Cassio, por Dionysio Paravisino, em* 1483 *o Psalterio Grego, e Latino, em* 1494 *as Sentenças Moraes, e Versos Colligidos por Lascaris, e dedicadas a Pedro de Medicis;* em 1490 em Veneza o *Ethy-*

CAPITULO III.

Das Cidades de Portugal em que se erigírão Officinas Typographicas no Seculo XV.

Quanto ás Cidades de Portugal, em que se erigírão Officinas Typographicas no Seculo XV, não nos consta com certeza senão de tres Leiria, Lisboa, e Braga.

§. I.

Leiria.

E pelo que toca a Leiria já della fallamos no Cap. I. Ainda, que se não tenha até agora descoberto obra alguma de seus prélos, anterior ás que sahírão de Lisboa, todavia ficou em tradição, que esta Cidade não só tivera Officina Typographica, antes que a mesma Capital do Reino; mas fôra a primeira em toda a Hespanha, que recebêra e exercitára a Typographia (*a*). Ora o primeiro Livro de que temos noticia, que se imprimisse em Hespanha, segundo já notámos, foi a Historia de Rodrigo Sanches de Arevalo em Palencia no anno de 1470, ou pelo menos o Certame Poetico dos Louvores da Santa Virgem em Valença em 1474; donde podemos conjecturar, que já por 1470, ou por 1474 tinhamos em Leiria

---

mologicum Magnum, em 1495 huma Collecção de Grammaticos Gregos Theodoro, Apollonio, e Herodiano; em 1497 huma Collecção de varias Obras de Aristoteles, de Philo, e de Theophrasto; e em 1498 as Comedias de Aristophanes (ambas estas duas Obras já por Aldo) e pouco mais.

(*a*) Já citamos o testemunho de Pedro Affonso de Vasconcellos, natural de Leiria, na sua rara Obra: *De Harmonia Rubricarum Juris Canonici*, que se refere a Pedro Nunes, Cosmografo Mór de Portugal, e ao de outros Varões doutos; veja-se o lugar acima citado no Cap. I.

huma Officina Typographica; he certo, que por 1494 florecia nella huma Typographia Hebraica de grande nome, e he provavel, que os Judeos Sonciñates fossem os primeiros, que a trouxessem áquellas partes (*a*). Honrou-se esta Cidade com prélos não só Hebraicos; mas tambem Latinos, e Portuguezes, que produzírão alguns Livros, hoje raros, de que faremos memoria em seu lugar. Parece porém, que as suas Officinas acabárão nos fins do mesmo Seculo XV, pelo menos a Typographia Hebraica descahio de todo com a extincção da communa dos Hebreos, que alli havia.

§. II.

Lisboa.

Lisboa foi a segunda Cidade de Portugal, que apresentou em utilidade das Artes e das Sciencias bem providas Officinas Typographicas, em que se estampárão Livros Hebraicos, Latinos, e Portuguezes. Não sabemos em que anno se erigírão; mas parecendo muito provavel, segundo o exame, e combinação, que fez o erudito Rossi, que a primeira edição do Livro *Sepher* Orach Chaim R. Jacob Ben Ascer, de que fallaremos adiante, foi obra dos prélos Lisbonenses; podemos assentar com probabilidade a sua Epoca pelos annos de 1481, tempo em que se imprimio aquelle Livro (*b*).

(*a*) Maittaire, que muito averiguou as origens, e progressos da Typographia, não duvida de assentar, que os Judeos Soncinates havião trazido seus prélos a Leiria. Ann. Typog. Tom. 1.º pag. 318. Orlandi querendo dizer o mesmo nas Origens, e Progressos da Estampa pag. 214, confunde Leiria com Liria, Lugar no Reino de Valencia. Desta Typographia falla além de Maittaire Prospero Marchand na Historia da Impressão pag. 88.

(*b*) Advertimos aqui, que os Hebreos nas edições Lisbonenses algumas vezes punhão *Isbona* por *Lisbona*, como se acha entre outras na edição do Pentatheuco Olisiponense, e no Codigo mss. do Canon de Avicenna, copiado em Lisboa, que existe na Bibliotheca de Medicis, no qual se diz Isbona (não Asbona como se escreveu no Catalogo da-

Braga.

Braga foi a terceira Cidade, que se honrou e ennobreceu com a Typographia naquelle seculo, offerecendo ao público as primeiras producções desta Arte pelos annos de 1494, ou talvez antes. A sua Typographia quanto até aqui nos tem constado, foi a principio de Livros Latinos, que erão os de mais trato, e uso em uma Cidade, em que só figuravão os estudos do Clero.

Não sabemos de outra Cidade do Reino, que naquelle seculo tivesse Typographia. O Porto, Coimbra, Evora, e Viseu só no Seculo XVI he que vírão erigir os seus prélos; e as Villas, e Lugares do Reino, que nos derão producções Typographicas, só apparecem com ellas ou no mesmo Seculo XVI, ou ainda mais tarde; e assim mesmo entendemos, que só tiverão prélos portateis por algum tempo, que alli levárão os Impressores das Cidades (*a*).

---

quella Bibliotheca) como adverte Rossi de Orig. Typ. pag. 48. Lê-se na Geografia do Nubiense, segundo Casiri, *Asbona.*

(*a*) O nosso particular amigo, e honrador, e digno Socio da Real Academia das Sciencias, o Excellentissimo Senhor D. Fr. Alexandre da Sagrada Familia, Bispo de Malaca, cuja vasta, e apurada Litteratura honra a Nação, e o Seculo, nos assegurou, que tinha visto entre os papeis da curiosa Livraria de Gregorio de Freitas, Escrivão da Correição de Setubal, de quem já acima fallamos, huma Lei de nossos Principes, impressa na Cidade do Porto no Seculo XV, e pela ter visto ha muitos annos não nos póde dar noticias mais individuaes desta impressão. Com effeito era de esperar, que em huma Cidade tão principal do Reino, de tão grosso trato, como então já era o Porto, se estabelecesse esta Arte a par das outras, que alli havia, e que a vizinhança de Braga, aonde se tinha levantado huma Officina Typographica, despertasse a curiosidade de a erigir tambem nesta Cidade. Com tudo como não apparecem outras obras daquelle tempo, que fossem alli impressas, julgamos que a edição daquella Lei seria producção d'algum prélo portatil, que alli passasse, como succedeo depois em outras terras deste Reino.

CAPITULO IV.

Dos Impressores do Seculo XV. em Portugal.

Pois que a Arte Typographica contribuio maravilhosamente para os progressos das Artes e das Sciencias, e para a reputação dos Varões sabios de Portugal, justo he, que consagremos respeitosamente a memoria dos seus Artifices, honrando com particular lembrança, os que a exercitárão entre nós naquelle seculo. Forão elles de duas Classes, Hebreos, e Christãos. Fallemos de huns, e outros.

ARTIGO I.

Dos Impressores Hebreos em Portugal.

Os primeiros Impressores, que apparecêrão entre nós, quanto até aqui podémos descobrir, forão Judeos Estrangeiros, que vierão a Portugal de diversas partes de Italia. A pratica em que estavão os Judeos de multiplicarem os exemplares da Lei para uso de suas Synagogas, e dos mesmos particulares, fazia com que tambem se multiplicassem os Impressores da Nação. Noticia nos ficou dos tres seguintes, que certo forão dos primeiros, que pozerão mão nestes trabalhos.

Rabban Eliezer.

Era Impressor em Lisboa pelos annos de 1489, em que imprimio hum *Pentatheuco Hebraico* com os Commentarios de R. Moyses Nahmanide, e por 1492 em que deu huma edição de Isaias, e Jeremias, duas obras, de que fallaremos em seu lugar.

Rab Tzorba.

Este tambem foi Impressor em Lisboa, e na mesma

Officina de Rabban Eliezer pelos annos de 1489, em que imprimio de parceria com elle o Pentatheuco Hebraico, de que acima fallamos.

Zacheo.

Zacheo filho de Rabban Eliezer foi outro Impressor em Lisboa pelos annos de 1491, em que publicou o *Pentatheuco Hebraico* com a Parafrase Chaldaica de Onkelos, e Commentarios de R. Salomão Jarchi.

Não podemos alcançar noticia de outros (*a*): o pouco acolhimento, ou antes odio, que os Hebreos achárão entre nós os Christãos, e as desventuras, que tiverão de soffrer desde o anno de 1496 os desanimárão, e estorvárão de proseguir em seus trabalhos; nem d'entre os mesmos, que cá ficárão, e se tornárão Christãos, podia haver um só, que se animasse a continuar em suas Obras Typographicas pelas razões, que já tocamos no Cap. I. fallando da Typographia Hebraica.

ARTIGO II.

Dos Impressores Christãos em Portugal.

Depois dos tres Impressores Hebreos de que temos fallado, entrão a apparecer alguns dos Christãos: erão elles Estrangeiros, que se passárão a Portugal das partes da Italia, e de Alemanha, e vierão propagar entre nós as Officinas Typographicas, de que daremos aqui noticia.

(*a*) Suspeitamos, que em Lisboa exercitaria esta Arte Moyses, Impressor, filho de Scem-Tov, que na edição do Livro *Mikre* ou *Makre Dardcki*, isto he, *Lição dos Parvulos* em fol., que Wolfio crê ser impresso em Constantinopla, e Rossi em Napoles, se diz, *Judeo Estrangeiro, e antes habitador da Santa Synagoga de Lisboa.*

Não contamos na Classe dos Impressores Hebreos, que tivemos, a Rabi Arba, porque a edição do Commentario de R. Moyses Nachamanide, em que se acha o seu nome, não he a de Lisboa de 1489 mas a de Italia de 1490 as quaes Wolfio confundio.

§. I.

Impressores Alemães em Portugal.

Nicoláo de Saxonia.

Este Impressor foi hum dos mais afamados, que naquelles tempos houverão: tinha elle sua Officina em Lisboa aonde imprimio o Breviario Eborense do Arcebispo D. João da Costa por 1490 *a Vita Christi* da traducção de Fr. Bernardo de Alcobaça por 1495, e o Missal e Breviario Bracarense do Arcebispo D. Jorge da Costa por 1496, e 1498.

Valentino de Moravia.

Floreceu pelos mesmos tempos em Lisboa, e trabalhou com Nicoláo de Saxonia na mesma estampa do Livro de *Vita Christi*, e na de outras obras.

João Gherline.

Este Impressor foi tambem Alemão, passou a Braga, e alli assentou huma Officina Typographica, aonde fez a primeira *edição do Breviario Bracarense* em 1494. Parece ter sido parente de Vlrico Gering, Impressor em Pariz por 1470, de que falla Marchand sobre a Edição das Epistolas de Gasparino Pergamense (*a*). Julgo, que este João Gherline he o mesmo João Berlinc, ou antes Gherlinc, que por 1496 imprimia na Villa de Monte-Rei no Reino de Galliza, confinante com Portugal (*b*).

(*a*) Historia da Impressão pag. 57.

(*b*) Aqui estampou por 1496 o Manual Bracarense intitulado: *Manuale Sacramentorum cum brevi Compilatione Missarum, et aliquorum Festorum, secundum consuetudinem Metropolitanæ Ecclesiæ Bracarensis impressum per Magistrum Joannem Berlinch Alamanum, cui finis datus Mon-*

Valentim Fernandes Mourão.

Devemos pôr nos fins deste Seculo, a Valentim Fernandes Mourão, Morão, ou Morano, tambem Alemão, e Escudeiro da Casa da Rainha D. Leonor, terceira mulher do Senhor Rei D. Manoel, pois que apparece com sua Officina Typographica em Lisboa no principio do anno de 1500, tempo em que escrevia a D. Pedro de Menezes, terceiro Marquez de Villa Real, pedindo-lhe suas Obras para as imprimir, que lhe respondeu por sua Carta de 21 de Fevereiro do mesmo anno, que tem por titulo: *Epistola ad Valentinum Ferdinandum Moranum Typographum data* 21 *de Februariis anno à partu Virginis* 1500, o que bem mostra ter-se já estabelecido a sua Typographia no fim do Seculo XV (*a*).

Imprimio os Livros de Marco Paulo Veneziano, e com elles o de Nicoláo tambem Veneziano, e a Carta de hum Genovez mercador, que elle trasladou em Lingoagem, e dedicou ao Senhor Rei D. Manoel, em Lisboa em 1502 1. vol. fol. Gothico; obra rarissima de que ha hum exemplar na Real Bibliotheca pública da Côrte (*b*).

Teve parceria com João Pedro de Bonhomini de Cremona, e imprimio com elle entre outros Livros o Catecismo pequeno da Doutrina, e Instrucção, que os Christãos hão de crer, e obrar para conseguir a bem-aventurança eterna, feito por D. Diogo Ortiz, Bispo de Ceuta. Lisboa

---

ti Regio, Domino Francisco de Cuniga dominante in eadem villa, et Comitatu anno 1496 4.° *Idus Junii* fol.

(*a*) Desta Epistola se vê, que elle teve o sobrenome de Morano, ou Mourão, posto que na edição dos Livros de Marco Paulo Veneziano, nas duas edições da Grammatica de Estevão Cavalleiro de 1503, e de 1516, e em outras obras se denomina simplesmente Valentim Fernandes, e assim lhe chama o erudito Barbosa.

(*b*) Da Subscripção desta edição se vê, que elle era Alemão, e não Portuguez, como affirma Barbosa, e suspeitamos ser talvez o mesmo que Valentino de Moravia de que acima fallamos.

1504 1. vol. fol. Gothico 2.ª Edição. Imprimio tambem as Orações e Epistolas de Cataldo Aquila Siculo com as Obras do Marquez de Villa Real em Lisboa, de que ha hum exemplar no Collegio da Graça da Universidade de Coimbra, que se acha truncado.

§. II.

Impressores Italianos em Portugal.

Christovão de Cremona.

Passando aos Impressores Italianos, hum aponta Maittaire, qual foi Christovão, ou Christolo de Cremona, que diz fora Impressor em Lisboa em 1491, de que teria achado documentos, que assim o certificassem; não podémos com tudo ter noticia de obra alguma de seus prélos; suspeitamos, que poucos tempos rezidiria em Portugal, e que seria o mesmo, que Christovão de Antignato Cremonense, que já em 1493 se achava em huma Officina em Veneza, para onde voltaria de Portugal (*a*).

João Pedro dos Boõshomẽs.

João Pedro dos Boõshomẽs, em Italiano de Buonhomini, ou Buonhomyni, ou Bognomino, em Latim de *Bonis Hominibus*, (que assim diversamente se acha escrito) foi Milanez, e natural de Cremona; parece ter tido huma Officina em Lisboa no fim do Seculo XV, porque o vemos já em 1501 estampando a Obra Grammatical de Antonio Martins, de que se usava nas escolas, de que fallaremos mais largamente nas Memorias, que temos escrito de nossa Typographia no Seculo XVI.

D ii

(*a*) Ann. Typogr. Tom. I. pag. 301.

§. III.

Impressores de origem incerta em Portugal.

O Mestre Ortas.

Este Impressor tinha sua Officina em Leiria, e nella trabalhou a edição do Almanach, ou Taboas Astronomicas de Abrahão Zacuto. Parece ter sido Castelhano.

Naquella edição he qualificado com o titulo de *Viri Solertis Magistri Ortas.* Talvez seria este o mesmo, que Samuel d'Orta, Judeo, e Impressor, que deu huma edição Hebraica dos Proverbios de Salomão (*a*).

Impressores em Portugal, que parecem pertencer ainda ao Seculo XV.

Persuadimo-nos, que alguns Impressores, de que sómente apparecem Livros estampados nos principios do Seculo XVI, havião já erigido suas Officinas Typographicas nos derradeiros dias do Seculo XV. Taes são os seguintes:

O Editor do Sacramental.

Parece-nos pertencer ainda a este Seculo o Editor do Sacramental, ou Catecismo dos Parochos do Arcediago de Valdeiras na Igreja de Leão Crimente Sanches Vercial, traduzido do Castelhano em Portuguez, e impresso em Lisboa em 1502. fol.

O Editor dos Catecismos maior, e menor.

O mesmo dizemos do Editor do Catecismo maior, de

(*a*) Raymundo Diosdado *de primi Typog. Hisp. ætate* na serie dos Typographos, suspeita que seria o mesmo que Affonso de Orta de Valença pag. 123. Fr. Francisco Mendes na Typog. Espan. falla delle em 1496, em que imprimio em Valença huma obra de *Imaginibus Astronomicis* p. 92.

D. Diogo de Ortiz, Bispo de Ceuta, e depois de Vizeu, e do outro Catecismo chamado pequeno do mesmo Bispo, impresso no mesmo anno de 1502 (*a*).

CAPITULO IV.

Das Edições Hebraicas de Portugal no Seculo XV.

Dos Impressores passemos ás Edições. Daremos primeiro por sua Ordem Chronologica as Hebraicas, de que podémos haver noticia, começando pelas que tem certeza de era, e de lugar, e passando depois ás outras, que a não tem.

ARTIGO I.

Das Edições Hebraicas de Portugal, que tem certeza de Era, e de Lugar.

As Edições Hebraicas, que tem certeza de Era, e de Lugar, quanto nós podémos atégora saber, são as seguintes:

Pentatheuco Hebraico com os Commentarios de Rabbi Moses, e Rabbi Mosche Nachman. Lisboa anno Judaico 249 (*de Christo* 1489) no mez de Av. fol. nas casas de Rabbi Tzorba, e de Rabban Eliezer (*b*). 1489 Pentatheuco Hebraico.

(*a*) Não ousamos entender o mesmo de outros, cujas obras apparecêrão mais tarde do que estas; como foi, por exemplo, o Editor do Catecismo Doutrinal pequeno de D. Diogo Ortiz, e o da Regra, e Definição da Ordem do Mestrado de Nosso Senhor JESU Christo de 1504, e Vicente Fernandes, Editor da rara obra dos Autos dos Apostolos de 1505. Lisboa . . . . .

(*b*) Esta obra não foi impressa em 1490, como escreveu Wolfio na Bibliotheca Hebraica no Tom. III. pag. 796, mas em 1489, como elle mesmo reconheceu depois no Tom. IV. pag. 921, e foi em fol., e não em 4.º. Cumpre não confundir esta edição com a Napolitana de 1490, da Officina de R. Arba, como fizerão o mesmo Wolfio na *Bibliotheca Hebraica* Tom. III. pag. 796, e Tom. IV. pag. 921. Marchand na Historia da Impressão pag. 84, e o erudito Author das

He em duas columnas, e em Caracteres Rabbinos de inflexão Hispanica, ou Oriental qual se usava em Hespanha por aquelles tempos. Das duas dicções *Sepher Berescid*, por que começa o Commentario, a primeira he com letras maiusculas ornadas, a segunda com letras menores quadradas, e assim vão todos os principios das Secções. Consta de 199 folhas: na epigrafe, que vem no fim, ha 36 versos em duas columnas: depois huma longa deprecação de Nachman, e huma epistola em que elle louva a Deos pelo haver ajudado a concluir a impressão de tão estimavel obra. Foi impresso doze annos depois das duas primeiras, e mais antigas edições de Livros Hebraicos, que tem apparecido atégora, quaes forão o *Commentario Ralbagiano de R. Levi Gerson a Job* em Pesaro por Abraham filho de David Chaiim em 1477, e o *Psalterio Hebraico com os Commentarios de Kimchi, no mesmo anno.* He esta edição rarissima; della tinha Jablonsk hum exemplar, que Wolfio examinou para a descripção que delle fez, outro tinha Rossi. Fazem memoria desta edição Wolfio (*a*) o Livro *Specilegium veterum editionum*, Marchand (*b*), o sobredito Rossi (*c*), e D. José Rodrigues de Castro (*d*).

1490 Isaias, e Jeremias.

Isaias, e Jeremias com os Commentarios de Kimchi. Lisboa 1490.

João Bernardo de Rossi attesta haver visto hum exemplar desta edição (*e*).

Memorias Historicas do Ministerio do Pulpito na nota ao §. 14 do Appendix pag. 118, e Fr. Francisco Mendes na Typographia Española Tom. I. pag. 294. Já Rossi notou a equivocação que nisto tinha havido.

(*a*) *Bibliotheca Hebraica* Tom. III. pag. 697, Tom. IV. pag. 921.

(*b*) *Historia da Impressão.*

(*c*) *Indag. Hist. da Orig. da Typographia Hebraica* pag. 39.

(*d*) *Bibliotheca Española* pag. 99. Daqui se vê, que Portugal teve Typographia Hebraica, primeiro que França, que só a tivera em 1508, quando Gilles Gourmant a estabeleceu em Pariz debaixo da direcção de Tessard.

(*e*) *Indagação Critica sobre a origem da Typographia Hebraica* pag. 56. Já della fallamos em outra obra pag. 273.

Pentatheuco Hebraico com o Targum, ou Parafrase Chaldaica de Onkelos, e com os Commentarios de Rab. Salomão Jarchi. Lisboa no mez Av. anno 1251 (*de Christo* 1491) 2. vol. em 4.° grande (*a*).

1491 Pentatheuco Hebraico.

O primeiro volume comprehende o *Genesis*, e o *Exodo*, e no fim os *Tosafad*, ou *Additamentos*; e consta de 215 folhas: o segundo contém os mais Livros de Moyses, e tem 239 folhas. O caracter do Texto, e o da Parafrase, que lhe fica ao lado, he quadrado com pontos, e accentos, aquelle maior, e este menor; o caracter do Commentario, que corre por cima, e por baixo he Hispanico Rabbinico; o titulo do Commentario he feito em letras maiores, e ornadas as duas letras, porque começa o Texto de Moyses, e a Parafrase: o Impressor foi o Judeo Zacheo, filho de Rabbi Eliezer, como se lê nos versos que vem no fim. He esta edição pela formosura, e elegancia dos typos a mais bella, e primorosa de quantas se fizerão então do Pentatheuco, como attestão Le Long, e Rossi; e he ao mesmo tempo a mais estimavel pela sua correcção, por haver sido escrupulosamente apurada sobre os mais antigos, e mais correctos Mss. de Hespanha, e segundo todas as regras da *Masóra*, ou *Critica Sagrada dos Judeos*: por essa razão em hum Livro, que elles escrevêrão sobre as regras, que havião de seguir os Amanuenses, e Impressores nas novas edições que fizessem do Pentatheuco, se lhes mandava, que nunca despregassem os olhos do exemplar Olisiponense. Com effeito entre elles o grande Critico Lonzano na sua obra *Or Torah* a tem pela mais exacta de quantas se havião feito (*b*), e todos os mais Criticos modernos não deixão de recorrer a ella, dando-lhe sempre a

(*a*) He em 4.°, e não em fol. como escreveu Maittaire, e Fr. Francisco Mendes. *Da Typographia Hispanhola* Tom. I. pag. 294.
(*b*) *Editio Lusitana est omnibus editionibus adcuratio.* fol. 28.

mesma preferencia entre as antigas, que costumavão dar ás duas Lombrosiana, e Norziana de Amsterdam entre as modernas (*a*).

Fallão desta edição Maittaire nos *Annaes Typographicos* (*b*), Le Long na *Bibliotheca Sacra*, Orlandi nas *Origens, e Progressos da Estampa* (*c*), Stuvio na *Bibliotheca Selecta da Historia Litteraria* (*d*), e Rossi nas Varias Lições do Testamento Velho (*e*), e na obra da *Origem da Typographia Hebraica* (*f*). Della tem hum exemplar o mesmo Rossi, Fr. Francisco Mendes (*g*), que o houve por donativo de Elias Levi, Presidente da Synagoga dos Judeos de Alexandria; ha outro na Bibliotheca Real de Londres, o qual conferio Benjamim Kenicot em 1767 (*h*), outro tinha Moyses Toa, Livreiro Regiense, de que attesta o mesmo Rossi na *Origem da Typographia Hebraica* (*i*), outro na Bibliotheca d'ElRei de França, outro tinha Crevenna (*k*).

1492 Isaias, e Jeremias.

Isaias, e Jeremias, com os Commentarios de Kimchi, Lisboa em 5252. (*de Christo* 1492) fol. peq. na Officina de R. Eliezer (*l*).

(*a*) Donde sem razão o Author Anonymo das *Notas*, que vem na Bibliotheca Critica de Ricardo Simão vol. III. pag. 451 a taxou de pouco exacta, e trabalhada, como obra feita para uso do povo.

(*b*) Tom. I. Part. II. pag. 530.

(*c*) Pag. 211.

(*d*) Tom. III. pag. 2228. da edição de Veneza de 1765.

(*e*) Tom. I. pag. 38. §. 34.

(*f*) Cap. VI. pag. 45, e 46.

(*g*) Da Typogr. Espanh. Tom. I. pag. 294.

(*h*) *Dissertação Geral ao Testamento Velho.*

(*i*) Cap. V. pag, 45, e 46.

(*k*) *Catalogue des Livres* Tom. I. pag. 49.

(*l*) Maittaire, Wolfio, Le Long, e Masche na edição da *Bibliotheca Sacra* de Le Long, e Rossi no Tratado de *Hebr. Typogr. Origine*, põe esta edição em 1497, o que he engano, como depois advertio o mesmo Rossi no *Appendix da Bibliotheca Masch.* pag 28. no Livro *de algumas antiquissimas Edições desconhecidas do Texto Hebraico* pag. 29, e no *Apparato Hebreo-Biblico* pag. 54. n. 15, o que confir-

Esta edição he rarissima: apenas sabemos que existem quatro exemplares conhecidos, dois que descobrio Rossi, hum que fora de Seldeno, e se acha hoje em Oxford, entre os Livros da Bibliotheca Bodleiana, o qual vio o erudito Paulo Jacob Bruns, e o outro que havia na Bibliotheca de Crewena (*a*). Fazem memoria desta edição Wolfio (*b*), Le Long (*c*), Maittaire (*d*), e seu Continuador Miguel Diniz (*e*), Benjamim Kenicott (*f*), Masch (*g*), e os sobreditos Bruns (*h*), e Rossi (*i*) Fr. Francisco Mendes (*k*).

Proverbios com os Commentarios de Gerson, e de R. Meir. Lisboa em 1492. 1492 Proverbios.

Esta edição he tambem rarissima (*l*): segundo as noticias que temos, havia hum exemplar na famosa Bibliotheca de Oppenheimer (*m*), e outro na Bibliotheca pública

ma o douto Bibliothecario da Academia Julia Carolina, Paulo José Bruns em a *Nota ao Supplemento* sobre a *Dissertação geral ao Testamento Velho de Benjamin Kenicott* pag. 557. v. Anglia.

(*a*) *Catalogue de Livres* &c. Tom. I. pag. 55. n. 223.

(*b*) *Bibliotheca Hebraica* Tom. I. pag. 301.

(*c*) *Bibliotheca Sacra.*

(*d*) *Annal. Typogr.* Tom. I. Part. II. pag. 631.

(*e*) Part. I. pag. 328.

(*f*) *No estado da Collecção, e Dissertação geral ao Testamento Velho.*

(*g*) *Na Bibliotheca Sacra.*

(*h*) No lugar acima citado.

(*i*) Nos lugares já citados, e no *Specimen Variarum Lectionum* pag. 52. 97.

(*k*) *Typogr. Espan.* Tom. I. pag. 294.

(*l*) Esta edição he deste anno, e não de 1497 como escrevêrão alguns Bibliografos, o que advertio o douto Rossi no *Apparato Hebreo-Biblico* pag. 55, o Catalogo da Bibliotheca de Oppenheimer, publicado em Hamburgo tambem erra o anno, e o lugar da Impressão: deve tambem corregir-se a passagem da Biblioth. Sacra de Mosch, aonde se diz, que o Commentario de Meir fora pela primeira vez impresso em Amsterdam em 1724.

(*m*) Della attestou Wolfio na *Biblioth. Hebr.* Tom. II. pag. 409. e vem assignalada no *Catalogo da Bibliotheca de Oppenheissur, publicado em Hamburgo* pag. 50.

de Mantua (*a*). Fallão desta edição entre outros Wolfio (*b*), Rossi, Paulo José Bruns (*c*), Miguel Diniz (*d*), e Fr. Francisco Mendes (*e*).

1494 Profetas Primeiros. *Profetas Primeiros com o Targum, e Commentarios de Kimchi, e de Rabbi Levi Ben Gerson.* Leiria an. 254 *de Christo* 1494. fol.

He em Hebraico, e contém os Livros de Josué, dos Juizes, e dos Reis, com a Parafrase Chaldaica *(f)*; he huma das antigas edições de muita estimação, e raridade. No Catalogo da Bibliotheca Real de Pariz se faz menção de hum exemplar, que só tem a parte que comprehende os Livros dos Reis (*g*), Rossi conservava outro exemplar. Fallão desta edição Le Long na *Bibliotheca Sacra* (*h*), a obra intitulada *Specilegium Veterum editionum*, e Marchand na *Historia da Impressão* (*i*), os quaes só fazem memoria dos Commentarios de Gerson, e não de Kimchi, nem do Targum. Tambem della fallão Maittaire nos *Annaes Typographicos (k)*, Wolfio na *Bibliotheca Hebraica (l)*, Orlandi nas *Origens, e Progressos da Estampa (m)*, Stru-

---

(a) Bruns vio e consultou este exemplar, e depois o houve a si o mesmo Rossi, de que elle falla na *Orig. da Typog. Hebr.* pag. 57 *no Appendix da Bibl. Sacra Manh.* e no Tom. I. *das varias Lições do Testamento Velho* Cap. II. n. 192, e no *Apparato á Bibl. Hebr.* p. 56.

(b) No lugar acima citado.

(c) Nos lugares citados.

(d) Part. I. pag. 333.

(e) . . . .

(f) Esta edição comprehende os Profetas Primeiros, e não os Menores como alguns disserão.

(g) Pag. 19.

(h) Tom. I. pag. 75. Tom. II. pag 827 em que só se falla do Commentario.

(i) Pag. 28.

(k) Tom. IV. pag. 530. pag. 570.

(l) Tom. I. pag. 201, e Tom. II. pag. 956.

(m) Pag. 214 Erra a citação de Leiria julgando ser Liria, Lugar da Hespanha Tarraconense no Reino de Valencia junto do Rio Turia.

vio na *Bibliotheca Selecta da Historia Litteraria (a)*, o mesmo Rossi *(b)*, e Raimundo Diosdado no *Ensaio sobre a primeira idade da Typographia Espanhola (c)*, e Fr. Francisco Mendes *(d)*.

Seder Tefilod; ou Ordem das preces de todo o anno de R. David filho de José chamado Avudraham. Lisboa fol. an. 255 (*de Christo* 1495). 1495 Ordem das Preces.

He huma obra Liturgica em Hebraico, em que se contém uma completa exposição das preces Judaicas, que Rabbi David havia composto em Sevilha, de que falla Wolfio, e Bartholoci; foi impressa, e acabada no mez de Teveth (Dezembro, e Janeiro), e em casa de Eliezer, que se diz ser Varão sabio, pio, e temente a Deos, a quem se louva nos versos, que vem no fim. Cuidamos ser o mesmo que Eliezer Impressor, de quem já fizemos menção: he uma edição elegantissima, e em duas columnas, com caracter Rabbinico Hespanhol; mas os principios das Secções, Capitulos, e Orações, são formados com letras maiusculas, quadradas de extrema formosura: consta esta obra de 170 folhas, e acabada com dois poemas, hum de doze versos feito pelo mesmo Author, que nelles attesta haver composto aquella obra em Sevilha no anno 5100 da Creação do Mundo; outro de quarenta versos, em que se dá a obra por impressa em Lisboa, e se chama a Synagoga, que está em meio della, *a fortaleza, e a mãi de todas as principaes Synagogas.* Esta edição foi desconhecida dos Judeos modernos, e tambem dos Christãos; porque se havia

(a) Tom. 3.° pag. 2228. edição de Sena de 1763.
(b) Apparato Hebr. Bibl. pag. 54. *Origem da Typogr. Hebr.* pag. 54, Apparato á Bibl. Masch. pag. 30. *Specimen Var. Lection. Sacr. Text. Pontif. Cod.* pag. 41.
(c) Pag. 48.
(d) Typogr. Esp. Tom. I. pag. 339.

por primeira edição a de 1514, em quanto Rossi não deu noticias della (*a*).

1497 Isaias, e Jeremias.

Isaias, e Jeremias em Hebreo com os Commentarios de Kimchi. Lisboa 1497 fol. vol. 1.

He terceira edição. Fazem memoria della Le Long na Bibliotheca Sacra (*b*), Wolfio na Bibliotheca Hebraica (*c*), Maittaire nos seus Annaes Typographicos (*d*), Orlandi nas Origens, e Progressos da Estampa (*e*), e Rossi na Origem da Typographia Hebraica (*f*).

ARTIGO II.

Das Edições Hebraicas sem nota de lugar, ou duvidosas.

1485 Livro do Caminho da Vida.

Sepher Orach Chaiim, ou Livro do Caminho da Vida de R. Jacob Ben Ascer ann. 245 *(de Christo* 1485*)* fol.

He huma edição de tanta raridade, e tão desconhecida, que antes de Rossi nenhum Bibliografo Judeo, ou Christão havia feito memoria della. O caracter da obra, á excepção dos titulos de cada uma das Ordenanças, e Ca-

---

(a) De Orig. Typogr. Hebr. Cap. VI. pag. 56. Vimos hum exemplar desta obra entre os Livros raros, que alcançou em sua viagem de Hespanha a Portugal o doutissimo varão D. Francisco Peres Bayer, Arcediago de Valença, e Bibliothecario de Sua Magestade Catholica, que no-lo communicou na sua passagem por Coimbra.

(*b*) Tom. I. pag. 75, e Tom. II. pag. 696.

(c) Tom. I. pag. 301, e Tom. II. pag. 399.

(d) Tom. I. Part. II. pag. 631.

(e) Pag. 211.

(f) Pag. 58. Rossi todavia confessa, que nenhum exemplar tinha visto desta edição, Le Long, Wolfio, e Maittaire, que della falião, não a descrevêrão, nem nos deixarão maior noticia, notando apenas o anno, o lugar, e a fórma.

pitulos, que são em letras maiusculas quadradas, he Rabbinico Hespanhol, ou inflexo. Consta de 98 folhas, e traz no fim hum Carmen de 30 versos, em que se louva a obra, e se faz deprecação a Deos. Aqui se diz, que foi acabada em 245 no mez Ebul. Rossi, que vio e examinou hum exemplar desta obra, crê, que a edição foi feita em Lisboa pelo caracter, que he inteiramente o mesmo, que o do Commentario de Nachman, e do Livro *Avudraham*, impressos na mesma Cidade poucos annos depois, pelo caracter quadrado, por que começa cada uma das Secções e capitulos, e pelo mesmo papel em que he impressa: o juizo de hum homem tão lidado nos estudos Bibliografos, como era Rossi, he crédor ao nosso conceito para havermos esta edição por Portugueza sobre a fé de seu exame (*a*).

Se isto assim he, teve Portugal Typographia Hebraica, não só primeiro que Alemanha, França, Castella, Polonia, Hollanda, Inglaterra, Thessalonica, e Constantinopla; mas ainda que todas as Cidades de Italia, excepto Ferrara, Piobe, Pesaro, Socino, e Bolonha (*b*).

(*a*) Elle a dá pela primeira obra estampada em Portugal, ou geralmente em toda a Hespanha. Se entendeu fallar de Livros Hebraicos, certo que nenhum outro se tem até agora descoberto anterior ao anno de 1485; se das obras escritas em outras lingoas, Hespanha se appresenta já com producções de sua Typographia pelos annos de 1470, ou de 1474, como havemos notado no Cap. I, e quanto a Portugal provavel he, que antes de 1485 tivessemos impressão de Livros, e que fosse um delles o das Obras do Infante D. Pedro, de que tambem já temos fallado, e de que ainda fallaremos adiante.

(*b*) Estas forão as cinco Cidades de Italia aonde primeiro se erigírão Officinas Typographicas Hebraicas; as que mais se apressárão em as imitar forão Brescia, Rimini, Fano, Veneza, Cremona, Mantua, Sabioneta, Verona, Padua, Liorne, Napoles, Riva, Isna, e Brixia, e com tudo nenhuma destas Cidades tem appresentado atégora, quanto nós saibamos, Livro algum Hebraico de seus prélos que remonte ao anno de 1485. As edições que se dão como anteriores a este anno, se exceptuamos as de Ferrara, Piobe, Pesaro, e Socino, são hoje havidas, humas por decisivamente falsas, e suppostas, como as de Veneza de 1428, e de 1466, e as de Ortona de 1461, e de 1476, outras suspeitas de falsidade como as de Bolonha de 1471.

1490 Pentatheuco com Parafrase, e Commentarios.

Pentatheuco Hebraico com a Parafrase Chaldaica de Onkelos, e Commentarios de Jarchi fol. ann. 250 (*de Christo* 1490).

He sem pontos; no meio vem o Texto com caracter quadrado, e de hum e outro lado a Parafrase Chaldaica, em letras menores quadradas, e o Commentario em Hespanhol Rabbinico; contém o volume 264 folhas. O Editor foi Salomão, filho de Rabbi Maimon Zalmati. He em folha, como nota o Catalogo da Bibliotheca Real Parisiense, e Fabricio, e não em 4.º como escrevem Wolfio, Le Long, e Maittaire. Nenhum destes lhe assignou o lugar da edição. Fabricio entendeu, que fora na Ilha de *Sora*, pertencente a Napoles, interpretando assim as palavras, que vem no terceiro Carmen, no fim da obra. O Erudito Rossi duvida, que se deva lêr na Ilha de *Sor*, ou *Sora*, como lê Fabricio: porque elle lê como duas palavras separadas, o que he huma só: segundo, porque para indicar o nome de *Sora*, deveria o Editor usar de *vau*, como he costume, e não de *aleph*: terceiro, porque a *Sora* de Napoles não se póde propriamente chamar Ilha: quarto, porque se escreve diversamente entre os Hebreos, como se vê da edição Pisaurense dos Profetas Menores de 1516: quinto, porque ainda lendo-se *Sora*, não ha mais razão para se entender a *Sora* Napolitana, e não a *Soria* de Hespanha. Rossi lê como huma só palavra, *Iscar*, ou *Iscor*, que tambem se póde lêr *Liscar*, ou *Liscor* (assim como os Hebreos dizem *Isbona* e *Lisbona*) e accrescenta, que a haver em Hespanha, ou em Portugal algum lugar deste nome, crêra com mais verosimilhança, que nelle se havia feito esta edição.

Em verdade os ornamentos das letras, e a fórma dos caracteres principalmente do Commentario de Jarchi persuadem, que a impressão se fez em Castella, ou em Portugal, e não em o Reino de Napoles, ou em outra alguma parte de Italia, aonde se usavão outros ornatos, e

caracteres diversos; e como em Castella se não tem achado atéagora Typographia Hebraica naquelle Seculo, razão ha para ter como provavel, que a edição se fez em Portugal. O douto, e erudito Arcediago de Valença D. Francisco Peres Bayer, a quem haviamos consultado sobre este artigo, nos assegurou por sua Carta, que tendo examinado em outro tempo o exemplar, que havia deste Pentatheuco na Bibliotheca Casanatense, achára inteira semelhança entre os seus caracteres, e ornamentos, e os do Pentatheuco Olisiponense de 1791, e havia indubitavelmente esta obra por huma producção dos prélos de Lisboa (*a*).

ARTIGO III.

Das Edições Hebraicas sem nota de anno, nem de lugar.

Biblia Hebraica.

Biblia Hebraica.

He huma edição elegantissima, e muito rara, em folio, com pontos, e accentos: não traz nota de anno, nem de lugar, nem de impressor. Consta-nos sómente de quatro exemplares, e esses não inteiros, hum que existia em Amsterdam, que vio Hermano Van de Wal nas mãos de hum Judeo daquella Cidade: outro em Pariz, que Le Long encontrou no Museo de Mr. Boislier, o qual tinha sido da Livraria de Dionysio Noli, Jurisconsulto Parisiense, outro tinha Rossi (*b*), outro Crevenna (*c*); he tradição constante dos Judeos, de que nos certifica o mesmo Hermano Van de Wal, que esta edição fora obra dos prélos

(*a*) Rossi tinha hum exemplar, havia outro na Bibliotheca Real de Pariz, outro na Casanatense; tinha hum Assemanno, Arcebispo de Apaméa, e primeiro Bibliothecario do Vaticano, e outro Moysés Benjamim Fóa, Livreiro do Duque de Modena.

(*b*) *De Hebr. Typogr. Orig.* pag. 60. e seguintes.

(*c*) *Catalogue des Livres de la Bibliotheque de M. Pierre Antoine Bolongaro Crevenna* Tom. I. pag. 4 n. 11.

de Lisboa; e este testemunho deve prevalecer contra as simplices suspeitas de Rossi, que a quer impressa na Typographia de Socino: as suas razões sem embargo de serem de tão sabio, e profundo critico, a quem geralmente seguimos em tudo; não nos podem inteiramente convencer neste lugar.

Elle se fundou no fragmento de hum exemplar, que houve do Judeo Zacharias Padua, que lhe pareceu impressão de Socino; mas devia mostrar, que a edição deste exemplar era a mesma, que a da Biblia, que vio Hermano Van de Wal nas mãos do Judeo de Amsterdam, que os Hebreos dão por obra dos prélos Lisbonenses, e isto he o que elle não mostrou, antes parece o contrario; porque primeiramente o Codigo de Hermano Van de Wal não passa do Psalterio, e o de Rossi contém de mais os Proverbios, e Job: 2.º os Judeos que fallão desta Biblia, como testemunhas oculares, dizem que o seu caracter he o mesmo que o do Commentario Olisiponense de Nachman; e o que se acha no exemplar de Rossi não combina com elle; mas antes he mais desordenado, e mais antigo, sendo de letras Rabbinicas, e inteiramente de mui diversos typos como elle mesmo confessa; nem he verosimil, que sendo a edição Olisiponense dos Commentarios tão conhecida dos Judeos, se enganassem estes na qualificação de seu caracter.

Por tanto ficão sem pezo e efficacia as objecções, que fez Rossi em razão do caracter, e da falta de correcção nos pontos do seu exemplar para suspeitar, que talvez seria impressão de Socino, visto que sendo diversas edições, como parece, já póde ser, que huma se fizesse em Lisboa, e outra em Socino, quadrando a esta ultima as notas, que elle aponta de semelhança com as edições, que alli fez Abraham Ben Chaiim de Pisauro em 1488.

Quanto mais, que ainda que o exemplar, que Rossi crêo impresso em Socino, tivesse semelhança com o de Hermano Van de Wal, nem por isso se deveria concluir, que elle fora parto da Typographia Socinense; por quanto os

Judeos Socinates forão no parecer de Maittaire os primeiros Typographos, que vierão a Portugal (*a*), e podião muito bem imprimir algumas obras entre nós com os mesmos typos e caracteres, que houvessem trazido de Socino.

Os Judeos havião esta edição por correctissima, e affirmavão, que em hum Livro em que se continhão as regras, que devião seguir os editores nas reimpressões do Pentatheuco, se propunha esta edição por exemplar, e modello, principalmente para as letras finaes; e com effeito estas letras se achão nesta edição assim, e da maneira que alli se prescrevião, e allegavão (*b*). Fallão della os sobreditos Hermano Van de Wal, e Rossi (*c*).

Pentatheuco com o Targum, e Commentarios de Jarchi fol. Pentatheuco Commentado por Jarchi.

Não traz nota de anno, nem de lugar; he huma edição esplendida, e elegante; tem caracter quadrado com pontos, e accentos, e parece o mesmo que o da edição do Pentatheuco de Lisboa de 1489, posto que já hum pouco mais cançado, e menos nitido; do que tudo nos informa o laborioso Rossi por hum exemplar, que vio desta edi-

(*a*) Annaes Typogr. Tom. I. pag. 303.

(*b*) Julga Rossi, que os Judeos se enganárão neste conceito, porque a edição, para que os remettia aquelle Livro, não era esta; mas a do Pentatheuco de Lisboa de 1491. Com tudo, que implicancia havia para que se fizesse depois huma addição áquelle Livro, ou se estampasse outro de novo, em que tambem se ordenasse o recurso a esta mesma edição, por ser ella muito exacta, e correcta? E com effeito ainda suppondo como suppoem Rossi, ser a sua edição a mesma, que a que os Judeos de Amsterdam julgão ser de Lisboa, lugar havia de a propôr por modello aos Impressores, pois que o mesmo Rossi attesta ser ella apuradissima, não tendo mais que alguns leves defeitos, e esses principalmente nos pontos, confessando, que na correcção excedia a mesma edição de Socino de 1488 tão celebrada pela sua exacção, e apuramento,

(*c*) *Orig. da Typogr. Hebraica* pag. 63.

ção, que elle muito louva por seus primores Typographicos (*a*).

Proverbios Commentados.

Proverbios com o Commentario denominado Kavenaki fol. menor.

Esta edição tambem não traz era, nem lugar da impressão; mas parece ter sido feita em Lisboa pelo caracter do Texto, que he o mesmo quadrado Olisiponense do Pentatheuco de 1491, e de Isaias e Jeremias de 1492. Acaso far-se-hia esta edição por aquelles annos (*b*). O caracter do Texto he quadrado com pontos; o da Prefação, e dos Commentarios he Rabbinico, da inflexão, e fórma Hispanica. Consta de 60 folhas, e começa pela Prefação do Interprete. Era esta edição mui pouco conhecida, e Rossi foi o unico, que a descreveu (*c*). Sabe-se de quatro exemplares, dois do mesmo Rossi, hum da Bibliotheca Casanatense, outro da Bibliotheca do Collegio de Propaganda, e outro da Bibliotheca de Crevenna, mal conservado (*d*).

Estas são as unicas obras da Typographia Hebraica, de que podémos ter noticia: muitas outras sahírão estampadas dos prélos de Portugal, que por ventura se acharão nas copiosas Bibliothecas de Italia, de Alemanha, de Hollanda, e de Inglaterra, assim como nellas se encontrárão exemplares das que havemos atégora referido; nem he de espantar, que só em Portugal as não achemos depois das alterações, e desventuras, por que passárão os Judeos naquelle Seculo (*e*). Basta considerar, quão grande quan-

(*a*) Veja-se *Specimen Var. Lect. Pontif. Cod.* pag. 8, *e o Opusculo das edições desconhecidas* pag. 140.

(*b*) Este he o juizo que fez Rossi.

(*c*) *Opusculo das edições desconhecidas* Cap. III. pag. 7. *do Texto Hebr.* Cap. III. pag 7. *Apparato Hebreo-Biblico* pag. 56. *Varias Lições* do *Testamento Velho* vol. I. pag. II. n. 193.

(*d*) *Catalogue des Livres* &c. Tom. I. pag. 54. n. 219.

(*e*) O erudito sabio e laborioso Rossi havia dado esperanças a D. José Rodrigues de Castro de lhe communicar particulares noticias de

idade de Livros Hebraicos não sahiria de Portugal para estranhas terras, pelo desterro, e dispersão dos Judeos, que não quizerão mudar de crença, e pela deserção de muitos outros, que cá tinhão ficado a titulo de conversos; como elles erão naquelles tempos os maiores depositarios da Litteratura Hebraica, os unicos Artifices, que imprimírão Livros deste genero; e quasi os unicos Senhores, que possuião estas obras, comsigo levárão a maior parte dellas para os Reinos estrangeiros, aonde forão buscar asylo, e domicilio.

Nem os mesmos Judeos, que se deixárão ficar entre nós com sombra de Christãos, podérão conservar-nos exemplares destas Obras, antes erão forçados a abandonallos, e remettellos para fóra do Reino em consequencia da fatal prohibição, que se lhes fez em 1497 do uso de todos os seus Livros Hebraicos, sem pelo menos se exceptuarem, como cumpria, os Livros Sagrados do Testamento Velho, aos quaes foi culpa, ou estarem escriptos na Lingua Santa, em que primeiro havião sido revelados por Deos, ou serem impressos por homens de diversa crença da nossa; ou acharem-se commentados, e illustrados por seus Rabbis (*a*). Que se alguns restárão occultos em Portugal em poder dos Judeos, forão elles envolvidos nos frequentes confiscos, que se lhes fizerão, e ou forão queimados, como suspeitosos de erros, e de blasfemias, á maneira do que se praticou em Roma, Bolonha, Romania, Ancona, e Avinhão; ou ficárão entregues á reclusão, e esquecimento em parte, aonde os acabou de consumir, e sepultar o horroroso terremoto, e incendio de Lisboa em 1755 (*b*).

F ii

muitas obras dos Judeos naturaes de Hespanha, para a composição da sua Bibliotheca Hespanhola, entre as quaes já póde ser que viessem algumas impressas em Portugal por aquelles tempos. Mas não sabemos se se verificou a promessa, nem se já sahio o 3.º Tomo, ou Supplemento da Bibliotheca de Castro; aonde as devemos esperar.

(*a*) Daqui vem, que depois de 1497 não apparecem mais edições de Livros Hebraicos das Officinas Judaicas, sendo a ultima de que temos noticia, a de Isaias, e Jeremias de Lisboa d'aquelle anno.

(*b*) Estas forão as principaes causas da falta, que experimentamos

CAPITULO V.

Das Edições de Livros Latinos em Portugal no Seculo XV.

PASSEMOS ás Edições de Livros Latinos, que sahírão das Officinas de Portugal naquelles tempos: as de que temos noticia são as seguintes, que aqui pômos por sua ordem Chronologica:

1490 Breviarium Eborense.

Breviarium Eborense
Olisipone 1490.

Foi esta a primeira edição, que se fez do Breviario Eborense, a qual se deveu aos cuidados Pastoraes do Arcebispo D. João da Costa. Sahio da Officina de Nicoláo de Saxonia (*a*).

1494 Breviarium Bracharense.

Breviarium Bracharense
anno 1494 1. vol. 4.°

Foi esta a primeira edição, que se fez do Brevia-

---

hoje destas obras. Não deixaremos porém de reconhecer, e confessar, que para ella concorreu muito a mesma practica dos Hebreos; porque sendo maxima assentada entre elles, resguardar os seus Livros, maiormente os Sagrados, das mãos dos que chamavão Idolatras, e Gentios, e havendo aos Christãos como taes, costumavão escrupulosamente recatar dos nossos os exemplares das suas obras; o que fazia com que mui poucos podessem chegar então ás nossas mãos.

(*a*) Foi depois reimpresso em 1520, 1. vol. 8.°, correcto, e emendado pelo Mestre João Parvo, Arcediago, Francisco Pedro Chantre, e o Conego Fernão Rodrigues Boto, por mandado de D. Affonso, Cardeal Infante, Administrador do Arcebispado, e publicado em Sevilha por João Cromberger Alemão em 1528, em 1. vol. de 8.°, e de novo revisto, e reformado pelo M. André de Resende, e outros, por mandado do Senhor Rei D. Henrique, então Cardeal Infante, e primeiro Arcebispo de Evora, e se reimprimio em Lisboa na Officina de Luiz Rodrigues em 1548. 1. vol. 8.°, e destas edições ha tambem exemplares na Real Bibliotheca da Côrte.

rio Bracarense, e foi trabalhada sobre o Codigo Mss. em pergaminho, que havia no Cartorio da Relação de Braga, escrito no tempo do Arcebispo D. Fernando da Guerra pelos annos de 1440. Foi impressor desta obra o Mestre João Gherline, Alemão (*a*): no fim vem esta subscripção.

Impressus est hoc opus breviarii in augusta Bracharensi Civitate Hispaniarum primate: per Magistrum Johanem Gherlinc salutis Christiane Mcccc.lxxxxiv. *die* xii *Decembris.*

Faz memoria della D. Thomaz Caetano de Bem, Clerigo Regular da Casa da Divina Providencia desta Côrte, e Chronista do Serenissimo Estado, e Casa de Bragança, e varão muito erudito e sabio, na sua *Noticia Previa da Collecção dos Concilios de Portugal*, impressa em Lisboa em 1757 (*b*). Ha hum exemplar desta rarissima edição na Real Bibliotheca da Côrte.

(*a*) Segundo as noticias, que alcançámos deste Codigo ms. he que se extrahio a Copia, que se acha deste Breviario na Bibliotheca do Vaticano. Ha razão para crer, que este Codigo fora trasladado de outro em fórma menor, e em pergaminho de mais de quinhentos annos de antiguidade, que costumava estar recolhido no tumulo em que se encerrava o Senhor na Sexta feira Santa.

(*b*) A fol. 79. Della fallava Gregorio Majans em huma Carta ms. dirigida a Gerardo Meerman, que tem hoje entre outros mss. Fr. Francisco Mendes, Augustiniano do Convento de S. Filippe o Real de Madrid, que della falla na Typogr. Espanh. Tom. I. pag. 429 na Addição. Esta edição foi desconhecida do erudito e laborioso Escritor D. Antonio Caetano de Sousa, que dá por primeira a de Lisboa de 1498 por Nicoláo de Saxonia (*Expeditio Hispan.* Part. III. Assert. Liv. IV. pag. 736), e tambem do illustre Theologo Pereira, que na sua Dissertação Critica, que deixou ms. sobre o antigo e moderno Calendario Bracarense, fazendo no Cap. IV. a rezenha dos Breviarios Bracarenses para excluir por elles a existencia de S. Pedro de Rates, Arcebispo de Braga, sem fallar desta edição de 1494, nem ainda da de 1496 de que logo fallaremos, que muito lhe servirião para seu assumpto, por não vir nellas a Lenda do dito Santo; sómente fez menção das duas edições mandadas fazer pe-

1496 Almanach de Zacuto.

Almanach perpetuuz Celestiuz motuuz astronomi Zacuti. Leirie 1495 1. vol. 4.º

Esta obra he huma das mais famosas e mais raras do Seculo XV; e por assim ser daremos aqui della mais larga informação, segundo o que notámos em dois exemplares, que della temos visto. Seû Author foi o celebre Judeo Abrahão Zacuto, natural de Salamanca, domiciliario em Portugal, e Astronomo do Senhor Rei D. Manoel, e o mesmo que compoz em Lisboa a obra das linhagens e familias, intitulada *Sepher Juchasin*, que os Judeos costumão ter em muita conta (*a*). O titulo inteiro desta obra he o seguinte:

Almanach perpetuum Celestium motuum astronomi Zacuti. cujus Radix est 1473.

Caracteres Signorum Zodiaci.

♈ Aries ♉ Taurus		♎ Libra ♏ Scorpius
♊ Gemini ♋ Cancer		♐ Sagitarius ♑ Capricornius
♌ Leo ♍ Virgo		♒ Aquarius ♓ Pisces

No reverso tem a Dedicatoria com o titulo

Epistola auctoris ad episcopum Salmantice.

Não traz declaração do nome: começa desta maneira:

Magnam esse admodum et fuisse semper in edendis

lo Arcebispo D. Diogo de Sousa em Salamanca na Officina de João de Porres em 1508, e 1511, e da outra do Arcebispo D. Manoel de Sousa feita em Braga em 1549.

(*a*) Della fazem honrosa memoria Manoel Aboab na sua Nomolo-

libris difficultatem michi videri sollet dum revolvo majorum nostrorum exemplaria ac presertim eorum exordia conspicio ubi plerique tenuitatem ingeniorum suorum insimulant non infecturam videlicet cepto operi. Allii vero arduitate tanti negotii pene deterreri videntur tandem ut eaque judiciis astrorum petinent omnino dimittant. Allii vero hanc calculandi difficultatem volentes sub claro modo omnibus prodesse subtilia ingeniati sunt.

Acaba na segunda folha por este modo:

Eas itaque primicias operum meorum suscipere digneris quas ubi pro acumine ingenii tui probaveris in publicum prodire jubeto.

Valle presulum decus.

Não traz data: nesta Dedicatoria faz menção de D. Affonso de Castella, e do Hebreo Abenverga.

Consta este livro de duas obras, huma menor, e outra maior. A menor começa na mesma segunda folha em que se acaba a Dedicatoria com este titulo:

Canones tabularum Celestium motuum astronomi rabi abraham Zacuti ordinatissime felici sidere incipiunt. Canon primus.

Consta de 13 Canones, e entre elles de algumas regras, e acaba:

Expliciunt Canones tabularum sequentium. Deo gratias.

Seguem-se tres taboas, que tem por titulo:

Tabula tabularum ad ingressum earum post radicem inserviens.

---

gia pag. 296. Wolfio na *Biblioth. Hebr.* Tom. I. III. n. 263, e Jacob Reimanno na *Historia Litteraria do Estudo Genealog.* pag. 20.

E com ellas se arremata a obra, que consta de doze folhas. Foi ella escripta originalmente em Hebraico por seu author, e trespassada depois a Latim por seu Discipulo José Vizinho, como se conclue da declaração, que vem no fim do Livro (*a*).

A esta pequena obra segue-se a maior com este titulo:

Almanach perpetuum cujus Radix est annus 1473. *Compositus ab excellentissimo magistro in astronomia nomine vocatus Zacutus.*

No reverso não tem cousa alguma. Esta obra he toda de Taboas sobre o seu assumpto, assim nos anversos, como nos reversos, as quaes começão logo na segunda folha, e principião por Março, e Abril desta maneira

Martius *Aprilis*

Tabula ascendentis et duodecim domorum:

Comprehendem tres folhas, e seis taboas por esta fórma:

Tabula prima solis cujus radix est anno 1473.

E continúa até á quarta, e contém quatro folhas, e oito taboas:

Tabula declinationis planetarum et solis ab equinoctiali 1.ª taboa.

(*a*) Acazo parente de Diogo Mendes Vizinho, de alcunha o Coixo Astronomo nos tempos do Senhor Rei D. Manoel, ou de Abrahão Vizinho, Astronomo, que escreveu em Castelhano hum Calendario Astronomico para uso dos Judeos, de que falla Bartholocio na *Biblioth. Rabin.* Tom. III. pag. 5. O Indice ms. Sevilhano, referindo esta obra, annuncia, que ella era traduzida em Castelhano por José Vizinho, o que foi engano.

Tabula equationis dierum 1 taboa.
Tabula introitus solis in quolibet signorum 4. fol. e 8 taboas.
Tabula prima lune cujus radix est 1473 31 fol. e 31 taboas.
Tabula suplimentum annorum Lune 1 taboa.
Tabula conjunctionum et opposionum 8 fol. e 16 taboas.
Tabula medii motus argumenti lune in 180 *annis* 1. taboa.
Tabula argumenti lune 1 taboa.
Tabula veri motus capitis draconis in 905 *annis* 2 folhas, e 4 taboas.
Tabula diversitatis aspectus 1 folha, e 2 taboas.
Tabula eclip. Solis Tabula eclip. Lune 1 taboa.
Tabula ad verificandum horam aspectuum vel conjunctionis 3 taboas.
Tabula Latitudinis Lune 1 folha, e 2. taboas.
Tabula ascensionum signorum in meridiano 1 taboa.
Tabula prima veri motus saturni cujus radix est 1473 6 taboas.
Tabula centri saturni 6 taboas.
Tabula argumenti saturni 6 taboas.
Tabula latitudinis saturni septemtrionalis 4 taboas.

Seguem-se pela mesma fórma, e distribuição as taboas *veri motus centri argumenti et latitudinis* de Jupiter, Marte, Venus, e Mercurio, que contém 85 folhas, e meia, e 171 taboas, as quaes vão por este modo:

Tabula tabularum ad omnes calculationes proportionum inserviens 3 taboas.
Tabula stellarum prime et secunde magnitudinis atque octave spere 2 taboas.
De animodar ptholomei 3 taboas.
Tabula eclipsis luminarium et primo de sole.
E na mesma taboa:
Tabula de eclipsibus lune 1 taboa.

Tabula quantitatis dierum 1 taboa.
Tabula longitudinis et latitudinis civitatum ab occidente habitato 2 taboas.

Segue-se a taboa das Festas desde Janeiro até Dezembro, que são 4 taboas.

Tabula ad sciendum litteram dominicalem et principium cujus libet mensis cujus radix est annus 1473 1 taboa.
Tabula festorum mobilium 2 taboas, que são as ultimas de toda a obra.

Termina toda ella desta maneira:

Expliciunt tabule tabularum astronomice Raby abraham Zacuti astronomi Serenisimi Regis Emanuel Rex portugalie et cet. Cum canonibus traductis a lingua ebrayca in latinam per magistrum Joseph Vizinum discipulum ejus actoris opera et arte viri solertis magistri Ortas curaque sua non mediocri impresione complete existunt felicibus astris anno a prima rerum etherearum circuitione 1496 *sole existente in* 15 *gradibus* 53 *minutis* 34 *secundis piscium* (*a*) *sub Celo Leirce.*

Remata com hum sello, que tem em roda o nome de Jozé Vizinho.

Consta toda esta obra de 156 folhas. Ha hum exemplar desta edição na Real Bibliotheca da Côrte, que examinámos para este extracto. Havia outro na curiosa Li-

---

(*a*) Isto he, no mez de Fevereiro, que se denota pela palavra Pisces. Costumava-se então em muitas obras pôr datas astronomicas, como nas Taboas Astronomicas de D. Affonso de Castella impressas em 1483, e em 1492, e na obra de Cosmografia de Pomponio Mela, impressa em Salamanca em 1498, o que se praticou ainda em algumas do Seculo XVI; como por exemplo na edição da Arte de Estevão Cavalleiro de 1516 aonde se diz no fim *Sole in septima cancri parte existente.*

vraria do Doutor Gualter Antunes, Cidadão do Porto, e hum dos maiores Antiquarios, que tivemos, o qual vimos em tempos passados, e não sabemos aonde hoje existe, o qual pelo extracto, que então fizemos, concorda com este de Lisboa. Ha um exemplar na Livraria do Collegio da Graça de Coimbra, que não podémos vêr; mas do extracto, que delle houvemos feito pela habil penna do Senhor Fr. Joaquim de Santo Agostinho, Socio da Academia Real das Sciencias, ficamos entendendo, que não combinava em muitas cousas com o de Lisboa, e que houve transposição na ordem das folhas na encadernação, que se fez daquelle exemplar, ou que o Editor se servio para a impressão de dois diversos originaes, de que sahírão exemplares tambem diversos (*a*).

Fazem memoria desta edição Nicoláo Antonio (*b*), Wolfio (*c*), o Catalogo dos Mss. de Inglaterra (*d*), o In-

(*a*) Esta obra tem sido denominada com muita diversidade, chamando-se *Almanac do Sol* — *Almanac perpetuo dos Movimentos Celestes* — *Taboas Astronomicas*; e como se lia em hum Catalogo ms. dos Livros do Escurial — *Almanach de Tablas Astronomicas, ajuntamento maior.*

(*b*) Bibliotheca Hispanica.

(*c*) Wolfio lembra-se desta edição na Biblioth. Hebr. Tom. III. pag. 66, erra porém o lugar, porque a suppõe feita em Veneza.

(*d*) Tom. II. n. 6142 aonde se faz menção de hum Codigo ms. das Taboas Astronomicas. Houve depois huma edição em Veneza em 1495 por João Miguel Germano Budorense: sahio terceira vez impresso tambem em Veneza em 1500 da Officina de Lucas Antonio de Florença em 1 vol. de 4.° em que vem os Theoremas de João Miguel Burdorense, e as emendas, e correcção do Doutor Lucas Gaurino; publicou-se com este titulo:

Almanach perpetuum.

Sive Tacuisuis (Ephemerides et Diarium Abraami Zacuti hebrei. Et Theoremata auct Joannis Michaelis Germani budorensis cum L. Gaurici Doctoris egregii castigationibus, et plerisque tabellis, nuper adjectis) quorum index est.

Ha hum exemplar desta edição na Real Bibliotheca da Côrte. Houve quarta edição tambem em Veneza em 1502 por Pedro Liechtenstein de Colonia, com as addições, e correcções de Affonso Hispalense de Cordova, Doutor d'Artes, e Medicina, que a dedicou ao nosso D. Affonso,

dice Sevilhano (*a*), Francisco Peres Bayer (*b*), Raymundo Diosdado (*c*), e Fr. Francisco Mendes (*d*).

1496 Missal Bracarense.

Missale Bracarense
Olisipone 1496.

Foi impresso por ordem do mesmo Arcebispo D. Jorge da Costa, Irmão do Cardeal do mesmo nome chamado de Alpedrina, na Officina de Nicoláo de Saxonia: a sua subscripção he da maneira seguinte:

«Missale hoc secundum Ritum et consuetu-
«dinem almæ Bracarensis Ecclesiæ fideli stu-
«dio revisum solertique cura castigatum emen-
«datumque justo sydere est explicitum. Impres-
«sum florenti in Civitate Ulixbonensi anno
«salutis Christianæ 1496 12. Kalend. Julii
«ex Officina Nicolai de Saxonia (*e*).

1497 Breviario.

Breviarium secundum Consuetudinem Compostellane Ecclesie. 1497. 8.°

Bispo de Evora. E da 3.ª edição ha hum exemplar na Livraria de S. Francisco da Cidade, e outro no Collegio da Graça de Coimbra. As tres primeiras forão desconhecidas do erudito D. José Rodrigues de Castro, que na sua Bibliotheca Hespanhola Tom. I. pag. 363, só faz memoria da quarta, isto he da Veneziana de 1502, sendo que Nicoláo Antonio a havia já feito da primeira, posto que não soubesse o lugar em que se havia publicado.

(*a*) Nelle se lê *Abrahan Zacut Tablas Astronomicas traduzidas al Castellano por Joseph Vecino*, *Discipulo del Autor impresso en Leiree por el Maestro Ortas Anno* 1496 4.° Já acima notamos, que José Vizinho traduzira esta obra do Hebraico para o Latim, e não para o Castelhano.

(*b*) Nas addições, e emendas, que pôz no Tomo II. *da Biblioth. Vetus* de Nicoláo Antonio pag. 380.

(*c*) *De prima Typograph. Hispanicæ ætate* pag. 64.

(*d*) Typogr. Esp. pag. 340.

(*e*) Deste Missal se fez depois huma nova edição em Salamanca em 1502 em 4.° na Officina de João de Porres, por ordem de D. Diogo de Souza: outra em 1538 por ordem de D. Jorge d'Almeida, Bis-

Diz na penultima folha:

«Accípite modo Sacerdotes optimi finem bre-
«viarii ad ritum et consuetudinem alme com-
«postellanē Ecclesie: Studio pervigili exami-
«natum: emendatumque cura diligentissima.
«Impressum arte mira Magistri Nicolai Sa-
«xonia. Ulixbone Anno Salutifere Christi in-
«carnationis MccccXcvii. pridie Kalend.
«Junias. Laus Deo.

He em 8.°, encadernado, e preto. Falla desta edição Fr. Francisco Mendes, attestando ter existido hum exemplar falto de principio no Gabinete do Mestre Henrique Flores (*a*).

Breviarium Bracarense 1498
Olisipone 1498. Breviario Bracarense.

Esta he a segunda edição do Breviario Bracarense, e foi ordenada por mandado do Arcebispo D. Jorge da Costa II. do nome: imprimio-se na Officina de Nicoláo de Saxonia aos 20 de Junho. Desta edição se lembra o nosso erudito D. Antonio Caetano de Sousa na sua obra *Expeditio Hispanica* (*b*).

---

po de Coimbra, eleito Arcebispo de Braga: outra em Leão de França em 1558 fol. em pergaminho, por mandado de D. Balthasar Limpo, na Officina de João de Borgonha, que se intitula *Livreiro d'ElRei de Portugal*, do qual ainda hoje usa a Igreja Bracarense (de que ha hum exemplar na Real Bibliotheca da Côrte).

(*a*) Typographia Espanhola Tom. I. pag. 298.

(*b*) Tom. I. Part. III. Sect. III. Assert. Liv. IV. §. I. pag. 763. n. 104. Elle a dá pela primeira, sendo realmente a segunda como já dissemos. Esta edição tambem foi desconheeida do erudito Theologo Pereira, quando trabalhava na Dissertação Critica Ms. sobre antigo, e moderno Calendario Bracarense, como já notámos a respeito da primeira. Vimos em tempos passados hum exemplar desta edição na Livraria do Doutor Gualter Antunes, Cidadão do Porto, de quem acima fallámos, mas não fizemos então os apontamentos necessarios para aqui darmos maior noticia della.

1498 Missal Bracarense.

Missale Bracarense.
Olisipone 1498.

Segunda edição, sahio da mesma Officina de Nicoláo de Saxonia, aonde se acabou de estampar aos 20 de Junho de 1498.

CAPITULO VI.

Das edições de Livros Portuguezes no Seculo XV.

FALLEMOS em ultimo lugar das edições de Livros Portuguezes daquelle seculo, posto que sejão mui poucas as de que podémos haver noticia.

A estas duas edições se seguírão depois outras, a saber: huma em Salamanca em 1508 na Officina de João de Porres, por ordem do Arcebispo D. Diogo de Sousa, a instancias do Synodo Bracarense desse mesmo anno; outra na mesma Cidade, e Officina por mandado do mesmo Arcebispo em pergaminho em 1511, outra (por não bastar a quantidade dos volumes, que se estampárão) em 1512, como escrevêrão D. Rodrigo da Cunha, e D. Jeronymo Contador d'Argote, mal arguidos pelo Theologo Pereira na sua Dissertação acima referida, como consta de hum Livro de Memorias antigas de Braga ms. huma em Braga em 1549 por João Alvares, e João Barreira em 8.° em letra Gothica, sendo Arcebispo D. Manoel de Sousa, de que se conserva hum exemplar na Livraria do Paço Archiepiscopal, e outro na Real Bibliotheca da Côrte, edição de que usárão os PP. Bollandistas, e Henrique Flores *na Espanha Sagrada*: huma em Leão em 1558, correcta, e augmentada pelo Arcebispo D. Balthasar Limpo; outra em Braga em 1634, e corrida por ordem do Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, em 4.°; e outra tambem em Braga em 1724, augmentada, e reformada pelo Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles 2. vol. 4.° (Real Bibliotheca da Côrte).

ARTIGO I.

Das edições, que tem certeza de anno, e de lugar.

Livro de Vita Christi Lisboa 1495 por Valentino de Moravia e Nicoláo de Saxonia. 4. Tom. fol. Ms. 1495 Livro de Vita Christi.

Demos particular informação desta obra por ser não só rara, mas huma das mais famosas, que produzio a Typographia Portugueza naquella idade. Foi este Livro escrito originalmente do Latim pelo Mestre Rudolfo de Saxonia, Prior do Mosteiro de Argentina, da Ordem da Cartuxa, com o titulo de *Meditações da Vida de Christo*, e foi traduzida em Linguagem por Fr. Bernardo de Alcobaça douto, e pio Monge Cisterciense, Abbade do Mosteiro de S. Paulo em 1445 (*a*). Elle entrou neste santo trabalho por mandado do Abbade de Alcobaça D. Estevão de Aguiar, e á instancia da Senhora Infanta D. Isabel, Duqueza de Coimbra, e Senhora de Montemór, que muito desejava vêr esta obra trasladada de Latim a Portuguez, havendo por ella a mesma affeição, que teve Fernando, e Isabel, para a mandarem traduzir em Castelhano por Fr. Ambrosio Montesino. Contém a vida de Christo segundo a ordem da Historia Evangelica, em que se expõe, e illustra o Sagrado Texto, com a explicação doutrinal nos lugares, que della necessitão, tirada dos Santos Doutores; rematando cada Capitulo com huma devota Oração, ou jaculatoria. Passados cincoenta annos im-

(*a*) Do proprio original, que se conserva no Mosteiro de Alcobaça, consta que Fr. Bernardo fora o Traductor, porque diz no fim: « Aques« te Libro mandou tresladar á honra de JHESUS Christo ao mui indigno, « e pobre de virtudes Fr. Bernardo Monge do Mosteiro de S. Paulo anno « de 1445. o Abbade D. Estevão de Aguiar, que mo mandou fazer: se « finou no anno do Senhor 1446. *Idibus Februarii en dia de Septua« gessima.*

primio-se esta traducção em quatro grandes tomos de folha.

O primeiro tomo tem no alto do frontespicio as armas Reaes de huma parte, e da outra as da Rainha D. Leonor, e por baixo o titulo seguinte:

A primeira parte do Livro de Vita Christi.

No reverso vem huma estampa com a Imagem de Christo Crucificado, e com as da Santa Virgem, e de S. João Evangelista, e por baixo huma tarja com varias figuras de joelhos, e assim vem nos outros tomos. Consta esta primeira parte de 61 Capitulos, nos quaes se contém a Historia de Jesu Christo, desde a sua geração, e nascimento até ao anno 31 de sua vida, e tem 186 folhas. Traz no principio huma Epistola Proemial, dirigida pelos Imprimidores ao Senhor Rei D. João II, e depois o Proemio, ou Prologo feito sobre todo o Livro por Ludolfo Carthusiano: segue-se a obra, que principia por esta rubrica geral:

Começase o Livro da Vida de JHESU Christo nom aquelle que se chama da mininice do Salvador o qual he apocriffo xv mas deste que compoz ho veneravel meestre Ludolfo prior do moesteyro mui honrado de Argentina da Ordem muy excellente da Cartuxa. Foe tirado e ordenado segundo ha ordem da estoria evangelical e entenção dos Sanctos doutores.

No fim da obra vem duas tarjas, huma que contém a divisa do Senhor Rei D. João II, que he hum Pelicano ferindo o peito para alimentar seus filhos, com a letra *pola Ley, e pola grey;* e outra com divisa, que não sabemos decifrar ao certo. Segue-se a subscripção seguinte:

Acaba-se o primeyro liuro intitullado de vida de Christo em linguagem portugues nom aquelle que se chama da mininice do Salvador ho qual he apogriffo xv di mas este que compoz ho uenerable meestre Ludolfo prior do moesteyro muy honrado de argentina da Ordem muy excellente da Cartuxa e foi tyrado segundo a ordem da hystoria euangelical. O qual mandou tresladar de Latym em lingoagem portuguez a muyto alta princessa infante dona ysabel duquessa de Coymbra e senhora de monte moor ao muy pobre de virtudes dom abbade do moesteyro de sam paulo. E foi corregido e reuisto com muyta diligencia por os reuerendos padres da Ordem de sam francisco de emxobregas de observancia chamados menores. E foi empresso em a muy nobre e sempre leal Cidade de Lisboa a principal dos regnos de portugal per os honrados meestres e parceyros Nicoláo de saxonia e Valentyno de moravia por mandado do muy yllustrissimo Senhor elRey dom Joham ho segundo e da muy esclarecida Raynha dona Lyanor sua molher A louuor e gloria de nosso Senhor Jhesu Christo nosso Deos e redemptor e da sua intemerada, e sempre Virgem madre gloriosa santa Maria em cujo nome e louuor ho dicto liuro foe e he composto, cujo louuor e gloria regne em seus fiees Christãos pera sempre amen. Em o anno do nascimento do dicto Salvador de mil e quatrocentos e noventa e cinco. aos 4 do mes de Agosto.

Consta de sessenta, e hum Capitulos.

Segue-se o segundo tomo, que tem no alto do rosto as mesmas armas que o primeiro, e este titulo:

A segunda parte do Liuro de Vita Christi.

Foi impresso no mesmo anno, reinando ainda o Senhor Rei D. João II, principia desta maneira:

Começase o Liuro segundo intitullado de Vida de Christo em lingoagem portuguez, em que tracta ho que fez o Senhor em ho tric,esimo segundo anno segundo se contém na hystoria euangelical.

Consta de 31 Capitulos, e 88 folhas, e termina quasi com a mesma subscripção, que a primeira parte, datando a impressão dos 14 dias de Agosto do mesmo anno. Tem depois a taboada das rubricas dos Capitulos, e no fim della as duas tarjas, que o primeiro tomo traz antes da subscripção:

Segue-se o terceiro tomo desta obra, que se intitula:

A terceira parte do Liuro de Vita Christi.

A qual principia por esta Rubrica geral:

Aqui se começa o liuro terceyro intitullado vida de Christo segundo a hystoria euangelical.

Consta de 50 Capitulos, e vem no fim do Livro a taboa das Rubricas de todos elles. Seguem-se depois as duas Tarjas de que já fizemos menção, e depois dellas a subscripção, que he quasi a mesma, que a dos dois primeiros Livros, e della consta que foi impressa no mesmo anno de 1495, a 20 dias de Novembro, reinando já o Senhor Rei D. Manoel; no fim de tudo vem a tarja do remate, e como se acha na primeira, e segunda parte; depois huma tarja com hum menino no meio, e logo a taboada das rubricas dos Capitulos.

Segue-se o quarto tomo, que tem por titulo:

A quarta parte do Liuro de Vita Christi.

Cuja rubrica geral he a seguinte:

Aqui se começão os Capitollos daquesta postumeyra parte do Liuro da Vida de Christo a qual falla da paixom do dicto nosso Senhor e Saluadoř e das cousas que se depois della seguirom.

Tem 39 Capitulos, e traz no fim a taboada das suas rubricas, seguem-se as duas tarjas, e depois a subscripção, que he quasi a mesma que as outras, e della se vê, que esta quarta parte se acabou de imprimir no mesmo anno de 1495, a 14 dias de Maio, e por conseguinte antes de se concluir a impressão da terceira; vem depois a tarja; que arremata o Livro á maneira dos outros. Ha hum exemplar desta obra na Real Bibliotheca da Côrte (*a*).

Fazem memoria desta edição Nicoláo Antonio na *Bibliotheca Hisp.* Fr. Manoel do Sepulchro na *Refeição Es-*

(*a*) Pag. 57. Sabemos de quatro exemplares, que existem nesta Cidade: o da Real Bibliotheca da Côrte, que foi da Livraria dos Clerigos Regulares da Divina Providencia; o da Bibliotheca do Convento de S. Francisco da Cidade, o do Real Mosteiro de S. Vicente de Fóra, que são os que temos visto, e examinado, e o do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marquez d'Alcrna. Fóra da Côrte sabemos tão sómente de quatro: o da Bibliotheca do Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo de Béja, o do Convento das Freiras de Arouca, o das de Lorvão, e o da Bibliotheca do Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, que só tem a 1.ª, 2.ª, e 4.ª parte desta obra em tres volumes. O original da traducção existe na Bibliotheca de Alcobaça, em pergaminho dividido em quatro partes, de que falla Barbosa, e o Indice dos Codigos Ms. daquella Bibliotheca, publicado em o anno de 1755, pag. 122, e 123, o qual he escrito parte pelo mesmo Fr. Bernardo de Alcobaça, e parte por Fr. Nicoláo Vieira.

piritual; Leitão nas *Memorias Chronologicas da Universidade*, Barbosa na *Bibliotheca Lusitana*, o Author das *Memorias do Ministerio do Pulpito*, *o Diccionario da Academia Real das Sciencias de Lisboa* no Catalogo dos Authores, Raimundo Diosdat *De prima Typopraphiae Hisp. aetate*, e Fr. Francisco Mendes (*a*).

1496 Historia do Emperador Vespasiano.

Estoria do mui nobre Vespasiano emperador de roma 1496. 1. vol. 4.º

He em caracter meio Gothico, mas elegante, e em papel muito encorpado, e forte. Esta obra foi producção dos prélos de Lisboa, e sahio da Officina de Valentino de Moravia. Consta de vinte e nove Capitulos, e nelles se tratão varios feitos do Emperador Vespasiano, e de seu filho Tito, e de outros a respeito da Religião Christã, do cerco de Jerusalem, e da morte de Archeláo, e de Pilatos: e traz em todos os Capitulos estampas allusivas a estes feitos.

No fim da obra vem esta subscripção:

Esta estoria ordenarom Jacob e Josep abaramatia que a todas estas cousas forom presentes e jafel per sua mão a escripveo. Donde roguemos a Deos, e aa virgem Maria e a todollos Santos e Santas de Deos que a noos guardem de todo mal e todo perygo. e pecado por tal que mereçamos todos seer guardados dos nossos imygos visiveis e nom visiveis: e do falso testemunho e hir á gloria cellestial amen.

E depois conclue com esta legenda:

Foy emprimida a presente estoria de muy no-

(*a*) Typogr. Esp. Tom. I. pag. 295, 298.

bre Vespasiano emperador de roma em a muy nobre e sempre leal Cidade de Lisboa per Valentino de Moravia a louuor de Deos e exalçamento de sua Santa ffe catholica na era de MillccccLxxxvi a xx dies do mes de abril.

Existe hum exemplar desta rarissima edição, que he unico, quanto sabemos, na Real Bibliotheca da Côrte, o qual foi da Livraria dos Clerigos Regulares da Divina Providencia; de huma nota ms., que vem no fim, consta, que elle fora de Paulo Heytor de Sousa, que o possuia em Agosto de 1563. Está mutilado porque lhe falta o rosto, os primeiros dois Capitulos, e parte do terceiro. Em nenhum Bibliografo, nem em outro algum Escritor encontramos memoria desta obra.

ARTIGO II.

Das edições, que não tem certeza de anno.

Bom Regimento do P. Raz.

Bom Regimento muito necessario para conservação de suas saudes e segurança das pestinencias feito por o Reverendissimo Senhor D. Raminto Bispo Arusiense do Reyno de Dacia e trasladada de Latim em lingoagem por o Reverendo Padre Fr. Luiz de Raz Mestre em Santa Theologia da Ordem de S. Francisco. Lisboa por Valentim de Morávia 1. vol. em 4.°

Não trâz nota de anno, consta porém que Fr. Luiz de Raz fora Provincial da sua Ordem em 1501, o que se não annuncia na obra, donde podémos conjecturar, que ella se publicou pelo fim do Seculo XV, tempo em que vemos figurar o seu Impressor Valentim de Moravia (*a*).

(*a*) Esta obra de Reminto parece ser a mesma, ou semelhante á

Faz della breve memoria Fr. Fernando da Soledade na sua Historia Serafica da Provincia de Portugal Part. IV. Liv. I. Cap. I. Barbosa na Bibliotheca Lusitana, e o erudito, e zeloso Author das Memorias do Pulpito (*a*).

Livro da Imitação de Christo.

O Livro da Imitação de Christo por Thomaz de Kempis tresladado em Portuguez. Leiria 1. vol. em 12.

Pômos aqui esta obra, posto que não pertença propriamente a este artigo (pois nos consta, que tem data do anno em que foi impressa) não podémos porém vêr esta edição, nem nos souberão informar da certeza de seu anno; sabemos só que foi estampada em Leiria, e no Seculo XV.

Itinerario do Conde D. Pedro.

Itinerario do Conde D. Pedro. Lisboa.

Tambem pômos neste lugar esta obra, de que não podémos haver maior noticia, que a que nos dá o Excellentissimo e Reverendissimo Senhor D. Fr. Manoel do Cenaculo, Bispo de Béja, na sua pia, e douta obra dos *Cuidados Litterarios*, que a faz impressa em Lisboa no Seculo XV. (*b*).

ARTIGO III.

Das edições, que não tem certeza de anno, nem de lugar.

Coplas do Infante D. Pedro.

Coplas do Infante D. Pedro.

Já dissemos no Cap. I., que estas obras forão impressas poucos annos depois da invenção da Typographia,

que se imprimio em Colonia em 1494 com o titulo = *Regimen sanitatis metrice conscriptum cum multis aphorismis, et tractatu quodam de regimine contra morbum epidemiæ* 4.°, que refere J. Henr. Leichio *De Orig. et Increm. Typogr. Lipsiens. in Suppl. Maittairiano* pag. 135.

(*a*) Nenhum exemplar podémos vêr desta obra, para darmos della maior noticia. Falta a Memoria deste Author na Bibliotheca Franciscana, impressa em Madrid em 1732 do Salmaticense Fr. João de Santo Antonio, quando era de esperar que não faltasse.

(*b*) Pag. 25.

e havia razão para julgar, que o forão em Portugal. Existia hum exemplar desta rarissima edição na preciosa Bibliotheca do Conde de Vimieiro, que se queimou com toda ella no incendio do Terremoto de Lisboa de 1755, e havia outro na Casa dos Senhores Duques de Lafões, Marquezes de Arronches, que fora da Livraria do Cardeal de Sousa (a).

Fallão della o mesmo Conde da Ericeira na conta, que deu á Academia Real da Historia Portugueza na conferencia de 23 de Agosto de 1724 (b), e José Soares da Silva nas *Memorias para a Historia de Portugal no Governo do Senhor Rei D. João I.*, e entre os estranhos João Henrique Leichio *De Orig. et Increm. Typog. Lipisien. in suppl. Maittairiano* (c), e Raimundo Diosdado *De prima Typografiæ Hispanicæ ætate specimen* (d).

Das Coplas, ou Oitavas do Infante sobre o desprezo do mundo fez o Hespanhol Antonio D'urrea huma edição com Commentarios dedicada a D. Affonso de Aragão, Administrador perpetuo do Arcebispado de Çaragoça, que sahio com este titulo: *Coplas fechas ay mil versos con sus glosas contenientes del menos precio e contempto de las cosas fermosas del mundo demonstrando la su vana beldad.*

He em folio, e em caracter Gothico, não tem anno de impressão; mas sendo esta obra dedicada a D. Affonso, ainda então Administrador do Arcebispado de Çaragoça, e constando, que elle só foi sagrado Arcebispo em 1478 fica provavel, que se imprimisse pelo menos no dito anno (e); e com effeito á margem do Prologo do exemplar, que temos visto, ha huma nota ms., que assinalla este mesmo anno; he certo, que o caracter a pon-

(a) Veja-se o que deixámos escrito no Cap. I.
(b) Tom. I. Liv. I. Cap. 72. pag. 395, e 396.
(c) Pag. 125.
(d) Pag. 98.
(e) Lamberto de Çaragoça no Tom. IV. do *Theatro Ecclesiastico Aragonense*, diz que elle tomára posse do Arcebispado em 1479.

tuação e o mesmo papel assaz indicão sua muita antiguidade.

Quanto ao lugar da impressão não podémos saber, em que parte se estampou esta obra. Consta este Livro de 124 Oitavas, commentadas a maior parte dellas por D'urrea. He rarissima esta edição, della falla Nicoláo Antonio na Antiga Bibliotheca Hispanica confessando, que nunca a vira (*a*).

A Real Bibliotheca da Côrte possue hoje hum exemplar, que foi da Livraria dos Clerigos Regulares da Divina Providencia, o qual pertencia ao Sabio D. José Barbosa, e foi o mesmo que vio e examinou seu Irmão o douto Abbade de Sever para o extracto, que delle fez na Bibliotheca Lusitana, e de que nós nos servimos para este. Esta edição parece ser diversa de outra, que vio Fr. Francisco Mendes, Augustiniano do Convento de S. Filippe el Real de Madrid, juntamente com hum Cancioneiro Espanhol, por quanto diversificão em algumas cousas do titulo, e do mais corpo da obra (*b*).

Aqui he lugar proprio de occupar huma duvida, que póde resultar do Prologo desta edição de D'urrea contra a existencia da primeira edição Portugueza das obras do Infante, de que temos fallado, e contra as provas, que della trouxemos no Cap. I. destas Memorias sobre a origem, e antiguidade de nossa Typographia; por quanto nelle se diz: *Trabajè en divulgar la presente obra que quasi stava scondida, la haziendo emprentar*: indicandose por este modo de fallar, que antes se não havia feito outra alguma edição daquellas coplas: com tudo não he difficil a qualquer soltar a duvida, que daqui nasce, se considerar o estado da impressão, e do commercio dos Li-

(*a*) Esta he a unica edição das Poesias do Infante, de que fez memoria o Abbade de Sever.

(*b*) Typogr. Esp. Tom. I. pag. 137. aonde se diz na nota, que quasi não duvida fora feita em Lisboa.

ros daquella idade; porque em tempo, em que a Arte Typographica começava de se estabelecer em Portugal; em que rão poucas as obras, e poucos os exemplares, que dellas e estampárão, e estreito e curto o giro do seu commercio exterior; podia muito bem acontecer, que D'urrea em hum paiz distante do nosso ignorasse a edição, que se tinha feito entre nós, ou por não terem ainda então entrado os seus exemplares nos Reinos de Castella, ou por elle os não ter ainda visto. De mais esta edição só he das Oitavas sobre o desprezo das cousas do mundo, e não de todas as outras poesias do Infante, e já póde ser que destas, e não daquellas fosse a edição primeira Portugueza.

Esta obra do Infante vem no Cancioneiro geral de Garcia de Rezende, impresso em Lisboa por Hermão de Campos em 1516, e tambem se achão no fim do Tomo IV. das *Memorias para a Historia de Portugal no Governo do Senhor Rei D. João I.* por José Soares da Silva. Fr. Francisco Mendes, de quem acima fallamos, possue hum tomo em fol. ms. desta obra, escrito no Seculo XV, papel grosso, e letra clara, e formosa, em que se contém 126 Oitavas (muitas dellas com sua glosa, como no impresso, ainda que com alguma pequena variedade) que fazem ao todo mil e oito versos: a estas Oitavas precede hum Proemio em prosa, que não tem o impresso, e occupa seis folhas: he dirigido ao Senhor Rei D. Affonso V. Depois das Oitavas vem hum discurso de despedida, e admoestações Christãas, que ao que parece fez o dito Rei á Senhora Infanta D. Joanna, estando para casar com ElRei D. Henrique de Castella.

Estas são as unicas obras do Seculo XV, de que podémos haver noticia; por certo que muitas outras se estamparião em nossos prélos, que não he de crer, que seus obreiros se limitassem a estas unicas producções de sua Arte, cruzando as mãos inutilmente para ficarem ociosos, e sem lucro no meio de suas dispendiosas Officinas. O tempo, e a curiosidade dos nossos as hirá porventura descobrindo; com o que não só se augmentaráõ as noticias de

nossa Historia Litteraria; mas tambem se dará maior extenção, e luz aos Annaes, ainda muito diminutos, da Typographia Portugueza. Se alguem achar estas nossas noticias muito apoucadas, já d'ante mão confessamos esta falta, que nem podémos, nem soubemos evitar.

Diremos tão sómente, que não he maravilha, que tão pouco saibamos de nossas primeiras e mais antigas edições, e que tão poucas appareção nestes tempos, pois que além de outras causas que para isto concorrerão, e que forão transcendentes a todas as edições daquelle seculo, he de crer, que algumas dellas se passárão para as nossas Colonias da Asia, e da Africa, como sabemos, que passárão em grande quantidade os exemplares das Traducções da *Vida de Christo* de Alcobaça, e da *Imitação de Christo* de Thomaz Kempis, para uso dos Indios convertidos; por onde derramando-se por tão remotos Climas e Regiões, facilmente se gastárão, e consumírão os exemplares.

Das duas antigas edições do Missal Bracarense de 1496, e de 1498, se sabe que dentro em sessenta annos, se consumírão e gastárão de maneira, que o Arcebispo D. Balthasar Limpo vendo muito poucos exemplares, e esses tão usados e gastados, entendeu que convinha fazer a nova edição de 1558 (*a*). De mais alguns dos nossos Livreiros, ignorando a preciosidade e estimação destas primeiras edições; maltratárão a muitos dos antigos exemplares, que achavão, formando de seus pergaminhos, e das folhas, que erão pelo commum de papel encorpado e forte, as capas e guardas dos nossos Livros, que encadernavão, de que ainda hoje se achão vestigios em encadernações dos Seculos XVI, e XVII, as quaes se vem guarnecidas de perga-

---

(*a*) *Etenim inter ea quibus ut magis necessariis opportunius occurrendum fuit, reperimus verus quoddam volumen (quod Missale adpellant) corruptum illud certe vetustate, et siqua extabant erant pauca illa quidem et inveterata et adeo legentium manibus attrita deletaque, ut pluribus in locis extinctarum jam pene dictionum vestigia solummodo remanerent.* Pastoral que vem no principio do Missal.

minho, e empastadas de folhas de Livros impressos, que pelo seu caracter assaz mostrão haverem sido de huma veneravel antiguidade.

Não era com tudo de esperar, que naquella idade se imprimisse grande numero de Livros nossos, maiormente em Lingoagem; porque sabido he, que as edições daquelles tempos em Lingoas vulgares, em todos os paizes forão poucas: a Lingoa Latina era a que então levava os olhos de todos apôz si como a unica, que caracterizava e distinguia o homem sabio; e seus Livros erão consequentemente os que mais se procuravão; que por isso mesmo que davão esperanças de maior consumo, e lucro, occupavão mais que os outros os trabalhos das Officinas Typographicas.

CAPITULO VII.

De algumas edições a que se não deu lugar nestas Memorias.

RESERVAMOS para este lugar fazer memoria de alguns Livros, os quaes porventura poderia alguem haver por obras da Typographia Portugueza, não o sendo, ou não havendo razão bastante para as dar como taes: nesta conta entrão as seguintes.

Peregrina Glossa Bonifaciana a compilatore Bonifacio Lusitano Ulysiponensi, sive juris legum conclusionemque glossarum ab ipso Bonifacio 1497. fol. He obra do nosso Jurisconsulto Bonifacio Garcez, Lisbonense, Ouvidor da Serenissima Rainha de Castella D. Joanna, Filha do Senhor Rei D. Duarte, casada com Henrique IV, de que havia hum exemplar na Livraria do Cardeal de Sousa. Foi impressa fóra de Portugal, e em Castella, aonde esteve seu Author quando acompanhou aquella Princeza, nos tempos em que se foi despozar com Henrique IV; por quanto da subscripção, e fim da obra se vê, que foi impressa por ordem, e á custa de Lazaro de Gazanis, e pelos Impressores Glosa Bonifaciana.

Meinardo Vngut, Alemão, e Estanisláo de Polonia, Socios, e de nenhum destes consta, que estivesse jámais em Portugal (*a*).

Historia de Isea. *Historia dos trabalhos do sem ventura Isea natural da cidade de Epheso, e dos Amores de Clarco, e Florisea, com Real Privilegio.* 1. vol. em 12., sem anno, nem lugar da impressão. He em caracter Gothico, e mostra ser edição do Seculo XV. Tem hum exemplar desta rarissima obra a escolhida Bibliotheca do Illustrissimo e Excellentissimo Luiz Pinto de Sousa Coutinho, Ministro, e Secretario de Estado dos Negocios do Reino: parece-nos obra da Typographia Portugueza, porém não podémos haver disso maior informação, que nos confirmasse neste juizo: assim não ousamos classificalla entre as nossas producções Typographicas.

Commentarios de Affonso de Albuquerque. *Affonsi de Albuquerque Commentaria in Parva Naturalia Aristotelis* 1498. fol. Fazem lembrança desta obra Maittaire nos Annaes Typographicos (*b*), Thuano na Bibliotheca (*c*), e o nosso Barbosa na Bibliotheca Lusitana (*d*). Não nos attrevemos a affirmar, que fora Portuguez, bem que o pareça por seu appellido, como pareceu a Barbosa, em quanto se não mostrar com maiores fundamentos a sua naturalidade Portugueza, e menos ainda, que Portugal foi o lugar da edição desta obra.

Evangelhos, e Epistolas de Gonçalo de S. Maria. *Gonçalo Garcia de S. Maria: Evangelhos, e Epistolas do Anno, traduzidas em Castelhano* (*e*). Esta obra foi impressa em 1485 a 20 de Fevereiro, não em Portugal, mas em Çaragoça por Paulo Hurus de Constancia, como

(*a*) De Raymundo Diosdado: *De Prima Typographiæ Hispanicæ ætate* pag. 66, e de Fr. Francisco Mendes na *Typogr. Hespanh.* Tom. I. pag. 210, e 222, consta que forão Impressores em Sevilha, e em Granada, e delles ha na Real Bibliotheca da Côrte a obra de Synonymis de Affonso Palentino, impressa em Sevilha em 1491.

(*b*) Tom. I. pag. 680.

(*c*) Tom. II. pag. 23.

(*d*) Tom. II. pag. 394. col. V.

(*e*) São escritas em Castelhano, e não em Portuguez.

se vê das noticias, que deu desta obra o erudito Academico Francisco Leitão Ferreira em as Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra (*a*), as quaes seguio o mesmo Barbosa, reformando no tomo quarto, o que havia escrito no segundo (*b*), e das que deu ha poucos annos Fr. Francisco Mendes na Typographia Hespanhola (*c*).

CAPITULO VIII.

Do Merecimento Typographico das edições de Portugal no Seculo XV.

SEGUNDO o que observamos em algumas destas edições, e o que de outras nos referem os que as virão e registárão, em todas ellas se notão as mesmas imperfeições e defeitos, que erão transcendentes em quasi todas as que se fizerão naquella idade em diversas partes da Europa; porque huma Arte, que acabava de sahir do berço, não se podia desembrulhar de todo das mantilhas em que nascêra; e crescer e chegar ao cume de sua alteza e perfeição em poucos annos; com tudo em suas obras ha muitas bondades relativamente áquelle seculo, em que os começos de huma Arte nascente não promettião maiores apuramentos e primores; e certo que se vem nellas alguns donaires, e gentilezas, que ainda hoje não tem envelhecido, porque podem emparelhar com as edições modernas mais perfeitas, e acabadas.

(*a*) Pag. 550 §. 1176.

(*b*) Pag. 152. Nós reformamos tambem aqui o que escrevemos de passagem em outra obra, guiados pelas noticias do 2.° Tomo da Bibliotheca Lusitana de Barbosa, sem ter consultado ainda então nem a sua correcção no 4.° Tomo; nem as Memorias de Leitão.

(*c*) Tom. I. pag. 131.

Papel. O papel pelo commum he muito lizo, igual, corpulento, e bem batido, o que o faz ser de huma forte consistencia; em algumas obras he assaz branco, como na edição da Vida de Christo, n'outras um pouco trigueiro e basso, como na da vida do Emperador Vespaziano, e no Almanach de Zacuto: a marca não he sempre a mesma em huma obra, como se observa no mesmo Almanach, aonde ha diversas marcas, sendo a mais frequente de huma como torre, ou gurita de que sahe huma estrella: algumas obras não tem marca, como se vê entre outras na edição da Vida do Emperador Vespaziano.

Marca.

Tinta. A tinta he sempre muito preta e luzidia, e corre por toda a parte igual e solida. Usavão em algumas obras de imprimir de encarnado os titulos e summarios, as letras iniciaes das Orações, e outras partes, como se vê no Breviario Bracarense de 1492.

Caracter nas edições Latinas, e Portuguezas. O caracter no tocante ás edições Latinas, e Portuguezas, em algumas he rude e informe, a que vulgarmente se chama Gothico, formado das depravadas letras unciaes dos Romanos, e muito usado em nossa Espanha, e semelhante ao que havião introduzido os primeiros Impressores de Strasbourg, de que geralmente usárão os Francezes, e Alemães, de que póde ser bom exemplo o mesmo Breviario Bracarense; em outras he meio Gothico, ou entre o Romano, e o Gothico, isto he arredondado desempedido e elegante, á maneira do que havião appresentado os primeiros Discipulos de Fausto, e de Schoiffer, de que he hum bom exemplo o Almanach de Zacuto, e ambos estes generos de caracter tanto reinárão nas nossas Officinas, que continuárão ainda muito depois até o meio do Seculo XVI. Em algumas obras he o caracter grado, como na edição da Vida de Christo de Alcobaça, em outras miudo, como se observa no caracter da Leitura, ou texto de Zacuto, e algumas vezes minutissimo, como o do algarismo de suas Taboas. Em todas as edições que vimos, a fórma do caracter he sempre de hum mechanismo regular, e a lineação igual, e recta, mostrando suas li-

nhas bem assentadas, sem aquellas pequenas desigualdades, que apparecem em muitas das primeiras edições de fóra.

Pelo commum todas as iniciaes dos Capitulos, e dos Summarios são letras maiusculas, algumas vezes tambem o são as de cada Oração, ou periodo, que faz ponto; fóra disto ha poucas maiusculas, e ainda nos nomes proprios. Algumas vezes faltão letras capitaes, porque em lugar dellas se deixava espaço em branco para serem feitas de penna, e illuminadas da mesma sorte, que se praticava no adorno dos antigos Ms. em pergaminho.

Maneira de escripturação.

A escripturação não tem divizão de periodos, nem de paragrafos; tem bastantes abbreviaturas adoptadas dos mesmos Mss.; o *v* consoante pelo commum só se usa no principio da palavra, no mais quasi sempre se põe o *u* vogal, ou a letra seja vogal, ou consoante; não se usa de *e* diphthongo, ou diphthongos unidos; não ha accentos sobre as palavras agudas, nem apostrofos.

Pontuação.

Toda a pontuação se reduz ao ponto final, ou a dois pontos, não se achando nem virgulas, nem pontos de admiração, ou interrogação, e o ponto não he redondo na fórma, que actualmente usamos, mas quadrado obliquo ou á maneira de hum rombo, ou de cruz: com elle se arremata o fecho de qualquer sentido da oração. Sobre o *i* não se põe o nosso ponto, mas a pequena cedilha, ʾ e as hasteas com que no fim da regra se denota muitas vezes não estar acabada a palavra, são duas linhas, ou riscos paralellos de alto abaixo inclinados: não ha reclamos da ultima palavra, que denote a seguinte: as folhas não estão assignadas com numeros, nem ha em baixo o registro tão necessario para se reconhecer a integridade do Livro; o que tudo he ordinario nas edições daquelle seculo.

Caracter nas edições Hebraicas.

Quanto ás edições Hebraicas, o caracter Rabbinico, humas vezes he inflexo á maneira do que usavão os Judeos Orientaes; outras vezes quadrado com pontos, e accentos, e ora maior, ora menor, como se acha na obra *Sefer-Orach Chaiim*. A lineação he igual e direita, conservando sempre

muita regularidade, e formosura, e mostrando serem obras trabalhadas em matrizes muito perfeitas. Quasi todos os Livros Hebraicos são estampados em duas columnas, da maneira que se vê no Livro *Seder Tefilod*, *ou ordem das Preces*: as letras capitaes das Secções, Capitulos, e Orações são maiusculas, e quadradas, como se observa entre outros no mesmo Livro *Seder Tefilod*.

Correcção. No tocante á correcção, as impressões dos Livros Latinos, e Portuguezes não tem muito apuramento e exacção; nesta parte passão por optimas, e dignas de todos os elogios as edições Hebraicas, em cuja correcção se entendeu sempre com muito cuidado e vigilancia; dá boa prova disto entre outras obras o Pentatheuco Olisiponense de 1491, que tanto os Judeos a houverão por correctissima, que mandavão, que seus impressores a ella recorressem nas novas edições, que houvessem de fazer, e ainda hoje lhe dão a primeira entre as antigas, como a dão entre as modernas ás duas Lombroziana, e Norziana de Amsterdam.

CAPITULO IX.

Do ornato das edições do Seculo XV. em Portugal.

Estamparia de Gravadura. DIGAMOS alguma cousa do ornato da Chalcographia, que naquelles tempos se unio á Arte Typographica para mais afformosear os Livros; os nossos Impressores á imitação dos estranhos usárão em algumas edições de pôr enfeites e ornatos de portadas, tarjas, e divizas, e tambem estamparia de figuras, que erão como as galas da Typographia, com que se ella enfeitava em suas obras.

Mas cumpre confessar, que tanto o ornato, como a figuraria era obra geralmente grosseira e rude, sendo tuda aberto e talhado em pranchas de madeira, e gravado pelo commum de simplices traços: a Escultura, e a

Gravadura não tinha ainda então feito progressos entre nós, e como se desconhecia inteiramente a perfeição do Desenho, não podião estas Artes apresentar-nos Figuristas, e Ornatistas de maior apuramento, e correcção; quanto mais que as obras elegantes, e polidas da Entalhadura, ou Gravadura, erão dispendiosas para se poderem adoptar nas Impressões dos Livros. Todos os ornamentos pois são toscos, e mal lançados, as figuras desanimadas, e vazias, como tiradas a hum só, ou a poucos perfis de contorno, mostrando bem a falta de Desenho, que então havia, e quanto era ainda vacillante, e muito pouco destra, e assentada a mão de seus artifices.

As edições Hebraicas trazem alguns adornos deste genero, como se acha nas duas Lisbonenses do Pentatheüco de 1489, e de 1491, em que se vê no principio representação de varios animaes. Ha edições de Livros Portuguezes, que tambem se apresentão com seus enfeites de Gravadura. A obra de *Vita Christi* traz no alto da primeira folha de cada um dos quatro tomos as Armas Reaes, as da Rainha D. Leonor, varios floreios nas letras iniciaes do titulo, no reverso a Imagem de Christo Crucificado, com dois Anjos recebendo em vasos o sangue, que lhe corre das mãos, e de hum lado a Santa Virgem, e do outro o Evangelista, huma tarja por baixo com oito figuras orando de joelhos; a segunda folha de cada Livro he afformoseada com hum floreio em orla, que serve como de tarja, ou de portada á primeira pagina da obra; vem no fim de cada Livro, ou tomo, duas tarjas, huma com hum Pelicano ferindo o peito para alimentar com o proprio sangue a seus filhinhos, e com a letra *Pela Lei, e pela Grei*, diviza do Senhor Rei D. João II, e outra com differente diviza, que não sabemos decifrar, e no cabo de tudo outra tarja, com hum menino no meio tendo hum Escudo pendente de cada mão. O Livro da Vida do Emperador Vespasiano apresenta estampas em todos os Capitulos alusivas aos feitos, que alli se narrão, e no fim a esfera, que depois se usou muito em edições do seculo seguinte.

Pintura, e Illuminação.

Usavão ainda de outro adorno, que os Arabes havião introduzido em nossa Hespanha, e foi adoptado em muitas partes da Europa, qual era ornar os livros com enlace, e variedade de côres. Dantes era isto mui frequente nos Codigos Ms. em pergaminho, em que se ostentavão com huma extrema delicadeza os primores da Caligrafia dos Arabes, pintando-se de miniatura, ou illuminando-se os titulos, as letras capitaes, as figuras, e os floreios, e ornatos das portadas, e tarjas dos Livros com diversidade de vivas, e engraçadas côres. Dos Codigos Ms. passou este uso aos impressores, e posto que os nossos não curassem muito d'isto, todavia usárão algumas vezes de estampar, pintar, ou illuminar de encarnado algumas partes de seus Livros.

Pelo que pertence ás edições Hebraicas, vimos isto practicado no Livro intitulado *Avudrahan Seder Tefilod*, que traz vistoso titulo com seus enfeites, e realces de pintura. Quanto ás edições de Livros Portuguezes póde servir de exemplo o Livro da *Vida de Christo*, em que não só os Summarios dos Proemios, mas tambem os dos Capitulos, e quasi todas as suas letras iniciaes, e as das Orações, ou jaculatorias, que vem no fim de cada um delles, são feitas de encarnado com todos os seus ornatos, e floreios.

CAPITULO X.

Das Divisas, ou Marcas, e Cifras dos Impressores do Seculo XV. em Portugal.

SOBRE as Divisas, Emblemas, ou Marcas, e Cifras dos Impressores, pouco temos que notar nos Livros daquelle seculo; era naquelles tempos estylo mui corrente em outras partes marcarem os Impressores, os que estampavão, com suas Insignias, e Emprezas Typographicas, ou com Marcas em Cifra, em Letra, ou em figura, como vêmos na maior parte de suas obras, o que de mui-

to póde servir para verificar as edições legitimas, e verdadeiras, e extremallas das suppostas, e contrafeitas (a). E estas Divisas, e Marcas, ou erão originaes dos Impressores, isto he, de sua propria invenção, ou herdadas, ou tambem adoptadas das mesmas Officinas, que compravão.

Os nossos não deixárão alguma vez de os imitar, usando tambem de seus enfeites, e ornamentos. Assim o vêmos no fim do 1.º, 3.º, e 4.º Livro de *Vita Christi*, aonde vem a empreza dos dois parceiros Nicoláo de Saxonia, e Valentim de Moravia, que consiste em huma tarja de figura paralellogramma, que tem no alto as duas iniciaes *N.* e *V.* cada uma de seu lado, que denotão os nomes de Nicoláo, e de Valentim, e hum menino no meio, com seu escudo pendente em cada mão, que já vem prezo do alto por fitas, ou cordões em varias voltas, e rodeios, e por fóra da tarja em circumferencia pelos quatro lados a letra *Ne projicias me in tempore senectutis cum defecerit virtus mea, ne derelinquas me. Adjuva nos Deus salutaris noster.*

Na edição da Vida do Emperador Vespasiano, não usa Valentim de Moravia da mesma Divisa; mas de huma particular, pondo nella por empreza hum Leão Coroado, e levantado sobre os pés, com hum escudo nas mãos, e huma Cedula no peito, que tem no meio a letra inicial de seu nome; e huma Cruz com bandeira, ou fita enlcada, que sahe do angulo da letra com esta legenda em roda pelos quatro lados da Cedula: *Secundum multitudinem dolorum meorum in corde meo consolationes tuæ lætificaverunt animam meam, et factus est mihi Dominus in refugium* (b). No Almanach de Zacuto achamos

(a) Veja-se Orlando *Orig.*, *e Progr. da Estamparia* 228, e Friderico Roth. Scholtz *Thesaurus Symbolorum ac Emblematum Bibliopolarum, et Typographorum* 1730.

(b) Na Glosa sobre as Coplas de Jorge Manrique impressa por elle em Lisboa 1501 ha no fim esta Divisa; mas com alguma differença, de que daremos conta nas Memorias do Seculo XVI.

depois da Subscripção, humas armas ou sello, mas he de José Vizinho, Traductor dos Canones Hebraicos, que ali têm o seu nome, não do Mestre Ortas, que foi o Impressor daquella obra. E eisaqui o que soubemos dizer das origens, e progressos de nossa Typographia no Seculo XV.

MEMORIA

Para a Historia da Typographia Portugueza do Seculo XVI.

Por Antonio Ribeiro dos Santos.

CAPITULO I.

Das tres Classes de Typographia em Portugal.

Houve entre nós no Seculo XVI. tres Classes de Typographia a saber, de Livros em vulgar, de Livros Latinos, e de Livros Gregos. E pelo que pertence á primeira, he certo, que tendo ella começado no Seculo XV. com muito ardor, e luzimento, continuou de fazer grandes progressos no Seculo XVI, accendendo-se cada vez mais entre os nossos o desejo de escrever na propria Lingua; exemplo que nos davão Italia, e Castella, que cuidavão então muito de enriquecer, e apurar o seu Romance com os doutos escriptos, que imprimião. Com effeito nós vimos então apparecer á porfia illustres Historiadores, Oradores, Poetas, e Filologos empregando nos estudos de nossa Lingua seus trabalhos, e disvellos, e dando com as muitas obras, que então nella compozerão, uteis e honrosas fadigas á Typographia Portugueza. Typographia Portugueza.

A Typographia Latina continuou tambem entre nós neste Seculo, e nos seguintes em Lisboa, Braga, e Evora; e de novo se estabeleceo nas Cidades do Porto e de Coimbra; e andou volante por algumas Villas deste Reino de que adiante faremos memoria: os estudos de Latinidade que se accendêrão naquelles tempos com mais fervor, do que nunca, e em que tivemos Escritores Latinos tão polidos, Typographia Latina.

que emparelhárão com os melhores das Nações estranhas, dérão occasião a muitas producções da nossa Typographia Latina, que ainda hoje attestão com grande credito do nosso nome os progressos, que então fizemos na Litteratura, e no gosto.

Typographia Grega

Quanto á Typographia Grega entrou esta de novo em Portugal, occupando o lugar, que nelle deixára a Typographia Hebraica, que havia espirado com o mesmo Seculo XV. pelos motivos, que já tocámos no Ensayo, ou Memoria para a Historia da Typographia Portugueza do Seculo XV. Alguns Estrangeiros, e muitos tambem dos nossos, que havião bebido o gosto da Lingua Grega, propagárão felizmente o amor a taes estudos neste Reino; dandose á Litteratura Grega quasi com o mesmo ardor, com que se havião lançado á Litteratura Romana.

Entre outros muitos se esmerarão João Rodrigues de Sá e Menezes, que commentava Homero, e Pindaro; Francisco de Sá de Miranda, que traduzia o mesmo Homero; Antonio Ferreira, que lia, e imitava a Anacreonte, a Moscho, e a Theocrito; M.[e] Rezende, que restituia as obras todas de Anacreonte; Ambrozio Nunes que esclarecia os Aforismos de Hipocrates; Francisco Giraldes e Jeronimo Lopes, que lião pelos originaes de Galeno; João Rodrigues de Castello Branco, que illustrava o texto Grego da Dioscorides; Jorge Coelho a quem devemos a versão Latina da Deosa Syria de Luciano; D. Fr. Antonio de Souza, Bispo de Vizeu, que trasladava o Filosofo Epitecto; Antonio Luiz, que nas Aulas explicava Aristoteles, e Galeno pelo texto Grego: e traduzia a este ultimo, e os commentarios de S. Cyrillo a Isaias; e Cypriano Soares, Diogo Fernandes, Francisco Martins, Cosme de Magalhães, e Luiz da Cruz, Sabios Jezuitas, e Mestres do Collegio das Artes de Coimbra, que compunhão em Grego varias obras de muito preço (*a*).

(*a*) Estes Padres erão mui sabedores da Lingua Grega, de que ainda nos ficárão illustres documentos nas suas composições, que existem em hum precioso Codigo Ms. que ha na Real Bibliotheca de

Os dois Portuguezes Pedro Henriques, e Gonçalo Alvares, que em 1528 vierão de París para ensinar o Grego, e Vicente Fabricio, Jorge Buchanam, e depois delle o Flamengo Clenardo, Mestre desta Lingua, forão dos que mais a propagárão nas Escolas de Coimbra; tanto progresso se havia feito nestes estudos, que já quando Clenardo ali chegou se espantou do seu adiantamento, parecendo-lhe aquella Cidade outra Athenas: *(a)* o que tudo concorria para que alguns prélos se provessem de caracteres Gregos, e se fossem animando pouco a pouco os estabelecimentos da Typographia Grega.

Não nos consta em que anno se introduzio entre nós; sabemos porém, que já em 1534 se achava com assento, e domicilio no Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, então luzida Escola de Litteratura Portugueza; *(b)* e foi esta a primeira de caracteres Gregos quanto parece, que se estabeleceo em Portugal. Contribuio muito para ella o doutissimo Vicente Fabricio, que ali primeiro ensinou o Grego; brilhante luzeiro, que espalhava luz por toda a parte, e accendia amor a taes estudos.

Em verdade tão adiantada a achou Clenardo que escrevia, e aconselhava a seu amigo Vasêo, que se queria ter provimento de Livros Gregos, se houvesse com Vicente Fabricio; que daquella Officina lhos poderia mandar commodamente, e com isso se animarião os Conegos Regulares a imprimir nella muitas obras *(c)*. Desta Of-

---

Lisboa, em que se contém diversas obras Latinas em prosa e verso de excellente gosto; alli vem em Grego entre outros escritos, Epitafios do Padre Cypriano Soares; Epigrammas dos Padres Diogo Fernandes, Francisco Martins, e Cosme de Magalhães, e Poesias Lyricas do Padre Luiz da Cruz.

(*a*) Clenardo na Epistola *ad Christianos* lib. II. pag. 252. *Nec judicium ferre possum nisi de auditorio Græco, quod me novo miraculo reddidit attonitum.*

(*b*) *Est Conimbræ apud Lusitanos jam prælum, non solum Latinarum, sed etiam Græcorum Litterarum . . . Ii enim (Monachi) et scholas, et prælum instituerunt!* Epist, lib. II. a Vaseo pag. 154.

(*c*) *Vide num Consilium aliquod reperire possis ut inde semper Græ-*

ficina sahio entre outras em 1534 a edição de Boecio de *Divisionibus et Definitionibus*: em 4.° em que já vem alguns lugares de caracteres Gregos perfeitamente trabalhados, que mostrão bem, quanto florecião aquelles prélos.

A outra Officina que tratou as letras Gregas, foi a da Universidade, transferida de Lisboa para Coimbra: presidia nella João Barreira, grande nome entre os nossos Impressores daquella idade: foi ella logo em seu começo provida de caracteres Gregos, de que já fez prova em 1549 na edição, que deo do Indice das Chiliadas de Erasmo, por Vasco, Mestre de Latim, e na Oração, que imprimio de Pedro Fernandes *In doctrinarum Scientiarum que commendationem* em 1550, que traz muitas passagens Gregas.

Continuavão ainda os typos Gregos desta Officina por 1583 no tempo de Antonio de Mariz, outro insigne Impressor daquelle Seculo; e della sahio entre outras obras a pequena Collecção de algumas peças Gregas para uso das Escolas Jesuiticas de Coimbra com o titulo = *Aliquot opuscula Græca ex variis Auctoribus discrepta* = Nesta Collecção vem no Texto original a Oração da paz, a Oração á Epistola de Filippe, e a outra da Prefectura Naval de Demosthenes: o Idyllio IV. de Theocrito, intitulado *Battos e Corydon*, menos os ultimos seis versos, e o VIII. de Daphnis, e Meulcos; as Exequias de Bion de Moscho; a obra moral de Pythagoras, ou de seus Discipulos, chamada *Versos de ouro*; os Hymnos de Homero a Venus, a Dama, a Pallas, á Madre Terra, e ao Sol: os Dialogos Maritimos do Cyclope, e Neptuno, os de Meneláo, e Protheo, o de Panopes, e Galenes, o de Neptuno, e Delphim: de Iris, e Neptuno, e do Xantho, e Mar de Luciano: varios Eprigrammas Gregos dos Antigos,

---

corum librorum justum consequaris, id quod facile fiet, si cum Vincentio Fabricio per epistolas aliquid conturclis, qui illic Græcè docet. Epistol. supra.

escolhidos dentre os mais elegantes, os quaes vem no Texto Grego, e com a Traducção Latina de Alciato, Policiano, Ausonio, Moro, Geraldo Lilio, Luscino, Ursino, João Sleidano, Marulo, Volaterrano, e outros; e as Fabulas de Esopo em Grego, e com traducção Latina 8.° (ha hum exemplar na Real Bibliotheca de Lisboa e temos outro).

Desta mesma Officina se publicou por Antonio de Maris a Obra Grammatical intitulada = *Græcæ Nominum ac Verborum Inflectiones in usum Tyronum Conimbricæ.* Conimbricæ 1594. 1. vol. 8.°, de que tambem ha hum exemplar na Real Bibliotheca de Lisboa.

A terceira Officina de Coimbra, aonde se tratavão as Letras Gregas, foi a do Collegio dos Jesuitas. Estes Padres havendo recorrido a principio á Typographia Academica para imprimir a pequena Collecção de Peças Gregas, de que acima fallamos, e outros Livros mais; julgárão conveniente collocar no Collegio das Artes huma Officina propria, em que podessem estampar com maior commodidade as suas obras. O Magisterio que elles então exercitavão da Lingua Grega, nas Aulas das Humanidades, fazia necessario o uso deste genero de Typographia; e os Padres Cypriano Soares, Diogo Fernandes, Francisco Martins, Luiz da Cruz, Cosme de Magalhães, e outros mais de que tambem acima fallamos, que naquelle Collegio se derão com grande esmero aos estudos da Lingua Grega, contribuirão muito para fomentar naquelles tempos os progressos desta Officina (*a*).

Em Lisboa houve tambem prélos de caracteres Gregos: com elles se distinguia muito a Officina de Simão Lopes, em que além de outras, se estamparão em 1595 as Instituições da Lingua Grega de Clenardo em 12.° (Real Bibliotheca de Lisboa.) Ainda no Seculo XVI. subsistia em

(*a*) Della sahirão depois entre outras as edições da Grammatica Grega de Nicoláo Clenardo para uso das suas Escolas; quaes forão as de 1608, e no Seculo passado as de 1712, e de 1729 (de que ha exemplares na Real Bibliotheca de Lisboa).

Lisboa a Typographia Grega, que conservava Pedro Craasbeeck, Impressor mui conhecido entre nós; na qual se reimprimirão as mesmas Instituições da Lingua Grega de Clenardo.

Com tudo devemos confessar, que sem embargo dos cuidados que houve naquelles tempos, de firmar, e promover a Typographia Grega; esta plantação não medrou muito entre nós, vindo por fim a esmorecer, e quasi a acabar de todo nos fins daquelle Seculo com grande detrimento dos estudos da Nação.

CAPITULO II.

Das Cidades, Villas, e Lugares de Portugal, e de suas Colonias, em que houve Typographia no Seculo XVI. por ordem alfabetica.

PASSEMOS a fazer por ordem alfabetica particular memoria dos Lugares do Reino, e das Colonias, aonde houve Typographias, ou fixas, ou volantes, no Seculo XVI, apontando de cada hum delles por ordem Chronologica tão sómente as edições que, ou são mais raras, ou de maior merecimento, e estimação principalmente de livros Portuguezes; porque não nos propomos fazer annaes de todas as que se publicárão, por nem ser de nosso assumpto, nem termos todas as noticias competentes para isso.

Alcobaça.

Em Alcobaça houve por algum tempo huma Officina Typographica, a qual teve seu assento no Real Mosteiro dos Cistercienses. Nella se estampou a *Primeira parte da Monarchia Lusitana, por Alexandre de Sequeira, e Antonio Alvares* em 1597. fol. edição muito estimada; e no mesmo anno a *Geografia da Antiga Lusitania*, por Antonio Alvares, fol.

Almeirim.

Almeirim foi outra Villa, que se honrou por algum tempo com hum prélo portatil, que alli levou Herman, ou Germão de Campos; delle sahio em 1516 a Edição da *Regra, Estatutos, e Definições da Ordem de Aviz.* 1. vol. fol. (Bibliotheca Hasseana) e nelle se começou a imprimir o *Cancioneiro de Garcia de Rezende*, que depois se acabou de estampar em Lisboa em 1515. 1. vol. fol. pelo mesmo Germão de Campos. (Real Bibliotheca de Lisboa, e a da Real Casa de Nossa Senhora das Necessidades, e a Hasseana).

Em 1580 houve outro prélo portatil em Almeirim, em que se imprimio a *Allegação de Direito na Causa da successão destes Reinos por parte da Senhora D. Catharina, por Felix Teixeira, e Affonso de Lucena.* 1. vol. fol. He obra de muita estimação (Real Bibliotheca de Lisboa, e Hasseana e a nossa). Não sabemos se esta obra he differente da outra que não podémos ainda achar, que com o mesmo titulo, e com a mesma nota da era, do lugar, e dos Impressores se diz fôra composta pelos Doutores Antonio Vaz Cabaço, Lente de Leys, e Luiz Corrêa, Lente do Decreto.

Amacusa.

Veja-se verb. *Japão.*

Braga.

No Seculo XVI. continuou na Cidade de Braga o exercicio da Arte Typographica, que nella havia entrado no Seculo XV., como dissemos em seu lugar: os principaes Impressores, que alli a exercitárão, forão João Barreira, João Alvares, Antonio de Mariz, e João Beltrão: dos prélos Bracarenses sahirão entre outras as seguintes obras, que bem merecem, que aqui se faça dellas especial memoria, a saber: em 1538 *Nicolai Clenardi Institutiones Grammati-*

cæ Latinæ sumptibus Gulielmi à Trajecto 1. vol. 8.° gothico (Real Bibliotheca de Lisboa) = 1539 *O Sacramental de Clemente Sanches de Vercial, traduzido do Castelhano em Portuguez*, por ordem do Senhor Cardeal Rey, então Infante, e Arcebispo de Braga, de que falla D. Nicoláo Antonio, D. Rodrigo da Cunha, e Antonio de Souza de Macedo; de que havia hum exemplar na Livraria de Ignacio de Carvalho e Souza, Academico da Academia Real da Historia Portugueza. = 1549 *Breviario Bracarense*, reformado por ordem do Arcebispo D. Manoel de Souza, na Officina de João Alvares, e de João Barreira, em gothico. = 1561 *Grammatica Latina* de Despauterio; e *Cartilha* de Marcos Jorge, que foi a primeira obra estampada da composição dos Jesuitas neste Reino, como escreve Telles (*a*). = 1562 *Manual conforme a Ordem da Igreja Bracarense*, por mandado do Arcebispo D. Bartholomeu dos Martyres, na Officina de Antonio de Mariz. = 1564 *Catecismo, ou Doutrina Christã*, de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, na mesma Officina. = 1565 *Summa Caetana tresladada em Portuguez* de Fr. Diogo do Rosario por Mariz 8.° = 1568 *Cartilha que ensina a lêr*; em que vem o Symbolo, e o modo de ajudar á Missa em Latim, e algumas Orações em Portuguez, em proza, e verso, com uma solfa de cantiga, para fixar a memoria, e curiosidade dos meninos, com dois Alfabetos, hum figurado, outro de Letras (*b*).

(*a*) Tom. I. Liv. IV. Cap. 32.

(*b*) Continuárão as Typographias Bracarenses no Seculo seguinte debaixo da direcção de Fructuoso Lourenço de Basto, e de seu Irmão Francisco Fernandes de Basto, de Gonçalo de Basto, e de Manoel Cardoso; do primeiro he a edição da Obra *Antiguidades de la Ciudad y Iglesia Cathedral dè Tuy, y de los Obispos*, por Sandoval 1610. 1. vol. 4.° (Bibliotheca Hasseana) *Dictionarium Lusitanico Latinum* de Agostinho Barbosa 1611. fol. *Breviarium Bracarense* do Arcebispo D. Rodrigo da Cunha em 1634. *Missale Bracarense*, impresso por mandado do Arcebispo D. Balthezar Limpo; e de Gonçalo de Basto, he o Tom. I. dos Sermões do P. M. Francisco do Amaral. fol. em 1641.

Coimbra.

Tendo sido Coimbra huma das principaes Cidades do Reino, todavia não foi das que se honrárão com o recebimento da Typographia no Seculo XV. Não tardou porém de a chamar a si, desde que os estudos começárão de espertar entre nós no Seculo XVI. O Real Mosteiro de Santa Cruz, aonde a principio se achava depositada quasi toda a Litteratura de Coimbra, foi o que hospedou os primeiros prélos, que nella se erigírão: pelo que diz Fr. Braz de Barros na Dedicatoria do Espelho de Perfeição, de que logo fallaremos, e pela subscripção que vem no fim do Livro, em que se nota, *que o imprimírão por suas mãos*; parece que os Impressores erão Conegos do mesmo Mosteiro.

A Universidade trespassando para Coimbra as suas Escolas de Lisboa, fundou outra Officina de grande nome, que apostou primôres com as mais famosas do Reino, foi assentada nos Paços d'ElRei; e para ella ajustou o P. Fr. Diogo de Murcia, Reitor da Universidade, os dois grandes Impressores João Barreira, e João Alvares, por contracto, e obrigação que com elles fez por Commissão Real, confirmada por Provisão de 21 de Março de 1548 (*a*).

Estes dois homens, e Antonio de Mariz, nomes memoraveis nos Fastos Typographicos de Portugal, que merecêrão sempre as attenções de todos os Sábios da Nação, pelas muitas, e boas edições que nos deixárão; forão dos principaes que levárão a Typographia de Coimbra ao mais alto ponto, a que ella chegou entre nós naquella idade. Poremos aqui por sua ordem alguma das Edições dos Pré-

(*a*) As letras e matrizes desta Officina tinhão sido enviadas a Diogo de Teive, que quando depois entregou o Collegio das Artes aos Jesuitas, as commetteo como lhe foi mandado a Fernão Lopes de Castanheda, Guarda do Cartorio da Universidade, para as ter a bom recado. Deducc. Chronol. P. I. §. 58. pag. 4. Por 1549 achamos noticia de hum Corrector com o ordenado de doze mil réis.

los Conimbricenses, ou mais raras, ou de maior apreço, que temos visto, ou de que podemos ter noticia.

1519 *Reportorio dos tempos* por João Barreira. 4.º

1520 *Chronica do Emperador Clarimundo, donde os Reis de Portugal descendem*, de João de Barros, por João Barreira. fol.

1531 *Livro da Regra, e Perfeição da Conversação dos Monges*, escrito em Latim por S. Lourenço Justiniano, e traduzido em Lingoagem pela Senhora D. Catharina, Irmã do Senhor Rei D. Affonso V. no Mosteiro de Santa Cruz por Germão Galharde 1. vol. fol. edição rara.

1532 *Lexicon Græcum Hebraicum* de Heliodoro de Paiva no Mosteiro de S. Cruz.

1533 *Espelho de Perfeição*, obra traduzida do Latim em Portuguez, que Fr. Braz de Barros, da Ordem de S. Jeronymo, dedicou ao Senhor Rei D. João III., em letra meia gothica, clara, e bella; a qual tem no fim = *Imprimia-se por os Conegos de Santa Cruz: em o anno da encarnação de Nosso Senhor Jesu Christo* 1533 *anno sexto da reformação do dito mosteiro.* 4.º. Possuia hum exemplar desta rara obra D. Jozé Barboza, Chronista da Serenissima Caza de Bragança, que vio Francisco Leitão (*a*) (Bibliotheca Hasseana).

1535 *Arte de Grammatica Latina* de D. Maximo de Souza, Conego Regrante de Santa Cruz de Coimbra, na Officina do mesmo Mosteiro (Real Bibliotheca de Lisboa).

1536 *Amtimoria et Epigrammata* de Ayres Barboza = *Serenissimi et Illustrissimi Principis D. Alfonsi S. R. E. Cardinalis, ac Portugalliæ Infantis consecratio per Georgium Coelium Lusitanum*: ambas estas obras *apud Cœnobium Divæ Crucis*: em hum vol. de 8.º raro de que temos hum exemplar (Bibliotheca da Real Casa de Nossa Senhora das Necessidades). = *Boecio De Divisionibus, et*

(*a*) Memorias Chronologicas da Universidade, pag. 545.

Definitionibus, tambem raro = *Divi Hieronymi ut selectissimarum, ita Divinitatis plenissimarum epistolarum volumen in communem studiosorum utilitatem nuperrime editum.*

1541 *Meditação da Paixão*, de Fr. Antonio de Portalegre, obra rara.

1542 *Martini Ab Aspilcueta Navarri Juris consulti in tres de poenitentia distinctiones posteriores Commentarii*: *ex Officina Joannis Alvari, et Joannis Barrerii.*

1544 *Commento en Romance a manera de repeticion Latina, y Scholastica de Juristas, sobre el Capitulo Inter verba XI. q. III. Compuesto por el Doctor Martim de Aspilcueta Navaro; Cathedratico de prima en Canones de la Universidad de Coimbra, etc.*, 1544. *Offic. Johannis Barrerii, e Joannis Alvari.* 1. vol. fol. (Real Bibliotheca de Lisboa).

1545 *Commentarios ao Can. Scindite corda vestra de consecrat. Dist. I.* He obra do mesmo Navarro (Bibl. Hasseana).

1546 *Andr. Resendii Vincentius Levita, apud Lodov. Rhotorig.* 1. vol. 8.° = *Petri Nonii Salaciensis de Arte atque ratione navigandi libri duo*: por Antonio Mariz, e segunda vez em 1573.

1547 *Prælectio in C. Accept. de Restit. Spoliat.* do mesmo Navarro.

1548 *Constituições Synodaes do Bispado de Coimbra* fol. = *Arnoldi Fabricii Oratio de Liberalium Artium Studiis* raro: vimos hum exemplar na Livraria de Xabregas, e outro na do Excellentissimo, e Reverendissimo Principal Castro, = *Joannis Fernandes Orationes duæ ad Joannem III Portugalliæ, et Algarbiorum Regem, de celebritate Academiæ Conimbricensis*, e *Oratio funebris habita in funere Eduardi filii D. N. R.* 1. vol. 8.°. Este Author era natural de Sevilha, e Professor de Rhetorica em Coimbra = Belchior Belliago. *De disciplinarum omnium Studiis*: obra (Bibliotheca de S. Francisco de Enxobregas, ou Xabregas) = *Regra, e Estatutos da Ordem de Santiago* Lisboa por Germão Galharde, Francez 4.°

1549 *Oração* ou antes *Poema Latino* de Pedro Mendes em louvor do Senhor Rei D. João III. 4.° = *Aristoteles de Reprehensionibus Sophistarum*: raro (Bibliotheca de Xabregas) = *Indice das Chiliadas de Erasmo*, dedicado a Martim Navarro, por João Barreira = Belchior Belliago. *De Dialectica*: he huma Logica muito abbreviada, que Belliago publicou a instancias de seus Discipulos, dedicada a D. João Affonso de Menezes = *Manual de Confessores*, por hum Religioso de S. Francisco da Provincia da Piedade.

1550 *Cartinha para ensinar a ler e escrever, do Bispo D. Fr. João Soares*: *com o Tratado dos Remedios contra os sette peccados* 12.°, em Casa de João Alvares, e João Barreira = *Panegyris Alphonsi I.* do Senhor D. Antonio Prior do Crato = *Rhetorica breve de Joaquim Rhingelbergio* = *Colloquios de Erasmo*; dedicados ao Senhor Rei D. João III., e ao Senhor Cardeal Infante, por João Fernandes de Sevilha = *Chronica geral de Marco Antonio Coecio Sabellico*, *des ho começo do mundo atee nosso tempo*, traduzida em lingoagem por D. Leonor de Noronha. fol. I. Part.

1551 *Historia do descobrimento, e conquista da India pelos Portuguezes*, de Fernão Lopes de Castanheda, 4.° por João Barreira, e João Alvares; que he huma das obras mais notaveis que naquelle tempo se publicárão = *Logica de Trapezuncio*; com as notas de Diogo Contréras = *Constituições do Bispado de Coimbra* de D. Affonso de Castello Branco por Antonio Mariz.

1552 *Arte de Rhetorica* de Cypriano Soares Valenciano = *Carmen Heroico-Latino*, do Jurisconsulto Manoel da Costa, nos Despozorios do Infante D. Duarte, e D. Izabel. = *As vidas de alguns Santos da Ordem dos Prégadores*, *tiradas da* 3.ª *parte Historial de S. Antonino em linguagem* de Fr. Antonio de S. Domingos, por Barreira, e Alvares fol. = *Historia do Descobrimento e conquista da India* de Castanheda fol. por Barreira, contém sete livros, em 1552, 1553, e 1554 = *Segunda*

parte da Chronica geral de Marco Antonio Coecio Sabellico D. Leonor de Noronha. fol.

1553 *Rudimenta Grammaticæ* (Bibliotheca) de Xabregas) = *Livro das Constituições, e costumes que se guardão em os Mosteiros da Congregação da Santa Cruz de Coimbra dos Canonicos Regulares da Ordem de Santo Agostinho*: na Officina do mesmo Mosteiro de Coimbra anno da Reformação XXVI, em 4.º

1554 *Historia de Eusebio de Cesarêa*, traduzida por Fr. João da Cruz da Ordem dos Pregadores da Provincia de Portugal: por João Alvares = *Historia do começo de nossa Redempção*, publicada por mandado de D. Leonor de Noronha: por João Barreira 1554. 4.º (Real Bibliotheca de Lisboa, e das Necessidades) = *Historia da vida, e martyrio de Santo Thomaz, Arcebispo de Cantuaria*: por João Alvares 4.º

1555 *Grammatica Despauterii.* = *Arte da Guerra* de Fernão de Oliveira 4.º

1556 *Constituições Synodaes do Bispado de Viseu*: por João Alvares. fol. Houve outra edição de Constituições deste Bispado por mandado de D. Miguel da Silva de 16 de Outubro de 1527; sem anno nem lugar 4.º gothico.

1557 *Dois Compendios de Grammatica de Fernando Soares, Mestre da Serenissima Casa de Bragança.*

1559. *L. Annes Senecæ Cordubensit Tragoediæ duæ* por Mariz 8.º (são o Thyestes, e Troas para o uzo das Escolas Jesuiticas.)

1560 *Hercules Furioso, e Medéa* do mesmo *Seneca* = *Cartinha com o fazimento de Graças* do Bispo D. Fr. João Soares por João Barreira = *Comedia de Vilhalpandos* de Francisco de Sá de Miranda por Antonio de Mariz = *Tractado notavel de huma pratica, que hum Lavrador teve com hum Rei da Persia, traduzido em Portuguez por Fr. Jeronymo, Monge de Alcobaça*, estando em Paris. Coimbra por João Barreira, em gothico. 1 vol. 4.º rarissimo. = *Historia Belli Hydruntini* de Garcia de Menezes. = *Itinerario* de Antonio Tenreiro por Mariz 4.º

1561 *Ho octavo Livro da Historia de Fernão Lopes de Castanheda* fol. 3 vol. por João Barreira, obra que sahio posthuma dedicada pelos filhos ao Senhor Rei D. Sebastião = *Chorographia de alguns lugares, que estão em hum caminho que fez Gaspar Barreiros*, por João Alvares, 4.°, e bem assim as suas *Censuras sobre M. Portio Catam, Beroso Chaldeo, Manethon Egypcio, e Q. Fabio Pictor Romano;* pelo mesmo Impressor. 4.° = Os seus *Commentarios Latinos de Ophira Regione.* = *Oração Latina de Garcia de Menezes*, que começa = *Si ita ab immortali Deo*, & que tudo vem com a sobredita *Chorographia* 1. vol. 4.° = *Commentarii in Mathæum* de D. Fr. João Soares Bispo de Coimbra *in ædibus Calcograficis Regis*: por João Barreira.

1562 *Oratio habita ab Joanne Teixeira, cum Marchionatus Dignitas collata tributaque fuit illustri magnifico Domino Petro Menesio, Villæ Regallis Marchioni, Comitique Uraniæ* anno 1489. *Begiæ : per Joan. Alvar. Conimb.* 1. vol. 4.° rarissimo de que temos um exemplar.

1564 *Decretos, e Determinações do Concilio Tridentino*; tirados em Linguagem vulgar : por João Barreira 8.° = *Cartas que os PP. da Companhia escreverão do Japão* 4.°

1565 *Itinerario* de Antonio Tenreiro por Barreira 8.°

1567 *Memorial das Proezas da segunda Tavola redonda, por Barreira.* 4.° = he obra de Jorge Ferreira de Vasconcellos = *Veritatis Reportorium per Fratrem Franciscum Securim Doctorem Parisiensem apud Joan. Barrer.* 1567. 1 vol. 4.°

1568 *Aulularia, Captivi Stichus, et Trinumus Plauti* (Real Bibliotheca de Lisboa.)

1568 *Tractado da vida, e martyrio dos cinco Martyres de Marrocos* em gothico.

1569 *Comedia dos Estrangeiros* de Francisco de Sá Miranda. (João Barreira) 8.° = *Summario das Chronicas dos Reis de Portugal* de Christovão Roiz Azinheiro.

1750 *Falla que se fez a ElRei D. Sebastião na entrada de Coimbra* aos 13 de Outubro: por João Alvares

1. vol. 4.º = *Cartas que os PP. da Companhia de Jesus escrevêrão do Japão* 8.º

1571 *Petri Nonii Salaciensis de crepusculis* por Antonio Mariz. = *De erratis Orontii... Petri Nonii Salaciensis liber unus*, pelo mesmo Mariz. = As datas vem em alguns exemplares emendadas á penna para 1573, de que já demos a razão em outra obra.

1584 *Tratado del Consejo y de los Consejeros de los Principes por Doutor Bartholomé Felippe.* 1. vol. 4.º

1588 *Sylvæ illustriorum Authorum.* = He huma Selecta Grega para uso das Aulas Jesuiticas. Na I. Part. vem algumas Epistolas de Cicero, pedaços de Quinto Curcio, e das Epistolas de S. Jeronymo; de Lactancio dos Mysterios da Cruz de Christo; de Osorio *de Justitia, e de Regis Institutione*; da Oração de João de Perpinhão ao Santo Padre Pio IV. quando visitou o Collegio Romano; e de huma Carta de Ayres Sanches, Jesuita, escrita em Bungo no Japão. Na II. Parte achão-se lugares das Metamorfoses, das Heroides, de Nuce, de Arte e Remedio Amoris, das Elegias de Ovidio: a Andria, Eunucho, e Heautontimorumenos de Terencio: *Captivi, et Etichus de Plauto:* alguns versos de Tibullo, e Propercio; e alguns de Sanazaro, de Jeronymo Vida, de Ausonio, e de Boccio.

1589 *Primeiro Cerco de Dio* de Francisco de Andrade: 1. vol. raro.

1591 *Martyrologio Romano, traduzido* 1. vol. (Real Bibliotheca de Lisboa, e Hasseana).

1594 *Manual de Epictecto Filosofo, traduzido do Grego em linguagem*, por Mariz: he obra do Bispo D. Fr. Antonio de Souza.

1595 *Obras* de Francisco de Sá de Miranda: edição rara = *Comedia dos Estrangeiros*, do mesmo em 4.º edição igualmente rara,

Em anno incerto. *Ad Serenissimum Lusitaniæ Principem Joannem Filium D. N. Regis Joannis III. jam feliciter Regem designatum Elementa Grammatices cum adnotationibus in eadem per Joannem Fernandum Hispalensem*

Rhetorem Regum inclyta Conimbricæ. 8.° Existia hum exemplar na Real Bibliotheca d'Ajuda, que vio, e consultou o Padre Manoel Monteiro, da Congregação do Oratorio, para a composição do seu Novo Methodo de Grammatica Latina *(a)*.

Evora.

A Cidade de Evora começou de ter Officinas Typographicas logo desde os principios do Seculo XVI. Houve huma no Convento de S. Domingos, e foi muito afamada a de André de Burgos, Impressor do Senhor Cardeal Infante, e hum dos mais assignalados Typographos daquella idade. Imprimindo M.e Rezende em 1553 a Historia da Antiguidade de Evora falla no Prologo ao mesmo Infante daquella Typographia, dizendo: *Offerecendo-se hora nova impressam haqui, quisme anticipar com dar primeiro a V. A. este gosto, que sei, que ha de teer da antiguidade da sua patria. E se os caracteres da Impressam lhes paresceremhes bõos, e de bõo talho, saiba que ainda teemos cinquo ou sex differencias delles, para que favoresça ho impressor com ElRey nosso Senhor vosso pae.*

Entre as edições de mais raridade, e estimação que se produzírão dos prélos Eborenses, podem contar-se as seguintes: — *Meditações e Homilias* de D. Henrique Cardeal Rei 1.ª edição sem anno, nem nome de Impressor.

1512 *Itinerario da Terra Santa*, de Fr. Pantaleão de Aveiro. 1. vol. 4.°

1533 *Historia da Antiguidade de Evora* M.e Rezende.

1554 *Homilia do Santissimo Sacramento com huma Elegia da alma devota a seu Esposo.* 1. vol. em gothico, que he obra de Jorge da Silva (Bibliotheca Hasseana).

(a) Prefação.

1557 *Primeira parte da Menina, e Moça* de Bernardim Ribeiro 8.º, que se repetio em 1578.

1565 *Constituições Synodaes do Arcebispado de Evora* por André de Burgos. fol.

1568 *Decretos do Concilio Provincial Eborense.* 8.º impresso em Casa de André de Burgos.

1569 *Tratado em que se contão as cousas da China,* por Fr. Gaspar da Cruz, Dominicano. 4.º

1572 *Grammatica de Fernando Soares Homem*: por André de Burgos.

1574 *Reportorio dos tempos em Linguagem Portugueza* pelo mesmo Impressor 4.º

1576 *André de Resende Historia da antiguidade da Cidade de Evora* por André de Burgos 8.º vem juntas as Fallas á Princesa D. Joanna e a ElRei D. Sebastião.

1597 Nova edição de Camões.

1598 *Cartas que os PP. da Companhia de Jesus escreverão do Japão*: por Manoel de Lyra 2. vol. fol.

Em anno incerto, mas inda no Seculo XVI. *o Florifel de Niquéa.* fol. em gothico, livro rarissimo, e já impresso pelos herdeiros de André de Burgos, que continuárão a sustentar a Officina, que elle havia estabelecido com muito credito de seu nome.

Goa.

Em Goa, Cabeça do Imperio Lusitano na Asia, houve Officinas Typographicas, que se devêrão em grande parte á industria dos dois celebres Impressores João de Edem, e João Quinquemio de Campania, e ao cuidado dos Jezuitas; dellas sahirão entre outras obras as seguintes:

1561 *Compendio Espiritual da vida Christãa, tirada pelo primeiro Arcebispo de Goa* D. Gaspar de Leão: por João Quinquenio 12.º

1563 *Colloquios dos simples, e cousas medicinaes da India* de Garcia de Orta 4.º por João de Edem.

1565 *Carta do primeiro Arcebispo de Goa ao Povo*

de Israel, com a Traducção dos dois Tratados contra os Judeos de Mestre Jeronymo de Santa Fé. 1. vol. 4.º

1568 *O Primeiro Concilio Provincial celebrado em Goa em o anno de* 1567, *trasladado de Latim em Linguagem*, em casa de João de Edem por ordem do Arcebispo D. Jorge Themudo, 4.º

Constituições Synodaes do Arcebispado de Goa, pelo Arcebispo D. Gaspar, pelo mesmo Edem. fol. (Real Bibliotheca de Lisboa).

1571 *Mappa do mundo* de Fernando Dias Dourado.

1573 *Desenganos de perdidos* do mesmo Arcebispo D. Gaspar.

Ainda no Seculo XVII. continuava em Goa huma Officina Typographica; he prova disto a rara obra dos *Discursos sobre a vida do Apostolo S. Pedro, em que se refutão os principaes erros do Oriente, compostos em verso em Lingua Bramana Marasta pelo Padre Estevão da Cruz*, impressos na casa Professa de Jesus em 1634. 2 vol. fol. (Real Bibliotheca de Lisboa).

Discurso ou Falla que fez o Padre Fr. Manoel da Cruz, Mestre em Santa Theologia, no Acto solemne, em que o Conde João da Silva Tello e Menezes, Viso-Rei da India, jurou o Principe D. Theodosio aos 20 *de Outubro de* 1641. Impressa em Dezembro do mesmo anno 1. folheto em 4.º sem nome de Impressor (Real Bibliotheca de Lisboa).

Magseph assetat, ou flagello das Mentiras: no Collegio de S. Paulo em 1642; obra do Padre Antonio Fernandes, Jesuita, impressa em caracteres Abexins, que havião sido mandados ao Patriarcha D. Affonso Mendes, pelo Papa Urbano VIII. (Real Bibliotheca de Lisboa).

Vida da Santa Virgem em 1652 4.º Obra do mesmo Padre.

Relaçam do que succedeo na Cidade de Goa e em todas as mais Cidades, e Fortalezas do Estado da India, na felice Acclamação delRei D. João IV. de Portugal, e no juramento do Principe D. Theodosio, conforme a ordem,

que a huma, e outra cousa deo o Conde de Aveiras João da Silva Tello e Menezes, Vice-Rei, e Capitão geral do mesmo Estado: dedicada ao Principe D. Theodosio, por Manoel Jacome de Mesquita, morador na Cidade de Goa, no Collegio de S. Paulo novo da Companhia de Jesus. 1643.

Tratado dos Milagres, que pelos merecimentos do glorioso Santo Antonio, assim em vida do Santo, como depois de sua morte, foi nosso Senhor servido obrar: com a vida do mesmo Santo; traduzido, e composto na Lingua da terra corrente (que he a Bramana) *para serem de todos mais facilmente entendido, pelo Padre Antonio de Saldanha, da Companhia de Jesus, natural de Marrocos* 1655. 4.º Esta obra foi impressa em Goa, como se vê pela data da Commissão para a Revisão, e da licença para a estampa. (Real Bibliotheca de Lisboa).

Japão, ou Amacusa.

Façamos tambem memoria do Japão, aonde os nossos estabelecêrão Officinas Typographicas: os Jesuitas erigírão huma no seu Collegio Amacusence, aonde fizerão estampar nos fins do Seculo XVI. algumas obras; he digna de se pôr aqui, por não ser vulgar esta noticia, a edição que ali derão em 1593 dos tres livros das Instituições da *Grammatica Latina* do Padre Manoel Alvares, com a traducção em Japão: em papel de seda, de que existe um precioso exemplar na Bibliotheca Angelica de Roma, de que attesta Francisco Xavier Laire na sua obra *Specimen Historiæ Typografiæ Romanæ Seculi XV*, cap. I. pag. 14 Not. edição que se deve accrescentar na Bibliotheca Lusitana de Barbosa. Podemos pôr aqui outra, que tem estimação, qual he a do *Dictionarium Latino-Lusitanicum ac Japonicum: Amacusa*, no Collegio da Companhia 1595.

Leyria.

Parece que a Arte Typographica, que havia começado em Leyria no Seculo XV. com grande brio, e luzimento, ainda continuára no Seçulo XVI por alguns tempos: teve porém de se apagar por fim, e extinguir de todo naquelle mesmo seculo: por quanto vemos, que o Doutor Pedro Affonso de Vasconcellos, natural daquella Cidade, na sua Prefação á *Rubrica de Renuntiatione* a suppõe inteiramente extincta, mostrando pensamentos de a suscitar: *Nec mirum*, diz elle, *si homo Leyriensis Leyriæ a multis annis extinctam Litterarum impressionem iterum excitem* (a).

Mas nem por isso se entenda, que elle levou ao fim tão louvavel, e patriotico projecto, porque não consta, que aquella Cidade chegasse a vêr ainda então resuscitados os seus prélos, como seu filho tão ardentemente desejava. Ella com tudo não deixou de os ter nos ultimos tempos; constando-nos por tradição de seus naturaes, que houvera huma Officina nas faldas do Monte, a que hoje chamão o Moinho de Papel: até agora porém não podémos vêr producção alguma destes prélos.

Lisboa.

Lisboa continuou no Seculo XVI. os seus trabalhos Typographicos, fazendo grandiosos progressos nesta Arte, pela quantidade de Officinas que erigio. Foi huma dellas a de S. Vicente de Fóra, que já houve naquelle Seculo, e forão das mais famosas, e de mais trato as de Valentim Fernandes, de Jacob Combreger, de Herman de Campos, de João de Kempis, de João Blavio; todos Alemães; de João Pedro Bonhomini, Italiano de Cremona, e de Germão Galharde, Francez; e as dos Nacionaes Luis Ro-

---

(a) P. 104 da Edição de Madrid.

driguez, e Luiz Corrêa. Destas Officinas publicárão-se naquella idade innumeraveis obras, que ainda hoje formão a preciosidade das Livrarias mais distinctas deste Reino. Faremos menção tão sómente de algumas, ou mais raras, ou mais notaveis.

1500 Obras de Cataldo Aquila Seculo; hum dos varões mais sábios do seu seculo, que tinha vindo a estes Reinos ensinar Rhetorica na Universidade de Lisboa. O Titulo primeiro do Livro he *Epistola Cataldi*: na 2.ª folha diz: *Epistolæ et Orationes quædam Cataldi Siculi.* Consta de duas partes, e no fim da segunda diz: *Impressum Ulysbone anno a partu Virginis MD mensis Februarii die XXI.* fol. obra rara, de que só sabemos haver tres exemplares, hum na Livraria do Collegio da Graça, outro na do Real Collegio de S. Paulo da Universidade, e outro na Bibliotheca Corsiniana em Roma; estas obras forão das primeiras que honrárão nossos prélos naquelle seculo; na Part. II. destas Epistolas, e Orações vem a Oração Latina do Marquez D. Pedro de Menezes, que recitou na Universidade de Lisboa perante o Senhor Rei D. Manoel.

1501 *Thesaurus Pauperum sive speculum puerorum* em 4.º e em gothico; por João Pedro *de Bonis hominibus*, ou *Bonhomini* edição rarissima. Tinha antes sido impresso em Salamanca ainda no seculo XV, quanto parece: he obra do Mestre João Pastrana: vem no fim o Tratado do *Baculo dos cegos* de Antonio Martins, primeiro Mestre que houve na Universidade de Lisboa; *e feito tudo*, *emendado*, *e correcto* por João Vaz, Bacharel: traz estampado no frontespicio á direita as Armas Reaes de Portugal, e á esquerda em proporção igual huma Esfera com seu pé, e por baixo em letra Gothica maiuscula = *Grammatica Pastranæ.* Possuia hum exemplar desta edição Ignacio de Carvalho e Souza, Academico da Academia Real de Historia Portugueza, = *Glosa famosissima sobre las Coplas de Don Jorge Manrique etc.* por Valentim Fernandes, tambem raro.

1502 *Sacramental*, o qual copilou, e tirou das Sagradas Scripturas Crimente Sanches Verçial... Arcediago de Valdeiras em a Igreja de Lião, traduzido em Portuguez fol. gothico. Obra de muita raridade = *Livro das Viagens* de Marco Paulo Veneto á India com o de Nicoláo Veneto, e huma Carta de hum Genovez sobre o mesmo assumpto: tirado do Latim em Portuguez por Valentim Fernandes Alemão. 1. vol. fol. (Real Bibliotheca de Lisboa (*Traducção da Relação da Viagem*, que Nicoláo Conti fez ao Oriente, dedicada ao Senhor Rei D. Manoel: edições todas de raridade.

1504 *Catecismo Pequeno da Doutrina e instruição* de D. Diogo Ortis, Bispo de Ceuta, e depois de Vizeu fol. por Valentim Fernandes, caracter meio gothico, e elegante. Rarissimo (Real Bibliotheca de Lisboa).

1505 *Epistola Serenissimi Emmanuelis primi Dei gratia Portugalliæ Regis... ad Summum Romanum Pontificem* (Julium II.) *Ulixbona XII. Julii, anno* 1505 4.° de que temos hum exemplar: parece ter sido impressa em Lisboa, e neste mesmo anno.

1509 *Todas as Obras de Cataldo Siculo, corrigidas por Antonio de Castro* segunda edição, e tambem rara = *Missal Eborense*, cuja reformação foi commettida aos Conegos Lopo Fernandes, e Luiz Martins; na Officina de Germão Galharde. fol. raro (Real Bibliotheca de Lisboa).

1510 *Chronica do triumpho dos nove da fama, e vida de Beltrão Cloquim Condestabre de França*, de Antonio Rodrigues Portugal por Germão Galharde. fol.

1513 *Arte da Grammatica de Mestre João Pastrana* 2.ª edição (Real Bibliotheca da Ajuda, entre as Obras da Collecção do douto Abbade Barboza) = *Epistola Emmanuelis Portugalliæ Regis ad Leonem X. Pontificem. Ulyxbonæ pridie K. Octobris* 1513. 1. vol. 4.°

1516 *Cancioneiro geral, ordenado, e emendado* de Garcia de Rezende, por Herman de Campos: fol. (Real Bibliotheca de Lisboa, Real Casa de Nossa Senhora das Necessidades, e Bibliotheca Hasseana) = *Ars Virginis Ma-*

riæ: que he huma nova Grammatica Latina, dividida em 5 Livros, e impressa em Lisboa por Valentim Fernandes: fol. raro. = *Regimento, e Ordenações da Fazenda.* Lisboa por Germão de Campos, Bombardeiro delRei. 1. vol. fol. (Real Bibliotheca de Lisboa).

1520 *Ordenações da India* de 8.° de Setembro fol. (Livraria do Illustrissimo Monsenhor Ferreira).

1521 *Breve Memorial dos peccados, e cousas que pertencem á Confissão*: ordenado por Garcia do Rezende, (Real Bibliotheca de Lisboa) = *Ordenações delRei D. Manoel*: 2.ª compilação Livro II. III. e V. (*a*)

1522 *Arte de Pastrana* 3.ª edição = *Traducção de huma Epistola de S. João Chrysostomo*: 1. vol. 4.° (Tem hum exemplar a Livraria de Enxobregas, e he o unico que sabemos que haja em Portugal, e nem desta Obra encontramos noticia alguma entre os nossos, ou estranhos).

1523 *Contra o Juizo dos Astrologos de Fr. Antonio de Beja* por Germão Galharde 8.° = *Traducção* (do mesmo) *da Epistola de S. João Chrysostomo*: *Nemo læditur nisi a seipso*: pelo mesmo Impressor 8.° = *Methodo breve e util para fazer bem a Confissão*: de Fr. André Dias; por Galharde; e em 1529 pelo mesmo.

1525 *Breve Doutrina, e enseñança de Principes* de Fr. Antonio de Beja, por Galharde 8.° = *Ho livro da vida do Padre S. Domingos* por Galharde 8.° de Fr. Diogo de Lemos.

1529 *Psalterio de David em Lenguaje Castellano, impresso com licencia y mandado DelRey nuestro Senhor con privilegio de su Alteza* = Tem no frontespicio por ci-

N ii

(*a*) Chamamos segunda compilação, porque he diversa da de 1512 ou 1513 por João de Kempis; e he mais huma nova compilação, que repetição da primeira; por quanto 1.° inclue muitas Leis e Ordenações posteriores; 2.° differe no numero dos Titulos; 3.° tem differença na substancia da Legislação; 4.° e a tem tambem na ordem, e disposição das materias; e até he differente no Prologo.

ma do titulo de hum lado as Armas Reaes de Portugal, e de outro a Esfera: e no fim do Titulo por baixo huma Cruz pequena; no reverso vem o privilegio datado de tres de Setembro de 1529; na segunda folha a Dedicatoria ao Rei. Segue-se o Reportorio dos Psalmos, e depois os trez Prologos de S. Jeronymo; logo o Livro dos Hymnos, Psalmos, e Soliloquios, em que seguio a ordem de Santo Athanazio, e a interpretação de Angelo Policiano. Do Privilegio, e Dedicatoria se vê, que Gomes de Santo-Fimia, Castelhano, fez imprimir esta obra por licença que para isso houve d'ElRei. Na primeira folha tem por letra de mão esta nota *Lisboa* 1529. *Anonymo: foi mandado imprimir por ElRey de Portugal.* Com tudo do mesmo privilegio, e dedicatoria parece, que o seu Author foi o mesmo Gomes de Santo-Fimia. He obra rarissima, de que só vimos hum exemplar na Livraria de Enxobregas.

1532 *Tratado da Scholastica Disciplina* do Padre André da Veiga, por Germão Galharde: raro.

1534 *Constituições do Bispado de Evora do Cardeal Infante D. Affonso*: por Germão Galharde 1. vol. fol. raro.

1536 *Grammatica da Lingua Portugueza de Fernam de Oliveira*: por Galharde 8.°

1537 *Tratado da Sphera com a Theorica do Sol, e da Lua, e o 1.° Livro da Geographia de Ptolomeo* tirados do Latim em Linguagem por Pedro Nunes; por Germão Galharde fol. o 1.° tratado he o do Inglez João de Halifax, conhecido pelo nome de Sacrobosco: o 2.° de Jorge Purbachio, e o 3.° sómente de Ptolomeo. (*a*) = *Cons-*

(*a*) Por aqui se póde supprir e reformar o lugar de nossa Memoria sobre Pedro Nunes no tom. VII. das Memorias de Litteratura a pag. 257 em que se preterio huma regra intermedia do original, entre a enunciação da Theorica do Sol e a do primeiro Livro de Ptolomeo, unindo-se assim ambas estas obras diversas como se fossem huma só contra a enunciação do seu titulo geral a pag. 256. e fazendo-se parecer, que a Theorica do Sol se attribuia a Ptolomeo, e era a mesma que a do primeiro livro da sua Geografia. Tambem

tituições Synodaes do Arcebispado de Lisboa por Germão Galharde fol.

1538 *Constituições Synodaes do Arcebispado de Braga*; por Germão Galharde. 1. vol. fol. gothico raro.

1539 *Antonii Ludovicii Medici Olisiponensis Problematum libri quinque Olisipone.* 1. vol. fol. começado em 1539, e acabado de imprimir em 1540 = *Cartinha para aprender a Ler de João de Barros* por Luiz Rodrigues 4.° = *Capitulos de Cortes e Leis que se sobre alguũas delles fizerão* por Germão Galharde fol. = *Ordem do Juizo,* e outras Leis: fol. pelo mesmo.

1540 *Grammatica da Lingua Portugueza* de João de Barros por Luiz Rodrigues 4.° = *Dialogo dos preceitos Moraes* do mesmo 4.° = *Da viciosa vergonha*: do mesmo 4.° = *Tratado de verborum Conjugatione* de M. André de Resende: por Luiz Rodrigues 1. vol. 4.° raro. = *Verdadeira Informação das terras do Preste João* do Padre Francisco Alvares fol. raro. = *Pratica da Arithmetica* de Rodrigo Mendes. 4.° por Galharde.

1542 *Petri Nonii Salaciensis de crepusculis* por Luiz Rodrigues 4.° = *Paixão de Christo tirada dos quatro Evangelistas, de João de Lancastre Duque de Aveiro* por Luiz Rodrigues 4.° = *Medidas del Romano enadidas de pieças y figuras necessarias a los Officiales que quieren seguir las formationes de las bassas Colunas y Capiteles* 4.° (Livraria de Monsenhor Ferreira).

1543 *Estatutos e constituições dos PP. Conegos Azuis* por Galharde fol.

1544 *Declaração brevemente trazida sobre os sete Psalmos da Penitencia de Fr. Antonio Hermitão da Serra d'Ossa* por Germão Galharde 8.° vid. V. *Germão Galharde*: raro. = *Trovas de Luiz Brockado em louvor do Gallo* por Antonio Alvares 4.°

Por este lugar se póde supprir a falta que houve em declarar os nomes dos Authores originaes dos dois Tratados da Esfera, e da Theorica.

1545 *Espejo del Principe Christiano* de Francisco de Monson natural de Madrid, e Lente de Prima de Theologia nas Universidades de Lisboa, e de Coimbra; fol. dedicado ao Senhor Rey D. João III.

1548 *Regra e Estatutos da Ordem de Santiago* por Galharde 4.° = *Regimento, e Ordenações da Fazenda* por Galharde fol. = *Ceremonial da Missa* por Ayres da Costa 4.°

1550 *Livro chamado Stimulo de Amor divino, tirado do que fez S. Boaventura em Latim* por Galharde em 8.°

1551 *Summario* em que se contém algumas cousas assim Ecclesiasticas como Seculares, que ha na Cidade de Lisboa por Galharde 4.° = *Tresladação dos Ossos delRey D. Manoel, e da Rainha D. Maria.* 4.° = *Summario da Pregação funebre* de D. Antonio Pinheiro no dia da tresladação dos ossos dos Reis D. Manoel e D. Maria por Galharde 4.°

1552 *Asia... Primeira Decada de João de Barros* por Galharde fol. = *Ad Joannem, et Joannam Principes Lusitaniæ Serenissimos Protheus, Auth. Emm. Costa.* 1. vol 4.° = *Tratado da Creação do Mundo* de Jorge da Silva por Galharde 8.°

1553 *Segunda Decada de Barros* por Galharde fol

1554 *Tratado das Excellencias de S. Joan Evangelista* de Fr. Diogo Estella 4.° (Bibliotheca Hasseana) = *Constituições Synodaes do Bispado do Algarve,* por Galharde fol. = *Chronica do Condestabre de Portugal D. Nun Alvares Pereira Principiador da Casa de Bragança* por Galharde. fol. gothico raro: (Real Bibliotheca de Lisboa e Hasseana, e de que temos hum exemplar. = *Proverbios de Salomão* de Nuno Fernando do Cano 8.° = *Meditações da Paixão de Christo* com quatorze exercicios de Nicoláo Eschio 4.° attribuida a Fr. Bernardino de Aveiro.

1556 *Directorio de Confessores traduzido do Latim* de João Polanco: por João Blavio 8.°

1557 *Compendio da Grammatica de Diogo Soares* =

Commentarios de Affonso de Albuquerque: por João Barreira fol.

1560 *Reportorio dos cinco livros das Ordenações com addições de Duarte Nunes de Leão* fol.

1561 *Copilação de todas las obras de Gil Vicente em cinco Livros* por João Alvares fol.

1562 *Dialogo da Perfeição, e partes necessarias ao bom Medico.* 1. vol. 8.º (Bibliotheca Hasseana, e a nossa). = *Constituições Synodaes do Bispado de Miranda*: por Francisco Correa fol.

1563 *Terceira Decada de João de Barros*: por João Barreira fol. = *Oração, que fez D. Sancho de Noronha nas Cortes d'ElRei D. João III. em Almeirim* de 1544: por João Alvares. 4.º = *Falla que fez nas Cortes, que celebrou ElRei D. João III. na Villa de Torres Novas, D. Francisco de Mello*: por Antonio Alvares 4.º = *Reposta de Lopo Vaz pelo povo de Lisboa nas Cortes de Almeirim de* 1554: por João Alvares 4.º = *Reposta do Doutor Estevão Preto Procurador de Lisboa*: por Antonio Alvares 4.º = *Tratado dos diversos caminhos* de Antonio Galvão: por Barreira 8.º = *Oração que fez, e disse o Doutor Antonio Pinheiro, na Sala dos Paços da Ribeira, nas primeiras Cortes que fez ElRei D. Sebastião*: por João Alvares. 1. vol. 4.º = *e Oração que fez para o juramento do Principe D. João* 4.º

1564 *Summa da Doutrina de Fr. Francisco Victoria*, por Fr. Thomaz de Chaves: por João Barreira: raro.

1565 *Perifraze ao Livro IV de Constructione de Nebrissa*, por Cadaval Gravio: isto he, Antonio de Cadaval Valladares e Sotto Maior (*a*) = *Vincentius Levita, et Martyr*, de M.e André de Rezende: por Luiz Rodrigues. 1. vol. 4.º = *Reposta do Doutor Gonçalo Vaz por o povo*: por João Alvares 4.º = *Chronica d'ElRei D. Manoel, de Damião de Goes*: por Francisco Correa fol. I. II. III. IV. Part. 1565 1567.

(*a*) Veja-se D. Rodrigo da Cunha, Catal. dos Bispos do Porto, P. II. cap. 361.

1566 *Filomena de Francisco de Andráde.* 12. raro. = *Catolica e religiosa Ammoestaçaon aa subjetar o homem seu entendimento aa obediencia da Fé*: pelo Senhor de Bolez, com a exposição do Symbolo dirigido á Senhora D. Maria, Princeza de Parma e de Placencia 4.° de que temos hum exemplar. = *Oração que Fr. Sebastião Toscano fez em Santa Maria da Graça de Lisboa aos dezanove dias do mez de Maio, na trasladação dos ossos da India a Portugal de Affonso de Albuquerque.* 1. vol. 8.° rarissimo.

1567 *Chronica do Principe D. João* de Damião de Goes: por Francisco Corrêa fol.

1568 *Ceremonial e Ordinario da Missa traduzido do Latim em Portuguez* por Antonio Nabo: por Francisco Corrêa 4.°

1569 *Constituições Extravagantes do Arcebispado de Lisboa*: por Antonio Gonçalves 8.°

1570 *Regra geral para aprender a tirar pela mão as festas mudaveis*: por Francisco Corrêa 4.° = *Leis e Provisões d'ElRei D. Sebastião*: por Francisco Corrêa 8.°

1571 *Espejo de Principes* de Francisco de Monçon. He segunda edição, dedicada ao Senhor Rei D. Sebastião por Antonio Gonçalves.

1572 *Lusiadas de Luiz de Camões* 4.°, por Antonio Gonçalves, primeira edição: rara (Real Bibliotheca de Lisboa e a nossa). = *Primeira Parte do Compendio das Chrónicas do Carmo* de Fr. Simão Coelho fol.

1573 *Commentarios do cerco de Góa, e Chaul em* 1570; de Antonio de Castilho: por Antonio Gonçalves 8.°

1574 *Regras que ensinão a maneira de escrever a Orthografia da Lingua Portugueza, com hum Dialogo em defensão da mesma, de Pedro de Magalhães de Gandavo.* = *Meditações, e Homilias sobre alguns Mysterios da vida de nosso Redemptor: do Cardeal Infante D. Anrique*, por Antonio Ribeiro. 1. vol. 8.° = *Successo do Segundo Cerco de Dio* de Jeronymo Corte Real, por Antonio Gonçalves 4.°

1575 *Conciones de tempore*: Sermões do sábio e virtuoso varão Fr. Luiz de Granada.

1576 *Orthografia da Lingua Portugueza*, por João Barreira. 4.°

1577 *Varias Rimas ao Bom Jesus*, de Diogo Bernardes: por Simão Lopes. 4.°

1579 *Voz do Amado* de D. Hilario Brandão, por João Fernandes no Mosteiro de S. Vicente de Fóra 8.° = *Livro insigne das flores, e perfeições das vidas dos Santos do Velho, e Novo Testamento* de Fr. Marcos de Lisboa, por Francisco Corrêa fol.

1580 *Tratado da Paixão* de Fr. Nicoláo Dias, por Antonio Ribeiro, 8.° = *Livro do Rosario*: do mesmo Author, por Marcos Jorge (sem nota de anno).

1581 *Das Festas que se fizerão em Lisboa na entrada de Filippe I.* de Affonso Guerreiro 4.°

1582 *Regras da Companhia de Jesus.* 16.°

1585 *Historia dos Cercos que em tempo de Antonio Mariz Barreto poserão á fortaleza de Malaca* de Jorge de Lemos, por Manoel de Lyra 4.°

1586 *Bucolica de dez Eclogas* de Antonio Ribeiro 8.° rarissimo. = *Segunda Parte dos Dialogos da imagem da vida christã* de Fr. Heitor Pinto. Por Antonio Ribeiro 8.°

1587 *Terceira e quarta parte da Chronica de Palmeirim de Inglaterra* por Marcos Jorge fol.

1588 *Constituições do Arcebispado de Lisboa, Extravagantes primeiras e segundas*: por Belchior Rodrigues = *Alguns capitulos das Cartas de 1588. dos Padres da Companhia*, por Antonio Ribeiro 8.° = *Elegiada* de Luis Pereira. Poema por Manoel de Lyra 12.° = *Regra do Patriarcha S. Bento*: Por Antonio Ribeiro 4.° = *Relação do Solemne Recebimento das Reliquias que se levarão para a Igreja de S. Roque* do Padre Manoel de Campos, por Antonio Ribeiro 8.°

1589 *Sacrum Provinciale Concilium Olisiponense secundum anno a Christo nato 1574. celebratum*: por An-

tonio Alvares. 8.° (Real Bibliotheca de Lisboa)

1590 *Exemplares de diversas sortes de Letras* de Manoel Barata por Antonio Alvares 4.°=*Catecismo Romano do Papa Pio V. tresladado do Latim em Portuguez:* por Antonio Alvares 4.°

1591 *Regras de escrever a Ortografia da Lingua Portugueza, com hum discurso em defensam da mesma Lingua*, de Pedro de Magalhães Gandavo: por Melchior Rodriguez: segunda edição 4.°
=*Constituições e Regras do Convento de Santa Martha de Jesus*, por D. Marianna de Luna 4.° =*Isagoge Philosophica*; do Padre Pedro da Fonseca por Antonio Alvares 8.°

1593 *Itenerario da Terra Santa* de Fr. Pantalião de Aveiro, por Simão Lopes 4.°=*Deffinições da Ordem de Cister*: por Antonio Alvares. 4.°=Alvaro Valasco *Consultationes ac rerum Judicaturum in Regno Lusitaniæ*. fol.

1594 *Livro da perdição de Manoel de Souza de Sepulveda*, por Lopo de Souza Coutinho: por Simão Lopes 4.° =*Naufragio e lastimoso successo da perdição de Manoel de Sousa de Sepulveda*, por Jeronymo Corte Real: pelo mesms 4.°=*Vida da Princeza D. Joanna* de Fr. Nicoláo Dias: por Antonio Alvares. 8.°=*Varias Rimas ao Bom Jesus e á Virgem sua Mãi e a particulares* de Diogo Bernardes, por Simão Lopes 4.°=*Manual do Epitecto traduzido do Grego em Portuguez*: he obra do D. Fr. Antonio de Souza: 12.°

1595 *Regimento Nautico*, de João Baptista Lavanha, por Simão Lopes 4.°

1596 *Rimas varias: flores do Lima* de Diogo Bernardes, por Manoel de Lyra 8.°=*O Lima em o qual se contém as Eclogas e cartas*, por Simão Lopes 4.°= *Summaria recapitulação da Antiguidade da Sé de Lamego* do Padre Manoel Fernandes, por Manoel de Lyra 4.° =*Discurso sobre a vida e morte de Santa Izabel, e outras Rhytmas* de Vasco Mousinho de Quebedo, pelo mesmo 4.°

1597 *Dialogos Selectos de Jacob Pontano*; edição para uso das Aulas de Rhetorica. = *Sylvia de Lizardo* 12.° = *Relação do succedido na Ilha de S. Miguel sendo Governador Gonçalo Vaz Coutinho, com a Armada Real de Inglaterra, General Roberto de Boreos Conde de Essexia* 4.°

1598 *Compendio de algumas Cartas que vierão em* 1597. pelo Padre Amador Rebello 8.° = *Poemas Lusitanos* do Doutor Antonio Ferreira por Pedro Craesbeech 4.° (*a*).

Macáo.

Macáo no Japão tambem se honrou no Seculo XVI. com producções da Arte Typographica. Ali se imprimio além de outras a seguinte obra:

De Missione Legatorum Japonensium ad Romanam Curiam, rebusque in Europa ac toto itinere animadversis Dialogus, In Macaensi portu Sinici Regni in domo Societatis Jesu 1590. 1. vol. 4.° Barboza falla de hum Itinerario de quatro Principes Japonezes etc., escrito pelo Padre Duarte de Sande no mesmo anno, e impresso tambem em Macáo em Portuguez, e diz sahira traduzido em Latim em Antuerpia em 1553, não o vimos, e não sabemos se he a mesma obra.

Porto.

Já advertimos nas Memorias do Seculo XV, que a Cidade do Porto, sem embargo do seu grande trato, e Commercio, nos não offerecia documento algum, por que entendessemos com segurança, que nella havia entrado naquelle Seculo a Typographia fixa, e permanente, sendo prelo

O ii

(*a*) Algumas outras edições dos Prelos de Lisboa, que são de merecimento, ou de raridade, podem vêr-se adiante no cap. III. dos Impressores.

portatil, e volante, o que ali imprimio a Ley, ou Ordenança de que se diz ter existido hum exemplar na curiosa Livraria de Gregorio de Freitas, Escrivão da Correição de Setubal. Não se póde porém duvidar, que já pelo meado do Seculo XVI. havia a Typographia assentado nesta Cidade huma Officina, a que presidia Vasco Dias Tanquo Frexenal, que nos parece haver sido Hespanhol de Nação.

As primeiras obras que sabemos sahírão dos seus prelos, forão:

1540 *Espelho de Casados* do Doutor João de Barros por Vasco Dias do Frexenal 4.° gothico.

1541 *Constituições Synodaes do Bispado do Porto; ordenadas pelo Bispo D. Balthasar Limpo.* 1. vol. pelo mesmo = *e a Arte de Arithmetica* de Bento Fernandes fol. dedicada ao Infante D. Luiz *(a)*.

Salsete.

Em Salsete Peninsula de Goa, em que os Jesuitas tiverão a Missão dos Canaris, houve no seu Collegio do Rachol huma Officina de impressão no Seculo XVI. Entre outros escritos que estampárão, merece particular lembrança o seguinte: = *Explicação da Doutrina Christãa Collegida do Cardeal Bellarmino, e de outros Authores, composta na Lingua Bramana vulgar* pelo Padre Diogo Ribeiro, Jesuita, natural de Lisboa: 1532. 4.° (Real Bibliotheca de Lisboa).

Sarnache dos Alhos.

Na Ribeira de Sarnacha dos Alhos, em os Moinhos do Acipreste, lugar distante duas Leguas de Coimbra, es-

---

(*a*) A Typographia Portuense continuou no Seculo XVII. em que se estampárão *os Privilegios dos Cidadãos da Cidade do Porto, concedidos, e confirmados pelos Reis destes Reinos.* 1611. 4.° e outras obras.

teve nos fins do Seculo XVI. hum prelo portatil de Antonio de Mariz, famoso Impressor da Universidade de Coimbra, que para ali lhe mudou o domicilio, quando toda a Cidade ardia em peste no anno de 1597. Ali acabou elle de imprimir a obra de seu filho Pedro Mariz, que havia já começado a estampar em Coimbra naquelle mesmo anno, intitulada *Dialogos de varia Historia* = (*a*).

Setubal.

Setubal entra na conta das Villas de Portugal, que tiverão prelo portatil, qual foi o que lá levou Herman de Kempis, Alemão. Os Livros mais antigos que ali imprimio, quanto nós podemos saber, forão a *Regra, e Estatutos da Ordem Militar de S. Tiago*, que se acabárão de estampar a 13 de Dezembro de 1509. 1. vol. fol. (Real Bibliotheca de Lisboa, Livrarias da Real Casa de Nossa Senhora das Necessidades, e do Convento de S. Francisco da Provincia de Portugal, e Hasseana) = *Confissional da maneira que os Cavalleiros da Ordem de Santiago se devem accusar* de Garcia de Rezende. 1509. 4.° Obra rarissima (Real Bibliotheca de Lisboa).

Villa Verde.

Villa Verde foi tambem um dos Lugares, em que a Arte Typographica teve exercicio por algum tempo ali a levou o celebre Impressor Antonio Ribeiro por 1581 a instancias de Paulo de Palacios Salazar, Prior daquella Villa, que para ella o chamou, a fim de lhe imprimir a seguinte obra = *In Ecclesiasticum Commentarius pius et doctus per Paulum de Palacios Granatensem D. Henrici*

(*a*) Da Epistola Latina, que pos o mesmo Mariz no principio da obra escrita ao Doutor Diogo Mendes de Vasconcellos, se vê, que então se achava trabalhando com seus prélos em Sarnache, pois que a data com as seguintes palavras = *E Molendinis Cupressi in Ripa Oppidi Sarnache ulliorum.*

Lusitaniæ Regis, et S. Romanæ Ecclesiæ Cardinalis Concionatorem et D. Catherinæ Lusitanarum Reginæ Eleemosinarium, et S. Litterarum in inclyta Conimbricencium Academia enarratorem: apud Villam Viridem Francorum. Excudebat Antonius Riberius Typographus anno D. 1581. 1. vol. fol. (Livraria do Convento de S. Francisco de Enxobregas).

Viseu.

Em Viseu tambem entrou a Typographia no Seculo XVI; e ali teve huma officina Manoel João, Impressor do Bispo D. Jorge de Attaide, que a estabeleceo pelos annos de 1565. As unicas obras que temos visto della, são o *Compendio e Summario de Confessores* de 1569. = *Regulæ Cancellariæ SS. Pii Papæ V. ejusque Motus proprii, Bullæ, et alia Decreta*, que mandou imprimir o mesmo Bispo em 1570 (Real Bibliotheca de Lisboa.) = *Exercicios* de D. Fr. Marcos de Lisboa 1571. 8.º = e *Flosculus Sacramentorum*: 1572. 1. vol. obra de Pedro Fernandes Vilhegas. (Real Bibliotheca de Lisboa no volume que tem por titulo = *Censura in Glossas, et Additiones Juris Canonici. Olisipone* 1575. 12.º) Levantou ali outro prélo o Impressor Marcos Jorge em que estampou por 1566 a *Chronica de D. Florisel de Niquea* de Feliciano da Sylva. Acaso se imprimirão em Viseu as Constituições Synodaes daquella Diocese, feitas pelo Bispo D. Miguel da Sylva em 1572 sem nota de anno nem lugar 4.º em gothico.

CAPITULO III.

Dos Impressores do Seculo XVI. em Portugal.

FAÇAMOS memoria dos Impressores do Seculo XVI. de que podémos haver noticia, de alguns dos quaes já temos fallado no Cap. II. na relação das edições das Ty-

pographias das Cidades, Villas, e lugares; que posto não fossem todos dotados de grandes partes para tratarem esta Arte com a devida applicação, e cuidado; todavia alguns houve que trabalhárão com bastante apuramento, e perfeição, deixando de si á posteridade hum nome honroso; João de Barreira, Antonio Alvares, Luiz Rodrigues, e Antonio de Mariz, nomes consagrados em nossa Historia Typographica, forão os nossos Aldos, Estevãos, Juntas, Frobenios, Plantinos, e Elzeviros, os quaes não só pela grande quantidade de obras que estampárão, mas tambem pela limpeza, elegancia, e exacção de suas edições merecem ainda hoje a nossa estimação, e louvor; e o haverãõ dos vindouros em quanto se der honra ás Letras: em geral o merecem todos os bens operarios desta nobre Arte, pois que elles fazem parte da Historia Litteraria das Bellas Artes, e pelas producções de seus prélos, concorrem para estender e propagar os conhecimentos humanos em todas as classes, e com ellas instruir e illustrar facilmente os povos. Poremos aqui por ordem alfabetica o Catalogo de todos elles, indicando de alguns as obras, ou de mais nome, ou de maior raridade, além das outras, que já notámos no Cap. II. das Cidades, Villas e Lugares etc.

Affonso Fernandes.

Consta-nos que este Impressor trabalhava em seus prélos por 1592.

Affonso Lopes.

Ha poucas noticias deste Impressor; e apenas sabemos, que floreceo pelos annos de 1587, tempo em que publicou de sua Officina o Livro intitulado: *Lysuarte de Grecia, Libro Septimo do Amadis.* Lisboa 1. vol. fol. (Bibliotheca Hasseana).

Alexandre de Sequeira.

Exercitou a Arte Typographica em Lisboa, e Alcobaça; e delle achamos memorias desde os annos de 1592, em que estampou o *Diccionarium Latino-Lusitanicum*, de Jeronymo Cardoso: Lisboa 4.°, que traz no fim a obra *Varii loquendi modi. Olisipone;* que he hum Diccionario *de propriis nominibus.* Entre outras obras que imprimio são raras, e de estimação, = *Naufragio da Náo Santo Alberto, e Itinerario da gente que delle se salvou*, escrito por João Baptista Lavanha. Lisboa 1597. 8.° = *Compendio de algumas Cartas do anno de* 1597, *que vierão dos Padres da Companhia de Jesus, que residem na India, pelo Padre Amador Rebello*: Lisboa 1598. 8.°

André de Avellar.

Sabemos deste Impressor, posto que nos não recordamos de haver vista obra alguma de seus prélos.

Andre de Brugos.

Foi Impressor em Evora, e Cavalleiro da casa do Cardeal Infante, como elle mesmo se intitula: exercitou de maneira a sua Arte, que direitos têve para pretender hum lugar distincto entre os bons Impressores do seu tempo. Delle são entre outras as obras seguintes, que merecem ter aqui particular memoria = *Exercicios Espirituaes de Nicoláo Eschio, traduzidos do Latim em Romance Portuguez por hum Frade Menor* 1554. 8.° (Real Bibliotheca de Lisboa) = *Decretos do Concilio Provincial Eborense*: 1568 em 8.° (Real Bibliotheca de Lisboa) = *Responsio ad Epistolam Ambrosii Morales de M. Andre de Resende* 1570 = *Ad Philippum Regem Cohortatio* do mesmo Author 1570.

Continuou a Officina em seus herdeiros, que impri-

mirão entre outros Livros a III. *Parte de D. Florifel de Niquêa* em fol. gothico sem anno, de que já fallamos = *e a Chronica do Palmeirim* 1.ª e 2.ª parte Evora 1567.

André Lobato.

Foi Impressor em Lisboa, e florecia por 1583, tempo em que estampou a *Reformação da Justiça de Filippe II. Lisboa á custa de Isabel de Mendonça, mulher de Luiz Martil, Livreiro que fôra d'ElRei* 1853 fol. Continuava ainda em 1857 em que imprimio a *primeira parte dos Autos, e Comedias Portuguezas* de Antonio Prestes Lisboa 4.º

Antonio Alvares.

Foi hum Impressor de grande nome em Lisboa, e digno de collocar-se nos primeiros assentos dos Typographos daquella idade; estampou infinitas obras que muito o acreditárão. Delle he entre outras a edição da = *Historia Ecclesiastica del Scisma de Inglaterra* pelo Padre Pedro de Ribadaneira 2. vol. em 8.º, o 1.º em 1588, o 2.º em 1594. = a da *Imagem da vida Christãa, ordenada em Dialogos,* por Fr. Heitor Pinto 1592. 8.º = e a das *Consideraciones sobre todos los Evangelhos* por Fr. Hernando de S. Tiago 1. vol. em 4.º (Bibliotheca Hasseana). Continuou no Seculo seguinte, e estampou a *Relação do caminho, que fez de Persia o Embaixador do Grão Sofi, e as honras que lhe fizerão nos Reinos, e Senhorios por onde passou até chegar a este Reino de Portugal.* Lisboa 1602. em 8.º obra rara.

Foi honrado com o titulo de Impressor Regio, de que usa nas edições que vimos de 1641, 1643, e 1644 e na = *Chronica d'ElRei D. João I.* de Fernam Lopes, e de Gomes Annes de Azurara de 1649, e em outras.

Antonio Barreira.

Foi Impressor da Universidade de Coimbra, e ganhou pelo cuidado, e accio com que trabalhava as suas edições, grandiozo nome naquelles tempos, que ainda não perdeo em nossos dias. Florecia muito por 1579, até 1590 anno em que imprimio a *Relação das grandes alterações, e mudanças que houve em os Reinos do Japão, pelo Padre Luiz Froes.* Coimbra 1. vol. em 4.º (Bibliotheca Hasseana) = e em 1593 fez sahir de sua Officina o Livro da *Esfera de André de Avellar*, *Lisbonense*; Professor de Mathematica na Universidade 8.º

Antonio Gonçalves.

Este Impressor foi hum dos que mais figurárão em Lisboa naquelle Seculo, de que apparecem muitos Livros impressos desde 1569 em que estampou a obra das *Leis Extravagantes, colligidas, e relatadas pelo Licenciado Duarte Nunes do Leão* etc. Delle he a edição da *Descripção da Quinta de Santa Cruz* de Cadabal Gravio. = 1568. = do *Espejo del Principe Christiano* o de Francisco Monçon de 1571 em fol. = a *De rebus gestis Emmanuelis Regis Lusitaniæ*, do Bispo Osorio, do mesmo anno fol. = a dos *Lusiadas de Camões* de 1572. 4.º primeira edição de que já fallamos = e a da *Historia da Provincia de Santa Cruz* de Pero de Magalhães Gandavo 1576 em 4.º

Antonio Mariz.

Foi este Impressor pai de Pedro Mariz ambos bem conhecidos em nossa Historia Litteraria, e Typographica, em que deixárão illustre memoria de seus nomes. Tinha já Officina em 1557, e por 1567 se achava com ella na Cidade de Braga, aonde foi Impressor do Arcebispo, como se vê da edição do Catecismo de Fr. Bartholo-

meu dos Martyres, e do fim do Compendio, e Summario de Confessores, impresso em Viseu em 1559 por Manoel João. Tinha em seus prélos caracteres muito claros, e formosos, como apparece de suas bellas edições. Passou depois a Coimbra, e ficou Impressor da Universidade.

Forão distinctas producções de seus trabalhos entre outras raras edições = a da *Comedia dos Vilhalpandos, feita pelo Doutor Francisco de Sá de Miranda. Coimbra* 1560. 1. vol. em 8.º = a dos *Dialogos de D. Fr. Amador Arraes* 1582 = a da *Historia das vidas, e feitos heroicos... dos Santos*, de Fr. Diogo do Rosario: em 1577. = a do *Synodo Portuense*, que celebrou D. Fr. Marcos de Lisboa em 1585. = a do Livro de *Harmonia Rubricarum Juris Canonici* de Pedro Affonso de Vascellos em 1588. 1. vol. 4.º (Real Bibliotheca de Lisboa) = e a do *Synodo Conimbricense* de D. Affonso de Castello Branco, Bispo de Coimbra em 1591. Achamos delle memoria até 1597.

Antonio Ribeiro.

Foi Impressor Regio, e exercitou esta Arte em Lisboa; delle achamos memorias desde os annos de 1574 até 1624. São da sua Typographia, e de muita estimação entre outras as obras seguintes: *Meditações, e Homilias do Cardeal Infante.* Lisboa em 1774 em 8.º 2.ª edição. = *Chronica do Infante D. Fernando.* 1577. = *Genealogia dos Reis de Portugal de* Duarte Nunes do Leão 1585 = *Defensio Tridentinæ Fidei Catholicæ de* Diogo de Paiva de Andrade, *na Officina do Convento de Santa Maria da Graça dos Eremitas de S. Agostinho.* Lisboa 1578. 1. vol. 4.º = *Patente das Mercês, Graças, e Privilegios, de que El-Rei D. Philippe fez mercê a estes Reinos.* Lisboa 1584 fol. = *Censura in Libellum de Regum Portugalliæ origine Olysipone* 1585 de Duarte Nunes 1. vol. 4.º, aonde se diz *ex Officina Antonii Riparii*, que se deve entender *Ribeiro.* =

Balthazar Ribeiro.

Pouco temos visto das producções deste Impressor; a principal he a edição do *Discurso e relação do Cerco da Cidade de París, e defensão della pelo Duque de Nemurs contra o Vandoma no anno de* 1590, *traduzido do Francez para Portuguez por João Fogaça.* Lisboa 1591. 8.°

Belchior Ribeiro.

Achamos noticia deste Impressor, mas não temos visto obra alguma de seu prélo.

Belchior Rodrigues.

Teve este Impressor sua Officina Typographica em Lisboa, aonde além de outras obras imprimio em 1589. *El Pastor de Philida por Luïz Gonçalves de Montalvo.* 1. vol. 12.° (Bibliotheca Hasseana) em 1588 *Synodo de Lisboa, sendo Arcebispo o Senhor Cardeal Infante D. Affonso*; e em 1588 as *Constituições Extravagantes do Arcebispado de Lisboa por mandado do Arcebispo D. Miguel de Castro,*

Francisco Corrêa.

Este Impressor teve seus prélos em Lisboa, e trabalhou nesta Arte com grande credito de seu nome: foi Impressor do Collegio Real das Artes em Coimbra, e do Senhor Cardeal Infante D. Henrique. Imprimio em Lisboa além de outras obras = *Livro do Rosario de Fr. Nicoláo Dias* em 1537. = *Tratado Moral de Louvores, e perigos de alguns estados seculares, e das obrigações que nelles ha, com exortação em cada estado de que se trata; composto por D. Sancho de Noronha* Coímbra em 1549. = as *Constituições Synodaes do Bispado de Miranda* em

1562 = a obra de *Cadabal Gravio Calydonio na morte de ElRei D. João III.* em 1565 = *Jacobi Tevii Epodon lib. III.* Lisboa em 1574 = a Obra de Jeronymo Osorio *De Regis Institutione* em 1572 = *De vera sapientia* do mesmo Author em 1578 4.° = *Meditações e Homilias em Latim do Senhor Cardeal D. Henrique* em 1581 (Real Bibliotheca de Lisboa) = *Collecção das Leis Extravagantes*; (a mesma Real Bibliotheca).

Francisco Garcia ou Garção.

Foi Impressor, hoje menos conhecido por seu nome: delle he a edição de alguns Opusculos de M. André de Resende, a saber = *Endecasyllabon ad Sebastianum Regem* = *Pro Sanctis Christi Martyribus* = *Epist. ad Bartholamæum Kebedum*, e algumas Poesias Latinas. Lisboa 1567 1. vol. 4.°

Germão de Campos.

Herman, Hermam, ou Germão de Campos, foi Alemão de Nação, e Bombardeiro d'ElRei, e hum dos antigos Impressores, que vierão exercitar entre nós a Arte Typographica: he delle a edição das duas obras seguintes = *Regimento e Ordenação da Fazenda.* Lisboa 1512 (Real Bibliotheca de Lisboa) = *Artigos das Sizas destes Reinos* fol. = *Espelho de Christina, a qual falla dos tres Estados das mulheres.* Lisboa 1518. fol. Obra rarissima de que temos hum exemplar. Este foi o que imprimio em Setubal a Regra, Estatutos, e Definições da Ordem de S. Tiago.

Germão Galharde.

Germão Galharde (que diversamente se acha escrito Gailharde, Galharde, Galhard, e Gaillardo) foi Francez de Nação, e veio a ser Impressor Regio desde o anno de

1536, ou talvez antes: a sua Officina se acreditou por huma das mais illustres do seu tempo. Della sahirão entre outras obras de preço, as que aqui apresentamos:

Carta que Jeronymo Montano Alemão escreveo de Norimberga a ElRei D. João II. a 14 *de Julho de* 1493 *tirada do Latim por M.ᵉ Fr. Alvaro da Torre Dominicano* (seu Pregador) rarissimo. = *Officios dos Santos de Portugal*, em 1525. = *Breviarium secundum morem, et consuetudinem Romanæ Curiæ. Olisipone* 1529. 1. vol. 8.º (Real Bibliotheca de Lisboa, e Hasseana).

Scholastica Disciplina de André da Veiga, da Ordem Terceira de S. Francisco 1532 = *Dois Tratados, hum do Cantochão, e outro do Contra ponto* de Mattheus Aranda, Mestre da Capella da Sé de Lisboa, dedicados ao Senhor Cardeal Infante, e Arcebispo de Braga D. Affonso em 1533. = *Ordenança para os Estudantes da Universidade de Coimbra, sobre os Criados, bestas, trajos, e outras cousas.* 1539. = *Lei, que declara o comprimento que hão de ter as espadas, e a pena que haverão as pessoas, que doutra maneira as trouverem.* = *Declaração brevemente traduzida sobre os sete Psalmos da Penitencia, onde qualquer pessoa devota póde vêr o caminho da Penitencia, e ser ensinado a perservar nella; por onde póde alcançar a vida eterna, offerecida ao virtuoso, e devoto pobre Tristão, Provincial de todas as Provincias dos pobres da Serra d'Ossa, e vida heremitica de S. Paulo, primeiro hermitão, por Antonio hermitão, seu Irmão em Jesu Christo*; e dedicada depois a D. Guiomar de Vilhena, Condessa da Vidigueira, por Germão Galharde em 1544 8.º obra muito rara, de que vimos hum exemplar que era do Padre Mestre Fr. Manoel de S. Damazo, da mesma Ordem = *Dois Breves Tratados sobre duas perguntas de Antonio Maldonado* 1548 4.º = *Ceremonial da Missa, por Ayres da Costa* no mesmo anno 4.º

1550 *Chronica do Triumpho dos nove da fama.* fol. = *Começo da Historia da nossa Redempção*, de D. Leonor de Noronha. 1552. 4.º = *Constituições do Bispado do*

Algarve 1554. 1. vol. em 4.º (Real Bibliotheca de Lisboa) = *Tragedia da Vingança, que foi feita sobre a morte delRei Agamemnon, novamente tirada do Grego em Linguagem trovada por Anriques Ayres Victoria, cujo argumento he de Sophocles, Poeta Grego; agora segunda vez impressa, e emendada, e anhadida pelo mesmo Author.* Lisboa 1555. 4.º gothico. = *Lei de D. Sebastião sobre se não fazer execução pelas sentenças dos Corregidores dos feitos Civeis da Corte* 1557. = a outra sobre *os que comprão pão para tornarem a vender* e a outra *sobre se não tirar para fora do Reino prata, nem ouro amoedado, nem para amoedar*; todas trez em 1557. = *Constituições do Arcebispado de Evora do Cardeal Infante D. Affonso*; 1565 fol. Naquelle mesmo anno fallecco Galharde, pois que as Coplas do Cavalleiro Fernão Peres de Gusmão, se dizem impressas em Lisboa nesse anno, em casa da viuva de Germão Galharde.

Herman de Campos.

Veja-se Germão de Campos.

Jacob Combreger, ou Comberger.

Era Alemão, e foi mandado vir a estes Reinos nos principios do Seculo XVI. pelo Senhor Rei D. Manoel, que lhe fez grande honra, e agasalhado, e lhe deu huma Carta de Privilegios, passada em Santarem aos vinte de Fevereiro de 1508, pela qual lhe concedeo as honras de Cavalleiro de sua Casa. Teve Officina em Lisboa, e em Evora, com grande credito de seu nome; elle foi o que fez a primeira edição da Segunda compilação das *Ordenações* do Senhor Rei D. Manoel de 1521, da qual publicou o primeiro e quarto volume em Evora, e o segundo, terceiro, e quinto em Lisboa; esteve em Sevilha aonde imprimio em 1539 os quatro livros das mesmas Ordenações de 1521 estampando o quinto em Lisboa: terceira edição da segunda compilação.

Jeronymo de Miranda.

Existe memoria deste Impressor por 1562 em Lisboa; não alcançamos porém até agora vêr obra alguma de sua Typographia.

Jeronymo de Oleastro, ou de Azambuja.

Foi Impressor em Lisboa por 1556, e tambem nada temos visto das producções da sua Officina Typographica.

João Alvares.

Este Impressor exercitou a Arte Typographica em Lisbôa, Coimbra, e Braga, de parceria com João Barreira, e foi com elle Impressor da Universidade. Tambem o foi d'ElRei, como se vê no fim das Cartas dos Jesuitas impressas em 1562. Delle são entre outras obras de estimação = *Dialogo da Perfeição, e partes que são necessarias ao bom Medico* 1562. 1. vol. 4.° = *Oração Latina que teve o Doutor João Teixeira, Chancheller Mor delRei D. João II, quando D. Pedro de Menezes foi feito Marquez de Villa Real*; *e a treslad ação della em Portuguez por Miguel Soares*: *Coimbra* no mesmo anno: 1. vol. 4.° muito raro, de que temos hum exemplar = *Tratado da vida, e Martyrio dos cinco Martyres de Marrocos, enviados por S. Francisco*: *Coimbra* em 1568. 1. vol. 4.° raro.

João Barreira.

Foi este hum dos Impressores, que deixárão de si honroso nome á posteridade, e que mais conhecidos se fizerão em nossa Historia Typographica: trabalhava de companhia com João Alvares, de quem acima fallámos, em Lisboa, Coimbra, e Braga. Morou na Rua de S. Mamede

em Lisboa, como consta da edição do Tratado dos diversos caminhos de Antonio Galvão: melhorou muito a Arte, esmerando-se em fazer edições recommendaveis pela bondade do papel, pela belleza do caracter, e pela correcção, e aceio. Foi Impressor Regio, e da Universidade de Coimbra.

Já fallamos no Cap. XI. de muitas edições de sua officina, e entre ellas de tres muito notaveis, e muito raras, de que vimos exemplares na Bibliotheca de Enxobregas quaes são = *Aristotelis de Reprehensionibus Sophistarum liber unus: Nicoláo Grouchio Rhotomagensi interprete. Conimbricæ* 1549. 1. vol. 4.° impresso por cuidado, e á custa de Belchior Belliago = *Arnoldi Fabricii Aquitani de Liberalium Artium Studiis Oratio, Conimbricæ habita in Gymnasio Regio pridiè quam ludus aperiretur IX. Cal. Martii* 1547. *Conimbrice* 1548. 1. vol. 4.° = *Melchioris Belliago Portuensis de Disciplinarum omnium Studiis Oratio ad universam Academiam Conimbricensem habita* Cal. Octobris 1548. Conimbr. 1. vol. 4.° (que se acha na mesma Bibliotheca em hum volume, em que estão as obras Grammaticaes de Thomaz Linacro, de Luiz Vives, e de outros). A estas producções accrescentaremos agora outras, quaes são as seguintes: = *Monosthicon de primis Hispanorum Regibus* = *Chronologia seu Ratio Temporum* (duas obras de Fr. Nicoláo Coelho de Amaral, da Ordem da Santissima Trindade) Coimbra 1. vol. 1554. *Ignatii Moralis in Interitu Principis Joannis*: *Conimbr.* 1554. 4.° = *Historia de Nossa Redempção, que se fez para consolação dos que não sabem Latim. Coimbra* 1554 4.° = *Hieronymus: Opera* 1556 fol. = *Tratado notavel de huma pratica que hum Lavrador teve com hum Rei da Persia, que se chamava Arsano; feito por hum Persio por nome Codio Rufo, reduzido em Portuguez por Fr. Jeronymo da Ordem de S. Bernardo do Convento de Alcobaça. Coimbra* 1560. 1. vol. 4.° obra rara = *Mortis Meditatio*: *A*: *Jacobo Tevio Olisip.* 1563. = *Imagem da vida Christãa de Fr. Heitor Pinto*: por o mesmo = *Ex-*

posições de Paulo de Palacio ao Evangelho de S. Mattheus. Coimbra 1564 fol. = *Historia das cousas que o Capitão D. Christovão da Gama fez no Reino do Preste João* 1564 4.° = *Andreae Resendii Carmen Endecassyllabum ad Sebastianum Regem* 1567. = *Veritatis Reportorium per Frantrem Franciscum Securim* (isto he, Machado) 1. vol. 4.° = *Leis de como hão de ir armados os Navios: sobre o peccado de Sodomia: e sobre os Livros defesos. Lisboa* 1572. 1. vol. 8.° = *Regimento, e Estatutos sobre a Reformação das tres Ordens Militares*: no mesmo anno 1. vol. 8.°; que costumão andar juntos com a Collecção das Leis por Francisco Corrêa = *Memorial para os perdões*: *Olisipone* 4.°, sem era; obra rara (Real Bibliotheca de Lisboa).

João Beltrão da Rocha.

Tinha officina Typographica na Cidade de Braga, aonde imprimio = *Reportorio dos tempos* em 1519. Este foi o que de parceria com Pedro da Rocha estampou em Braga em 1539 a rara obra do *Sacramental* de Clemente Sanches, de que já fallámos.

João Blavio.

Foi natural de Colonia Aggripina, e Impressor Regio; florecia em Lisboa pelos annos de 1555, e correo parelhas com os melhores Impressores da sua idade: delle são entre outras edições as seguintes: = *Tratado de como S. Francisco buscò, y hallò a su muy querida Señora la Santa Pobresa, mandado transladar per el Duque de Bragança D. James.* Lisboa 1555. 1. vol. 12.° = *Ley sobre os Arcabuzes delRei D. Sebastião* de 1557 = *Treynta, y dos Sermões del Padre Fr. Juan de la Cruz* 1558 12.° (Real Bibliotheca de Lisboa) = *Treze Sermões de Fr. Luiz de Granada* Lisboa 1559. 1. vol. 4.° (Bibliotheca de Enxobregas = *Summa Caetana del Pa-*

dre Paulo de Palacio 1560. 1. vol. 8.º (Real Bibliotheca de Lisboa) = *Resendii Epistolæ tres carmine ad Lupum Scintillam et c. Olisipone* 1561. = *Escola Espiritual de S. Juan Climaco. Lisboa* 1562. 8.º Edição 3.ª (Real Bibliotheca de Lisboa, e Hasseana) = *Avisos Espirituales, que enseñan como el sueño corporal sea provechoso al spiritu*, dedicados ao Senhor Cardeal Infante D. Henrique 1563. 8.º

João de Borgo, ou Borges.

Poucas edições temos visto deste Impressor; he estimavel a do Livro do Mestre Resende, intitulada = *Ludovicæ Segeæ Tumulus. Olisip.* 1561.

João de Endem.

Foi Impressor em Goa, bem conhecido por muitas obras que estampou, de que se podem vêr algumas no artigo da Typographia de Goa no Capitulo II. das Cidades, e Villas etc., he muita estimada entre todas a edição dos *Colloquios dos Simples, e Drogas, e cousas medicinaes da India, pelo Doutor Garcia d'Orta*: Goa 1563. 1. vol. 4.º

João Fernandes.

Não temos visto producções da Typographia deste Impressor, senão a do Livro = *Ordo Officiorum Canonicorum Regularium*: *Olisipone* 1579 *in monasterio S. Vincentii.* 4.º

João Lopes.

Tambem não temos visto edições deste Impressor; de que aqui devamos fazer memoria.

João de Kempis.

Era alemão de Nação, e tinha em Lisboa huma famosa officina que estampou muitas obras; elle foi o que fez a primeira edição das *Ordenações do Reino* do Senhor Rei D. Manoel, da primeira Compilação; fol. que não podemos até agora vêr (*a*).

Joham Pedro Bonhomini.

Joham Pedro de Boõs homens, ou Bonhomini, ou Bonhomyni, ou Bognonino, em Latim de *bonis hominibus*, (que assim diversamente se acha escrito) foi Milanez de Cremona: parece que já tinha Officina Typographica em Lisboa no fim do Seculo XV. como já notámos nas Memorias daquelle Seculo (*b*). No seguinte estampou elle varias obras, e algumas de parceria com Valentim Fernandes, de quem adiante fallaremos:

1501 Este foi o que imprimio o Livro *Grammatical* de João Pastrana e de Antonio Martins de 1501, de que se usava nas Escolas de Lisboa, que se chamava *Thesouro de pobres e Espelho de meninos* (*a*). Fez delle outra edição em 1513, de-

(*a*) Não se póde duvidar da existencia desta primeira edição, que alguns negão; porque vemos, que na de 1514, se diz = *Novamente nesta segunda Impressão*, e que della se faz memoria no Regimento da Alfandega do Porto, que existe na Camara daquella Cidade.

(*b*) Maittaire faz menção deste Impressor nos seus Annaes Typographicos.

(*c*) Naquelles tempos foi costume em alguns Reinos compôr e imprimir algumas obras abbreviadas para uso das pessoas pobres, que as podessem facilmente comprar, como foi a obra de Nicoláo de Hanape intitulada: *Biblia pauperum*; a outra com o mesmo titulo de Antonio de Rapegollis, e outra similhante em Alemão.

Esta obra do Thesouro dos pobres sahio com este titulo = *Antonii Martini quondam hujus Artis Pastranæ in alma Universitate Ulix-*

que ha hum exemplar na Real Bibliotheca d'Ajuda, o qual foi da Livraria do Abbade Barbosa, que vio, e examinou o Padre Manoel Monteiro, da Congregação do Oratorio de Lisboa, para o seu Novo Methodo da Grammatica Latina. Estampou mais = *Flos Sanctorum*, antigo Portuguez, por ordem do Senhor Rei D. Manoel 1513 = *Livro primeiro das Ordenações com sua taboada, que assina os titulos, e folhas: e trata-se nelle dos Officios de nossa Corte, e da Casa da Supplicação, e do Civel, e daquelle que per nos tẽ carrego de ministrar Direito, e Justiça: novamente corregido nesta segunda impressam per especial mandado do muy alto y muy poderoso Senhor Rey D. Manoel Nosso Senhor, imprimido com privilegio de sua Alteza.* Traz no fim a subscripção seguinte = *Acabou-se de emprimir ho* 1.º *Livro das Ordenações corrigido, e emendado por o Doutor Ruy Botto, do Conselho Del Rey N. Senhor, e Chanceller moor destes Regnos, e Senhorios per authoridade, e privilegio de S. A. em Lisboa per Joham Pedro de Bonhomini aos* 30 *dias de Octobro de* 1514. O segundo Livro estampado em Dezembro; o terceiro em Março, o quarto em Maio, e o quinto em Junho pelo dito Bonhomini, com rostos differentes 2. vol. fol. (*a*) = *Regimento de como os Contadores das Comarcas hão de prover sobre as Capellas, Hospitaes, Albergarias, Confrarias, Gafarias, Obras, Terças, e Residos novamente ordenado, e copillado pelo muyto alto, e muito poderoso Rey D. Manoel.* Lisboa 1514. 1. vol. fol. gothico (Real Bibliotheca de Lisboa e Hasseana) = *Bre-*

---

bonensis præceptoris materiarum editio a baculo cœlorum breviter colecta incipit: e acaba = *Magistri Johannis de Pastrana cum conjugationibus tempor noviter inventis cum materiebus Antonii Martini etc., per venerabilem Johannem Petri de bonis hominibus de Cremona in splendissima Ulixbona Civitate quarto Kalendas Decembris impressum anno Dnne millesimo quingentesimo primo felici sydere explicit.*

(*a*) Estes exemplares forão assignados por dois dos quatro o Doutor João Cotry, o Doutor João de Faria, o Doutor Pero Jorge, e o Licenciado Christovão Esteves.

ve Memorial dos peccados: *de Garcia de Resende.* Lisboa em 1512. 1. vol. 8.º raro (Real Bibliotheca de Lisboa) = *Ordenaçam da Ordem do Juizo*: tambem em Lisboa em 1526.

João Quinquenio de Campania.

Foi Impressor em Goa, e estrangeiro: e de algumas de suas edições fizemos menção no cap. II. das Cidades, e Villas v. Goa.

João de Ribeira.

Sabemos deste Impressor pela edição do *Diccionarium Latino-Lusitanicum*: *Olisipone* anno 1592.

Jorge Rodrigues.

Ha noticia deste Impressor desde os annos de 1546, em que publicou de sua Officina = *Norte de Confessores*, *Lisboa* 1. vol. de 8.º obra dedicada ao Senhor Rei D. João III. De seus prélos sahio o Livro *Sentenças generales de Francisco de Gusman.* Lisboa 1598. 1. vol. em 16. (Bibliotheca Hasseana) = e *Triunfo del Monarcha Felippe III.* 4.º Continuou no Seculo XVII., e são desse tempo = *Sentenças de D. Francisco de Portugal, Primeiro Conde de Vimioso* 1605. 1. vol. 8.º = e *Decada III. de João de Barros*; *segunda edição de Lisboa* 1628.

Luiz Rodrigues.

Este illustre Impressor, que residio em Lisboa, tem nas obras que publicou os titulos mais incontestaveis para ser qualificado entre os bons Typographos do seu tempo: ainda hoje se estimão as suas edições, entre as quaes se destinguem muito as seguintes = *Oratio Panegyrica* de Antonio Luiz a ElRey D. João III, que estampou em

1539, em 4.º (Real Bibliotheca d'Ajuda na Collecção que tem por titulo = *Elogios Oratorios, e Poeticos dos Serenissimos Reis, e Rainhas*) = *Commentarios de Bartholomeu Filippe ao Canon: Scindite corda vestra.*: no mesmo anno = Livro de *Patientia Christiana*, e outras obras de Jorge Coelho em Lisboa em 1540. 1. vol. 4.º (Real Bibliotheca de Lisboa, e a nossa) Obras de Antonio Luiz = *De Occultis proprietatibus. De Empyricis. De Pudore. et Problemat.* fol. = *Verdadeira Informação do Preste João das Indias* por Francisco Alvares em 1540 fol. (*a*) = *Fiammeta de Bocacio.* Lisboa 1541. 1. vol. gothico (Bibliotheca Hasseana) = *El Deceoso:* em 4.º tambem em gothico, no mesmo anno, com só cinco partes = *Libro de la verdad de la Fé, composto por Fr. João Soares, da Ordem de Santo Agostinho, Confessor, e Pregador DelRei D. João III.* Lisboa 1543. 1. vol. fol. gothico. = *Breviario Eborense.* Lisboa 1548. 1. vol. 8.º he reformado por M.[e] André de Resende = *Ordenações sobre hos Cavallos, e armas delRei D. João III., e sobre os Lobos* em 1549. Com estas, e outras muitas Impressões fez elle especial beneficio á Litteratura Nacional. (*b*)

(*a*) Não vimos edição anterior a esta de 1540, que corre como primeira, sendo que parece ser segunda, por nella se dizer: *Agora novamente impressa*: Barbosa fallou da Impressão desta obra, mas sem notar nem o anno, nem o lugar; o que daria motivo a conjecturar, que fallava de primeira edição, em que não haveria esta nota: por outra parte não se faz verosimil, que elle ignorasse esta de 1540.

(*b*) Nesta Typographia he, que o Padre Francisco Alvares, Capellão d'ElRei, collocou, as estampas, e caracteres de letras de não menos primor, e qualidade, que as de Italia, Alemanha, e França, aonde mais esta Arte florecia, que elle diz haver trazido de Paris para a impressão de sua obra do Preste João, segundo se tira destas palavras de seu Prologo a ElRei: *Como V. Alteza póde vêr pela obra que tenho assentada em Lisboa; e não com pequeno contentamento por me parecer, que V. Alteza nisto leva gosto.* Com effeito o Caracter da officina de Luiz Rodrigues he mais regular, e aceado, que o commum das outras officinas daquelle tempo; e de seus prelos sahio a edição que corre da obra de Francisco Alvares.

Manoel João.

Este Impressor teve sua Officina Typographica na Cidade de Lisboa, em que estampou em 1565 na menoridade do Senhor D. Sebastião as *Ordenações* do Senhor D. Manoel I. vol. fol. que he a quarta edição da segunda compilação de 1521 cujos exemplares forão assignados pelo Desembargador Matheus Esteves, Juiz dos Feitos da Fazenda. Depois passou seus prélos para Vizeu, aonde foi Impressor do Bispo daquella Diocese, e ali estampou algumas obras; veja-se *Viseu* no cap. II. das Cidades e Villas.

Manoel de Lyra.

Foi este Impressor mui nomeado entre nós pelas muitas edições que produzírão seus prélos. Entre outras merecem aqui particular memoria a da *Entrada que em Portugal fez D. Philippe I. de Portugal* por Isidoro Velasques em 1583. 4.° 1. vol. em Castelhano (Bibliotheca Hasseana) = a dos *Cercos de Malaca* de Jorge de Lemos 1585 4.° = a da *Tragedia muy sentida, e elegante de Ignes de Castro* em 1587 12.°, que he a mesma de Ferreira com alguma alteração, sem nota de lugar; edição rarissima de que temos um exemplar = a da *Elegiada de Luiz Pereira* de 1588 em 8.° = a do *Discurso sobre a vida e morte de Santa Isabel Rainha de Portugal, com outras varias Rimas* em 1590, em 4.° 1. vol. = a do *Reportorio dos tempos de André de Avellar* 4.° tambem em 1590 sem nota de lugar = Obras de Francisco de Sá de Miranda 1595. 1. vol. 8.° = *Regimento do Auditorio de Evora* 1598.

Marcos Borges.

Era Impressor Regio em Lisboa por 1566, tempo em que imprimio *Paradoxo de João Cointha* = *Chronica de Scandeberg.* em 1587 = *Regimento de 10 de Dezembro*

de 1570 *dos Capitães mores, e mais Capitães, e Officiaes das Companhias de gente de cavallo, e de pé* 1571 = *Terceira e quarta Parte da Chronica do Palmeirim de Inglaterra* 1587. Este foi o que imprimio a Chronica do Florizel em 1560.

Martim de Burgos.

Foi Impressor em Evora, e alli deo á luz entre outros os quatro livros de M.[e] Resende = *De Antiquitatibus Lusitaniæ* em 1593. fol.

Pedro Craesbeeck.

Nos fins do Seculo XVI. começou de figurar o Impressor Pedro Craesbeeck, com as edições que deo de seus prélos. Em 1597 estampou nelles = *Index Librorum prohibitorum de mandato D. Antonii de Mattos de Norogna, Episcopi Helvensis, Inquisit. Generalis Lusit.* 1. vol. 4.° e em 1598 = *Doctrina militar por Bartholomeu Searion de Pavia* 1. vol. 4.° (Bibliotheca Hasseana). Continuou no Seculo seguinte, e delle se conservão memorias nas edições que temos visto de 1603 até 1625. He rara á do Opusculo intitulado: *Chori Tragediæ quæ inscribitur D. Antonius Ulisipone* 1604. com os *Summarios* dos Actos desta Tragedia (*a*). Esta Officina durou mais de hum Seculo em seus descendentes.

Pedro da Rocha.

Foi parceiro de João Beltrão, com quem imprimio em Braga o Sacramental de Clemente Sanches em 1539, de que já fallamos.

(*a*) V. Faria na Europa P. III. O Senhor Rei D. Pedro II. fez mercês grandiosas a seu filho Antonio Craesbeeck só pelos muitos Livros que imprimio das Historias do Reino, dando-lhe tença de 40 mil reis com o Habito para seu filho.

Simão Lopes.

Foi Impressor em Lisboa nos fins do Seculo XVI. Delle são entre outras as edições = do *Itinerario da Terra Santa* de Fr. Pantaleão de Aveiro. Lisboa 1593. 4.° = do *Naufragio e Lastimoso Successo da perdição de Manoel de Souza* em 1594 4.° = *Dos valorosos feitos de Pimaleon* 1598. = do *Regimento Nautico de João Baptista Lavanha, Cosmographo mór*. Lisboa 1595. 1. vol. 4.°

Thomé Carvalho.

Consta-nos que fòra Impressor em Coimbra por 1569, não nos recordamos porém de ter visto edições suas.

Valentim Fernandes.

De Valentim Fernandes já fallamos nas Memorias do Seculo XV. (*a*) foi Alemão, da Provincia de Moravia, (*b*) e Escudeiro da Casa da Rainha D. Leonor, terceira mu-

---

(*a*) Dissemos em nossa Memoria da Typographia do Seculo XV. que suspeitavamos, que este Impressor fora o mesmo que Valentim de Moravia, que imprimira com Nicoláo de Saxonia o livro de *Vita Christi*: agora o affirmamos sobre as combinações que depois fizemos; principalmente sobre a edição das Coplas de Jorge Manrique, em que elle se diz Valentim Fernandes da Provincia de Moravia: Leitão nas Memorias Chronologicas da-lhe o sobrenome de Morão, pag. 467 §. 1000, e com effeito o Marquez de Villa Real D. Pedro de Menezes na epistola que lhe escreveo, lhe chamou *Moranum*: com tudo nas duas edições da Grammatica de Estevão Cavalleiro, e na das obras de Marco Paulo e de Nicoláo Veneto, e na das Coplas de Jorge Manrique, só se chama Valentim Fernandes: donde suspeitamos que houve equivocação, e que *Moranum*, que deu occasião ao sobrenome de *Morão*, se deveria ler *Moravum*, nome de sua terra; sendo facil na impressão pôr *n* por *v*.

(*b*) Elle mesmo se chama Alemão na Prefação á Tresladação do Livro de Nicoláo Veneto, que vem com os Livros de Marco Paulo: donde se ha de corrigir o lugar da Bibliotheca Lusitana, que o deo por Portuguez.

lher do Senhor Rei D. Manoel (*a*), he o primeiro, e mais antigo que apparece na frente deste Seculo, continuando em Lisboa com sua Officina Typographica por 1500: nesse anno escreveo elle a D. Pedro de Menezes, terceiro Marquez de Villa Real, pedindo-lhe suas obras para as imprimir; a quem o Marquez respondeo por sua carta de 21 de Fevereiro, que tem por titulo: *Epistola ad Valentinum Ferdinandum Moramum Typographum data* 21 *de Februariy anno á partu Virginis* 1500.

Este foi o que estampou as = *Orações*, *e Epistolas de Cataldo Aquila Siculo*, de que já fallamos, com as obras do Marquez em Lisboa em 1500; de que ha exemplares nas Bibliothecas do Collegio da Graça de Coimbra, e do Real Collegio de S. Paulo da Universidade, e na Corsiniana em Roma, como já notámos no Cap. II. das Cidades e Villas etc. (*b*).

Teve parceria com João Pedro Bonhomini de Cremona, com quem imprimio = *Catecismo piqueno da Doutrina, e Instituição, que os Christãos hão de crer, e obrar para conseguir a Bemaventurança eterna*: *feito por Diogo Ortiz*, *Bispo de Ceuta*. Lisboa 1504. 1. vol. fol. gothico de que tambem já fizemos menção (Bibliotheca de Lisboa). Outras edições suas podem ver-se no Cap. II.

Vasco Dias Tanco de Frexenal.

Este Impressor assentou sua Officina na Cidade do Porto, e parece, que foi o primeiro que alli exercitou a Arte Typographica naquelle Seculo (*c*): forão partos de seus prélos

R ii

(*a*) Assim se intitula na Prefação dos Livros de Marco Paulo, que imprimio em Lisboa.

(*b*) Pelo que se deve corrigir o lugar do erudito Espanhol Raymundo *Diosdat* no *Specimen de prima origine Typog. Hisp. ætate*, que diz a pag. 76. que não consta do Impressor.

(*c*) Acaso seria parente de Freixenal, Mestre de Grammatica em Lisboa no Bairro das Escolas, de quem falla Leitão nas Memorias da Universidade §. 1000. fol. 466, e 467.

= o *Espelho de Casados*, em 1540 = e as *Constituições Synodaes do Bispado do Porto*, ordenadas pelo Bispo D. Fr. Balthezar Limpo em 1541. fol. das quaes obras já demos noticia no Cap. II. Verb. *Porto*.

Vicente Alvares.

Não temos visto obras da Typographia deste Impressor para darmos aqui maior noticia delle.

Vicente Fernandes Peres.

Este foi hum dos mais antigos Impressores, que teve Lisboa naquelle Seculo; foi de sua Officina a rara edição dos *Autos dos Apostolos* em 1505.

CAPITULO IV.

Do merecimento Typographico das Edições de Portugal no Seculo XVI.

I.

Dos caracteres.

DIGAMOS alguma cousa dos caracteres de que a Typographia usou naquella idade, e do mais que pertence á perfeição desta Arte.

O caracter, que dominou em nossas Officinas no principio do Seculo XVI. foi o mesmo que já delles se havia senhoreado no Seculo antecedente, isto he, o gothico, ou semi-gothico, ou entre o gothico, e o redondo, que procedeo das depravadas letras Unciaes Romanas, e particularmente da letra Toledana do Seculo XII. introduzida em Toledo nos tempos de D. Affonso IV. que imitárão os primeiros Impressores Alemães no Seculo XV (*a*).

(*a*) He huma especie de caracter ou letra, que em toda a parte

Este caracter em muitas obras era ainda tortuoso, informe, falhado, e pouco claro como o fora no principio da Typographia: com tudo em outras começou de apparecer com mais algum primor, e apuramento, formando-se as letras de um modo mais claro, distincto, aceado, e elegante, como se vê já nas Edições da Regra, e Definições da Ordem de Christo de 1504, do Catecismo pequeno do Bispo D. Diogo de Ortiz, do mesmo anno; das Ordenações do Reino de 1514, do Confessionario de Rezende de 1521, das Constituições de Braga de 1538, dos Capitulos de Cortes, e Leis de 1539, e da verdadeira Informação das Terras do Preste João, de Francisco Alvares de 1540, e de outras. Depois andando o Seculo entrou a ter maior limpeza, e elegancia; e ficou mais direito, regular, desempedido e claro, como já se acha na edição da Fiammeta de Boccacio de 1541, e nos Commentarios de Navarro ás tres ultimas Distincções de Penitencia de 1542, e em outras obras.

Desta sorte continuou a estar de posse dos nossos prélos o caracter gothico ou semi-gothico ao meio do Seculo XVI, e ainda até mais tarde; humas vezes solitario, como no principio; outras alterado com o Romano, que se lhe foi substituindo pouco a pouco. Com effeito ainda elle apparece nas Officinas de Lisboa por 1553 nas Decadas de João de Barros, e mais adiante em outras obras. Em Coimbra reinou ainda pelo mesmo tempo na Officina de João Barreira, como se vê no Opusculo de Alberto Magno *De adhærendo Deo* de 1553, na Historia de nossa Redempção, impressa por mandado de D. Leonor de Noronha em 1554; na Traducção da Historia de Eusebio de Cesarêa por Fr. João da Cruz no mesmo anno, e no Tratado Notavel de

---

se usou até mais do meio do Seculo XVI a que dão varios nomes chamando-lhe *Bulla, Antigo e Gothico*, sem mais motivo que o de sua confusão, e abbreviaturas, e tambem *Venesiano*, porque Nicoláo Sanson o levou a Venesa, e imprimio nelle muitos livros desde 1470 até 1482, e finalmente teve tambem nome de *Caldeirilha*, e *de Tortis* Impressor Venesiano.

huma pratica, que teve hum Lavrador com hum Rei da Persia, de 1560; e na Officina de João Alvares no Tratado da Vida, e Martyrio dos cinco Martyres de Marrocos, de 1568. Em Evora estava elle em uso pelos mesmos annos de 1554, e ainda depois, como se mostra da Homilia de Jorge da Silva, e da Terceira Parte de las grandes Hazañas de los Principes D. Rogel de Grecia etc. O mesmo succedia em Braga, como o prova a edição do Breviario Bracarense de 1549, reformado, e mandado imprimir pelo Arcebispo D. Manoel de Souza.

Além do gothico, ou meio gothico houve tambem o Romano, o qual entrou nas Officinas de Portugal, pouco depois que se espalhou pelas de Italia, e França. Já elle havia começado a apparecer em Coimbra por 1536 na rarissima edição de Antimoria, e outras obras Poeticas de Ayres Barbosa; na de Boecio de *Divisionibus*, ambas edições da Officina do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, e no Tratado Moral dos Louvores, e Perigos por D. Sancho de Noronha de 1549, e em mais algumas outras daquelles tempos: mas não chegou a predominar, e a excluir a rudeza do caracter gothico, senão na declinação já daquelle Seculo.

Este caracter foi de duas castas, o Italico, que propriamente se chamou Romano, e o Veneziano. A principio usou-se muito em nossas Officinas do Italico, ou Cursivo, que havia inventado Aldo Manucio no principio do Seculo XVI á semelhança da Escritura Manual, ou letra bastardilha, o qual se tinha espalhado em toda a Italia, e em outras partes da Europa. Com estes caracteres, e de muita elegancia, já trabalhava em 1536 a Officina de Santa Cruz de Coimbra, como se vê da bella edição da mesma Antimoria de Ayres Barbosa, e na das Poesias Latinas de Jorge Coelho ao Cardeal Infante D. Affonso: trabalhava tambem Luiz Rodrigues nas suas edições, sendo huma boa peça e amostra dellas a dos cinco Livros dos Problemas de Antonio Luiz de 1550: trabalhava igualmente com o mesmo apuramento Francisco Corrêa, de que deo boas pro-

vas na edição das Homilias do Cardeal Infante D. Henrique de 1576. O mesmo fazia Pedro Craesbeek, por não referirmos outros mais, o qual o empregou com muito aceio nas edições de Latim de Diogo Bernardes de 1596, e das Odes, Elegias, Ecclogas, e Cartas do Doutor Antonio Ferreira de 1598.

Os nossos não contentes com o caracter Italico, ou Cursivo introduzirão tambem o Veneziano, ou caracter redondo, e grosso, que João, e Vadelim de Spira havião apresentado desde 1469, e que muito usárão depois os mais habeis Impressores de Veneza, que lhe fizerão dar o nome de Veneziano. Este caracter se estabeleceo á maneira de letra redonda, que corria, e era mais bem formada, que a Italica, e mais facil de lêr; e se foi adoptando pelo tempo adiante em todas as Officinas com preferencia ao Italico, que por ser mais delgado, e miudo, se fazia molesto aos olhos; e se foi reservando para citações de menos extensão, ou para obras mais pequenas (*a*).

Deste caracter Romano havia boa copia entre nós, e muita parte delle assás limpo, claro, e aceado, e de bastante elegancia, e formosura. Delle abundavão as Officinas de Lisboa, principalmente a de Antonio Gonçalves, de que deo provas nas edições das Leis extravagantes de 1569, e de Osorio de Rebus Emmanuelis de 1571. Em Coimbra havia tambem primoroso caracter nas Typographias de Santa Cruz, e de João Barreira, e João Alvares, de que podem servir de amostra as Epistolas Selectas de S. Jeronymo, e os Commentarios de Navarro ao C. inter Verba X. em 1544, e á Dist. de Pœnitentia de 1562 a Chorografia de Barreiros e as suas Censuras, e a Oração Latina de D. Garcia de Menezes.

(*a*) Este caracter chegou a pôr-se em desuso ainda entre os mesmos Venezianos; mas depois de huma longa interrupção veio a ser dominante em Veneza, e em toda a Europa.

II.

Do ornato Typographico.

Continuavão no Seculo XVI os ornatos, e figurarias, que a Typographia havia herdado do Seculo antecedente; mas estes ornamentos com que ella costumava de relevar as suas obras, erão pelo commum defeituosos, porque havia pouca invenção, pouca ordem, nenhuma arte de contornar na fórma mais regular e agradavel o Desenho tão necessario para a Gravadura, e Estamparia não tinha feito progressos consideraveis entre nós para poder dirigir os Imaginarios, e Gravadores: elle era tosco, e a sua gravadura grosseira e rude: o capricho era a unica regra, que guiava a fantasia, e a mão dos Artifices. Não havia gosto para discernir o que convinha nas fachadas, e frontispicios dos Livros: entravão adornos que não tinhão relação com a peça; ornatos extravagantes, columnas com demasiados floreios, pedestaes caprichosos, frisos cheios de mascaras, grifos, animalejos, e caricaturas; ou arvores muitas vezes carregadas de cascos, escudos, capacetes, e córpos d'armas pendentes, Satyros, e figuras humanas sem proporção, e outras rematando em peixes, e mais arabescos deste genero.

Com tudo em algumas edições apparece hum gosto mais são e depurado, como nas de Antonio Luiz, que trazem as suas portadas com maior elegancia, as columnas com mais simplicidade, e as figuras com mais regularidade, e airoso lançamento, ainda que com varios arabescos, como na portada do Poema Vincentius de Resende. Os ornamentos são muitas vezes allusivos a cousas daquelle Seculo, e podem servir para espalhar luz sobre a sciencia do Brazão, e Armeria, sobre os habitos, trajes, armas, e trem de guerra, e sobre outros costumes do Seculo, e particularidades da antiga Historia, em que tem que aproveitar os Pintores, Gravadores, Imaginarios, Historiadores, Poetas, e os mesmos Criticos.

III.

Das divisas dos Impressores.

O uso das divisas, ou insignias Typographicas no fim das Obras, ornamento de que muito se servião os Impressores de outras Nações, não entrou muito pelo Seculo XVI em Portugal. A Arte de Gravadura não tendo ainda feito progressos entre nós, não despertava nos nossos Impressores a curiosidade, e timbre de mandar abrir emprezas, e assinalar as suas edições pelo ornamento e expressão das divisas. Com tudo alguns houve que se não descuidárão de marcar com ellas suas obras, para mais se darem a conhecer ao publico.

Valentim Fernandes conservou ainda neste Seculo a mesma divisa de que havia usado no antecente, na edição da Historia do Emperador Vespasiano de 1496, ainda que com alguma variedade, e differença, como se vê no fim da Glossa sobre as Coplas de Jorge Manrique impressa em Lisboa em 1501 a saber: em hum galhardo escudo hum Leão coroado, e em pé, e com grande cauda levantada, com huma cedula nas mãos, que tem hum V letra inicial de seu nome, e no meio della huma hastea ao alto com fita volteada, que remata em cruz, com a letra por baixo J S V W I Y.

Luiz Rodrigues, insigne Impressor de Lisboa, usava de pôr no fim de suas edições huma Serpente, ou Drago com azas estendidas, vibrando a lingua farpada, com parte da cauda enroscada no tronco de huma arvore em que se enlaçava huma fita ou facha presa, e pendente do mesmo tronco. que se alargava, e estendia para os lados, com a letra=*Salus vitæ*=e junto da raiz do tronco, huma pequena cedula que dizia=*Luduvicus Rudurici.*= Assim se vê na edição dos cinco Livros dos Problemas de Antonio Luiz, do Livro *de Patientia* de Jorge Coelho, da obra *verdad de la Fé, de Fr. João Soares*; do Commen-

torio de *Verborum conjugatione* de M.ᵉ Resende, e de outras mais, que sahírão de seus prélos.

João Alvares algumas vezes poz como divisa a Esfera, com a legenda em baixo: *Spera in Deo, et fac bonitatem*, como vem na edição das Censuras de Gaspar Barreiras de 1561 e mesmo usava seu parceiro João Barreira, como no principio do *Memorial dos perdões*, impresso em Lisboa e em outras obras.

Pedro Craesbeeck, outro impressor de grande nome entre nós, tomava por armas hum escudo, e hum gyrasol voltado para o Sol, que do alto o attrahia, tendo na orla esta letra = *Trahit sua quemque voluptas* = como se acha entre outras na edição dos Poemas de Antonio Ferreira.

IV.

Do papel das Edições.

Quanto á materia sobre que estampárão os Livros no principio do Seculo XVI, ainda se empregou alguma vez o pergaminho: ainda hoje são testemunhas disto os dois rarissimos exemplares, que existem na Real Bibliotheca de Lisboa da edição do Confessionario de Resende de 1521 por Germão Galharde, e da Chronica do Condestabre D. Nuno Alvares Pereira de 1526 fol. pelo mesmo Galharde, a edição segunda das Ordenações do Senhor Rei D. Manoel de 1514, por João Pedro Bonhomini em pergaminho fino; hum exemplar tambem rarissimo das Ordenações da India pelo Senhor Rei D. Manoel de 1520, que possue a escolhida Bibliotheca do Illm.º Monsenhor Ferreira; a Epistola Latina do Senhor Rei D. Manoel ao Papa Leão X. *De victoriis nuper in Africa habitis* datada de Lisboa de Outubro de 1513 em pergaminho, de que temos hum exemplar: edição que se deve accrescentar em Barbosa; e o tomo I, da Vida de Christo de Alcobaça, que se conserva na Livraria de S. Francisco da Cidade.

O papel porém foi mais usado, e o que logo continuou a servir com exclusão quasi total do pergaminho fora dos Livros Coraes, ou Rituaes; porque se bem era de menos consistencia, e duração, era com tudo menos dispendioso para a economia dos trabalhos Typographicos. O papel tendo então muito consumo, começou de se apurar, e tomar huma côr mais branca, no que se excedia ao do Seculo antecedente, que era um pouco baço; mas ficava-lhe inferior em outras cousas; porque pela maior parte era mal fabricado, e o seu corpo não tinha a consistencia e textura, do que havia no Seculo XV.

APPENDICE I.

Dos Privilegios, e honras dos Impressores de Portugal.

Resta dizer alguma cousa dos Privilegios, e honras dos Impressores naquelle Seculo: a Arte Typographica, ou da Impressão havendo sido hum feliz invento, que muito concorreo para facilitar as grandes despezas e incommodos da escritura manual, e a acquisição das producções litterarias, e promover e propagar os conhecimentos humanos em todo o genero, não podia deixar de merecer as attenções dos povos civilisados, e dos Principes para lhe darem bom recebimento e honra em seus Estados. Assim que foi ella havida entre nós por muito nobre Arte e por mui dignos de distincção e estimação os seus Obreiros. Bem o mostrou o Senhor Rei D. Manoel, grandioso Protector das Letras, e das Artes; por quanto ainda antes que Luiz XII. de França privilegiasse os Impressores reconhecendo as muitas vantagens, que delles nos podião vir com tão preciosa Arte: começou de os contemplar e animar neste Reino fazendo-lhes mercê e graça; porque a Jacob Combreger Alemão, e a todos os mais Impressores Christãos concedeo os Privilegios, liberdades, e honras, que havião, e devião haver os Cavalleiros de sua

Casa Real, por elle confirmados, posto que não tivessem armas, nem cavallos segundo as Ordenações; determinando que por taes fossem tidos e havidos em toda a parte, com tanto que possuissem de cabedal duas mil dobras de ouro, e fossem Christãos velhos, sem raça de Mouro, nem de Judeo (*a*).

APPENDICE II.

Breve noticia das Cidades, Villas, e Lugares em que tem havido Typographia Portugueza nos Seculos XVII, e XVIII.

ÁS noticias das Cidades, Villas, e Lugares, em que houve Typographia permanente, ou só portatil no Seculo XVI. julgamos curioso e util accrescentar em resumo, e como por digressão no fim destas Memorias por ordem alfabetica, as que tocão aos Seculos XVII. e XVIII. sobre as terras de Portugal, e de fóra, aonde houve estampa de Livros Portuguezes. Além de Lisboa, Evora, Coimbra,

---

(*a*) Luiz XII. privilegiou os Impressores, e Livreiros da Universidade de París em 1513, v. Diccion. de Trevoux tom. III. Col. 910 in fine; e o Senhor Rei D. Manoel já em 1508 os havia comtemplado como consta de sua Carta dada na Villa de Santarem a 20 de Fevereiro daquelle anno; a qual existe na Torre do Tombo, donde a requerimento de Miguel Deslandes, Impressor, se tirou hum traslado por mandado do Senhor Rei D. Pedro II, e Sellado com as Armas de seu Sello Real, em Lisboa a 27 de Maio de 1686, o que referem Leitão nas *Memor. Chronol. da Universidade* § 288. fol. 118, e 119. e Souza na *Hist. Geneal.* Tom. IV. pag. 134. Póde vêr-se o Privilegio por inteiro no I. Tomo da *Synopsis Chronologica* do erudito escritor José Anastacio de Figueiredo a pag. 164 e 165.

Da nobresa dos Impressores em geral póde consultar-se Otalora, João Garcia, e Tiraquello *de Nobilitate*, e os Authores que escreverão das Leis de Hespanha, nas quaes se trata da Nobresa, e requesitos necessarios para ella, Matheus Tamborini *in Decalogo* lib. IV. cap. III. n. 7. e n. 5. Estevão Torculo Liv. IV. *de Imperio et Philosophia Gallorum*: e Torrecilha tom. II. de Consultas cap. 5 fol. 225. Entre nós não padecem duvida na nobresa, os que tem dois Impressores.

Porto, e Braga, que continuárão com seus antigos prélos, figurárão com producções Typographicas os seguintes lugares (*a*).

Alenquer.

No termo de Alenquer entrou hum prélo portatil, que para lá transferio Vicente Alvares, levando-o de Lisboa para a Quinta chamada do Mascóte, no qual estampou em 1612 a *Arte Militar* de Luiz Mendes de Vasconcellos, obra já de raridade.

Bemfica.

O Lugar de Bemfica nas abas de Lisboa teve tambem por algum tempo hum prélo portatil, que ali pôs Geraldo da Vinha no Convento dos Religiosos Dominicanos: nelle se estampou a *primeira parte da Historia de S. Domingos* de Fr. Luiz de Sousa 1623. 1. vol. fol.

Benavente.

Tambem para Benavente se traspassou hum prélo portatil de Lisboa, qual foi o de Matheus Donato, que ali imprimio a seguinte obra = *Sanctissimi D. N. Papa e Pauli V. statuto nuper emisso in confessarios fœminas sollicitantes in confessione motæ solutæ quæstiones aliquot Auctore Domino Roderico á Cunha Juris Canonici Conimb. Doctore. Benavente apud Matheum Donatum Anno Domini* 1611. 1. vol. 4.° (Real Bibliotheca de Lisboa e Livraria de Enxobregas).

(*a*) As edições de Livros Portuguezes em Amesterdão, Hamburgo, Oxford, Trangambar, ou Tranquebar, e Batavia, e em outros paizes estranhos pódem procurar-se em nossas Memorias de Litteratura Sagrada dos Judeos Portuguezes dos Seculos XVII, e XVIII, e na outra sobre algumas Traducções, e edições Biblicas nos tom. . . . . das Memorias de Litteratura Portugueza.

Bucellas.

Bucellas, Lugar nas vizinhanças de Lisboa, hospedou por alguns mezes hum prélo volante, que foi o de Pedro Craesbeeck, Impressor de grande nome; no qual se imprimio em 1644 a *Arte de Reinar* de Antonio de Carvalho de Parada, Prior da mesma Igreja de Bucellas 1. vol. fol.

Cantão.

Em Cantão, terra do Imperio da China, houve tambem Typographia dos nossos: della porém não temos visto outra obra senão a seguinte: *Considerações proveitosas para qualquer Christão viver bem, e alcançar a bemaventurança, por hum Padre da Companhia de Jesus* 1681. 1. vol. 8.° em papel Chinez (Real Bibliotheca de Lisboa).

Carnota.

Na Carnota houve hum prélo portatil por algum tempo, que mandou ir de Lisboa o Guardião do Convento dos Capuchos, que ali ha, o qual fez imprimir em 1627 por Antonio Alvares o Livro *da obrigação do Frade menor, em que se tratão as cousas, que está obrigado a guardar. Author Fr. Damaso da Presentação filho da Casa de N. Senhora da Insôa, da Provincia de S. Antonio de Portugal* 1. vol. 8.° (Livraria de Enxobregas).

Goa.

Ainda no Seculo XVII. continuava em Goa huma officina Typographica. Veja-se o que notamos sobre a Typographia no Seculo XVI. no cap. II. v. *Goa*.

Hiang Xan.

Em Hiang Xan, ou Hanchen no Imperio da China, em que os Jesuitas tinhão uma casa de Residencia, houve huma officina Typographica na qual se imprimio = o Livro da *Relacion sincera, y verdadeira de la justa defension de las regalias y Privilegios de la Corona de Portugal en la Ciudad de Macáo. . . . escrita por el Doctor D. Felix Leal de Castro, en la misma Ciudad a* 4 *de Febrero de* 1712 fol. He impressa em papel Chinez. (Real Bibliotheca de Lisboa).

Lordéllo.

No Mosteiro de Lordéllo na Provincia de Traz os Montes esteve por algum tempo hum prélo portatil, em que se estampou a obra do Doutor Luiz Corrêa, Abbade de Lordéllo, e Lente da Faculdade de Canones na Universidade de Coimbra, intitulada = *Relectio ad Cap. inter alia de immunitate Ecclesiarum In Monasterio de Lordello per Joannem Rödericum.* Anno de 1626. 4.º (Real Bibliotheca de Lisboa).

Macáo.

No Seculo XVII. continuou a Typographia de Macáo, de que sahío entre outras a seguinte edição da = *Arte Breve da Lingua Japôa tirada da Arte grande da mesma Lingua. Macáo no Collegio da Madre de Deos* 1624. 1. vol. 4.º He obra do Padre João Rodrigues Girão, Jesuita, natural da Villa de Alcochete (Bibliotheca da Real Casa de Nossa Senhora das Necessidades) e he esta huma das obras, que se hão de accrescentar na Bibliotheca Lusitana de Barbosa.

Continuou no Seculo XVIII. a mesma Typographia, e nella se estampou = *Jornada de João Tavares* por Vel-

les Guerreiro em 1718 fol. = *Jornada que Antonio Albuquerque Coelho, Governador, e Capitão General da Cidade do Nome de Deos de Macáo na China, fez de Goa até chegar á dita Cidade de Macáo.* = Não tem nome de Impressor, nem anno de edição; foi porém impressa depois de 1718, como se collige da mesma obra; he em papel Chinez, e em folhas dobradas, segundo o uso das Impressões da China (Real Bibliotheca de Lisboa e a nossa).

Nangazachi.

Em Nangazachi, terra e Cidade Episcopal do Japão, e porto, aonde desembarcavão os Navios Portuguezes, tiverão os Jesuitas no seu Collegio, e Seminario huma officina Typographica: della foi producção entre outras a edição da obra intitulada = *Flosculi de Virtutibus, et vitiis ex veteris et novi Testamenti, et Sanctorum Doctorum, et Philosophorum floribus selecti* 1610. 1. vol. He composição do Padre Manoel Barreto Jesuita. (*a*)

Rio de Janeiro.

O trato da Arte Typographica, que havia penetrado na Azia, não teve a mesma entrada no Brazil: só no meio do Seculo XVIII levantou Antonio da Fonseca huma officina na Cidade do Rio de Janeiro; mas foi ella de mui curta duração, porque se mandou logo desfazer, e abolir por ordem da Côrte. Apenas sabemos que nella se imprimio em 1747 a *Relação da entrada, que fez o Bispo D. Fr. Antonio do Desterro Malheiro*, escrita por Luiz Antonio Rosado da Cunha. 4.°

(*a*) Deve corrigir-se o lugar da Bibliotheca Lusitana, em que por descuido do Amanuense, ou do Impressor, se poz o anno de 1510, por 1610.

Salsete, em Rachol.

Ainda no Seculo XVII. permaneceu a Typographia de Rachol, de que são testemunhas duas obras, que aqui pômos de raridade e estimação = *Doutrina Christã em Lingua Bramana Canarim* pelo Padre Thomas Estevão Jesuita no Collegio de Rachol 1622 8.º (Real Bibliotheca de Lisboa) = *Arte da Lingua Canarina* do mesmo Author, accrescentada pelo Padre Diogo Ribeiro 1640.

Viana.

Viana do Minho, Villa em outro tempo de grande trato, e grangearia, entre as mais Artes, que chamou a si, convidou tambem a Typographia. Para ali foi Nicoláo de Carvalho, que imprimio em 1619 a *Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres,* escripta por Fr. Luiz de Souza.

Villa Viçosa.

Villa Viçosa vio tambem hum prelo naquelle Seculo que parece, que ali havião mandado erigir os Serenissimos Duques de Bragança, pelo seu Impressor Manoel de Carvalho. Sabemos de dois Livros que ali se estampárão, quaes forão = *Desmayos de Maio* de Diogo Ferreira de Figueirôa, em 1635. 1. vol. 8.º impresso no Paço Ducal. = *Os Tres tratados de André Antonio de Castro. De Febrium curatione*; *de simplicium Medicamentorum facultate*; e *De qualitatibus alimentorum* em 1636. 1. vol. fol.

Lista dos Impressores no Seculo XVIII.

Accrescentamos aqui a Lista dos Impressores do Seculo XVIII. de que podémos haver noticia; porque fiquem seus nomes em mais viva memoria, como de Artifices de tão

util, e nobre Arte; e se veja ao mesmo tempo o grande numero dos que nella se occuparão naquella idade (*a*).

Antonio Alvares, que continuou com sua Typographia neste Seculo.
Antonio Craasbeeck,
Antonio Pedroso Galrão,
Antonio Pinheiro,
Antonio Rodrigues de Abreu,
Bernardo da Costa de Carvalho,
Diogo Gomes Loureiro,
Diogo Soares de Bulhões,
Domingos Carneiro,
Domingos Lopes Rosa,
Francisco Villella,
Fructuoso Lourenço de Basto,
Gerardo de la Vinha,
Gonçalo de Basto,
Henrique Valente de Oliveira,
João da Costa o Velho,
João da Costa o Moço,
João Galrão,
João Rodrigues,
Jorge Rodrigues,
José Antunes,
José Ferreira,
Lourenço de Anveres,
Lourenço Craasbeeck de Mello,
Luiz Estupinhão, ou Estupinan,
Manoel de Araujo,
Manoel de Carvalho,
Manoel Dias,

(*a*) O curioso escritor Fr. Nicoláo de Oliveira no Livro das Grandezas de Lisboa Trat. VI. Cap. VIII. dos officiaes que nella ha a pag. 96. só numera tres Impressores no tempo em que escreveo que foi por 1619, e 1620 em que já devia haver muitos dos que aqui vão apontados.

Manoel Gomes de Carvalho,
Manoel Lopes Ferreira,
Manoel Roiz de Almeida,
Manoel da Silva,
Mattheus Donato,
Mattheus Pinheiro,
Mattheus Ribeiro,
Mattheus Rodrigues,
Mathias Rodrigues,
Miguel Deslandes,
Miguel Manescal,
Nicoláo de Carvalho,
Paulo Craasbeeck,
Pedro Craasbeck
Pedro Gracia de Paredes,
Theotonio Damaso Craasbeeck de Mello,
Theotonio Damaso de Mello.
Vicente Alvares.

Lista dos Impressores Regios no Seculo XVII.

Forão honrados com titulo de Typographos Regios os seguintes:

Antonio Alvares,
Antonio Craasbeeck,
Diogo Gomes Loureiro,
Henrique Valente de Oliveira,
João da Costa o Velho,
João da Costa o Moço,
Lourenço Craasbeeck,
Manoel Gomes de Carvalho,
Miguel Deslandes,
Nicoláo de Carvalho,
Theotonio Craasbeeck,
Theotonio Damaso de Mello.

MEMORIAS HISTORICAS

Sobre alguns Mathematicos Portuguezes, e Estrangeiros Domiciliarios em Portugal, ou nas Conquistas.

Por Antonio Ribeiro dos Santos.

CAPITULO I.

Da Natureza dos Estudos das Sciencias Mathematicas, e da sua utilidade.

Entre as Sciencias Naturaes, que mais podem contribuir para dar vigor e claridade á Razão do Homem, tem por certo o primeiro e mais honroso assento as Mathematicas, sublimes producções da mais exacta Filosofia: ellas se apoião sobre um pequeno numero de principios evidentes, que não tem ambiguidade nenhuma nos seus termos, isto he, sobre objectos, de que todos temos idéas claras, quaes os numeros, e as dimensões da extensão, em que se demostra tudo, o que se pretende, não se servindo, senão de axiomas, ou de proposições, que delles immediatamente se deduzem, e se tornão outros tantos principios para o conhecimento das verdades simples.

Não entenda porém, que seus trabalhos se empregão tão sómente na indagação de *verdades simples*; occupão-se tambem na averiguação de *verdades compostas*, e dependentes entre si humas das outras; ajudando-se em tudo dos *dous Methodos*, já da *Synthese* ou *Composição*, que fórma o corpo de huma sciencia inteira, já da *Analyse*, ou *Resolução*, que resolve as questões particulares. Assim esta Sciencia conduz o homem, como pela mão, e

dirige com facilidade e firmeza os progressos do seu entendimento na investigação das verdades Fysicas da natureza; e o que muito importa, em toda a carreira das Artes, e das Sciencias; por quanto ella faz, que pelo habito de se seguir constantemente os seus principios, venha o nosso espirito a adquirir em geral huma grande sagacidade, clareza, exacção, e ordem para toda a averiguação da verdade em qualquér genero, isto he, huma *logica* luminosa, para melhor se poder discernir o verdadeiro e o falso, o bom e o máo, o justo e o injusto.

Pelo que bem se alcança, quanto o estudo da Mathematica além de seus objectos proprios e primarios, a que dirige as suas operações, póde servir para facilitar, e aperfeiçoar as mais Sciencias Fysicas, e todas as Artes Mechanicas, e Liberaes, que dependem dellas; e para ajudar por seus Methodos e Habitos constantes de discorrer exacta, e ordenadamente, as mesmas Sciencias Moraes, Civis, e Politicas, as quaes pela multiplicidade, e complicação mui frequente de seus principios, maximas e dictados; e pela falta geral de evidencia Fysica, necessitão de ser tratadas com a exacção, que sua natureza póde permittir, e com a ordem, distincção e arranjamento, que mais possa pôr os seus resultados em clareza, certeza e segurança. Tal foi, e he a natureza, destino e influencia das Mathematicas.

Conhecêrão os Antigos estas vantagens; e Egypcios Gregos e Arabes cultivárão estes estudos com muito ardor. As nações modernas, mais civilisadas, aproveitando a doutrina, que elles nos tinhão deixado, adiantárão maravilhosamente por suas novas observações e meditações os progressos desta Sciencia; e applicárão as suas regras, e os seus methodos a todas as Sciencias Fysicas, com o que sobremaneira alargárão a esfera dos conhecimentos humanos.

Portugal foi um dos Reinos, que amou as Mathematicas, e lhes deo as suas attenções, ora mais, ora menos, segundo as diversas condições dos tempos; e muito

particularmente as dirigio para uso da Navegação, por ser o que muito convinha a huma Nação Maritima, e de tão bella posição no Occidente; que tempo houve já, em que foi a primeira Potencia Maritima de toda a Europa, e ainda o podéra ser hoje, se fossemos tão activos, e cuidadosos em conservar nossa Marinha, como o fomos de principio em a crear com tanta gloria.

Do que fizerão, ou escreverão nestas Sciencias alguns nossos, e ainda os estranhos, domiciliarios entre nós, maiormente em relação ás Sciencias Nauticas, fallaremos nesta Memoria, tendo por fim compilar noticias varias e dispersas, que aqui unidas em hum só corpo, possão melhor servir, se for possivel, para huma parte da Historia Litteraria destes Reinos: limitando-nos a fallar não de todos os Mathematicos, o que demandaria maior obra, do que huma simples Memoria, mas só de alguns delles; e assim mesmo não de tudo, o que escreverão, ou fizerão, mas só de huma parte de seus feitos, e das obras, que podémos ver, ou de que houvemos maior informação e noticia.

CAPITULO II.

Dos Estudos Mathematicos nos primeiros tempos da Monarchia até os fins do Reinado do Senhor D. Affonso IV.

Os primeiros Seculos da nossa Monarchia, mais guerreiros que litterarios, não nos apresentão noticias de estudos Mathematicos entre os nossos. Ainda em tempos do Senhor Rei D. Diniz, tão amador das boas Letras, e fundador das Escolas Geraes, não houve lembrança de as contemplār, como bem merecião, entre as sciencias, que então se mandarão ensinar nas Escolas de Lisboa, e depois na Universidade de Coimbra, para onde forão trasladadas; descuido, que então foi geral em quasi todas as Escolas das Nações Europeas, porém mais notavel naquelle Principe, a quem o exemplo de seu Avô D. Affonso

de Castella, que muito amou as Sciencias Mathematicas, e protegeo seus Sabedores, podia ter excitado para lhes dar assento, e domicilio em Portugal, quando não bastassem os exemplos do Imperador Frederico II., que fez traduzir as Taboas de Ptolomeo no Seculo XII., e os do Hebreo Hazan, e do Arabe Alboacen, e d'outros, que muito figurárão dentro da mesma Hespanha e no mesmo Seculo.

No Reinado de seu filho o Senhor D. Affonso IV., he que o estudo das Mathematicas começou de se introduzir neste Reino: consta, que aquelle Principe era mui dado ás especulações desta Sciencia, e particularmente ás de Astronomia; e que por esta causa não só alguns Nacionaes; mas tambem estrangeiros, assim Mouros, como Judeos, que vivião em Portugal, cuidavão disveladamente desta Sciencia, como coizas, de que tão grande Principe levava contentamento. Comtudo parece, que a maior parte dos cuidados dos estudiosos se encaminhava a Astrologia Judiciaria, como succedia em outras partes; em que se fazia applicação dos conhecimentos das Esferas, para se formarem conjecturas, e prognosticos sobre os tempos, e as pessoas pela observação do aspecto dos Planetas, e conjuncção dos astros predominantes, e influencia das estrellas; estudo, que muito se propagou nas Hespanhas pelas obras Astrologicas dos Hebreos, e dos Arabes: maiormente de Sohalda Ben Baschar Ben Hanni, escritor do Seculo oitavo, ou nono, que grande applauso teve em toda a Europa.

CAPITULO III.

De alguns Mathematicos nos Reinados dos Senhores D. Duarte, e D. Affonso V.

Os verdadeiros Estudos das Mathematicas não tomárão maior vôo senão no Seculo XV., e mais do que se podia esperar da condição daquelles tempos, em que estas Sciencias se achavão desprezadas, ou esquecidas em quasi toda a Europa, apenas cultivadas dos Arabes e dos Hebreos, e mui pouco dos Christãos: verdadeiramente no Reinado do Senhor D. Duarte, he que começou de apparecer com dignidade e luzimento a primeira scena destas Sciencias, que continuou no do Senhor D. Affonso V. A Navegação, que naquelles tempos se dirigia para as Costas de Africa por causa de nossas guerras e conquistas, deo occasião a se promoverem os Estudos Mathematicos, principalmente os da Cosmografia, e Astronomia, bazes da Sciencia Nautica. O Senhor D. Duarte, Rei filosofo, que magoa foi, que não reinasse por mais tempo, e com melhor ventura, amou muito estas Sciencias, e lhes deo soccorro, quanto o permittirão os tristes acontecimentos de seu tempo. Foi mostra de seu interesse nestes estudos o discurso da observação, que elle fez, da lua, que com outros sahio impresso no Tom. I. das Provas da Historia Genealogica da Real Casa Portugueza de D. Antonio Caetano de Sousa de pag. 529. até 558.

O Senhor D. Affonso V. seu filho não deixou de ter luzes desta sciencia, como se póde inferir, sabendo-se, que escreveo hum Discurso, em que pretendeo mostrar, que a Constellação chamada *Cão Celeste* constava de vinte e nove estrellas, e a menor de duas.

Na epoca destes dous Principes parece se erigio a Cadeira de Mathematica, que houve entre nós: ella já figura em 1435 na Universidade, que o Senhor D. Fernan-

do, bisneto do primeiro Instituidor della, havia já antes transferido de Coimbra para Lisboa por 1375 *(a)*.

Então florecerão alguns homens nestas Sciencias, e entre elles figurou o Agostiniano Fr. João Gallo Lente de Mathematica na nova Universidade pelos annos de 1435 (*b*).

Abraham Guedelha.

Distinguio-se com brado de grande nome M.e Abraham Guedelha ou Gadelha, Hebreo Astronomo, e Cosmografo do Senhor D. Duarte, homem versado na historia das cousas da Geografia de Africa, e muito dado particularmente á Astronomia, mas grandemente affeiçoado á Astrologia Judiciaria: este foi, o que aconselhou aquelle Principe em razão de melhor agoiro, que dilatasse a hora da sua Acclamação (*c*). O que porém leva todas as nossas attenções nesta epoca he hum de nossos Principes, que, se não foi Monarcha, digno era de o ser, e de presidir a todas as Nações do mundo; Principe Filosofo, que empregou toda a sua vida, e toda a sua Filosofia em fazer bem á sua Patria.

O Infante D. Henrique.

O Infante D. Henrique, filho do Senhor Rei D. João I., e da Senhora D. Filippa, irmã de Henrique IV. de Inglaterra, e Duque de Viseo foi o que primeiro voltou as especulações na Mathematica até alli estereis para a practica, e as fez servir com grande fructo á Marinha, e Navegação destes Reinos. As Mathematicas até então não havião medrado, como convinha, nem dellas se havia feito applicação aos objectos uteis das Sciencias Fysicas, e das Artes, a que podião servir de illustração, e apoio, principalmente á Cosmografia, e á Nautica, que muito im-

(*a*) Acaso foi ella instituição do Infante D. Henrique, que tendo feito em 1431 doação das proprias casas, em que vivia, á Universidade de Lisboa, dotando-a de grandes rendas; e ennobrecendo-a com grandes Mestres, lhe estabeleceria Cadeira de Mathematica, que até alli não tinha, pois que elle amou e aproveitou muito esta Sciencia.

(*b*) Fr. Antonio da Purificação na Chronica dos Agostinhos P. II. L. VII. Tit. I. §. III. fol. 215. Col. I. Leitão nas Notic. da Universidade ao anno 1435. §. 744. f. 338 e do anno 1521 §. 996 f. 645.

(*c*) Rui de Pina na Chronica do Senhor D. Duarte. Cap. II.

portavão a hum Reino maritimo, como o nosso. Faltava pois ainda hum Genio Creador, que as fizesse mudar de face, que lhes desse direcção, e as aproveitasse; e esta gloria estava reservada para o Infante D. Henrique.

Este Principe, dotado de sabedoria, de zelo, e de constancia verdadeiramente Real, tão famoso nas Artes da paz, como nas da guerra, foi verdadeiramente o que deo azas aos Estudos Mathematicos, para voarem á maior altura, do que até alli tinhão subido. Erão estes estudos até alli raros, mais o erão ainda nos Principes; e elle os cultivou com hum ardor extraordinario, como se não tivesse nascido para outro fim.

Depois que por suas acções militares em Africa illustrou o nome de Principe com o de valeroso Soldado, abrindo novas portas a victorias de nossa gente; voltou seus magnanimos pensamentos a fazer o mar hum theatro de suas conquistas. Versado nos conhecimentos das Mathematicas, e entendendo bem, de quanto elles podião servir para os progressos da Nautica, concebeo o grandioso projecto do descobrimento de novos mares e Costas de Africa, com que se abrisse caminho para a India, e muito se accrescentasse a grandeza e opulencia da Corôa destes Reinos.

Para este fim começou por buscar noticias por via dos Mouros de Barberia de todas as coisas, que pertencião á Geografia daquelle continente, e suas gentes já convizinhas, já remotas: e procurou haver padrões de Mappas e Cartas, de que muito se ajudasse; sendo huma dellas, a que trouxera seu irmão o Infante D. Pedro, quando se recolheo a Portugal de suas peregrinações, e viagens; na qual estava delineada a Costa maritima de Africa com o Cabo da Boa Esperança (*a*).

Ás noticias, que diligentemente procurava, unia a lição de alguns escritos antigos de Carthaginezes, Gregos, e Romanos, a que muito se deu, em que achava opiniões e factos, que servião a seu proposito; e aproveitou

(*a*) *Veja-se a Nota A no fim desta Memoria.*

a leitura das viagens modernas de Marco Polo, e de outros, que muito o excitavão *(a)*; e de todos estes conhecimentos; e das combinações e inducções, que delles tirava, veio a perceber a redondeza do Orbe, a unidade e immensidade do Oceano, e a juncção, ou livre communicação do Mar Atlantico com o Mar Indico; e por conseguinte a possibilidade da circumnavegação de Africa, e dos descobrimentos maritimos de suas terras.

Demovido destas altas idéas, deixou a Côrte, e foi assentar a sua residencia no Reino do Algarve no lugar de Sagres junto ao Promontorio Sacro, ou Cabo de São Vicente á vista do Oceano Atlantico, dispertador continuo do seu espirito, que o animava a pôr em pratica os seus projectos. Ali erigio hum observatorio Astronomico, o primeiro, que tivemos: chamou a si muitos homens sabios, Capitães animosos, Pilotos experimentados, e Mestres da Navegação, convidando-lhe sua fama estrangeiros illustres de quasi todas as Nações da Europa, que vierão offerecer-se em seu serviço: fez com elles o seu Paço huma escola de estudos e applicações Mathematicas, e hum Seminario de Geografos, de Astronomos, e de Nauticos, que davão luz aquelles tempos: adiantou alguns dos instrumentos Nauticos: inventou, ou pelo menos aperfeiçoou o Astrolabio para se achar por elle a altura dos astros, e o Nocturlabio, para se saber, quanto a estrella do Norte estava mais alta, ou mais baixa que o Polo, e que hora era da noite: e fez applicar efficazmente o uso da Bussola ás navegações do Oceano *(b)*.

Providos destes auxilios e soccorros, e com sabias instrucções e regimentos enviou seus Argonautas a tentar novos mares e a commetter e traspassar o temeroso Cabo Bojador, que por lançar e bojar muitas legoas para a Loeste,

V ii

(a) Veja-se a Nota B no fim desta Memoria.

(b) Fallamos tambem disto em outra Memoria, que temos prompta sobre a Novidade e Resultados da Navegação Portugueza no Seculo XV.

entrando pelo Oceano dentro, e pelos medonhos baixos e restingas, pelo novo movimento das aguas, e pelas empolas e fervedouro das ondas, era a todos pavor e medo, como padrasto alli posto pela Natureza, para fechar aquelles mares incognitos, e vedar a passagem a todos os navegantes da Europa.

Quebrado este encanto formidavel, proseguio então com novo ardor nos mais descobrimentos para o Sul, pelas Costas da Numidia e Nigricia, e por toda a de Guiné até a Serra Leoa, em que ella acaba 15 gráos da linha equinocial; no que avançou muito mais longe, do que foi em nosso conceito, a viagem e descobrimento do Almirante Carthaginez Hannon, tão celebrado na antiga Historia (*a*).

Nesta empreza, que tão bem lhe succedeo em muita honra da Nação e grande accrescentamento desta Corôa, com não ser Rei, nem ter filhos, trabalhou pelo largo espaço de 40 annos; em que teve de fazer immensas despezas, combater opiniões, que contrariavão os seus designios, e sobremontar com incrivel perseverança preoccupações, que se oppunhão fortemente aos seus projectos.

Elles parecerão aos espiritos fracos de seu seculo te-

(*a*) Florião d'Ocampo, Bochart, João Alberto Fabricio, Campomanes, Bougainville e outros não concertão entre si em demarcar o termo da viagem de Hannon: huns a levão até a Serra Leoa, ou até o Cabo de Santa Anna no Golfo de Guiné; outros ao Cabo das Palmas, ao Cabo das Tres Pontas, ou ao Cabo Lopo, e ainda até o Seio Arabico, ou Golfo no Mar Roxo. Nós comtudo, bem combinado o Periplo, que escreveo o mesmo Almirante Carthaginez, persuadimo-nos, que a sua navegação não passou do Cabo de Nam; terminando por conseguinte, aonde depois começou a expedição do nosso Infante: no que havendo assentado em tempos passados, hoje mais nos confirmamos, depois que vimos ser esta a opinião do douto e moderno Gosselim, que largamente a comprova na sua Obra da Geografia dos Antigos. Disto fallamos em hum Opusculo particular, ou Memoria em que pomos a Traducção e Illustração do Periplo para cortejo da sua expedição com a do Infante, que já apresentámos á Academia.

merarios, e dispendiosos, e até inuteis; mas o Infante era Filosofo, e empregava toda a sua Filosofia em fazer bem aos homens, havendo tomado por sua honradissima divísa a letra *Talent de bien faire*, tenção, ou vontade de bem fazer; e com esta vista levou avante a sua empreza sem embargo de todos os estorvos, que lhe oppozerão: que só os grandes homens podem formar vastos projectos, posto que para chegar a executalos tenhão sempre, ou de vencer a imbecillidade do vulgo, ou de combater os falsos raciocinios dos máos Politicos.

A mais ainda se adiantarião as suas expedições, senão fosse anticipado com a morte (que para Varão tão sublime viria sempre cedo, por mais tarde que viesse) acabando seus uteis dias no mesmo lugar, donde seu espirito talhára as emprezas maritimas, com a gloria immortal de ter sido o primeiro dos Mathematicos, que procurou submetter a navegação a principios e regras; de deixar descuberto 370 legoas de Costa maritima, e terras de varia gente e producções, de que então a Europa não sabía: e de preparar pela luz de seus methodos, e operações espantosas sobre o mar a passagem famosa para as Indias Orientaes e Occidentaes, que depois delle se descobrirão; e de se tornar finalmente o primeiro fundador da nova grandeza de nosso Imperio, e da riqueza da Corôa de nossos Reis (*a*).

O Genio da Navegação deveria elevar á gloria deste Principe hum sublime monumento público, e offerecer á sua estatua hum Astrolabio e huma Bussola, formando-lhe o pedestal hum Globo com a sua divisa *Talent de bien faire*; ao que satisfez em parte a que o Senhor Rei D. Manoel mandou levantar no frontispicio do Templo de Belém, a unica que teve, que talvez accusa mais o esquecimento dos outros Reis, que recommenda a gratidão deste Monarcha. Tal foi pois, pelo dizer com as palavras de Pero de Andrade Caminha:

(*a*) *Veja-se a Nota C no fim desta Memoria.*

Aquelle alto Infante, de quem escrito
Mil maravilhas acho, a quem se deve
Hum alto Canto, hum raro e grave escrito;
Em que principio teve delle dino
Nossa Navegação, que o mundo espanta,
Que tantos annos escondida esteve.
(Epist. II. ao Senhor D. Duarte pag. 30.)

Verdadeiramente era materia, que devia disvelar muitos engenhos, para a tratarem na linguagem das Musas; mas não houve entre nós Lyra, a cujo som harmonioso se entoasse em largo Canto todo o seu elogio, e sublimasse por cima das estrellas o seu nome, amado entre os nossos, invejado entre os estranhos. O claro Cantor dos Lusiadas, que tinha occasião muito opportuna de fallar delle, e de fazer de seus descobrimentos hum necessario e indispensavel episodio, mais ligado com a acção do seu Poema, que o que fez do desafio dos doze de Inglaterra, contentou-se de o nomear simplesmente, e de passagem em poucos versos, o que bem podéra ser objecto de hum Poema. Nós em satisfação da divida, em que lhe estamos, pretendemos em outro tempo bosquejar-lhe ao menos em huma pequena Canção o seu louvor, não tendo forças para tentar maior poema: aqui a poremos como em somma do muito que quizeramos dizer, para rematar com mais alguma variedade de estylo tão formoso artigo da nossa Historia.

Pois que o grande Cantor do excelso Gama,
De ti devendo urdir a rica teia
Da Lusa gloria na carreira undosa,
Te deo louvor escasso,

Eu, que sou menos que elle, mór ainda
Serei só por cantar teu nome illustre;
O' Claro Henrique, ó resplandor de Lysia;
Ouve tu lá do Olympo,

Donde refulges nova estrella aos nautas,
Este Carme por ti soberbo: ainda
Virá Cantor maior, de ti só digno,
Que em largo metro altivo,

A ti sómente consagrado, leve
Desde as ondas do Tejo ao mar da Aurora
Teu esp'rito, em acções sublimes grande,
Sabio, constante, invicto.

Era o mundo, que a Europa conhecia,
Pequeno espaço ao generoso peito:
Sólta as azas do genio, longe voa,
Presente haver mais mundos.

Tu, ó Tercenabál, o viste hum dia
C'o sagaz instrumento, que inventára,
Desde a torre, que alçou aos Ceos vizinhos,
Medir a Esfera, e os astros.

D'ali quantos segredos proveitosos,
Desde a origem do mundo recatados,
Descobrio aos mortaes? quantos arcanos
Da Celeste Uranía?

C'o a vasta idéa, que a natura abrange
Do orbe inteiro, talha a empreza augusta
De abrir novos Limites do Universo
Em treva escura envoltos.

Seu immortal compasso a róta marca,
Que hade correr a cortadora proa;
A Bussola polar outra energia
Adquire, e o curso rege.

Da sabia mão novo Astrolabio, novo
Demonstrador nocturno á luz da Estrella,
Novo Tridente, que subjugue os mares,
Recebe o Luso Nauta.

Eis accendes, Henrique, a facha ardente,
Claro farol de Sagres, que allumia
Esse esquadrão de Heroes, que se abalança
A undivagos caminhos

Nunca abertos té então: que entre os horrores
Da solidão das ondas, das procellas,
Sem medo rasga pelagos immensos,
Varias nações descobre.

Sem ti inda hoje Europa não soubera
Os novos Ceos e mares, novos climas,
Novas Gentes de vario gesto e lingua,
Que outro Hemisferio parte.

Assim do alto Licêo da illustre Sagres
A Marinha Sciencia nasce ao Orbe,
E a esfera alarga ás nauticas derrotas
O novo Deos dos mares.

D'ali, d'ali raiárão novas luzes,
Brilhantes mais, que o lume das Estrellas,
Que guiárão depois a novos mundos
Colom, e o invicto Gama.

CAPITULO IV.

De alguns Mathematicos no Reinado do Senhor D. João II.

O Reinado do Senhor D. João II. não foi menos glorioso para as Sciencias Mathematicas, que os dous antecedentes, maiormente para a Navegação. Este Principe, acceso em desejos de adiantar os descobrimentos de seu Tio o Infante D. Henrique, tentou descobrir o novo caminho, que ainda restava para a India, e que já começava de apparecer mais possivel aos nossos ousados navegantes, desde que arrostárão os mares muito avante do temeroso Cabo do Bojador. Elle tinha em vista por este descobrimento chamar todo o Commercio de levante a Portugal, como à geral Emporio de toda a Europa.

Para isto promoveo muito os estudos da Cosmografia, e da Astronomia, fundamentos de toda a Navegação; e tanto amou estes estudos, que parece os quiz vincular e deixar em herança ao Senhor D. Manoel, que havia ser seu Successor. Este Principe não tinha tomado divisa, segundo o costume dos Principes, e ElRei lhe deo huma, que era a figura da Esfera, por que os Mathematicos representão a fórma de toda a maquina do Ceo, e terra; cousa por certo de espantar, porque por ella demostrava ao mesmo tempo a entrega e cessão, que já lhe fazia da empreza do descobrimento da India, para elle a proseguir por sua morte; como querendo, que assim como elle havia de ser seu herdeiro na Corôa, assim o fosse na acção da Conquista e dominios de Africa, e Asia.

Em verdade a Navegação protegida por elle com todo o ardor de seu animo Real, e dirigida pelas luzes das Mathematicas, deo então grandes passos: elle fez de novo aperfeiçoar a Bussola, formar Cartas Maritimas que guiassem as rótas, e descobrir a maneira, para que a Navegação, que até alli se fazia pelo longo da Costa, cozida com

a terra, levando-a sempre, como rumo, de que havia noticias por sinaes, de que se formavão roteiros, se podesse já fazer pela altura do Sol, engolfando-se no mais alto, e largo do Oceano.

Este invento commetteo elle a tres Mathematicos de grande nome, dos quaes logo faremos particular memoria. Estes depois de varias considerações e especulações Mathematicas, em que muito trabalhárão, vierão a achar as taboadas da Declinação do Sol, o que foi invenção admiravel e proveitosa, que muito animou os nossos, e abrio mais o caminho do Descobrimento da India, em que por isso lhe está em grande divida Portugal, e toda a Europa.

Assim pois mandou o Principe proseguir as viagens, que o Infante já havia adiantado, e descobrio por suas frotas o Reino de Congo. A maior difficuldade estava no achar do Cabo da Boa Esperança, e passa-lo; e isto foi o que com grande trabalho, e despeza da sua Real Fazenda se fez em seu tempo; porque navegando então com incrivel ousadia chegárão os nossos ao Ilheo de Cruz, aonde pozerão hum padrão; e reconhecerão o Cabo situado na extremidade de Africa Meridional, que chamárão *Cabo de Tormenta*, ou *Tormentorio*, e depois *da Boa Esperança* pela muita que dava, de se assegurar pela volta delle a passagem, que se pertendia abrir para as Indias Orientaes. Animados com este pasmoso descobrimento correrão mais além do Cabo pela Costa, até chegarem quasi aos limites de Çofala, e Moçambique. Deste Principe cantou com razão Gabriel Pereira na Ulyssea:

Logo João Segundo bellicoso
Fará escura toda a fama alhêa,
Vendo levar seu nome glorioso
Té onde o ardente Sol ferve na arêa,
Descobrindo o grão Cabo.
(Canto IV. Est. 101.)

Façamos honrosa memoria de alguns dos illustres Mathematicos desta Epoca. Distinguio-se entre elles com grandes creditos de seu nome o Licenciado Calçadilha, Bispo que foi de Viseo, a quem a Antiga Historia apregoava por muito sabio, e mui particularmente por grande Cosmografo. Debaixo de seus olhos se fez em casa de Pero de Alcaçova a Carta, ou Mappamundo, que levárão os nossos viajantes Pero da Covilhã, e Affonso de Paiva natural de Castello Branco, quando o Senhor D. João II. os mandou a descobrir as terras do Preste João da India (*a*). O Bispo Calçadilha.

Merecem entrar na classe dos grandes Mathematicos daquelle tempo os tres Hebreos M.^e Moyses, M.^e José Medico do Senhor Rei D. João II., e M.^e Rodrigo tambem Fysico do mesmo Principe (*b*): os dois ultimos trabalhárão na invenção das Taboas da Declinação do Sol, de que acima fallamos (*c*), e forão tambem prezentes ao fazer a Carta, ou Mappamundo para a viagem de Pero da Covilhã, e Affonso de Paiva (*d*). M.^e Moysés, M.^e José, e M.^e Rodrigo.

Figurou muito nesta Epoca D. Diogo Ortiz, Castelhano, pio e douto Bispo de Ceuta, que grande reputação grangeou por sua muita Litteratura, e conhecimentos nas Mathematicas, principalmente na Cosmografia, a quem o Senhor Rei D. João II. costumava tratar e consultar. Este foi hum daquelles, que lhe aconselhárão a tentativa da Navegação da India, e hum dos que depois examinárão o plano de Christovão Colom, quando este o apresentou áquelle Principe para o descobrimento do Novo Mundo (*e*). D. Diogo Ortiz.

(*a*) Isto lhe fez tanta honra, quão pouca o ter sido hum dos que se oppozerão á proposta de Christovão Colom nesta Côrte, para a empreza do descobrimento do Novo Mundo. Delle falla entre os nossos Francisco Alvares no Preste João das Indias; e entre os estranhos Witfliet na Obra intitulada *Descriptionis Ptolomaicæ augmenta* pag. 30.

(*b*) Diz-se morador em Lisboa ás Pedras Negras.

(*c*) Barros Dec. I. Liv. IV. Cap. II. fol. 64.

(*d*) Mariz Dial. IV. Cap. X. pag. 315.

(*e*) Elle o reprovou tambem com o Licenciado Calçadilha, ou fosse por opiniões erradas, em que estava, ou fosse por systema, pois que

Com este póde ajuntar-se outro grande Mathematico, que entre nós viveo, e nos foi util e proveitoso para o uso da Navegação, qual foi o Alemão Martim de Behaim, ou de Boemia, que variamente se escreve. Era elle de huma nobre familia de Noremberg (*a*), homem, de quem pouco disserão os nossos, e por quem se não deve passar sem maior commemoração de sua pessoa e nome.

Martim de Behaim.

Foi este discipulo do famoso Mathematico João de Monte Regio, Professor de Astronomia (*b*), e applicou-se com mui particular cuidado á Cosmografia, e á Nautica. Elle veio ao serviço de Portugal, e foi bem recebido dos Reis D. Affonso V., e D. João II. pela nobreza de sua pessoa, e por attenções á sua Profissão, e pratica. Este ultimo Principe lhe deo as honras de seu Escudeiro a 18 de Fevereiro de 1485, e delle se aproveitou para os progressos da Navegação Portugueza.

Delle dizem os seus, que foi o primeiro que applicou a invenção da Bussola ao grande uso da Navegação, o que bastaria para dar immortalidade a seu nome, e muita honra á Alemanha sua patria (*c*): sobre este louvor ainda lhe dão outro, que, a lhe ser devido, elle só o podéra consagrar, e ennobrecer em todas as idades; por quanto lhe attribuem a primeira idéa do descobrimento da America, e até a gloria de ter achado huma parte della, a saber o Brazil, e o Estreito, que depois se chamou *Magellanico* (*d*).

Com effeito conta-se, que elle contrahio amizade com

---

havia antes aconselhado a Navegação para a India Oriental por caminho contrario ao de Colom, o que justamente se lhe não louvou, por nos privar da gloria e utilidade do descobrimento e acquisições, que então poderamos fazer.

(*a*) *Veja-se a Nota D no fim desta Memoria.*

(*b*) João Pedro Maffei na Historia Indica Liv. I. juntamente com os nossos o fazem Discipulo deste grande Mathematico.

(*c*) O Senhor Rei D. João II. fez applicar de novo a Bussola ao uso da Navegação, como acima dissemos, e o fez por direcção deste sabio Mathematico e de outros, que com elle concorrêrão.

(*d*) Dizem que obtivera em 1460 de D. Isabel Duqueza, e Regente

o nosso Fernando de Magalhães (*a*), e lhe dera hum Globo terrestre, em que havia traçado a róta, que suppunha, se podia seguir, para se demandarem pelo Occidente as Indias Orientaes (*b*). Accrescenta-se, que em huma Carta Maritima desenhada por sua mão, que o mesmo Magalhães tinha visto no Gabinete do Senhor Rei D. João II., demarcára distinctamente o mesmo Estreito, da qual affirmão, que Magalhães se servio para a Navegação, que fez áquellas partes, e a que deo seu nome (*c*). Dizem tambem, que elle fora grande amigo de Christovão Colom (*d*), e que este igualmente se aproveitára de outra Carta, que delle achára na Ilha da Madeira (*e*). O que parece certo he que elle foi o que descobrio a Ilha do Faial, chamada assim pelas muitas faias, de que abundava (*f*), ou pelo menos hum de seus primeiros povoadores (*g*).

---

de Borgonha, mulher do Duque Filippe II. por sobrenome o Pio, que lhe mandasse apparelhar hum navio para ir ao descobrimento da America. A elle attribuem os Alemães o 1.º projecto desta empreza, e a sua execução, como são entre outros João Frederico Stuvenio em huma Dissertação: *De vero novi orbis inventore*, Mr. Vangeinseil fundado nos Documentos dos Archivos de Noremberg, Mr. Doppolmayer na Relação citada, e Otto na Memoria acerca do verdadeiro descobridor da America, que apresentou na Sociedade de Filadelfia, e vem inserta no Tom. II. n. 35. pag. 263. das Transacções Filosoficas.

(*a*) Moreri.

(*b*) Gomera Hist. Cap. 19.

(*c*) Doppolmayer.

(*d*) Herrera Dec. I. Liv. I. Cap. II.

(*e*) João Baptista Riccioli, e Moreri.

(*f*) Consta de hum pergaminho em antigo Alemão do Archivo da Familia de Martim, que traz Bielfeld na obra dos Progressos dos Alemães nas Artes, e nas Sciencias. Doppolmayer diz elle, que povoando-se esta Ilha recebeo ordem del-Rei (o Senhor D. Affonso V.) em 1466 para ir estabelecer-se nella; que lá passou huma grande parte de sua vida; e que dali vindo depois a Lisboa falleceo a 29 de Julho de 1500, tres mezes antes de Colom. Moreri accrescenta, que deixou hum filho de seu mesmo nome, que teve de D. Joanna de Macedo, filha do Almirante de Portugal, ou antes, como outros dizem, de hum Capitão Jorge de Ultra, Fidalgo Flamengo, e Senhor de terras em Flandres, primeiro Donatario da Ilha do Faial, e de sua mulher D. Brites de Macedo, Dama do Paço.

(*g*) O Padre Cordeiro na Historia Insulana.

Foi delle hum globo de 20 polegadas de diametro, feito em 1492, em que desenhara toda a terra, segundo o systema de Ptolomeo, ajuntando-lhe os novos descobrimentos, que fizera (a), globo, que ainda conservava a familia de Behaim em tempo de Doppolmayer, que o reduzio a hum Mappamundo, e o mandou gravar no fim de seu livro; acaso o fez nos tempos, em que foi do Faial a sua patria (b).

A este, como aos M.es José, e Rodrigo Hebreos acima nomeados foi encommendada a empreza de descobrir maneira, para que a Navegação, que até alli se fazia ao longo da Costa, se podesse fazer pela altura do Sol, e no largo mar, de que já fallamos; e com effeito elle teve parte nas considerações, e especulações Mathematicas, que a achárão, e por que se fizerão as taboadas da declinação do Sol (c).

Abraham. Floreceo tambem por estes tempos hum Rabi, chamado Abraham, que por sua Sciencia Mathematica teve o dictado de Astrologo (d).

Diogo Rodrigues Çacuto. Parece tocar a este Seculo Diogo Rodrigues Çacuto: conta-se que fora Astronomo de reputação, e compozera humas Taboas Astronomicas (e).

(a) O que prova Otto com Documentos extrahidos do Archivo de Noremberg.

(b) Doppolmayer na Relação Historica dos Mathematicos, e Artistas de Noremberg.

(c) Barros Dec. I. Liv. IV. fol. 64. Mariz Dial. IV. Cap. 10. pag. 315. Veja-se a Historia Diplomatica de Martim Behaim por Christovão Gotlieb Murr traduzida do Alemão por Christovão Cladera: *Investigaciones Historicas* Madrid 1748.

(d) Nos Documentos, que vimos, não tem mais que o simples nome de Abraham. He chamado *Estrolico*, isto he, Astrologo no Alvará original do Senhor Rei D. João II., por que lhe mandou dar dez espadins de ouro; feito em Torres Vedras a 9 de Junho de 1493. (Torre do Tombo Corp. Chron. Part. I. Maç. II. Doc. XVIII.)

(e) Porque tem occorrido duvida sobre a existencia deste Author, e suas Taboas, reservamos para o fim desta Memoria fallar mais por extenso desta materia. *Veja-se a Nota E.*

CAPITULO V.

De alguns Mathematicos no Reinado do Senhor D. Manoel.

No Reinado do Senhor D. Manoel, Principe de grã ventura, que tão glorioso foi a Portugal, não se abrio mão dos estudos Mathematicos, antes se cuidou muito de os promover. Continuando este Monarcha no sublime projecto de seus illustres Antecessores para o descobrimento da India, e querendo bem realizar o prognostico da divisa da Esfera, que o Senhor Rei D. João II. lhe havia dado, entendeo, de quanta conveniencia erão para este fim os Cosmografos, Astronomos e Nauticos, que com seus estudos e pratica podessem presidir a ésta grande obra; e por esta causa cuidou muito em fomentar os progressos das Mathematicas, maiormente os de Cosmografia, da Astronomia e da Nautica.

E quanto ás duas primeiras, que erão as bases da Sciencia da Navegação, tanto as amou e promoveo, que com muita honra e mercê recebiá e agazalhava a todos os que se davão a taes estudos; e da Astronomia creou na Universidade de Lisboa huma Cadeira particular para suas Lições; donde muito se espalhou por todo o Reino a luz desta Sciencia, que certo allumiou e abrio caminho aos grandes homens, que depois brilhárão no Reinado seguinte.

Astrologia Judiciaria.

Não deixaremos comtudo de confessar, que a Astrologia Judiciaria, que pretendia prognosticar o futuro pelos sinaes e conjunções dos astros, reinava imperiosamente naquelles tempos, occupando os talentos de muitos, que bem se houverão de empregar nos cuidados da verdadeira Astronomia: o mesmo Rei foi dado a ella em tanto, que no partir das náos para a India, ou no tempo, que se esperavão, mandava tirar juizo por hum afamado Astrologo Portuguez Diogo Mendes Vizinho, de quem adiante falla-

mos; e depois deste fallecer, por Thomaz de Torres, seu Fysico, homem mui acreditado assim na Astrologia, como em outras Sciencias, de quem igualmente faremos adiante memoria (*a*).

Tão valída andava então a Astrologia por toda a parte, que chegou o seu estudo a ser galhardia entre os Letrados; que deo occasião ás galantarias do Comico Gil Vicente, que, qual outro Aristofanes escarnecedor, motejou dos Astronomos no Liv. I. das suas obras de Devação, postoque confundio a Astronomia verdadeira com a Astronomia Judiciaria.

E porque estronomia
Anda agora mui maneira,
Mal sabida e lisongeira;
Eu á honra deste dia
Muitos presumem saber,
As operações dos Ceos,
E que morte hão de morrer:
E cada hum sabe, o que monta
Nas estrellas, que olhou,
E ao moço, que mandou,
Não lhe sabe tomar conta
D'um vintem que lhe entregou (*b*).

Contra esta especie de Astrologia declamou com grande zelo o pio, e douto Fr. Antonio de Beja da Ordem de S. Jeronymo, refutando os prognosticos e juizos de alguns Astrologos, que havião annunciado hum grande diluvio na terra no mez de Fevereiro de 1524, e com isso consternado a todo o povo de Lisboa.

Nautica. Quanto á Nautica, levou este Principe muito longe as nossas Navegações, como herdeiro universal de toda a

(*a*) Accrescenta Damião de Goes, que postoque désse credito á Astrologia, nunca o dava a agouros, mas antes fôra mui inimigo delles, e lhe pesava de saber, que era alguem dado a isso. IV. Part. Cap. 84.
(*b*) Pag. 36. vers.

maquina e pezo dellas; não contente do que já era descuberto; mas antes muito desejoso de passar adiante, logo no começo do seu Reinado cuidou de abrir caminho para as Indias Orientaes pelo Cabo da Boa Esperança, como huma das coisas, que elle mais tinha nos olhos, e de que mais se queria honrar: e a este fim tendo em Monte Mór o Novo sobre isso Conselho (sem embargo que alguns forão de opinião, que se não proseguisse mais nestas viagens) seguio constantemente o voto daquelles, a quem isto pareceo ao contrario, e em Julho de 1491 fez partir a famosa esquadra dos Argonautas Portuguezes, Capitão D. Vasco da Gama, natural da Villa de Sines,

Esta armada heroica, animada pelos estimulos da honra de seu Rei, e de sua Patria, depois de ter corrido a Costa Occidental da Africa, já descuberta, chegou a dobrar o temeroso Cabo da Boa Esperança, descubrio a Costa Oriental do mesmo Continente: passando o Cabo das Correntes, e a grande Ilha de S. Lourenço, entrou no Rio dos Bons Sinaes; chegou a Moçambique; correo a Costa de Melinde: atravessou o Mar Indico pelas portas do Estreito do Mar Roxo; abordou no Indostan, ancorando no porto famoso de Calecut o mais rico emporio do Oriente.

Assim rematou este Rei venturoso a maior empreza maritima, que até então fizerão os nossos; que espantou a toda a Europa, e cubrio de gloria a Portugal, Navegação foi esta verdadeiramente maravilhosa, e toda filha das Mathematicas, não emprehendida ao acerto e á fortuna, mas sabiamente calculada sobre profundas combinações e altissimas conjecturas; guiada pelos principios da Cosmografia e Geografia, apoios da Nautica; talhada sobre hum plano luminoso constante e regular; e dirigida por novos instrumentos e applicação das regras da Astronomia e Geometria; sendo tudo isto por conseguinte effeito dos conhecimentos, que entre nós espalhárão as Sciencias Mathematicas, suscitadas nos tempos do immortal Infante D. Henrique, e constantemente cultivadas nos dos Senhores Reis

D. João II., e D. Manoel, gloriosos Successores do grande espirito e empreza daquelle Principe (*a*).

Por certo podemos sem duvida alguma asseverar, que tamanha Navegação ou foi nova, e feita, pelo dizer com o Poeta:

Por mares nunca dantes navegados,

ou pelo menos em si tal, que commettida depois de tantos seculos de inteiro desuso, e esquecimento das antigas Navegações, se algumas houve, como esta, veio a ser nova e original, como se nunca antes houvesse sido praticada (*b*).

Se esta Navegação porém foi maravilhosa pelo espirito sublime de grandeza, actividade e perseverança, que lhe presidio, e pela sabedoria, e felicidade, com que foi projectada e executada debaixo dos auspicios dos Estudos Mathematicos; não o foi menos pela sua influencia em Portugal; e na ordem politica e scientifica de toda a Europa; por quanto, quebrando nós por nossa Navegação as barreiras, que parecião oppostas, pela Natureza entre os dous Hemisferios; e descobrindo novos mares e Costas e terras e gentes e producções daquella vasta porção do globo, até então a nós cerradas e desconhecidas; e alargando assim os limites e balizas do Universo, viemos por ella a unir

---

(*a*) Já notou isto o sabio Mathematico Pero Nunes no seu raro Tratado da *Defensam da Arte de Marear* na 1.ª fol. vers. *ora manifesto he* (diz elle) *que estes descobrimentos de Costas. ilhas e terras firmes não se fizerão indo a acertar, mas partiam os nossos mareantes muy ensinados e providos de estromentos, e regras de astrologia, e geometria. que sam as cousas, de que os Cosmografos ham d'andar apercebidos segundo diz Ptolomeo no* 1.º *livro da sua Geografia, e levavam cartas muy particularmente rumadas.*

(*b*) Fallamos disto na Memoria sobre a novidade e resultados da Navegação Portugueza: assumpto acerca do qual se póde ler com particular satisfação a sabia e erudita Memoria de nosso Socio o Senhor Francisco de Borja Garção Stockler *sobre a Originalidade dos Descobrimentos Maritimos dos Portuguezes* no Tomo I. de suas Obras pag. 343, e seguintes.

entre si os dous mundos, e a avizinhar as Nações da Europa a outras Nações remotas, por tantos seculos separadas da communicação do nosso continente.

Por ella facilitamos a nós e a todos os Europeos o trato de reciprocos interesses com os povos Africanos e Asiaticos: por ella fizemos mudar o curso do Commercio dos preciosos generos e especiarias da India, estancando o monopolio e Senhorio do Commercio de Levante, que tinhão feito e com que tanto se enriquecião os Venezianos e Genovezes; e o que mais era, as Nações Turcas e Arabescas, com enorme desigualdade na balança mercantil; trazendo-nos em direitura ao Tejo as riquezas do Indo; e convertendo a Capital deste Reino em huma nova Alexandria e emporio, ou feira universal de todo o Occidente.

Por ella consequentemente abatemos a potencia dos Soldões do Egypto, e as forças da Corôa da Casa Ottomana, sangrados e diminuidos os grossos mananciaes de seus rendimentos e opulencia: salvando a imminente e temerosa invasão e servidão, de que toda a Europa Christã se achava altamente ameaçada; e abrimos ao mesmo tempo caminho para estendermos nosso Imperio no Oriente; tornando assim o nosso Reino mais opulento em fama e mais rico em seus dominios. Com ella despertamos a nobre emulação das Potencias Estranhas para as emprezas maritimas, e estabelecimentos Coloniaes, e demos occasião ao descobrimento do Novo Mundo.

E quanto não concorremos com esta mesma Navegação para os adiantamentos scientificos, que desde então se fizerão? Nós demos á Europa notaveis conhecimentos do globo habitavel, que não tinha, nem tiverão antigos Gregos e Romanos: tiramos muitas ignorancias e erros em materias Scientificas: illustramos a Cosmografia, a Geografia, e a Corografia, e reformamos muitas noticias falsas e erroneas dos antigos, incautamente adoptadas dos modernos até á epoca dos nossos descobrimentos. Explicámos muitos fenomenos portentosos: apresentamos aos Astronomos novas estrellas e Ceos: patenteamos aos Filosofos pelos des-

cobertos de Africa e Asia espaçosos campos da Natureza, para enriquecer a sua Historia, e todas as Artes e Sciencias Fysicas, que della dependião: abrimos sobre tudo nova esfera ás Sciencias Nauticas, que fizemos mudar de semblante, adiantando a Architectura Naval, acertando os calculos e as alturas, formando Cartas mais bem rumadas que as dos antigos, e aperfeiçoando os methodos, e os instrumentos da Navegação, e todos os conhecimentos do mar (*a*).

Florecerão neste Reinado alguns bons Mathematicos, huns nossos, outros estrangeiros, estantes nestes Reinos: de huns e outros faremos agora memoria. Hum delles foi o grande homem, de quem sempre se fallará com muito espanto em Portugal, e em todo o mundo, o Portuguez Fernando de Magalhães, Cavalheiro de qualidade e valor; e de tanto espirito, e experiencia na Arte de navegar, quanto tinha na da guerra, como mostrou na Conquista de Malaca pelo grande Albuquerque em 1510 (*b*). Desattendido pelo Senhor Rei D. Manoel na supplica, que lhe fizera para accrescentamento da moradia por seus serviços na Asia, e na Africa; mercê tão proporcionada á qualidade de sua pessoa, como inferior ao seu merecimento; descontente da Côrte se ausentou da Patria, para ir dar a Castella a immensa utilidade e gloria, que podera ficar em nossa casa, e lá se desnaturalizou solemnemente; e buscando ao Imperador Carlos V. lhe prometteo o descobrimento de hum novo caminho para as Ilhas Malucas, de cuja navegação, e conquista receberião os Hespanhoes opulenta riqueza, e grande nome e poderio.

Fernando de Magalhães.

Em verdade elle formou o maior projecto, que homem algum imaginou; e foi este de buscar huma róta para as Indias Orientaes navegando pelo Poente, ou Sudoeste:

(*a*) Destes effeitos e resultados fallamos mais largamente na Memoria, que já annunciamos, sobre a novidade, e resultados da Navegação Portugueza.

(*b*) Os estranhos chamão-lhe commummente *Magellan*.

Que hum Portuguez fugido e descontente
Bastará a revolver o mar profundo,
E abrir nelle caminho a hum novo mundo.
(Gabriel Per. de Castro Ulyssea no C. VII. Est. 129.)

Escolhendo dous Cantabros João Sebastião de Eleano de Guipuseoa, e João de Elurriaga Biscainho, que regia a segunda náo, e levando comsigo o seu cunhado Duarte Barbosa, Alvaro de Mesquita, Estevão Gomes, e João Rodrigues de Carvalho, todos Portuguezes (*a*); commetteo os mares nunca vistos, com incrivel audacia, e descubrio o Cabo, que chamou das Virgens, situado em 52 gráos, e passadas 12 legoas o Estreito, que depois se chamou de Magalhães, depois de ter navegado por elle 50 legoas achou outro maior, que desembocava nos mares do Poente, que tomou o seu nome: e atravessadas mais 1500 legoas desde a boca deste Estreito, descubrio diversas Ilhas de gentio, e chegou á de Zabo, aonde foi a principio bem hospedado de Hamabar, Senhor da Ilha, e lhe foi mui util por lhe haver conseguido em 1521 duas victorias contra Calpulupo, Senhor da Ilha de Mathan, seu inimigo, e confinante. Teve a desgraça por fim de ser morto por elle com perfidia e cilada; mas o seu navio fez a viagem á volta do mundo pela primeira vez, mostrando-se então pela experiencia, que a terra era hum globo. Deixou ms. hum Roteiro de sua navegação (*b*).

Houve naquella idade outro nosso Mathematico de esclarecida fama, qual foi D. Francisco de Mello, Fidalgo da Casa Real, primeiro Bispo nomeado de Goa, Varão de muitas letras humanas, e divinas, excellente Latino, bom Orador, e Poeta: foi mui particularmente instruido nas Sciencias Mathematicas, que com grande applicação estudara

D. Francisco de Mello.

(*a*) Marianna, Garibay, Silva, Henao.
(*b*) Sobre o projecto, e viagens de Magalhães. Veja-se a Historia da America do Inglez Robertson no Liv. V.

em Pariz por ordem, e liberal assistencia do Senhor Rei D. Manoel. Deixou-nos illustres testemunhos de seus estudos nos dous Tratados Latinos. Mss. que compoz, e dedicou ao mesmo Senhor por amostras do aproveitamento de seus estudos; hum sobre a Theoria da Optica e Perspectiva, attribuido a Euclides; e outro a respeito do Livro da Incidencia dos Corpos sobre os liquidos de Archimedes; obras, que existem hoje na Real Bibliotheca de Lisboa, que forão da magnifica doação, que lhe fez o muito douto, e pio Bispo de Béja, hoje Arcebispo de Evora D. Fr. Manoel do Cenaculo Villasboas.

Delle e de seus escritos mais poderamos dizer; mas o Leitor se haja por satisfeito, com o que já dissemos, e compilamos nas Memorias, que escrevemos de sua vida, e obras, que correm já impressas no Tom. VII. das Memorias de Litteratura Portugueza da Real Academia das Sciencias de Lisboa. Bastará, que aqui lancemos por seu louvor o honroso testemunho de M.[e] Rezende na Oração de 1534, recitada na Universidade de Lisboa: *Non* (transibo) *Franciscum Mellum summa elegantia, summa in scribendo facilitate, summa sapientia virum, qui Christianæ Philosophiæ non contentus linguæ nitorem addere, Mathematicis Scriptis jam clarus nomen suum ab oblivionis injuria vindicavit* (*a*).

Simão Fernandes. Filippe Guilhem.

Com estes se deve aqui pôr outro grande Mathematico daquella idade, Simão Fernandes, que vivia no Algarve pelos annos de 1519. Este foi o que disputou em Lisboa com Filippe Guilhem, Castelhano, grande Logico, muito eloquente, e de muito boa practica, e com estudos de

---

(*a*) Faz tambem memoria delle, e de sua Sciencia entre outros o Comico Gil Vicente.

Esse Francisco de Mello,
Que sabe Sciencia a bondo,
Diz que o Ceo he redondo,

(Liv. I. das Obras de Devação. A. Feira pag. 36. vers.) e lhe chama *grande Astrologo*, e nas Obras do Liv. V. pag. 276. *o melhor Mathematico, que então havia no Reino.*

Mathematica, e grande trovador, a quem os nossos entre muitos sabedores folgavão então de ouvir (*a*). Este se offereceo a ElRei para dar a Arte, que dizia ter achado de navegar de Leste a Oeste, affirmando haver feito muitos instrumentos para dar mostras desta Arte, e entre elles hum Astrolabio de tomar o Sol a toda a hora. Praticou elle a Arte perante Francisco de Mello, e outros, que para isso se ajuntarão por mandado de ElRei, e todos a approvarão por boa, e ElRei lhe fez por isso mercê de cem mil réis de tença com Habito, e a Carretagem da Casa da India, que valia muito. Com este pois travou uma grande conversação, e disputa Simão Fernandes, a quem ElRei mandara vir do Algarve, o qual ou por mais alta Sciencia, que a dos outros, ou por systema lhe fez de tudo falso (*b*).

Luzio com muito esplendor do seu nome neste mesmo seculo M.e Filippe, Medico, a quem o Senhor Rei D. Manoel conferio a nova Cadeira de Astronomia, que creara no Estudo de Lisboa, de que já fallamos; ordenando-lhe, que a lesse huma vez na semana no dia, e hora, que pelo seu Reitor lhe fosse consignada (*c*). M.e Filippe.

O outro Mathematico, que então houve muito nomeado, foi Thomaz de Torres Castelhano, Bacharel em Medicina (*d*); foi tambem Fysico do Senhor Rei D. Manoel, e Thomaz de Torres.

(*a*) Falla delle Gil Vicente nas Obras do Liv. V. p. 276.

(*b*) Guilhem, ou estimulado, ou temeroso, poz-se em retirada para Castella, e hindo já em Aldea Gallega, em hum cavallo de posta, foi prezo por Ordem del-Rei. Gil Vicente pag. 271.

(*c*) Consta da Carta testemunhavel de dous Alvarás do Senhor Rei D. Manoel hum feito na Azambuja a 29 de Outubro de 1518, que he Lente; e outro, que he de seus privilegios, feito em Lisboa a 20 de Outubro de 1522 referendado na Carta do Senhor D. João III. dada em Lisboa a 5 de Janeiro de 1523. (Chanc. de D. João III. Liv. I. fol.)

Fallão de M.e Filippe as Memorias Chronologicas de Leitão ao anno 1518. §. 983. fol. 459 460.

(*d*) A sua naturalidade se collige da linguagem Castelhana, em que

Lente da Cadeira, que se intitulava de Astrologia e Mathematica na Universidade, na qual succedeo a M.e Filippe, de que tomou posse em 19 de Outubro de 1521; e a lêo até se mudar a Universidade para Coimbra no de 1537 (*a*). Teve cargo de dar algumas lições dos principios de Astronomia ao Senhor D. João III. sendo ainda Principe, a quem explicou a Theorica dos Planetas, e outras coisas da Astronomia. Mereceo ser contemplado pelos Senhores Rei D. Manoel, e D. João com algumas honras e mercês (*b*).

Diogo Mendes Vizinho.

Accrescentemos a estes Diogo Mendes Vizinho, natural da Covilhã, de alcunha o *Coxo*, porque o era de alejão; que foi hum Mathematico de credito não vulgar naquelle seculo, e havido por grande Astrologo, a quem o Senhor Rei D. Manoel consultava muito nas coisas tocantes á Astrologia, de quem já acima fallamos (*c*).

Americo Vespucio.

Façamos tambem honrosa lembrança de hum, que postoque não nosso, entre nós esteve e servio; do qual tomou nome todo o Continente da America. Foi este Americo Vespucio, Florentino; grande Mathematico e Cosmografo. Deste se disse, que tirára huma copia do Mappa dos Descobrimentos do Infante D. Henrique, feito pelo Malhorquino Gabriel de Valseca, em 1439, que depois teve em Florença D. Antonio Dezpuig, Conego da Cathedral de Malhorca, e Auditor da Róta (*d*). Tendo este vindo a serviço deste Reino, logo que soárão as primeiras noticias do descobrimento das terras tão espaçosas e fer-

---

elle passou hum recibo da quantia, que lhe mandou dar a Rainha, como a Porteiro da sua Camara pela Provisão datada de Almeirim a 18 de Janeiro de 1528 (Torre do Tombo Corpo Chron. Part. I. Maço XXXVIII. Doc. 96.)

(*a*) Informação do Reformador, que cita Leitão a este anno de 1521. §. 998. fol. 466.

(*b*) *Veja-se a Nota* F *no fim destas Memorias.*

(*c*) Delle fazem memoria Damião de Goes na Chronica del-Rei D. Manoel, e Leitão nas Memorias Chronologicas aos annos de 1521.

(*d*) Veja-se Antonio Raimundo Pascal, Descobrimento de L'Aguya Nautica pag. 87.

teis do Brasil, que o General Pedro Alvares Cabral, seu primeiro Descobridor, mandou pelo Capitão Gaspar de Lemos, o enviou o Senhor Rei D. Manoel com a brevidade possivel a reconhecer o mar, e a demarcar a terra e Costa maritima do Novo Mundo: elle o fez, experimentando varias fortunas e monções, vencendo as correntes das aguas e as tormentas, entrando portos, mettendo balizas, e voltando a Portugal com as informações, do que vio e obrou (*a*).

Fechemos a serie dos Escriptores Mathematicos deste Reinado com a memoria de outro estranho, de mui alta sabedoria e fama, que para nós veio, e entre nós luzio com grandes creditos, qual Rabi Abraham Zacuto, ou Çacuto, Salmaticense, terceiro avô do nosso celebre Medico Zacuto Lusitano. Foi Professor de Astronomia em Salamanca. Passou elle em 1492 de Castella a Portugal, aonde mereceo, pela voz, que corria de seus estudos, que o Senhor D. Manoel o nomeasse seu Astronomo. Muito conhecido e estimado se fez este Rabi pela composição da famosa Obra Mathematica, intitulada *Almanach perpetuum celestium motuum... Leyree* 1496 1. vol. 4.°: foi dedicada esta Obra ao Bispo de Salamanca, e impressa pelo M.e Ortas. Nella nos deo elle as primeiras Taboadas Quadriennaes, que tivemos do movimento do Sol, que lhe fazem honra a elle e a seu seculo. Correria aqui mais largamente a nossa penna, senão tivessemos fallado delle nas Memorias da Typographia Portugueza do Seculo XV., que já se achão impressas (*b*).

Rabi Abraham Zacuto.

(*a*) Vasconcellos Noticias do Bras. Liv. I. §. 18. pag. 24.
(*b*) *Veja-se a Nota G no fim desta Memoria*, em que se illustrão algumas das cousas, que aqui se dizem.

CAPITULO VI.

De alguns Mathematicos no Reinado do Senhor D. João III.

Se lançamos os olhos pelo Reinado do Senhor D. João III. vemos, que este Principe formando o glorioso projecto de reformar, e promover as Letras, quiz dar-lhe hum domicilio mais accommodado á tranquillidade, que pedião seus estudos, e o transferio por isso de Lisboa para Coimbra, cidade de mais commodidade, e quietação, e cuidou de adiantar naquella nova Academia a Sciencia Mathematica.

Em seu tempo lia-se Euclides, o Tratado da Esfera, e a Theorica dos Planetas. O estudo da Geometria pareceo então tão fundamental para todas as Sciencias, que se mandou, que elle precedesse ao da Logica, como se collige da Oração Latina de Belchior Belliago, o que muito acredita a sabedoria da reforma litteraria daquelles tempos.

Comtudo assim mesmo foi ainda mui desigual, e apoucado o estabelecimento das Mathematicas em comparação das outras Sciencias, a que se derão grandiosos fóros e liberdades: porque estabelecendo-se nove Cadeiras, e Cathedrilhas de Theologia, sete de Canones, outo de Leis, seis de Medicina, cinco de Linguas, e quatro de Cursos de Artes; só huma coube em pequena sorte ás Mathematicas, sendo que nos mesmos Estatutos Academicos se reconhecia serem Sciencias importantes ao bem commum deste Reino, e á sua Navegação, e de muito ornamento á Universidade. (Liv. III. Tit. V. §. 27. pag. 144.) pelo que ficarão estas Sciencias mettidas ainda em estreiteza e acanhamento, limitando-se tudo ao simples conhecimento da Cosmografia, á Geometria de Euclides, e á Theoria dos Planetas, devendo os Oppositores daquella Faculdade ler duas lições de ponto sómente

naquellas duas ultimas (§. 23. do Liv. XIV. Tit.V. pag. 150.)

A falta, que houve de hum amplo estabelecimento na Universidade para estas Sciencias sublimes, que o bem merecião, emendárão os grandes homens, que então tivemos; os quaes levados de seu natural se derão com incrivel ardor a estes bons estudos.

Foi hum delles, e o primeiro, que deve apparecer á frente de todos nesta Epoca, o immortal varão Pero Nunes, natural de Alcacer do Sal (*a*). Foi o maior Mathematico, que produzio Portugal naquelle tempo, e o primeiro Professor da Mathematica na nova Universidade; homem de genio profundo, grande Geometra, insigne Cosmografo, Astronomo sabio, nascido verdadeiramente para as Sciencias Exactas: elle foi hum novo astro, que nellas espalhou brilhante luz, e alumiou a todos os outros, que figurárão naquelle seculo. A sua Escola foi a segunda depois da do claro Infante D. Henrique. Pero Nunes.

Deste seu merecimento nos deixou elle eterna memoria nos tres tratados, que traduzio em linguagem Portugueza, a saber: o da Esfera de Sacrobosco; o da Theorica do Sol e da Lua de Jorge Purbachio; e o do primeiro Livro da Geografia de Ptolomeo; e mais particularmente ainda nas suas obras originaes da defensão da Carta de marear, da Arte da Navegação; dos erros de Oroncio Finé; dos Crepusculos; dos Climas; da Algebra, e em outros mais, em que desencerrou a sua mui alta sabedoria e doutrina; e em que disse muitas cousas, que ninguem até então havia dito; e geralmente corrigio quantidade de erros, em que outros havião cahido, como notou Vossio *(de Mathematicis)* com o que subio acima da inveja, e poz seu nome em muita alteza. A mais aqui

(*a*) Delle, e de sua patria se lembra M.^e Resende: *Salacia est, quæ a Saracenis nomine mutato nunc Alcassar salis vocatur: urbs nostro tempore non admodum clara; nisi civem haberet Petrum Nonium cumprimis nobilem Mathematicum.* (In Vincent. Annot. in libro posteriori num. 41.)

se alargára nossa penna por credito seu e de todo o Reino, se já não tivessemos satisfeito a este officio, da maneira que nos foi possivel, na Memoria Historica, que escrevemos deste insigne Mathematico, já impressa no Tom. VII. das Memorias de Litteratura Portugueza da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Não podem deixar de lembrar fallando deste homem alguns de seus discipulos; e primeiro dous Principes nossos, que figurárão nesta classe com luzimento, os quaes requerem de nós neste lugar hum testemunho de nossa attenção e respeito, não menos pela sua litteratura e sabedoria, que por suas altas personagens.

O Infante D. Henrique.

Foi hum o Senhor Infante D. Henrique Irmão do Senhor D. João III., depois Cardeal e Rei, Principe muito dado ás Sciencias Mathematicas. Elle com summa diligencia e aproveitamento aprendeo de Pero Nunes a Arithmetica e a Geometria dos Elementos de Euclides; o Tratado da Esfera; as Theoricas dos Planetas; parte da grande composição dos Astros de Ptolomeo; e a Mechanica de Aristoteles; toda a Cosmografia, o uso dos instrumentos antigos, e de alguns, que o mesmo Mestre havia inventado para a pratica da Navegação. (a) Os estudos e indagações, que sobre tudo o desvelavão, como os de seu maior gosto, e propensão, forão os da Astronomia, e tanto folgava com elles, que ainda depois de achar de todo entregue aos estudos e coisas Ecclesiasticas, costumava quasi todos os dias propôr a Nunes algum Problema ar-

---

(a) Consta do que escreveo o mesmo Nunes na Dedicatoria ao Senhor Rei D. João III. do Tratado *de Crepusculis*, de que porei aqui o lugar: *Incidit nuper de Crepusculis........ Coram Principe integerrimo...... Infante Henrico illustrissimo, cum tu, Rex humanissime, decem abhinc annis Mathematicis Scientiis instituendum à me curasti. Dicidit ille diligentissime........ Arithmeticæ et Geometricæ Euclides elementa, Spheræ tractatum, Theoricas Planetarum, et partes magnæ Astrorum compositionis Ptolomæi; Aristotelis Mechanica Cosmographica omnia priscorum quorundam instrumentorum usum; et nonnulorum etiam, quæ ego ad navigandi artem excogitaveram.*

duo, e pedir-lhe, que o resolvesse por demonstrações de Mathematica (*a*).

Não he de calar o outro Principe, que grandemente se applicou naquelle tempo ás Mathematicas, qual o Infante D. Luiz: das lições de Pero Nunes tomou elle, com seu irmão, os conhecimentos, que teve, de Filosofia, de Arithmetica, de Geometria, de Musica, e de Astronomia; e de seus progressos nestas Sciencias falla o Mestre muito a seu louvor na Epistola ao mesmo Infante no Tratado da Esfera, e na outra ao Senhor Rei D. João III., que vem no Tratado dos Crepusculos, em que o exalta. Compoz hum livro de modos, proporções, e medidas; e hum tratado sobre a quadratura do Circulo (*b*).

O Infante D. Luis.

(*a*) Veja-se o que diz o mesmo Nunes na data Dedicatoria; donde menos razão fica de duvidar, se elle foi Mestre do Senhor D. Henrique, do que já fallamos em nossa Memoria sobre Pedro Nunes impressa no Tom. VII. das Memorias de Litteratura da Academia Real das Sciencias de Lisboa. O douto Flamengo Clenardo falla deste Principe em varios lugares de suas Epistolas Latinas, e na que dirigio *ad Christianos omnes* no Liv. II. pag. 244. se lembra de seus estudos Mathematicos: *Non numerabo Mathematicos, quas didicit* &c., e este Author e lugar póde accrescentar-se aos que o douto Barbosa referio no Artigo deste Principe.

(*b*) Poremos aqui em seu abono o lugar do Mestre na dedicação, que lhe fez, da sua Traducção dos tres Tratados da Esfera, da Theorica do Sol e da Lua, e do primeiro Livro da Geografia de Ptolomeo, poisque tambem o erudito Barbosa transcrevendo o da Epistola ao Senhor Rei D. João III. na Obra *de Crepusculis*, se esqueceo de compilar este da Epistola ao mesmo Infante: *E duvidando muito comigo*, diz Nunes, *se dirigiria isto a V. A., a materia da Obra me convidava ao fazer: que pois V. A. tem tanto primor na Cosmografia, e na parte instrumental, e tem tão alto e tão claro entendimento e imaginação, que póde facilmente inventar muitas cousas, que os antigos ignorarão, parece que de direyto lhe pertencia: de outra parte punhame grande recêo ser a Obra tão pequena e não aver nella cousa que a V. A. seja nova.*

Accrescentaremos ainda outro testemunho honroso, que tambem se não acha transcripto em Barbosa, tirado do antigo e insigne Rhetorico, e Orador João Fernandes na rarissima Oração Latina, que recitou na Universidade de Coimbra, quando a foi visitar o Infante D. Luiz; na qual fallando de Pero Nunes, da-lhe por somma do seu louvor o ter elle dirigido os estudos Mathematicos deste Principe: *Uno verbo omnia*

D. João de Castro.

Com estes dous illustres Principes ajuntemos o insigne Capitão e Viso-Rei da India D. João de Castro, outro discipulo do mesmo Nunes, com quem estudou as Mathematicas, como se as houvesse de ensinar, maiormente a Geografia e a Cosmografia, sendo tão eminente Cosmografo, e Geografo, como era Capitão.

Acompanhando a D. Estevão da Gama na jornada do Estreito do Mar Roxo, descreveo esta viagem até Suez; por quanto em todas as angras e enseadas desde a boca do Estreito até alli foi tomando o Sol, e fazendo roteiro, formando nelle juizo já de Filosofo natural, já de Piloto. Aqui especulou todas as cousas notaveis do Mar Roxo, e discursou doutamente sobre as causas da côr de suas aguas, e do nome, que se lhe impoz, dos impulsos e movimentos naturaes, e das crescentes do Nilo nas monções do Estio (*a*).

Nas horas, que lhe perdoavão os cuidados da guerra, descreveo tambem em copioso Tratado toda a Costa, que jaz entre Goa e Dio; sinalando os baixos e recifes; a altura da elevação do Polo, em que estão as Cidades; as angras e enseadas, que formão os portos, as monções dos ventos, e condições dos mares; e a força das correntes, e impeto dos rios; arrumando as linhas em taboas differentes, tudo com tão miuda e acertada Geografia, que o podéra esta só obra fazer conhecido, se já o não fora tanto pelo seu valor militar. Ambas estas obras dedicou ao Infante D. Luiz, a quem já desde a Escola de Nunes se havia feito familiar pela qualidade, e pelo engenho.

---

complectar: per te factum est, ut Princeps noster Ludovicus, cui terra punctus est, latissimos illos mundi orbes contempletur, dignam profecto Principe contemplationem &c. Orat. ad Principem Ludovicum de celebritate Academiæ Conimbricencis Conimbr. ann. 1548. Veja-se tambem sobre seus estudos, o que escreveo D. José Miguel João de Portugal, Conde de Vimioso, na vida deste Principe pag. 111.

(*a*) Vide Jacinto Freire de Andrade na sua vida Liv. IV., e Manoel Corrêa nos Commentos aos Lusiadas de Camões Cap. X. est. 98.

Feche a lustrosa companhia dos clarissimos varões Discipulos do grande Mestre Pero Nunes, o que entre todos elles muito se afamou, e distinguio, Fr. Nicoláo Coelho de Amaral, Religioso da Santissima Trindade, e o primeiro Reitor do seu Collegio de Coimbra, tão acreditado nestas Sciencias, que na ausencia de Pero Nunes era mandado substituir a sua Cadeira de Mathematica (*a*). Fr. Nicoláo Coelho de Amaral.

Com muita honra nossa collocamos nesta classe de sabios o insigne Historiador João de Barros, instruido nas Mathematicas, principalmente na Cosmografia, e Geografia, a que muito se deo para escrever a sua Historia da India: nesta se houve elle com tanta curiosidade, que não contente de haver resolvido a Ptolomeo, e a outros Geografos antigos, e ainda modernos, e de seu tempo; passou a ler hum Livro de Geografia da Persia, e varios outros da China com suas taboas, comprando para isso hum Chin douto, que lhos podesse devidamente interpretar (*b*). João de Barros.

Para acertar em tudo, o que pertencia á pratica da Sciencia Nautica, tratou de se instruir profundamente dos nossos Pilotos, que havião navegado todos os mares da India com o Astrolabio, e a Sonda nas mãos; e com todos estes conhecimentos escrevia a sua Geografia Universal, que hia compondo em Latim, e deixou imperfeita, em que tratava do Astrolabio, e mais Instrumentos da Navegação (*c*).

Nas suas Decadas vemos nós a grande provisão de estudos, que tinha feito para graduar as provincias, e pa-

---

(*a*) Veja-se a sua Obra de Chronologia pag. 85. quando falla de Alacia, patria de Pero Nunes, a quem chama seu Mestre.

(*b*) Decad. II. Liv. V. Cap. I.

(*c*) Elle annunciou esta Obra no Liv. IV. II. e VI, e magoa he que desapparecesse ou exista acaso, aonde se não estime, e aproveite, que de tamanho homem nada se deveria perder, ou ficar sepultado em torpe esquecimento. Quantas cousas curiosas, e uteis por elles não saberiamos da nossa Navegação, e Pilotagem?

ra saber reprovar muitas das opiniões dos Gregos, e Romanos, que fallarão das cousas do Oriente com pouca noticia; e fazer as emendas e correcções, de que estão cheias as suas Decadas, sobre Ptolomeo, Arriano, e outros Geografos antigos, que escreverão da India, no que são por extremo uteis e proveitosas.

M.e André de Resende.

Não nos havemos de esquecer de hum sabio Portuguez, que tendo florecido neste reinado em muitos ramos de Litteratura Civil, e Sagrada, estendeo tambem seus estudos a huma parte das Sciencias Mathematicas: foi este M.e André de Resende, nome esclarecido e principal nos fastos litterarios da Nação: era perito na Theorica da Architectura, e por esta razão lhe deo cargo o Senhor Rei D. João III. de traduzir o livro, que della composera Leão Baptista, de que elle mesmo fez menção no Prologo das Antiguidades de Evora; por sua morte o deixou por legado a seu filho Bernabé de Resende, de que falla Gaspar Estaço nas Antiguidades Cap. 44. §. 44. (a).

Martim Affonso de Sousa.

Pertence a esta Epoca Martim Affonso de Sousa, Senhor do Prado e Alcoentre, Alcaide Mór de Bragança, e de Rio Maior, conhecido por suas grandes Navegações, e victorias na Asia: teve estudos de Mathematica; e mostrou sua pericia nas curiosas observações, que fez na sua primeira Navegação para o Sul, que propoz ao illustre Mestre Pero Nunes, as quaes vem por este expostas no *Tratado em defensam da Carta de Marear*.

Diogo Botelho Pereira.

Façamos memoria de Diogo Botelho Pereira, Indiatico, e soldado valeroso, que para o immortalisar bastaria a acção atrevida, mas sublime, de vir desde Dio até

(a) Escreveo dous Livros dos Aqueductos, que offereceu ao mesmo Principe na occasião, em que este havia feito conduzir a Evora a agua da Fonte da Prata pelo antigo Aqueducto de Sertorio; os quaes livros escritos de sua propria mão entregou ao Senado daquella Cidade, de que tambem faz memoria no Cap. das mesmas Antiguidades de Evora. Não sabemos se esta Obra era puramente historica, ou didactica e trabalhada sobre os principios, e conhecimentos da Hydraulica.

o Téjo em uma mui pequena fusta, que fabricara em Cochim, passando nella a Almeirim a dar ao Senhor Rei D. João III. a nova de estar fundada contra todo o poder do inimigo a fortaleza de Dio, chave do commercio da Arabia, e Persia, e freio do Reino de Cambaia. Ao valor de soldado ajuntou a Sciencia de Geografo e de Nautico, de que deo boas mostras na Carta de Marear, que compoz, em que descreveo o mundo até então descuberto, que apresentou ao mésmo Principe, quando veio da India a primeira vez a Portugal. (Barr. Dec. I. Liv. VI. Cap....)

P. Antonio de Castello Branco.

Figurou tambem neste Reinado o P. Antonio de Castello Branco, Jesuita: lêo Mathematica, de que tinha mui largos conhecimentos, particularmente da Astronomia: escreveo em Latim hum Tratado sobre os Cometas em 2 vol. de fol., e tres Livros de Astronomia tambem de fol. (*a*).

Diogo de Sá.

Tem direito a ser nomeado neste seculo Diogo de Sá, varão digno de muito louvor, não menos por sua pericia nas Disciplinas Mathematicas, que por suas acções militares na Asia: foi sobre tudo eminente na Nautica, da qual lhe ensinou a experiencia muitos segredos, que outros antes não souberão: escreveo hum Tratado de *Navigatione* em tres Livros, impressos em Pariz em 1549. 8.°, em que pertendeo refutar algumas cousas, que tinha dito Pero Nunes nas Respostas a Martim Affonso, e na sua Hydrografia, que certo bastava a empreza de contrariar doutrinas daquelle primeiro Mathematico do seu seculo, para lhe dar hum grande brado.

Fernando Alvares Seco.

Pede tambem o nosso reconhecimento Fernando Alvares Seco, hum dos maiores Geografos do seu tempo: deixou hum monumento da sua applicação e estudo no seu excellente Mappa de Portugal, que passou pelo mais exacto de todos, e tal foi elle, qne o doutissimo varão Achilles Estaço, a quem as letras tanto deverão em Portngal e na Italia, o fez estampar em Roma em 1560, e o dedicou ao Cardeal Sforcia.

(*a*) Franco na Imag. do Nov. de Lisboa Liv. II. Cap. 14.

CAPITULO VII.

De alguns Mathematicos no Reinado do Senhor D. Sebastião.

Os tempos do Reinado do Senhor D. Sebastião, funestos a Portugal nas cousas politicas e militares, não lhe podião ser mui favoraveis nas litterarias. As Artes e Sciencias, e todos os ramos de Litteratura Nacional, que até então havião florecido, começárão de desmedrar e esmorecer. Então quebrou o ardor de nossos estudos tão bem vingados; e com elles a Mathematica, que se tinha cultivado nos tempos de seu Avô o Senhor Rei D. João III. promettendo grandes e perduraveis fructos da luzida Escola, e plantação do immortal Professor Pero Nunes: comtudo assim mesmo naquella idade se estabeleceo no Collegio dos Jesuitas de Santo Antão de Lisboa huma Aula da Esfera, a qual permaneceo com muita utilidade; mantendo sempre hum tão importante estudo, ainda na decadencia das outras Aulas.

Então mesmo florecerão ainda alguns varões de merecimento nestes estudos, que tem direito a ser aqui nomeados com a bem merecida distincção de louvor e honra.

Fr. Pedro do Espirito Santo.

Foi hum delles Fr. Pedro do Espirito Santo da Ordem Terceira de S. Francisco, que passou por bom Mathematico; de sua letra se conservava hum fragmento de obra sua sobre a Esfera, que existia no seu Collegio de Coimbra (*a*).

Isidoro de Almeida.

Foi outro Mathematico de nome Isidoro de Almeida, de quem diz Luis Pereira na sua Eleg. Cap. II. pag. 37.

——— Novo Arquimedes,
Era Nestor, e ás vezes Palamedes.

(*a*) Memorias Historicas para os estudos da Ordem Terceira de S. Francisco Tom. II. pag. 82.

Deve ter nesta Epoca lugar honroso Fernando Vaz Dourado, homem de não vulgares estudos na Cosmografia; aínda hoje se estima a rara Obra das suas Cartas Hydrographicas, e o Mappamundo, em que tratou de todos os Reinos, terras e ilhas, com suas derrotas e alturas por esquadria, o qual se estampou em Goa 1571 fol. o original conserva-se na livraria dos Monges Cartuxos do Convento de *Scala Cœli* de Evora: ouvimos dizer, que está hoje na Academia Real da Marinha de Lisboa; e que consta de regras e principios de Hydrografia com Mappas de todo o mundo, illuminados primorosamente de côres e ouro. Fernando Vaz Dourado.

Não deixemos de lembrar nesta idade a Francisco Sanches, bem conhecido pelas Obras de Medicina, que publicárão seus filhos, homem versado na Sciencia Mathematica; porque, postoque estudou e ensinou fóra de Portugal, nelle primeiro aprendeo, e por Portuguez nos cabe parte da gloria de seu nome: foi Cathedratico de Medicina em Mompilher; e ensinou Filosofia por vinte annos: escreveo e dirigio ao grande Professor de Mathematica Christovão Clavio huma Obra intitulada *Erotemata super Geometricas Euclides demonstrationes ad Christophorum Clavium*, em que lhe propoz varias duvidas e argumentos, a que o mesmo Clavio respondeo: escreveo mais hum Discurso sobre o Cometa, que appareceo no anno de 1577. Francisco Sanches.

CAPITULO VIII.

De alguns Mathematicos nos Reinados dos Filippes.

O Reinado dos Filippes não foi esteril nestes estudos: abatendo a liberdade Portugueza, nem por isso foi estorvo á carreira das Mathematicas: e houve alguns homens sabios, que as tratárão com mais intelligencia e cuidado do que se podia esperar da decadencia, em que então estavão nossas letras: elles participárão ainda das ins-

trucções dos dous Reinados antecedentes, donde trouxerão o cabedal, com que então luzirão: demos-lhe honra, que a bem merecem.

Entre estes podem apparecer em primeiro lugar os que se derão aos estudos theoreticos, ou praticos da Nautica em beneficio de nossa Navegação. A esta classe pertence o Padre Christovão Borro, Jesuita, varão mui curioso, e amigo de indagar as verdades da Natureza: lêo Mathematica em Lisboa, e imprimio huma Obra de Astronomia por encommenda do Conde de Villa Nova Gregorio de Castel Branco, que fora seu discipulo nas Mathematicas.

Christovão Borro.

Trabalhou sobre o conhecimento das variações da Agulha Magnetica, e com este intento navegou á India, para observar, quanto a Agulha variava nos Meridianos, por que elle passava, para dahi formar hum Mappa, que em diante servisse de regra e methodo para os navegantes. O seu modo foi annotar e demarcar em cada altura o Meridiano, em que se achava, e quanto variava a Agulha Magnetica.

Depois fabricou hum Mappamundo, lançando humas linhas tortuosas de Polo a Polo, as quaes vinhão a ser as variações, que tinha demarcado, a que chamou *Linhas Magneticas*, e se chamou tambem *Tratus Chalybóclyticus*: por meio destas Linhas affirmava, que logo se saberia a longitude, e as paragens, em que se achassem os navegantes; de sorte que, se tomando a altura, e a variação da Agulha, achassem no seu Mappa na mesma altura a mesma variação, forçosamente havião de estar tambem debaixo do mesmo Meridiano, que o Mappa apontava.

Este foi o invento e traça, que apresentou na Côrte de Madrid, aonde foi pretender o premio de cincoenta mil cruzados, promettido a quem primeiro desenvolvesse este nó Gordiano, e postoque lhe fosse rejeitado naquella Côrte o seu invento por pouco seguro e solido; e havido e refutado depois pelo Padre Valentim Estancel no seu Discurso sobre a Navegação de Leste a Oeste: to-

lavia mostrou por estes seus trabalhos o ardor, com que e havia dado aos Estudos Mathematicos.

Nomeemos tambem a Francisco da Costa, Jesuita, Pro- èssor, que foi de Mathematica, que passou em seus dias ›or um dos melhores Mestres: e se bem não vimos seus scritos nestas materias, sabemos todavia, que houve, pois [ue attesta Simão de Oliveira, de quem abaixo fallaremos, er-se ajudado delles para a composição da sua arte de Na- egar (*a*). Francisco da Costa.

Póde entrar na companhia dos Mathematicos desta Época Pedro de Moura, que passou por homem grande- nente instruido na Astronomia, e na Sciencia Nautica: fim de experimentar praticamente a doutrina do Padre Christovão Borro, e se certificar melhor della, corrêo uma e outra vez todo o Oceano Atlantico até chegar o Indico com bastante successo, segundo se contava elle (*b*). Pedro de Moura.

Merece distincto assento nesta mesma classe Simão de Oliveira Lisbonense; foi homem sabio na Arte Nautica: lle vio, que os Authores, que tinhão tratado desta ma- eria, o havião feito sem ordem, por nenhum delles a re- luzir a methodo, de modo que se podesse ensinar e apren- ler, salvo hum ou outro, que escreveo em Latim, e não podia aproveitar a todos. Peloque tomou a seu cargo sup- prir esta falta, e escrever a arte de Navegar. Simão de Oliveira.

Dedicou a sua Obra a D. Pedro de Castilho, Bispo le Leiria, Inquisidor Mór, e Viso-Rei em os Reinos de Portugal; e foi impressa em Lisboa por Pedro Craesbeeck em 1606. 1. vol. em 4. Escreveo-a em Portuguez, vendo que proveitaria pouco, como elle diz, se a escrevesse em La- im, como todos até alli tinhão feito, menos Pero Nunes;

(*a*) Elle o nomea entre os Authores modernos. de que tirou dou- rina para a sua Obra (Lista que vem no principio della).

(*b*) Falla delle Estancel no Discurso sobre a Navegação de Leste a Oeste,

e porque esta Obra he de grande merecimento e já rara, daremos aqui o Summario dos seus Artigos.

Trata no Liv. I. dos Circulos da Esfera Artificial, por ella ser o fundamento e alicerce, em que estriba a Cosmographia, a Astronomia, e a Navegação, e de cuja noticia depende a Arte de Navegar: nelle falla de seu inventor, e fim da invenção: dá as definições da Esfera, e das suas partes, e as noções dos seus Vocabulos; a divisão da Esfera, os nomes, definições e divisões do Horizonte, do Meridiano, da Equinocial, do Zodiaco, dos dous Coluros, dos dous Tropicos, e dos dous Circulos Polares.

No Liv. II. falla dos Officios, dos Circulos, da Esfera Artificial, isto he, do Horizonte, do Meridiano, da Equinocial, do Zodiaco, dos Coluros, dos Tropicos, e dos Circulos Polares; e isto assim para maior clareza, como para escuzar em outra parte repetições.

No Liv. III. trata da fabrica dos Instrumentos Nauticos, como do Astrolabio, da Armilla Nautica, do Quadrante, da Agulha de Marcar, da Pedra de Cevar, da Rosa da Agulha, e do Instrumento para Nordestear, e Noroestar das Agulhas; e de tudo o que até o seu tempo se tinha achado.

No Liv. IV. explica, o que toca ao uso dos sobreditos Instrumentos e preceitos de Navegar; do Astrolabio; da altura e da declinação do Sol; da altura das estrellas, e do Polo Septemtrional; dos usos da Agulha de Marear; dos ventos; do uso da Carta da Navegação de Leste a Oeste; do Mar Mediterraneo; das legoas; das Luas; dos mares; das aguas vivas, e mortas; dos sinaes, que apparecem no mar; e de outros avisos uteis aos navegantes; e traz depois no fim deste IV. Livro a Rota de Portugal para a India.

Servio-se para as doutrinas desta Obra de Aristoteles, e Ptolomeo entre os antigos; e quanto aos modernos dos dous Arabes Alphragano, e Albategnio, de Gemma-Phrysio, de Oroncio, de João de Monte Rei, de João

de Sacro-Bosco, de Mogino, de Thyco Brahe, de Pero Nunes, de João Baptista Lavanha, e do P. Francisco da Costa Jesuita, e Mestre de Mathematica. Por certo, que tratou esta Sciencia com mais ordem do que o havião feito os outros, para que bem se podesse ensinar, e aprender; porque antes delle nenhum a havia reduzido a methodo.

Façamos honrada memoria de Manoel de Figueiredo, natural da Villa de Torres Novas, Discipulo do grande Mathematico Pero Nunes, e Cosmografo Mór do Rei. Escreveo huma Chronografia ou reportorio dos tempos, em que trata da Esfera Cosmografa, Arte de Navegação, Astrologia Rustica, tempos e prognosticos dos Eclypses, Cometas e sementeiras, uso e fabrica da Ballestilha, e Quadrante Geometrico, com hum tratado dos relogios, que se estampou em Lisboa em 1603. 4.° Escreveo tambem a Hydrografia, ou exame de Pilotos, com roteiros para o Brasil, Rio da Prata, Guiné, S. Thomé, e Angola, e Indias de Portugal e Castella, Lisboa 1608. e 1614. 4.° Roteiro e Navegação das Indias Occidentaes, e Ilhas Antilhas do Mar Oceano Occidental, Lisboa 1609. 4.° Prognostico do Cometa, que appareceo em 15 de Septembro de 1604. Lisboa 1605 4.° Tratado da Pratica da Arithmetica, composta por Gaspar Nicoláo, emendada e accrescentada, Lisboa 1679. 8.° e 1716. 8.° Manoel de Figueiredo.

Não deve ficar sem quinhão de honra e gloria neste logar o P. João Duarte da Costa, douto Mathematico, escolhido com Manoel de Figueiredo para demarcar os dominios da Colonia do Sacramento. João Duarte da Costa.

Não deve tambem esquecer João Pereira Côrte Real, General do Mar, varão muito experimentado na Arte de Navegar, que passou oito vezes á India Oriental e Occidental: elle inventou hum novo instrumento da demarcação; compoz em Castelhano Discursos sobre a Navegação das Náos da India de Portugal, Madrid. 1622. 4.° João Pereira Côrte Real.

Com este se ha de ajuntar Valentim de Sá Lisbonense, Cosmografo Mór do Reino, o qual escreveo hum Re- Valentim de Sá.

gimento da Navegação, que se estampou em Lisboa por Pedro Craesbeeck em 1624. em 4.º e fez doutas notas, ou advertencias sobre o Instrumento de demarcar do referido General da Armada João Pereira Côrte Real, de que acabamos de fallar.

Antonio de Naxara. Tem lugar nesta classe Antonio de Naxara, ou Naxera Castelhano por nascimento, porém por educação e moradia Olisiponense: estudou Mathematicas, e foi havido por varão eminente nas Sciencias da Cosmografia e da Astronomia. Forão Obras suas as seguintes: *Navegação especulativa e pratica, reformadas suas regras e taboas pelas observações de Ticho Brahe*, que se estampou em Lisboa por Pedro Craesbeeck em 1628. 4.º em Castelhano: *Discursos Astrologicos sobre o Cometa, que appareceo em* 25 *de Novembro de* 1618. Lisboa por Craesbeeck 1619. 4.º *Summa Astrologica, e Arte para ensinar a fazer prognosticos dos tempos*, obra, em que vem muitas cousas uteis á Agricultura, e á Astronomia, em que se achão assomadas varias observações e experiencias Meteorologicas curiosas; e recopiladas as doutrinas de Ptolomeo, e de outros Astronomos Gregos, e Arabes, a qual se publicou em Lisboa por Antonio Alvares em 1632. 4.º

Ignacio Stafford. Devemos prestar tributo de louvor e reconhecimento ao P. Ignacio Stafford, Inglez de nação, e Jesuita: este grande Mestre tomou a Cadeira de Mathematica no Collegio de Santo Antão em Lisboa, por querer acudir promptamente á necessidade, em que então estava aquella Aula, e escreveo e imprimio na Lingua Castelhana *Elementos Mathematicos*, dedicados á Nobreza Lusitana na Real Academia Mathematica do mesmo Collegio de Santo Antão, que sahirão em Lisboa por Mathias Rodrigues em 1634. 1. vol. 8.º, de que temos hum exemplar. Este Livro comprehende os Elementos da Geometria e Astronomia; e he breve, claro, e methodico; o que então foi de muita utilidade pela grande falta, que havia neste Reino de livros desta Faculdade, o que notava o Qualificador

de muita utilidade pela grande falta, que havia neste Reino de Livros desta Faculdade, o que notava o Qualificador do Santo Officio Fr. Francisco de Paiva, Religioso do Convento de N. Senhora de Jesus, na Censura da obra.

Merece boa Memoria e fama Fr. Lucas, Religioso de S. Francisco, Mathematico distinctó no seu tempo, o qual compoz hum Livro de Arithmetica, e Geometria, em que declarou os onze Livros de Geometria, e o IV. de Arithmetica de Euclides (*a*). Fr. Lucas.

Floreceo na mesma idade Manoel Godinho de Heredia, que depois assistio em Malaca, e em Goa pelos fins deste seculo, vivendo até 11 de Novembro de 1615. Além da Historia do Martyrio de Luiz Monteiro Coutinho no anno de 1588, dedicada a D. Aleixo de Menezes, Arcebispo de Braga, escreveo como Cosmografo no tempo do Conde D. Francisco da Gama Almirante, e Vice-Rei das Indias hum Livro, que intitulou *Informação da Aurea Chersoneso, ou Peninsula, e das Ilhas Auriferas, Carbiniculas, e Aromaticas* (*b*). O seu intento nesta Obra foi tratar das minas de ouro, prata, estanho, ou calayn, e pimenta da Aurea Chersoneso, e Ilhas, e seus mineraes para informação dos Principes da Europa; e tambem para se poderem accrescentar novos patrimonios á Coroa de Portugal, e facilitar-lhe o descobrimento do ouro, do carbunculo, e mais preciosa pedraria; e das especiarias, e aromas do Mar Oriental, e das Ilhas Austraes, com que ella sobremaneira se podesse enriquecer. Manoel Godinho de Heredia.

Deve-se fazer memoria de D. Basilio de Faria, Chantre de Evora, e depois Monge Cartuxo, instruido nas Disciplinas Mathematicas, escreveo hum Tratado, que ficou D. Basilio de Faria.

(*a*) Delle faz menção Gaspar Nicoláo em sua Arithmetica fol. 5.ª da 3.ª Impressão de 1551.

(*b*) Inedito, que publicou Antonio Lourenço Caminha. Lisboa em 1807. 8.°

ms.; em que pretendia mostrar ter achado a Quadratura do Circulo.

Luiz Teixeira.

Muito se ennobreceo nesta Epoca Luiz Teixeira; foi homem de grande saber nas Sciencias Mathematicas, e muito versado nas cousas nauticas pelas muitas navegações, que fez: teve o cargo de Cosmografo Mór; por sua pericia se lhe deo commissão, estando na Bahia de todos os Santos em tempo do Governador Luiz de Brito de Almeida, de ir vêr, e emendar a Costa do Brasil; o que elle executou sondando, e vendo todos os baixos, e descobrindo a Ilha da Ascensão, de que houve vista. Delle faz memoria Antonio de Maris no Roteiro da India pag. 85. Escreveo as Descripções das Ilhas Terceiras, e da Ilha do Japão, que sahirão impressas em Latim: a 1.ª no Theatro do Mundo de Abraham Ortelio Antuerpia, ou Anvers em 1584, a 2.ª tambem em Antuerpia em 1595, e compoz huma grande Taboa nova Geografica de todo o Mundo em fórma maior, que se estampou em Amsterdam 1604 fol. em Latim.

Leão Camello.

Com todos estes entra de companhia Leão Camello, hum dos valentes soldados, que perderão a liberdade na infausta batalha de Alcacer: era muito perito na Arithmetica, e na Algebra; e nesta ultima teve fama de ser o maior homem, que entre nós se conhecia. (Delle faz memoria D. Francisco Manoel na Centur. IV. Cart. I. pag. 492.)

Vicente Roiz.

Tambem tem parte na gloria destes estudos Vicente Roiz, que com o Vice-Rei Mathias de Albuquerque passou á India em 1591; o qual deo muito a conhecer a sua applicação com hum Roteiro, que escreveo, com que costuma allegar o doutor Cosmografo Antonio de Maris Carneiro.

Gaspar Ferreira Reimão.

Juntemos-lhe Gaspar Ferreira Reimão, Piloto Mór do Reino, que teve creditos de muito perito na pratica: he delle hum Roteiro da Navegação, e carreira da India com seus caminhos, e derrotas, impresso em 1612, o qual teve acceitação no seu tempo.

Ignacio Colaço de Brito.

Póde contar-se neste numero Ignacio Colaço de Bri-

to, nascido na Villa de Coruche, Desembargador da Casa da Supplicação, Presidente da Junta da Agricultura do Reino; escrevendo varios Tratados de Direito estendeo tambem seus estudos á Sciencia Mathematica, de que compoz hum Livro de cousas a ella pertencentes, que deixou ms. com varias figuras primorosamente debuxadas por sua mão.

André de Avellar.

Dê-se aqui honra ao nome de André de Avellar Lisbonense. Foi Mestre em Artes, e Tercenario na Sé de Coimbra, e Professor de Mathematica na Universidade: (*a*) lêo por espaço de vinte annos, e houve Jubilação na Faculdade (*b*). Deo mostras de seus estudos na Obra, que publicou intitulada *Sphaerae utriusque Tabella, ad Sphaerae hujus mundi faciliorem enucleationem. Conimbricae apud Ant. Barrer.* 1593 8.° com figuras, de que temos hum exemplar. He dedicada a D. Fernando Martins Mascarenhas, Reitor da Universidade, e foi Obra, que postillou para seus discipulos, como se vê da Prefação, que lhe fez. Compoz mais *Apostillae, seu expositio in Theorias septem Planetarum, et octavae Sphaera Purbachii.* Parece, que tambem foi Tratado, que elle dictou na mesma Universidade (*c*).

P. João Delgado.

Cabe aqui lugar ao P. João Delgado, Jesuita natural

(*a*) Foi nomeado pela Universidade para huma Tercenaria affecta a Mestre em Artes, que havia na Sé de Coimbra, vaga por fallecimento do M.e Miguel Vaz Pinto, a qual elle levou por opposição em concurso com os Mestres em Artes João Galvão, e Manoel Corrêa: ElRei Filippe II. lhe deo Carta de Confirmação, e Apresentação feita em Lisboa aos 22 de Novembro de 1608, e dirigida a D. Affonso de Castello Branco, Bispo de Coimbra, e Vice Rei deste Reino. (Torre do Tombo, Chancellaria de Filippe II. Liv. X. fol. 239.)

(*b*) Passou-se-lhe Carta de Jubilação, datada de Lisboa de 28 de Septembro de 1612. (Torre do Tombo, Chancellaria de Filippe II. Liv. XXXI. fol. 21.)

(*c*) Existe hum ms. desta Obra em 4.° na Bibliotheca do Escurial, escrito por 1650 pouco mais ou menos, de que temos noticia pelo Catalogo dos mss. do mesmo Escurial, feito por nosso amigo D. Francisco Peres Bayer Liv. I. vers. et Plut. IV. n. 9. pag. 230, que nos communicou o outro nosso amigo Collega, e honrador o Illustrissimo Monsenhor Ferreira, sabio e muito indagador de nossas cousas.

de Lagos. Foi discipulo do P. Christovão Claudio, illustre Mathematico, e regeo a Cadeira de Mathematica no Collegio de Santo Antão de Lisboa.

D. Manoel de Menezes. Com elle deve ir seu discipulo D. Manoel de Menezes, Capitão Mór das náos da India, e General da nossa Armada para a recuperação da Bahia; e hum dos varões, que melhor juntárão no seu tempo a profissão de Letras, e a das Armas. Este foi Chronista Mór do Reino, e muito instruido nas Mathematicas, e na pratica de navegar, por onde veio a ser Cosmografo Mór destes Reinos; tal era o ardor e affeição, que tinha á Cosmografia, que determinava abrir em S. Vicente de Fóra huma Aula desta Sciencia, o que comtudo não teve effeito (*a*). Escreveo Astrologia Pratica, ou Judiciaria, na qual se continhão 4 Tratados, em que fallava

1.° Dos principios da Astrologia:
2.° Dos juizos dos tempos:
3.° Dos nascimentos:
4.ª Dos juizos da Medicina: existirão ms. na Livraria dos Theatinos.

João Baptista Lavanha. Não queiramos passar com ingratidão a João Baptista Lavanha, que estudou Mathematica em Roma, e foi Cosmografo Mór no Reinado de Filippe o I., e Chronista Mór de Portugal, nomeado por Filippe III. em 1618: escreveo hum Regimento Nautico, que sahio em Lisboa por Simão Lopes em 1595 4.°. Compoz mais huma Obra muito notavel pelas Taboas do lugar do Sol, e largura de Leste a Oeste com hum instrumento de duas laminas huma sobre outra, representando nellas duas Agulhas, graduadas de gráos com hum amostrador, e Agulha, Obra que ficou ms.

Disto faz memoria honrosa o outro Cosmografo Mór

(*a*) D. Francisco Manoel. Epanaf. II. pag. 268, e Epanaf. V. pag. 676. Accrescentemos aqui que elle fora consultado para a Cadeira de Mathematica da Universidade de Coimbra, como consta do Livros das Consultas da Meza da Consciencia de 1621 fol. vers.

Antonio Maris Carneiro no Roteiro da India pag. 78, dizendo, que com hum mostrador, e a Agulha debaixo representa ir sempre fixa, e a de cima ser sempre a que varía, e não ha necessidade de vêr o Sol mais, que pela manhã, ou quando elle se põe, porque com huma só demarcação se faz logo a conta, e se sabe a differença, que ha.

He este instrumento, accrescenta Maris, muito necessario para estas differenças de Agulha, e demarcações do Sol, porque são embaraçadas não tão sómente para os modernos, senão para os velhos, que se enleão muitas vezes ao fazer da conta. Elle deo estas Taboas e Laminas, antesque fosse para Castella, ao mesmo Antonio de Maris, e a Manoel Monteiro, paraque as verificassem, e Maris as continuou, e achou muito boas, e certas, e as teve por muito necessarias á Navegação. Deixou mais dous Livros ms. hum de Architectura Nautica, e outro da Esfera do Mundo.

Segue-se dizer alguma cousa do mesmo Antonio de Maris Carneiro. Foi elle Lisbonense filho do Licenciado Pedro de Maris, e varão bem conhecido em nossa Historia por suas grandes partes, que muito o recommendavão, e lhe houverão o Officio de Cosmografo Mór do Reino, vago por fallecimento de D. Manoel de Menezes. Publicou o Regimento de Pilotos, e Roteiro de Navegações da India Oriental, que se estampou em Lisboa em 1642 4.°; he huma das Obras boas, que se tem feito neste genero: nella fez emendas ao antigo Regimento, e Roteiro, de que necessitava assim nas derrotas, e alturas das terras, que mais ajustadas experiencias descobrírão, como nas declinações do Sol, que pela variedade do movimento da trepidação principalmente havião variado com sensibilidade, reformando as que trazião os Roteiros antecedentes. Accrescentou-o com o Roteiro de Moçambique, e com os portos, e barras do Cabo de *Finis terræ* até o Estreito de Gibraltar com suas alturas, sondas, e demonstrações.

Antonio de Maris Carneiro.

Trabalhou por descobrir o segredo de fixar a Agulha de Marear, que por isso lhe chamavão a Agulha fixa; e

para este descobrimento navegou á India por ordem d'el-Rei, e fez curiosas especulações, postoque o successo não correspondesse ás suas esperanças (*a*).

Luiz da Fonseca Coutinho.

Com Maris se póde ajuntar Luiz da Fonseca Coutinho, que se esmerou nesta mesma indagação, e escreveo da Arte da Agulha fixa, e do modo de saber por ella a longitude: Obra que offereceo ao Conselho Real de Espanha, e ficou ms.

CAPITULO IX.

De alguns Mathematicos no Reinado de D. João IV.

NO Reinado do Senhor D. João IV., tão glorioso para Portugal, continuárão os Estudos das Mathematicas, em que se distinguírão alguns varões, mui sabedores destas Sciencias. Deve ter entre outros assignalado lugar hum Filho seu, Principe de grande engenho, e agudeza, que muito as honrou e ennobreceo; digno por seus raros dotes de ter mais larga vida, e de succeder no Throno de seus Pais para levar estas Sciencias á maior alteza.

O Principe D. Theodosio.

P. João Paschasio Ciermans.

D. Theodosio o primogenito daquelle feliz Monarcha, deo-se desde a tenra idade de 9 annos ás Disciplinas Mathematicas; primeiro não levando outro guia, que a si mesmo; depois dirigido por seu Mestre o P. João Paschasio Ciermans de Flandres Jesuita, que entre nós se chamou Cosmander, que se esmerou em desenvolver o seu talento, e aperfeiçoar os seus estudos maiormente os de Geometria. Forão seus Condiscipulos nesta illustre carreira João Rodrigues de Sá, Conde que foi de Penaguião, e João Nunes da Cunha, aos quaes na retirada do Mestre para Alemtéjo explicava a maior parte dos seis Livros de Euclides, segundo a exposição do P. Clavio.

(*a*) D. Francisco Manoel Epanaf. Tragica 1125. Tambem consta, que Maris fora consultado para a Cadéira de Mathematica da Universidade juntamente com D. Manoel de Menezes. Liv. das Consultas da Meza da Consciencia de 1621 a fol. 73. vers.

Applicou-se á Geografia, á Statica, e á Hydrografia, e Nautica, e muito particularmente á Astronomia, em que teve por Mestre a D. Pedro Puéros; e com tanto ardor se dava elle a esta ultima Sciencia, que para por ella se não distrahir de todo dos outros estudos, se vio obrigado o Mestre a fechar-lhe os Livros Astronomicos, e a lh'os não permittir, senão em certos dias. Estava provido de todos os instrumentos Mathematicos, com que sobremaneira se entretinha: e folgava de fazer pelo Astrolabio observações, em que gastava muito tempo. Escreveo hum Compendio de Astronomia, e outro de Geografia, á maneira do que fizera Cluvier, e hum outro de Astronomia, que existia no Archivo Real com o titulo *Summa Astronomica in duos divisa tomos: primus de Astronomia: secundus de Astrologia* (*a*).

De todas as Disciplinas Mathematicas, que se cultivárão nesta Epocha a Sciencia da Fortificação, e Architectura Militar foi a que levantou maiores vôos. Conhecendo o Senhor Rei D. João IV. quão necessarios erão para a boa defensão de nossos Reinos os conhecimentos Mathematicos desta Arte, maiormente em huns tempos, em que nossos visinhos nos ameaçavão, mandou erigir na Ribeira

Fortificação, e Architectura Militar.

(*a*) Foi destas cousas illustre e familiar testimunha D. Luiz de Souza, filho do Conde de Miranda, Cardeal, e Arcebispo de Lisboa, o qual na Obra, que lhe consagrou intitulada *Tumulus Serenissimi Theodosii Lusitaniæ Principis*, no resumo de sua vida, dá este breve mas expressivo elogio de seus estudos, *Mathescos artibus claruit . . . . Orbes Mathematicos versabat, qui de Orbe virtutibus illustrando cogitabat.*

De seus espantosos progressos nas Sciencias Mathematicas fallárão dignamente os seus dous Condiscipulos João Nuno da Cunha, Conde de S. Vicente seu Camareiro Mór, na vida que delle escreveo, e D. João Rodrigues de Sá, Conde de Penaguião, no Elogio Funebre, que lhe fez. Póde consultar-se o P. Manoel Luiz, Jesuita, que no seu *Theodosius Lusitanus* no Liv. I. fol. 25. e seguinte compilou, e o que os dous antecedentes havião escrito sobre a Sciencia Mathematica deste Principe. Elle attesta do Compendio de Astronomia, que diz, existia no Real Archivo, e que o vira, e tivera em sua mão, quando escrevia a Historia de sua vida fol. 52. vers.

das Náos huma Aula desta Sciencia, que depois se transferio para o Terreiro do Paço, aonde existio com o titulo de Academia Militar. Aqui se instruírão muitos Engenheiros, que com grande utilidade servírão o Reino, e suas Conquistas.

Luiz Serrão Pimentel.

Foi o primeiro Mestre desta Aula Luiz Serrão Pimentel, natural de Lisboa, que foi o que inspirou ao Senhor Rei D. João IV. o feliz pensamento da erecção daquella Escola. Tinha sido Discipulo por espaço de 10 annos dos Mestres do Collegio de Santo Antão, e de Valentim de Sá, Cosmografo Mór do Reino: em 1641 entrou a exercitar aquelle Officio por impedimento do Proprietario Antonio de Maris Carneiro, do qual tinha approvado o Regimento, que compozera de Pilotos; e por falecimento deste tivera seu cargo de propriedade, e foi Engenheiro Mór, e Tenente General de Artilheria com exercicio em todas as Provincias do Reino.

Mostrou tanto a sua pericia, como o seu valor no sitio da Praça de Badajoz; no desenho da maior parte das trincheiras, com que se cobrio o nosso exercito; no recontro sobre a ribeira de Digebe; na memoravel batalha do Amexial; e nos ataques, e aproches na restauração da Cidade de Evora; e na reforma, que foi mandado fazer das fortificações das Praças do Reino.

Lêo lições de Mathematica na Academia dos Generosos, instituida em casa de D. Antonio Alvares da Cunha; e lêo tambem por 32 annos diversas materias desta Sciencia na nova Escola de Fortificação, e de Architectura Militar.

Escreveo hum Tratado pequeno da Pratica da Arithmetica Decimal, e com elle a Obra da Trigonometria, Pratica, Rectilinea, como subsidios para os Estudos da Architectura Militar; sobre esta publicou huma Obra, que intitulou *Methodo Lusitanico de desenhar as Fortificações das Praças Regulares, e Irregulares, Fortes de Campanha, e outras Obras pertencentes á Architectura Militar.* Dedicou-a ao Principe D. Pedro, então Regente. Estampou-se em Lisboa em 1680. fol.

Foi a primeira obra, que appareceo em nossa lingua, e de grande merecimento para aquelle tempo: he dividida em duas partes; a primeira trata das operações; a segunda das provas demonstrativas, com que se verificão as operações da primeira. Para esta obra vio elle os melhores Authores Latinos, Italianos, Castelhanos, e Francezes até o seu tempo; e cuidou de aproveitar o bom que elles tinhão, e de melhorar com algumas novas regras sua doutrina no que faltavão, ou erravão.

Como o Systema de Fortificação do Conde de Pagun corria naquelle tempo com grande acolhimento em toda a Europa, sendo o mais famoso, que houve antes do do Marechal de Vauban, fez hum resumo de todo elle, que poz por appendix, com huma censura sobre as faltas, que lhe achou, o qual vem no fim do Compendio de alguns Problemas de Geometria Practica, e Theoremas de Especulativa.

Desta obra havia elle feito, antes de a publicar, hum Opusculo, que intitulou *Extracto Ichnografico do Methodo Lusitano*, o qual dedicou a Cosmo III. de Medicis, Grão Duque de Toscana, com quem teve pratica, quando esteve neste Reino; e de quem recebeo tanta mercê, que havendo-lhe este Principe promettido hum Livro, que elle não tinha, lhe mandou huma selecta Livraria (*a*).

Compoz mais *Hercotectonia Militar*, que ficou ms. de que elle faz menção no Proemio do Methodo Lusitano, *Alojamento dos Excercitos. Poliorcetica*, em que se trata da expugnação das Praças.

Não só a Architectura, e Fortificação Militar; mas tambem a Nautica mereceo neste Reinado a particular attenção de alguns dos nossos. Faltava então, e ainda hoje falta huma cousa capital para a perfeição desta Arte, Nautica.

(*a*) Desta obra possue nossa Livraria hum elegante exemplar em 4.º com figuras, quanto parece, Original.

qual era hum methodo para conhecer continuada, e successivamente, quanto caminho se tinha andado no mar ao Oeste do lugar, donde o navio sahira, isto he, o methodo, e a maneira de calcular e fixar a longitude na navegação de Leste a Oeste; assim como se calculava, e conhecia pela observação das alturas, quanto se havia declinado ao Norte, ou ao Sul. Este Problema era então objecto, que desvelava os engenhos de grandes homens na Europa, por ser com effeito huma parte muito importante da Navegação, de que dependia a perfeição desta Sciencia; pois que para o marinheiro saber no mar, aonde se achava, necessitava saber a longitude, e latitude do lugar, aonde estava.

Pelos differentes instrumentos, que excogitárão os Mathematicos para observar os astros, conhecia-se bem a latitude; estes comtudo não servião para determinar a longitude. Cuidou-se pois de supprir a isto por diversos meios, já da medida do caminho, que faz o navio por relogios; já pela variação da Agulha tocada com a pedra Iman; já pelo conhecimento perfeito do movimento da Lua; já por outros modos, a que nunca correspondeo o successo. Isto que então occupava a todos os Mathematicos dos paizes maritimos da Europa, excitou tambem entre os nossos louvaveis desejos de commetter tão difficil descuberta: assim que alguns entrárão nesta empreza com altos brios, posto que com a mesma pouca fortuna do P. Borro, de Maris, e de outros nossos, e estranhos, que já antes se havião abalançado á mesma especulação.

Jeronymo Osorio da Fonseca.

Foi hum delles Jeronymo Osorio da Fonseca, Mathematico de nome, e particularmente dado aos estudos, e pratica da Sciencia Nautica, que por fim de muitas fadigas, e tentativas julgava ter achado a Navegação de Leste a Oeste, sendo por isso chamado da India pelo Senhor Rei D. João IV. para realizar o seu descobrimento.

José de Moura Lobo.

O outro foi José de Moura Lobo, que creditos teve de varão muito instruido na Sciencia Nautica: elle se persuadio tambem haver feito o mesmo descobrimento, ha-

vendo a seu favor a approvação dos Eruditos de Roma, e do Collegío Imperial de Madrid. Postoque o douto Cosmografo Luiz Serrão Pimentel mostrou depois na presença dos Védores da Fazenda Real, e de outros graves Ministros, a fallencia de Navegação de Leste a Oeste, que elle, e Jeronymo Osorio julgavão ter achado; todavia não desdoirou isto o seu merecimento, e nome; assim como não deslustrou a Wiston, a Dilton, e alguns outros Sabios, que trabalhando muito nesta empreza, excitados pelo premio, que os Inglezes offerecêrão em 1713; e depois os Hollandezes, e Hespanhoes, não poderão com seus methodos produzir o effeito, que se queria, apparecendo sempre grandes homens por seus estudos, ainda quando não chegavão ao fim louvavel, que nelles se propunhão. Por certo, que Osorio, e Moura mostrárão bem haver feito trabalhosas observações, e serem ambos de mui largos estudos nesta Sciencia.

CAPITULO X.

De alguns Mathematicos nos Reinados dos Senhores D. Affonso VI., e D. Pedro II.

Nos tempos dos dois Reinados dos Senhores D. Affonso VI. e D. Pedro II. seu Irmão, continuárão com alguns alentos os estudos Mathematicos. Entre os Professores muito se ennobreceo o P. Bartholomeo Duarte, que lêo Mathematica nesta Côrte com grande reputação e nome. Algumas partes destas Sciencias, e principalmente a Architectura, e Fortificação Militar, e a Sciencia Nautica tiverão então particulares Escritores, que merecem figurar nestas Memorias. O P. Bartholomeo Duarte.

Foi hum delles Manoel Pimentel, filho segundo do grande Cosmografo, e Engenheiro Luiz Serrão Pimentel, e herdeiro de sua doutrina: foi tambem Cosmografo Mór, e Engenheiro Mór do Reino, e Tenente General de Artilheria; era homem de muitas Letras, e grandemente ins- Manoel Pimentel.

truido nas Mathematicas; substituio a Cadeira de Fortificação por ausencia de seu Irmão Francisco Pimentel em 1683.

Foi nomeado com o P. João Duarte da Costa para a decisão sobre a demarcação dos dominios da Colonia do Sacramento, e escreveo doutos Tratados sobre isto. Compoz Arte Pratica de Navegar, e Roteiro das Viagens, e Costas Maritimas do Brasil, Guiné, Angola, Indias Orientaes, e Occidentaes &c. accrescentando o Roteiro da Costa de Hespanha, e Mar Mediterraneo, que sahio em Lisboa por Bernardo da Costa em 169.. fol., e segunda vez por Deslandes em 1712 fol.

Francisco Pimentel.

Com o nome de Manoel Pimentel, deve aqui unir-se o de Francisco Pimentel seu irmão, e filho terceiro de Luiz Serrão Pimentel. Foi muito perito nas Disciplinas Mathematicas, maiormente em Geometria, e Fortificação, e como tal nomeado pelo Senhor Rei D. Pedro II. em 1677 por Capitão Ajudante de seu Pai Engenheiro Mór, a quem substituio na Cadeira de Fortificação: grandes creditos conseguio por seus estudos, e experiencia.

Foi á Polonia, e á Hungria; achou-se na expugnação da Praça de Newhaudel pelos Imperiaes contra o Turco, e nas operações militares á vista da Praça de Buda. Esteve na Beira em 1704 com o posto de Quartel Mestre General, e se achou na recuperação do Castello de Monsanto contra os Castelhanos; no Trem de Artilheria, que marchou da Praça de Penamacor para a Praça de Almeida; na recuperação da Praça de Salvaterra, e no sitio de Badajoz. Deixou em prova de suas applicações litterarias os mss. seguintes: *Elementos de Geometria: Geometria Pratica: Tratado da offensa e defensa das Praças: Fortificação moderna.*

O P. Fr. Valentim de Alpoem.

Ajuntemos com este o P. Fr. Valentim de Alpoem, Religioso da Ordem Terceira de S. Francisco: cultivou as Mathematicas não só neste Reino; mas tambem em Goa, onde foi Confessor do Vice-Rei Antonio de Mello de Castro, e donde depois voltou para este Reino: escreveo Sup-

plementos, e Addições ás Taboas Astronomicas de Filippe de Lansberg, e á Obra Ingleza dos Canones dos Triangulos (*a*).

A Astrologia foi hum grande objecto de seus estudos: compoz a Obra *Scyphus Nestoris, seu summæ Astrologiæ practicæ*, que deixou em tres vol. mss. em que se restringio á Astrologia Natural, deixando a Judiciaria (*b*), e escreveo mais tres Tratados, que vem no fim daquella Obra, e se intitulão *Ars Navigandi communis. Computus Ecclesiasticus. Ars conficiendi horologia tam horizontalia, quam verticalia, declinantiaque.*

Não deixemos de fazer memoria de José Homem de Menezes, Lisbonense, que foi dado a estudos Mathematicos: sendo Almoxarife das Armas escreveo *Breve Retrato da Arte de Artilhéria, e Geometria, e Artificio de fogo*, que se estampou em Lisboa em 1676 8.°, o qual he traducção da Obra Italiana de Lazaro da Isla Genovez. José Homem de Menezes.

Nem deve ficar em esquecimento o grande Soldado Leoniz de Pina e Mendoça, Alumno da Sociedade Real de Londres, que toda a sua vida empregou nos estudos Mathematicos. Forão Obras suas, que deixou mss. hum *Tratado Cosmografico, Tres Centurias de Problemas, e Theoremas Geometricos.* Leoniz de Pina e Mendoça.

Menos deve esquecer o P. Antonio Pimenta, ou de Lessa, natural da Villa de Torres Novas, Doutor em Theologia, e Direito Canonico: desde a idade de sete annos se sentio com particular inclinação para os estudos de Mathe- O P. Antonio Pimenta.

(*a*) Deve accrescentar-se na Bibliotheca Lusitana de Barbosa.

(*b*). Assim se collige do que elle diz em hum dos seus Tratados: *Hæ sunt Astrologiæ partes, de quibus a vitiis separantes, selecta et naturalia eligentes tractandum erit; et de multis auctoribus pretiosum a vili separantes, selecta et naturalia eligentes, superstitiosa damnantes &c.* Vid. Memorias Historicas para os Estudos da Congregação da Ordem Terceira de S. Francisco: Tom. II. pag. 134. n.° 119.

matica, e nelles sahio tão douto, que ensinou em Coimbra alguns annos esta Faculdade, e com tanto credito de seu nome, que passou pelo maior Mathematico, que havia no seu tempo: escreveo em 1685 *Epiphania*, ou Demonstração Geometrica em Latim e Hespanhol, em que tratou da quadratura do Circulo.

O P. Valentim Estancel.

Feche toda esta companhia, e com gloria superior á de todos o P. Valentim Estancel, Jesuita estrangeiro, grande amigo do outro Mathematico o P. Bartholomeu Duarte, Professor em Lisboa, de quem acima fallamos. Foi Lente de Mathematica em varias Universidades, e ultimamente o foi tambem no Collegio de Santo Antão desta Côrte. Escreveo huma obra intitulada *Orbe Affonsino*, ou *Horoscopo Universal*, dedicado ao Senhor Rei D. Affonso VI. estampado em Evora em 1658 na impressão da Universidade em 12.°, em que trata de ensinar, como se póde saber, que hora seja em qualquer lugar de todo o mundo: o Circulo Meridional; o Oriente e Poente do Sol; a quantidade dos dias: e a altura do Polo, e Equador, ou Linha.

Prometteo tres Livros de Gnomonica Universal, de que já tinha dous acabados: na 1.ª parte tratava da explicação, e composição do Relogio Universal; na 2.ª dos muitos e insignes usos delle; com varias outras curiosidades, e experiencias da virtude da Magnete, com huma nova Taboa das longitudes, fiel e util para os que navegavão para huma e outra India.

Ha delle na Real Bibliotheca de Lisboa hum Codigo ms. de huma Obra sua intitulada *Tiphys Lusitano*, ou *Regimento Nautico Novo*, no qual ensina a tomar as alturas, e descobrir os meridianos, e demarcar as variações da Agulha a qualquer hora do dia e noite, com hum discurso pratico sobre a Navegação de Leste a Oeste; composto em Lisboa, e offerecido ao Senhor D. Pedro II. Como he obra inedita, e de materia muito importante, em que não temos muita abundancia de Escritores, e nesta se acha entre muitas cousas, já vulgares, algumas, que o não são;

julgamos, que o Leitor soffrerá com boa sombra, que aqui façamos della mais larga exposição.

Tem no principio dous elogios poeticos; hum que lhe fez o P. André de Figueiredo; e outro, que lhe consagrou o Jurisconsulto Manoel de Oliveira; e mais dous Epigrammas Latinos, com que o louvou Francisco Garandino da Companhia.

Começa o Proemio ao Leitor sobre a Fabrica de hum novo instrumento: segue-se a fórma do instrumento primeiro que chama *Polimetro*, que vem desenhado: depois os Elementos *Geocosmicos*, ou noticias necessarias da fabrica, e construcção dos circulos imaginados nas duas Esferas do mundo, a saber, na do Ceo, e na da terra e mar; entendeo em tratar disto, porque todo o Piloto, como elle diz, para andar acertado e seguro no seu governo, e Regimento Nautico, ha de ter alguma noticia da Fabrica, e construcção da Esfera do mundo assim Celeste, como Terrestre, e dos circulos nellas imaginados; e maiormente querendo-se servir ao diante daquelle seu instrumento *Polimetro*, o qual por novo, universal, e extraordinario necessita tambem de meios novos, e extraordinarios para ordenar a sua Astronomica derrota ao fim, que pertende.

A Obra he dividida em tres partes: na primeira, e no primeiro capitulo trata 1.º: da fabrica e construcção do Instrumento primeiro, de cuja intelligencia depende a pratica e uso delle, com huma estampa: 2.º da fabrica deste Instrumento primeiro, lavrado em fórma de hum dado circularmente vasado.

No Cap. II. explica os muitos, e agradaveis usos deste Instrumento; sendo o primeiro tomar a qualquer hora a altura do Polo, e da linha, fazendo por esta occasião huma advertencia acerca das variações da Agulha: o segundo, conhecer a qualquer tempo a hora corrente.

Por occasião disto trata da regra geral para saber, que signo corresponde a cada hum dos mezes, e em que dia entra o Sol em cada hum delle; e põe a Taboa Geral, que mostra os signos, e os gráos do Zodiaco, em que o Sol an-

da todos os dias do anno; e depois huma declaração desta Taboa: o terceiro, tomar e saber a altura do Sol a qualquer hora: o quarto, sabendo-se a altura, e a hora, logo tambem saber-se o Leste e Oeste, e por conseguinte todos os mais rumos: quinto, saber pelo mesmo Instrumento, em que signo e gráo anda o Sol: sexto, saber a sua declinação da linha pelo dito Instrumento: septimo, conhecer-se a qualquer hora da noite a altura do Polo, ou da linha por algumas estrellas fixas de maior grandeza; sobre o que accrescenta tres regras, e com suas declarações; e remata com huma Taboa das declinações de algumas estrellas de marca maior, que ficão da banda do Sul.

Entra depois na Parte II., que se diz Theorico-Pratica; e no Cap. I. dá huma breve noticia das cousas pertencentes ao segundo modo de tomar as alturas, a que chama Especulativo-Pratico: começa pela descripção da Bosseta Magnetica com estampa; e pela outra da esquadra, ou Gnomon para tomar as sombras juntamente, quando se tomão as alturas do Sol, tambem com estampa. No Cap. II. trata, de como sabida a declinação, ou lugar do Sol no Zodiaco pelas regras antecedentes por via de duas sombras, e duas alturas do mesmo Sol, se descobre a altura do Polo, ou da linha fóra do meio dia.

No Cap. III. como achada a altura do Polo, logo se sabe tambem a Linha Meridional, e pelo conseguinte a variação da Agulha, e põe depois huma demonstração, e resolução Geometrica desta Theoria. Segue-se a isto, como achada a altura de Polo, se hade buscar a Linha Meridional, e a variação da Agulha, em que aponta tres regras, e conclue com huma Taboa abbreviada para o conhecimento das declinações, e a explica; sobre o que faz quatro advertencias.

Passa á Parte III. tambem pratica, e o Cap. I. descreve a fabrica do Instrumento segundo: no Cap. II., como se ha de tomar a altura da linha, ou do Polo por via deste Instrumento a qualquer tempo: no III. como se ha de marcar o Meridiano, e a variação da Agulha: no IV.

á a conhecer a altura do Polo de noite a qualquer tempo
ıelas estrellas; e traz tres advertencias, ou regras para
sto com huma Taboa dos gráos da altura do Sol, levan-
ıdo sobre o Horizonte com suas refracções.

No V. ve m a dclaração de algumas cousas, que to-
ĩo ao Regimento Nautico, e aqui se falla do Aureo Nu-
ıero, das Epactas, da Letra Dominical, dos Novilunios,
vem a Taboa dos Interlunios, dos Novilunios de todo o
nno, segundo a Igreja, e Taboas perpetuas dos mares.
o VI. trata das variações da Agulha, que os Pilotos mo-
ɛrnos Portuguezes, Inglezes, e Hollandezes, e os PP. Mis-
onarios, e Mathematicos da Companhia de Jesus tinhão
bservado em varias alturas; e aqui corrige alguns erros,
ı faltas de Manoel de Figueiredo na sua Arte de Nave-
ır. Segue-se um Indice geral das variações da Agulha,
bservadas pelos sobreditos Pilotos Portuguezes, Inglezes,
Hollandezes, e Missionarios.

O Cap. VII. expõe o Problema curioso, sabida a va-
ação da Agulha, ou não a havendo, como se ha de co-
hecer a elevação do Polo ao nascer, ou ao pôr do Sol
ıra da linha. O Cap. VIII. contem hum discurso tambem
ırioso e util sobre a Navegação de Leste a Oeste, e dos
ırios modos, que os curiosos inventárão nesta materia;
aqui falla da traça de Gemma Trisio Mathematico no
u *Radius Astronomicus*; de Oroncio Delfinas Astronomo
Geometra; de Miguel Baptista Langreno, Cosmografo,
Mathematico dos Reis Catholicos; e do Padre Christo-
ĩo Borro, Lente, que foi de Mathematicas em Lisboa.
õe huma Taboa, que mostra, quantos gráos, ou minu-
s de gráo correspondem aos minutos das horas: e de-
ɔis a declaração, e uso desta Taboa; e conclue com al-
ımas advertencias necessarias.

Seguem-se Questões, ou Problemas pertencentes á Nau-
ca, cuja noticia diz ser util aos Pilotos, e a todo o na-
gante curioso: na Questão I. expõe, quantas legoas mon-
o por cada gráo por rumo direito de Norte e Sul, ou
Leste e Oeste: na II. o que responde por cada gráo

de differença de altura, segundo o rumo obliquo, por que se navega: na III. como se saberá a longitude, ou quantos gráos ha entre o Meridiano do rumo de Norte e Sul, que passa pelo lugar, donde partimos; e o que passa pelo, em que nos achamos, medidos pelo rumo de Leste a Oeste: na IV. como poderá saber-se pouco mais ou menos, quantas legoas dista por linha direita o lugar, em que nos achamos, do Meridiano, donde partimos; ou quantos gráos, ou legoas tem o arco representado por huma linha parallela da Equinocial: na V. finalmente, como se conhecerá a altura da linha, sabendo-se o rumo da nossa derrota, e as legoas, que temos andado.

CAPITULO IX.

De alguns Mathematicos no Reinado do Senhor D. João V.

O Seculo XVIII. não deixou de nos apresentar alguns zelosos cultivadores das Sciencias Mathematicas ainda antes da nova Reformação dos Estudos da Universidade de Coimbra, que são os de que sómente aqui fallaremos; deixando para maior Obra, e mais aparada penna de engenhos sublimes a Historia da renovação, e estabelecimento das Sciencias Mathematicas, e de seus mais distinctos Professores depois daquella Epoca.

O Senhor Rei D. João V. teve por estes estudos especial inclinação, que podéra subir a mais alto ponto a favor delles, se a educação tivesse promovido o seu espirito para esta parte. Elle mandou buscar primorosos instrumentos para as operações Mathematicas, e até fez vir de Italia tres insignes Professores desta Sciencia, que forão os Padres Francisco Musarra, natural de Sicilia, Domingos Capacce, e João Baptista Carboni, Jesuitas, que espalhárão luzes, e concorrêrão a exercitar o estudo dos nossos.

O P. Francisco Musarra.

Destes tres Padres o primeiro, que já havia mostrado

ser distincto Mathematico na Obra da Astronomia, que publicára em Messana em 1702 em 1. vol. de fol. foi Professor de Mathematica no Collegio dos Jesuitas de Evora, de quem os nossos muito se aproveitárão.

O P. Ignacio Vieira.

Luzio nestes tempos com grandes creditos de seu nome o P. Ignacio Vieira, Lisbonense Jesuita, Confessor do Senhor Infante D. Pedro, filho do Senhor Rei D. João V. Foi Lente de Mathematica no Real Collegio de Santo Antão de Lisboa, e homem de largos conhecimentos nesta Sciencia, como se mostrou no seu Tratado de Astronomia, que compôz em 1709. He dividido em tres partes: na I. trata da Astronomia Elementar, ou Esfera: na II. da Astronomia Pratica, em que fallá do uso do Globo material, e de outras cousas a ella pertencentes: na III. da Astronomia Theorica, que comprehende as hypotheses dos Planetas, e como se salvão as apparencias, que nelles há. Vem no fim delineadas muitas figuras para illustração da doutrina deste Tratado (*a*).

Compoz mais tres Tratados em 4.°, que deixou primorosamente escritos com figuras, a saber; hum da Dioptrica, hum da Captotrica, e outro da Pyrotechnia: todos em 4.°, que existião na Livraria de João de Sousa Coutinho, irmão do Correio Mór do Reino, os quaes vio o erudito Barbosa.

José Sanches da Silva.

Pertence a estes tempos José Sanches da Silva, Sargento Mór de Infanteria, e com exercicio de Engenheiro na Côrte: cultivou com bom nome as Disciplinas Mathematicas, e compoz huma Obra Pyrotechnica, dividida em tres Tratados, que comprehendia Arithmetica, e parte de Geometria especulativa e pratica, e o uso dos fogos militares por mar e terra, e dos fogos festivos; hum Tomo em 4.° com figuras ms.; e tambem huma Arte de deitar Bombas, em que tratava do seu uso e movimento, com hum Appendix do Petardo em 4.° tambem ms.

(*a*) Possuimos huma copia desta Obra, que tirou seu Discipulo João Barbosa da Silva: esta obra póde accrescentar-se na Bibliotheca Lusitana de Barbosa.

Manoel Antonio de Meirelles.

Não deve esquecer neste lugar Manoel Antonio de Meirelles, natural de Villa Flor, o qual foi Capitão Engenheiro, que assistio nas Conquistas de varias Praças da India, sendo Vice-Rei D. Pedro de Almeida primeiro Marquez de Castello Novo, e Conde de Assumar. Foi fructo de seus estudos huma Obra, que deixou ms., intitulada *Thesouro Mathematico*, dividida em diversos tomos, que estavão já aparelhados para a impressão nos tempos de Diogo Barbosa.

Luiz Francisco Pimentel.

Dê-se aqui lugar a Luiz Francisco Pimentel natural de Lisboa, e filho de Manoel Pimentel, Cosmografo Mór do Reino, a quem succedeo no cargo, que era como hereditario na sua Casa. Foi Academico da Academia Real da Historia Portuguèza, e a fama delle apregoava, que era muito versado nas Disciplinas Mathematicas, tendo para taes estudos os bons exemplos de seu avô, de seu pai, e de seus tios Jorge Pimentel, e Francisco Pimentel, do ultimo dos quaes se fez acima menção.

Fr. André da Conceição.

Houve tambem distincto nome de Mathematico naquella idade Fr. André da Conceição, Lisbonense, converso de Santa Cruz de Coimbra. Escreveo varios Tratados de Arithmetica Inferior e Superior, de Algebra, de Architectura, de Perspectiva, e de Hydrostatica; dos quaes deixou ornados de tão bellas estampas os tres ultimos, feitas á penna, que parecião abertas pelo mais primoroso buril, como attesta Diogo Barbosa na sua Bibliotheca Lusitana.

Duarte de Abreu Vieira.

Não desmerece perpetua memoria Duarte de Abreu Vieira, Lisbonense, Capitão Tenente da Torre de Outão: elle deo huma parte de seus estudos ás Disciplinas Mathematicas, e particularmente á Nautica, sobre que escreveo hum livro, que ficou ms., a que chamou: *Thesouro Universal, breve Tratado da Navegação de Leste para o Oeste, novamente achado pela regra das declinações do Sol, e pedra de Cevar; com exposição da variação da Agulha de Marear.* Constava de dez capitulos e quatro Taboas, e hum Globo.

Com este póde ir de companhia Antonio de Carvalho da Costa, Lisbonense, que passou por instruido nas Sciencias Mathematicas: compoz alguns tratados de Geografia, e de Astronomia, do que além dos nossos faz memoria Lenglet no Methodo para estudar (*a*). Antonio de Carvalho da Costa.

D. Luiz Caetano de Lima, Clerigo Regular Theatino, foi varão de largos e apurados estudos, com que abrangeo muitas Sciencias. A Mathematica, e algumas Artes dependentes della, forão objecto de seus entretenimentos: deo provas da sua curiosidade na Gnomonia Universal, que escreveo, e no Methodo para toda a casta de Relogios regulares e irregulares, Astronomicos, Judaicos, Babilonicos, e Italicos, com figuras 4.º D. Luiz Caetano de de Lima.

Pede aqui nossa lembrança o P. D. Thomaz Beeckman, natural de Lisboa, e Clerigo Theatino: teve muitos conhecimentos das Mathematicas, particularmente da Optica, Dioptrica, e Captotrica, havendo tratado muito em Florença hum habil Professor destas Sciencias: foi eminente em fazer instrumentos Mathematicos, e fabricar oculos de vêr ao perto, e de longa vista; o Infante D. Francisco, que estimava as Mathematicas, e tinha em seu Palacio huma boa collecção de instrumentos, o mandava muitas vezes chamar para o vêr manejar. O P. D. Thomaz Beeckman.

Entre todos deve ter o mais honroso assento o P. Manoel de Campos Jesuita, Lisbonense, hum dos primeiros cincoenta Academicos da Academia Real da Historia Portugueza; varão mui erudito e sabio nas Mathematicas: lêo no Collegio Imperial de Madrid, e no nosso Collegio de Santo Antão de Lisboa: e vendo, que a Aula da Esfera, que havia neste ultimo, tinha numeroso concurso de ouvintes, e necessitava de Livros Classicos e manuaes; e considerando, que os do P. Stafford tinhão sido Obra feita com muita pressa, e estes mesmos com os do P. Tacquet, de que se usava, não estavão em Lingua Portugueza, resolveo-se a formar hum Curso Mathematico, manual, e expedito, para servir com elle aos naturaes. O P. Manoel de Campos.

(*a*) No Tom. IV. pag. 357.

Para isso publicou este Padre a sua Obra dos Elementos de Geometria Plana e Solida, segundo a ordem de Euclides: accrescentada com tres uteis Appendices, o 1.º da Logistica das Proposições: o 2.º dos Theoremas Selectos de Archimedes: e o 3.º da Quadratura do Dinostrato, para quadrar o circulo, e tri-secar o Angulo. Sahio em Lisboa na Officina Rita Casseana em 1735 4.º

Esta obra he traducção do Original de Tacquet, por ser muito usado nas Aulas da Companhia, e em muitos Estudos publicos; e estimado por ser methodo breve, claro e solido; na qual fez alguma alteração, e mudança em algumas Demonstrações; e accrescentou o Liv. XIII., que o dito Author supprimira, e hum Appendix ultimo, com que lhe pareceo, que ficava a obra mais completa. Compoz tambem para uso da mesma Aula da Esfera do Collegio de Santo Antão a outra obra da Trigonometria Plana e Esferica com o Canon Trigonometrico Linear, e Logarithmico, tirado dos Authores mais celebres, que escreverão nesta materia: impressa em Lisboa por Antonio Isidoro da Fonseca 1737 4.º Além desta escreveo huma Synopse Trigonometrica dos casos, que communmente occorrem em huma e outra Trigonometria Plana, e Esferica com as analogias respectivas, que lhe correspondem. Lisboa, pela mesma impressão em 1737 4.º

Honremos ainda mais aquelle seculo com a memoria de hum Fidalgo de mui alta jerarchia, o terceiro Marquez de Alegrete Manoel Telles da Silva: os nossos muito o exaltárão de varão dotado de muitas prendas, e instruido nos Estudos de Mathematica: delles deo provas, que por extremo o abonárão nas Lições, que fez na Academia Portugueza, instituida no Palacio do sabio Conde de Ericeira, em que lêo huma parte da sua obra da Esfera, que havia composto em forma de Dialogo, dividido em 12 Tratados, que deixou mss.

O Marquez Manoel Telles da Silva.

NOTAS

Ás memorias Historicas de alguns Mathematicos Portuguezes, e Estrangeiros Domiciliarios em Portugal.

NOTA (a)

Sobre a Inquirição de Noticias fol. 154.

O Infante foi por extremo curioso na inquirição das terras e póvos, e de todas as cousas, que pertencião á Geografia maiormente da Africa « assim que na tomada de « Ceuta (como nota Barros) e em outras vezes que lá pas- « sou, sempre inquirio dos Mouros as cousas de dentro « do Sertão da terra, principalmente das partes remotas « aos Reinos de Fez e de Marrocos .... porque veio a « saber por elles não sómente das terras dos Alarves, que « são visinhos aos desertos de Africa a que elles chamão « Çahara, mas ainda das que habitão os povos Azenegues « que confinão com Negros de Jalof, onde se começa a « Região de Guiné: e por isso accrescenta Barros: « *ante que armasse os primeiros navios estava informado das cousas de toda a Costa da terra, que os Mouros habitavão per meio delles* (Dec. I. Liv. I. Cap, II. pag. 5.)

Além destas noticias procurava o Infante haver alguns Mappas, ou Cartas, de que se ajudasse para suas expedições: hum dos que houve á mão foi o que trouxe de suas peregrinações o Infante D. Pedro seu irmão; sobre o qual não alargamos a penna, porque delle mais particularmente fallamos em huma Memoria, que temos escrito sobre este Mappa, e o outro de Alcobaça, de que fizerão lembrança alguns de nossos Escritores.

Elle conseguio tambem hum grande Planisferio, copiado de outro, que existia nos Conventos dos Camaldu-

lenses de S. Miguel de Murano junto de Veneza, por Fr. Mauro, famoso Cosmografo e Astronomo, de ordem do Senhor Rei D. Affonso V., e provavelmente á instancia do mesmo Infante; o qual em 1459 enviou para esta Côrte Estevão Trevisano, que disso fora encarregado. Conserva-se ainda na Bibliotheca daquella Casa hum Livro de Registro de Receita e Despesa daquelle Convento, que he da mão do P. Maffei Gerard, Abbade, que foi delle em 1448 (depois Patriarcha de Veneza em 1466, e Cardeal em 1489) aonde vem lançada a nota do custo desta Carta. Póde ver-se o Conde Carli no Tom. IX. de suas obras, pag. 9, e no XII. Part. II. pag. 212, e o Extracto da Carta que Villoison lhe escreveo (aonde se lê Affonso IV. em lugar de Affonso V.

NOTA (b)

Sobre a Leitura dos Livros de Viagens fol. 155.

Muito excitou os desejos do Infante a Leitura das Viagens de Marco Polo, ou Paulo á Asia. He provavel, que houvesse esta obra da mão do Infante D. Pedro, seu irmão: porque consta, que estando este em Veneza, aonde com muitas e grandes festas e honras o recebêrão tanto por sua pessoa, e porque elle as merecia, como pelas liberdades, e franquezas, que tinhão os Venezianos em Portugal, lhe derão em grande prezente o Livro das Viagens de Marco Polo á Asia, que elles tinhão guardado na Casa de seu Thesouro, como obra de grande preço, para por ella se reger o Infante, pois desejava de vêr, e andar pelo mundo. Consta isto por fé de Valentim Fernandes, que assim o diz na Introducção á Trasladação do dito Livro de Marco Polo, impresso em 1502 dirigindo-se ao Senhor Rei D. Manoel, a quem a dedicou; e affirma ouvira dizer, que existia na Torre do Tombo.

Accrescentaremos, que tambem o excitarião ás suas

empresas as Viagens de Tibet, pai de Marco Polo, á China, ao Japão, ás Filippinas, e ás Molucas, e as dos irmãos Zeni á Noruega, e á Groelandia.

N O T A (*c*)

Sobre as Noticias dos Descobrimentos do Infante fol. 157.

Destes descobrimentos deixou o mesmo Infante humas noticias, que não sabemos, se ainda hoje existem, dignas de serem depositadas nos Archivos desta Corôa, e trazidas na memoria dos Principes, a que podião servir de despertador de cousas grandes.

Francisco Alcaforado, Escudeiro do Infante, fez huma relação de todo o successo do descobrimento da Ilha da Madeira, que offereceo ao mesmo Infante, cujo original tinha D. Francisco Manoel de Mello (Epanafora Amorosa III. pag. 278), que diz ser tão cheia de singeleza, como de verdade.

De todos os descobrimentos do Infante até antes de 1439 fez o Malhorquino Gabriel de Valseca huma Carta maritima em Malhorca no mesmo anno de 1439, em que nomeou e demarcou as Costas de Africa, descrevendo palmo a palmo os cabos, e enseadas, e tudo o mais que os nossos havião descuberto; e affirma-se, que o fez com tanta exacção, que ou fôra pessoalmente a estas Viagens, e registrára tudo com seus olhos, ou pelo menos houvera de algum testemunho occultar e intelligente, a relação e noticia destas cousas.

Esta Carta era em pergaminho de 5 palmos de largo e 4 de comprido; o qual comprou em Florença D. Antonio Dezpuiq, Conego da Cathedral de Malhorca, e Auditor da Rota, do que falla Antonio Raymundo Pascal na obra do *Descubrimiento de la Aguja Nautica* (pag. 87).

Foi ella vista e examinada pelo Abbade Betinelli, e

pelo Abbade Lampillas, e por outros mais; e a houverão por legitima (ibi pag. 87.)

Desta Carta se diz, que tirára Americo Vespucio Florentino huma cópia, que lhe custára 130 ducados de ouro de marca (ibi pag. 87).

NOTA (d)

Ácerca de Martim de Behaim fol. 164.

Os nossos, como Barros (Dec. I. Liv. IV. Cap. III.) e Maris nos Dial., Fr. Fructuoso na Obra das Saudades da Terra, e o P. Cordeiro na Historia Insulana chamão-lhe *Martim de Boemia:* os estranhos, *Behaim*, e Moreri, da-o por Portuguez, e nascido na Ilha do Fayal, huma das Açores; e Robertson na sua Historia da America XVIII. pag. 220. Tom. I. na nota, entende ser provavel, que o seu nome levasse os Alemães a fazello nascido em Bohemia: comtudo Barros mais antigo e mais classico, do que Robertson, expressamente o reconhece natural daquellas terras Dec. I. Liv. IV. Cap. III. pag. 64, e com elle Maris no Dial. IV. Cap. X. pag. 315., Fr. Fructuoso na Obra ms. das Delicias da Terra, o P. Cordeiro na Historia Insulana na P. Liv. VIII. Cap. III. pag. 457. e Liv. IX. Cap. 8. pag. 494: dos estranhos o tem por Alemão o compilador do Grande Diccionario Universal Hollandez; Wanginscil in Paneg. Bohem. Riccidi na Geog. Reform. Liv. III. Frecher in Theatro; e Mr. Doppolmayer na sua Relação Historica dos Mathematicos, e dos Artistas de Noremberg, o qual o faz daquella Cidade, e nascido de huma antiga familia da Alemanha, que ainda em seu tempo subsistia, que, como diz Moreri, tirara sua origem de Bohemia.

NOTA (r)

Acerca de Diogo Rodrigues Çacuto fol. 166.

Puzemos entre os Mathematicos do Reinado do Senhor D. João II. a Diogo Rodrigues Çacuto, ou Zacuto, Astronomo. O Padre Francisco da Fonseca Jesuita, varão douto, e grave, faz menção deste Escritor no Catalogo dos Authores Eborenses, que vem na sua Evora Gloriosa (Evora Douta pag. 411.) dizendo que era Eborense, e fòra Medico de fama nos Reinados dos Senhores D. João II., e D. Manoel. Barbosa tambem delle faz menção.

O Douto Padre D. Antonio da Visitação Freire, Correspondente, que foi do numero da Academia Real das Sciencias de Lisboa, em a nota 32, que pôz á Vida de Fr. Bernardo de Brito na Nova Edição Academica da Monarchia Lusitana pag. XIII., censurou a Fonseca, e a Barbosa, e a nós, que os seguimos por admittirmos este Author. Não desculpemos os erros, que em quanto a nós em muitos por certo teremos já cahido; mas tambem não consintamos, que tão facilmente no-los imputem sem maior prova. Pelo que somos aqui obrigados a dizer alguma cousa por nossa parte, e mais ainda pela destes dous illustres Escritores.

Diz-se, que Fonseca he Escritor muito moderno, para attestar da existencia de hum Author tão antigo como este, não allegando authoridade, que o apoie; mas em que implica, que a noticia deste Author, a podesse Fonseca haver, ou da tradição vulgar dos Eborenses, que bem se podia conservar por espaço de duzentos e quarenta e sete annos, que tantos vão do principio do Reinado do Senhor D. João II. até o anno, em que se imprimio a Obra de Fonseca, o que não era tamanha antiguidade; ou ainda dos antigos mss., que havia no Collegio de Evora, aonde elle escrevia esta Obra? Alli tinha elle á mão

entre outros os do P. Francisco da Cruz, tambem Jesuita, que empregou toda a sua vida em ajuntar muitos papeis, e documentos; e escreveo huma ampla Bibliotheca Portugueza, que por sua morte se entregou com os mesmos papeis ao douto Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes, que se offerecera para a imprimir; a qual obra vio, e consultou o laborioso e erudito Barbosa por via do mesmo Conde.

Postoque Fonseca não allegue especificamente com Author antigo, que fallasse deste Zacuto, prevenio elle o reparo, que se lhe poderia fazer sobre esta, e outras noticias, dizendo em geral na sua Prefação, *que lhe occorera, para dar maior credito á Historia, allegar sempre os Authores; mas que só o fizera nas materias, ou novas, ou controversas, deixando de o fazer nas correntes, e sabidas* (Not. Prelim.) e por ventura a noticia deste Author, e de sua obra era uma das vulgares naquelles tempos: Depois disto a Relação, que elle ajunta para ornamento da sua obra não he huma Bibliotheca discursada, mas huma simples lista dos Escritores Eborenses, em que se não propoz mais, doque apontar seus nomes, e indicar succintamente os titulos de suas obras.

Demais Fonseca referindo este Author, ou se hade dizer, que inventou, e forjou a seu alvedrio esta noticia, ou que a achou em Escritor, ou Documento antigo, que a annunciava: se o primeiro, que razão se dá para se lhe imputar huma tal falsidade, nem ainda para se lhe suspeitar algum interesse em tal ficção? se o segundo, porque senão ha de acreditar o que antigos nos deixárão em tradição, não havendo, como não ha, motivo algum para se suppor a existencia de hum Author, que nunca houvera?

Accrescentaremos agora para maior desengano, que postoque não saibamos de que Escritor, ou Documento usou Fonseca para fallar deste Çacuto, achamos todavia no antigo Tratado de *Hispania* do douto, e erudito Damião de Goes a memoria de hum Çacuto, Astrologo Portu-

guez: *Cabutus Judœus Lusitanus magnus Astrologus:* e porque não será este o de Fonseca, por certo não podia ser o Abraham Zacuto, Author do Almanach, que não era Portuguez, mas Castelhano? Eisaqui hum Author antigo, que podemos offerecer em resposta ao escrupulo do Padre Freire: e isto basta quanto a esta parte, pois ao Padre Freire he que tocaria, que não a nós, allegar provas de impossibilidade, ou inverosemelhança da existencia deste Author.

Dissemos mais, que este Çacuto compozera humas Taboas Astronomicas; dellas faz memoria o mesmo Padre Fonseca na sua Evora Gloriosa: donde se vê, quão inadvertidamente escreveo o Padre Freire na nota acima citada quando arguio ao Padre Fonseca, de que sendo elle hum Escritor do Seculo XVII., que pela primeira vez citava hum Author notavel do Seculo XV. não nomeava as suas obras; porque como não lêo elle, que Fonseca havia expressadamente mencionado estas Taboas?

Barbosa tambem as cita ỷ. *Diogo Rodrigues Zacuto*; e he por tanto outra falta taxar a este ultimo e benemerito Escritor Bibliographo de haver imaginado estas Taboas quando se achão muito antes referidas em Fonseca; nem Barbosa se fundaria só neste Author, com quem allega, mas em algum outro, e talvez na Bibliotheca Lusitana ms. e Documentos do Padre Francisco da Cruz, que vio em poder do Conde de Ericeira; e na outra Bibliotheca Portugueza do Licenciado Francisco Galvão de Mendanha, Beneficiado da Igreja de S. Pedro de Evora, cujo original igualmente vio, e teve o mesmo Barbosa da Bibliotheca do Conde de Vimieiro; e com effeito parece, que elle se servio para isto de memorias diversas das de Fonseca, pois que dando este as Taboas de Çacuto por impressas; todavia Barbosa as poz por mss., o que ajuda a crer, que usára de outras noticias, que não das unicas de Fonseca, e do Addicionador da Bibliotheca de Pinello, que o seguia.

E isto, que acabamos de escrever nesta nota sobre

Diogo Rodrigues Çacuto, e com o mais que diremos nas notas a Rabi Abraham Zacuto, bastará para satisfazer aos reparos, e censura, que fez o P. Freire a Fonseca, e a Barbosa, e a nós que o seguimos; e pelo que dissemos, se poderáõ tambem corrigir alguns descuidos, que escapárão naquella nota.

Não se deve confundir este Çacuto com o Hebreo do mesmo appellido, e Filosofo, que se diz haver composto hum Tratado do Clima da Lusitania, que existia ms. no Cartorio de Alcobaça, de que dão fé o Licenciado Hieronymo do Souto, Ouvidor da Comarca, e Correição dos Coutos de Alcobaça, e o D. Abbade Fr. Francisco de Santa Clara nas attestações, que destas, e de outras obras passárão, o qual ms. cita Fr. Bernardo de Brito, não huma só vez, como se disse na nota do P. Freire, mas duas vezes, fallando elle dos rios Zezere e Tavora no Cap. III. do seu Livro da Geographia da antiga Lusitania: o douto Abbade Barbosa, ou talvez o Amanuense, ou Impressor inadvertidamente pôz *Liv. III.* em lugar de *Cap. III.* o que bem se lhe poderá perdoar sem lhe fazer arruido neste genero de faltas, tão ordinario nos melhores escritores, e nas muito apuradas e correctas edições. Este he o mesmo, que elle cita na Monarchia Lusitana no Liv. I. Cap. 30., e em outros lugares; author, com quem igualmente allega Manoel de Faria e Souza no Tom. III. da Europa Portugueza, trazendo ambos elles hum troço do Prologo da obra, e porque o P. Freire tambem nos censura a nós e a Brito, a quem seguimos em admittirmos este Escritor no tempo do Senhor Rei D. Affonso V. Será necessario lembrar, que a respeito da sua idade Faria o remonta ao Reinado do Senhor D. Affonso III., e o Abbade Barbosa ao Senhor D. Affonso V. que talvez em se apartar de Fonseca teria documento, que o guiasse, muito mais citando elle o Theatro Lusitano ms. de João Soares de Brito, que possuia além dos dous Authores; e de caminho se note, que forão tres, os que elle allegou, e não dous como se disse em a nota do P. Freire.

Seguimos nesta parte a data de Barbosa, por vermos, que pela maneira da linguagem parece ser o fragmento obra de idade mais moderna, que a do Senhor Rei D. Affonso III., em que a lingua era ainda muito mais rude, e mais ainda chegada ao antigo Dialecto Portuguez-Galliziano, que muito dominou nos primeiros tempos da Monarchia.

Ignoramos se este Abraham foi o mesmo, que se chama *Abram Juden fisyquo*, e *peliguem*, morador em Elvas, e provido em Rabí da Communa dos Judeos daquella Cidade pelo Alvará do Senhor D. Affonso V. dado na Cidade de Touro aos 27 de Julho de 1475. (Torre do Tombo Chancell. do Senhor D. Affonso V. Liv. XXX. fol. 48.)

Apparece hum Hebreo do mesmo nome por 1482 morador em Bragança, hum outro mais, provido por 1484 na Cadeira da Synagoga dos Judeos de Lisboa, que vagara de Yssaque Chananell com foro de tres alqueires de azeite em cada um anno; outro, que houve Carta de Fysico, morador já em Bragança, já em Aveiro, já em Setubal, se por ventura não são diversos, e outro feito Rabi dos Judeos de Çafim. Para todos os quaes havia Provisões, e Cartas dos Senhores Reis D. João II. D. Manoel, e D. João III.

NOTA (f).

Ácerca de Thomaz de Torres fol. 176.

Este Medico, e Mathematico parece ser diverso do outro, denominado tão sómente Thomaz morador em Lagos, que foi examinado por Antonio de Lucena, Fysico Mór, a quem se lhe deo faculdade para poder usar da Arte Fysica, e que não he nenhum dos outros do mesmo nome, moradores em Evora, em Santarem, em Viseu, e em Lisboa, aos quaes se passárão Cartas de Fysicôs, e Medicos. (Torre do Tombo. Chancellaria do Se-

nhor Rei D. Manoel Liv. XII. fol. 29. Liv. XIV. fol. 92. Liv. XII. fol. 9. Liv. 35. fol. 75, e Liv. XXXIX. fol. 107). Tambem parece ser diverso de hum do mesmo nome, que se diz Porteiro da Camara da Rainha, que lhe fez mercê de 2000 réis, que lhe mandou dar pelo seu Thesoureiro Diogo Salema. (Mandado assignado pela mesma Senhora em Almeirim a 18 de Janeiro de 1528, e vem por baixo o Recibo delle de 20 de Janeiro Corp. Chronol. Part. I. Maço XXXXIII. Doc. 36.)

Teve Moradia com alqueire de sevada por dia, e a 2000 réis por cada hum mez, e vestiarias ordenadas a razão de 4240 réis por anno; ib. Maço I. Liv. VII. fol. 133 das Moradias da Casa Real) que se lhe mandarão pagar, ainda quando não havia servido na Côrte, que estava em Evora, por ficar com o Secretario Antonio Carneiro em Lisboa. (Provisões datadas em Evora a 4 de Julho de 1534, e de 16 de Janeiro de 1535 no Corpo Chronol. Part. II. Maço CXCI. Doc. 113. e Maço CXCVII. Doc. 63.)

Houve finalmente Padrão de 6000 réis de tença passado em Evora a 19 de Junho de 1537, que se lhe deu, depois que acabou de ser Lente de Astrologia na Universidade de Lisboa, quando ella se mudou para Coimbra com todos os privilegios, honras, e liberdades, que tinha, como Lente, salvo o de se poder chamar á Jurisdicção do Conservador dos Estudos, (Chancellaria do Senhor Rei D. João III. Liv. XXXIV, ou XXIV. Vid. fol. 126 a qual Carta se reporta alli á que se acha immediatamente antes della, dada ao Licenciado Antão Soares.)

Consta, que Thomaz de Torres houve mercê de hum chão junto á serra da Alhandra por Alvará de 26 de Maio de 1523 dado em Almeirim, (Torre do Tombo no Corpo Chronol. Part. I. Maço XXIX. Doc. 71.) e mais 10000 de tença, que tivera Simão Sousa, filho de Duarte Galvão, por Carta dada em Evora a 26 de Outubro de 1524 (Chancell. do Senhor Rei D. João III. Liv. XXXVII. fol. 182).

NOTA (g)

Acerca de Rabbi Abraham Zacuto fol. 177.

Wolfio chama a Zacuto *Sacut*; os Hespanhoes *Zacut*, e *Zecut*; a edição de seu Almanach de Leiria, *Zacut*; Damião de Goes, e Fr. Bernardo de Brito fallando de outros Hebreos deste appellido, escrevem Çacuto. Ha variedade em assinalar a sua patria: Roman de la Higuera o faz Toletano; outros de Saragoça; mas Affonso Hispalense de Cordova ao Almanach, Nicoláo Antonio na Bibliotheca, Pedro Siruelo na Prefação ao Curso Mathematico Salmaticense, Pedro Cuneo no Tratado da Republica dos Hebreos, Wolfio na Bibliotheca Hebraica, D. José Rodrigues de Castro na Bibliotheca Hespanhola, e outros mais o houverão por natural de Salamanca; e he esta a opinião corrente. Rabbi Abraham Zacuto.

Folgáramos a bom prazer, se elle fosse nosso, como entenderão alguns, havendo-o por natural de Béja, e talvez com apoio sobre algum antigo documento, que por tal o declarasse, nós porém o não sabemos. He verdade, que Castanheda, Barros, Mariz, Faria e alguns outros fazem menção de hum Rabbi Abraham de Béja, (postoque Castanheda só lhe chama morador em Béja) e Basnage no Tom. IX. da Historia dos Judeos Cap. 25. pag. 729, que na nota cita a este mesmo Rabbi Abraham de Béja, mandado pelo Senhor D. João II. a Ormuz, e ao Mar Roxo: mas he tambem certo, que nenhum destes Escritores o appellida Zacuto, e que nem as viagens do Rabbi Abraham por varias terras do Oriente quadrão no tempo ao Zacuto, de que tratamos, que os Historiadores dão por vindo de Hespanha a nosso Reino em tempos do Senhor D. Manoel por 1492, nem consta, que sahisse jámais de Portugal para outras partes.

Foi Zacuto hum dos ascendentes de Zacuto Lusitano Medico, como affirma D. Luiz de Lemos Lisbonense, Medi-

co do Paço, que escreveo a vida deste ultimo antes de 1667, dizendo, que era terceiro neto do famoso Astronomo Zacuto, a quem o Senhor Rei D. Manoel fizera muita mercê, e honra: *Conscius est universus, ac Litteratorum orbis, quantum nominis famam Zacutus, quondam Mathematicus (qui nostrum agnoscit trinepotem) sibimet peperit ob singularem Matheseos scientiæ peritiam, propter quam summum gratiæ locum obtinuit apud Regem Emmanuelem.* (In vita Zacuti §. L. no Tom. I. edição de Leão de França de 1667 fol.)

Foi Professor de Astronomia na Universidade de Salamanca, do que dá testemunho hum de seus Discipulos o P. Agostinho Ricci, que confessa ter ouvido naquella Academia as lições deste Mestre: *Abraham Zacuth, quem præceptorum in Astronomia habuimus in Civitate Salamancha.* (*De Motu Octavæ Sphæræ,* da edição de Pariz de 1521. 1. vol. 4.º) Diz-se, que tambem fôra Mestre de Astronomia em Saragoça, e Carthagena, do que não achamos noticia certa.

O titulo da obra, que compoz, pertencente a este lugar, he este: *Almanach perpetuum Cœlestium motuum Astronomi Zacuti.* 1496. 1. vol. 4.º Consta de duas obras, huma menor, que contem 13 Canones das Taboas Celestes, ou Astronomicas, outra maior, que contem o Almanach perpetuo, que he todo de Taboas (*a*). A primeira obra foi traduzida da Lingua Hebraica em Latim por seu Discipulo José Vizinho: se traduzio tambem a outra obra, não o sabemos.

A primeira edição, quanto apparece, foi a de Leiria em 1496 na Officina, que alli tinha a Communa dos Judeos; o que he assaz notavel, por ser ainda então mui

---

(*a*) Se o douto P. D. Antonio da Visitação Freire houvesse consultado algum exemplar desta obra, de que ha hum na Real Bibliotheca de Lisboa, acharia, que se não podia duvidar, se as Taboas, e o Almanach erão essencialmente a mesma obra; nem allegaria com Nicoláo Antonio, que assim o presumia, como faz na sua nota 52, no fim da vida de Fr. Bernardo de Brito.

raro achar hum Impressor, que soubesse haver-se com a estampa deste genero de escritos Mathematicos, contando-se por maravilha haver hum em Veneza, e algum outro por aquelles tempos.

Nicoláo Antonio ignorou o lugar desta edição, e Wolfio a fez Venesiana. D. Francisco Peres Bayer a demarcou em Leiria na Addição e Emenda, que poz no Tom. II, da Bibliotheca Vetus de Nicoláo Antonio pag. 380, e com elle o P. Fr. Francisco Mendes na Typographia Hespanhola no Tom. I. pag. 340. Ha della hum estimavel exemplar na Real Bibliotheca de Lisboa. Havia outro exemplar, que vimos, na Livraria do Collegio da Graça de Coimbra. Foi esta edição de todo desconhecida de Bartholocio, erudito Author da Bibliotheca Rabbinica, e de D. José Rodrigues de Castro, Author da Bibliotheca Rabbinica Hespanhola.

A segunda edição, quanto sabemos, foi a de Miguel Germano Budorense em 1499 em Veneza, já correta, e emendada; de que falla Semlero na sua Bibliotheca, e com elle Wolfio. Da Prefação parece ter havido outra Venesiana; senão he, que ha equivocação com a de Leiria.

Houve mais outra em 1500 tambem Venesiana da officina de Lucas Antonio de Florença, em que vem os Theoremas de João Miguel Budorense, e as emendas, e correcções do Doutor Lucas Guarino, de que tambem ha hum exemplar na Real Bibliotheca de Lisboa.

Houve ainda outra de Pedro Liechtenstein de Colonia em 1502 com as correcções de Affonso Hispalense de Cordova, dedicada a D. Affonso, Bispo de Evora, por hum Affonso Doutor em Artes, e Medicina, de que temos hum exemplar: e esta edição he a unica, de que faz memoria D. José Rodrigues de Castro na sua Bibliotheca Rabbinico-Hespanhola.

Falla-se de hum Codigo ms. no Catalogo dos mss. de Inglaterra no Tom. II. n. 6142; e de outro em Hespanhol na Bibliotheca do Escurial com o titulo: *Abrah*

Zacut Almanach de Tablas Astronomicas a ajuntamento maior, que diz Wolfio o vira apontado em o Catalogo ms. da mesma Bibliotheca, de que todavia não falla D. José Rodrigues de Castro.

O mais que poderamos aqui dizer desta obra, largamente o tratamos já em nossas Memorias, para a Historia da Typographia Portugueza do Seculo XV., que já apresentámos a esta Academia Real das Sciencias.

APPENDIX.

A respeito de hum Mathematico por nome Bartholomeo Crescencio que se diz Portuguez.

SAverin na Historia dos Progressos do Espirito Humano pag. 213. faz menção de hum Portuguez Bartholomeo Crescencio, que não conhecemos em nossa Historia: delle diz, que tratou de substituir á maquina dos antigos para medir a sillage, ou singradura do navio, hum meio mais exacto, que o antigo: este tinha-se feito impracticavel depois da invenção das vellas, por quanto as rodas da maquina antiga, com que se media e calculava a sillage, não recebião o impulso da rota do navio, e não podião por consequencia marcar a sua celeridade e presteza, sem fallar das oscillações perpetuas do mesmo navio, que impedião quasi sempre, que esta roda girasse.

Estas reflexões lhe ensinárão, que não era possivel medir a velocidade ou singradura do navio pelo movimento da agua, que elle despejava; e entendeo, que a alcançaria tendo conta com o esforço do vento, que fazia avançar o navio. Com esta idéa imaginou huma especie de cofre ou caxa, na qual estava encastoado ou encaxilhado hum páo ou balestilha mobil guarnecida de azas, em torno da qual estava preza huma corda: o vento feria estas azas, e segundo era mais ou menos forte puxava mais ou menos pela corda: esta corda estava enrolada sobre hum cylindro de páo de maneira, que este girava ao mesmo tempo, que a balestilha: dividindo-se assim a corda passava do cylindro á balestilha; pela quantidade das cordas divididas e enroscadas em roda da balestilha he que se julgava da velocidade e singradura do navio. Postoque esta invenção era muito defeituosa, foi comtudo de utilidade, emquanto o Inglez *Lock* não imaginou outro meio melhor, de que se entrou a uzar, sem comtudo ainda ser em si perfeito.

INDICE

Das Memorias que contém a Primeira parte do Outavo Tomo.

MEMORIAS
DE
LITTERATURA PORTUGUEZA,
PUBLICADAS
PELA
ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS
DE LISBOA.

Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria.

TOMO VIII. PARTE II.



LISBOA
NA OFFICINA DA MESMA ACADEMIA.
ANNO M. DCCC. XIV.
Com licença de S. ALTEZA REAL.

DAS ORIGENS, E PROGRESSOS
DA
POESIA PORTUGUEZA

Por Antonio Ribeiro dos Santos.

Introdução do uso da Poesia na Hespanha primitiva, e particularmente na Lusitania.

A Poesia, amavel filha do Prazer, e producção do Rhythmo, e da Harmonia, para que todos os homens tem huma notavel inclinação, foi huma Arte de todos os tempos, e de todas as nações; e os Hespanhoes não podião deixar de a ter entre si, como os outros povos: elles com effeito a cultivárão, e desde tão alta antiguidade que hombreavão com as mais antigas nações nos eſtudos Poeticos. Descendentes dos Celtas, (*a*) que muito amavão as Musas, não podião deixar de exercitar como elles a Poesia, e de ter seus Poetas, e Trovadores como tinhão os Gallos Celtas os seus Bardas, os quaes escrevião, e cantavão em seus poemas as maximas da Religião, e da Moral, as suas Leis Civis, e as façanhas, e proezas de seus maiores; e eſtas suas trovas, e rimances passavão em herança de pais a filhos, como brazões de seus avoengos, e annaes da sua hiſtoria, e se aprendião de cór nas Escólas para se formarem os coſtumes, e a doutrina na primeira educação da mocidade.

Não se reſtringia a Poetica dos antigos Hespanhoes a eſte unico fim; a sua Poezia sahindo das Escólas entrava como hum prazer, e ornamento nas ceremonias do Culto, nas danças, nos banquetes, e em outras muitas occasiões de

(*a*) Temos moſtrado a origem Celtica dos Hespanhoes em nossa Obra das *Origens Celticas da antiga Lingoa de Hespanha, e de seus actuaes Dialectos.*

de festa, e de apparato: nem abrião mão della nos mesmos tempos de guerra; marchavão para a campanha tocando concertadamente os escudos, ou broqueis sonoros, que pela maneira por que erão feitos, retumbavão como os sistros dos Coribantes, e cantando varias trovas, e motetes, que muito os alvoroçavão, e accendião em grandes brios, e ardimento, e os tornavão mais agudos, e arremeçados para a batalha; até nella entravão cantando seus versos, e se vencião seus inimigos, entoavão no meio do exercito o Pean, ou Canticos da victoria, como de Viriato o conta Silio Italico.

——————— Ac ritu jam moris Iberi
Carmina pulsata fundentem barbara cetra
Invadit. (*a*)

Este formoso exercicio da Poesia, que assim era geral em toda a Hespanha, muito particularmente o foi de nossa antiga Lusitania, já então não menos célebre pela cultura das bellas artes, que por seus feitos militares: ella foi hum terreno mui fecundo, e grato para as Musas, que nella puzerão seu assento, e domicilio: nem os Lusitanos dados naturalmente em hum clima suave, e doce aos prazeres e encantos do Rhythmo, e da Harmonia, podião deixar de receber as Musas, e as Graças no seu seio, e de unir com as bellas artes da Orchestica, e da Musica, que muito amavão, os atractivos de huma arte tão gentil como a Poetica, que era como a alma e espirito de ambas ellas, e com ellas nascêra de huma mesma origem. A antiga Historia nos conta, que elles usavão de cantar versos entre os seus bailes, e festins, e que tambem o fazião no meio das acções militares, caminhando para a guerra ao som harmonioso de instrumentos, e entoando antecipadamente-

(*a*) Lib. X. v. 230. Este costume era o mesmo dos povos Celticos, como se póde ver de Tito Livio, de Diodoro de Sicilia, e de outros, cujos lugares trazemos em nossa obra dos Antigos costumes Celticos da Hespanha.

te ao afrontar, e inveftir os inimigos os canticos da victoria, como que a levavão comsigo apertada nas mãos. (*a*)

Dous povos entre outros da Lusitania nos deixárão de si memoria honrosa nefte trato das Bellas Artes, os Turdetanos, que erão em parte Lusitanos, e os Callaicos, que pertencião inteiramente á Lusitania. E pelo que toca aos Turdetanos foi a sua Provincia, ou região a em que primeiramente florecêrão as Musas da antiga Hespanha: os seus habitadores que se eftendião pela cofta maritima desde o Betis, ou Guadalquibir, até o Guadiana na Betica, e desde o Guadiana até o Promontorio Sacro, e o Barbario na Lusitania, (*b*) blazonavão nos tempos de Strabão de terem Poemas de mais de seis mil annos de antiguidade, em que dizião acharem-se escritas, e consagradas ás memorias dos homens as suas Leis, e os feitos assignalados da sua Hiftoria: (*c*) e poftoque se devão tomar quatro mezes por cada hum anno, segundo a maneira antiga de contar dos Hespanhoes; todavia sempre a origem dos seus Poemas remontava a mui alta antiguidade emparelhando com os tempos heroicos da Hiftoria do mundo primitivo. (*d*) Efte uso da Poesia lhes vinha a elles da prática dos

Gg ii Cel-

(*a*) Assim o conta Diodoro de Sicilia, e o nota Jufto Lipsio ad Militiam. L. III. Dialogo VII.

(*b*) A Turdetania Betica occupava o espaço que ha entre os Rios Guadiana, e Guadalquibir; e a Turdetania Lusitania, segundo Ptolomeo, toda a terra que corre desde a boca do Guadiana pelo Promontorio Sacro até o Promontorio Barbarico, ou Cabo de Espichel: tendo na Cofta as Cidades de Balsa, Ossonola, Salacia, e Cetobriga; e no Mditerraneo que discorre sobre o Promontorio Sacro, as Cidades de Julia Myrtillis, e Pax Julia. Eftes Turdetanos da Lusitania erão parentes dos da Betica, e tinhão os mesmos usos, e coftumes.

(*c*) *Antiquitatis monumenta habent, concripta Poemata et metris inclusas leges, a sex millibus, ut aiunt, annorum.* Strabo III. 204.

(*d*) O anno entre Iberos era ordinariamente de quatro mezes, e raras vezes Solar: Xenophonte de Æquinocio tempor. *Iberis annus quadrimestris ut plurimum est rarissime Solaris* Segundo o calculo de Petavio no *Ration tempor.* desde a confusão das Linguas succedida perto de cento e trinta annos depois do Diluvio, que innundou a terra em 2329 annos antes do Nascimento de Chrifto, até o tempo em que escreveo Strabão, que floreceo nos fins do Imperio de Augufto, e principios do de

Celtas de que tiravão sua origem, gente por certo muito dada a taes estudos, e a todas as gentilezas, e donaires das Bellas Artes. (*a*)

Depois dos Turdetanos muito se extremárão os nossos Callaicos, ou Povos da primitiva Galliza, que então se estendia pela parte Septentrional, e Occidental da Hespanha desde as costas maritimas das Asturias, ou dos Artabros até á margem direita do rio Douro, e fazia huma parte consideravel da nossa antiga Lusitania. (*b*)

Erão elles como os Turdetanos, e outras mais gentes de Hespanha, tambem descendentes dos Celtas; e destes havião derivado o gosto de poetar, assim como os exercicios da musica, e da dança, e varios outros estilos, e costumes em que muito com elles se parecião. (*c*)

El-

Tiberio, correrão 2179 annos Solares, estes compoem justamente os 6000 annos que tinhão de antiguidade os Poemas dos Turdetanos.

(*a*) Os Turdetanos da Lusitania erão Celtas de origem, que por isso aos que Ptolomeo chama Turdetanos, dando-lhes todo o Algarve, e parte de Alemtéjo até Béja: chamão outros especificamente *Celticos*, maiormente aos que vivião pela margem direita do Guadiana Plinio e Mella dão-lhes o nome generico de Lusitanos, que nós mostramos serem de origem Celtica na obra de nossas origens Celticas da antiga Lingua de Hespanha, e de seus actuaes dialectos: os Turdetanos da Betica erão seus parentes, e vinhão tambem do mesmo tronco Celtico, que por essa razão Possidonio em Strabão lhes chama não só vizinhos, mas tambem parentes dos Celticos. L. III.

(*b*) A Galliza antes da divisão, que fez Augusto, das Provincias de Hespanha, pertencia á Lusitania Possidonio em Strabão, chama aos Artabros, ultimos povos da Lusitania, e o mesmo Strabão fallando da região que corria do Douro para o Norte, diz que ella no antigo se chamára *Lusitania*, e nos seus tempos *Callaica*: *Tractum omnem, qui olim Lusitania nunc Callaica dicitur*; e conta os rios Lima e Minho entre os limites da Lusitania L. III.: do que se vê tambem quanto se enganárão Nicoláo Antonio, Brito, e outros mais, que não reconhecérão a Galliza por huma parte da Luzitania.

(*c*) Pomponio Mella fallando desta região o diz expressamente *Totam Celtici collunt* Lib. III Cap I., sobre que se podem ver as observações, e Notas de Isaac Vossio a este lugar p. 790. Strabão affirma, que os costumes da Galliza se assemelhavão aos dos Celtas Thracios, e Scythas; e coloca Celtas junto dos Artabros, e Promontorio Nerio, e os faz descentes dos Celticos do Guadiana, contando com estes formando huma expedição com os Turdetanos havião entrado pela região Entre Douro,

Elles erão o que são ainda hoje, amadores da musica, e da orcheftica, coftumando cantar e dançar ao som dos inftrumentos, especialmente das cetras, ou e.cudos que fazião ressoar por hum modo harmonioso.

A eftas duas Bellas Artes união sempre a da Poezia, natural companheira de ambas ellas, entoando na sua Lingua cantigas, e poemas, por que muito se fazião conhecidos, e notados naquella idade. Efte eftilo, e prática dos antigos Callaicos tinha ante os olhos Silio Italico, quando fazendo a resenha da gente Hespanhola, que levava Annibal contra os Romanos, representou os Callaicos, como gente mui dada ao baile, ao canto, e á Poesia.

——— *Misit dives Callæcia pubem*
Barbara nunc patriis ululante Carmina linguis,
Nunc pedis alterno percussa verbere terra
Ad numerum resonas gaudentem plaudere cetras. (*a*)

Deftes primitivos tempos não ficou á pofteridade, nem monumento algum de sua poesia, nem memoria do nome de algum de seus Poetas, correndo nifto parelhas a nossa Hespanha com as mais antigas Nações da Europa, que sabendo por tradição dos exercicios Poeticos de seus maiores nas primeiras idades, ignorão quaes fossem os seus poemas primitivos, e quaes os seus primeiros Poetas; he porém

e Minho, e se tinhão derramado por aquellas partes donde não só os Callaicos erão Celtas de origem, mas huma boa parte delles o erão particularmente pelo eftabelecimento que alli fizerão as Colonias dos Celtas do Guadiana.

(*a*) Lib. III. v. 345 e seg. Defte antigo coftume que tiverão nossos Lusitanos de fazerem ressoar em maneira de musica inftrumental as citras, ou broqueis, não se esqueceo o nosso Poeta Braz Gracia Mascarenhas no seu Viriato Tragico Canto II. Eft. 56. p. 58.

Quantos eftavão promptos escutando
Com mil vivas em pé se levantárão,
Businas, Frautas, e Broqueis tocando,
Que nos concavos valles retumbavão.

rém de presumir, pelo que se colhe de nossa Hiſtoria, e da dos Celtas de que nós viemos, que os poemas daquelles seculos erão pela maior parte, como os dos Bardas, Druidas, e Samothéos, iſto he, dogmaticos, moraes, e hiſtoricos, poisque a Poesia eſtava então menos diſtante de sua primeira origem, que foi cantar hymnos a Deos, e gravar na memoria dos povos, por meio da harmonia do metro, a hiſtoria, e a doutrina.

Do uso da Poezia Hespanhola nos tempos da Dominação dos Romanos, e dos Wisigodos.

NOs tempos em que os Romanos se mantiverão senhores do nosso continente, não deixárão os nossos de continuar o antigo exercicio das Musas, muito mais tendo o estimulo, e a imitação dos bons modellos dentre os Gregos, e Latinos, que corrião por toda a parte, sendo ainda hoje celebres na Hiſtoria Poetica Latina daquella idade os nomes de Lucano, de Sextilio Hena, de Cornelio Severo, de Silio Italico, de Marcial, de M. Vnico, de Deciano, de Liciano, de Seneca, de Prudencio, e de Juvenco, que derão ás Musas Romanas muitos Poemas, de que ainda alguns figurão hoje com honrosa memoria de seus nomes. (*a*) Provavel he que se compozesse, e escrevese tambem na antiga Lingua nativa da nossa Hespanha, ou em seus diversos dialectos, sem embargo da extensão, e ascendente que havia tomado a Lingua Latina na Provincia: (*b*) com tudó aquella idade não nos deixou em nossa herança documento algum dos Poemas deſta classe.

O goſto de poetar em Latim, bemque depois inteiramente corrompido pela geral decadencia em que ficárão as Bellas Artes em toda a Europa, manteve ainda entre nós

(*a*) Podem vêr-se Crinito, e Lilio Giraldo, Dial. IV. Hiſt. Poetica.

(*b*) Moſtrámos em nossa obra das Origens da antiga Lingua de Hespanha, e de seus actuaes Dialectos, que a Nação Hespanhola conservou sempre o seu idioma primitivo, poſtoque alterado em todo o tempo do Senhorio, e dominação Romana.

nós seu exercicio na época do Reinado dos Wisigodos: esta gente Septentrional, postoque a principio rude, e mais dada ás armas, do que ás letras, não deixava de ter seus Poemas, como os tinhão quasi todas as Nações do Norte; elles erão amadores da consonancia, e folgavão muito de compôr suas trovas com huma locução sonora que fizesse a sua Poesia mais harmoniosa, e musical: e para iſto empregavão muitas vezes as rimas, ou cadencias semelhantes, invenções Orientaes, que delles forão conhecidas, e praticadas em alguns dos seus Poemas como esmaltes que muito realçavão os adornos Poeticos, e davão nova graça á sua Musa, (*a*) e conſta que usavão deſtas consonancias, e cadencias não só nos versos em sua lingua vulgar, dos quaes muitos acabavão com semelhança de desinencias, mas tambem nos que escrevião na Latina, compondo nella algumas vezes versos Leoninos, com rimas perfeitas de duas syllabas em hum espondeo, e de tres em hum dactylo. (*b*)

Com tudo, ficando-nos de nossos Hespanhoes Wisigodos alguns fragmentos de Poesia Latina, nenhum chegou a nós de sua Poesia vulgar, nem em sua Lingoa Gothica, nem na antiga, e propria de Hespanha, que continuava a exiſtir naquella idade, (*c*) podendo-se dizer aqui o que daquelles tempos disse o insigne Poeta Antonio Ferreira a respeito da Poesia.

» *Ficou o mundo hum tempo frio, e mudo.*

Pas-

(*a*) Alguns até querem derivar a palavra *Rima* de *Runeri*, iſto he, Poetas entre os Godos, e de *Runes* Poezias, nome que elles davão aos unissonos dos Versos daquelle tempo.

(*b*) Das Poesias Gothicas fallárão Jornandes, e Paulo Wanefrido na Hiſtoria dos Longobardos, Oláo Wormio de Faſt. Danic. C. 6., e Loccenio nas Antiguid. Suco-Gothicas. C. 15. Dos Poemas em Linguagem Gothica, e rimada fazem memoria Jorge Hieskes no Cap. XXIV. do Thesouro, Junio no principio de seu Glossario Gothico, Eſtifanio, e outros.

(*c*) Temos tambem moſtrado em nossa obra das Origens Wisigothicas da Lingua de Hespanha, e de seus actuaes Dialectos, que o antigo idioma Hespanhol se manteve quanto ao seu fundo em todo o tempo do Imperio Wisigothico.

Passemos á E'poca da Conquista, e Imperio dos Arabes em nossa Hespanha.

Do uso da Poesia na Hespanha nos tempos da Dominação dos Arabes.

NOs Campos de Xeres acabou a gloria do Imperio Wisigothico, mas a Poesia longe de esmorecer, e afrouxar debaixo da dominação dos Arabes, recebeo delles nova força e energia. Estes Sarracenos vencedores da maior parte de Hespanha, assim como forão os Senhores das terras, forão tambem os mestres, e os oraculos da Litteratura desta Peninsula. Elles não erão naquelle tempo o que são hoje, isto he, hum povo grosseiro e rude: era huma Nação illustrada pelas Sciencias, e polida em todas as galas, e gentilezas das Bellas Artes. A Poesia era hum dos seus encantos, e primores: huma gente dotada de espirito vivo, e de genio ardente, naturalmente se elevava ao enthusiasmo Poetico: até havia familias, e Tribus entre elles, em que a Poesia estava como vinculada em morgado, e se herdava de pais a filhos com emulação de huns, e outros; para se igualarem, ou se excederem nos seus Poemas. (*a*)

Os mais antigos monumentos da Litteratura daquella Nação havião sido consagrados pelas suas Musas, e já antes de Mahomet contava ella de seis até sete Poetas de illustre nome. (*b*) Os seus Poemas erão os Livros de suas genealogias, e as Fastos, e Annaes de sua historia, e ao mesmo tempo os maiores brazões de sua Lingua. Elles devião á sua Poesia, a inteireza a regularidade, a constancia, e a extensão de seu Arabigo; (*c*) e nenhuma outra Na-

(*a*) Casiri Bibl. Arab. Scurial. tom. I. pag. 91.

(*b*) Assemani Biblioth. tom. III. pag. 580, Casiri Biblioth. Arab. Scurial. I. pag. 71.

(*c*) Asiutheo lib. Antologiae. Veja se Casiri Biblioth. Arabico Scurialens. tom. II. pag. 17.

Nação na meia idade apresentava nem maior número de Poetas, nem Poesia mais rica, e copiosa.

Os Arabes, que vierão á nossa Hespanha, não degenerárão do gosto de seus antepassados, elles produzírão em terra estranha Poetas iguaes aos primeiros da sua patria, que taes forão entre outros Almotanabbi, Abbu Navar, Abbu Taman, Albagrai, Khali ben Abik, Ben Mokanes, e Benzaidun, nomes decantados no Arabismo. Destes, e doutros muitos traz varios versos, e escolhidos Poemas o Arabe Abilualid Ismail ben Mohamar ben Amer, natural de Cordova, que floreceo no seculo VII. da Egira, no seu Tratado da Arte Poetica. (*a*) Abi Bahr Sephuan ben Edris Hespanhol, refere os versos de mais de tetenta e dois Poetas Arabico-Hespanhoes, na sua Collecção Poetica, e na outra intitulada *Provisão do Viajante*, (*b*) e Alpath ben Mohamad ben Khanan Alcaissi, que morreo em 535 da Egira, faz memoria em sua Bibliotheca de Reis, Vizires, Ministros, Juizes, Jurisconsultos, e outras pessoas doutas d'entre os Arabes Hespanhoes, que havião sido bons Poetas. (*c*)

Entre estes, extremarão-se muito os de Portugal, porei aqui alguns de maior nome, porque acuda com isto á curiosidade de alguns Leitores, são elles os seguintes.

Poetas Arabes em Portugal.

Abdala ben Rada ben Khalid, natural de Evora, que morreo no anno da Egira 429, que os seus contão por hum Poeta sentencioso, e pollido, que soube ajuntar a ellegancia do estilo com a gravidade das sentenças.

Said ben Hakem Abu Othman Alorasita, originario de Tavira, e de mui nobre familia entre os seus, que passou por grande Poeta, e publicou muitos versos.

Abdelmalek ben Abdala ben Badrun Alhadramita, natu-

(*a*) Trazem muitos fragmentos de Poesia Arabiga Schultenz na Anthologia Arabiga, Erpenio, e Golio nas Collecções de Poesias Arabicas; Jones na Poesia Asiatica; Pocok no ensaio dos Proverbios de Meidan, que traduzio, publicado depois por Schultenz em 1773.

(*b*) Casiri Bibliotheca Arabico-Scurialensis Tom. I. pag. 93.

(*c*) Casiri I. pag. 102.

tural de Silves, Poeta insigne, que viveo no Seculo VI. da Egira, e illustrou o famoso Poema intitulado *Ben Abdun* com hum erudito Commentario.

Abu Baker Mohamad ben Amar Dulvazatin, que se diz natural de *Schanabos*, no territorio de Silves, isto he, como parece, de Ossonoba, o qual foi excellente Poeta, e por sua Poesia abrio caminho para conseguir grandes honras; os seus versos refere o Arabe Ebn Albareo.

Abulcassem Kahalaph ben Alabraschi, natural de Santarem, que morreo na Egira 532.

Abu Baker Mohamad ben Abrahen Alamari Alcarsi, nascido em Beja.

Abu Baker ben Sokon, que tambem nasceo em Béja.

Abulvalid Ismael, natural de Silves, por sobrenome Ebn Aschuasch, que morreo na Egira. 558.

Abu Mohamad Abdala ben Abi Baker ben Abrahim ben Almonkhol, da mesma Cidade de Silves.

Abu Amran, Musa ben Hossain ben Amran, que teve por patria a Mertola, e morreo no anno da Egira 604.

Abul Cassem Abdelmalek ben Badrun Alhadramita, que nasceo em Silves; author da Historia de Joseph, que se intitula Ephod.

Poetas Hebreos em Portugal.

Com as obras destes, e de outros muitos Poetas se derramou por toda a Hespanha o gosto da Poesia Arabicá, em tal maneira, que os mesmos Hebreos Hespanhoes que havião até então religiosamente guardado a sua antiga Poesia da Escriptura Sagrada, se voltárão a seguir as pizadas dos Sarracenos, tomando delles huma nova fórma de poetar, que não tinhão, e sugeitando-se ao seu magisterio não menos na Poesia, que nas mais Artes, e Sciencias. Assim elles transferírão para o seu Rabbinico, o metro, e versificação do gosto Arabe, de tal sorte, que recebêrão a medida dos versos, as rimas, e quasi todas as Leis da Poesia Arabica, e até adoptárão em seus discursos Didacticos o uso das palavras facultativas, ou proprias da Arte Poetica dos mesmos Arabes.

Chegou isto a tal ponto, que o famoso Author do

Cu-

Cuzari, mais de duas vezes reprehendeo severamente os seus por haverem contaminado a sua Poesia com o metro Arabico, e versificação estrangeira. Fora R. Salomão ben Gabirol, Cordovêz, o primeiro que por 1040 introduzíra entre os seus este gosto de Poemas Arabes, que por isso foi chamado pai da Poesia Hebraica moderna, a quem o Portuguez R. Moysés ben Chabil, de Lisboa, no seu Tractado da Poesia, que escreveo com o titulo de *Caminhos do prazer* deo muitos, e mui altos louvores, gabando seus hymnos sobre diversos assumptos, que se costumavão cantar nas Synagogas. (*a*) Elle excitou os engenhos de muitos a entrar no caminho que tinha aberto, e forão logo por seus vestigios os Hespanhoes R. Isaac, o douto R. Aben Hezra, de quem existe hum famoso Poema sobre o Jogo do Xadrez; (*b*) o occulto, e elegante Maimonides, que compôz alguns Poemas; R. Manoel, Poeta do Seculo XII, cujo *Machberoth*, ou *Collecção* em que vem a das Canções, e Madrigaes, se gabão de ter vivacidade de imaginação, grandeza de idéas, clareza na dicção, e mui variada doutrina na Fysica, e de Moral; e finalmente outros muitos de que fazem honrosa memoria as Bibliothecas Rabbinicas.

Ora assim como os Hebreos Hespanhoes adoptárão dos Arabes muitas das bellezas de suas Musas, natural era que tambem os Christãos as tomassem delles: a introducção da sua lingua assentada com o seu imperio em quasi todas as Provincias de Hespanha, facilitava aos nossos o commercio das Musas Arabigas, e os levava a imitar

(*a*) Isto havia já feito em Babylonia R. Hai, que morreo por 1037 pondo entre as orações da noite do grande jejum, huma deprecação metrica rimada no Machazor, ou Breviario, que havia composto para uso das Synagogas de Italia, e usou da mesma Poesia no seu Poema Didactico da *Instrucção do Entendimento*.

(*b*) Ha delle muitas composições Poeticas na Livraria do Escurial, das quaes vio, e copiou algumas Elias Malpurgo, Cabeça dos Hebreos em Gradisca, no Discurso impresso em Gorica em 1782, e de algumas falla Biscioni na Bibliotheca Laurentiana tom. I. pag. 145. Bartoloccio attesta ter visto mais de 1210 composições Poeticas deste Rabbino.

na Linguagem Hespanhola, o que os Sarracenos fazião no seu Arabigo; porque bem sabido he, que esta Lingua era então mui corrente entre os nossos, e que nas terras avassalladas dos Arabes andava de parceria com o idioma nativo do paiz, havendo entre ambos huma reciproca communicação, e commercio.

Assim os Hespanhoes usavão muitas vezes do Arabismo não só no trato familiar com os Sarracenos, ou fosse de viva voz, ou por escrito, mas ainda nas Escrituras, e instrumentos públicos, nas Artes, e Sciencias, nos mesmos estudos Sagrados; sobre tudo na Poesia: ouvião-se os seus Poemas Arabicos em todas as partes na boca não menos de Hespanhoes, que de Sarracenos; e já chegava a tal ponto entre os nossos, o amor que tomárão ás suas Musas, que com muita promptidão, e elegancia versificávão naqnella Lingua na medida, e rima dos mesmos Arabes. (*a*) Estes ao mesmo tempo, fosse politica para attrahir os nossos, fosse por necessidade de tratar com elles, esmeravão-se em fallar, e escrever correntemente em Hespanhol, do que ainda hoje existem documentos em Escripturas por elles feitas na Lingua vulgar de Hespanha, nos ultimos tempos de seu imperio. (*b*)

Esta mutua communicação das duas Linguas naturalmente havia a huma muitos dos primores, e donaires da outra, e a gentil arte de poetizar, que tão valida, e rica an-

(*a*) Alvaro Cordubense com os mais Ecclesiasticos que promovião a Lingua Latina, por ser a da Religião, e a da Igreja Occidental, lamentava haver então, quem apenas soubesse escrever huma carta Latina, havendo tantos, que sabião tão bem o Arabe, e a sua Poesia. *Propriam Linguam non advertunt. Latini ita ut ex omni Christi Collegio vix inveniatur unus ex milleno hominum numero qui salutatarias fratri possit rationabiliter dirigere Litteras & reperias absque numero multiplices turbas, quæ erudite Chaldaicas verborum explicet pompas ita, ut metrice eruditiore ab ipsis gentibus Carmine, & sublimiore pulchritudine finales clausulas unius litteræ coarctione decorent, & juxta quod linguæ ipsius requirit idioma quæ omnes vocales apices commata claudit, & cella rhythmice, &c.*

(*b*) No Archivo da Casa do Duque do Infantado em Hespanha, achão-se Escripturas dos Arabes em Castelhano, ainda em letras Africanas. Pizzi no Ensaio sobre la Gramatica, y Poetica de los Arabes. p. 13.

andava entre os Arabes, e tão tratada dos nossos, não poderia deixar por efte meio de muito influir nas nossas Trovas, e de lhes dar novas graças, e bellezas: porque certo que os nossos ao passo que se applicassem aos estudos do Arabismo, irião achando nelle hum fundo inexhaurivel de riquissimos Poemas, que naturalmente os attrahirião com seus encantos, e os convidarião a transferir para a Lingua propria o mesmo gofto de poetar, que achassem na eftranha, de que ficou muito sabor nas trovas, e rimances dos quatro primeiros Seculos da Monarchia Portugueza: do que fallaremos em seu lugar: maiormente da Rima, que deo nova fórma á Poesia vulgar, e veio a constituir huma das suas bellezas, a que allude o insigne Poeta A. Ferreira.

» *Veio outra gente, trouxe outra arte nova,*
» *Em que alçou hora sôm grave, hora agudo:*
» *Chamou o povo á sua invenção trova,*
» *Por ser achado consoante novo,*
» *Em que Hespanha até aqui deo alta prova.*

Daquelles tempos porém, em que tanto florecêrão os exercicios Poeticos, bem como dos Seculos anteriores, não chegou a nós monumento algum da Poesia de nossos maiores, salvo algumas composições metricas no Latim barbaro daquella idade, pelo que somos obrigados a saltar todo efte espaço de tempo em que dominárão os Arabes, e a descer á época do eftabelecimento da nossa Monarchia sobre as ruinas do Arabismo, tempo em que entrão a apparecer as primeiras obras da nossa vulgar Poesia.

DA

DA ORIGEM, E PROGRESSOS DA POESIA PORTUGUEZA.

CAPITULO II.

Da Poesia Portugueza nos Seculos XII. e XIII.

NÃo podemos fixar ao certo a primeira época da Poesia Portugueza; mas podemos conjecturar, que ella começou logo de figurar nos primeiros tempos da Monarchia, isto he, no Seculo XII.; mas nem por isso se entenda, que somos inferiores nesta parte ás mais Nações da Europa, salvo se for á Norwega, e á Suecia, que sobem mais assi-[illegible] com seus poemas. (*a*) Com effeito, quando Portugal co-

(*a*) O Norte he o unico paiz que remonta á maior antiguidade, porque sem fallar de tempos mais remotos, em que muitos querem pôr as suas Musas, he certo que já nos fins de Seculo X. os Escaldros, ou Poetas da Norwega, e da Suecia apresentavão as suas primeiras composições em versos Saphicos, sem rima, e tambem Poesias rimadas, como são a Satyra do Islandez Hjalte escrita em 994 sobre Odino, e Freja, e a Saga de Olof Tryggvason, que morreo em 1000, e as obras de Einar Skuleson, Poeta de Irverker, que são os primeiros partos de que se sabe com mais certeza da Poesia Septentrional; a que depois accrecêrão por 1150 as rimas de Rolson, Rei de Suecia, e de outros: sobre que se póde ver Gaston Rezzonico nas notas ao seu Discurso sobre a Poesia vulgar, que precede ás obras de Trugoni da Edição de Parma, Not. 33.

Não contamos aqui a Grãa Bretanha, porque aindaque Beda falla do Monge Benedictino Coedmon, como Poeta mui destincto, que fazia improvisos em sua Lingua, pelo meio do Seculo VI, não resta delle obra alguma, nem que restasse poderia por ella datar-se a origem, e época da primeira Poesia conhecida da Lingua Ingleza muito mais moderna, e mui diversa do antigo Bretão daquella Ilha. A Poesia Ingleza, quanto sabemos, começou no Seculo XIV. ou quando muito no XIII.,

começou de firmar, e estender o seu Imperio, e Principado dividido do de Leão, e das Asturias, ainda entre os tumultos da guerra em que andava baralhado com os Arabes, deo lugar, e honra á cultura da Poesia, como se estivesse em tempos de muita paz, e assocego. Contribuio muito para isto o mesmo exemplo que nos havia ficado dos Arabes, que grandemente tinhão excitado nossa afeição aos prazeres poeticos; maiormente nos Portuguezes que haviamos estado debaixo do seu dominio, nas terras sugeitas, e tributarias ao seu Imperio: porque costumados com elles a todos os folgares da poesia, facilmente continuavamos em manter o antigo trato, e exercicio das Musas, depois de nos acharmos em liberdade, e izenção de poder estranho.

Nem menos contribuio para isto o exemplo de algumas Nações, e Provincias que por aquelles tempos comeeçavão tambem de estabelecer o seu Parnaso; quaes forão a Alemanha, que então promovia muito estes estudos, e produzia seus Poetas, (*a*) a Catalunha, Valencia, e Aragão em nossa Hespanha; e a Provença, e Provincias meridionaes da França circumvisinhas, que começárão de dar os pri-

e verdadeiramente as primeiras obras existentes de que havemos noticias são, as de Chaucer contemporaneo de Petrarca, e premeiro Padre da Poesia Britanica.

Tambem não contamos aqui a Escocia, poisque o primeiro poema que ella apresentou de Ossian Barda Ersc, filho de Fingal, que á poucos annos descobrio, e traduzio em proza Ingleza o Escocez Jacob Macpherson, e em Italiano o Abbade Cesarotti, aindaque se quiz dar por obra do Seculo XI. foi posto em disputa pelos Criticos, que duvidárão desta sua antiguidadade, sem embargo dos exforços com que a quiz defender Hugo Blair, douto Professor da Universidade de Edimburg.

A Italia tambem aqui não tem lugar, porque a sua Poesia não appareceo senão nos fins do Seculo XIII. com Guido Sanuncelo, Bolonhez, com Dante Alegheri, com Boccacio, com Petrarca, e outros.

(*a*) A Alemanha por 1155 no Reinado de Federico Barbaroxa tinha já Poetas, sobre o que se póde ver Morhofio na Historia da Poesia, que dá a lista delles: Bothmer de Zurick nas Amostras da antiga Poesia dos Suabes do Seculo XII, e o Barão de Zurlauben no Extracto que deo á Academia das Bellas Letras em 1773, de hum Codigo de Canções Alemãs de Poetas dos fins daquelle Seculo até 1330.

primeiros passos da Poesia Proençal; (*a*) não menos Castella, que já então se ensaiava nas suas primeiras producções, e tentativas Poeticas. (*b*)

O que porém excitou, e acendeo ainda mais os nossos, foi por certo o maior trato, e communicação que mantivemos com a Galliza, nossa visinha, e comarcãa, antigo Solar das Musas Hespanholas, e Provincia de primor, e fartura na Lingua; (*c*) e muito affeita desde a mais alta antiguidade ao exercicio de trovas, e cantares. Com sua gente se povoárão nossas terras em diversos tempos; já dos Reis de Leão D. Ramiro I. D. Ordonho I. D.

(*a*) Todas estas Provincias de Hespanha, e de França, só começárão de poetizar no Seculo XII., e na Lingua Proençal, ou Lemosina, que era realmente Hespanhola de Catalães, e Aragonezes, e usada nas Provincias Austraes da França, entre Proençaes, Gascões, Lemosines, Bearnezes, e Vianezes, chamando-se por isso Lingua Catalãa-Franceza, e pelo commum Catalão, ou Proençal: do Seculo XII. são os primeiros Proençaes que apparecem com suas obras, como são Mestre Eusthachio. Guilherme VIII. Duque de Aquitania, Jofre Rodel, que morreo por 1162, D. Affonço II. de Aragão, e Conde de Barcelona, e de Provença que reinou desde 1162, até 1196; sendo mais modernos Gonçalo de Beruo, e Guilherme de Berguedun, que descem ao Seculo XIII. Podem ver-se sobre isto João Nostradamus na Vida dos principaes Proençaes; Mr. Fauchet, Recueil de l'Origine de la Langue et Poesie Françoise, Rime, et Romans, e Mr. Antoine du Verdier, Snr. de Vauprivas, Bibliotheque des Auteurs Françoises.

(*b*) Castella entrou tambem a figurar pelo mesmo tempo; a ella pertence o Poema do Cid Campeador, que se dá pelo mais antigo monumento daquella idade, o qual vem na Collecção dos Poetas Castelhanos anteriores ao Seculo XV. de D. Thomaz Antonio Sanches, tom. I., que quanto ao Poema de Alexandre, que D. Nicoláo Antonio, Pillicer, e D. Luiz Velasques attribuírão sem fundamento a D. Affonso o Sabio, e a Academia Hespanhola póz anterior a 1200, Sanches achou, que era do meio do Seculo XIII. e de João Lourenço Segura de Astorga, tom. II.

(*c*) Diogo de Campos, Chanceller de Castella no Livro de Planeta, que escreveo no principio do Reinado de S. Fernando, fallando no Prologo da Sabedoria Universal do Arcebispo D. Rodrigo, dizia entre outras cousas, que elle: *commendat Gallæcos in loquella, Legionenses in eloquentia.* Tendo ante os olhos as tradições que disto corrião em nossa Hespanha, não duvidou reconhecer o P. Sarmiento, que nos dous Seculos X, e XI. se cantavão muitas coplas e trovas em Gallego por toda a Hespanha.

D. Affonso III. D. Fernando, e D. Affonso VI.; já do Conde D. Osorio, do Conde D. Henrique, e de seu Filho o Senhor Rei D. Affonso I., concorrendo os naturaes de Galliza nas conquiſtas, e povoações deſte Reino, ou viessem de envolta com as tropas militares, que cá descêrão, ou já com esperança de melhor fortuna; com eſtes vierão de miſtura innumeraveis familias nobres daquelle Reino, de que ainda hoje reſtão nelle seus primeiros Solares, e Avoengos. (*a*) A mesma Galliza chegou a eſtar unida com Portugal em hum mesmo Reino, e Principado nos tempos de D. Ordonho II., Filho de D. Affonso III. de Leão, e nos de D. Garcia, Filho de D. Fernando; e ainda depois muitas terras daquella Provincia, que havia adquirido o Conde D. Henrique, e deixado a seu Filho, ficárão por algum tempo na dependencia de Portugal.

A Galliza pois, com quem tinhamos tantas relações naquelles tempos, sendo como já dissemos muito dada desde a mais subida antiguidade aos exercicios da Poesia, não podia deixar pelo intimo trato, e commercio, que comnosco teve, de dar com seu exemplo novo esforço, e ardimendo ás nossas Musas.

Accrescentemos agora, que nos primeiros tempos da Monarchia era huma mesma Lingua a Gallega, e a Portugueza; pois certo que só pelos annos adiante entrou a dividir-se, e a extremar-se em dois differentes Dialectos: (*b*) o que muito facilitava, e animava a propagação do goſto poe-

(*a*) Deſta concorrencia das gentes de Galliza na conquiſta, e povoação de Portugal, fallou entre outros o antigo Poeta João de Mena na copla 275 de seu Labyrinto.

Conquiso Sepulveda con lo ganado,
Avis, Portugal; y poblólas luego
De Gente de Aſturias, y mucho Gallego,
Gentio, que vino de buelta mezelado.

(*b*) Cotejados os primeiros documentos, que apparecem de huma, e outra Lingua, acha-se entre ellas huma grande conformidade nos mes-

poetico entre os nossos, aos quaes por meio de huma mesma Lingua commum ficavão transcendentes, e communicaveis as trovas, e rimances da Galliza, que então erão tão cantados, e famosos em toda a Hespanha. (*a*)

E em verdade fez isto crescer tanto na Galliza, e em Portugal o amor das Musas, e o exercicio de trovar, que estas duas Provincias se havião então por mais polidas, e extremadas nesta arte entre as mais famosas de Hespanha, passando suas rimas, e canções por tão donosas, e engraçadas, que bom recebimento, e agazalho achavão sempre em toda a parte desta Peninsula (*b*): chegando a tal alteza,

---

mos dythongos, nas mesmas palavras, na mesma Orthografia, e accento, que certo conformão entre si hum, e outro Dialecto, e mostrão serem ambas huma mesma Lingua.

Na Provincia do Minho, que sobre ser a mais visinha de Galliza foi a mais povoada de gentes daquelle Reino, ainda hoje se divisão vestigios desta antiga conformidade na pronunciação, e em muitas palavras, e idiotismos que lhe são proprios, e ao mesmo tempo análogos ao Gallego. Esta origem commum reconheceo bem o douto Senador Duarte Nunes de Leão no curioso Livro, que compoz das Origens da Lingua Portugueza p. 32, e D. Gregorio Majans e Siscar na obra da Origem da Lingua de Hespanha Cap. 81. pag. 59., e o P. Estevão Terreros e Pando na sua Paleografia Hespanhola p. 10. Ainda hoje muitas das nossas Villas, e Lugares, e muitas de nossas antigas familias, e Solares tem os mesmos nomes de Galliza, o que mostramos em outra obra.

(*a*) A desmembração que depois se fez da Galliza separando-se de Portugal, e a cultura que teve o nosso Dialecto na Corte de nossos Reis, e nas mais partes deste Reino, fizerão necessariamente, que o Portuguez se fosse pouco a pouco dissimelhando de Gallego, e que este ficasse no memo estado, e sem maior alteração, muito mais por ser idioma em que se não escrevia, nem imprimia por falta de escólas, e de Corte na Galliza, que são as officinas, em que se forjão, e apurão mais os vocabulos, e expressões de qualquer Lingua.

(*b*) Daqui vem que as nossas Poesias dos primeiros tempos (o mesmo se ha de dizer da prosa) se parecem tanto com as Gallegas, que se vê claramente ser a linguagem de humas, a linguagem das outras, ou quasi a mesma, que por isso Argote de Molina, grande indagador das antiguidades de Hespanha, fallando do Poeta Macias no Livro da Nobreza de Andaluzia notava, que se a alguem parecesse, que elle era natural de Portugal por seus versos serem em Portuguez, estivesse advertido, que até ao tempo d'ElRei D. Henrique III. todas as coplas que se fazião erão pela maior parte nesta Lingua, como dando a entender, que a Lingua Gallega de Macias, e a Portugueza, erão então huma mesma

za, que se dellas fez, que houve tempo em que foi mui cursado entre os Hespanhoes, e maiormente entre os de Castella, de Andaluzia, e de Estremadura, poetizar no Dialecto Gallego, e Portuguez, e até delle tomar muitos termos proprios desta Arte. (*a*)

Lingua, no que injustamente foi criticado por Sarmiento, e D. Thomás Sanches no Discurso da Collecção dos Poetas Castelhanos anteriores ao Seculo XV. Tom. I. pag. 198., que sem razão lhe censurárão haver confundido o Dialecto Portuguez com o Gallego.

(*a*) Muito antes de Argote de Molina que o affirmou no lugar acima citado, e de Sarmiento que escreveo o mesmo, o havia já dito o Marquez de Santillana D. Inigo Lopes de Mendóça na Carta escrita ao Condestavel de Portugal D. Pedro, Filho do Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, que traz o mesmo Sanches na sua collecção, o qual assevera, que os Castelhanos antigos poetizavão em Gallego, ou Portuguez.

DISSERTAÇÃO HISTORICO-JURIDICA

Sobre a ligitimidade da Senhora D. Teresa, mulher do Sr. Conde D. Henrique, e mãi do Sr. Rei D. Affonso Henriques.

HA Seculos que combatem entre si os Hiſtoriadores Castelhanos, e Portuguezes sobre a ligitimidade da S.ª D. Teresa, mulher do Sr. Conde D. Henrique, nobilissimos Progenitores dos Monarchas Luzitanos. A falta de documentos, que moſtra sem a verdade dos factos daquelle Seculo, deo lugar ás conjecturas, que se tem formado conformes aos discursos fundados já neſtas, já naquellas razões, que melh res parecêrão.

O Bispo de Oviedo, o Chronicon Floriacense, ou de Fleuri, na ordem dos Hiſtoriadores os mais antigos, (1) são os que introduzírão a nota da baſtardia em huma das raizes do tronco dos Senhores Reis de Portugal, affirmando, que D. Ximena Munhós, ou Nunes fora concubina de Dom Affonso VI. Rei de Leão, e Caſtella, de cujo concubinato nascêra a Sr.ª D. Teresa. Não tem faltado quem intentasse purifica-la dessa mancha, e eu queria persuadir-me, que na illuminada Critica do nosso Seculo, não haveria Portuguez inſtruido, a quem se não representassem futeis, e despresiveis os fundamentos da opinião contraria. Mas como hum Escritor moderno, cujo nome serve de honroso credito á republica litteraria de Portugal, arruinou eſte meu pensamento, promettendo moſtrar com brevidade, que a Sr.ª Dona Teresa, mulher do Sr. Conde D. Henrique, era filha illigitima de D. Affonso VI., senti-me inspirado pelo amor da Patria, e da verdade, a revolver os fundamentos, que a

(1) O R.^mo P. M. Fr. Henrique Florez Tom. 1. das Rainhas Catholicas, pag. 195.

a materia, e o Direito me offerecem, para firmar sobre elles a Ligitimidade desta mãi Illustrissima do primeiro Fundador da nossa Monarchia.

Tres pontos se me propõe por assumpto deste meu empenho. Ser D. Ximena Nunes o objecto da Carta, que o S. P. Gregorio VII. escreveo a D. Affonso VI. para se apartar da mulher, com quem estava casado. Ter ella contrahido Matrimonio sem contradição da Igreja, na sua face, e com boa fé. Serem nessas circumstancias ligitimos os filhos, que nascêrão na figura desse matrimonio. Como porém alguns Historiadores combatem estes tres pontos, convencerei finalmente os seus mais fortes argumentos. Confesso, que ainda suppondo a bastardia naquella raiz, não deixa de brilhar magestosamente a Augusta Serie dos Senhores Reis de Portugal: porém a sua ligitimidade he huma pedra preciosa, com que se augmenta o explendor da sua Coroa, que a mão de hum bom Portuguez não pode arrancar sem a nota de atrevida, e temeraria; e que todo o que se prezar desse nome, o não deve consentir.

Excedo verdadeiramente ás minhas forças, os limites da minha capacidade, quando pertendo examinar factos historicos, que são alheios da minha profissão. Bem o conheço. Mas nasci Portuguez, amo a gloria da Nação, respeito a memoria dos Senhores Reis, e Principes da nossa Monarchia, tenho paixão pela verdade: e se com estes louvaveis estimulos não desempenhar o que prometto, nem evitar completamente qualquer defeito, espero que os bons Portuguezes me perdoem; porque dos que o não forem, e dos Estrangeiros, nem temo a crítica, nem pertendo huma favoravel censura.

PRIN-

PRINCIPIO.

O Facto, de que vou tratar, he do seculo XI.: seculo propriamente de emprezas militares, no qual os Castelhanos, e Portuguezes mais se applicavão a enrestar a lança, empunhar a espada, para expulsarem os Mouros da Hespanha, do que a pegar da penna, para escreverem os fastos da sua Nação. Os grandes Genios, que no socego da paz os eternizarião deixando-os escritos á posteridade, embaraçados com o estrondo das armas, descuidárão-se de os escrever, e ficou a historia escura, confusa, e duvidosa. São pois as conjecturas, as que sómente podem descobrir a luz da verdade no centro da escuridão daquelle seculo. Este he o meio, que os sabios Jurisconsultos nos aconselhão. (1) O S. P. Innoc. III. nos ensina (2) como prova ligitima dos factos antigos, e de que eu vou servir-me para estabelecer o juizo que faço nesta Dissertação.

Nenhum dos Historiadóres duvida, que a Sr.ª D. Teresa foi filha de D. Affonso VI. e de D. Ximena Nunes, que alguns fazem da Illustrissima Casa de Gusmão. Se foi gerada em matrimonio verdadeiro, ou por hum reprehensivel concubinato, he o ponto da divisão dos Historiadores. Os que seguem este ultimo partido, me parecem Soldados fracos, a quem faltão as forças para segurarem o triunfo.

Os Monarchas Hespanhoes daquella idade não se desprezavão de casar com as suas Naturaes, e fazerem Rainha huma das suas Vassallas. D. Nuna, mulher de ElRei D. Fruela, de sua cativa sobio ao Throno: (3) D. Creusa, mulher de Mauregato, (4) D. Urraca, mulher de D. Rami-

(1) Marcilus in Leg. Census, et monumenta ff. de probat. Gothofred. ibidem litr. C. Menoch. de Arbitr. lb 2. Cas. 115. n.º 2.

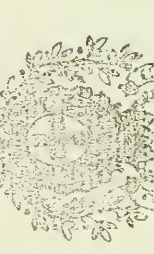
(2) O S. P. Innoc. III. in Cap. Cum olim de Censib.

(3) Flor. Tom. 1. das Rainhas Catholicas pag. 49.

(4) O mesmo pag. 55. Sandoval nas vidas dos cinco Reis de Leão, pag. 112.

miro I. (1) D. Nuna, mulher de D. Garcia, (2) D. Elvira, mulher de D. Ordonho II. (3) outra D. Elvira, mulher de D. Affonso V. (4) D. Teresa, mulher de D. Fernando II. (5) são provas baſtantes deſta verdade. D. Ignez, primeira mulher do mesmo D. Affonso VI., he na melhor opinião reputada por Hespanhola. (6) Neſta certeza foge a toda a razão, que fosse concubina pública de D. Affonso huma Senhora da qualidade de D. Ximena Nunes, por cujas veias corria ainda bem fresco o Real Sangue de ElRei D. Bermudo II., de quem era bisneta por seu filho o Infante D. Ordonho. (7) A sua Illuſtrissima condição a habilitava naquelle tempo para Rainha, e mulher ligitima, e não para concubina de D. Affonso.

Poderá inſtar-se-me, que semelhantes manchas se tem viſto em outras de alta graduação. Eu o confesso: porém eſtou persuadido que se não moſtrará alguma daquella qualidade, que fosse tão publicamente concubina, que se fizesse o objecto da exhortação da Cabeça Visivel da Igreja, para deixar de o ser. Tem-se viſto até Rainhas infamadas: porém Senhoras taes como D. Ximena Nunes, tão chegada descendente de hum Rei, concubinas publicas, não se encontrão nas hiſtorias.



Quantas forão, como se chamárão, de donde erão as mulheres de D. Affonso VI. Quem foi a separada delle, qual era o seu nome, e em que tempo, são tambem pontos de disputa entre os Hiſtoriadores. Tal he a escuridão da hiſtoria daquelle seculo. Huns lhe assignão cinco, outros mais, alguns menos. Flor. nota eſta variedade como hum labyrinto da mesma hiſtoria. (8) Os que convem nas cinco, excluindo D. Ximena Nunes, nomeão D. Ignez, D.

(1) Flor no dito Tom. 1. pag. 64 e 65.
(2) O mesmo pag. 77.
(3) O mesmo pag. 80.
(4) O mesmo pag. 136.
(5) O mesmo pag. 227.
(6) O mesmo pag. 222 Sandoval na referida obra pag. 106.
(7) Flor, no dito Tom. pag. 185.
(8) Flor. Tom. 1. das Rainhas Catholicas pag. 163.

D. Conftança, D. Berta, D. Isabel, e D. Beatriz, a quem o citado Flor. dá tambem por conciliação o nome de Ignes, (1) e eu accrescento por sexta, (o que já fizerão outros) D. Ximena Nunes; efta pois foi a separada, o que passo a moftrar.

Dos Hiftoriadores querem huns, que a Sr.ª D. Teresa fosse gerada em D. Ximena Nunes antes do defterro de D. Affonso VI. outros suftentão, ser a separada D. Ignes: alguns suppõem tambem, que efta foi D. Ignes de Guiena. Cada hum conjecturou como lhe pareceo. De outra maneira discorrerião, se reflectissem, que D. Affonso era de pouca idade, quando seu irmão D. Sancho o perseguio, e o fez entrar Monge em Sahagum, (2) (facto acontecido pelos annos de 1070), e que se não poderia verificar se já fosse casado. (3) Que na volta que fez de Toledo para subir ao Throno outra vez, e casou com D. Ignes, apenas tinha dezanove até vinte annos. (4) Que até esse tempo não ha memoria nas hiftorias de Hespanha, houvesse outra denominada Rainha, senão sua irmã D. Urraca, a quem juftamente honrou com efte titulo. (5)

Se attendessem, que D. Ignes de Guiena, reputada por Flor. D. Beatriz, sobreviveo a D. Affonso, e casou trinta annos depois daquella separação com D. Elias, Conde de le Mans: (6) se juntassem todas eftas reflexões, certamente não formarião semelhantes conjecturas.

A mais commum opinião he, que D. Ignes foi a primeira mulher de D. Affonso VI. (7) Sendo-o, não podia ser a separada; pois que efta o foi, por ser parenta em grão prohibido, da que já D. Affonso tinha tido, como he expresso na Carta de S. Gregorio VII. Ella morreo em 6 de

(1) Flor. Tom. 1. pag. 222.

(2) Sandov. nas Vidas dos cinco Reis pag. 28. Conforme huma escritura de Doação feita por certos Cavalheiros ao Mofteiro de Sahagum.

(3) Sandov. no dito Tom. pag. 37. vers. Flor. supra pag. 165.

(4) Flor. no mesmo Tom. dito pag. 165. e ex 220.

(5) Flor. nos referidos lugares.

(6) Flor. Tom. 1. das Rainhas Catholicas pag. 220.

(7) Marian. de reb. Hispan. Liv. 9. Cap. 11.

de Junho de 1078. (1) Não se sabe com certeza a sua naturalidade, e por isso mesmo se reputa Hespanhola. (2) D. Ximena Nunes o era tambem, como indica o seu apellido, só proprio da Nação. (3) D. Affonso casou com Dona Conftança em 1080, (4) de maneira, que viuvando de D. Ignez em 1078, não apparece outra Rainha, (a não ser D. Ximena Nunes) até 27 de Junho de 1080; poisque então lhe escreveo o S. P. para a separação daquella mulher, com quem eftava casado; (5) e no eftado de viuvo o contemplão os Hiftoriadores, quando se lhe dirigio a carta, excluindo a D. Ximena do numero das Rainhas. (6) Sendo pois a primeira mulher D. Ignez, morrendo em Junho de 1078, casando D. Affonso com D. Conftança nos fins de 1080, sendo D. Ignez, e D. Ximena Hespanholas, (7) eftá cahindo sobre eftes principios a conjectura, de que nesse meio tempo contrahírão D. Affonso VI., e D. Ximena Nunes a sua aliança; e que efta foi no dito anno de 1080 a separada, por parenta de D. Ignez, no que convem Sandoval, e Florez. (8)

Passando já defte ao segundo ponto, a carta, que S. Gregorio VII. escreveo a D. Affonso VI. para se apartar da mulher, com quem eftava casado, he no meu conceito prova innegavel de ter D. Affonso contrahido matrimonio com D. Ximena Nunes com todas as circumftancias, que requer o Direito Ecclesiaftico, para se reputar efta mulher legitima, e se excluir a illegitimidade de suas filhas. A exiftencia, e verdade daquella carta não devem entrar em duvida; pois as segurão monumen-

---

(1) Sandoval na Vida dos cinco Reis pag. 65. verso, e Florez supra pag. 165.

(2) O mesmo Sandov. pag. 106 v., e Flor. pag. 222.

(3) Flor. no mesmo lugar.

(4) O mesmo pag. 228.

(5) Sandov. no dito liv. pag. 107.

(6) Flor. no referido Tom. pag. 227.

(7) Sandov. supra pag. 106 v., Flor. dito Tom. pag. 222.

(8) Sandov. ibid. pag. 106., Flor. dito. pag. 222, e 228.

tos irrefragaveis, (1) e as abonão authoridades sem suspeita (2).

Aindaque ella não tenha data, tambem se não deve duvidar, que foi remettida a D. Affonso VI. em 1080, por ser esse o tempo, em que o Legado Ricardo, a quem ella se sefere, estava em Hespanha. (3) Sendo de conjecturar, que sabendo então o Legado do impedimento canonico, com que se contrahíra aquelle matrimonio, avisou delle ao S. P., e o moveo a escrever a D. Affonso para a separação, e assim o tem Sandoval; pondo a sua data em 27 de Junho de 1080. (4)

As forças daquella carta são taes, que estou persuadido, não lhe podem fazer resistencia quantos argumentos se tem excogitado para fazerem illegitima a Sr.ª D. Teresa: consistem ellas nas seguintes palavras:

Vires resume; illicitum connubium, quod cum Uxoris tuæ consanguineâ inisti, penitus respue:

E que termos mais energicos para dar a conhecer, que foi D. Ximena Nunes casada com D Affonso VI. sem contradição da Igreja, na sua face, e boa fé? As palavras = *connubium inisti*, = provão com evidencia, que havia casamento feito; = *cum Uxoris tuæ consanguineâ*, = dão a conhecer, que este era o unico impedimento canonico; que não havia clandestinidade, nem contradição da Igreja; pois se houvesse algum delles, se daria como de maior força, por causal da separação. O primeiro termo = *connubium* = significa propriamente o casamen-

---

(1) Collecção dos Concil. de Binio da Edição de Paris de 1644 Tomo 26. pag. 428. A do Cardeal de Aguirre dos Concil. de Hesp. Tom. III. pag. 254.

(2) Sandov. nas Vidas dos cinco Reis pag. 49 v. e 106 v. Brand. Monarch. Luzit. Tom. III. Liv. 8.º Cap. 13.

(3) Cartas que lhe escreveo o mesmo S. Padre referidas nas sobreditas Collecções, ditas pag. cum seqq.

(4) Nas Vidas dos cinco Reis de Leão pag. 107.

mento. Com elle quiz moſtrar claramente o S. P. a sua exiſtencia, tomando-o na mesma significação em que sempre o usárão os mais apurados Latinos; (1) devendo nós entender por elle verdadeiro matrimonio á face da Igreja. Até nesse mesmo sentido o tomárão os sabios Legisladores. (2)

De tudo iſto resulta a certeza de eſtarem casados D. Affonso VI. e D. Ximena, quando lhe escreveo o S. P. Gregorio VII.: que a carta lhe foi dirigida, para a separação do casamento já feito, e não paraque deixasse de casar: que D. Ximena Nunes não eſtava na reputação de concubina de D. Affonso: que era sua legitima mulher, ainda que com impedimento canonico, provavelmente ignorado. Eis-aqui temos expressamente provada a primeira parte do fundamento da legitimidade da mãi illuſtrissima do Fundador da nossa Monarchia.

A segunda, que he ser aquelle casamento contrahido sem contradição da Igreja, e na sua face, prova a vehementissima conjectura, resultante das mesmas palavras = *quod cum Uxoris tuæ consanguinea inisti.* = Eſte he o unico impedimento, por que o S. P. exhorta a D. Affonso, que se separe do matrimonio contrahido; se houvera outro, se a Igreja o tivera contradicto, se fora clandeſtino,

 não

(1) Robert. Steph. Thesaur. ling. latin. e Calepin. Verb. = *Connubium* = ibi.

Connubium idem est ac jus legitimi matrimonii a verbo nubo.

Virg. Æneid. 1. verso 77. ibi.

Connubio jungam stabili, propriamque dicabo.

Ovid. Ep. 6. Hypsipyl. ad Jas. ex vers. 41.

Heu! ubi pacta fides? Ubi connubialia jura?
Faxque sub arsuros dignior ire rogos?
Non ego sum furto tibi cognita, pronuba Juno
Adfuit, et sertis tempora Vinctus Hymen.

(2) O Imp. Conſtant. na Lei 3. Cod. de Incest. et inutilib. nupt. ibi

Cum ancillis non potest esse connubium, nam ex ejusmodi contubernio servi nascuntur.

não ommittiria eſtas razões, como de maior força, para fazer mais efficaz a exhortação. Quando se vê, que só daquelle se lembra, salta logo aos olhos, e sóbe a qualquer juizo, que não eſtiver preoccupado, que não havia outro algum impedimento, que lhe oppuzesse; e seguramente conjectura o discurso, que no casamento de D. Affonso VI. com D. Ximena Nunes, não tinha havido, nem clandeſtinidade, nem contradicção da Igreja, e só o impedimento daquelle parentesco os embaraçava, para não continuarem na sua alliança.

A terceira, e ultima parte, que he a boa fé, como seja acto interno, de que não póde haver prova alguma externa, além da conjectura, o Direito a abona, presumindo-a, emquanto se não prova o contrario: (1) e assim mesmo a ignorancia do impedimento, que funda a boa fé, quando se não faz certa a sciencia. (2) Dizer-nos Florez, (3) que a má fé daquelle casamento se verificava pela contradicção do Legado Apoſtolico, e Prelados do Reino, he fantaziar sem fundamento. Que certeza nos dá, de que o contradisserão, quando elle se contrahio? Com que prova, que houve essa contradicção no tempo em que se fez? Qual he o documento, que della apparece? Nenhuma dá, nenhum documento aponta; a sua authoridade só não basta, para deſtruir as presumpções de Direito: logo deve subsiſtir a conclusão, sem embargo della, e não se deve escandalizar, de que o não acreditemos.

A que podia resultar depois da carta do S. P. Gregorio VII., das inſtancias, que fizessem o seu Legado, e os Prelados pela sua execução, de nenhuma maneira obſta á boa, que houve no seu principio. Quando se move alguma queſtão sobre nullidade de matrimonio, não obſtante o monitorio do Juiz, se dizem os conjuges em boa fé, emquanto se não dá a sentença. (4) E quanto mais se não devem en-

(1) Tx. in Leg. pen. Cod. de Evicti nib. Gutierr. de Matr. Cap. 71.
(2) Tx. in Leg. Verius ff. de Probat.
(3) Tom. 1. das Rainhas Catholicas pag. 224.
(4) Ant. de Butr. ad Cap. II. Qui filii sint legitim. Gabr. Rom. Com.

entender constituidos nella D. Affonso, e D. Ximena, ao menos até o tempo daquella carta? Se não he bastante o monitorio do Juiz, e pender causa sobre a nullidade, para se destruir a boa fé do casamento no seu principio, que o Direito presume; como se ha de presumir a má, quando não havia causa, nem consta da contradicção do Legado, e dos Prelados em tempo algum.

A mesma contradicção da Cabeça visivel da Igreja tiverão os casamentos de D. Affonso IX. com Santa Teresa, e a Senhora D. Berenguela; porém como foi depois de feitos, não se reputárão celebrados com má fé, nem seus filhos illegitimos. O mesmo R.mo confessa, que no tempo de D. Affonso IX., se não reparava, como hoje, nos parentescos: (1) e quanto menos se repararia no de D. Affonso VI. mais de hum seculo antes? O de Santa Teresa podia ter mais desculpa, do que o da Sr.ª D. Berenguela, que se seguio á separação da nossa Santa; e ainda assim foi nelle presumida a boa fé, por se não provar o contrario, não obstante mandala separar o Summo Pontifice: e quanto mais se deve, pelos mesmos principios, presumir no de D. Ximena Nunes? A instancia sim he, mas não o parece, do R.mo Florez. Outra maior força devem ter os argumentos, para concluirem.

Estes são os requisitos necessarios, para se reputarem legitimos em taes casos os filhos, que nascem na figura do matrimonio. Em concorrendo todos elles, não se póde sem erro negar-se-lhes a legitimidade. Assim o tem decidido a Igreja: (2) assim convem a communissima sentença dos Canonistas. (3) Para se revestirem desta qualidade, basta que seus pais vivão em boa fé ao tempo de se conceberem, aindaque já a não tenhão ao tempo do seu nascimento, co-

Concl. Lib VI. titulo de Legitimation. Concl. 4. n.º Gonsal. ao dito Cap n.º 8.

(1) Tom. I. das Rainhas Catholicas pag 223.

(2) O S. P. Alex. III. in Cap. 2. O S. P. Celestino III. in Cap. 11. Qui filii sint legitimi.

(3) Barb. e Gonsal. aos ditos Cap. Covaruv. de Matrimon. parte 2. Cap. 8. §. 1. n.º 2.

como querem alguns DD.: (1) e nesta certeza estão pulando as ideas da legitimidade da Sr.ª D. Teresa.

Vendo-se pois provado pela carta de S. Gregorio VII. a existencia do casamento de D. Affonso VI. com D. Ximena Nunes; pela vehementissima conjectura, que della resulta, ser elle celebrado na face da Igreja, e semque então o contradissesse; e pela presumpção de Direito a boa fé, com que o contahírão, segue-se innegavelmente, que a mãi illustrissima do Sr. Rei D. Affonso Henriques, nascida na figura daquelle matrimonio, tem a qualidade de legitima, que não se lhe póde negar sem grave injuria.

O casamento de D. Affonso IX. com a outra Sr. D. Teresa, que a Igreja venera por Santa, e com D. Berenguela, não tiverão outras algumas circumstancias, nem melhor prova da sua boa fé, para se reputarem as ditas Senhoras mulheres legitimas, verdadeiras Rainhas, e a seus filhos com a mesma qualidade de legitimos: Logo porque não diremos o mesmo de D. Ximena Nunes, e de sua filha a Sr.ª D. Teresa? Sempre havemos de ir seguindo cegamente huns aos outros? Não havemos de lançar de nós os prejuizos, adquiridos na lição dos livros inficionados do erro, e da infundida credulidade?

Eu não estranho tanto aos antigos Historiadores a facilidade, com que acreditárão os daquelle seculo, nem a estes o persuadirem-se, de que D. Ximena Nunes fôra concubina de D. Affonso VI., deixando á posteridade os embaraços da historia, porque escrevêrão em tempos mais escuros, e de menos luzes: como culpo nos modernos a sua credulidade, o seu afferro aos escritos dos antigos, quando já a Critica se vê apurada; e descobrindo com ella tantos erros nas Chronicas antigas, e nos documentos, que ellas referem, os impugnão, convencem, destroem; mas, chegando a tratar do supposto concubinato de D. Ximena, com huma nimia credulidade cegamente o acreditão, e como se fosse hum ponto de Historia demonstrado.

Se

(1) Abb. in Cap. Ex tenore Qui filii sint legitim. in 3. not. Gabr. Rom. Com. Concl. lib. VI. titul. de Legitimation. Concl. 4. n.º 11.

Se huns, ou os outros apontassem algumas razões, ao menos apparentes, em abono dessa opinião, serião menos escandalosos os seus escritos; porém não assignarem os primeiros algumas, fundarem-se os segundos em erros notorios, ou em que assim o tinhão aquelles escrito, assás escandaliza. Destes taes se póde dizer, o que disse Marcardo das testemunhas, que não assignão razão alguma dos seus depoimentos, que por isso as compara aos irracionaes. (1) Fazer prova por si mesmo, he privilegio da Soberania, de cuja verdade se não póde duvidar. (2) O Historiador não tem a mesma authoridade. (3)

O Exc.mo Sandoval he hum Historiador afamado; porém nesta materia deixou-se arrastar da opinião Castelhana, e ao que parece, contra o que entendia. O R.mo Flores he hum dos mais sabios Criticos do nosso seculo, grande indagador das antiguidades de Hespanha. Elle, elle mesmo na sua notavel obra da Hespanha Sagrada, e particularmente nas vidas das Rainhas Catholicas, (4) descobre, combate, convence muitos erros das Chronicas antigas, e dos documentos, que nellas se referem; mas quando chega ao ponto do concubinato de D. Ximena Nunes, ou da legitimidade da Sr.ª D. Teresa sua filha, tudo quanto nellas se escreveo por essa primeira opinião, e pela illegitimidade, acredita como verdade incontestavel. Para prova dellas não duvida abonar escrituras apocrifas, epitafios inventados por noveleiros, e impostores, e se vale de argumentos, que elle mesmo saberia bem rebater, se o não affectasse a paixão Castelhana, e quizesse abraçar a opinião da legitimidade da dita Senhora. Ora eu passo a mostrar o pouco pezo, que tem os seus melhores argumentos; porque os outros por si mesmos se convencem.

Não

(1) De Probat. Concl. 901.

(2) Hispan Redin. tract. de Majestat. Princip. Valasc. Cons. 167. n.° 11. Com outros muitos Gabr. Roman. Com. Concl. Liv. I titulo de prob Concl. 2. n.° 18. e 19.

(3) DD. ad tx. in Cap Veniens de Testib. Farinac. de Testib. q. 64. Fragos. de Regim. Reip. Tom. I Livr. V. disp. 13. §. 4.

(4) Tom. I. das Rainhas Catholicas pag. 165. 167. 168. 181. e 217.

Não me quero lembrar dos que oppoz á opinião, que abraço, Pelicer seguido por Herreras, (1) Brito, (2) e Faria e Sousa; (3) porque os seus erros são taes, e tão palpaveis, que ao primeiro toque se dão a conhecer. Serem tres as filhas de D. Ximena Nunes, suppôr já casada a Sr.ª D. Teresa em 1077, querer que a gerasse D Affonso VI. no estado de solteiro antes de se recolher a Sahagun, presumir necessario hum anno depois da separação de D. Ximena, para casar com D. Constança: são argumentos, que não obrigão a lhes responder. Sandoval na obra muitas vezes apontada pag. 28 e 29, e Florez no mencionado tomo pag. 222. bastantemente os destroem. Os que estes respeitaveis Historiadores fórmão, por serem entre todos elles os de maior força, farão sómente o objecto das minhas reflexões.

O citado Sandoval sim confessa, que D. Affonso VI. quando lhe escreveo o S. P., já tinha tomado por mulher D. Ximena Nunes, reconhecendo nisto mesmo o seu casamento; porém que não apparecendo assignada como Rainha em alguma das escrituras daquelle tempo, se deve entender occulto o matrimonio. (4) Para dar força a este argumento, devia provar, que as Rainhas assignavão em todas as escrituras de doação naquella idade, e que achando-se algumas então feitas, nellas se não via o nome de D. Ximena; pois só destas premissas he, que póde sahir a sua conclusão; e como nenhuma dellas segura, he mal tirada, e nenhuma força tem de persuadir.

Os Reis não fazião doações todos os dias, e podia acontecer, que D. Affonso não fizesse alguma no tempo, que esteve casado com D. Ximena. O seu casamento só durou dous annos, conforme o mesmo Sandoval. (5) E que prova póde fazer, não se descobrir em tão pouco tempo al-

(1) Tom. V. pag 136.
(2) Monarch. Lusitan. Tom. II. Cap. fin.
(3) Epitome da Europa Portug. Tom. I. Cap. ultim.
(4) Nas Vidas dos cinco Reis de Leão pag. 50.
(5) No mesmo Tom. combinando o que diz a pag. 65. e 107.

alguma, que mostrasse o nome de D. Ximena? Se naquelles dous annos não fizesse D. Affonso VI. doação, o que bem poderia acontecer, como se pertende para prova do seu casamento querer que appareça alguma confirmada, e assignada por D. Ximena na qualidade de Rainha? Nem a conclusão se tira, nem o argumento colhe.

De mais: que o mesmo Sandoval nos dá a prova, que o destroe. Na grande doação, que D. Affonso VI., estando casado com D. Constança, fez á Igreja Metropolitana de Toledo em 1086, e elle exemplou, (1) não se vê assignada D. Constança, a que n se não nega a qualidade de Rainha. Se pois esta não assignou, que muito que não assignasse D. Ximena em alguma, que apparecesse do seu tempo? Porque a dita D. Constança não assignou naquella, duvidou alguem, de que fosse mulher legitima de D. Affonso VI., e Rainha de Leão? Se nenhum Historiador o tem duvidado, se o faltar ali a sua assignatura, não he prova de que fosse concubina, como o será a respeito de D. Ximena? Se Sandoval refletisse nesta doação, de que exemplou a escriptura, talvez se não lembrasse de hum tão futil argumento.

Pode ser, que refletisse na sua debilidade, quando referindo a carta do S. P. se refugiou da sua força á intelligencia, que lhe deo, (2) de ser dirigida para se não effeituar o casamento; porém este erro ainda he peior que o primeiro; por quanto nelle se contradiz a si proprio; e não o soffrem as expressas palavras da mesma carta *Connubio quod inisti*. Dellas se vê innegavelmente, que o casamento estava feito. O verbo *inisti* explica o preterito, e não o futuro. E eis-aqui, que valentia tem os argumentos do Exc.mo Sandoval. E quem não vê, que nada concluem, em nada provão a opinião do concubinato de D. Ximena Nunes, e da illegitimidade de sua filha a Sr.a D. Teresa? Pois os do R.mo P. M. Fr. Henrique Florez não tem forças maiores.

(1) Vidas dos cinco Reis de Leão pag. 75. verso.

(2) No mesmo Tom. pag. 50. = Porque siendo ella tal, y ya recebida por muger dura cosa era apartar-se della. =

O primeiro, que nos oppõe, combatendo aos nossos Barbosa, Resende, e Brandão, he a authoridade de mais de cem Escritores, que diz, seguem a opinião da illegitimidade da Sr.ª D. Teresa, a quem chama testemunhas de maior credito: (1) e este argumento he muito fraco para ajudar ao triunfo. A força de huma opinião consiste nas boas razões, nos fundamentos que a sustentão, e de nenhuma maneira em o numero dos que a seguem. Esta he huma regra, que deixou estabelecida, com principio de Direito, o Imperador Justiniano. (2)

O Bispo de Oviedo, e o Chronicon Floriacense virão separado D. Affonso de D. Ximena pelo impedimento Cannonico, com que tinhão contrahido o matrimonio, e como ainda nesse tempo não tinhão apparecido as decisões dos SS. PP. Alexandre III., e Celestino III., reputárão concubina a D. Ximena, e illegitimas a suas filhas. Assim persuadidos o escrevêrão; e porque nelles o achárão escrito, os que depois historiárão, assim mesmo prescindindo de maior exame, o forão escrevendo, semque huns, e outros se cançassem de buscar razões, e fundamentos capazes a persuadi-lo. Deste modo achou Flor. mais de cem AA., ou testemunhas da sua opinião. E poderá hum tal argumento enervar as solidas razões da legitimidade, tiradas da mesma carta de S. Gregorio VII., e das regras de Direito, que deixo ponderadas? Julgue o quem estiver livre de paixão, e sem estar prejudicado de huma nimia credulidade, que no meu conceito não tem força alguma.

Fórma outro de não succeder no Reino de Leão D. Elvira, filha mais velha de D. Ximena Nunes, ou seu filho D. Affonso Jordão, e subir ao Throno D. Urraca, ainda que mais moça, como filha de D. Constança; concluindo dahi a illegitimidade das filhas de D. Ximena Nunes. (3) Dar a razão, por que alguma cousa se não fez, só compete áquelle, que devia obrar, e não obrou. Ninguem se póde contem-

(1) Tom. I. das Rainhas Catholicas pag. 187. et seq.
(2) Tx. in Leg. 1. §. 6 lib. 1. tit. 17. Cod. de Veter. jur. enucliand.
(3) No sobredito Tom. pag. 205.

templar obrigado a mostrar, porque D. Elvira, ou seu filho não intentou succeder naquelle Reino, e se o pertendeo porque o não conseguio. Eu poderia perguntar ao R.mo Florez, porque não succedeo nos de Leão, e Castella D. Affonso filho de D. Fernando de Lacerda, e neto de D. Affonso X., e os occupou seu tio D. Sancho? Porque não herdou o de Portugal, ou a Sr.a D. Brites, ou algum de seus tios, D. João e D. Diniz filhos da Sr.a D. Ignez de Castro, e succedeo nelle o Sr. D. João I.? Dir-me-hia talvez, que a força, e vontade dos Grandes, e Povo, razões de Estado causárão essa mudança. Que achando-se dentro do Reino amados de todos D. Sancho, e o Sr. D. João I., prevalecêrão aos que estavão fóra: pois essa mesma resposta lhe posso eu dar no caso de D. Elvira, e de D. Urraca.

Accrescento a ella, que não estando naquelle tempo declarado pela Igreja, que devem reputar-se legitimos os filhos nascidos na figura do matrimonio, que se contrahio em boa fé, público, e sem contradição, facilmente reputarião aquelles Reinos illegitima a D. Elvira, para elevarem ao Throno, e sustentarem nelle a D. Urraca, e unindo se esta circumstancia ás outras, que já toquei, não deve ter nessa contemplação força o argumento contra a legitimidade da Sr.a D. Teresa, verificada por fundamentos mais substanciaes.

D. Urraca, como escrevêrão alguns AA., já estava casada com D. Affonso de Aragão, quando morreo o dito seu pai. (1) Outros dizem, que evadindo o Aragonez os Reinos, os Grandes a obrigárão a casar com elle, para evitarem a guerra. (2) Tal he a incerteza dos factos daquelle tempo. Fosse porém de hum, ou de outro modo, ella estava em Leão, ou Castella; os Grandes, e Povo querião-na Rainha; as suas forças unidas com as de Aragão, havião ser formidaveis ao pequeno Estado de D. Elvira, ou

(1) D. Rodrigo Arcebispo de Toledo Liv. VI. Cap. 34. Flor. Tom. I. das Rainhas Cathol. pag. 239, e 240.

(2) Bergança Hist. de Sahagun Tom. II. pag. 5. O mesmo Florez pag. 240.

de seu filho, e ainda a Portugal: que muito pois, que nestas circumstancias succedesse D. Urraca, e não D. Elvira, como em outro tempo succedérão D. Sancho, e o Sr. Rei D. João I.? Não se deixa bem ver a fraqueza deste argumento, que oppõe Flor.? Passemos a outro.

Atacado pelos nossos Historiadores, que sem perderem de vista a verdade da historia, se não esquecêrão do nome Portuguez, no reparo de que não havia memoria, se intitulassem na Hespanha Infantes, ou Rainhas os illegitimos, e que apparecendo muitas escripturas, em que a Sr.ª D. Teresa se intitula, ora Infante, ora Rainha, era isto huma evidente prova da sua legitimidade, responde, que até o tempo de ElRei D. Fernando II. tal estilo se não praticava, e que até ali indistinctamente se intitulavão assim huns, e outros. (1) Ora sendo este P. M. tão grande descobridor das antiguidades de Hespanha, he bem de notar, que não aponte algum exemplo para prova da resposta, que dá ao argumento dos nossos Historiadores. Para o devermos acreditar, havia produzir alguma escriptura, que assim o verificasse. Sem isto não tem jus ao nosso credito; porque a sua authoridade só não basta, para nos obrigar a presta-lo, como já mostrei. O Imperador Justiniano nos diz, que se deve envergonhar, o que falla sem Lei; isto he, sem legitima authoridade, que prove o que allega. (2) Como pois pertendeo o R.mo Flor. lhe acreditassemos a sua resposta, sem a provar por algum documento, quando a contradizem outros muitos? (3) Em não o produzir, nos dá a conhecer, que fantaziou sem fundamento, e lhe faltárão as armas, para rebater o argumento; ficando este com toda a sua força, fazendo nervosa prova da legitimidade da mãi illustrissima do Fundador da nossa Monarchia.

Ahi

(1) Tom. I. das Rainhas Catholicas pag. 207.

(2) Auth. Collat. 3 de Trient. tit. 5. Consideremus 5. ou Novell. 18. Cap. 5.

(3) Salaz. e Castr. Hist. Genealogic. da Casa de Lara Tom. III. Liv. 16. Cap. 2. Brand. Monarch. Lusit. Tom. III. Liv. 8. Cap. 12.

Ahi mesmo reputa adulação dos Portuguezes o titulo de Infante, e Rainha, com que se vê condecorada em muitas escripturas esta Senhora. Eu não me posso persuadir, que fugissem á sua prespicacia, as que produzio Sandoval na vida do Imperador D. Affonso VII., antes quero capacitar-me, de que se esqueceo da que refere, quando trata da Coroação, que se lhe fez na Igreja de Santa Maria de Regla, onde se lê, que entre outros grandes, concorreo áquelle acto D. Affonso Jordão, filho de D. Ramon, Conde de Tolosa, e da Infanta D. Elvira. (1) Este titulo, que ahi se dá á irmã mais velha da Sr.ª D. Teresa de pai e mãi, he dado pelos mesmos Castelhanos, e não pela adulação Portugueza. Elle só se dava ás legitimas, (2) e se bem Florez o contradiz, não prova o contrario: assim pois se está persuadindo que esse tratamento, dado sempre á dita Sr.ª, não provinha da adulação dos Portuguezes; poisque o mesmo davão naquelle tempo os Castelhanos a sua irmã: antes se conclue dahi mesmo, que se o Bispo de Oviedo, e Chronicon Floriacense as reputárão illegitimas, outros não só Portuguezes, mas tambem Castelhanos, então mesmo, as contemplavão legitimas naquelle tratamento, que lhes davão: e he desprezivel este argumento de Flor.

Não he mais nervoso, o que faz fundado na authoridade de Fr. Bernardo de Brito: de que as filhas legitimas, quando assignavão nas escripturas, declaravão pais, e mãis, e as illegitimas sómente os pais: concluindo, que a Sr.ª D. Tesesa, que só costumava declarar o pai, se reconhecia bastarda. (3) Não ha dúvida, que Brito assim o notou, como lembrança sua, para tirar a mesma illação, produzindo hum documento de doação, feita ao Mosteiro de Escalonça, em que se vê nomear a dita Sr.ª sómente a seu pai D. Affonso VI., quando sua irmã D. Urraca filha da Rainha D. Constança, e sua tia D. Elvira nomeão pai, e mãi

(1) Vida de D. Affonso VII Cap 8.
(2) Brand. Monarch. Luzit. Tom. III. Liv. 8. Cap. 12. Salazar na Casa de Lara Tom. III. Liv. 16. Cap 2
(3) Tom. I. das Rainhas Catholicas pag. 207.

mãi. (1) Ora eſte sabio Hiſtoriador pudéra advertir, que Brito não he, dos que merecem o maior credito, para não formar hum argumento sobre a sua palavra: mas o certo he, que algumas vezes a falta de boas armas faz aproveitar, as que se desprezarião em outras occasiões.

Eu não quero dizer, que o façanhoso Brito, habil em moldar subscripções, que authorizassem a sua opinião, (2) ou demaziadamente crédulo em adoptar documentos apocrifos, e fabulosos, (3) fingio aquelſas assignaturas, ou crêo de leve em algum papel falso, onde as lêo. Se assim o dissesse o Direito me abonava. (4) Ella póde ser irmã, da que o mesmo Brito pouco antes tinha referido, na qual se figura doando Cacia ao Abbade de Lorvão o Sr. Conde D. Henrique e a Sr.ª D. Teresa em o anno de 1076, anno, em que pelas reflexões, que faz o mesmo Flor., ainda eſta Sr.ª não era nascida. (5) Se nella reflectisse eſte Hiſtoriador, talvez não quizesse fundar o seu argumento na authoridade de Brito; porém nada diſto quero dizer, nem he necessario.

Concedida gratuitamente a verdadde daquelle documento, elle nada prova neſte assumpto á face da doação, que aponta Brandão, (A. de outro caracter) (6) feita por D. Raymundo de Galliza á Sé de Coimbra, na qual se vê confirmar D. Urraca sua mulher, que he a mesma irmã da Sr.ª D. Teresa, (que Brito diz assignada naquella escriptura)

(1) Monarchia Lusitana Tom. II. Liv. 7. Cap. 30: *Ego Urraca Adefonsi Serenissimi Regis, & Constantiæ Filia Conf. Tharesia Adefonsi Regis filia Confirm.*

(2) O Academico Manoel Pereira da Silva Leal, Noticias Academicas da Histor. Portug. Tom. III. Not. 15. pag. 95.

(3) Balusio Tom. I Collect. Concil. in aparat. = João Baptiſta Peres apud Harduinum Tom. I. edition. Concilior. Fr. Ant. Pag. in critic annal. Baron. Tom. II. an.º 411. an.º 18. = O mesmo Academico sup. ex fol. 215.

(4) Tx. in Reg. 8. de R. J. in 6.º

(5) Tom. I. das Rainhas Catholicas ex pag. 222.

(6) Monarch. Lusit. Tom III. Liv. 8. Cap. 7. *Ego Raymundus Dei gratia Comes ac totius Gallecia Dominus Conf. Ego Urraca Adefonsi Imp. filia Conf.*

ra) nomeando-se sómente filha de D. Affonso VI. Huns taes argumentos são incapazes de persuadir os homens sabios, prudentes, e desabuzados.

O mais forte, conforme parece no conceito de Flor; poisque tanto nelle insiste, he o epitafio, que diz achado no Mosteiro de Espinareda, em Bierco, sobre a sepultura de D. Ximena Nunes. Elle o exemplou na linguagem Castelhana, e tambem com os caracteres Goticos. ( ) Na verdade, que quando penso neste argumento, me faz dar baques na cabeça a consideração, de que hum homem tão affamado, como o R.^mo P. M. Fr. Henrique Florez, quizesse provar a sua opinião com hum epitafio; e ainda mais, pela quasi puerilidade de figurar, que a mesma D. Ximena Nunes he, que nelle fallava. (2) Se bem reconhecendo este erro o retractou, attribuindo a composição a algum dos Monges daquella casa. (3) Mas oh! quanto não tem cegado as paixões, até aos maiores homens! Quantas vezes não tem o timbre de sustentar huma opinião maculado o seu nome, o seu credito, a sua reputação!

Os epitafios nunca fizerão nem devem fazer, para os bons criticos prova segura. Elles são compostos, conforme a fantasia de quem os dicta, e a imagem, que nella lhe representa, ou o affecto, ou o desaffecto: tambem se fórmão algumas vezes muitos annos, e ainda seculos depois da morte daquelles, que lhe servem de objecto, ideados pela authoridade de Historiadores credulos de noticias vagas, ou fabulosas, pouco exactos, ou que não alcançárão as luzes da verdade. O que se lê no sepulchro do Sr. Conde D. Henrique na Sé de Braga, foi aberto por ordem do Arcebispo D. Diogo de Sousa em 1513, quatro seculos depois da sua morte. (4) O da Sr.ª D. Brites, mulher do Sr. D. Affonso III., que se vê na sua sepultura em o Real Mosteiro de Alcobaça, ainda se não tinha lavrado em 1630,

(1) Tom. I. das Rainhas Catholicas pag. 191. e pag. 199.
(2) Dito Tom. pag. 191.
(3) No mesmo Tom pag. 200.
(4) Brandão Monarch. Lusit. Tom. III. Liv. 8.° Cap. 29.

1630, quando escrevia Brandão a sua Monarchia, (como elle confessa) e se escreveo depois de tres seculos. (1)

Aindaque nada disto acontecesse naquelle epitafio, bastava ser, quem o compoz, da opinião, que fundárão o Bispo de Oviedo, e Chronicon Floriacense, para fazer nelle a D. Ximena Nunes barregã de D. Affonso VI. E póde elle servir de prova á mesma, que segue Florez, contradita por tantos outros, e pelos principios, que deixo ponderados? Quantos epitafios não impugna elle mesmo, ou por falsos, ou por conterem erro manifesto? não he elle, o que reconhece menos verdadeiro hum, dos que se abrírão a D. Isabel mulher do sebredito D. Affonso VI. em Leão, e Sahagun, fazendo-a sepultada em ambos os lugares? (2) Não nos diz elle mesmo, qne Samora, e Covarubias pertendem estar alli sepultada D. Sancha irmã de D. Affonso VII? (3) Não confessa, haver muitas inscripções apocrifas, duvidosas, ou fingidas? (4) Como pois nos quer dar como huma prova decisiva o epitafio de D. Ximena Nunes? Quem não sabe hoje, que o do Sr. Conde D. Henrique labora em erro crasso, reputando-o filho de ElRei de Hungria. (5) Que credito merece o de D. Rodrigo ultimo Rei dos Godos, que se diz achado em Viseu? Que fé se deve dar ao que se escreveo na sepultura do Infante D. Diniz, na Igreja da Sr.ª de Guadalupe, caracterizando-o de Rei de Portugal, que nunca foi (6)? Quem jurará sobre a dúvida do que se vê estampado no Real Mosteiro de Belém no sepulcro, que alli se fez ao Sr. Rei D. Sebastião mais de cem annos depois da sua morte, para negar alli a existencia do corpo daquelle Monharcha? Se pois são tantos os erros dos epitafios, como deveremos reputar verda-

(1) Hist. Geneal. da Casa. Real Portug. Tom. I. L. I. C. 16. pag. 172.

(2) Tom I. das Rainhas Catholicas pag. 181.

(3) No mesmo *Tom.* pag. 278.

(4) Hespanha Sagrada, Tom. XXIV. pag. 332.

(5) Brand. Monarch. Lusit. Tom. III. Liv. 8.º Cap. 29. *Deo Optimo Maximo. Domno Henrico Ungarorum Regis Filio Portugaliæ Comiti.*

(6) Talavera, e Fr. Francisco Brandão referidos por Sousa Hist. Genealog. da Casa Real Tom. XII. Liv. 13. Cap. 2.

dadeiro de D. Ximena Nunes? Longe de nós tanta credulidade. A tanto não nos obriga a fé, que devemos a hum bom Historiador.

O que eu penso, e talvez me não engane, he que o seu Author nada tinha de escrupuloso, e lhe faltava a virtude, que quiz suppor em D. Ximena Nunes, quando a figurou confessando tão publicamente a sua má vida. He bem provavel, que só tinha aquella que tiverão os Authores, que tão atrevidamente escrevêrão da Infanta a Senhora D. Branca, filha do Senhor Rei D. Affonso III., a quem outros convencêrão de maldizentes; (1) e a mesma com que escreveo Nebrixa da Rainha a Senhora D. Joanna, mulher de D. Henrique IV. de Castella, e irmã do Senhor D. Affonso V., a quem vindicárão os nossos Historiadores. (2) Persuado-me que a paixão Castelhana o authorizou para decidir por huma tal prova a questão, que até aqui não está averiguada.

Finalmente, com as authoridades do Arcebispo de Toledo D. Rodrigo, e do Bispo Tudense, que diz alcançárão o Reinado de D. Affonso IX., corrobora o R.mo Flores a sua opinião, discorrendo, que dando estes Prelados o titulo de Rainhas á Senhora D. Thereza, e D. Berenguela, não obstante serem separadas pela mesma causa que o foi D. Ximena, e tratando esta de concubina, se conclue, que não foi esta legitima mulher de D. Affonso VI., assim como o forão aquellas Senhoras de D. Affonso IX., nem Rainha como ellas o tinhão sido; pois se o fosse, lhe darião o mesmo tratamento. (3) Ora este argumento ainda tem menos valentia que os antecedentes.

O Arcebispo Toledano, e o Bispo Tudense escrevêrão na fé dos primeiros, que por serem coetaneos, ou mais chegados áquelle tempo, reputárão veridicos nos factos

(1) O Marquez de Montebello plana 32. Brandão Monarch. Lusit. tom. 4 liv. 15 cap. 28, e parte 6. liv. 18 cap. 38.

(2) Rezende, Goes, e Brandão dito cap. 28, que os refere.

(3) Tomo 1. das Rainhas Catholicas, pag. 223.

que referião. Não examinárão as razões: forão seguindo o que achárão escrito, assim como fizerão os que depois os seguírão a elles, sem reflexão, sem critica, sem maior exame. Os primeiros olhando para a separação, reputárão concubina a que não fôra casada conforme as determinações da Igreja, e separada por sua ordem; e alguma desculpa se lhe póde dar, por não ter ainda a mesma Igreja declarado este ponto: os segundos seguírão-lhe os passos, e assim forão caminhando os mais, todos com o mesmo erro.

Quando porém escrevêrão aquelles dous Prelados, já estava decidido pelos Santos Padres Alexandre III. em 1180, e Celestino III. em 1273, que não era illegitima a prole nascida na figura de matrimonio contrahido na boa fé, não obstante a separação dos Pais; e por conseguinte que era mulher legitima, e não concubina a separada, em quanto pela Sentença da Igreja não estava constituida em má fé; e seguindo esta decisão, necessariamente havião de reputar Rainhas áquellas Senhoras, e legitimos a seus filhos, por terem sido contrahidos seus casamentos sem contradicção da Igreja no seu principio, celebrados na sua face, e com boa fé presumida por Direito. O mesmo dirião de D. Ximena Nunes, se profundassem o facto da sua alliança com D. Affonso VI., e não escrevessem fiados nas palavras dos Historiadores, que lhes tinhão precedido, sem mais reflexão, ou exame. Eis-aqui as razões de differença, que se dão neste ultimo argumento de Flores, e que elle ou não quiz ver, ou fez que não entendia. Se outros fundamentos mais poderosos da illegitimidade da Senhora D. Thereza, Mãi Augustissima do Senhor Rei D. Affonso Henriques, se não descobrirem, com estes mal se sustenta.

Estas ponderações tem inspirado no meu limitado juizo as idéas da sua legitimidade. Se não parecerem bastantes a persuadirem-na, ao menos devem penetrar os bons Portuguezes, para conceituarem, que não he tão fundada a illegitimidade que alguns Historiadores lhe tem attribuido, que não possa fazer ponto de erudição o demonstra-la.

ME-

MEMORIA

Sobre dois antigos Mappas Geograficos do Infante D. Pedro, e do Cartorio de Alcobaça.

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS.

CAPITULO I.

Noticia dos dois Mappas.

OS ESTUDOS da Geografia e da Nautica, tendo começado de reviver no Seculo XV. em muitas partes da Europa, não deixárão tambem de excitar em Portugal a curiosidade de alguns dos nossos, para se darem aos conhecimentos destas sciencias, e formarem por elles Cartas Geograficas e Hydrograficas, ou procurarem have-las dos estranhos: desta nossa applicação scientifica naquelles tempos, bons testemunhos forão os dois Mappas, de que se falla em nossa Historia; hum do Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, e Regedor do Reino na menoridade do Senhor D. Affonso V., de que dizem se servíra seu irmão o Infante D. Henrique para seus gloriosos descobrimentos maritimos; e outro, que fôra do precioso Cartorio de Alcobaça, que veio ás mãos do infante D. Fernando, filho do Senhor Rei D. Manoel: e porque elles erão notaveis pelas augustas mãos em que estiverão, e pelas singulares demarcações que nelles vinhão, do Cabo da Boa Esperança, e de terra do Novo Mundo, antes dos descobrimentos de Bartholomeo Dias, e de Colom; entendemos ser materia curiosa e interessante, para della se fallar em beneficio de nossa Historia, dizendo alguma cousa da sua existencia e demarcações; e removendo, quanto em nós está, alguma dúvida, que póde haver nesta materia.

O primeiro Mappa, ou Carta Geografica, de que nossa Historia faz menção, he a que o Infante D. Pedro, depois de haver corrido muitas partidas, trouxe a este Reino, quando se recolheo de suas peregrinações e viagens; e communicou a seu irmão o Infante D. Henrique, para deste padrão se ajudar em seus descobrimentos: conjecturamos que o Infante o houve dos Venezianos, assim como delles recebeo, quando esteve em Veneza, o Livro das viagens á Asia do célebre Marco Paulo, ou Polo, que havia na Casa do Thesouro da mesma Cidade de Veneza.

Do presente deste Livro das Viagens, ou fosse o original, ou fosse copia, fez memoria Valentim Fernandes, ainda pouco conhecido entre nós, na Prefação da traducção e edição Portugueza deste mesmo Livro, estampado em Lisboa em 1502, de que possue hum raro exemplar a Real Bibliotheca de Lisboa. Não será inutil lançar aqui o passo, em que disto falla, que póde bem servir para fazer verosimil a nossa conjectura, e para mostrar ao mesmo tempo a occasião opportuna, que podia ter o Infante de haver aquelle Mappa.

» E no tempo, diz elle, que ho Infante dom Pe-
» dro de gloriosa memoria, uosso tyo, chegou a Vene-
» za. E depois das grandes festas e honrras, que lhe fo-
» rom feitas polas liberdades, que elles té nestes uossos
» regnos, como por ho elle merecer, lhe offerecerom em
» grande presente ho liuro de Marco Paulo, que se re-
» gesse per elle poys desejaua de ueer e andar pollo mun-
» do; do qual liuro dizé, que está na Torre do Tombo.
» sobre esto ouui dizer nesta uossa Cidade, que ho presen-
» te liuro hos Venezianos tiuerom escondido muitos an-
» nos na Casa do seu thesouro. » (1) Por esta maneira de

(1) Disto fez tambem memoria João Baptista Ramusio no seu Discurso sobre a primeira, e segunda Carta de André Corsali Florentino no tom. 1. da Collecção das Navegações, fol. 176 v. da terceira edição.

de fallar parece, que o Livro que derão ao Infante fôra o mesmo original de Marco Polo; e verosimil he, que por presente a tamanho Principe, lhe offertassem o original, e não a copia: e que cousa mais natural, dando-lhe os Venezianos o original ou a copia do Livro das Viagens de Marco Polo, que dar-lhe tambem ao mesmo tempo alguma Carta maritima notavel, qual era aquella, com que muito accrescentassem o valor de seu precioso donativo?

Deste Mappa do Infante nos deixou noticia Antonio Galvão, escritor do Seculo XVI., pessoa de muita curiosidade, e conhecimento de nossa Historia, e de grande authoridade e representação entre os nossos, assim por suas grandiosas victorias no Oriente, sendo Capitão das Ilhas Molucas, e Governador de Ternate; como por sua muita religião e piedade: bem louvado por isso de Castanheda, de Barros, de Couto, de Lucena, e de outros muitos, que refere o Abbade Barbosa, que justamente o intitulou *Insigne Capitão, e zeloso Apostolo das Molucas*: (1) o que tudo são titulos, que affianção o conceito de sua intelligencia, e veracidade.

Este Author faz memoria deste Mappa, não em huma obra alhêa de seu assumpto, ou em hum lugar fugitivo, mas em hum Tratado, em que escreveo de profissão dos descobrimentos dos novos mares, e terras; para o que vio muitos papeis antigos, e houve grande somma de noticias, que pôde adquirir de muitas partes, e acaso de seu avô Rui Galvão, Secretario do Senhor Rei D. Affonso V., e de seu pai o Chronista Duarte Galvão: nelle refere como o Infante D. Henrique se havia aproveitado deste padrão. A mesma noticia continuou em o Doutor Gaspar Fructuoso, Insulano, escritor do mesmo Seculo, nas *Saudades da Terra*, obra manuscripta, em que trata dos descobrimentos das Ilhas, de que existe hum exemplar na Real Bibliotheca de Lisboa; e depois em Manoel de Faria na

E

(1) Biblioth. Lusit. tom. 1. pag. 284, e tom. 2. pag. 271.

Europa Portugueza no Tom. II. P. III. Cap. IV., e no *Epitome* P. III. Cap. XIV., e no Padre Cordeiro, natural das Ilhas, na sua *Historia Insulana* no Liv. IV. Cap. I.

O segundo Mappa, de que tambem fazem menção nossos Livros, he o que existio no Cartorio do Real Mosteiro de Alcobaça, tão rico em tempos passados de manuscriptos preciosos, quanto depois malfadado pelos descaminhos que teve de muitos de seus livros, e papeis. Este Mappa passou daquelle Archivo, não sabemos por que causa, ás mãos do Infante D. Fernando, filho do Senhor Rei D. Manoel, Duque da Guarda e de Trancoso, e Marquez de Marialva, que o tinha no anno de 1528, e dizia-se, que havia então mais de cento e vinte annos que era feito, vindo por conseguinte a entestar pouco mais ou menos com os annos de 1408.

Da exiſtencia deſte Mappa tambem se não póde duvidar, considerada a boa fé e intelligencia das pessoas que figurão neste facto: foi huma dellas o mesmo Infante D. Fernando, que sobre a authoridade de sua pessoa, porque nos merece todo o respeito e attenção, tinha os creditos de sabio, e de virtuoso; porque era, como escreve Maris, *homem de muita opinião, muito verdadeiro no que tratava, e fallava; muito inclinado a letras, e dado ao estudo das Historias verdadeiras, e inimigo das fabulosas*, (1) ou como o sabio Bispo Jeronymo Osorio o caracteriza: *Antiquitate pervestiganda valde curiosus*: (2) e a tal ponto, que despendeo grandes sommas de dinheiro em haver huma rica collecção de livros, e manuscriptos, que lhe ajuntou e trouxe de Flandres o sabio Damião de Goes: elle vinculava com estes estudos, segundo o dito do mesmo Osorio, mui altas virtudes, dignas de hum Principe: *Multisque virtutibus loco illo dignis*; (3) e era mui particularmente louvado de *animo sin-*

(1) Dialogo IV. Cap. 21.
(2) De Reb. gestis Emman. Lib. V.
(3) No mesmo Livro V.

sincero, como o apregoa Faria. (1) Este Principe pois foi o que vio este Mappa, havido do Cartorio de Alcobaça, e o teve em seu poder, e o mostrou como cousa notavel a Francisco de Sousa Tavares. (2)

Foi Francisco de Sousa outra testemunha da existencia daquelle Mappa: era este varão tambem digno de toda a fé, pela qualidade de sua pessoa; por erudito e sabio, como mostrão suas obras; e por huma solida piedade, que depois de muitos, e espantosos triunfos no Malabar, o levou para os claustros religiosos, aonde acabou santamente; chamando-lhe com razão o Abbade Barbosa *Exemplar de proesas militares, e de acções virtuosas.* (3) Este pois vio aquelle Mappa nas mesmas mãos do Infante, e assim o asseverou como testemunha ocular a Antonio Galvão. (4)

Deste ultimo já nós acima dissemos, que homem era, e quão digno de fé; e este attesta expressamente de assim lho ter ouvido; confirmando-se a verdade desta asserção até com a singularidade de ser o mesmo Tavares, seu Testamenteiro, o editor da mesma obra dos seus descobrimentos, em que se acha esta memoria; que por isso mesmo vem este testemunho a ser, não já simples depoimento d'ouvida de Galvão, mas sim ocular do mesmo Tavares, que publicando aquella obra, e não retractando ou impugnando aquelle facto, fez sua a allegação, que delle fizera aquelle Author. (5) Esta noticia do Mappa con-



(1) Eur Port. Tom. II P. IV. C I. §. 113.
(2) Veja-se Antonio Galvão no Tratado dos Descobrimentos p. 22.
(3) Biblioth. Lusit Tom II pag. 271.
(4) No mesmo Tratado de Galvão.
(5) Eis-aqui o lugar de Galvão: « Francisco de Sousa Tavares » me disse, que no anno de 528 o Infante D. Fernando lhe mos» trára hum Mappa, que se achára no Cartorio d'Alcobaça, que ha» via mais de cento e vinte annos que era feito, o qual tinha to» da a navegação da India, com o Cabo da Boa Esperança, como » os d'agora (no Tratado dos Descobrimentos antigos e modernos » pag. 22.) »

continuou em tradição nas obras de Cordeiro, e de Faria. (1)

Ignoramos se estes Mappas erão originaes, ou copias; e aonde forão delineados; e por quem; o que parece he, que não erão copia hum do outro, pois que não combinão entre si em ambas as demarcações; e demais, feita a conta, o de Alcobaça existia já em 1408, e por tanto he anterior muitos annos ao do Infante D. Pedro, que só podia vir com elle a Portugal em 1438, quando se restituio a este Reino, e teria sido talvez feito muito antes; e por isso não podia ter sido copiado do que trouxe o Infante: igualmente nem este podia ser copia, que se tirasse do de Alcobaca, pois que consta que o trouxera o Infante de fóra, tendo-o adquirido em suas peregrinações. (2)

Suspeitámos em outro tempo, que o Mappamundo de Alcobaça seria o que havia feito o famoso Cosmografo Fr. Mauro, Monge Camaldulense do Mosteiro de São Miguel de Murano junto a Veneza, e lhe fôra encomendado em 1457 por ordem da nossa Corte, e remettido a Lisboa por Estevão Trevizano, ou Tervigiani, que correo com as despezas, do que adiante fallaremos; seguindo nisto o dito de Marcos Foscarini, Doge que foi de Veneza, na *Litteratura Veneziana* no Livro da Historia Forasteira em a nota num. 273 pag. 420, e a M. d'Ause de Villoison no Extracto da sua Carta ao Conde Carli, tom. 11. das *Cartas Americ.* pag. 521. Com tudo o Mappa de Fr. Mauro foi remettido em 1459, como consta da Relação do estado das rendas e despezas daquelle Mosteiro, que he da mão de Maffei Girard, Abbade, que delle foi; (3) por tanto não podia ser o de Alcobaça, porque ain-

(1) Differem estes dois de Galvão em fazerem o Mappa ainda mais antigo, porque Cordeiro o põe 170 annos antes, isto he, em 1358; e Faria em 1380.

(2) Donde se ha de corrigir o pensamento de Cordeiro, que entende que o Mappa de Alcobaça devia ser copia do outro do Infante D. Pedro.

(3) Existe ainda no Cartorio daquelle Mosteiro, Cart. 308. t. ms. num. 223, referido pelo mesmo Foscarini em a sobredita nota num. 273.

ainda que este foi visto em 1528, todavia dizia-se feito cento e vinte annos antes, isto he em 1408, segundo refere Antonio Galvão, e assim muito anterior ao de Fr. Mauro, salvo se ha engano na conta da antiguidade do de Alcobaça.

CAPITULO II.

Demarcações singulares que havia nos dois Mappas.

O Mappa do Infante D. Pedro tinha delineado todo o ambito da Terra, o Cabo da Boa Esperança com a denominação de Fronteira de Africa, e tambem o Estreito, que depois se chamou de Magalhães, com a denominação de Cola do Dragão: assim o referem os já citados Authores Antonio Galvão, (1) Gaspar Fructuoso, (2) o Padre Cordeiro, (3) e Manoel de Faria. (4)

O segundo Mappa, que foi o que depois teve o Infante D. Fernando, pertencente ao Cartorio de Alcobaça, continha a navegação da India, tambem com o Cabo da Boa Esperança: o que recontão igualmente os mesmos quatro Escritores nossos, que fallárão do primeiro. (5)

He necessario confessar, que causa espanto a novidade de se acharem entre nós, em huma semelhante epoca, Mappas com as demarcações do Cabo da Boa Esperança, e do Estreito de Magalhães; mas tambem se deve assentar, segundo todo o bom discurso, que com ellas serem extraordinarias e novas naquella idade, nem por is-

(1) No *Tratado dos Descobrimentos*, Cap. 10. pag. 22.

(2) Na obra manuscripta *Saudades da Terra.* (na Real Bibliotheca de Lisboa)

(3) Na *Historia Insulana*, Liv. IV. Cap. I pag. 97.

(4) Na *Europa Portugueza*, Tom. II. Tit. III. Cap. IV., e na *Epitome* P. III. Cap. XIV.

(5) Nos lugares acima citados.

isso se hão de haver logo por cousa impossivel ou incrivel, menos que não concorra huma razão sufficiente e decisiva, que se opponha inteiramente ao facto: porquanto nem se póde haver por impossivel naquelles tempos, postos os mesmos dados e circumstancias, o que se vio que foi possivel em tempos posteriores; nem se póde haver por inverosimil, o que, tendo possibilidade de se fazer, se acha attestado por pessoas fidedignas, que se fez.

Reduz-se pois a questão ou problema a saber se erão possiveis e verosimeis naquelle tempo as sobreditas demarcações daquelles Mappas; e no caso que o fossem, se a navegação Portugueza ficou com isso perdendo alguma parte da sua originalidade? Seja-nos dado correr hum pouco com a penna sobre este assumpto, com a liberdade que pedem as indagações liberaes e scientificas, sem a mais leve offensa das opiniões de homens sabios, e muito mais instruidos do que nós, que se não ajustem com a nossa maneira de pensar; as quaes sempre profundamente respeitaremos, ainda quando as não sigamos.

Como esta materia he bastante vasta, e merece ser tratada com alguma extensão, fallaremos por ora tão sómente no que diz respeito á demarcação do Cabo da Boa Esperança, que tem hum nexo mais immediato com a Historia de Portugal.

CAPITULO III.

Da verosimilhança ou veracidade dos dois Mappas pelo exemplo de outros semelhantes fóra do Reino.

OFFERECE, como diziamos, razão de duvidar da autenticidade, ou veracidade destes Mappas, a notavel demarcação que se achava nelles do Promontorio, que se chamou Cabo das Tormentas, e depois da Boa Esperança, e isto antes dos famosos descobrimentos de Bartho-

lo-

lomeo Dias, e de Vasco da Gama; porém não era sómente nelles que este Cabo estava demarcado: he hoje reconhecida a existencia de outros Mappas e Planisferios, achados em outras partes, e anteriores ou coevos com os nossos, e a elles semelhantes. Nós os registaremos individualmente, para que a existencia e genuidade de huns, faça acreditar a existencia e genuidade dos outros, e dissipar a idéa de singularidade, e toda a estranheza e suspeição que della vinha. São quatro os Mappas ou Planisferios, que se podem apresentar para exemplo.

O primeiro he o Planisferio do Venesiano Marin Sanudo, ou Sanuto, chamado Torselio (que escreveo das praticas maritimas anteriores ao Seculo XIV.) feito pelos annos pouco mais ou menos de 1300, que vem inserto no principio da sua obra intitulada *Liber secretorum fidelium Crucis*, que se segue a outra *Gesta Dei per Francos*, da Collecção de Bongarfio no Tom. I.: nelle se vê aquella ponta, e extremo Promontorio de Africa, e a circumferencia maritima do Continente pela juncção do Mar Atlantico com o Mar Indico.

O segundo monumento he o outro famoso Mappa, ou Planisferio, que se conserva ainda hoje em o Mosteiro de S. Miguel de Murano, da Ordem dos Camaldulenses, junto a Veneza; que parece ser de 1380, e se dizia ser copia de hum primeiro de Marco Polo. Este Mappa he o mesmo, de que falla João Baptista Ramusio, Escritor do Seculo XVI., nas suas Declarações sobre os livros do mesmo Marco Polo. Elle attesta, que sendo moço, ouvíra muitas vezes ao douto Paulo Orlandino de Florença, excellente Cosmografo, e muito seu amigo, que era Prior do Mosteiro de S. Miguel de Murano, contar algumas cousas singulares de Marco Polo, ouvidas aos seus Frades velhos; e entre estas a d'aquelle Mappa antigo, delineado em carta de pergaminho, o qual primeiro fôra de hum antigo converso daquelle Mosteiro, que sobremaneira se deleitava com os estudos da Cosmografia; e fôra exactamente copiado de huma bellissima e antiga Carta

maritima, e de hum Mappamundo, que havião trazido de Cathaio os viajantes Marco Polo, e seu pai; o qual sendo confrontado com as cousas que o primeiro destes escreveo nos seus livros das Viajens, se achou que combinava em tudo com ellas; e accrescenta, que este Mappa existia ainda em seus dias, e se mostrava aos forasteiros curiosos, entre as muitas outras peças de raridade que hião ver naquella casa.

Neste Mappa assevera Ramusio « que se continhão » muitas cousas singulares, não sabidas ainda então, e » pelo menos dos antigos como erão as partes para o » Antartico, que Ptolomeo e todos os outros Cosmogra- » fos fazião terra incognita, e sem mar; e que neste Map- » pa de Murano, feito havia tantos annos, se via o mar » cercando a Africa; e que se podia navegar para o poen- » te, e que no tempo de Marco Polo se sabia já, que » áquelle Cabo se não tinha dado algum nome, qual de- » pois lhe derão os Portuguezes por 1500, chamando-lhe » Cabo da Boa Esperança; e que alli se via perto a Ilha » de Magastor, ou de S. Lourenço, e a de Zinzibar. (1)

Depois do antigo testemunho de Ramusio, assentemos aqui

(1) Pomos aqui o lugar original de Ramusio, por mais authorisar o que dizemos: « Vi si comprendono per ció di molto belle et » digne particularitá, non sepute anchora, ne conosciute, meno dagli » antiche... Verso l'Antartico, que Tolomeo et tulti gli altri Cos- » mografi mettono terra incognita, senza mari: in questo di San » Michele di Murano, gia tanti anni fatto, si vede ch'el mare cir- » conda l'Africa, et che vi si puo navicare verso ponente; il che » al tempo di Messer Marco si sapeva anchor, che aquel Capo non » vi sia posto nome alcuno, qual fu per Portughesi poi a nostri » tempi l'anno 1500 chiamato di Buona Speranza. Vi si vede appresso » l'Isola di Magastor, hora detta di San Lorenzo, et quella di Zin- » zibar: della quali Messer Marco parla ne Capitoli 35 et 36 del » terzo libro et molte altre particularitá nelli nomi dell'Isole Orien- » tali, che depoi per Portugheusi a tempi nostri sono stati scoper- » te. » (Dichiaratione d'alcuni Luogi ne libri di Marco Polo fol 17 §. Resta ch'io dica anchora Vem na Espositione di M. Gio Battista Ramusio no principio do segundo volume da Collecção das Navegações e Viagens.)

aqui o de hum moderno, Domingos Alberto Azuni, douto Escritor do Direito Maritimo e da Bussola, que vio o mesmo Mappa: elle assevera tambem, que nelle se achava « a ponta de Africa, representada em fórma de » huma Ilha separada do Continente, como por hum gran» de rio, com o nome do Diabo. » (1)

O terceiro monumento he o Planisferio de 1436 conservado na Bibliotheca de S. Marcos de Veneza; no qual se acha demarcado o mesmo Promontorio. Formaleoni o publicou no seu *Ensayo sobre a antiga Nautica dos Venezianos*: não podémos ver esta obra, mas della falla e attesta o douto Marcos Foscarini, Doge de Veneza, na sua *Litteratura Veneziana* pag. 437. Este he o mesmo, que vio Mr. d'Anse Willoison, Membro da Academia Real das Inscripções e Bellas Letras de París, no manuscripto num. 76 daquella Bibliotheca, composto de dez folhas, e desenhado com muita exacção por Andre Biancho de Veneza. (Extracto de sua Carta em o Tom. II. das *Cartas Americanas* de D. João Rinaldi Condi Carli) Este Planisferio he tambem o mesmo, que diz Domingos Alberto Azuni existir no Thesouro de S. Marco de Veneza. (*Dissert. sobre a Origem da Bussola.* París 1806. Art. III. pag. 88.) Lê-se na primeira pagina o nome de seu Author, e a data do anno em que foi feito, com estas palavras: *Andreas Biancho de Venetiis me fecit* MCCCCXXXVI. (2)

O

(1) Dissert. sur l'origine de la Bussole. Paris 1805 Art. III. p. 96 e 70.

(2) He de advertir que M. Willoison nota nelle, não o Promontorio, mas sómente a Ilha Antilha, como cousa que mais o espantou, e isto por ser terra da America, de que sempre correo por certo, que foi Colom muitos annos depois o seu primeiro descobridor: não se admirou porém da demarcação do Promontorio de Africa, porque por ventura pelas noticias que teria dos Venezianos, ou de seus Planisferios, o haveria por descuberto e já sabido, e por isso delle não fallou. Com tudo Foscarini muito antes de Willoison o notou como demarcado naquelle Mappa.

O quarto monumento he o outro grande Planisferio de 1449, feito pelo insigne Cosmografo Fr. Mauro, Camaldulense do Convento de S. Miguel de Murano de Veneza, que ainda se conserva na sua Bibliotheca: nelle se diz estar sinalada não só a Costa da Ethiopia Occidental, e ainda mais exactamente do que nas Taboas de Ptolomeo, conformando-se mais com a posição daquella Costa ao que della disserão os nossos navegadores; mas tambem o Cabo da Boa Esperança, que alli se chama Cabo de Satanaz ou do Diabo, e a Ilha de Madagascar; e isto antes do nosso descobrimento, como se vê do anno: o qual Planisferio contém varias noticias, que acompanhão a cada huma das suas folhas. Attesta delle, e de sua demarcação o já citado Foscarini, testemunha ocular, na *Litteratura Veneziana*, na Historia Forasteira Liv. IV. pag. 419, no Texto e nas Notas. (1)

Se

(1) Dizemos, que no Planisferio vem a Ethiopia *Occidental*, porque assim o attesta o mesmo Foscarini, que o vio, e não *Oriental*, como por equivocação se escreveo na Carta de M. d'Ansse de Willoison, extractada no fim do Tom. II. das *Cartas Americanas* do Conde Carli. Dizemos tambem, que parece que se conformou com as noticias dos descobrimentos que os nossos já tinhão feito, porque de Foscarini se colhe, que trazia lugares, que já então se achavão descubertos por nossas navegações. E por certo que já naquella Carta podião vir demarcadas terras de nossos descobrimentos, que começarão em 1412: assim como já vem na Carta maritima do Malhorquino Gabriel de Valseca de 1439 todos os que se tinhão até então feito pelo nosso Infante, do que já fallámos em nossa Memoria sobre os Mathematicos de Portugal.

Outro Planisferio a este semelhante, e com a mesma demarcação formou o mesmo Fr. Mauro por ordem do Sr. Rei D. Affonso V. (e não IV. como alguns escrevêrão) provavelmente a instancias do Infante D. Henrique, o qual foi remettido a Lisboa em 1459 por Estevão Trevisano, que foi o que correo com a despeza da obra, do que se faz menção no Livro em folio do Registo do mesmo Convento de Murano, em que se acha desde 1457 a conta notada pela letra de Maffei Gerardo, Abbade desde 1448, e depois Patriarca de Veneza em 1466, e Cardeal em 1489 Donde forão dois os Planisferios de Fr. Mauro; o primeiro, que ainda existe na Bibliotheca do Convento de S. Miguel de Murano, e o segundo, que elle fez para a nossa Corte.

Se pois em Veneza existião, desde os annos de 1300 até 1449, Mappas e Planisferios com demarcações da extrema ponta, ou Promontorio de Africa, como estes que temos allegado, e talvez outros; que muito he que houvessem alguns semelhantes em Portugal por 1408, em que se diz existia o de Alcobaça; e por 1438, em que o Infante se recolheo a este Reino: fossem elles vindos, como parece, daquelle paiz, com o qual tinhamos então mui grande trato de Commercio maritimo, fossem havidos de outras partes? A correspondencia, que então tinhão os Mosteiros das Ordens Monachaes de Portugal com os da Italia, e particularmente de Veneza, cujos naturaes frequentavão muito estes Reinos, podia bem abrir caminho á acquisição daquelles Mappas. De tudo isto pois se vê, que sendo o primeiro documento de 1300 pouco mais ou menos, o segundo de Marco Polo de 1380, o terceiro de 1436, e o quarto de 1449, (sem se fallar da sua copia de 1458 ou 1459) veio consequentemente a haver algum conhecimento daquelle famoso Promontorio Austral de Africa muito antes do descobrimento de Bartholomeo Dias em 1486, e da passagem do Gama em 1497.

Se pois a crítica não tem fundamento bastante para condemnar como apocryfos todos estes documentos, sem cahir em hum intoleravel scepticismo; e se por outra parte temos provas irrefragaveis em abono da originalidade dos nossos descobrimentos, examinemos como estes dois factos, que á primeira vista parecem contradictorios, pódem com tudo conciliar-se, ou (o que he o mesmo) como o Cabo da Boa Esperança podia vir demarcado nestes Mappas antes de elle realmente se haver descoberto.

C A-

Deste segundo faz tambem memoria Foscarini na *Litteratura Veneziana* pag. 419: D. João Rinaldi Conde Carli no Tom. II. das suas *Cartas Americanas.* Cart. XLIII. pag. 341, 343, aonde já remette para o Tomo III. da sua obra das Moedas de Italia.

CAPITULO IV.

Da possibilidade dos meios que haveria para se formar a demarcação do Cabo da Boa Esperança nos dois Mappas.

Os Geografos da Antiguidade dividírão-se em duas opiniões a respeito da configuração do Oceano Athlantico: huns com Hipparco de Nicea reputavão (como diremos em outro lugar) este grande ajuntamento de Aguas sem communicação alguma com os outros Mares, e formando hum grande lago. Outros porém (e em muito maior numero) adoptárão o systema da juncção do Mar Atlantico com o Indico, e a circumferencia maritima da Africa. Estes com effeito forão os sentimentos dos que abraçárão a opinião da immensidade e unidade do Oceano, como Erodoto, (1) Crates, (2) Eratosthenes, (3) Arato, (4) Cleanthes, (5) Possidonio, (6) Cleomedes, (7) Arriano, (8) Strabão, (9) Mela, (10) Macrobio, (11) e Santo Isidoro. (12)

Mais facilmente podia assim imaginar quem tivesse lido particularmente o Periplo do Mar Erithreo, aonde tratando-se dos tres Cabos, ou Promontorios Septemtrionaes da

(1) Lib. IV. Melpomene.
(2) Elementa Astror. de Gemino Cap. 13 na Uranologia pag. 31; e em Strabão Lib. I. n. 31.
(3) Em Strabão Lib. XVII. pag. 825.
(4) Phænom. v. 537.
(5) Element. Astror. de Gemino pag. 19 na Uranolog. pag. 31.
(6) Em Strabão.
(7) Meteor. Lib. I. pag. 33.
(8) Periplo attribuido a Arriano.
(9) Lib. I pag. 33, e 34; Lib II. pag. 150; e Lib. XVII. pag. 825.
(10) De situ orbis Lib. II. Cap. 9. pag. 15.
(11) Somn. Scipion Lib. 2. Cap. 9. pag. 150.
(12) Origin. Lib. XIV. Cap. 5.

da Africa Oriental; que erão o dos Aromatas (hoje Guardafui, á entrada do Mar Roxo; o Rapho junto de Melinde; e o Prasso (hoje o Cabo Delgado); se dizia, que junto deste ultimo voltava a Costa para Oeste, cercando-a o Oceano pelo Meio-Dia, e formando hum mesmo mar com o Mar Occidental.

Se pois o Oceano cercava a grande Peninsula da Africa, e a Costa Oriental desta voltava para Oeste, havia necessariamente terminar em huma frente mais ou menos extensa; e ainda que se não podesse então dizer propriamente qual fosse a sua configuração, devia parecer provavel que fosse em ponta, pela analogia da configuração das outras Peninsulas, (1) pela acção das Aguas sobre o continente que separava os dois mares, e finalmente pela Costa que cada vez se recolhia mais para o Sul.

Esta conjectura adquirio ainda maior consistencia quando os lados Oriental, e Occidental da Africa forão mais conhecidos. Em quanto ao Oriental, he hoje constante que os Asiaticos, e maiormente os Chins, Persios, Malayos, e Arabes Indiaticos costumavão navegar por elle, alcançando assim noticias mais individuaes da sua direcção, as quaes podião bem communicar aos Europeos, principalmente nos tempos das Cruzadas, e expedições para a Asia; onde a guerra, e a curiosidade levou muita gente, e dêo occasião a famozas viajens nos tres Seculos XI., XII., e XIII. (2) He ao menos certo, que então foi frequente a navegação de muitos navios, e marinheiros de França, Genova, Piza, e Veneza, que atravessárão o Mediterraneo e o Archipelago para a Palestina, e que esta communi-

(1) Taes como a grande Peninsula da India, a da Aurea Chersoneso, os differentes Promontorios do Peloponnesso, a Chersoneso de Thracia, a Italia, e muitas outras.

(2) Taes como as que fizerão Beijamim de Tudella, João de Plan, Carpin, N. Asselin, Guilherme de Rubruquir, Marco Polo, ou Paulo Veneto, Hayton Armenio, João de Mandeville, Antonio Conti, e outros que corrêrão terras de Asia e Africa.

cação entre os Europeos, e os Orientaes subministrou novos, e importantes conhecimentos da Navegação.

Os Povos porém, que podião dar mais exacta relação desta Costa Oriental, erão os Mouros, que por tanto tempo forão senhores exclusivos do seu commercio, e que alli achámos já estabelecidos em todos os Portos e Ilhas principaes, começando de Çofalla. Navegavão estes Mouros até áquella Cidade, e ainda mesmo até ao Cabo das Correntes, sem que se abalançassem a mais, pois, como diz Barros, (1) não ousavão commetter o descobrimento da terra, que jaz ao Poente do Cabo das Correntes, posto que muito o desejassem, como elles confessavão; sendo causa disto navegarem aquelles Mouros da Costa de Zanguebar « em náos, e zambucos coseitos com cairo, sem se» rem pregadiças ao modo das nossas, pera poderem so» frer o impeto dos mares frios da terra do Cabo da Boa » Esperança » O mesmo se lê em Marco Polo no Liv. I. Cap. 16. á respeito das náos de Ormuz, onde dá a mesma razão, como se póde ver em Ramusio vol. 2.

Ora estas navegações dos Mouros, que não passavão do Cabo das correntes « pela experiencia que já tinhão em » algumas náos perdidas, que se esgarravão contra aquel» la parte do Oceano Occidental » (2) podia talvez darlhe indicios de que alli terminava o territorio Africano; e tanto mais, que alguns marinheiros que escapassem destes naufragios, podião dar noticias do modo por que a Costa se recolhe até á Bahia de Lourenço Marques, que realmente he tál, que a outros ainda mais peritos podia causar o mesmo engano.

Que os Europeos recebessem estas noções dos Mouros, he facil de provar; porque sendo estes os que trazião todas as mercadorias Indianas, e da Costa Oriental de Africa pelo Mar Roxo, e escala de Alexandria, era alli que os Venezianos as recebião, e procuravão todas as maneiras de se instruir a respeito dos Paizes d'onde ellas vinhão;

(1) Barros Decad. 1.ª Liv. 8. Cap. 4.
(2) Barros ibid.

nhão; o que he tanto mais verosimil, que nas mãos destes Venezianos he que se achárão quasi todos aquelles primeiros Mappas, com demarcações semelhantes ás dos dois Portuguezes, que provavelmente tambem de lá vierão; sendo estas tiradas das informações daquelles commerciantes Mouros, que só lhas podião dar do destricto até onde tinhão penetrado.

Para tornar de todo evidente, que as demarcações destes Mappas não podião passar muito adiante do dito Cabo das Correntes, o qual se devia então reputar nos confins da Africa, examinemos as inscripções de cada hum delles, e seja o primeiro o do Infante D. Pedro. Tinha este debuxado hum Cabo com a denominação de *Fronteira d'Africa*; mas a palavra *Fronteira* he synonima de limite, e por conseguinte não se podia determinar por hum modo mais vago os confins de huma Região, doque dando-lhe aquelle nome; pois tanto se póde chamar Fronteira d'Africa o Cabo da Boa Esperança, como Fronteira da Europa a Costa de Portugal e Galliza. ¿Não parece pois este nome posto por quem absolutamente ignorava que cousa era o Cabo de Africa, e traçava conjecturalmente a extremidade daquella Região?

No Planisferio de 1380 de Marco Polo vê-se o mar cercando a Africa, a cuja extremidade segundo Ramusio, ainda se não tinha posto nome algum; e proxima a esta estava a Ilha de Magastor, e a de Zinzibar. Se pois Madagascar, e Zinzibar estavão perto desta supposta extremidade de Africa, he claro que nunca isto se podia entender do Cabo da Boa Esperança, que dista algumas 400 legoas desta Ilha, e cousa de 200 daquella; mas com mais razão se podia referir ao Cabo das Correntes, e suas vizinhanças, que com effeito estão proximas, e defronte da mesma Ilha de Madagascar.

O que Azuni diz a este respeito corrobora a nossa asserção. A ponta da Africa, segundo elle, estava separada do Continente, em fórma de Ilha, pelo grande rio do Diabo; e no Planisferio de Fr. Mauro tambem se vê hum

Cabo com o nome de Cabo de Satanaz, e a Ilha de Magastor: o que prova que esta Ilha era a mesma de que falla o douto Italiano, pois ainda se não conheceo outra, mais ao Sul daquelles mares. Isto posto, fica obvio o motivo da denominação do Rio de Satanaz que a separa do Continente, o qual não póde ser outra cousa senão o Canal de Mossambique (bastante estreito na sua embocadura entre o Cabo de Santo André, e a Costa sua fronteira) e que pela rapidez das suas aguas, e frequentes desastres que occasionava dava bastantes motivos para aquelle nome, como se póde ver em Barros Decada 1.ª L. 8. c. 4.

De quanto até aqui temos dito se colhe, que bastavão as noticias da Costa Oriental da Africa para dar noções, ainda que pouco exactas, do Cabo da Boa Esperança, e para este vir demarcado conjecturalmente nas Cartas daquelles tempos: adiantemos agora em nossa carreira, e mostremos como a configuração da Africa podia tambem vir por noticias, ou raciocinios fundados nas viajens dos Europeos ao longo da sua Costa Occidental.

Com effeito achamos que pelos mares da Costa Occidental, nos ultimos tempos anteriores ás nossas emprezas, navegárão os Guipuzcoanos e Biscainhos, no Reinado de Henrique III. de Castella, e descobrírão em o anno de 1393 as Ilhas Canarias, que parece forão as Fortunatas dos Antigos, e as primeiras que se achárão fóra das columnas de Hercules; e que o Biscainho Alonso de Mugica em companhia de Pedro, ou Miguel Andaluz, ou Soriano, acabou a sua conquista. (1) Achamos tambem que os Povos que sahírão do centro da Norwegia, ou Scandinavia, e que se estabelecêrão na Normandia, e principalmente em Dieppa, ou Dieppe (fazendo mais de hum seculo antes de nós viajens sobre as costas de Hespanha, e outras maiores que as dos mais Povos maritimos) passárão em 1346 a costear, pelo Mar Atlantico, huma parte do Continente Occidental da Africa, até chegarem, na opinião de Huet,

(1) Henáo nas *Antiguidades de Cantabria*, e Ozaeta na *Cantabria vindicata* pag. 59.

Huet e de Murillo, a fazer estabelecimentos em Guiné, dando nomes Francezes a alguns de seus lugares. (1)

Se pois estas navegações dos Dieppezes se extendêrão até á Costa de Guiné, o que nos não parece improvavel, bem havião de saber quanto naquella altura se retrahe a Costa Occidental de Africa; e estas noticias juntas com as outras de que fallámos precedentemente, devião fazer conhecer quasi com evidencia, que os dois lados daquella Peninsula, aproximando-se na sua direcção cada vez mais hum do outro, havião necessariamente vir a encontrar-se, formando aquelle grande Cabo.

He talvez por estes, ou outros semelhantes motivos que Pero da Covilham na carta que escreveo ao Sr. Rei D. João II. não achava impraticavel a circumnavegação da Africa; assim que entre as informações que lhe dirigia accrescentava « que se poderia bem navegar pela sua » Costa e mares de Guiné, vindo demandar a Costa de » Çofala, em que elle tambem fôra, ou huma grande Ilha » a que os Mouros chamão a Ilha da Lua, que dizião » que tinha trezentas legoas de costa, e que de cada hu- » ma destas terras se poderia tomar a Costa de Cali- » cut. » (2)

Mas certamente não erão necessarias tantas evidencias aos Geografos do XIV. e XV. Seculo: outras maiores luzes tinhão sem dúvida as do XVI. e XVII., e a pezar disso grande parte dos seus Mappas he hypotetica, e mesmo ideal. A California tem figurado humas vezes de Ilha, ou- tras

(1) Huet na *Historia do Com. e Naveg.* Murillo *Geogra.* pag. 182. Póde lêr-se sobre isto Mr. de Francheville na *Historia da Companhia das Indias*, impressa em París em 1738, e na Dissertação em que falla da Navegação de Tarscis no Tom. XVII. das *Memorias da Academia das Bellas Letras de Berlim* do anno de 1761, e Court de Gibelin no *Mundo Primitivo* Tom. VIII. art. 5.

(2) Francisco Alvares na *Hist. do Preste*, e Castanheda. Deve notar-se que Pedro da Covilham não conhecia outra terra além de Çofala, e de Madagascar (Ilha da Lua); por isso aconselhando por alli a passagem para a India, mostra que julgava perto o Cabo da Boa Esperança: o que confirma a nossa opinião.

outras de Peninsula; e muito tempo se reputou que a Costa da America terminava pouco acima daquella latitude, até que os descobrimentos do Capitão Cook a estendêrão pelo menos aos 72 gráos; as terras Austraes apparecêrão e desapparecêrão das Cartas Geograficas; o Estreito de Anian foi demarcado em diversos lugares, e sempre hypoteticamente até aos nossos dias: em fim he necessario não ter conhecimento algum da Geografia antiga, para desconhecer quanto as suas demarcações erão ideaes. (1)

Para remate deste Capitulo faremos huma reflexão, que nos parece propria para acclarar o que nelle deixamos escrito. O Infante D. Henrique, perito nas Sciencias Mathematicas e Cosmograficas, presidindo a huma assembléa de doutos, juntos em Sagres para promover o progresso destes estudos, e da sua prática em a navegação, meditando tudo o que os Antigos tinhão escrito a este respeito; não era pessoa que se deixasse seduzir sem alguns motivos, e que tentasse huma empreza tão despendiosa e arriscada, e isso com tanto affinco, sem ter huma quasi certeza do seu feliz resultado; e nada lhe podia dar este conhecimento senão as razões e authoridades que deixamos ponderadas, as quaes fazião huma especie de tradição, que não se achando escrita em os Livros, só poderião vir ao seu conhecimento pelos modos que acabamos de indicar.

CA-

(1) Cousa semelhante lembrou já a João Rinaldo Conde Carli a respeito das demarcações das ultimas Ilhas do Occeano para as Costas da America, que indicavão algumas Cartas e Roteiros que se fazião em Veneza nos Seculos XIV. e XV.: porque lhe occorreo que ellas se terião feito, não por conhecimentos reaes do local, mas sim sobre as tradições dos antigos Hesperides. (*Cartas Americ.* Tom. II. Carta 25 pag. 49.) Por trazermos á lembrança hum exemplo ou facto antigo, que outra cousa forão senão traços conjecturaes algumas das posições de terras, que se achão nos Mappas de Ptolomeo? não tendo elle (ou quem os ajuntou á sua Obra, ou a emendou) para as demarcações das terras que nunca vio, mais do que meras conjecturas, ideadas talvez sobre vagas e incertas tradições ou noticias: sendo este hum dos motivos dos muitos erros que os modernos Cosmografos lhes tem notado, e particularmente o nosso Mathematico Pero Nunes.

CAPITULO V.

Resolução de duas Objecções contra a existencia e veracidade destes Mappas.

DEVEMOS ainda occupar-nos de dois reparos principaes, que se podem levantar em geral contra a existencia e veracidade dos dois Mappas, que até aqui havemos sustentado; isto he dois argumentos, não já intrinsecos e tirados das qualidades das mesmas demarcações delles, mas extrinsecos, deduzidos da maneira com que se houve o Infante D. Henrique na sua expedição, como se os não conhecesse, e do silencio dos nossos Historiadores da India a este respeito, do que agora fallaremos.

Primeiramente póde dizer-se, que o Infante D. Henrique, a existirem semelhantes Mappas (e principalmente o de D. Pedro seu irmão, que não deixaria de lhe ser communicado) tomaria desde que elle appareceo maior ardor e actividade no proseguimento do seu projecto, do que até então havia tido; e que isto porém foi muito ao revez, porque se observa, rastejando a historia do progresso das viajens que se seguírão, que erão ainda timidas e acanhadas as ordens e instrucções, que elle dava dalli em diante para a continuação das expedições, e passagem do Cabo Bojador; e que ainda depois deste vencido, se gastou cousa de mais de oito annos para se descobrir a Costa, que está entre este Cabo, e o Cabo Branco.

Em verdade houve alguns periodos ou intervallos, em que se trabalhou com menos energia no proseguimento daquellas expedições; mas a causa não foi certamente a ignorancia daquelles Mappas, nem falta que tivesse o Infante de noticias, que o excitassem a maior esforço; outros forão os verdadeiros motivos, que assaz constão de nossa Historia.

E quanto ao atrazamento que houve em vencer, e mon-

tar o Cabo Bojador, a causa principal foi o receio que os mareantes já tinhão herdado dos passados, sobre os perigos e difficuldades, que então se consideravão na sua passagem, que nenhum a ousava commetter; porque como este Cabo, pelo dizer com os termos de João de Barros, „ começa de incurvar a terra de mui longe, e ao respecto „ da Costa, que atraz tinhão descuberta, lança, e boja pera aloeste perto de quarenta legoas (donde deste muito bojar lhe chamárão Bojador): era para elles cousa „ mui nova apartar-se do rumo que levavão, e seguir „ outro pera aloeste de tantas legoas. Principalmente porque no rosto do Cabo achavão huma restinga, que lançava pera o mesmo rumo d'aloeste, obra de seis legoas: onde por razão das agoas, que alli correm naquelle espaço, o baixo as move de maneira, que parecem „ saltar e ferver: a vista das quaes era a todos tão temerosa, que não ousavão de commetter; e mais quando „ vião o baixo. O qual temor cegava a todos, pera não „ entenderem que afastando-se do Cabo o espaço de seis „ legoas, que occupava o baixo, podião passar alem: porque como erão costumados as navegaçoens, que então „ fazião de Levante a Ponente, levando sempre a Costa na „ mão por rumo d'agulha: não sabião cortar tão largo; „ que salvassem o espaço da restinga, somente com a vista „ do ferver destas aguas e baixo que achavão, concebião „ que o mar d'ali em diante era todo aparcellado. „ (1)

Em consequencia daquelle temor, havia nos primeiros tempos difficuldade em achar pessoas habeis e animosas para commetterem a execução daquella empreza. « Era, „ (diz Barros) tão assentado o temor desta passagem no „ coração de todos, por herdarem esta opinião de seus „ avós, que com muito trabalho achava o Infante quem „ nisso o quizesse servir. „ (2)

Ainda houve outra causa de estorvo, que foi a dos ne-

(1) Decad. 1.ª Liv. I. Cap. II.
(2) Decad. I.ª Liv. I. Cap. IV.

negocios interiores do Reino, e dos externos das guerras de Africa; causa que aponta o mesmo Barros em geral. „ Todo estava posto (diz elle) na esperança, que lhe o „ esprito prometia, se proseguisse naquella empresa: da „ qual algũas vezes desistia, porque os negocios do Rey„ no, e as passagens que fez aos lugares de Africa, o „ empediam a não levar o fio deste descobrimento tam „ continuado, como elle desejava. „ (1)

Do retardamento da navegação por causa das perturbações interiores do Reino na menoridade do Senhor Rei D. Affonso V. falla em particular Pedro de Maris. « Des„ te anno (diz elle) que he o de 1434 depois de se ha„ ver passado o Cabo Bojador, e já 30 legoas alem del„ le, ate o de 1439 não se fez cousa notavel neste desco„ brimento; porque o Infante o não mandava proseguir, „ como dezejava, pelas differenças e alterações, que no „ Reino então havia, sobre a tutoria do Principe D. Af„ fonso, como adiante mais largo contarei: mas tanto „ que os negocios derão lugar, e no anno do Snr. mil e „ quatrocentos e quarenta e hum, mandou o Infante hum „ navio, &c. „ (2)

Outra causa bem sabida, que desalentou algum tanto a actividade de tão uteis expedições, de que fallão os nossos Historiadores, foi a murmuração e reprovação que então se fazia dellas. O Infante teve de combater, já os emulos de seu merecimento, que davão ou por chimerica, ou por temeraria aquella empreza; já os falsos raciocinios e timida prudencia dos máos politicos, que a havião por superior á força natural do homem, e ao estado deste Reino. Elle tinha de vencer ainda mais a imbecilidade do povo, sempre em extremos, e muitas vezes cégo, que desabonava tamanhos esforços e despezas, para levar os braços do Reino, e acabarem nos naufragios do mar, ou

(1) Dec. I.ª Liv. I. Cap. II.

(2) Maris *Dialogos de Varia Historia* Dial. IV. O mesmo notou o moderno Escritor da Vida do Infante, Liv. III. pag. 196 e 197.

irem occupar paizes barbaros, estereis e sem proveito; o que tudo era capaz de afrouxar no Infante a grandeza e fortaleza de seu peito animoso, e de o fazer parar por algum tempo nas suas tentativas.

Sobre isto póde ler-se João de Barros: nós só poremos aqui huma parte do que elle escreveo, que baste para confirmar o que temos dito. « Com o descobrimento » (diz elle) destas duas Ilhas (Porto Santo, e Madeira) » começou o Infante a se esforçar mais em seu principal » intento, que era descobrir a terra de Guiné, por aver já » doze annos que trabalhava nisso contra parecer de mui- » tos; sem achar algum sinal pera satisfacção daquelles, » que avião este negocio por cousa sem fructo, e mui pe- » rigoso a todolos, que andavão nesta carreira. » (1)

Deixamos de trazer em consideração as difficuldades das immensas despezas, que era necessario fazer em semelhantes expedições, para que nem sempre haverião promptos meios e recursos: a estreiteza de huma Arte nascente, qual então era a de navegar, curta e acanhada nos seus primeiros progressos, como o forão todas as Artes; e desprovida ainda de grandes soccorros para as suas operações, e manobras: os temporaes, que com força de ventos contrarios saltavão com os mareantes, e de mares tão grossos e alevantados, que quasi lhes comião os navios, ainda então pequenos, ou os arredavão da Costa, ou os fazião retroceder e voltar: tudo isto bem claro está, que não podia deixar de retardar os passos daquella navegação.

« Estas pois e outras razões » dillo-hemos em somma com as palavras de Maris « que o medo e carrancas de ,, empresa tão nova imprimia nos corações dos homens, ,, e as dilações e impossibilidades, que doze annos havia, ,, cada dia sobrevinhão, trazião o Infante em notavel descon-

(1) Dec. I.ª Liv. I. Cap. IV. no princip. Deve ler-se todo este Capitulo, em que vem largamente o conceito, e arrezoado, que fazião os que murmuravão do projecto do Infante. Sobre o que tambem se póde ler dos modernos Candido Lusitano na *Vida do Infante D. Henrique*, Liv. II. pag. 183 &c.

„ confiança de si. Todas estas difficuldades (continúa elle) „ mostrárão a magestade deste descobrimento, permittindo „ Deos que tambem passasse pela Lei, que ordinariamen- „ te guarda nas grandes coisas; dando-lhe principios mui „ trabalhosos, e de grande admiração. E parece ser isto „ tanto assim, que nem a authoridade . . . (dos antigos) „ nem todas as mais informações, que o Infante tomava „ em Africa, e as conjecturas e considerações mathema- „ ticas em que totalmente se occupava, lhe derão tanta „ ousadia e confiança, que podesse passar por tantos in- „ convenientes e resistencias, como sempre de novo ácha- „ va. » (1) Nos mesmos pensamentos estava João de Barros, a quem seguio Maris, quando sobre tamanha empreza lançou esta sentença: « E assi permittio (Deos) que „ este descobrimento, pela magestade delle, passasse pela „ Lei que tem as grandes cousas; as quaes, quando se „ querem mostrar a nós, tem huns principios trabalhosos, „ e casos não pensados. » (2)

Eis-aqui pois as causas verdadeiras do atrazamento nas expedições do Infante, que não podia facilmente remover sem embargo da sua actividade, e das idéas e conhecimentos que elle tinha das Costas de Africa, e da possibilidade da sua circumnavegação; ou pela lição dos antigos Gregos e Romanos, ou pela demarcação do Mappa do Infante seu irmão, e talvez do de Alcobaça; ou por outras mais noticias que houve de diversas partes.

Resta a outra duvida, que tambem póde fazer pezo contra a existencia ou veracidade destes Mappas, qual he, a que se tira do silencio dos nossos dois grandes Historiadores João de Barros, e Damião de Goes, e de outros, que parece que não deixarião de ter noticia de documentos tão notaveis, e de fazer memoria delles. Com tudo a este silencio oppômos o que já temos notado, isto he, a asserção expressa dos que vírão, ou fallárão do de Alco-

Pp ii ba-

(1) Dial. IV. Cap. IV.
(2) Dec 1.ª Liv. I. Cap. II.

baça; e huma tradição antiga que corria, recolhida por Galvão, e por outros dignos de igual credito, que depunhão do que foi do Infante D. Pedro.

E quanto ao primeiro, he necessario trazer á memoria a regra geral da Critica, que quando hum ou outro dos coetaneos deixou de fallar de hum facto, que outros referírão, nem por isso se ha de entender logo, que o negou; porque podia deixar de o contar ou por descuido, ou por malicia, ou por ignorancia: donde o argumento, tirado do silencio de Barros e de Goes (coevos do facto da existencia daquelle Mappa em 1528) he simplesmente negativo, e não conclue necessariamente contra a attestação positiva e conforme de outros tambem coevos, como forão o Infante D. Fernando, Francisco de Sousa, Antonio Galvão, e Gaspar Fructuoso. Quanto ao Mappa do Infante D. Pedro, não sendo Barros, nem Goes, nem nenhum outro dos que se poderião allegar, coevos ao Infante, mas hum Seculo mais modernos do que elle, menos póde valer o seu silencio contra a expressa narração tradicional dos outros seus contemporaneos, como são os mesmos acima referidos Galvão, e Fructuoso.

Se isto não basta ¿ porque não diremos que a noticia do Mappa do Infante se escondêo á diligencia de Barros, e de Damião de Goes? Não forão nossos passados, antes delles, tão curiosos de escrever as cousas de nossas Artes, que lhes deixassem clarezas de tudo o que fizerão, para ser conhecido dos vindouros: podia estar esquecida esta noticia nos dias daquelles Escritores, como já então estavão outras muitas, que pertencião aos mesmos descobrimentos do Infante D. Henrique. ¿ Sabemos nós hoje de Barros, ou de Goes, ou de algum outro daquelles tempos todos os meios, de que o Infante se servio; todos os instrumentos que inventou, ou aperfeiçoou; todas as operações que elle fez? ¡ Quão escassas são as noticias, que nos deixárão dos progressos das Artes do mar! ¡ E quão muitas as que se perdêrão com seus escritos, por que poderamos saber hoje muitas cousas!

E

E por fallar particularmente de Barros ¿soube elle por ventura, ou fallou do roteiro, que de seus descobrimentos havia feito, ou mandado fazer o mesmo Infante D. Henrique, de que vio copia Fr. Luiz de Sousa na Cidade de Valencia de Aragão? (1) ou ainda da Relação, que delles escreveo Francisco Alcaforado, contemporaneo e Escudeiro do mesmo Principe? (2) ou da Carta maritima do Malhorquino Gabriel de Valseca, feita em 1439, em que mui particularmente demarcou os descobrimentos do Infante até 1438, que dizem comprára depois Americo Vespucio Florentino? (3) ¿Fallou elle do Mappa ou Planisferio de Fr. Paulo, encommendado por nossa Corte, e a ella remettido, de que acima fizemos memoria?

Ainda de cousas mais modernas do que aquellas, pertencentes a nossos descobrimentos, vemos que elle não fez menção alguma em suas Decadas: assim, que tratando na 1.ª no Liv. III. Cap. V. da enviatura e despacho de Pero da Covilhã, para ir por terra descobrir os Reinos do Preste, nada disse do notavel Mappa-mundo, que lhe dêo o Sr. Rei D. João II. perante o Sr. D. Manoel, então Duque de Béja; Mappa, que foi feito em casa do Secretario de Estado Pero de Alcaçova, debaixo dos olhos do famoso Licenciado Calçadilha, depois Bispo de Viseo, e dos Doutores Mestres Rodrigo, e Moyses, do que não saberiamos hoje, se Castanheda, e mais individualmente Francisco Alvares na Obra da *Informação das Terras do Preste*, o não lançassem em escriptura para memoria.

¿Quantas outras noticias com effeito não faltárão a este grande Escritor de nossas Conquistas? Elle mesmo o lamenta logo em o Cap. I. da sua I.ª Decada, e ainda em outra parte; porque chegando á narração dos descobrimentos das Ilhas, assevéra formalmente « que não trata

» em

(1) Histor. de S. Domingos, P. I. Liv. VI. Cap. 15.

(2) Disto faz memoria D. Francisco Manoel na Epanafora Amorosa.

(3) Falla disto Antonio Raymundo Pascal na Obra do Descobrimento de l'Aguya Nautica pag. 87.

„ em particular das Ilhas de S. Thomé, de Anno-bom, e „ do Principe, e de outros resgates de Ilhas, por não ter „ noticia, quando, e per que Capitães forão descuber- „ tas. » (1) A isto póde accrescentar-se o que diz o Licenciado Manoel Correa nos Commentarios a Camões Cant. V. Est. 12.: « Quanto ao tempo, em que esta Ilha „ (de S. Thomé) se descobrisse, e quem fosse o author „ deste descobrimento; não ha certeza, como tambem a „ não ha de outras muitas coisas que acontecêrão no tem- „ po del Rey D. Affonso o Quinto, ou por falta e ne- „ gligencia dos Chronistas daquelle tempo, ou por se per- „ derem e consumirem os papeis e memorias daquella ida- „ de; fazendo o tempo nella seu officio, como em outras „ costuma. » A respeito da Ilha Terceira já Cordeiro se queixava que se não sabia por quem, nem quando fora descuberta: e das Ilhas de Cabo Verde, dizia elle em geral que pouco se sabia, pelo pouco que dellas dizião os antigos Chronistas Barros, e Goes. (2)

Cahe agora a proposito lançar aqui outra razão, por que Barros, ainda quando tivesse informação dos dois Mappas Geograficos, deixaria de fallar delles no curso das suas Decadas; e he que por ventura reservaria esta materia para a Obra singular da *Geografia Universal de todo o descoberto*, em que tratava do que pertencia á navegação, e mui largamente do Astrolabio, como elle diz na Dec. I. Liv. I. Cap. I., e no Liv. IV. Cap. II. He de crer que nesta obra, a que tantas vezes se remette, e que com grande falta e quebra de nossa Historia se perdeo, terião lugar estas noticias, com que bem e devidamente podia fornecer e ornar o seu Tratado; ou já tambem na outra inti-

(1) Dec. I Liv. III. fol. 33 V.

(2) Hist. Insul. Liv. VI. pag. 241, e Liv. II. pag. 57. O moderno Escritor da Vida do Infante, Candido Lusitano, (ou o Padre Francisco José Freire, da illustre Congregação do Oratorio) notou a mesma falta de noticias para fallar dos descobrimentos das Ilhas, lamentando as poucas que se salvárão daquelles tempos, mais amigos de obrar que de escrever.

titulada *Africa*, que era a segunda parte de toda a Obra da Conquista, de que fez menção no mesmo Cap. I. e II. em que tinha tambem lugar esta materia.

Quanto ao silencio de Damião de Goes, além de que podia ignorar a particularidade destes Mappas, não admira, que ainda quando fosse sabedor, deixasse de fazer memoria delles; pois que nem na Chronica do Sr. Rei D. Manoel, nem na vida do Senhor D. João II. sendo Principe, tratou em particular e de profissão das circunstancias dos descobrimentos deste Reino, posto que delles escrevesse em geral, para alli terem necessario assento as singulares e miudas noticias destes Mappas; e menos ainda o tinhão na outra Obra da Descripção de Lisboa, aonde falla da Navegação da India, pois que nella se não propoz tratar deste assumpto, mas só tocar levemente, e de passagem algumas cousas, como elle diz no seu mesmo titulo: *In qua obiter tractantur nonnulla de Indica Navigatione.*

Pelo que pertence a outros Historiadores de nossas cousas da India, nenhum dos antigos que hoje existem, escrevêo de profissão e de proposito das origens e progressos dos primeiros descobrimentos, ou dos meios de que o Infante se ajudou para elles: huns tratárão de factos e acontecimentos posteriores, outros escrevêrão em rezumo, assomando as cousas tão sómente capitaes: alguns só narrárão viagens particulares, ou certos periodos da Historia Indiatica, ou dos Governos; e em semelhantes obras nenhum cabimento tinhão taes noticias, ou não vinhão a seu proposito; sendo outra regra fundamental de Critica, que o silencio de alguns Escriptores só então póde ser prova ou indicio da falsidade de hum facto, quando elles tinhão occasião e lugar proprio para fallarem necessariamente delle, e não fallárão; o que se não poderá facilmente apontar ou marcar em nenhum delles.

Cuidamos ter satisfeito quanto em nós está ás dúvidas ou reparos, que se possão excitar sobre a possibilidade e verosimilhança das demarcações do Cabo da Boa Esperança nos dois Mappas do Infante D. Pedro, e do Carto-

torio de Alcobaça, para se removerem as suspeitas de falsidade que a respeito delles possa haver. Se não fomos os primeiros, que descobrimos pelo raciocinio e conjectura a passagem maritima á roda d'Africa, nem com isso a nossa gloria fica defraudada, pois fomos os primeiros entre os Europeos, que emprehendemos e conseguimos verificalla pelas immensas solidões do Oceano. Fomos os primeiros que abrimos desde o ultimo Occaso hum novo caminho para a India, e chegámos ás partes mais remotas do Oriente, e confins do antigo mundo. Sendo o nosso triunfo do mar (ainda independente do original descobrimento do Cabo da Boa Esperança) muito maior, e mais maravilhoso que o de todos os que até então se tinhão aventurado ás navegações da Costa de Africa: donde verdadeiramente podemos dizer com Camões (1) que a nosa gente foi a unica que entre todas as nações Europeas se abalançou

Por vias nunca usadas, não temendo
D'Africo, e Noto a força . . . . .
. . . .
A ver os berços onde nasce o dia. (2)

EN-

(1) Cam. Lusiad. Cant. I. Est. 27.

(2) Devemos confessar com animo agradecido, que o Sr. Sebastião Francisco Mendo Trigozo, Vice-Secretario da Academia Real das Sciencias, Varão maior que todos os nossos elogios, benignamente se encarregou a nossos rogos, de corrigir, addicionar, e reformar esta nossa Memoria, em algumas de suas partes, pela grande sabedoria que tem nestas materias: com o que ella muito se melhorou, e se fez mais digna de apparecer ao Público.

ENSAIO

Sobre os Descobrimentos, e Commercio dos Portuguezes em as Terras Setentrionaes da America. (1)

Por Sebastião Francisco de Mendo Trigozo.

EM quanto os Portuguezes, no Reinado do Sr. Rei D. Manoel, affrontavão as tormentas do Cabo da Boa Esperança; reconhecião, e pela primeira vez circum-navegavão toda a Costa d'Africa, e se empegavão no grande golfo da India; espalhando pelo Mundo, com a gloria dos seus descobrimentos navaes, a noticia do novo caminho que tinhão aberto para o Oriente: em quanto, desde o Tejo até ao Indo, quasi todos os Povos se tinhão feito tributarios da Coroa Portugueza, e as outras Nações Europeas erão obrigadas a vir ao porto de Lisboa prover-se das nossas especiarias, e applaudir com inveja os nossos triunfos: outros navegadores tambem Portuguezes, não contentes com seguir os vestigios de seus contemporaneos, intentárão huma empresa igualmente nova e atrevida; a qual talvez por não ter tido hum exito tão feliz como a primeira, mereceo pouco a attenção dos antigos, e foi depois deixada em esquecimento pelos modernos, que quizerão attribuir ás suas Nações descobrimentos, que propriamente nos pertencem: objecto que em parte conseguírão facilmente, por ter havido pouco quem revendique estes troféos de nossos Maiores.

E na verdade, se alguns Escritores tem forcejado por desapossar-nos da originalidade daquelles descobrimentos,

(1) Este Ensaio foi lido na Sessão pública da Academia do anno de 1815, e por isso não se lhe dêo a extensão, que o assumpto parecia talvez exigir. Este inconveniente ficou de alguma maneira supprido pelas notas, que depois se lhe ajuntárão.

a favor da qual temos o voto unanime de authoridades coevas, (1) e que pelo espaço de trezentos annos se attribuírão quasi constantemente aos Portuguezes ¿o que succederá quando as provas e documentos em nosso abono são em pequeno numero, e pouco conhecidas? Neste caso hum silencio, mais fatal que as dúvidas da critica, será o fructo dos nossos trabalhos; e este destino, por certo não merecido, estava reservado aos nossos Corterreaes, que corrião os mares do Norte, quasi ao mesmo tempo que Vasco da Gama navegava pelos do Sul, e buscavão huma passagem ás Indias pelo Polo Artico, quando realmente se effeituava outra pelo Cabo da Boa Esperança.

Tal era o grande fim a que se propunhão estes navegadores, n'huma época em que as terras Setentrionaes da America erão quasi absolutamente desconhecidas aos Europeos: verdade he que, se dermos credito a alguns Authores, já pelos annos de 827 ou talvez antes, se achava povoada de Christãos parte da Groenlandia (2): contão

(1) Este testemunho dos contemporaneos he a prova mais irrefragavel da originalidade da nossa navegação á roda da Africa. Embora os antigos tivessem reconhecido huma maior ou menor porção da sua Costa Oriental e Occidental, não ha hum só documento authentico por onde conste claramente que dobrassem o Cabo da Boa Esperança, nem mesmo que conhecessem exactamente a sua posição. Tem-se com tudo pertendido extender as antigas viagens maritimas a latitudes onde provavelmente não chegárão, aproveitando para isso os termos ambiguos em que alguns Periplos estão escritos; mas assim mesmo he impossivel extendellas tanto, que cheguem áquelle Promontorio. Nesta falta de escritos, recorreo se a Mappas antigos, modernamente descobertos, e tomárão-se traços conjecturaes e informes, por desenhos exactamente determinados, em que appatecião o Cabo da Boa Esperança, e Estreito de Magalhães, &c., muito antes de ninguem os ter observado. O nosso erudito Socio o Sr. Antonio Ribeiro dos Santos acaba de refutar por hum modo victorioso os argumentos em que estes suppostos criticos se tem fundado.

(2) Huma antiga Chronica Groenlandeza, escrita em versos Dinamarquezes pelo Pastor Claudio Christophersen, ou Liscander, dá o descobrimento da Groenlandia em 770: além disso, existe hum Breve de Gregorio IV., dirigido a Anscario, Arcebispo de Hamburgo, e seu Legado para as Nações Setentrionaes, e Meridionaes; em o

tão elles que hum certo de Torwal Senhor Norwegiano, tendo-se acolhido á Islandia por causa de hum crime que commetêra na sua Patria, deixára hum filho chamado Erico, o qual navegando por aquelles mares, avistou o Cabo de Heriolf, reconheceo a Costa do Sudoeste, e invernou em huma Ilha junto á Abra a que pôz o nome de Hericsund: o anno seguinte foi ainda empregado em descobrir maior porção de terreno, que achou todo deshabitado; e tendo no terceiro voltado outra vez a Islandia, tal foi a descripção que fez da nova terra, que attrahio a si huma grande quantidade de povoadores, que para lá partírão em vinte e cinco embarcações. (1)

O antigo Author da Chronica de Islandia, Snorro Sturlesson, que escrevia em 1215, referio estes successos (2); e Thorlacio Torfæus, Historiografo da Dinamarca, não sómente o segue, mas traz a serie chronologica de dezasete Bispos, o ultimo dos quaes foi sagrado em 1408, sem que com tudo haja provas de que elle tivesse seguido o seu destino, (3) pois parece indubitavel segundo Eggede, que em 1406 he que acabárão as noticias daquella Colonia.

Desde este tempo não se ouvia mais fallar na Groenlandia; os gellos tinhão submergido o lado Oriental da Costa, onde ainda hoje se descobrem maiores ruinas, e que parece seria o mais povoado, pela razão de ser o mais proximo á Metropole: além disso os Povos barbaros, vin-

Qq ii dos

qual se nomea *Grenlanden* entre as primeiras: como porém aquelle nome signifique *Terra verde*, e conste que foi posto a Paizes diversos da actual Groenlandia, póde entrar em dúvida qual era propriamente aquelle, a que o Papa se refere.

(1) Veja-se entre outros David Cranz *Historia da Groenlandia* Nuremberg 1782 Sessão 4., e a *Descripção e Historia natural da Groenlandia* por Eggede Cap. 2.

(2) Este Chronista, a quem segue Arngim Jonas, e Torfæus, põe estes descobrimentos no anno de 982.

(3) Torfæus nas *Antiguidades Islandicas*, diz que ainda em 1533 o Bispo sufraganeo de Roschild se intitulava Bispo da Groenlandia; mas nem por isto se deve pensar, que ella nesse tempo continuasse a ser ainda conhecida. Veja se La Peirere Relação da Groenlandia, impressa nas *Viagens ao Norte*.

dos do interior, tinhão destruido aquellas habitações, e os seus moradores; e isto por tal sorte (cousa que parecerá incrivel) que os mesmos Dinamarquezes ficárão tão ignorantes a respeito daquelle estabelecimento, como o resto da Europa.

Era já passado hum Seculo depois que as terras Setentrionaes tinhão esquecido, quando os dois Venezianos Nicoláo, e Antonio Zeno, abordárão novamente a ellas: he porém tão informe a relação desta Viagem, que nem se póde fazer conceito dos paizes que reconhecêrão, nem da veracidade do que nella se refere (1): o que porém he certo, he que o fructo de todos estes estabelecimentos e tentativas foi perfeitamente nullo, chegando-se a perder té a memoria do que se havia trabalhado. Nunca se suspeitou neste tempo que a Groenlandia fizesse parte do Continente da America; não se descobrio, que se saiba, outro nenhum territorio, senão aquelle na sua Costa Setentrional, e Meridional; e nunca veio á lembrança que se podesse effeituar huma passagem ás Indias por aquelle lado: o atrazamento da Nautica, e da Cosmografia não permittia ainda formar grandes projectos maritimos: o acaso conduzio os primeiros descobridores, e o desejo de viver em hum terreno mais productivo atrahio os primeiros colonos; nada mais se tentou, nem mesmo se imaginou que era possivel tentar: esta gloria estava reservada á Nação Por-

(1) A primeira Relação desta Viagem foi escrita dois Seculos depois, por hum certo Nicoláo, parente dos Zenos, e impressa em Veneza em 1558: o seu titulo he *Ralazione dello scoprimento dell' Isole Frislanda, Islanda, Engrovelland, Estotilanda, et Icaria, fatto per due Fratelli Zeni.* Conta o Author, que Antonio Zeno compozera a Historia das suas navegações, a qual tendo-se conservado por muitos annos na sua familia, fóra depois lançada ao fogo pelo dito Nicoláo, sendo ainda criança; e por isso só de alguns papeis avulsos, e da tradição que se conservava, he que podera tirar aquellas Memorias. Tiraboschi *Storia della Litteratura Italiana* Tom. V. Liv. 1. Cap. 5. critíca esta Relação, talvez com mais acrimoria do que ella merece, huma vez que démos credito ao que deixámos dito sobre o primeiro descobrimento, e povoação da Islandia, e Groenlandia.

Portugueza, guiada pelos Corterreaes, e antecipadamente instruida pelas luzes da Escola de Sagres.

O primeiro navegador deste nome que figurou na scena foi João Vaz Corterreal, Fidalgo da Casa do Sr. Infante D. Fernando, e seu Porteiro mór; o qual accompanhado de Alvaro Martins Homem (segundo testefica o Padre Cordeiro na sua *Hist. Insulana*) navegou os mares do Norte por ordem do Sr. Rei D. Affonso V., e descobrio a terra do Bacalháo. Não refere o citado Author o anno deste acontecimento; conta porém que os dois companheiros, na sua volta da *Terra nova*, abordárão á Ilha Terceira, e achando vaga a sua Capitania pela morte de Jacome de Bruges, se recolhêrão ao Reino, e a pedírão á Infanta Dona Brites, viuva do Infante D. Fernando, e tutora de seu filho o Duque D. Diogo. Attendeo esta Senhora aquella súpplica, e querendo recompensar os serviços destes dois Capitães, mandou repartir o terreno, dando a cada hum o governo da sua metade: a Carta desta mercê feita a João Vaz, he datada da Cidade de Evora aos 2 de Abril de 1464, e por isso se póde inferir que o anno deste descobrimento foi quando muito o antecedente de 1463. (1)

Sem embargo desta antiguidade, não achamos documento por onde nos conste, que se désse mais passo algum a este respeito até ao fim do Seculo XV. Parece que os trabalhos daquelles mares estavão reservados para a familia dos Corterreaes, e não sabemos que nem no nosso Paiz, nem nos estrangeiros houvesse alguem que tornasse a navegallos, até Gaspar Corterreal, filho do sobredito João Vaz, que se abalançou a huma empreza ainda mais ardua,

(1) Cumpre notar o anachronismo de Herrera Decada I. Liv. 1. Cap. 3. quando refere, que hum dos motivos por que Colom se persuadia da existencia de novas terras, era a viagem dos dois Corterreaes. Como Colomb fez a sua primeira expedição em 1492, he claro, que as idéas que podia ter a respeito da *Terra nova*, só podião ser tiradas deste primeiro descobrimento de João Vaz Corterreal.

dua, qual era além de reconhecer de novo aquellas Costas, e descobrir por ellas huma passagem á India.

Devemos porém confessar, que quasi pelos mesmos tempos appareceo outro navegador Genovez de origem, que tendo (segundo affirmão) as mesmas idéas, foi com tudo mais tardo em as pôr por obra. Era seu nome Sebastião Cabotto; já seu pai, em cuja companhia viera para Inglaterra, se tinha offerecido a Henrique VII. para ir ao descobrimento dos mares do Norte, e tinha obtido esta licença, como consta das suas Cartas Patentes datadas de 1496 (1): a morte porém o impedio de levar adiante este projecto. Ficando só Sebastião Cabotto, e herdando com o sangue aquelles mesmos desejos, contratou com alguns Negociantes Inglezes para o ajudarem na empreza, que em fim chegou a effeituar-se, sem que se saiba exactamente o tempo, nem as particularidades que lhe acontecêrão, por não haver Escritores coevos que no-las transmittissem. Pedro Martyr d'Anghirra, (2) que estava em Hespanha, quando Cabotto alli foi ter depois da morte de Henrique VII., e que o conheceo e tratou, não marca a época desta sua primeira viagem, (3) porém Ramusio referindo huma conversação, que tinha tido com hum Gentilhomem Mantuano, que conhecêra Cabotto em Sevilha, diz (4) que ella fôra emprehendida em o verão de 1496; e eis-aqui o testemunho mais antigo e authentico em que se fun-

(1) Hakluyt transcreve este Diploma na parte 3. da sua Collecção: póde-se tambem ver em os *Actos Publicos* de Rymer, vol. 12. pag. 595.

(2) Veja se este passo de Pedro Martyr em o terceiro volume da Collecção de Ramusio, ou no *Novus Orbis* de Grineo.

(3) Digo primeira viagem, porque sobre esta he que os Escritores diversificão, chegando alguns, como os Redactores da *Historia Geral das Viagens* (Tom. XLV. pag. 278) a duvidar della, e a fixar lhe a época de 1516. A segunda viagem de Cabotto foi feita por ordem de Carlos V. em 1526 à fim de descobrir melhor o Paraguay. Vide Herrera Decada III. pag. 332.

(4) Ramusio Tom. I. *Discorso sopra varii viaggi per le quali sono state condotte fino a tempi nostri le spetierie*, &c.

fundão os Authores que assim o escrevêrão. Porém ¿como he provavel, que tendo-se expedido as Cartas Patentes naquelle anno; devendo-se seguir a ellas, e não fazerem-se antecipadamente, os preparativos para huma viagem que podia ser muito extensa, em que hião varias embarcações, e em que interessavão diversos Negociantes, se aprontasse tudo com tão extraordinaria brevidade? ¿Que delonga não devia causar a doença e morte de João Cabotto, principal movel daquella expedição, e os novos ajustes em que foi obrigado a entrar seu filho? Por certo parecerá incrivel, que tudo se arránjasse dentro de dois ou de tres mezes.

Se porém estas razões não mostrão convincentemente, que a navegação de Cabotto he posterior á de Gaspar Corterreal, tornar-se-ha isto indubitavel quando se reflectir, que sendo o testemunho de Ramusio o unico, ou para melhor dizer o mais authentico, pelo qual se lhe fixa aquelle anno; he este mesmo Ramusio o que nos assegura (como logo veremos) não já pelo que ouvio, mas pelo que concluio depois de todas as averiguações que pôde fazer, que Gaspar Corterreal fôra o primeiro que tentára pôr por obra a grande idéa de abrir hum caminho para a India, a travéz dos gelos do Polo Artico.

Os tres principaes Historiadores Portuguezes, que fallão desta expedição, Galvão, (1) Goes, (2) e Osorio (3) fazem o Capitão della muito da privança do Sr. Rei D. Manoel, já desde o tempo em que era Duque de Béja. Criado pois na casa daquelle grande Principe, plenamente instruido das suas idéas e vastos conhecimentos, munido das instrucções que seu pai lhe podia communicar melhor do que ninguem, até a altura da *Terra nova*, dotado de hum animo capaz de superar as difficuldades e trabalhos, foi-lhe facil alcançar para a sua empreza huma licença, que se fez tanto mais graciosa, que o mesmo Monarca quiz tomar parte nella, concorrendo com muitas das despezas necessarias. Em

(1) Antão Galvão, *Tratado dos Descobrimentos antigos e modernos.*
(2) Damião de Goes, *Chronica de ElRei D. Manoel* Parte I. Cap. 66.
(3) Jeronymo Osorio *De rebus Emanuelis* Liv. 2.

Em a primavera do anno de 1500 desaferrárão do porto de Lisboa as duas embarcações, que para isto se tinhão apparelhado, pois ainda que Galvão affirme que partírão da Ilha Terceira, parece que isto se não deve entender senão pela demora, que ali tiverão em quanto refrescavão, tomavão alguma gente, e Gaspar Corterreal dizia o ultimo adeos á sua familia, parte da qual se achava estabelecida naquella Ilha; daqui seguindo huma derrota, em parte huma só vez trilhada, em parte totalmente nova para os navegadores Portuguezes, abordárão a huma Costa situada para o Norte, a que pozerão o nome de *Terra verde*. O mesmo Galvão marca (ainda que com pouca exactidão) a posição della em 50 gráos, e os outros dois, principalmente Goes, descrevem as qualidades do Paiz, e alguns usos dos seus habitadores.

Deixemos porém estas authoridades, que além de diminutas, podem por nacionaes ser talvez arguidas de parcialidade; e comprovemos a precedencia da Navegação Portugueza naquelles mares, e o decidido intento com que foi effeituada, por meio de outras, recorrendo para maior evidencia, entre os Estrangeiros, áquelles a quem parece que melhor competiria esta gloria: já se conhece que fallo dos Venezianos.

Esta Republica, dada por sua natureza e posição ao trafico mercantil, e que em consequencia disto sempre buscou relações em os Paizes de Commercio, não podia deixar de ter em Portugal, que neste tempo era o Emporio delle, pessoas capazes de a instruir miuda e exactamente de quanto se passava: não he pois de admirar que ali se soubesse tanto das nossas cousas, e que os Escritores Venezianos publicassem tantos documentos que nos dizem respeito. Ora em a primeira Collecção de Viagens, que se conheceo na Europa, dada em Vicenza por Francazano Montaboldo em 1507, (1) apparece huma Carta de Pedro

(1) Esta Collecção he da primeira raridade: tem por titulo *Mundo novo e paezi novamente ritrovati da Alberico Vespuzio Florentino.* Em o anno seguinte de 1508 foi traduzida em Latim por Madrignano com

dro Pascoal, Embaixador da Republica na nossa Corte, a seus irmãos em Italia, com a data de 29 de Outubro de 1501, na qual se refere a navegação de Corterreal, segundo as informações que elle mesmo déra depois da sua volta. Sabe-se por este testemunho, que tendo empregado quasi hum anno na dita viajem, descobríra hum Continente entre o Oeste e Noroeste, até então desconhecido ao resto do Mundo; que corrêra a sua costa Oriental na extensão de 800 milhas; que, segundo conjecturas, esta terra ficava proxima a huma Região, a que n'outro tempo tinhão abordado os Venezianos, quasi em o Polo Setentrional; e que não podéra levar mais adiante as suas tentativas, por causa dos grandes montes de gelo que obstruião o mar, e das neves que cahião do Ceo. Conta mais, que Corterreal trouxera em os seus navios cincoenta e sete indigenas; gaba muito a terra pelas madeiras que produz, por serem as suas Costas extremamente piscosas, e os homens que a habitão proprios, pela sua indole e robustez, para todo o genero de trabalhos. (1)

o titulo de *Itenerarium Portugalensium e Lusitania in Indiam, et inde in Occidentem, et demum in Aquilonem*: fórma hum pequeno volume in fol. Sobre estas obras podem ver-se *Tiraboschi*, Tom. VII. P. 1. pag. 238, e *Camus*, *Memoire sur la Collection des grands et petits voyages*.

(1) . . . . *Ut igitur nova anni præsentis intelligatis: scitote hic esse eam triremem, quam superiore anno Rex Portugaliæ Serenissimus expediverat versus Aquilonem, præfecto Gaspare Corterato, qui nos refert continentem invenisse, distantem ad M. duo milia inter Chorum, et Favonium, hactenus toto pene orbi incompertam terram: cujus latus aiunt ad Mil. prope 800 percurrisse: nec tamen finis compertus est quispiam. Ideo credunt continentem non Insulam esse regio, quæ videtur esse conjuncta cuidam plagæ, alias a nostris peragratæ quasi sub ipso septentrione. Eousque celox tamen, non pervenit ob congelatum Equor, et ingruentes cœlo nives. Argumento sunt tot flumina quæ ab illis montibus derivantur, quod videlicet ibi magna vis nivium existat: arguunt propterea insulam non posse tot flumina emittere: ajunt præterea terram esse eximie cultam: Domos subeunt ligneas, quas cooperiunt pellibus ac coriis piscium. Huc adduxerunt viros septem sexus utriusque. In celoce vero altera, quam præstola-*

Ajuntaremos a este outro testemunho tirado de Ramusio, cuja exactidão e saber nestas materias he bem reconhecido por todos, e transcreveremos hum lugar extrahido do seu *Discurso sobre a terra firme das Ilhas Orientaes.* « Na parte do Mundo novo (diz elle) que decorre para o Nor-norueste, defronte do nosso Continente » habitavel da Europa, navegárão alguns Capitães, o primeiro dos quaes (quanto se póde saber) foi Gaspar » Cor-

---

mur in horas, advehuntur 50 *ejus regionis incolæ : hi, si proceritatem corporis, si colorem, si habitudinem, si habitum expectes,* cinganis *non sunt absimiles : pellibus piscium vestiuntur et lutrarum : et eorum imprimis quæ instar vulpium pillosas habent pelles. Eisque utuntur hieme pillo ad carnes verso ut nos, ad æstate ritu contrario : neque eas consuunt, aut concinnant quovis modo : verum uti fert ipsa belua, eo modo utuntur. Eii armos et brachia præcipue tegunt : inguina vero fune ligant multiplici, confecto ex piscium nervis. Videntur propterea silvestres homines, non sunt tamen inverecundi, et corpora habent habilissima ; si brachia si armos, si crura respexeris, ad symetriam sunt omnia. Facie stigmate compungunt, inuruntque notis multijugis instar Indorum, sex vel octo stigmatibus prout libuerit : hunc morem sola voluptas moderatur. Loquuntur quidem, sed haud intelliguntur ; licet adhibiti fuerint fere omnium linguarum interpretes. Eorum plaga caret prorsus ferro, gladios tamen habent, sed ex acuminati lapide ; pari modo cuspidant sagitas, quæ nostris sunt acuminatiores. Nostri inde attulerunt ensis confracti partem inauratam, quæ Italiæ ritu videbatur fabricata. Quidem puer illic duos orbes argenteos auribus appensos circumferebat, qui haud dubie cælati more nostro visebatur cælaturam Venetam in primis præ se ferentes : quibus rebus non difficulter aducimur continentem esse potius quam Insulam : quia si eo naves aliquando applicuissent, de ea comperti aliquid habuissemus. Piscibus scatet regio, Salmonibus videlicet et halecibus, et id genus compluribus. Silvas habent omnifaria, perinde ut omni lignorum genere abundet regio : propterea naves fabricantur, antenas, et malos, transtra, et reliqua, quæ pertinent ad navigia : ob id hic Rex noster instituit inde multum emolumenti summere, tum ob ligna frequentia, pluribus rebus non inepta : tum vel maxime ob hominum genus laboribus assuetum : quibus ad varia eis uti quibit ; quandoquidem hi viri nati sunt ad labores. Suntque meliora mancipia quæ unquam viderim. Visum est propterea non fore ab amicitia nostra devium, si hæc vos nom celarem. Ubi vero alia celox, quæ expectatur in dies advenerit ; mox aliarum rerum certiores vos reddam. . . . .*

» Corterreal Portuguez de Nação (1), que no anno de » 1500 abordou ali com duas caravellas, pensando que » descobriria algum estreito de mar, donde por viajem » mais curta, do que o não he ir á roda d'Africa, po- » desse passar ás Ilhas das especiarias. Tanto navegárão » por aquelles mares, até chegar a huma paragem onde » havia grandissimos frios, e em 60 gráos de latitude » achárão hum Rio carregado de gelo, a que pozerão o » nome de *Rio nevado*. Faltou-lhe porem o animo de » passar mais adiante. Toda a Costa, que decorre do *Rio* » *nevado*, até o *Porto das Malvas* (2) que está em 56 » gráos, e forma o espaço de duzentas legoas, a vio el- » le mui povoada, e sahindo em terra, tomou alguns dos » naturaes que trouxe comsigo: descobrio tambem muitas » Ilhas todas habitadas, a cada huma das quaes poz o » seu nome »... Logo teremos occasião de ver que Ilhas forão estas.

Pela confrontação dos differentes passos que copiamos, he facil conhecer-se, que a principal terra descoberta por Corterreal foi a que actualmente se chama de *Lavrador*; nome Portuguez que indica bem a qualidade caracteristica dos seus habitadores, e a qual está proxima á *Groenlandia* ou *Stotinlandia*; que segundo já vimos foi reconhecida anteriormente pelos Genovezes, ao que Pedro Pascoal allude na sua Carta. (3) Se porém este facto ne-

 ces-

(1) Não he muito que Ramusio não tivesse noticia da viajem de João Vaz, que como dissemos ficou esquecida; e de que nada se escreveo ou publicou até aquelle tempo.

(2) Ha erro manifesto na conta de gráos que dá Ramusio, pois nesta altura está o *Cabo de Março*, como logo veremos: e o *Porto das Malvas* deverá ser mais setentrional. Não nos foi porém possivel ver Mappa algum em què elle viesse marcado: e he realmente notavel, que sendo Portugal hum dos Paizes onde primeiro se construírão Cartas Geograficas, esteja actualmente em huma tal mingoa deste subsidio, que acclararia tanto a Historia dos nossos descubrimentos maritimos, e a da Geografia em geral.

(3) Pertendemos tão pouco apoderar-nos da gloria, que não pertence á nossa Nação, que quizemos citar expressamente esta autho-

cessita ainda de outras provas para ficar completamente demonstrado, nós as acharemos em huma serie de Mappas, que se construírão desde aquelles tempos, até ao principio do Seculo passado.

Seja o primeiro delles, o que accompanha huma antiga edição de Ptolomeo, publicada em Roma em 1508, de que já em outra occasião fallámos; (1) o qual dá á *Terra de Lavrador* o nome de *Corte-realis*, e aponta as Ilhas chamadas dos *Demonios*, pela perseguição, diz elle, que fizerão aos navios quando ali abordárão.

Sebastião de Munster em a sua *Corographia*, impressa a primeira vez em Basiléa em 1544, dá á mesma *Terra nova* o nome de *Corterati*; e o célebre Abrahão Ortelio (2) não sómente chama á *Terra de Lavrador*, *Corte real*, mas tambem aponta o *Rio nevado*, (3) a *Bahia da Serra* junto á embocadura do Estreito, hoje chamado de Hudson; e nota quasi no meio delle hum Rio com o nome de *Rio da tormenta*, a que se segue outra Bahia chamada *das Medas*. Ainda porém que todos estes nomes sejão Portuguezes, faltão-nos dados sufficientes para podermos decidir se com effeito foi Gaspar Corterreal, o que lhos primeiro dêo, e se chegou a entrar na bahia de Hudson; ou se os nossos Nacionaes, que logo veremos seguirem as suas pisadas, lhos pozerão posteriormente.

Não corre porém a mesma dúvida a respeito do Rio S. Lourenço; ainda que não houvessem outros testemunhos, bastaria o raciocinio para fazer-nos ver, que logo nesta primeira viajem elle deveria ser examinado: já sabemos

ridade, talvez a mais antiga, e authentica de quantas se tem mendigado a favor dos descobrimentos dos Zenos na Groenlandia.

(1) Veja-se o nosso Appendix ás Cartas de Americo Vespusio; nas *Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas*. Tom. II. pag. 154.

(2) Vide *Theatrum Orbis Terrarum*, impresso em Anvers. em 1571.

(3) Abraham Ortelio poem no seu Mappa o *Rio nevado* em 63 gráos, e já na Costa da Estotilandia, o que provavelmente foi engano do Abridor, pois os outros Geografos do seu tempo o assignão todos em 60 gráos.

mos, que o principal intento dos navegadores era descobrir huma passagem para as Indias, e podia naturalmente presumir-se, que aquelle Rio, de huma grande largura na sua foz, era algum braço de mar, por onde se conseguisse o desejado fim.

Independente porém desta razão, as informações que Ramusio obteve a este respeito são decisivas. (1) Descrevendo elle as principaes paragens daquella Costa, diz que para diante do *Cabo do Gado*, que está em 54 gráos, corre ella duzentas legoas para Poente, até hum grande Rio chamado S. Lourenço, que alguns tem por hum braço de mar, e pelo qual acima navegárão os Portuguezes o espaço de muitas legoas.

O termo desta navegação deveria pois, segundo parece, ser aquelle em que se desenganassem, que o supposto Estreito era hum Rio caudaloso. Ora o nome *Canadá* dado actualmente ao Paiz daquella margem esquerda, foi posto por muitos Geografos a huma Povoação, que fica em 310 gráos, no confluente do *Seguenai*; e este nome, segundo a maior parte dos Authores, provêm de que quando Jacques Carthier ali abordou em 1539, achou a noticia de que os nossos o tinhão precedido, porém que não achando as minas de oiro que procuravão, se tinhão resolvido a voltar para traz, dizendo repetidas vezes = *Cá nada* = palavras que ficárão gravadas na memoria dos Selvagens, e que estes repetírão á vista dos Francezes quando ali chegárão. (2) O nome ficou subsistindo, mas confundio-se a intenção com que as palavras tinhão sido ditas; attribuindo-se ás minas, diligencias, que só tinhão por fim

(1) Em o 3.° volume da Collecção de Ramusio, impresso em 1565, donde he tirado este passo, vem hum Mappa, no qual a terra do *Lavrador* traz desenhadas as Reaes Armas Portuguezas. Deve notar-se que Bertio nas suas *Taboas Geograficas*, fallando do Rio S. Lourenço, diz: *Et hic fluvius alliis fretum trium Fratrum vocatur.* Nome que talvez alluda ás tentativas, e indagações que nelle se fizerão por parte dos tres Irmãos Corterreaes, como logo veremos.

(2) *Enciclopedia Methodica* Part. Geogr. Art. *Canadá.*

fim achar a communicação do Mar da India com o Oceano, e que se reconhecêrão baldadas naquella paragem, resolvendo-se por isso os Navegadores a não a tentar mais por aquelle lado.

Fica já dito, que nesta viajem descobríra Corterreal muitas Ilhas, que achára povoadas, e a que dera nomes Portuguezes. Ramusio que assim o escreve, põe no seu Mappa a Ilha dos *Bacalhâos* quasi pegada com a *Terra de Corterreal*, a da *Boa vista*, e outra a que chama *Monte de Trigo*. No citado Mappa de Ortelio vem em 43 gráos a *Ilha redonda*, em 47 a *Ilha da Area*, em 57 a dos *Cysnes*; e finalmente a huma pequena Ilhota, que fica na embocadura do Estreito de Hudson, põe o nome de *Caramilo*; o que faz crer que com effeito tambem os Portuguezes ali chegárão; pois aquella denominação he manifestamente corrompida da palavra *caramelo*.

Seria talvez prolixo se fizesse hum mais extenso catalogo das authoridades, que abonão a prioridade da navegação Portugueza nos mares do Norte; mas não passarei em silencio o que a este respeito diz o celebre Pinckerton em o seu moderno Tratado de Geografia, (1) aonde citando hum antigo Mappa, que presentemente existe no Museo Britanico, confessa que grande parte da Costa, que actualmente se conhece com o nome de *New south Wales*, fôra descoberta pelos Portuguezes ou Hespanhoes. Em huma Nota ao citado lugar accrescenta Pinckerton, que hum excellente e hoje bem conhecido Geografo, Mr. de la Rochelle lhe affirmára, que os ditos nomes não só erão Portuguezes, mas que os Navegadores desta Nação tinhão sido indubitavelmente os primeiros, que havião descoberto aquellas paragens. Participa tambem o Geografo Inglez, que Mr. Planta, primeiro Bibliotecario do Museo Britanico, lhe communicára huns Mappas manuscritos feitos em 1542 por João Rotz, nos quaes tanto a *Terra de Lavrador*, como

(1) Pinckerton. *Geograph.* Tom. II pag. 468 da Edição de Londres de 1802.

mo a *Terra nova* vem descritas com muitos nómes Portuguezes; o que tudo lhe faz crer que estes e os Hespanhoes, no meio do enthusiasmo das viagens de Magalhães, e Gama, descobrírão muitos outros Paizes, que ao depois ficárão em esquecimento. Larguemos porém já este assumpto, e passemos a ver o que succedeo a Gaspar Corterreal, que deixámos em Lisboa de volta da sua primeira viajem.

Occupado sempre dos mesmos projectos, persuadido da communicação dos dois mares, e por conseguinte da possibilidade de achar o novo caminho para a India; conhecendo por outro lado as utilidades, que á Coroa e aos Vassallos Portuguezes podião resultar do commercio das terras que descobríra, e ambicioso sobre tudo da gloria que o esperava, se fosse mais feliz em outra navegação; não perdia elle o tempo ociosamente na Corte, antes pelo contrario, sendo-lhe facil fazer de novo entrar ElRei em os seus projectos, não tardou em pô-los em execução, e aos 15 de Maio do mesmo anno de 1501, estando já prestes com outro navio mais, se fez á véla do Porto de Lisboa, (1) deixando os seus compatriotas anciosos, e esperançados em huma melhor ventura. A viajem, segundo affirmão os nossos Authores, foi muito prospera até chegar á *Terra verde*; quando porém já estava sobre aquella Costa, por tal fórma se esgarrou da sua conserva, que esta depois de o ter procurado debalde por algum tempo, determinou fazer-se na volta do Reino, trazendo por unico

(1) A época desta segunda viajem de Gaspar Corterreal poderia parecer controversa, combinando-a com o testemunho do Embaixador de Veneza. He certo que Antonio Galvão indica, e Goes fixa positivamente o dia e mez, que acima apontamos; e ainda que pareça estranho que Pedro Pascoal escrevendo a seus irmãos em 29 de Outubro daquelle anno, e referindo a primeira viajem em que tanto interesse mostrava, não lhes participe nada da segunda, e trate de Corterreal como de hum homem presente, póde-se com tudo dizer com toda a probabilidade, que houve erro na data da dita Carta, e que em vez de Novembro se deverá ler talvez Março, o que concilia tudo.

co fructo das suas fadigas a noticia de hum tão triste acconteciment .

Miguel Corterreal, Porteiro mór do Senhor Rei D. Manoel, vendo-se por este successo privado de hum Irmão que amava ternamente, não teve animo para confiar de ninguem a diligencia de o procurar, porém aprontando immediatamente tres embarcações, desfraldou elle mesmo as vélas do Téjo em 10 de Maio de 1502, guiado por huma esperança, que os seus desejos lhe fingião como certa. « Chegado (diz Antonio Galvão) áquella Costa, co-
» mo virão muitas bocas de rios e abras, entrou cada
» hum pela sua, com regimento de que se ajuntassem to-
» dos ate 20 dias do Mez de Agosto. Os dois Navios
» assim o fizerão, e vendo que não vinha Miguel Corterreal
» no prazo, nem depois algum tempo, se tornarão a este
» Reyno, sem nunca mais delle se saber nova, nem ou-
» tra memoria, senão chamar-se esta terra dos Corterreaes
» ainda agora. Perdendo assim (continúa Osorio) o nome
» de Terra verde, que de principio lhe tinha sido posto. »

Quando os Navios trouxerão a Lisboa a noticia deste segundo naufragio, restava ainda outro Corterreal, por nome Vasco Eanes, Vedor da Casa do Senhor Rei D. Manoel, e do seu Concelho; (1) o qual sem mais demora intentou partir em procura dos perdidos Irmãos, visto não ter certeza alguma da sua morte, antes pelo contrario alguns indicios, pelos quaes a reputava duvidosa; forão porém baldadas todas as diligencias, e empenhos para conseguir o seu intento: ElRei que já tinha a lamentar a perda de dois criados, e dois amigos, quiz ao menos conservar o terceiro; por isso resistindo com firmeza a todas as súpplicas que lhe fazia para ir pessoalmente, foi facil em

(1) Era Capitão e Governador das Ilhas de S. Jorge, e Terceira, e Alcaide mór de Tavira: deixou hum filho por nome Manoel Corterreal, que succedeo em os empregos de seu Pai, e vivia no tempo de Damião de Goes. Póde ver-se sobre esta familia o *Nobiliario* de D. Antonio Caetano de Lima, Tom. II. tit. Corterreaes, e a *Historia Insulana*, &c.

em ordenar que se aprontassem, e fizessem á véla varios navios, que tambem voltárão sem nova alguma daquelles navegadores.

A pesar de semelhantes desastres não ficárão estas viajens sendo totalmente infructiferas; os exames e averiguações, que se fizerão por todos aquelles portos, abras, rios, e ilhas, derão hum pleno conhecimento destas paragens. Os lucros que Portugal podia tirar das pescarias daquelles mares, forão examinados e calculados; e as 70 legoas da Costa, entre o *Cabo Razo* (hoje Cabo de Raz) e o da *Boa vista*, marcadas como o lugar mais proprio para ellas se fazerem com a maior vantagem.

Aveiro era neste tempo huma das Povoações maritimas de Portugal, proporcionalmente mais rica em gente, commercio, e industria; senhora de huma barra magnifica pelo seu fundo, extensão, e segurança; e de muitas e grandes marinhas; sahião todos os annos do seu Porto grande numero de embarcações, que provião de sal as Provincias da Beira, Minho, e Traz os Montes, muitas das nossas Ilhas, e os portos de Galliza, deposito geral donde depois se exportava para outras partes. Além do sal, a Agricultura de seus extensos campos, e a pescaria de seus mares fazião outros dois ramos importantes de huma industria, em que se empregavão os moradores de 2500 fogos, de que então se compunha a sua população. Neste estado florescente he que ali chegou a noticia dos descobrimentos dos Corterreaes; e logo alguns Negociantes, tanto daquella Villa, como de Vianna, então igualmente opulenta e industriosa, determinárão aproveitar-se de circunstancias, que lhes abrião huma nova fonte de riquezas, e erão capazes de fazer sobir o seu commercio a hum ponto incalculavel. Este projecto foi concebido, e executado quasi ao mesmo tempo: para maior segurança delle, estes primeiros emprehendedores quizerão associar-se com alguns da Ilha Terceira, e assim combinados fizerão partir huma Colonia para se estabelecer na *Terra nova*, (1) e isto com

 tan-

(1) Depois de termos escrito esta Memoria, achamos casualmente

ta brevidade, que quando os Bretões, e Normandos ali chegárão em 1504, já achárão, segundo se colhe de Verazzani, (1) os Portuguezes de posse de huma parte da Costa; o que os fez contentar com o recconhecimento da outra porção, tanto para o Norte como para o Sul da que os nossos já occupavão, e aonde fazião as suas pescarias.

Dentro de bem pouco tempo prosperou extraordinamente este trafico, como era de esperar: em 14 de Outubro de 1506; isto he seis annos depois do segundo descobrimento, mandou o Senhor Rei D. Manoel por hum Decreto datado de Leiria, a Diogo Brandão, que fizesse arrecadar pelos Officiaes d' Elrey o importante Dizimo do pescado, que para ali se conduzia da *Terra nova.* (2)

Al-

em a Biblioteca Lusitana hum artigo, que muito comprova a época que seguimos a respeito do principio do Commercio do Bacalháo, e seu descobrimento. Diz pois o erudito Abbade Barbosa, fallando de Francisco de Sousa, que elle composera hum *Tratado das Ilhas novas, e descobrimento dellas .... e dos Portuguezes que forão de Viana, e das Ilhas dos Assores a povoar a Terra nova do Bacalháo, vai em setenta annos, de que succedeo o que ao diante se trata. Anno do Senhor* 1570, em fol. Em o tempo de Barbosa existia este manuscrito na Livraria da Casa de Abrantes, onde pereceo com todos os outros Livros em o fatal incendio de 1755, deixando-nos assim privados do unico monumento Historico em que se contavão circunstanciadamente aquelles accontecimentos. Provavelmente deste artigo he que o moderno Author da *Arte e Diccionario do Commercio e Economia Portugueza* tirou parte das noticias que refere na palavra *Bacalháo* pag. 57: onde ellas vem extremamente confusas e alteradas.

(1) João Verazzani, Florentino, tendo passado ao serviço de França, foi tambem recconhecer a *Terra nova*, pouco depois desta época; como se vê da Relação da sua viajem, mandada de Dieppe aos 8 de Julho de 1525 a Francisco I. Rei de França, a qual foi publicada em o III. Tom. da Collecção de Ramusio.

(2) Em huma Memoria sobre a pescaria das Baleas, que vem inserta em o segundo volume das Economias da Academia, falla seu benemerito Author, o Sr. José Bonifacio de Andrada, nas Viajens de Corterreal, e conjectura judiciosamente, que desde aquelles tempos se introduziria entre nós a pescaria da *Terra nova.* O Sr. Constantino Botelho de Lacerda mostrou isto convincentemente, produzindo por primeira vez o Extracto do citado Alvará. Vid. *Mem. Economic.* Tom. IV. pag. 338.

Alguns dos nossos Escritores fallão (posto que de passagem) deste commercio, que segundo parece, não se restringia só á Barra de Aveiro, entrando tambem nelle alguns outros portos da Provincia do Minho, e principalmente a Villa de Vianna: (1) ainda mesmo porém que não houvesse este concurso, era elle tal, sómente naquella primeira terra, que o Author da *Corografia Portugueza*, sem especificar a epoca, diz que n'outro tempo sahião de Aveiro sessenta Caravellas para esta pescaria. (2) Em 1550 affirma Antonio de Oliveira Freire, (3) que os moradores desta Cidade empregavão mais de cento e cincoenta embarcações em o commercio, que então estava levado ao maior auge, principalmente o do Bacalháo; o que tambem attesta Pimentel. (4) Em fim, no anno de 1598, segundo o testemunho de Forster, empregavão-se ainda cincoenta Navios Portugezes na mesma pescaria. (5)

E não pareça que era sómente ao mar da *Terra nova*, que neste tempo reputavamos ter direito; ainda mesmo que ignoremos se prosperou a Colonia, para ali mandada no principio deste estabelecimento; he fóra de toda a dúvida, que hum systema analogo ao que seguiamos nas outras

Ss ii par-

(1) « Terra (a de Vianna) cheia de gente rica e muito nobre, » de grande trato e commercio por huma parte com as conquistas de » Portugal, Ilhas, e terras novas do Brazil: por outra com Fran- » ça, e Flandres, Inglaterra, e Alemanha, d'onde e para onde re- » cebia de ordinario muitos generos de mercadorias, e despedia ou- » tras: para os quaes tratos trazião os moradores no mar grande nu- » mero de náos, e caravellas com grossas despezas, a que respon- » dião iguaes retornos, e proveitos, que tinhão a Villa florentissima, » e em estado de huma nova Lisboa. » Fr. Luiz de Sousa *Vida de Fr. Barth. dos Martyres* Liv. I. Cap. XXIV. pag. 41 v.

(2) *Corografia Portug* Tom. II. pag. 117 e 118.

(3) *Descripção Corografica de Portugal* Ediç. de 1739 pag. 55.

(4) Pimentel *Arte de Navegar* pag. 376. O mesmo Author adverte que muitos dos nomes dos portos da *Terra nova* são Portuguezes.

(5) *Forster's Voyage to Nord.* Tom. II. Esta noticia de Forster's, de que se lembra o Sr. José Bonifacio de Andrada, he fundada no testemunho ocular do Capitão Barkust.

partes, aonde tinhamos trato mercantil, devia ter ali feito estabelecer huma ou mais Feitorias, não só para prover as necessidades da nossa marinha, mas para proteger hum local proporcionado a hum tão grande trafico. Foi sem dúvida para exprimir isto mesmo, e a pacifica posse em que estavamos, ao menos de huma porção daquelle territorio, que em alguns Mappas que ainda existem, e principalmente em hum, feito em 1563 por Lazaro Luiz, (1) o qual se conserva em o Cartorio da Academia, se desenha huma porção da Costa da *Terra nova*, *onde se pescão os bacalhãos*, não só com muitos nomes Portuguezes, mas com o Estendarte das Quinas, fluctuando dentro daquelle Paiz.

Com bem sentimento conhecemos, que tão grande prosperidade passou como hum sonho: hum genero, que fazia grande parte do anno o principal sustento do povo, e em cuja extracção, preparação, e commercio, achavão subsistencia hum grande numero de individuos, cahio de todo nas mãos dos Estrangeiros, a quem somos obrigados a comprallo a peso d' ouro. As revoluções politicas conspirárão com as revoluções da Natureza, para nos fazer perder o fructo de todas as nossas fadigas. Ao pesado dominio dos Filippes; á aniquilação da nossa Marinha de Guerra e Mercante, e ás desastrosas guerras de Hollanda; ajuntou-se a decadencia da Barra de Vianna, e a perdição da de Aveiro: o seu commercio, até mesmo a sua população soffrêrão tanto, que em 1690 pouco mais se conservava, do que a lembrança de huma opulencia já de todo extin-

(1) Este Atlas composto de cinco grandes folhas de pergaminho dobradas ao meio, he primorosamente debuxado e illuminado. As primeiras duas paginas contém algumas advertencias a respeito da Estrella do Norte, Cruzeiro, Movimento do Sol, com humas taboas da declinação deste Planeta: depois seguem-se os Mappas; e no reuerso da ultima pagina huma Estampa de Christo crucificado com a seguinte inscripção: « Lazaro Luiz fez este Liuro de todo ho Uni» uerso, e foi feito na era de mil he quinhentos he sesenta he tres » annos. » Este interessante Documento merecia sem dúvida, que se désse delle huma noticia mais individual.

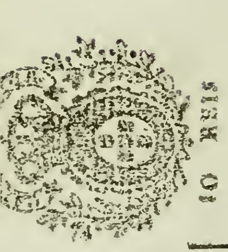
tincta; porém ainda neste tempo a maior parte dos Geografos Estrangeiros se servião dos nomes Portuguezes para descrever a Costa da *Terra nova*: isto mesmo foi desapparecendo pouco a pouco; as outras Nações, que não dormem sobre os seus interesses, se aproveitárão do lethargo em que a força das circunstancias tinha sepultado a nossa; e apoz a perda de tantos lucros, seguio-se a da memoria das emprezas dos Portuguezes daquelle memoravel Seculo, e o nome dos Corterreaes ficou quasi de todo desconhecido.

A pezar de tudo não se abandonou o projecto que tinha dado origem a estas nossas primeiras viajens. Se dessemos credito a alguns Authores, serião os Portuguezes os que achassem esta nova Pedra Filosofal, do caminho ás Indias pelo Norte da America (1), em que tanto trabalhárão até aos nossos dias as Nações Maritimas da Europa,

(1) Referiremos (ainda que sem lhe dar credito) o que dizem dois modernos Escritores a respeito deste nosso pertendido descobrimento. He o primeiro o Duque de Almodovar em a *Historia Politica de los Establecimentos Ultramarinos de las Naciones Europeas* Tom. IV. pag. 584, onde conta que Lourenço Ferrer Maldonado, Hespanhol de origem, se embarcára em 1588 no Porto de Lisboa, em hum navio de que era Piloto João Martins, natural do Algarve; e dirigindo o seu rumo pelo Nordeste á *Terra do Lavrador*, passando o Estreito de Davis, desembocou pelos 75 gráos de Latitude em o Mar glacial: depois navegando ao Oeste quarta de Sudueste, se achou em o Estreito de Anian, que dista de Hespanha 1750 legoas, segundo a sua derrota, e desembocou no Mar do Sul pelos 60° Na hida atravessou o Estreito em Fevereiro, e sahio da sua boca em Março, pelo que padeceo muitissimo frio, e escuridade: vio grande quantidade de gelo em as margens, porém nunca achou o mar gelado. Na sua volta, que foi em Junho e Julho, teve sempre muito bom tempo, e desde que cortou o Circulo Artico em os 66° 30′ até que o tornou a cortar no meio do Estreito de *Lavrador*, jámais lhe desappareceo o Sol do Orisonte, e sempre sentio bastante calma. O Author que dá esta noticia, diz que se conserva o Roteiro manuscrito donde ella foi extrahida, escrito mui circunstanciadamente, com as correspondentes relações das correntes, marés, e sondas, com as vistas das Costas da Asia, e dos rumos, e Costas da America &c.

O segundo lugar he tirado de Debrosses na sua *Historia da Navegação ás terras Austraes* Tom. I, pag. 73. Tratando da passagem da

pa, principalmente a Inglaterra. Não he do nosso assumpto referir as diligencias dos Capitães Midelleton, Smith, Moore, e ultimamente do celebre Philipps nesta tentativa, que até agora ficou frustrada: a viagem deste ultimo, combinada com a terceira que fez o immortal Cook, parecem bastantes para fazer ver a impossibilidade de semelhante descobrimento por aquelle lado do Globo.



ME-

India á Europa pelos mares do Norte « Não he fóra de proposito » (diz elle) accrescentar . . . . o contheudo n' huma Carta escrita a » hum Ministro d' huma Corte, que tomava informações sobre hum » semelhante facto.

» Os novos descobrimentos (diz a Carta) que eu fiz sobre a » passagem á China pelo Norte da Europa, e de que me pedis a » relação, vem a ser, de que hum navio chamado o *Padre Eterno*, » commandado pelo Capitão David Melguer, Portuguez, partio do » Japão a 14 de Março de 1660; e navegando ao longo da Costa » da Tartaria, correo ao Norte até 84° de latitude; donde continuou » a viajem entre Spitzeberg, e a velha Groenlandia, e passando pe» lo Oeste da Escossia e da Irlanda, chegou á Cidade do Porto; aon» de hum Marinheiro do Havre de Grace diz ter visto haverá 28 » annos este Navio o *Padre Eterno*, e o Capitão Melguer que mor» reo neste tempo, e cujo enterro o Marinheiro prezenceou. Já fiz » escrever para Portugal a fim de obter, se for possivel, o Jornal » desta navegação. &c. »

MEMORIA

Sobre a novidade da Navegação Portugueza no Seculo XV.

Por Antonio Ribeiro dos Santos

As viajens, que nós fizemos desde os tempos do claro Infante D. Henrique, até os do Sr. Rei D. Manoel, o Venturoso, forão façanhas, que excitárão a admiração do genero humano, e immortalisárão o nome Portuguez, e o dos seus illustres Argonautas. Ou se considerem os progressos da Navegação, ou o Commercio, e os thesouros immensos com que se enriqueceo a Europa inteira; ou a extensão das Conquistas, e a grandeza dos estabelecimentos Africanos e Asiaticos, ou as noticias que se adquirírão de hum mundo até então não conhecido; ou finalmente os augmentos e vantagens que vierão ás Sciencias Fysicas, ás Artes, e á Policia; he sem dúvida, que a nossa Navegação teve em todos estes grandes objectos a primeira influencia; podendo-se bem dizer, que ella fez huma nova creação, em que se abrio hum novo Ceo, e huma nova terra e mar aos olhos dos homens.

De que ledo t' espantas,
Oceano, e dás por nova
Do mundo ao mesmo mundo altas historias. (1)

Em verdade, que quando bem se ponderão as arduas e difficultosas emprezas de nossas primeiras viajens, não se sabe facilmente resolver, se foi maior façanha intentar aquella Navegação, ou já vencella. Parece que a Natureza dêo então azas aos Navegadores Portuguezes para voarem

(1) Antonio Ferreira, Liv. I. Ode I.

rem do nosso, a outro novo hemisferio; unirem as extremidades de dois mundos; e ligarem, pelas relações de reciprocos interesses, a communicação social com todas as creaturas da sua especie; vindo a fazer, em certo modo, de todos os povos do mundo, como hum só povo.

Alguns dos que fallárão do Commercio, e da Navegação dos antigos, pretendêrão sustentar, que elles havião feito a volta de Africa pelo Mar Atlantico até o Seno Arabico, pela mesma rota, que nós abrimos no Seculo XV.; e que nossa Navegação, que nossos e extranhos tão altamente exalçárão, se não devia ter por original, ou primeira, como vulgarmente se tem dito; não se havendo feito nella outra cousa mais, do que rastejar a rota, que os antigos já tinhão aberto mais de vinte e quatro Seculos antes, como constava das relações de suas mesmas viajens. (1)

Dos nossos mesmos houve hum, entre outros, de grande sabedoria, Damião de Goes, que fallando desta Navegação, não duvidou affirmar « que em dois discursos, » que escrevera, declarára, quantas e quaes pessôas muito antes fezerão esta viajem da India, pelo mesmo caminho, que a nós agora fazemos, por acudir ao erro, » em que cahirão alguns Escritores Portuguezes, que tratarão destes negocios, dizendo, que só a Nação Portugueza fora, a que navegando pelo mar Oceano, primeiro que nenhũa outra, viera ter ao mar da India; do » qual erro se lhes podia em parte relevar a culpa, por » porventura cuidarem, que attribuindo esta gloria á sua » propria Nação, lhe accrescentavão louvor aos muitos, » que se lhes devia. » (2)

Nós com tudo ainda nos não movemos, nem com as re-

(1) Forão destes sentimentos entre outros M. Huet na *Historia do Commercio e Navegação dos Antigos*; Bochart no *Chanaan*; Luis Marmol na *Africa*; M. de Francheville na *Historia da Companhia das Indias*, París 1738; e na Dissert. sobre a navegação de Tarscis no Tom XVII. das *Memorias da Academia de Berlin* de 1761; e Court de Gibelim no Tom. VIII. do *Mundo Primitivo*.

(2) *Chronica del Rei D. Manoel*, P. I. Cap. XXIII.

relações das viajens dos antigos, nem com as authoridades dos que as tem dado por legitimas e concludentes, para desistirmos por nossa parte do direito e posse, em que temos estado da originalidade de nossa famosa navegação: por quanto considerando bem nesta materia, e desejando de acertar nella, e sem mais affeição, que a da verdade, não achámos cousa alguma certa e decisiva na Antiga Historia, que nos obrigasse a ceder de nossa causa; e a reconhecer a prioridade de outras viajens nesta carreira da circum-navegação de toda a Africa.

Não desamparemos pois o campo, nem consintamos, que tão facilmente nos arranquem das mãos a gloria da nossa primasia, ganhada por tantos illustres feitos de invicta animosidade e constancia de nossa gente, apregoada em todo o mundo pela maior façanha, que vio o vastissimo theatro do Oceano; e vinculada em altos padrões de immortal memoria entre os grandiosos titulos, que herdámos de nosos inclytos Maiores. (1)

(1) O nosso Sabio e illustre Socio, o Sr. Stockler apresentou na Academia, e lêo em 1805 huma excellente Memoria sobre a Navegação Portugueza do Seculo xv. pelos Mares de Africa até á India; em que por hum modo vigoroso, e digno delle vindicou contra os emulos da nossa gloria a sua originalidade e primasia. E posto que não concordemos com a sua opinião a respeito da existencia dos dois Mappas do Infante D. Pedro, e do Cartorio de Alcobaça (cujas demarcações, podendo ser meramente conjecturaes, o que mostraremos n'outro lugar, nada impedem a prioridade da nossa Navegação) com tudo resolvemos logo supprimir esta nossa Memoria, escrita em tempos passados, com pena muito desigual á do Sr. Stockler, e condenalla a perpetuo silencio, como já de todo desnecessaria depois daquella. O Sr. Muller, Secretario da Academia, e digno successor daquelle Socio, lembrou-se della pela ver citada em escritos nossos; e com a bondade e cortesia, que lhe he mui propria, mostrou desejar, que ella apparecesse sempre na Academia; por entender, que não era inteiramente inutil haver mais outro discurso sobre assumpto tanto nosso, em que já poderia ser, que houvesse alguma cousa, que bem fizesse á nossa causa. Cedemos menos a esta razão, que certo se não vereficará nesta Memoria, que á vontade deste Socio respeitavel, que mostrou seria a mesma da Academia.

Provas da Novidade da Navegação Portugueza no Seculo XV.

Entendemos, que por dois modos se póde concluir a originalidade, ou novidade da Navegação Portugueza no Seculo XV.

1.° Pelo meio da Analyse, ou consideração das viajens dos Antigos, que costeárão a Africa: porque se veja que humas se não extendêrão a todas as Costas daquelle vasto Continente; e que outras forão incertas, ou fabulosas.

2.° Pelo outro meio da consideração das cousas, de que os Antigos duvidárão, ou que inteiramente desconhecêrão das partes de Africa, que não era natural que assim acontecesse, se se houvesse feito a circum-navegação de toda ella pelo Oceano. Examinemos cada hum destes dois generos de provas separadamente.

Pri-

Primeiro Genero de Provas pela Analyse das Viajens dos Antigos pelas Costas de Africa.

AINDA hoje he hum Problema difficil de resolver, se antigamente se fez a circum-navegação de toda a Africa: faremos huma breve resenha de todas as viajens dos Antigos, que costumão allegar-se neste assumpto; e das razões que ha para lhes negar o credito, que Goes e muitos outros sabios geralmente lhes tem dado; porque se possa assim resolver o Problema, e mostrar em consequencia, se he, ou não original e primeira a nossa navegação do Seculo XV.

CAPITULO I.

Das Viajens parciaes dos Antigos pela Costa de Africa.

PODEMOS considerar as viajens dos Antigos em duas classes: humas, que chamamos parciaes, e forão limitadas a huma parte da Costa de Africa; e outras, que se dizem geraes, em circumferencia de todo aquelle Continente. As primeiras, sendo parciaes, por si mesmas se excluem, nem podem entrar em concurso com a nossa navegação; taes são as de Hannon, de Sataspes, e de Polybio: digamos de cada huma destas o que bastar para esta intelligencia, porque de alguma dellas se não entenda que foi geral, como alguns já tem julgado.

ARTIGO I.

Da Viajem de Hannon Carthaginez.

A Primeira viajem, que nos occorre nesta classe, he a de Hannon, Almirante Carthaginez, que alguns entendêrão ter cursado, desde as Columnas de Hercules, por toda a Costa de Africa, até ao *Golfo Arabico*: esta com tudo não tem lugar na materia de que tratamos, nem póde entrar em concurrencia com a nossa; porque está hoje mostrado ser contra o texto do Periplo a grande extensão, que se lhe dá; limitando-se, no conceito do moderno e douto Gossellin, somente ao Cabo e Ribeira de *Nam*, ou se se quer seguir alguma das opiniões de Campomanes, de Bougainville, e de outros á *Serra Leoa*, ou ao *Cabo de Santa Anna*, ou ao *Cabo das Palmas*, ou ao *Cabo das Tres Pontas*, ou finalmente ao *Cabo Lopo*. Por tanto ficou ainda por navegar ao Capitão Carthaginez todo o restante da Costa Occidental de Africa até o *Cabo da Bôa Esperança*, e toda a Oriental até o *Golfo Arabico*.

ARTIGO II.

Da Viajem de Sataspes.

FAllava-se tambem de outra viajem, que era a de Sataspes, filho de Teaspes, natural de *Achemenia*; do qual se dizia, que no tempo de Xerxes fora mandado fazer huma viajem á roda de Africa, pelos annos de 475 antes da era Christã. Com effeito Herodoto nos refere, que havendo elle violado a huma donzella, filha de Zopyro, e neta de Megabiso, e sendo por isso condemnado á morte pelo Rei Xerxes; sua mãi, que era irmã de Dario, advogára por elle, e conseguíra que em castigo de seu crime, fosse mandado navegar por toda a Costa de Africa, até che-

chegar ao *Seio Arabico*, para descubrir á sua custa e risco as terras daquelle vasto Continente.

Com tudo não serve esta navegação, se a houve, para se combinar com a nossa; por quanto conta-se, que Sataspes, entrando em hum navio, partíra do Egypto, e sahíra pelo *Estreito Herculeo*, e dobrára o Promontorio de Africa, chamado *Soloe* ou *Syloes*, e seguíra por muito tempo sua rota para o Sul; mas que todavia, ou aterrado das tormentas, ou anojado da prolixidade do caminho, ou falto de mantimentos, não acabou de passar a *Lybia*; recuou sobre seus passos, e voltou pelo Estreito outra vez ao Egypto; dando em causa, que o navio não podéra ir por diante, impedido dos grossos mares; e que Xerxes não lhe dando credito, o mandou justiçar: (1) donde esta viajem, parando na *Lybia*, não póde entrar em parallelo com a nossa navegação.

ARTIGO III.

Da Viajem de Polybio.

NÃO tem cabimento na classe das navegações, de que tratamos, a que Polybio o Historiador, fez por ordem de Scipião Emiliano a reconhecer as Costas de Africa, do que só faz memoria Plinio no Liv. V. Cap. 1., no Liv. VI. Cap. 31., e no Liv. VIII. Cap. 16., apresentandonos hum extracto do seu Periplo: por quanto elle com sua frota não passou da Costa Occidental daquelle Continente; nem chegou ao *Cabo da Boa Esperança*; e nem ainda ao *Cabo Verde*. Isto he o que se póde inferir dos lugares, que elle nomeava no seu Periplo: taes são o *Rio Lixo*, o

(1) Herodoto conta o facto, como succedido no seu tempo: porque dizendo, que hum eunucho de Sataspes, sabendo de sua morte, abalára para *Samos* com grandes riquezas, accrescenta, que dellas se apossou hum certo natural daquella Cidade, cujo nome sabia, mas que o queria passar em silencio.

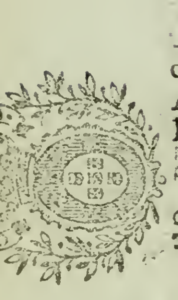
o *Rio Sabur*, o *Rio Salá*, o *Promontorio do Sol*, o *Rio Darat* ou *Darato*, e o *Rio Bamboto*.

Por aqui se vê, que elle em seu curso não chegou a passar do principio do Monte *Atlas Maior*, que todos os antigos Escritores pozerão nos fins da *Mauritania*, e do *Rio Bamboto*, que he a Ribeira de *Nam* ou *Nun*. Donde de nada serve para o nosso assumpto a navegação de Polybio. (1)

CAPITULO II.

Das Viajens geraes dos Antigos pela Costa de Africa.

FAllaremos agora das viajens dos Antigos, que se inculcão geraes por toda a Costa de Africa, desde o Mar Atlantico até o Mar Indico, ou vice versa desde o Mar Indico até o Atlantico.



AR-

(1) Pozemos os lugares, que elle visitou, nesta ordem, posto que não seja a em que se achão em Plinio, que fez o extracto deste Periplo; por quanto he de saber, que este se acha naquelle Author, dividido em duas partes, que desunem a sua totalidade; porque na primeira dão-se tres medidas geraes, que abração todo o espaço andado na sua carreira; e na segunda nomeão-se posições intermediarias em sentido inverso das precedentes: estas são tomadas do meio dia para o norte, e a ordem dos lugares he traçada do norte para o meio dia, indo tudo em hum methodo retrogrado: o que notou o douto Gossellin, que por isso transpoz a ordem dos lugares, e os arranjou na maneira, por que os propomos. De qualquer fórma porém que se colloquem, nenhum ha nelles, que indique maior curso na navegação de Polybio; porque todos são para cá do *Cabo Bojador*. Ainda quando alguem quizesse seguir a opinião de alguns que levão a viajem de Polybio até o *Senegal*, e o *Promontorio das Hesperides*, e ainda até além dos Montes de *Théon Ochema* (*Carro dos Deoses*) que fazem corresponder á *Serra Leoa*: assim mesmo a não poderia oppor, como he claro, em confrontação da nossa, como sendo acanhada e diminuta, e muito áquem da nossa carreira da Africa.

ARTIGO I.

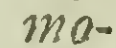
Da Viajem da Frota de Salomão.

PRimeiramente apparece em scena a frota, que Salomão enviava a *Ophyr*: ella partia do porto de *Asiongaber* no Mar Roxo, esquipada por marinheiros Tyrios, que erão do Rei Hiram, os mais vizinhos da parte do Mediterraneo, e os melhores marinheiros, que então havia; frota esta, em que vinha grande quantidade de ouro, de pedras preciosas, e de huma rara e excellente madeira de cheiro, e de evano; e apparece tambem a outra frota de *Tarscis* igualmente navegada pelos Tyrios, ou pelo menos por Colonos Fenicios, iguaes em reputação aos Tyrios, que trazia tambem ouro, e muita prata, marfim, bugios, e papagaios, ou pavões. Mas não se disputa desde muitos tempos entre os Sabios, por que mares se fazião taes viajens, e aonde demoravão as regiões, donde vinha tamanha riqueza a Salomão?



¿Quem não sabe quão desvairadas e encontradas tem sido as opiniões nesta materia? Podem ler-se para desengano Grocio, Bochart, o nosso Gaspar Barreiros no famoso Commentario *de Ophyra Regione*, e Francheville na erudita *Dissertação sobre a Navegação de Tarscis* no Tom. XVII. das *Memorias de Berlim*, (1) o que estes Sabios e outros muitos escrevêrão disto, não são mais do que meras conjecturas, de que se não póde tirar certeza sobre a situação de tão ricos paizes, nem por conseguinte sobre a rota e limites destas famosas navegações; podendo-se dizer, que se ignora ainda hoje, se estas viajens se fazião desde o Mar Indico até o Atlantico, como alguns asseverárão; ou se antes devemos assentar no que dizia o mesmo illustre Barreiros: *Navigatio ipsa à mari indico in Atlanticum per Australem orbis plagam, non mo-*

(1) Pag. 439 e seguintes.



modo Salomonis ætate, nondum nata, nec satis explorata fuerat vsque ad tempora Emmanuelis Portugalliæ Regis. Assim são tão incertas e vagas as noticias destas navegações, como o são as da situação dos dois lugares de *Ophyr* e de *Tarscis*: donde he claro que se não póde tirar argumento decisivo contra a originalidade da Navegação Portugueza. (1)

AR-

(1) Os Interpretes aos Lugares das Santas Escripturas tomárão differentes rotas; e nestas mesmas se implicárão com dúvidas indissoluveis: huns entendêrão achar o *Ophyr* na Asia; huns na Africa, e outros até na America: opinião que foi a de Gilberto, Arias Montano, de Genebrardo, de Vatablo, e de alguns Rabbinos, e o he modernamente de Sechind, do Conde Carli nas suas *Cartas Americanas*, e do seu Traductor e Annotador. Os que o poem na Asia, ou na grande India, não são entre si accordes: cada hum lhe dá lugar, segundo a sua imaginação, em *Goa*, em *Malaca*, no *Pegu*, e em *Samatra*, para que vai o nosso douto Gaspar Barreiros na sobredita Dissertação *de Ophyra Regione*. Os que o poem na Africa, tambem se não ajustão.

A opinião mais geralmente seguida he a de Ortelio, e de M. Huet, Bispo de Avranches, que o demarcou em *Sofala*, ou na Costa Oriental de Africa até *Zanguebar*; sentimento adoptado primeiro pelo nosso Thomé Lopes em a sua *Navegação ás Indias Orientaes*, inserta em o primeiro volume de Ramusio, o qual achou esta tradição ali universalmente recebida; e tambem pelo Judeo Portuguez, Isaac Dias nas súas *Conjecturas Sagradas*; e depois por M. d'Anville em huma particular Memoria sobre este assumpto, que vem na *Collecção da Academia Real das Inscripções e Bellas Letras* no Tom. XXX. Serve para confirmar isto, ver que na versão dos Setenta, *Ophir* se traduz por *Sophira*, nome que se aproxima ao de *Sofala*, como já notou Davity. A'vista destas diversas opiniões, dizem com razão os Authores da *Historia Maritima Geral*, que « o que he mais difficil » de averiguar nas navegações de Salomão, he o lugar em que ellas » se fazião: não tem havido paiz mais procurado pelos Interpretes, » e menos conhecido, que o *Ophyr* das Santas Escripturas: as sabias » Dissertações que se tem feito nesta materia não tem servido de » mais, do que de a embrulhar e escurecer em demasia (*Histoire* » *Generale de la Marine* Tom. I Liv. I. pag. 5.) »

Por donde, esta variedade de pareceres tão encontrados assaz mostra, que nenhuma certeza ha da rota das navegações de Salomão; e que destas se não póde tirar argumento decisivo para assentar a circum-navegação da Costa de Africa. Sobre o que se podem ler além dos já citados, a João Augusto Pfeiffer na sua obra *Dub. Vex.*

ARTIGO II.

Da Viajem de Meneláo.

MUito notavel he na antiguidade a viajem de Meneláo, que descreveo Homero, e referírão depois delle Eudoxo, e Crates, fazendo-o navegar desde o Mar Roxo pelas Costas da *Ethiopia*, dos *Sidonios*, dos *Erembos*, e da *Lybia*. Allega com este facto o erudito M. Court de Gebelim, depois de outros, que tambem se havião já fundado nelle, para mostrarem que Meneláo havia feito a volta de Africa, interpretando o termo *Erembos* pelo paiz da *Arabia* da Costa Occidental de Africa. (1)

Com tudo 1.° Estrabão, e com elle Bochart, Madama Dacier, e outros, entendêrão o passo de Homero, como o mesmo Gebelim confessa, da *Arabia* Oriental ou Asiatica, a que applicárão o paiz dos *Erembos*, e não da *Arabia* Occidental. 2.° Outros houverão esta navegação por huma imaginação ou ficção do Poeta. (2) Donde tambem não ha tirar argumento desta viajem de Meneláo, para prova da navegação antiga á roda de Africa; sendo

Centur. II. loc. XCV. pag. 432, e João Francisco Budeo na *Hist. Eccles. Veter. Testam.* Tom. II. Per. II. Sectio IV. pag. 263 e seg. Quanto á navegação para *Tarscis* ou *Tarsis* ha tambem opiniões diversas: huns a fazem pelo Mediterraneo para a antiga *Carthago* em Africa: outros lhe poem a baliza na Ilha *Tartesso* da *Betica* em nossa Espanha: desvairão outros para outras partes, não se sabendo nada com certeza, nem ainda com maior probabilidade.

De ambas estas regiões se deve dizer o que o nosso douto Gaspar Barreiros, fallando da Historia Judaica dos Reis, dizia particularmente de *Ophyr* « Verum in quonam orbis parte hæc regio sit » posita, cincta ne mari, an illi continens, silentio præterit; nec » quo nomine his temporibus nuncupetur, apud aliquem idoneum » authorem memini me legisse. Si qui vero sunt, qui in eo aliquam » operam posuere, parum, aut nihil consecuti mihi esse videntur. » (no principio do Commentario de *Ophyra regione*)

(1) *Monde Primitif.* Tom. VIII. Art. V.

(1) Veja-se Gossellin na obra acima citada pag. 202.

tão duvidosa, como he, a situação do paiz dos *Erembos*; ou incerto, de qual das duas *Arabias* se ha de entender este lugar do Poeta Grego.

ARTIGO III.

Da Viajem de Magão.

NEnhuma força tem a allegação que se costuma fazer de outra historia, que contava Heraclides, o Pontico, de hum Magão, ou Mago, nos tempos de Gelon, Rei de Syracusia, que asseverava haver feito a volta de Africa; historia, que elle compoz pelos annos de 330 antes da Era Christã: por quanto vemos, que Possidonio, citado por Estrabão, affirmava em contrario, que a sua narração não era apoiada em algum documento, ou testemunho, que a fizesse acreditar: (1) por onde de hum facto referido por hum só Historiador, e negado por outro, não fica lugar para se formar argumento concludente da certeza de huma antiga navegação, tão extraordinaria e espantosa, como esta seria, sem mais alguma prova que decida na contrariedade dos dois historiadores, e muito mais ainda tendo sido Heraclides Author suspeito entre os antigos.

ARTIGO IV.

Da Viajem dos Hespanhoes.

TAmbem não conclue positivamente pela opinião contraria, o que se contava, segundo Plinio no Liv. II. Cap. 67, de nossos antigos Hespanhoes, que se cria terem feito a volta de Africa; por haver dito Caio Cesar, filho de Agrippa, e de Julia, e adoptivo de Augusto, Commandante de huma Esquadra pelo Mar Roxo, que tinha achado

(1) Em Estrabão Liv. II. pag. 98. Veja-se M. Gossellin no Tom. I. da obra acima citada pag. 201.

do fragmentos do navio Hespanhol, que ali havia naufragado; donde parecia ter-se feito a navegação em volta de Africa: por quanto Plinio não declara donde houvesse esta noticia; vê-se porém que a tomou de Eudoxo, que conta o mesmo das Costas Orientaes, mas perto de cem annos antes de Caio Cesar; o que faz a muitos desconfiar da narração: além do que Estrabão, que esteve no *Egypto*, e se informou deste facto, zomba dos que delle fallárão; e ao mesmo tempo passa em silencio o outro do tempo de Caio Cesar, seu contemporaneo; no que mostra ter havido isto por hum rumor popular, ou noticia sem alguma prova, e fundamento. (1)

Nem nos deve abalar a viajem do Commerciante Hespanhol, de qûem dizia Celio Antipatro haver navegado desde *Gades* até a *Ethiopia*, o que tambem refere Plinio no Liv. II. Cap. 67; por quanto por huma parte os Antigos davão nome geral de *Ethiopia* a todos os paizes, que se alongavão do Mediterraneo; e estes Ethiopes erão os Occidentaes, e não os Orientaes; e por outra parte sabemos de Possidonio, contemporaneo de Celio Antipatro, e residente e instruido em Cadiz, referido por Estrabão, que os Hespanhoes navegavão dali até o *Rio Lixo*, que era na Costa exterior da *Mauritania*, dando-a como a extrema, ou meta das navegações Hespanholas.

Artigo V.

Da Viajem de Necho, Rei do Egypto.

FAllemos de dois factos, que parecem de todos, os mais authorisados e decisivos, quaes são a viajem, que mandou fazer Necho ou Necháo, filho do famoso Psammetico, e Rei do Egypto, que remonta acima de 600 annos antes da Era Christã; e a de Eudoxo de Cyzica no Se-

Vv ii culo

(1) Liv. II. pag. 99 — 102. Veja-se Gossellin na obra acima citada pag. 201 202.

culo de Ptolomeo Lathuro. Necho ou Necháo, o primeiro que abrio o seu Reino aos Estrangeiros, Principe de grandes vistas, que quiz ajuntar o Nilo com o Mar Roxo, e pretendeo crear huma nova marinha, para vir a ser poderoso por terra e mar, e tirar todo o Commercio aos Fenicios, cobrio o Mar Mediterraneo, e o Mar Roxo de galeras, e tentou mandar commetter a viajem á roda de Africa: cheio deste projecto, encarregou a execução a certos Fenicios de sua obediencia, homens muito praticos e experimentados nas cousas maritimas, fazendo partir seus vasos do golfo *Arabico* ou *Erythreo* com ordem de ganhar o *Mar Austral*, e entrar no Mediterraneo pelo *Estreito.*

Diz-se pois que começárão a navegar pela Costa Oriental de Africa, até chegar ao *Mar Austral*, ou Meridional; e que depois vierão ao *Mar Occidental*, e no terceiro anno entrárão no Mediterraneo, e abordárão ao *Egypto*, surgindo pelas bocas do Nilo. Contavão entre outras cousas, que nesta viajem tiverão cuidado de desembarcar nas entradas do Outono sobre as Costas, aonde se achavão; e de semear nellas grão, e esperar pela colheita, e depois fazer-se á vela. Este facto referio Herodoto, e sobre elle he que se apoiava para asseverar, que a Africa era toda cercada de mar, excepto pela parte por onde pegava com a Asia. (1)

Eis-aqui hum facto, que parece provar a antiga circum-navegação de Africa; e que tem movido a muitos Sabios; ponderemos com tudo, que confiança se lhe deve dar.

1.° Herodoto he o unico entre os antigos, que conta a expedição dos Fenicios por Necháo; elle não foi coevo a este facto, nem mostrou donde houvera esta noticia; o que póde excitar dúvida sobre a sua narração.

2.° A unicidade deste Escritor, e não contemporaneo, faz-se mais notavel e suspeitosa, vendo que Pomponio Mela,

(1) Lib. IV. *Melpomene.*

la, e Plinio (que procurárão provar a possibilidade da circum-navegação de Africa, ajuntando os factos e tradições que julgárão proprias a sustentar as suas conjecturas nesta parte) nenhuma menção fizerão deste passo de Herodoto, que lhes seria grande apoio; e nem ainda de semelhante navegação, tendo occasião tão opportuna, e até necessaria, que os obrigava a fallar della; ao mesmo tempo que sabemos, que elles lêrão o Historiador Grego, e o citárão, e extrahírão varios lugares em suas mesmas obras. Hum silencio nestas circunstancias, não he hum simples argumento negativo, mas sim decisivo, que basta por si só, e indica que elles não derão fé á relação da viajem dos Fenicios.

3.° Sobre a prova deduzida deste silencio em taes circunstancias, vem mais a que se tira de Estrabão, que não acreditou esta viajem; porque certo, se o seu juizo só não exclue o testemunho de Herodoto, ao menos o contrabalança, e põe em dúvida; e tanto mais, quanto Herodoto, posto que mais antigo, foi mais facil em acreditar fabulas, e cahir em faltas de exacção, como já o taxavão dos antigos Plutarcho, Harpocracião, Dion Chrysostomo, e Ctisias de Gnido, que o desmentia em sua Historia; e dos modernos Reineccio, Vignoles, Vallemont, e particularmente o moderno e douto Gossellin sobre esta mesma navegação.

4.° Faz tambem desconfiar da veracidade desta viajem ver contarem-se nella cousas inverosimeis, como abordarem os Navegantes Fenicios nas terras Africanas, por onde passavão no Outono, para nellas semearem grão, e não se retirarem dali, senão depois de concluida a colheita; e que em sua navegação gastárão tres annos; o que parece pouco verosimil, (1) pois que era muito pouco tempo para aquelles desembarques, para os trabalhos, e operações da

(1) Não deixaremos de lembrar aqui de passagem, o que se não tem advertido, que a circunstancia dos tres annos de viajem parece forjada sobre a outra dos tres annos das frotas de Salomão.

da agricultura, para as demoras da colheita dos fructos; e para as novas, longas, e perigosas navegações, que devião depois continuar a fazer por todas aquellas Costas. (1)

A narração pois desta viajem, que Herodoto nos deixou escrita, ponderadas todas estas cousas, não se póde considerar senão como huma historia, combinada sobre a opinião, que alguns dos antigos tiverão da fórma, e extensão desta parte do mundo, isto he, sobre os conhecimentos, não praticos e locaes, mas sim especulativos e theoreticos que elles tinhão, e de que se fez huma simples applicação á historia desta imaginada navegação dos Fenicios.

ARTIGO VI.

Da Viajem de Eudoxo.

TEmpo he de passar a huma outra viajem, que he do Seculo de Ptolomeo Lathuro, perto de 100 annos antes da Era Christã. Esta foi a que se diz, que fizera Eudoxo de Cyzica, cuja Relação ou Periplo se acha em Pomponio Mela no Liv. III. Cap. 10. extrahida de huma obra, que elle cita de Cornelio Nepote, que se perdeo. Plinio no Liv. II. Cap. 67, e Marciano Cupella no Liv. VI. pag. 201, igualmente a citão sobre a fé do mesmo Nepote. Este Eudoxo jactava-se de ter sahido do *Golfo Arabico*; haver feito a circum-navegação das duas Costas Meridional, e Occidental de Africa; e vir por fim a desembarcar em *Cadis*. Para não estarmos por esta navegação, que tanto se tem apregoado, devemos notar o seguinte:



1.° As quatro authoridades reduzem-se verdadeiramente a huma só, que he a de Nepote; e he inteiramente desconhecido, qual foi a fonte, donde elle derivou esta noticia.

2.°

---

(1) Sobre isto póde ler-se M. Francheville na sua *Dissertação sobre a navegação de Tarscis* no Tom XVII das *Memorias da Academia de Berlim* pag. 439 e seg., e o já citado M. Gossellin.

2.° Este Itinerario não foi conhecido nem de Possidonio, nem de Estrabão, que longe de o referirem, fallando das navegações dos Antigos, trouxerão outro do mesmo Eudoxo muito differente deste; o que indica, que ou hum, ou outro delles he falso, e obra alhea de Eudoxo, ou ambos elles.

3.° Esta Relação, combinada com a dos Periplos de Hannon, e de Polybio, vê-se bem, que he em grande parte hum Itinerario refundido, e composto de ambos elles, parecendo que o seu Author pertendeo inculcar, que havia corrido todos os lugares, que elles vírão.

4.° Eudoxo vindo desde as vizinhanças do *Cabo Aromata* (*Guardafui*) pela Costa meridional de Africa, até o ponto Occidental, (aonde se propoz tomar a viajem de Hannon, para tecer, e completar com ella o curso de seu Itinerario) em todo aquelle immenso intervallo não descreve lugar algum das partes desconhecidas das duas Costas extremas; mostrando bem claramente por isso mesmo, que lhe faltavão conhecimentos reaes do local; e que não tinha a quem seguisse e copiasse; e por conseguinte que não tinha navegado, e visto aquellas Costas.

5.° Elle não faz neste seu Itinerario alguma observação nautica: não falla da mudança no aspecto do Ceo; da qualidade dos mares; das difficuldades, que teria de vencer naquella carreira; na travessia das Costas, e na passagem do Cabo mais austral de Africa; nem que tempo gastou nas viajens; nem como se proveo de viveres ao longo dos lugares desconhecidos e selvagens; sendo estas as circunstancias, que mais natural e facilmente descreve hum viajante.

6.° Muito pelo contrario affecta supprir este vasio com os contos de cousas incriveis, que diz que víra; como homens sem lingua, homens sem boca, homens himantópodes, isto he, que não andavão em pé como homens, mas como animaes, e outras inepcias, e fabulas insipidas e grosseiras. Hum navegante, que só apresentasse, e descrevesse cousas semelhantes, para attestar tão estupenda fa-

ça-

çanha, ¿ mereceria por ventura algum credito? Certo que nem mereceria que o refutassem.

7.° Finalmente ha em seu Itinerario incoherencias, faltas, e erros taes, que por elles mostra, que tanto não fizera a volta de Africa, que a não conhecia, nem formava ideas da grande extensão daquelle Continente para o Sul, nem da sua fórma, nem da direcção maritima das suas Costas, que dizia ter corrido; devendo em resultado de todas estas combinações concluir-se, que o seu Itinerario foi obra de méra fantasia, ideada sobre os Periplos dos outros Navegadores, e accrescentada com as suas imposturas. (1)

Ha ainda outra Relação de Eudoxo, de que fallava Possidonio em Estrabão no Liv. II. pag. 98 e seg., que he hum segundo e novo Itinerario, em que se relata a mesma viajem antecedente. ¿Que haveremos de dizer delle?

1.° Foi desconhecido de Cornelio Nepote, de Mela, de Plinio, e de Marciano Herecleota, que referírão, ou citárão o primeiro Itinerario; assim como este o foi de Possidonio, e de Estrabão, que referem este segundo: o que faz logo desconfiar da sua authenticidade.

2.° He huma nova Historia inteiramente differente da primeira, com a qual não concorda em cousas essenciaes, o que argue a ficção de diversa pena.

3.° Ha huma espantosa variação entre os dois Authores, Nepote, e Possidonio, que esforçando-se cada hum delles em estabelecer hum mesmo facto, appellão para o depoimento de hum mesmo navegador; e apresentão nada menos do que provas realmente oppostas, que certo se não conhece exemplo de huma contradicção mais manifesta.

4.° Ha finalmente neste novo Itinerario muitas fabulas, contradicções, e inverosimilhanças, que lhe notou com des-

(1) Este he o mesmo juizo, que delle fez Isaac Vossio ao Liv. III. Cap. IX. de Mela, e M. Gossellin nas *Indagações sobre a Geografia Positiva e Systematica dos Antigos* Tom. I. pag. 225, 226.

desprezo o mesmo Estrabão, que o extrahio de Possidonio. (1)

ARTIGO VII.

Da ignorancia em que estiverão Ptolomeo, e os Povos de Africa e Asia sobre estas navegações.

TEmos exposto por esta breve analyse, quanto basta para se conhecer o pouco fundamento, com que se tem inculcado as viajens geraes dos Antigos em circumferencia de Africa; e que todas ellas ou forão exageradas, ou fabulosas, ou pelo menos contraditadas, incertas, e mal seguras, para poderem fazer prova concludente pela opinião da sua circum-navegação Africana. Cresce, em desabono della, a força deste discurso, com huma reflexão, que não podemos deixar em silencio, qual he a da total ignorancia destas viajens em Ptolomeo, com ser tão sabedor das cousas antigas, e de seu tempo; e o que mais he, nos mesmos povos das Costas maritimas de Africa, até á India.

E quanto a Ptolomeo, claramente vê-se isto bem de seu *Almagesto*, aonde discorrendo dos climas, e refutando certas razões e provas de Marino de Tyro, diz assim: « Muitos Escritores sustentão, que as vizinhanças do » Equador são mais temperadas, que o restante da Zona » Torrida, e que he possivel habitallas. Nós nada com » certeza podemos dizer; porque ninguem do nosso Orbe » até este dia tem penetrado debaixo deste circulo; pelo » que qualquer julgará mais simples conjectura, do que » verdadeira historia, o que dellas se conta. » (Lib. II. Cap. 6. pag. 31, 32) Assim procurava o Geografo destruir os raciocinios de Marino, e mostrar que as provas, com que este pertendia concluir, que os navegadores ha-

 vião

(1) Veja-se o lugar de Estrabão, e do moderno M. Gossellin na citada obra das *Indagações sobre a Geograf. System. e Polit. dos Antigos* Tom. I. pag. 241 243.

vião trespassado a Linha Equinocial, erão de si insufficientes para o convencerem; do que se vê, que elle estava persuadido, que de seu tempo se não tinha passado ainda o Equador.

Vem agora sobre isto a profunda ignorancia, em que nós achámos os Africanos, e Asiaticos, quando navegámos os seus marés, e fizemos conquistas pelas suas Costas; porque nenhuma noticia se encontrou entre elles destas viajens, desde a Europa por toda a Costa de Africa, até á India, ou desta até á Europa; sendo bem natural se não apagasse a memoria de todas ellas, por tão notaveis e pasmosas que terião sido, se algumas se tivessem realmente executado: o que já com razão occorreo ao discreto juizo de D. Francisco Manoel de Mello nas suas Epanaforas. (1) » Naquelles tempos (diz elle) de nossas conquistas, en- » tre as gentes de Europa e Africa nenhuma noticia se » achava destas navegações, nem depois as descobrírão os » Portuguezes em os povos de Asia; o que não pouco » enfraquecia o credito dos Autores referidos, e fazia » muito pela opinião dos nossos. » (2)

AR-

(1) Epanaf. Amoros. III. pag. 313.

(2) Não pertendemos com tudo isto absolutamente asseverar, que os Antigos em Seculos mais remotos, nos tempos chamados heroicos, e communmente fabulosos, não tivessem feito jámais a circumnavegação de toda a Africa, antes dos Egypcios e Fenicios, que assim mesmo antigos, como erão, forão precedidos de outras nações antiquissimas, e talvez ainda mais industriosas do que elles: he muito de presumir (seguindo nos inculca a Historia dos progressos do espirito humano, e dos conhecimentos sabidos que aquellas idades tiverão, e que parecem suppor outros muitos anteriores, de que não sabemos) que a Navegação, e as mais artes da industria do homem sobião a huma mui alta e remontada antiguidade, em que já póde ser que tivessem havido viajens muito extensas, que houvessem costeado toda a Africa; mas se as houve descontinuadas, e perdidas da memoria dos homens, como o forão outras muitas cousas, ficárão sepultadas no abismo da escuridão do antigo mundo, como se nunca tivessem existido nelle.

ARTIGO VIII.

Sentimentos concordes de tres grandes Escritores.

FEcharemos todo o nosso arrezoado, se assim he preciso, com as authoridades de tres grandes Escritores, com que nos possamos escudar, para nos defendermos das de Goes, e de outros de parecer contrario; authoridades que lhes não são inferiores, se não mais respeitadas e decretorias, como de homens que muito estudárão esta materia: he huma a do nosso doutissimo Gaspar Barreiros no seu formoso Commentario de *Ophyra Regione* « Hujusmodi » navigationes, etiam, si fieri potuerunt, præterquam quod » casu, aut felicitate quadam potius accidisse, mea quidem » sententia videntur, quam consilio aliquo, aut scientia » navigandi, tantam incogniti et procellosi maris vasti- » tatem, tamen non tam probatæ vel illis, vel posterio- » ribus seculis extitére: nec tantam fidem facere potue- » runt, quanta opus erat ad tam inusitatam et periculis » plenam navigationem aggrediendam, suspectæ namque, » ut arbitror, vulgo maxime fuerunt. »

A segunda authoridade he de Isaac Vossio a Pomponio Mela « Quiquid alii contradicant, certum est vete- » rum neminem fuisse, cujus quidem extet memoria, quod » Bonæ spei Promontorium vel accesserit, nedum præter- » vectus sit. » Observat. ad Lib. X. Cap. IX. pag. 863.

A outra authoridade he a do moderno e eruditissimo escritor, M. Gossellin, que tendo entrado a principio no sentimento contrario, na sua *Geografia dos Gregos Analysada*, levado das differentes tradições dos Antigos, que annunciavão navegações de Fenicios, e Gregos em volta desta parte do mundo, e do grande numero de Authores modernos, principalmente dos que escrevêrão dos progressos da Navegação e do Commercio em differentes épocas; mudou depois de parecer na sua grande obra das *Indagações á cerca da Geografia Positiva e Systematica dos Anti-*

 gos,

gos, aonde tratando de fixar o gráo de confiança, que merecião as tradições destas viajens, as sobmetteo a huma profunda discussão; e móstrou largamente as suas contradições e inverosimilhanças: o que tendo sido por elle feito com repetido e apurado exame, e depois de haver antes adoptado os principios contrarios, não póde deixar de ser de grande peso nesta materia, e de ajudar a confirmar nosso discurso. (1)

Conclusão.

Eis-aqui o primeiro genero de provas, que podemos offerecer, pelas quaes cuidamos haver mostrado não constar com certeza, que a circum-navegação de toda a Costa de Africa, fosse realmente praticada entre os Antigos; ou pelo menos, que ella se não póde com segurança sustentar sobre os Periplos, e Relações, que a Antiguidade nos deixou de taes viajens: donde tiramos, que pois se não allegão outras além destas, que nos levassem a dianteira, se ha de haver consequentemente a navegação Portugueza do

(1) Tendo fallado das viajens dos Antigos, cuja memoria se conservou até aos nossos dias, dever-se-hia talvez neste lugar fazer menção das viajens mais modernas dos Seculos intermedios, mas isto fica suprido com outra Memoria em que tratamos da Demarcação do Cabo da Boa Esperança, que se acha em alguns Mappas, anteriores á sua passagem por Vasco da Gama; nella fazemos ver que semelhantes viajens, se as houve, forão sómente parciaes, e não chegárão ao Cabo: baste-nos por ora advertir, contra os que seguem a opinião contraria, que todos os Authores, ainda mesmo os Estrangeiros, que escrevêrão pelo Seculo de 500, e grande parte dos quaes entrárão pessoalmente nestas expedições, nos concedem a precedencia dellas; taes são Luiz de Cadamosto na sua *Navegação*; Americo Vespucio na sua *Carta sobre a viajem de Vasco da Gama*, que vem no I.º Tomo de Ramusio; Martim Behaim nas notas ao seu Globo terrestre, collegidas por M. Murr, &c.: os quaes sendo tão vizinhos daquelles acontecimentos, e tão versados na Cosmografia, que não cedião a palma a nenhuns dos do seu tempo: devião estar perfeitamente instruidos nestas materias; ou ao menos muito mais do que os modernos; que passados Seculos, quizerão ainda que debalde arracar-nos esta gloria.

do Seculo xv. por original, e primeira; e como tal pela mais admiravel e portentosa, que tem havido: devendo todos confeçar quão nossa he a gloria de sermos os primeiros, que ousámos tomar o Sceptro do Oceano, e abrir novo caminho desde a Europa, até á India por tão largos mares.

» Nunca arados de estranho, ou proprio lenho.

Podendo dizer bem nossa gente das viajens dos Antigos, em comparção com a sua

» Q' essas navegações, que o mundo canta,
» Não merecem tamanha gloria e fama
» Como a sua, que o Ceo e a terra espanta. (1)

Segundo Genero de Provas pela consideração das cousas de que os Antigos duvidárão, ou que não conhecêrão do Continente de Africa.

DÉMOS até aqui a substancia das razões, que podem determinar o nosso juizo para negar, ou pelo menos duvidar das relações das viajens dos Antigos á volta inteira de Africa: agora tomaremos mão de outro genero de provas, deduzidas da ignorancia, em que estiverão os mesmos Antigos, de muitas cousas notaveis daquelle Continente, até á época da nossa navegação e descobrimentos; cousas, que não pedião longas especulações e theorias, cousas, que só demandavão a attenção, que não podião deixar de se advertirem e conhecerem, se se tivesse feito nos seus tempos a circum-navegação daquella parte do mundo: o que temos de tratar em breves clausulas, havendo de fallar ainda desta materia em outra Memoria sobre os resultados de nossa navegação do mesmo Seculo xv.

Muitos são em verdade os argumentos nesta parte, que

(1) Lusiad. Cap. V. Est. XCIV.

que se podem deduzir a nosso proposito, da consideração daquellas cousas capitaes, que os Antigos ignoravão a respeito de Africa: os principaes são os que se tirão.

1.° Da ignorancia da juncção dos dois mares Atlantico, e Indico, e circumferencia maritima de Africa.

2.° Da ignorancia dos mares, que havião por innavegaveis, ou inexplorados.

3.° Da ignorancia da extensão Meridional do Continente Africano.

4.° Da ignorancia da sua figura e fórma.

5.° Da ignorancia das terras chamadas *Incognitas*, ou dos lugares das duas extremas Costas Occidental, e Meridional de Africa.

6.° Da ignorancia da Zona Torrida habitavel, e habitada.

7.° Da ignorancia da visão do Sol á mão direita dos navegantes.

ARTIGO I.

Argumento deduzido da ignorancia da juncção dos dois mares Indico, e Atlantico.

O Primeiro e mui decisivo argumento, que podemos apresentar nesta materia, he o que se tira da ignorancia commum, em que esteve quasi toda a Antiguidade, sobre a juncção, ou communicação dos dois mares Indico, e Atlantico: Hipparco de Nicea, que floreceo 150 annos antes da Era Christã, homem famoso, verdadeiramente nascido para gloria das Sciencias Exactas, o qual muito trabalhou para elevar a Geografia sobre bases fixas e invariaveis, tiradas das observações do Ceo; este homem grande foi o mesmo que altamente se persuadio, que os dois mares Indico, e Atlantico se não união; e que cada hum delles se continha separado, como em grandissimas alagoas, abalisados por terras adjacentes, que limitavão, e dividião hum do outro. (Em Estrabão Liv. I. Cap. 6.) A famosa Escola de Alexandria, aonde elle lançou os primei-

meiros fundamentos de huma Geografia puramente Astronomica, seguio o seu systema. Hum famoso homem desta Escola, de quem acima fallámos, Ptolemeo, oraculo da Geografia, tambem o adoptou, não crendo na livre communicação dos dois mares, e por conseguinte nem na possibilidade da circum-navegação de toda a Africa.

Debalde Herodoto, debalde Eratosthenes, de quem falla Estrabão, (Lib. XVII. pag. 285) debalde Possidonio, tambem referido por Estrabão (pag. 95 e 102) se havião opposto a tal systema, sustentando a doutrina da unidade e immensidade do Oceano. A authoridade da Escola Alexandrina, e os grandes nomes, e bem merecida reputação na Antiguidade de Hipparco, e de Ptolomeo fizerão emmudecer a opinião daquelles dois homens, e de outros, que então, e ainda muito depois a seguírão; e prevalecer a contraria por mais de 12 Seculos, deixando assim de se crêr na possibilidade de se fazer por mar a volta de Africa, ou esquecendo quasi de todo esta verdade Cosmografica.



Que deduziremos nós daqui, se não que esta opinião da Escola de Alexandria não chegou a predominar entre os Gregos sobre a outra, e a soster-se por tantos Seculos contra a mesma verdade da disposição real dos lugares, senão porque os seus sectarios, e muitos outros dos Antigos houverão por falsas e fabulosas as viajens dos navegadores, que se dizião haver costeado toda a Africa? E consequentemente que não crêrão nem nas navegações dos Fenicios, mandados por Nechão, nem nas de Eudoxo de Cysica, nem nas de outros alguns navegadores, que apregoárão como real, a façanha da plena circum-navegação de toda a Africa? (1)

Não

(1) Advertiremos tambem, que a opinião de Hipparco foi ainda commum entre os mesmos modernos, antes da nossa Navegação: assim que com razão Fr. Mauro Camaldulense, famoso Cosmografo, de quem já em outras obras havemos fallado, escreveo em huma das Notas, que fez ao seu grande Planisferio (que refere Foscarini na *Historia Litteraria de Veneza* num. 273 pag. 419) haver opiniões, de

Não passaremos adiante sem notar, que pela combinação que fizemos dos lugares dos Authores, nos pareceo, que tanto os que seguião a juncção dos dois mares e circumferencia maritima de Africa, como os que a negavão, se havião sustentado em suas opiniões e systemas não tanto por factos, que huns admittissem, e outros negassem, como por meras conjecturas e theorias; e que até então não tinha havido commettimento e experiencia real de todo o maritimo daquella parte do mundo, que geralmente se houvesse acreditado; por quanto nem natural, nem facil era, que elles desvairassem em tão oppostas sentenças, e menos ainda que se seguisse a negativa pelos dois famosos Mathematicos Hipparco, e Ptolomeo, e por toda a famosa Escola de Alexandria, se se houvesse feito por mar a volta inteira de Africa; ou se se acreditassem geralmente pelos Antigos as relações das Viajens, que entre elles mesmos se espalhárão: o que ainda se verá pelo que ponderamos no seguinte Artigo.

ARTIGO II.

Argumento deduzido da opinião dos mares innavegaveis, ou inexplorados.

VOltemos para outro argumento, que não he menos terminante. Não só havia entre os Antigos, muitos que negárão a juncção dos dois mares, e a possibilidade da total circum-navegação de Africa; mas até houve alguns, entre os mesmos que a seguião, que expressamente confeçavão, huns, que aquellas partes meridionaes de mar e terra erão de todo innavegaveis; outros, que posto que o não fossem, ainda não tinhão sido averigoadas até seu tempo: com

que, na parte meridional de Africa, o Oceano não rodeava aquella habitavel e temperada Zona, accrescentando porém que havia testemunhos do contrario, e principalmente daquelles, que a Magestade d' ElRei de Portugal havia mandado com seus navios a observar aquella Costa.

com o que vinhão a mostrar, que não havião ainda então acreditado a realidade das Viajens dos que se dizião haver costeado toda a Africa.

Hum dos que se podem aqui trazer para prova, he Scylax de Coriando, ou quem foi o Author do Periplo, que corre em seu nome, e vem entre os *Geografos menores Gregos* no Tom. I. pag. 52, 53; porque fallando elle na parte, que respeita ás Costas de Africa além das Columnas de Hercules, diz expressamente, que além da Ilha de *Cerne*, o mar de Africa para o Sul não tinha ainda sido visitado; e que era absolutamente innavegavel por causa de sua pouca profundidade, da sua vasa chea de lodo e limos, e da quantidade de algas, de que estava todo cuberto: com o que mostrava, que nem elle tinha conhecimentos da Costa de Africa, e dos mares além da Ilha de *Cerne* (que já dissemos em nossa Illustração ao Periplo de Hannon, ser a Ilha *Fedal*, ou como outros querem, a *Madeira*, ou ainda outra alguma das *Canarias*) nem os navegadores do seu Seculo passavão adiante daquella Ilha; nem mesmo se acreditavão então as relações dos outros navegadores mais antigos, que se dizião haver cursado toda a Costa daquelle Continente.

Pelo que pertence á outra Costa de Africa, isto he á Oriental, igual testemunho nos dá Arriano, ou quem foi o Author do Periplo do Mar Erythreo; o qual discorrendo desde o *Egypto* pela Costa de Africa para o Meio dia, e fallando dos tres Cabos Septentrionaes, o dos *Aromatas*, ou *Guardafui* na entrada do Mar Roxo, do *Raphaim* acima de *Melinde*, e do *Prassum*, ou *Cabo de Chat*, ou *do Gado*, e contando algumas cousas da figura e corpulencia dos povos, da sua sujeição á *Arabia primeira*, e do Commercio, que desta se fazia para *Azania*; accrescenta, que depois dos ultimos emporios de *Azania*, que estão da parte direita de *Benice*, voltava a Costa para Oeste; e que o Oceano Oriental cercava o Meio-dia da Africa; o que porém não era ainda averigoado no seu tempo: *Nam post hæc loca Oceanus necdum investiga-*

tus ad occasum inflectitur, et aversis partibus Æthiopiæ, Lybiæ, et Africæ versus meridiem exporrectus, Occidentali mari commiscetur. Com o que vinha a confessar, que se ignorava em seu tempo o que pertencia á extremidade da Africa Meridional. (1)

Daqui vem, que não só os que negárão a juncção do Mar Atlantico, e do Mar Indico; mas ainda os mesmos que a admittirão, não reconhecêrão, ou não crêrão na realidade das antigas viajens e tradições, que corrião, da circum-navegação de Africa; pois que estes ultimos não darião por ignotos ainda, e não explorados no seu tempo os mares das extremas Costas daquelle Continente, se tivessem acreditado aquellas decantadas Viajens dos Fenicios, de Eudoxo, e dos mais navegadores.

ARTIGO III.

Argumento deduzido da opinião da extensão meridional do Continente de Africa.

OUtro argumento se póde tirar da ignorancia, ou incerteza, em que esteve a Antiguidade sobre a extensão do mesmo Continente de Africa meridional. Com effeito, a Geografia antiga ignorava até onde elle se estendia: e assim vemos, que no tempo de Polybio era incerto, se a Africa depois da sahida do *Golfo Arabico*, se extendia indefinidamente para o Meio-dia, ou se a pouca distancia deste Golfo, se terminava pelo Oceano (Hist. Lib. III. §. 38) Alguns cuidavão, que ella se não prolongava além do Tropico de Cancro, como Estrabão imaginava: Ptolomeo, o mais sabio dos Geografos, cuja doutrina se póde contar pela mesma, que a da Escola Alexandrina, hia muito mais longe do que os outros; por quanto, alongando a Africa pa-

(1) *Periplo do Mar Erythreo* pag. 151 e 153, Ediç. de Amsterdam de Sanson de 1683, e em o Tom. I. das *Navegações de Ramusio*, aonde se attribue a Arriano. Ediç. 3.ª de Veneza de 1561 fol. 284.

para além da Equinocial, a continuava sem interrupção até o Polo Antartico; crendo que a terra se espaçava, e hia continuamente alargando, e corria á medida que se avançava para o Sul. Donde se conclue, que pois era tão incerta entre os Antigos a extensão Austral do Continente de Africa, não tinha esta sido costeada por navegações algumas naquelles Seculos, nem havia noticia acreditada daquella Costa.

ARTIGO IV.

Argumento deduzido da opinião da fórma, e figura do Continente de Africa.

PÓde bem lembrar, em consequencia disto, outro novo argumento, deduzido da pouca certeza, que por isso houve entre os Antigos da figura e fórma do Continente de Africa, pelo que respeitava a sua Costa Oriental; por quanto vemos que quasi todos a levavão ao sahir do *Golfo Arabico*, não para o Austro, como depois mostrámos que devia ser, por experiencia de nossa propria navegação; mas sim para o Sudoeste; e depois a voltavão, recurvavão, e extendião para o Nascente; e hião com sua Costa por diante até a ajuntarem com o paiz dos *Sinas*, e dos *Seres*. Assim o pensava a Escola de Alexandria com Hipparco, em consequencia do seu systema da separação dos dois Mares Indico, e Atlantico; entendendo, que a Costa Oriental, depois do Cabo *Aromata*, ou de *Guardafui*, em lugar de se prolongar para o Meio-dia, como era na realidade, se inclinava ao Sudoeste, e hia reunir-se ás partes Orientaes da Asia. (1) Esta terra, segundo o seu systema, circunscrevia consequentemente o Mar Erythreo, e o tornava huma alagoa; impedia a passagem para o Meio-dia; e tirava toda a possibilidade de se executar por mar a volta inteira de Africa.

(1) Veja-se em Estrabão.

Vê-se tambem que Ptolomeo, o Oraculo de todos os Antigos, que não admittia igualmente a communicação do Oceano Atlantico com o Mar Erythreo, discorrendo pela Costa Occidental, em lugar de a coarctar e estreitar por ali para o Meio-dia, muito ao contrario depois do Golfo, a que chamou *Hesperio*, a voltava por Leste perpetuamente, e a fazia communicar com o pertendido Continente Oriental, que suppunha tambem com Hipparco; extendendo-a assim para Levante depois do *Cabo Prasso*, até se ajuntar com a Costa da Asia ao Meio-dia de *Catigara*; (1) de maneira que o Mar Erythreo ficava tambem formando na sua opinião huma grande Caldeira, de todas as bandas rodeada de terras, como o nosso Mediterraneo, mas sem communicação; o que já lhe notou o nosso douto Mathematico Pero Nunes na *Defensão da Carta de marear.*

Estrabão, outro grande Geografo da antiguidade, ignorava, como Ptolomeo, a fórma e figura da Costa Occidental; porque depois de ter corrido com ella por certo espaço para o Meio-dia, a encurvava, e a hia prender com a Costa Oriental desta parte da terra, sem chegar ao Equador; opinião a que dêo talvez motivo vêr, que a Costa Occidental de Africa, depois do *Cabo Verde*, voltava rapidamente para o Oriente ao formar o *Golfo de Guiné.*

De tudo isto se conclue, que os Antigos não conhecião a fórma de Peninsula de Africa; que certo não podião assim pensar por este modo, se se houvesse feito a circum-navegação de toda a Costa daquelle Continente.

AR-

(1) Lib. VII. Cap. III. e V.

ARTIGO V.

Argumento deduzido da ignorancia das Terras Incognitas.

FAz muito a nosso proposito o outro argumento, que facilmente occorre, em razão da ignorancia que tinhão os Antigos daquellas regiões da parte do Meio-dia de Africa, a que chamárão *Terras Incognitas* ou *Desconhecidas*, de que se não sabia nem o que erão, nem até onde se extendião, nem que gente as habitava. Em verdade o Geografo Grego, a quem a sua residencia em Alexandria podéra ministrar muitas noticias das cousas de Africa, ignorava tudo o que pertencia ás Costas extremas daquelle Continente, como se vê do que elle diz, principalmente no fim da Taboa IV. do sitio da Ethiopia: porque quanto á Costa, que corria pela parte Oriental desde *Agysimbo* até o Polo Antartico, elle nada sabia della, chamando *Terra Incognita* a tudo quanto se extendia para cá das fronteiras meridionaes de *Azania*, que vinha a ser tudo o que abraçava o Reino de *Meli*; as terras de *Nebeos*, e dos *Papagayos*; a *Cafraria mixta* ou Oriental, que continha as Costas de *Zanguebar* e de *Asan*; e a *Cafraria pura*, que se extendia para o Sul até o Cabo da *Boa Esperança*, e o *Congo*.

Quanto á outra Costa, que voltava para o Poente, tambem de todo a ignorava, chamando-lhe igualmente *Incognita*; isto he, toda a região que recebia o Seno Ethiopico, e era adjacente á Lybia, e ao Oceano Occidental; que vinhão a ser as partes mais Occidentaes da mesma Africa, que erão o *Cabo Branco*, o *Cabo Verde*, *Guiné*, e as mais que vem correndo para o Norte pelo Mar Atlantico, até o Cabo Hesperio. Por aqui se vê, que pois aquellas terras das duas extremas Costas Austral, e Occidental de Africa se havião por *Incognitas*, sinal era de que os navegadores antigos não tinhão por ali passado, nem fei-

to viajens em redor daquelle Continente; pois de outra sorte terião visto, achado, e conhecido aquellas terras, e o seu fim, terminado pelo Oceano Atlantico. (1)

Reforça-se este argumento com a outra consideração de que esta ignorancia se extendia ás mesmas Ilhas mais remotas do Oceano, porque dellas confessava Plinio quão grande era a confusão, e incerteza, que havia nesta materia: *Omnia circa hæc incerta sunt.* (Lib. VI. Cap. 31) não tendo os Antigos adiantado conhecimento algum individual para o Sul, além das Ilhas *Fortunatas* ou *Canárias* que parece foi o termo das navegações dos Romanos.

Por ventura foi este o motivo, por que o Geografo Astronomo, querendo fixar a Longitude dos lugares entre hum primeiro Meridiano determinado, e os de cada lugar, hindo de Poente para Levante, tomou por primeiro Meridiano o que passa pelas Ilhas *Fortunatas*, por julgar que aquellas Ilhas erão o lemite da terra até então conhecida ao Oeste; e que para além dellas nada havia mais que hum vasto mar, como bem adverte Saverien (*Historia dos Progressos do Espirito Humano* pag. 378) obrando nesta parte o Geografo em conformidade do mesmo que fez para determinar a Latitude, ou distancia Septentrional dos lugares até o Equador, em que tomou por termo a Ilha de *Thule*, a ultima terra conhecida no seu tempo

(1) Devemos advertir de passagem (porque alguem se não engane com a Carta Geografica das Costas Occidentaes, que nos transmittio Ptolomeo, ou algum outro, que metteo mão em suas obras, para entender por ella, que elle demarcou mais terras e lugares de Africa do que parece) que a sua Descripção Geografica destas Costas he hum composto de tres partes distintas, sendo as duas ultimas repetição da primeira, porque forão arranjadas sobre diversas relações, nas quaes a maior parte das distancias estavão bem assinaladas, mas por trazerem grandes variedades na nomenclatura dos lugares, derão motivo a entender-se, que elles pertencião a terras differentes e mais apartadas, que aquellas de que Hannon, e Polybio havião dado noticia. O Geografo só chega ao começo do *Atlas Maior*, ou *Cabo de Nam*, termo o mais largo, em que talvez paravão todas as navegações dos Antigos; o que já advertio M. de Gossellin.

po para o Norte. Assim que a referencia a este primeiro meridiano das Canarias, para fixar as Longitudes, parece inculcar que os navegadores ainda então não tinhão passado adiante dellas em seus descobrimentos e viajens.

ARTIGO VI.

Argumento deduzido da opinião da Zona Torrida inhabitavel, e inhabitada.

NÃo he menos decisivo para o nosso assumpto o argumento tirado da opinião dos Antigos sobre os climas inhabitaveis da Zona Torrida; porque em verdade se elles houvessem feito a volta de Africa, ou pelo menos avançado ao *Cabo de Santa Anna*, ou *Golfo de Guiné*, ou ainda sómente á *Serra Leoa*, não estarião persuadidos, como estavão, de que impossivel era habitar as terras além do Tropico, por seus excessivos calores. No Reinado dos primeiros Ptolomeos, havendo-se feito viajens por sua ordem ao longo do Golfo Arabico, e no Mar Erythreo, conhecèrão os Gregos pela primeira vez, que se podia viver nas terras aridas, até 12 gráos e meio ao Norte do Equador. (Geminus *Elementa Astronomicæ* Cap. 13 pag. 31 in *Uranologia*.)

A este ponto he que Eratosthenes, Hipparco, Estrabão, e os Antigos em geral fixárão os limites da terra habitavel: tudo o que vai até o duodecimo gráo e meio de Latitude para o Sul, passava por ser exposto á violencia de calores insuportaveis, para o homem poder respirar com elles. Esta opinião, que reinou mais de quatrocentos annos na Escola Alexandrina, não se poderia soster, se existissem relações, e Periplos, por que se podesse suspeitar, que estas terras houvessem sido costeadas por navegantes, ou se a taes relações se tivesse dado credito.

AR-

ARTIGO VII.

Argumento deduzido da ignorancia da visão do Sol á mão direita dos navegantes.

NÃo deixaremos de aproveitar outra prova, que se póde deduzir da ignorancia commum, que tinhão os Antigos da visão, ou aspecto do Sol á mão direita dos que navegassem pela volta de Africa: por quanto Herodoto, referindo a viajem dos Fenicios, mandados por Necho, diz que elles contavão, que navegando á roda de Africa, tinhão visto o Sol á sua mão direita: mas accrescenta, que elle o não acreditava: assim que não obstante contar a viajem destes Fenicios em derredor de Africa, nem por isso dêo credito a este fenomeno: com o que mostrou que não só elle o não acreditava, mas nem os outros Escritores do seu tempo; pois que a não ser assim, não levantaria aquella dúvida, quando queria provar a realidade daquella viajem. Estrabão parece, que tambem não acreditava este fenómeno; e que isto entrou na consideração dos motivos, por que elle desprezou a narração de tal viajem.

Dir-se-ha, que os navegadores Fenicios attestavão isto; e que esta asserção era prova da realidade da viajem, pois que este fenómeno não podia ser imaginado em hum tempo, em que a Astronomia estava ainda na sua infancia. Este he o argumento em que se funda Larcher, traductor, e illustrador de Herodoto, para provar a veracidade da viajem dos Fenicios de Necho, de que acima fallámos. Com tudo 1.° observamos por quanto temos lido, que nenhum outro dos Antigos reconheceo, ou fallou deste fenómeno: 2.° que para esta asserção dos Fenicios bastava saber pela navegação do Golfo Arabico, que a Peninsula de Africa se prolongava muito na Zona Torrida.

Com effeito esta theoria era sufficiente para se entender, que quem seguisse as suas Costas meridionaes de Este a Oeste, veria necessariamente o Sol á sua mão direita, ao

ao menos nos mezes de verão; theoria, que bem podião ter os Fenicios e Egypcianos, navegadores do Mar Oriental, sem haverem feito toda a volta de Africa; e quando para esta theoria fosse necessario maior conhecimento da Astronomia, assaz consta, que os Egypcios já no tempo de Necho tinhão feito progressos bastantes nesta Sciencia, chegando a prognosticar com alguma exactidão os Eclypses; (1) o que suppõe pelo menos o conhecimento da obliquidade da marcha do Sol, e os fenomenos que della resultão, para as differentes Latitudes.

Por aqui se vê que elles podião por isso haver noções bastantes sobre o aspecto, que este astro apresentaria aos que navegassem além do Tropico, ou penetrassem no hemisferio austral; pelo que não erão precisos factos positivos, mas bastava a simples theoria de seus conhecimentos para lhes indicar, ou fazer conceber aquella theorica. De qualquer modo porém que isto fosse, assim mesmo se conclue, vista a dúvida de Herodoto, e o silencio de todos os mais Escritores, que esta verdade era geralmente desconhecida da Antiguidade; e que não era natural que o fosse, huma vez que tivessem havido navegações em roda de Africa.

De tudo quanto havemos até aqui ponderado, parece-nos concludente a consequencia, de que se não fez entre os Antigos a circum-navegação de toda a Africa; e que bom fundamento temos, pois que nem os modernos a fizerão, para nos gloriarmos com o immortal Poeta das Lusiadas de que nossos Varões assignalados forão os primeiros Argonautas,

» Que da Occidental praia Lusitana,
» Por mares, nunca dantes navegados,
» Passárão inda além da Taprobana.

» Assim fomos abrindo aquelles mares,
» Que geração alguma não abrio.

(1) Vejão-se Diogenes Laercio in *Vita Thaletis*, Herodoto na *Clio*

Da novidade, e maravilha da navegação Portugueza no Seculo XV., ainda quando não fosse original.

TEndo assim dito o que julgamos proprio e principal para provar, se não por cada hum dos artigos e argumentos referidos, ao menos pelo concurso e união de todos elles, a originalidade de nossa navegação; demos todavia com franqueza aos emulos de nossa gloria o que elles pretendem; e supponhamos que os Antigos havião já feito a navegação para a India, pela mesma rota que nós fizemos: por certo que, se não somos donos da acção do descobrimento deste caminho, fomos pelo menos os seus primeiros restauradores, depois de já perdido, e ignorado por tantas centenas de annos. Em verdade aquellas navegações, se as houve, não offuscão ou diminuem a nossa gloria nas emprezas maritimas: nós não temos necessidade de encarecer nossas viajens com elogios affectados, e menos com quebra e abatimento da parte, que possa tocar ás Nações antigas nesta famosa carreira; porque para nossa navegação se apresentar aos olhos do Universo, e ser de maravilha a todas as Nações do Mundo, não carece de modo algum dos adornos alheos, roubados aos outros; havendo ella muitos, que lhe são proprios, e sobejos: bastava-lhe para alteza e luzimento, em tal cerração de trevas e medos como então havia, que por ella fosse Portugal, por nos expressarmos com palavras do grão Poeta Ferreira,

. . . . do rico Tejo
Até Eufrates, Nilo, Tigri, Gange
Vencedor da braveza de Neptuno,
Senhor de seu Tridente e ricas conchas. (1)

Em

Lib. I. §. 74, e Plinio Lib. II. Cap. IX., e dos modernos Petavio de *Doct. tempor.* Tom. II. Lib. X. Cap. I. pag. 85 87.

(1) Segunda parte dos seus *Poemas* Liv. I. Carta I. pag. 126.

Em verdade quando a nossa Navegação não tivesse o caracter de originalidade ou primeira, teria ella tão alto merecimento, que haveria de reputar-se como se assim realmente o fosse. A rota antiga, se a houve, foi descontinuada, e posta em total desuso em toda a Europa, e ficou tão esquecida, e com ella a Arte de navegar taes mares, que ninguem mais a tentou, ou a soube por tanto tempo, quanto vai desde aquella remota antiguidade até o Seculo XV.

E sem dúvida se póde isto affirmar com razão, porque não consta que nem na meia idade, nem ainda em Seculos mais modernos, anteriores ao XV. se lembrasse alguem de committer huma navegação inteira, desde o Mar de Atlante por todo o Oceano, e Costa de Africa Occidental e Oriental, á India; que certo não faltaria na serie de tantos annos, quem se abalançasse a esta empresa, se andasse viva na memoria dos homens navegação alguma dos Antigos deste genero. O mesmo Damião de Goes, defensor da navegação dos Antigos, não pôde deixar de confessar, que se alguem primeiro a tentou ou concluio, não houve segundo, que a continuasse: « Illud quidem verissimum videtur, ratione credibile, tam vastam et periculis infinitis objectam navigationem ita tam hominum animos affecisse, ut semel inchoata, vel, si attigit, absoluta; nemo secundo rem tam arduam, vel potius monstrosam aggredi auderet. » (*Olisipon Descript.*)

Daqui vem pois, que, esquecida a antiga navegação, se alguma houve tal, ignorada a Africa Meridional, e a maior parte da India por 15 Seculos; perdida para huma infinita multidão de gerações a ligação, que podia unir todo o Universo; e inutilisadas todas as vantagens e fructos, que della podião resultar para todas as Artes, para a Cosmografia, para a Nautica, para o Commercio maritimo, para a riqueza, para a Politica da Europa, para a civilisação dos Africanos, para o trato continuo, e communicação regular entre as diversas partes do Mundo; veio ella a ser, como se nunca houvesse existido.

Podemos por tanto dizer, que nós no meio de toda esta geral ignorancia ou desuso, abrimos de novo a carreira pelas Costas de Africa para a India, que bem podemos chamar nova, e original, e tão pasmosa como se fosse a primeira; commettendo-se esta empreza maritima com tanta novidade, e animosidade, como se nunca tivesse havido outra. Sobre o que remataremos com o dito do sabio João Metello a respeito della: *Detur veteribus vsitatam fuisse, nobis tamen nova est.* (1)

Foi nova, de qualquer modo que se considere, a nossa Navegação, mas não o foi menos, se se considerarem as vantagens, e proveitos que della resultárão a Portugal, e a toda a Europa, de que trataremos no segundo Discurso, ou Memoria, que temos preparada.

ME-

(1) Na Prefação á Historia *De rebus gestis Emmanuelis* de Jeronymo Osorio, no Commentario *de Reperta ab Hispanis et Lusitanis navigatione.*

MEMORIA

Sobre Martim de Bohemia.

POR SEBASTIÃO FRANCISCO DE MENDO TRIGOZO.

INTRODUCÇÃO.

ENtre os homens illustres de Portugal, no tempo do Sr. Rei D. João II., merece sem duvida hum lugar distincto o celebre Martim Behaim ou de Bohemia, que alcançando na sua vida os creditos de grande Cosmografo, chegou com varia fortuna até aos nossos dias; quasi descocido, e despresado de huns, (1) e elogiado por outros como o primeiro descobridor das Ilhas do Fayal, e Pico, e como aquelle a quem pertence a gloria, usurpada pelos Colombos e Magalhães. (2)

Queixão-se os Escritores deste ultimo partido das poucas noticias, que achão escritas a seu respeito: desejarião alguns poder examinar os Archivos de Simancas, e da Torre do Tombo, não satisfeitos com os Documentos de Nuremberg, e com o que se achava impresso até aos seus tempos.

O Author, que mostra mais estes desejos, he Mr. Murr, que tomando por timbre o *uni æquus veritati*, se propoz escrever (como elle diz) o que foi Martim de Bohemia, nem mais, nem menos. He certo que a sua Dis-

ser-

(1) Veja-se por todos o Conde de Ayaba *Observations sur le Mémoire relatif à la découverte de l'Amérique* inserida na Bibliotheca Britanica, Fevereiro de 1805.

(2) Veja-se tambem por todos Mr. Otto *Nouvelles recherches sur la découverte de l'Amérique* inseridas nas Memorias da Sociedade Filosofica dos Estados-Unidos, e no Jornal intitulado *Archives Littéraires de l'Europe* nos Num. de Maio e Junho de 1805.

sertação (1) mostra hum grande estudo, e trabalho: elle foi de proposito a Nuremberg examinar as Cartas originaes, que ainda se conservavão de Bahaim, juntamente com o seu Globo terreste; e munido destes auxilios, publicou alguns factos, que ainda se ignoravão a este respeito: mas o pouco conhecimento que este Author tinha dos Historiadores Portuguezes (2) o fizerão as vezes errar, e outras desfigurar parte dos accontecimentos que refere. He bem de crer que se não fosse esta falta, bem desculpavel em hum Alemão, elle me não teria deixado lugar para escrever em semelhante materia.

Quando intentei o presente trabalho, pensava como Mr. Murr, que no Real Archivo acharia algumas das noticias que me faltavão; porém todas as minhas diligencias ficárão frustradas. Persuado-me mesmo, que em Simancas não poderá existir nada de hum homem, que nunca esteve ao serviço de Hespanha, nem trabalhou para aquella Nação: lisongeo-me com tudo, a pezar desta falta, de fazer conhecer as principaes circunstancias da vida de Martim de Bohemia, e de deixar cabalmente averiguada a par-

te

(1) Esta Memoria de Mr. Murr, a que muitas vezes me referirei, mesmo sem a citar, foi originariamente escrita em Alemão, e depois traduzida em Francez com o titulo de *Notice sur le Ch. M. Behaim, avec la description de son Globe terrestre, traduite par H. J. Jansen*; e vem no fim da *Viajem de Pigafetta ároda do Mundo*, impressa em París, Anno 9. Por Carlos Amoretti.

(2) Huma prova deste pouco conhecimento he confessar elle mesmo, que o unico Escritor Portuguez que falla de Martim de Bohemia, he Manoel Telles da Silva *De rebus gestis Joannis II.* He certo que na sua obra traz o dito Murr hum Catalogo de Historiadores Portuguezes, e Hespanhoes, mas diz que não poude ler a maior parte. Muitos outros Estrangeiros se tem queixado do nosso desmazello em escrever a Historia: sem impugnar esta asserção, seja-nos licito retorquir, que elles mesmos são bastante desleixados em aprender a nossa lingua, e em ler os nossos Historiadores. A fatal guerra da Europa, que tantos males tem causado ás Letras, talvez traga o bem de vulgarisar mais a linguagem daquelles, que proporcionalmente concorrérão mais, que nenhuma outra Nação para dar a Paz ao Universo.

te que elle teve no descobrimento das nossas Ilhas, e no da America; estes dois objectos farão o assumpto desta Memoria, que dividi em duas partes, sendo demasiado extensos e destacados para se tratarem em huma só.

PARTE I.

Os Escritores, que fallárão de Martim de Bohemia, diversificão muito a respeito do lugar do seu nascimento; Robertson (1) o faz nascido em Portugal, Herrera na Ilha do Fayal, (2) Christovão Cælario o reputa natural de Krumlau na Bohemia, (3) e os nossos Historiadores dizem em geral que era Alemão: com effeito está hoje demonstrado, que elle nasceo na Cidade de Nuremberg, onde ainda nos nossos dias se conservavão restos daquella familia, em cujo poder existem os documentos authenticos, d'onde algumas destas noticias são tiradas.

Seu Pai chamava-se tambem com o mesmo nome, e descendia de huma antiga linhagem Alemã; tinha elle casado em Nuremberg com huma Senhora, por nome Agnes Scopper de Schoppershof, e desta união nascêrão huma filha, e cinco filhos; o mais velho dos quaes foi este de quem tratamos, que veio ao mundo em os fins do anno de 1430.

Vivia (como deixamos dito) seu Pai em Nuremberg, e era hum dos Conselheiros daquella Cidade: hum Irmão deste chamado Leonardo, que exercia o mesmo emprego, tinha além dos vinculos do sangue, hum particular affecto a este seu Sobrinho primogenito; parece mesmo que se incumbio mais particularmente da sua educação, como consta

---

(1) Robertson *History of Americ.*
(2) Herrera Decada I.ª Livro I. Cap. 2. pag. 4.
(3) Christopha. Cælarius *Historia medii Ævi*, e *Geographia nova* pag. mihi 460.

ta de algumas cartas que lhe são dirigidas, donde Mr. Murr tirou grande parte do que escreve a este respeito. Esta correspondencia entre o Tio e o Sobrinho durou o espaço de vinte e quatro annos, ao menos o que actualmente existe principia em 1455, e acaba em 1479.

Sabe-se por este testemunho, que os primeiros annos da vida de Martim de Bohemia forão empregados no Commercio, profissão muito honrosa naquelles tempos, e em que se empregavão grande parte das familias mais illustres; mas não lhe impedio isto applicar-se ás letras, nem mesmo a fazer nellas progressos muito consideraveis. A tradição lhe dêo por Mestres os celebres Filippe Beroaldo, e Regio Montano; mas em quanto ao primeiro, houve já quem notasse com toda a razão não ser isto provavel, visto não ter elle deixado a Italia, senão durante huma curta viajem que fez a París. Em quanto a Regio Montano, tambem Mr. Murr pertende tirar-lhe esta gloria, fundado em que aquelle Astronomo célebre sómente se demorou em Nuremberg, desde 1471 até 1475. ¿Mas que influe isto para que Martim de Bohemia não tivesse sido seu discipulo, quer neste tempo, quer anteriormente (o que parece mais provavel) na Corte de Vienna, onde elle tinha huma cadeira pública de Mathematicas, a mesma que occupára seu Mestre, Jorge Purback? He claro que não involvendo isto contradição alguma, devemos conformar-nos com a voz constante, e mais que tudo com o que escreveo hum Author quasi coevo, e tão conspicuo como João de Barros, quando affirma que o mesmo Behaim se gloriáva de ter aprendido naquella Escola. (1)

Em 1474 falleceo o Pai de Martim de Bohemia; e de 8 de Junho de 79 data a ultima carta deste para seu Tio; era ella escrita de Anvers, onde nesse tempo as cousas de Portugal estavão muito em voga, não só pelos Soberanos daquelle Paiz serem proximos parentes da Real Ca-

(1) O mesmo diz Maris *Dialogos*, o Author da *Historia Insulana*, e outros.

Casa Portugueza, mas porque faziamos ali hum commercio consideravel, e era frequente a emigração dos Flamengos para o nosso Reino, e para as Ilhas dos Açores: he mesmo provavel que desde então datasse a amizade entre elle e Job de Huerter, a quem os nossos chamárão Jos de Utra, que, como veremos noutro lugar, ali foi ter por aquelles tempos. O que he certo he, que ou fossem estes, ou outros quaesquer motivos que o obrigassem, nesta occasião he que elle se resolveo a passar a Portugal, onde chegou estando ainda no throno o Sr. D. Affonso V., isto he antes de Agosto de 1481.

Principiava então a raiar a aurora dos nossos bellos dias: o Infante D. Henrique tinha deixado aberto o caminho para a nossa gloria e prosperidade, e o Sr. Rei D. João II., que pouco tempo depois empunhou o Sceptro, propunha-se a seguillo, ainda se he possivel com maior empenho. Receando porém o ciume, que os outros Estados Europeos podião vir a ter do nosso engrandecimento, a pezar das repetidas Doações dos Summos Pontifices, elle resolveo ter occultos os seus projectos, té ao ponto de os suspender de todo, em quanto se não concluia a Fortaleza de S. Jorge da Mina, com que segurava de alguma sorte a possessão daquelles novos Estados. (1) Entretanto porém que isto não tinha lugar, não estava ocioso o seu espirito, antes pelo contrario buscava todos os meios de aperfeiçoar a Arte da Navegação: os Mathematicos, e Cosmografos do seu tempo tinhão a certeza de receber delle hum acolhimento honroso; e Martim de Bohemia, ainda que não tivesse outro titulo, senão o de discipulo de Monte Regio, podia estar seguro de fazer a sua fortuna.

Tratava-se justamente então de hum objecto, o mais interessante para a Marinha, e o Astronomo recem-chegado veio ainda a tempo de tomar nelle a parte, talvez

(1) Veja-se o que sobre isto diz Barros Decada I.ª Liv. 3. Cap. 1. e 3.

mais principal; ouçamos o que diz João de Barros a este respeito.

« No tempo que o Infante D. Anrique começou o » descobrimento de Guiné, toda a navegação dos mareantes era ao longo da costa, levando-a sempre por rumo: » da qual tinhão suas noticias per sinaes de que fazião » roteiros, como ainda ao presente usão em alguma maneira, e pera aquelle modo de descobrir isto bastava. » Peró depois que elles quiserão navegar o descoberto perdendo a vista da costa, e engolfando-se no pego do » mar: conhecêrão quantos enganos recebião na estimativa e juizo das sangraduras, que segundo seu modo em » 24 horas davão de caminho ao navio, assi por razão » das correntes como doutros segredos que o mar tem, » da qual verdade de caminho a altura he mui certo mostrador. Peró como a necessidade he mestra de todalas » artes, em tempo d'Elrey D. João o II. foi por elle » encomendado este negocio a mestre Rodrigo e a mestre Jusepe Judeo, ambos seus medicos, e a hum Martim de Bohemia natural daquellas partes: o qual se » gloriava de ser discipulo de Joanne de Monte Regio, » affamado Astronomo entre os Professores desta Sciencia. Os quaes achárão esta maneira de navegar per altura do Sol, de que fizerão suas tavoadas pera declinação delle: como se ora usa entre os navegantes, ja mais » apuradamente do que começou, em que servião huns » grandes Astrolabios de páo.... de tres palmos de diametro, o qual armavão em tres paos a maneira de Cabrea, por melhor segurar a linha Solar, e mais verificada e destinctamente poderem saber a verdadeira altura » d'aquelle lugar: posto que levassem outros de latão mais » pequenos, tão rusticamente começou esta arte, que tanto fructo tem dado ao navegar. » Até aqui João de Barros. (1)

Dis-

---

(1) Decada I.ª Liv. 4 Cap. 2. O mesmo refere o nosso Mariz Dialogo 4. Cap. 10. O Marquez de Alegrete, Manoel Telles da Sil-

Dissemos acima que Martim de Bohemia tinha talvez tido a parte mais principal nesta invenção, fundados em que tendo sido discipulo de Monte Regio, devia necessariamente ter noticias do seu Metheoroscopo, já então inventado, e do seu Astrolabio armilar, e taboas de declinação do Sol; ficando-lhe assim mais facil a applicação destes instrumentos ao uso da Marinha. A mesma affectação com que elle, segundo os nossos Authores, citava o nome daquelle Professor, parece dar a entender, que não occultava a quem devia todas aquellas invenções. (1)

Dentro de bem pouco tempo appareceo occasião de experimentar o novo instrumento, e de conhecer a sua utilidade. Pelo meio do anno de 1484 trouxe Diogo d'Azambuja a noticia de estar concluida a fortaleza da Mina; e desvanecidos com isto em grande parte os receios que até então houvera, levantou-se o veo que cobria as nossas legitimas pertenções; ElRei de Portugal accrescentou aos seus titulos o de Senhor de Guiné; e as nossas navegações tomárão hum caracter decidido, e bem differente das que

va *De Rebus gestis Joannis II.* pag. 152 da Edição de Lisboa diz, que o Astrolabio servio a primeira vez para a viajem de Diogo d'Azambuja, o que não he tão provavel nem pelo tempo, nem porque a derrota que o Azambuja havia de fazer era já mui conhecida, e não passava da Mina.

(1) O Author do Diccionario da Marinha da *Encyclopedia methodica*, em o Artigo Astrolabio, he de alguma sorte injusto a nosso respeito « O Astrolabio (diz elle) foi posto entre as mãos dos Mari- » nheiros Portuguezes entre 1400 e 1500, em o Reinado d'Elrei » D. João II. pelos dois Medicos Rodrigo, e Joze, e por Martim » de Bohemia, discipulo de Monte Regio, os quaes para o tempo » erão habeis Mathematicos. Os navegadores Portuguezes cheios de » confiança n'este instrumento.... julgarão ter determinado exacta- » mente todos os lugares que observarão » &c. Ora esta confiança não era por certo tão grande, como aquelle Author a presume. Vasco da Gama, chegado á Ilha de Santa Hellena, sahio em terra com os Pilotos para tomar a altura do Sol « porque (diz Barros) como do » uso do Astrolabio, para aquelle mister da navegação, havia pou- » co tempo que os mareantes deste Reyno se aproveitavão, e os nã- » vios erão pequenos, não confiava muito de a tomar dentro nel- » les, por causa do seu arfar. » Barros Dec. I. Liv. 4. Cap. 2.

se tinhão feito até aquelle tempo: os lugares mais notaveis da Costa forão demarcados, em vez de cruzes de páo, com o Escudo das armas Reaes deste Reino, e inscripções Latinas e Portuguezas, que indicavão o Rei, o tempo, e o Capitão que os tinha descoberto.

A' chegada pois do Azambuja tudo estava apparelhado, ou se apparelhou em poucos dias para continuar os descobrimentos. Diogo Cão, Commandante desta nova expedição, não esperava mais do que a ordem para partir, a qual com effeito lhe chegou em o mez de Novembro; e Martim de Bohemia, que devia igualmente embarcar a titulo de Cosmografo, propunha-se sem dúvida a fazer as primeiras experiencias com os seus instrumentos, e a determinar as longitudes, e latitudes no meio do mar. Ouçamo-lo referir, ainda que mui sucintamente, esta viajem, em huma nota do Globo de Nuremberg, de que abaixo fallaremos.

« Em o anno de 1484 depois do nascimento de Jesu » Christo, o Illustre Rei D. João de Portugal fez armar » dois navios chamados caravellas, (1) bem providos de » homens, viveres, e armas para tres annos; e ordenou » á equipagem, que navegasse (passadas as columnas pos- » tas por Hercules em Africa) sempre para o Meio-dia, e » para onde nasce o Sol, tão longe, quanto lhe fosse pos- » sivel. Alem disso fez o dito Rei carregar estes navios de » todo o genero de mercadorias, para se venderem e darem » em resgate; assim como de desoito cavallos, com todos » os seos jaezes, os quaes forão embarcados para dar de » presente aos Reis Mouros, hum a cada hum, segundo » nós julgassemos conveniente. Derão-nos tambem amos- » tras de todas as Especiarias, para as fazer ver aos » Mouros, e dar-lhe a entender por este modo o que vi- » nhamos buscar a seus Paizes. Estando assim apparelha- » dos, sahimos do porto de Lisboa, e nos fizemos á vela

» pa-

(1) Faria e Sousa na *Memoria de todalas Armadas* &c. diz que esta expedição foi de hum só navio.

" para a Ilha da Madeira, aonde cresse o açucar de Por-
" tugal; e depois de termos dobrado as Ilhas Fortuna-
" das (1), e as Selvagens das Canarias, achámos alguns
" Reis Mouros, a quem demos varios presentes, e que tam-
" bem no-los offerecerão, e chegámos ao Reino de Gam-
" bia, onde nasse a malagueta, distante de Portugal 800
" legoas Alemans; depois do que passámos aos dominios
" do Rei de Furfur, distantes 1200 legoas ou Milhas, e
" onde cresse a pimenta chamada de Portugal: mais lon-
" ge ainda esta outro Paiz, onde achámos a casca de ca-
" nella; e tendo-nos então affastado do Reino 2300 le-
" goas, nos fizemos na volta, e no decimo nono Mez
" chegámos á Corte do nosso Rei." (2)

Antes que passemos adiante devemos notar, que esta noticia he até aqui bastante conforme com o que nos deixou escrito Barros, sobre a primeira viajem de Diogo Cão; o qual chegou até o Rio Zaire no Reino do Congo, onde assentou o seu ultimo Padrão. O que porém se deve confessar he, que nem naquelle Paiz, nem em toda a Costa Occidental da Africa se cria a arvore da canella, o que parece huma prova de que, ou Martim de Bohemia se equivocou com alguma outra arvore aromatica que ali encontrasse, ou que (seguindo o uso dos viajantes) quiz amplificar os seus descobrimentos, revestindo-os na

(1) Abaixo teremos occasião de ver, que as Ilhas que aqui se appellidão Fortunadas, são as que actualmente se chamão de Cabo Verde.

(2) Segundo a Chronologia de Barros, que parece neste lugar a mesma de Martim de Bohemia, tendo Diogo d'Azambuja chegado á Mina a 19 de Janeiro de 1482, e demorando se ali dois annos e 7 mezes, não podia tornar a Lisboa senão no fim de Agosto, ou em Setembro de 1484; e por conseguinte a partida de Diogo Cão, que foi depois da chegada delle, tambem não podia ser antes de Outubro daquelle anno: accrescentando pois os 19 mezes que Martim de Bohemia diz, que gastára na viajem, devia a sua volta ser em Abril ou Maio de 1486, que he o mesmo que diz Barros. Julguei necessaria esta explicação, não só porque Manoel de Faria emendou a data de 1486, mas porque he necessario fixar esta época pelo motivo que logo veremos.

na sua Patria de algumas circunstancias mais extraordinarias.

Continuando o exame de algumas das outras notas do mesmo Globo, está huma debaixo das Ilhas do Principe, S. Thomé, e S. Martinho, que diz: « Estas Ilhas » forão descobertas pelos navios, que Elrei de Portugal » enviou a estas paragens do Paiz dos Mouros no anno » de 1484. Nós somente ali achámos dezertos, e não vimos homem algum; só bosques e aves. ElRei de Portugal manda para ali todos os annos os condenados » á morte, assim homens como mulheres, e lhes dá terra para agricultarem, e sustentarem-se com o seu producto, a fim de que estes Paizes sejão habitados por » Portuguezes. He verão nestas terras quando na Europa » he Inverno, e todos os passaros e quadrupedes são differentes dos nossos. Ha tambem grande abundancia de » ambar, a que em Portugal se chama algalia. »

Transcrevemos este passo, porque elle parece desvanecer as incertezas, que João de Barros, e com elle alguns dos nossos Historiadores, tiverão a respeito destas Ilhas. Todos elles as dão por conhecidas no tempo do Sr. D. Affonso V., e Galvão lhe assignou o anno de 1471 ou 72. (1) O que se diz na Decada I.ª Liv. 2. Cap. 2. he o seguinte: « Tambem se descobrio a Ilha de S. Thome, Anno » bom, e a do Principe per mandado d'Elrey D. Affonso; e outros resgates, e Ilhas, das quaes não tratamos » em particular, por não termos quando, e per que Capitães forão descobertas, porem sabemos na vos commum » serem mais couzas passadas e descobertas no tempo » deste Rey, do que temos escrito. » Vê-se pois que este boa-

(1) Em a Introducção á *Navegação de Lisboa para a Ilha de S. Thomé*, seguimos com o commum dos Escritores, que esta Ilha fóra descoberta em 1472, por não termos então conhecimento das notas ao Globo de Nuremberg. A pezar porém de tudo, póde acontecer que se descobrisse neste tempo, mas que não se seguindo este descobrimento, só depois de segunda vez descoberta por Diogo Cão, he que se principiasse a povoar de Portuguezes.

boato he que antecipou treze annos aquelle descobrimento, que huma testemunha ocular nos transporta tão individualmente para o tempo do Sr. D. João II.

Sendo como deixamos dito a partida de Diego Cão em Novembro, e tendo feito escala por alguns portos, chegou dia de S. Thomé á Ilha daquelle nome, e no primeiro de Janeiro de 1485 á outra a que pozerão o titulo de Anno bom, donde depois seguio a sua derrota. He interessante a noticia destes descobrimentos, por serem a nosso ver os primeiros, em que servírão os novos instrumentos maritimos: todas as ilhas até então conhecidas, ou erão muito proximas á Costa, ou tinhão sido abordadas por causa de alguma grande tempestade, assim se descobrio a Ilha de Porto Santo, e assim foi Antonio de Nolle parar ás Ilhas de Cabo Verde; quando estas (a pezar de distar a Ilha de S. Thomé mais de 50 legoas da Costa, e a de Anno bom mais de 80) forão reconhecidas sem preceder tormenta alguma, de que se faça memoria.

Talvez assignar Antonio Galvão o anno de 1472 proceda de huma equivocação bem desculpavel, n'hum tempo em que estes successos erão quasi todos tradicionaes. Quando Martim de Bohemia falla das Ilhas de Cabo Verde diz: « As Ilhas Fortunadas ou de Cabo Verde achão- » se habitadas pelos Portuguezes desde 1472 » (1) isto he, na mesma época em que Diogo Cão foi reconhecer as outras; o que podia dar lugar a confundir estes dois acontecimentos.

Antes de concluirmos com esta viajem, não será fóra de proposito indicar o que nos dêo motivo a desconfiar da sin-

(2) Já deixámos notado, que Martim de Bohemia se persuadio, que as Fortunadas dos Antigos, erão as Ilhas de Cabo Verde. Esta foi a opinião de alguns Escritores daquelle tempo, e do grande Barros. Hoje está demonstrado, que são as Canarias, e já Camões tinha dito

Passadas tendo já as Canarias Ilhas,
Que tiverão por nome Fortunadas

Camões Lus. Cap. 5. Est. 8.

sinceridade de Behaim a respeito da arvore da canella. Em huma nota escrita por baixo da Linha equinoccial, em frente da Africa, depois de ter explicado as authoridades que seguíra para a descripção do Globo, diz, fallando particularmente da Africa « O Illustre D. João Rei de Por-
» tugal fez vizitar pelos seus navios em 1485 o resto des-
» ta parte do Globo, para o Meio-dia, que Ptolomeo não
» tinha conhecido, descobrimento em que eu Autor deste
» Globo, me achei » e em outra nota ao Cabo da Boa Esperança « Aqui forão plantadas as Columnas d'Elrei de
» Portugal em 18 de Janeiro de 1485 » Tambem, passado o Cabo do Rio Targonero, escreve « Até aqui vierão
» os navios Portuguezes, e levantarão a sua columna, e
» no fim de dezanove mezes voltarão para o Reino. » Destes differentes lugares parece poder-se concluir, que se Martim de Bohemia não se atreve a dizer, que montou o Cabo da Boa Esperança, dá todos os indicios para que assim o acreditem os que não souberem da viajem de Bartholomeu Dias, que o vio pela primeira vez em 1487, tendo partido de Lisboa em Agosto do anno antecedente, isto he, tres ou quatro mezes depois da chegada de Diogo Cão. (1)

Em companhia deste voltou tambem o nosso Behaim, satisfeito dos seus instrumentos, e digno de receber por taes serviços a devida recompensa. Qual porém esta tivesse sido ainda nos não foi possivel averiguar. Os Authores que escrevêrão a sua Historia, ao menos a maior parte, fundados em hum supposto documento de Nuremberg, fazem-no armar Cavalleiro da Ordem de Christo aos 18 de Fe-

(1) Barros diz que Barthomeo Dias empregou nesta expedição 16 mezes e 17 dias, e que voltou ao Reino em Dezembro de 1487, para o que devia ter partido em Agosto de 1486. Por tudo isto se vê, que só de proposito he que Martim de Bohemia confundio as épocas deste acconteci nento, fazendo-o succedido em o anno de 1485; e dando áquella viajem a mesma duração de 19 mezes que teve a sua. Hum homem que escreve para os seus patricios, a mais de duas mil legoas de distancia do theatro das suas expedições, e que a pezar disso não se atreve a mentir claramente, merece sem dúvida os nossos elogios.

Fevereiro de 1485; mas além de que esta época he visivelmente falsa, porque então estava elle ainda nas vizinhanças do Congo, as circunstancias do tal diploma são de todo inverosimeis. (1) O Sr. Antonio Ribeiro dos Santos, em huma muito erudita Memoria sobre os Mathematicos Portuguezes, fallando neste de passagem, diz que o Sr. Rei D. João II. lhe dêo as honras de seu Escudeiro, (2) mas não podémos ainda averiguar donde elle tirou aquelle facto: parece porém evidente que, ou por esta, ou por outra maneira, não deixaria de ser bem recompensado de hum Rei, que extremamente o estimava, e que delle fazia toda a confidencia.

(1) Eis-aqui o tal Documento conforme o transcreve Mr. Otto. « Aos » 18 de Fevereiro de 1485 Martim Behaim de Nuremberg foi armado » Cavalleiro, em a Igreja de S. Salvador das Allassavas (Alcaçovas) em » Portugal, depois da Missa, pela mão do muito poderoso Sr. Rei » D. João 2.º de Portugal, Rei dos Algarves, de Africa e de Guiné. » O seu primeiro Cavalleiro foi o mesmo Rei, que lhe cingio a espada; » o Duque de Beja foi o segundo, e lhe calçou a espora direita; o terceiro foi o Conde Chriſtovão de Mello, Primo d'ElRey, que lhe calçou » a esquerda: o quarto Cavalleiro foi o Conde Martini Marbarinis, que » lhe poz o capacete de ferro, e lhe deo a espaldeirada: iſto se passou » em presença de todos os Principes, e Senhores, e Cavalleiros do Rei» no. » Deixamos aos curiosos a averiguação de quem era o Conde Chriſtovão de Mello, Primo d'Elrei, e o outro Conde Martini de Marbarinis, personagens ambas para nós desconhecidas. O que podemos affirmar he, que na Chancellaria da Ordem de Christo, que se conserva na Torre do Tombo, não se acha nada anterior ao Reinado do Sr. Rei D. Sebaſtião, e por conseguinte não se pode ali fallar de Martim de Bohemia.

(2) Suppoſto que tambem não venha o seu nome escrito no Livro das Moradias da Casa do Sr. Rei D. João 2.º, que eſtá impresso a pag. 176 do segundo volume das *Provas da Historia Genealogica da Casa Real*, pode muito bem eſtar, que elle tivesse ali assento; pois a cópia, que deſte Livro se imprimio, parece ser baſtante diminuta. Por muitas razões nos he penoso que o eſtado da viſta do Sr. Antonio Ribeiro dos Santos o impossibilite de qualquer applicação, sem iſto elle teria sem duvida ajudado muito e aperfeiçoado os nossos trabalhos; a Hiſtoria e as Antiguidades de Portugal fazem nisso huma perda, que por ora eſtá bem longe de ser supprida, e de que são teſtemunho as suas eruditas e numerosas composições.

Pouco tempo depois de Martim de Bohemia voltar da Africa, teve huma noticia que lhe devia ser bem desagradavel. Aquelle Tio, que o tinha educado, a quem amava como Pai, e com quem tivera huma correspondencia epistular tão continuada, falleceo em Nuremberg em 1486; e talvez foi este successo que acabou de o resolver a fixar de todo a sua residencia em Portugal, casando então mesmo com huma Filha de Job de Huerter, ou Joz d'Utra, primeiro Capitão donatario das Ilhas do Fayal e Pico, e de sua Mulher Dona Brites de Macedo; a qual tinha por nome Dona Joanna.

Em a segunda parte teremos occasião de tratar das equivocações a que este casamento déo motivo; sómente diremos agora, que em virtude delle, accompanhou seu Sogro em a Ilha do Fayal, onde ao terceiro anno de residencia veio hum Filho estreitar mais o laço conjugal, e fixar Behaim em o centro de sua Familia. Desejava porém antes disso ver ainda huma vez a sua Patria, e abraçar os seus amigos e parentes; e pondo em prática esta resolução, partio para Nuremberg em 1491, tendo a satisfação de encontrar em casa de seu Primo, Miguel Behaim, o mesmo acolhimento e carinho, que noutro tempo tantas vezes recebêra de seu Pai.

Não foi tambem menos sensivel ao regozijo, com que o recebêrão os outros habitantes daquella Cidade, que o olhavão como hum homem extraordinario, e o maior viajador do seu tempo. Para de alguma sorte corresponder a estas demonstrações de obsequio, he que elle lhe quiz deixar huma prova duravel do seu agradecimento; demorando-se ali até concluir o celebre Globo terreste, em que já temos fallado; que Dopelmayer e Murr nos descrevêrão; e de que, eu tomando este ultimo por guia, vou a tratar mais especificadamente.

O Globo tem de diametro hum pé e oito pollegadas de París, e está assentado sobre hum alto pedestal de ferro; o seu Meridiano he tambem de ferro, porém o Horisonte he de latão, e foi feito muito tempo depois, como

mo se vê de huma inscripção que tem no rebordo, a qual diz: *Anno Domini* 1510, *die 5 Novembris*. Os differentes senhorios das terras são indicados pelas bandeiras das Potencias respectivas, as quaes são coloridas, assim como as moradas, e figuras dos habitantes de cada Paiz. Os nomes dos lugares são escritos com tinta vermelha e amarella, sobre hum pergaminho bastante denegrido.

Como alguns chegárão a avançar, que já neste Globo vem desenhada a America, ainda que, segundo dissemos, trataremos particularmente disto na segunda parte desta Memoria, será conveniente certificar desde já, que he hum engano. O Cypango he o Paiz que ali se vê mais avançado para o Este, e he representado como huma grande Ilha oblonga, e quasi rectangular, cortada superiormente na terça parte do seu comprimento pelo Tropico de Cancro. Superior a Cypango, e quasi no mesmo Meridiano, estão as Ilhas do Cathayo; e desde ali até o Meridiano da ultima Ilha de Cabo Verde, não se vê terra alguma, quer para o lado Austral, quer para o Meridional, senão a supposta Ilha de S. Brandão, e a outra a que elle chama Antilia ou Sete Cidades, (1) quasi debaixo do

 mes-

(1) Junto a esta Ilha Antilia está a seguinte nota » No anno de 734 » depois do Nascimento de Christo, anno em que toda a Hespanha foi » conquistada pelos Pagãos, vindos d'Africa, a Ilha Antilia chamada » sete Ritade (Cidades) foi habitada por hum Arcebispo do Porto, com » seis outros Bispos, e quantidade de Christãos homens e mulheres, » que aqui se salvárão da Hespanha com os seus gados e bens. Foi » hum Navio Hespanhol que em 1414 se chegou mais perto della « Depois do que dizemos acima, e do que se refere nesta nota, que pessoa de boa fé poderá tirar daqui por conclusão que já neste tempo havia noções da America? sem se lembrar que (pela sua mesma posição) a Antilia dos Antigos era tão fabulosa, como a Ilha de S. Brandão, a Masculina e Feminina, e outras daquelles Escritores. Se as Ilhas que descobrio Colombo, junto ao grande Golfo do Mexico, não tivessem recebido o nome de Antilhas, he muito provavel que a velha Antilia estivesse hoje totalmente esquecida: mas argomentarão da paridade dos nomes para a das cousas, sem advertirem nem na differente posição, nem mesmo em que a velha Antila era huma só Ilha, isolada no meio do mar; e as novas hum immenso Archipelago dificil de se poder nu-

mesmo Tropico de Cancer: em fim não se tira deste Globo a menor idéa de que seu Author tivesse, na época em que foi feito, noticia alguma da America.

Continuando com a sua descripção; na parte inferior delle, e perto do Polo Antartico, está pintada em hum circulo de 7 pollegadas de diametro a Aguia de Nuremberg com a cabeça de Virgem, e por baixo as Armas da Familia de Nutzel; á direita as da Familia de Volkamer, e de Behaim; e á esquerda as das Familias de Groland e de Holzschuer: á roda de todas estas pinturas estão escritas cinco linhas com as palavras seguintes: « A » requerimento dos sabios e veneraveis Magistrados da » nobre Cidade Imperial de Nuremberg, que actualmente » a governão, chamados Gabriel Nutzel, P. Wolkamer, » e Nicoláo Groland. Foi inventado e executado este Glo- » bo, conforme os descobrimentos, e indicações do Ca- » valheiro Martim Behaim, peritissimo na Arte da Cos- » mografia, o qual navegou á roda da terça parte da Ter- » ra. Tudo extrahido com summo cuidado dos Livros de » Ptolomeo, Plinio, Strabão, e de Marco Paulo; e tudo » disposto, tanto mares como terras, segundo a sua figura » e situação, como foi ordenado pelos ditos Magistrados » a Jorge Holzschuer, que concorreo para a execução deste » Globo em 1492. E foi deixado pelo sobredito Sr. Mar- » tim Behaim á Cidade de Nuremberg, como hum pe- » nhor e homenagem da sua parte, antes de voltar para » a companhia de sua Mulher, que habita em huma Ilha » na distancia de 700 legoas, aonde elle fixou a sua resi- » dencia, e onde se propõe de acabar seus dias. »

Jul-

---

merar. O outro indicio tirado da Etimologia ainda parece mais futil; dizem que as novas Antilhas se chamão assim por eſtarem fronteiras ás grandes Ilhas da America, e querem que por igual razão se chamasse assim a velha Antilia: mas como póde iſto ser se em o Mappa que a traz, não vem nenhuma deſtas grandes Ilhas Americanas? Porque não diremos antes que os Antigos derão eſte nome á Ilha, que suppozerão oppoſta e defronte das Canarias, referindo-se assim antes á parte do Globo conhecida, do que a outra que ainda o não era?

Julgamos dever parar aqui, posto que ainda são muitas mais as notas que poderiamos transcrever; mas excepto huma, de que ainda teremos occasião de fallar, todas as outras são de pouco interesse, e não dizem respeito nem á vida do Author, nem á Historia Portugueza: quem as quizer ver em toda a extensão, achallas-ha na já citada Dissertação de Mr. Murr, para onde remettemos os curiosos.

Em 1493 estava Martim de Bohemia já em Lisboa, de volta da sua Patria, e pouco depois na Ilha do Fayal em companhia da sua Familia. Foi curto porém o tempo que lhe deixárão gosar do socego domestico: ElRei D. João II., que estava perfeitamente inteirado do seu prestimo e capacidade, determinou empregallo em huma Commissão melindrosa, a cujo exito elle tinha ligado o maior interesse, e para a qual com effeito seria difficil encontrar outro homem mais proprio.

Todos sabem, que este Monarcha tinha perdido sem successão o unico Filho que tivera da Rainha Dona Leonor; e que por isso o seu herdeiro ao Throno era o Sr. D. Manoel, Irmão da Rainha, e Primo com Irmão de ElRei: mas este futuro successor era tambem Irmão do Duque de Viseu, assassinado ás punhaladas pelo proprio Rei; e só por huma particular providencia tinha escapado ás tramas de seus inimigos, que o não tratárão com tanta crueza. A pezar porém desta benignidade, he evidente que nem elle podia amar ElRei, nem este podia ver com gosto hum Principe, que não só lhe recordava os seus passados ressentimentos, mas que devia pôr hum dia na cabeça aquella Coroa, que tanto tinha forcejado por que não passasse á sua Familia. A estes motivos, já tão fortes, accrescia outro de não menor peso no coração humano: tinha ElRei hum Filho, fructo de seus amores clandestinos com Dona Anna de Mendoça, Senhora de nobre linhagem, e que em extremo lhe era cara. Este Filho por nome D. Jorge, tinha sido criado com o maior melindre em casa da Princeza Santa, Dona Joanna; e por morte desta,

ta, vivia na Corte, extremamente festejado da mesma Rainha até hum certo tempo. Foi pois para este D. Jorge, que ElRei D. João II. intentou fazer passar o Sceptro, mas para isto era necessario legitimallo primeiramente; e alcançar o consentimento, e approvação de algumas Personagens da primeira Jerarchia.

Podem ver-se em D. Agostinho Manoel de Vasconcellos as machinações, que se pozerão em uso para interessar a Corte de Roma a favor deste projecto: as que se praticárão com a Rainha forão totalmente infructiferas, e segundo nos diz hum dos Escritores daquelle tempo (1) „ a pezar de ser para isso d' Elrey muitas vezes requeri-„ da, soffreo pelo não consentir muitas paixoens, disfavo-„ res, e esquivanças, com muita paciencia, dissimulação, „ e prudencia, sem nunca querer nisso outorgar. „

Vendo pois ElRei que nada conseguia directamente, lembrou-se de fazer intervir huma terceira pessoa, cuja authoridade désse maior peso ás suas pertenções, e cujo parentesco com elle, com a Rainha, e com o Sr. D. Manoel, afastasse toda a idéa de parcialidade, e parecesse assim não aspirar senão ao bem e socego do Estado. O Imperador Maximiliano I. estava justamente em circunstancias de reunir todas estas qualidades.

Filho de Frederico IV., e da Princeza de Portugal Dona Leonor, era Neto por este lado do Sr. Rei D. Duarte; e tendo casado com Maria de Burgonha, Neta da Infanta Dona Izabel, tinha annexado os seus dominios aos que lhe pertencião pela parte paterna, o que tudo o constituia hum excellente mediador nas cousas de Portugal.

Tomada pois por ElRei D. João II. a resolução de o acariciar para os seus fins, era-lhe necessario hum homem de confiança, versado nos usos da Alemanha, e nos sentimentos da Corte de Lisboa; e achou estas vantagens em Martim de Bohemia, cuja nomeação devia além disso ser

(1) Rezende na *Chronica d' ElRei D. João II.*, e o mesmo refere Ruy de Pina quasi pelas mesmas palavras.

ser bem agradavel ao Imperador, que tinha hum gosto particular em proteger e conversar com as Pessoas instruidas; que se applicava elle mesmo ás Letras; e que via no Embaixador Portuguez hum antigo subdito seu, com a reputação do maior viajante do Universo. (1)

De huma carta, escrita por Martim de Bohemia aos 11 de Março de 1494, consta, ainda que imperfeitamente, o fim desta nova viajem, que varios infortunios retardárão (2); pois apenas partido de Lisboa com as suas Credenciaes (3) foi aprizionado no mar, e conduzido a Inglaterra, onde teve huma grave doença: achando-se restab lecido della no fim de tres mezes, tornou a embarcar-se, e cahio de novo nas mãos de hum Corsario, que o conduzio a França. Em fim depois de ter pago o seu resgate, partio para Anvers, e dali para Bruges, onde parece que estava então o Imperador. Tantas demoras tornárão felizmente esta jornada infructuosa; e pouco depois

(1) O mesmo Maximiliano dá efte teftemunho quando diz *Martino Bohemo nemo unus Imperii Civium magis unquam peregrinator fuit, magisque remotas adivit orbis regiones.*

(2) Mr Murr traz apenas hum extracto defta Carta, e esse mesmo baftante imperfeito, e errado. Eis-aqui o seu principio « Em 1494 » D. João 2.° mandou Martim Behaim a Flandres, a seu Filho na- » tural o Principe Jorge, a quem desejava passar a Coroa » &c. O que he hum manifefto engano, pois nunca D. Jorge efteve em Flandes, nem até á morte de seu Pay sahio deftes Reinos; porém já observámos que Murr não sabia muito da nossa Hiftoria, e por isso cahe ás vezes em equivocações extraordinarias: assim por exemplo confundindo João Infante com hum Infante D. João, diz que Bartholomeu Dias descobrio o Cabo da Boa Esperança, juntamente com o Infante D. João, &c.

(3) Parece que efta Credencial, ou antes alguma copia se conservou muito tempo na Familia de Behaim. Referem alguns Authores ser tradição, que ElRey D. João 2.° escrevêra em huma Carta do seu punho a Martim de Bohemia. *Quia perspecta nobis jamdiu integritas tua nos inducit ad credendum quod ubi tu es, est Persona nostra*, &c. Alguns dão efta Carta por verdica, e se servem della para exaltar as grandes demonftrações de affecto da parte d'ElRey; outros a dão por apocryfa, reputando aquellas palavras indecorosas ao Monarca; e nem mesmo Mr. Murr, que falla na Embaixada de Behaim, se lembrou de que era huma simples Credencial.

pois de ali chegar, recebeo novas ordens, em contrario ás primeiras, tendo-se augmentado neste meio tempo a molestia d'ElRei, e tendo-se talvez com isso descoraçoado daquelle seu intento. He ao menos certo, que estas ordens para elle se retirar a Lisboa, forão tão instantes, que tendo escrito de Bruxellas a carta de que acima fallámos, não lhe foi possivel remettella senão depois de chegado a esta Capital.

Desde esta época, que foi tambem com pouca differença a da morte do Sr. D. João II., cessárão as peregrinações de Martim de Bohemia; e a sua vida na Ilha do Fayal passou tranquilamente, repartida entre o estudo, e o cuidado da sua Familia, augmentada com mais hum Filho, que parece não durou muito. (1) Os seus conhecimentos, principalmente na Geografia e Astronomia, erão taes, que os seus amigos, e em geral todos aquelles Povos o olhavão com huma reverencia supersticiosa, tanto erão certos os seus calculos, e prognosticos. Podem ver-se em Fr. Gaspar Fructuoso, e no Liv. 9. Cap. 8. da *Historia Insulana* sufficientes noticias a este respeito.

Corria o anno de 1506 quando elle se resolveo a vir com a sua familia para Lisboa, onde encontrou seu Irmão mais moço por nome Wolf, ou Wolfrath, (2) que aqui veio ter. Ainda que não saibamos ao certo o motivo desta ultima viajem, póde conjecturar-se com toda a probabilidade que ella foi feita por ordem superior, com o fim de aproveitar os seus conhecimentos Geograficos em a construcção de algumas Cartas Maritimas, de huma das quaes

(1) Segundo Cordeiro (*Hist Ins.* pg. 463) teve Martim de Bohemia dois filhos, o mais velho dos quaes se chamou Martinho, e morreo ainda menino. Mr. Murr só falla delle, e diz que lhe sobreviveo, e que delle ainda se conservão Cartas. Consta tambem que em 1519 fez elle pôr em Nuremberg á direita do Altar mór, no Coro da Igreja de Santa Catharina huma lápide sepulcral com as armas de seu Pay: parece pois que o morto deveria ser o segundo, pois não he crivel que ambos tivessem o mesmo nome.

(2) Morreo no anno de 1507, e está enterrado na Igreja da Conceição de Lisboa.

quaes (como logo veremos) ainda se conserva memoria. Mas estes novos serviços forão de pouca duração, pois consta por documentos authenticos, que falleceo a 29 de Julho daquelle mesmo anno, e jaz enterrado na Igreja de S. Domingos junto ao Rocio.

Diz-se que a sua Familia possue ainda dois retratos seus, hum muito antigo, outro mais moderno: naquelle, que he de corpo inteiro, lê-se a seguinte inscripção: « *Martinus Bohemus Norimberg. Eques, Serenissimorum Johannis II. et Emmanuelis Lusitaniæ Regum Thalastus et Mathematicus insignis. Obiit 1506 Lisabonæ.*

PARTE II.

POr não cortar tantas vezes o fio da Historia de Martim de Bohemia, guardámos para agora o exame de tres factos, em que alguns Escritores se persuadírão que elle tinha tido huma parte muito principal, e vem a ser o descobrimento das Ilhas do Fayal, e Pico; o da America; e o do Estreito de Magalhães; dos quaes trataremos por esta mesma ordem.

Em quanto ao primeiro, he facil demonstrar que Martim de Bohemia não teve nisso a menor influencia; ouçamos as suas proprias palavras, tiradas de huma nota ao Globo de Nuremberg: « As Ilhas dos Açores forão habi-
» tadas em 1466 (1); quando ElRei de Portugal as dêo,
» depois de muitas instancias, á Duqueza de Burgonha,
» sua Irmã (2), por nome Izabel. Havia então em Flan-
» dres huma grande guerra, accompanhada de huma ex-
» trema fome; e a Duqueza mandou para estas Ilhas gran-

(1) Ainda que se exprima em geral por Ilhas dos Açores, só quer fallar do Faial e Pico segundo parece.

(2) Em 1466 reinava em Portugal D. Affonço V., o qual era Sobrinho da Infanta D. Isabel, por quanto esta era Irmã d'Elrei D. Duarte.

» de quantidade de homens, e mulheres de todos os Of- » ficios, e igualmente Sacerdotes, e tudo o mais que per- » tence ao Culto religioso; tambem mandou varios na- » vios carregados de moveis, e do necessario para a cul- » tura das terras, e edificação das casas, e lhes fez dar » durante dois annos tudo aquillo de que podião ter ne- » cessidade para subsistir, a fim de que pelo tempo adian- » te, em todas as Missas, cada huma pessoa rezasse por » ella huma *Ave Maria*, e subião estas a duas mil: de » sorte que, com aquelles que ali passarão e nascerão de- » pois, formarão alguns milhares. Em 1490 havia ainda » alguns milheiros de pessoas, tanto Alemans como Fla- » mengas, que ali tinhão vindo com o nobre Cavalheiro » Job de Huerter, senhor de Moerkirchen em Flandres, » meu caro Sogro, a quem estas Ilhas forão dadas para » elle e seus descendentes, pela dita Duqueza de Burgonha. » Cresce nellas o açucar de Portugal: os fructos ama- » durecem duas vezes por anno, porque não ha Inverno; » e todos os viveres são baratos, de sorte que muita » gente poderia lá achar a sua subsistencia.

» No anno de 1431 depois do nascimento de N. S. » Jesu Christo, reinando em Portugal o Infante D. Pedro, » armarão-se dois navios, munidos das cousas necessarias » para dois annos de viajem, por ordem do Infante D. » Henrique, Irmão do Rei de Portugal; e isto para hirem » ao descobrimento dos Paizes que se achavão além do » Cabo de Finisterra; os quaes assim apparelhados fize- » rão sempre vela para o Poente, pouco mais ou menos » na distancia de 500 legoas, e finalmente descobrirão es- » tas dez Ilhas (1), e tendo desembarcado nellas, não acha- » rão senão desertos, e aves tão domesticas, que não fu- » gião de ninguem; pois como não havia vestigios de ho- » mens

(1) Segundo os nossos Authores não se descobrírão neste anno senão as chamadas Formigas: no seguinte de 1432 he que Gonçallo Velho Cabral abordou a Santa Maria. As outras forão descobertas subsequentemente.

» mens nem de quadrupedes, esta era a causa de não se-
» rem as aves espantadiças; e assim derão a estas Ilhas
» o nome dos Açores. Depois para satisfazer ás ordens
» d'Elrei de Portug l, mandarão no anno seguinte desaseis
» navios com toda a especie de animaes domesticos, e lan-
» çarão huma porção em cada Ilha para multiplicarem. »

Vê-se por esta nota, que o primeiro povoador das Ilhas do Fayal foi Job de Huerter, Sogro de Martim de Bohemia, cuja alliança dèo origem a reputarem alguns, que este descobrimento lhe pertencia: vê-se tambem que este primeiro senhorio lhe foi dado pela Duqueza de Borgonha, em virtude da concessão que destas Ilhas lhe fizera ElRei D. Affonso V.; ¿mas poder-se-ha isto reputar como huma verdade demonstrada? Ouçamos o que diz a este respeito o veridico Padre Cordeiro a pag. 457 da sua *Historia Insulana.*

» Estando já em parte, ainda que pouco, povoado o
» Fayal por particulares Portuguezes, que da Terceira, S.
» Jorge, e Graciosa lhe forão; tratavão as Pessoas Reaes
» de nomear algum Capitão Donatario da Ilha, para que
» com mais riqueza e nobreza a povoasse toda; e porque
» então andava em Lisboa, e no serviço das Pessoas Reaes
» hum grande Fidalgo Flamengo, chamado Joz d' Utra,
» .... a este Fidalgo nomeou Elrei de Portugal por Ca-
» pitão donatario de toda a Ilha do Fayal, e o casou
» com huma Portugueza, Dama do Paço, chamada Bri-
» tes de Macedo, da antiga Fidalguia dos Macedos. Des-
» te Joz d' Utra diz Barros, que era Flamengo, natural da
» Cidade de Bruges, no Ducado de Flandres, e que era
» senhor de certas Villas no mesmo Ducado, e que tinha
» vindo mancebo a Portugal, com a fama dos descobri-
« mentos feitos pelos Portuguezes, e só a ver terras, e
» aprender lingoas, como costumavão então fazer os illus-
» tres e ricos Fidalgos em sua mocidade.

» Passadas pois as Cartas de Capitão donatario do
» Fayal ao dito Joz d' Utra, na fórma em que se tinhão
» passado aos donatarios da Madeira e mais Ilhas; vol-

» tou de Lisboa a Flandres o dito Utra, e vendendo la
» o muito que la tinha, meteo suas riquezas em navios, to-
» mou por companheiros a muitos outros Fidalgos e Pa-
» rentes seus.... e outros mais ordinarios povoadores, e
» com tudo a sua custa se tornou a Lisboa, e com sua
» mulher se veio meter em o Fayal....

» Primeiro Capitão pois e donatario da tal Ilha foi
» o dito Joz d' Utra, e a dita sua Mulher Brites de Ma-
» cedo;..... e ainda que dizem alguns que Joz d' Utra
» casára com huma chamada Corterreal, enganarão-se não
» destinguindo o primeiro Joz d' Utra, Capitão primeiro,
» de hum seu Filho e do mesmo nome, que lhe succe-
» deo na Capitania, e este foi o que casou com aquella
» Corterreal. Do tal Capitão Joz d' Utra e da tal Brites
» de Macedo nascerão varias Filhas, que casarão com ou-
» tros Fidalgos em Portugal, e huma com hum illustre
» Alemão, chamado Martim de Bohemia, a quem Elrei
» de Portugal estimava muito por sua grande nobreza, e
» singular sciencia. »

Até aqui o Padre Cordeiro, cujo testemunho nestas materias he de grande peso, não só por elle, e pelas authoridades que allega; mas porque a sua Historia he transcripta das *Saudades da Terra* de Fr. Gaspar Fructuoso, homem igualmente de summa veracidade, que escreveo nos mesmos lugares, com os documentos á vista, e em tempos em que estas memorias não devião ainda estar de todo esquecidas; e a pezar disto vê-se que não diz palavra nem a respeito da transacção com a Duqueza de Borgonha, nem da doação feita por ella. Ajuntemos ainda hum terceiro testemunho digno de todo o credito, por isso que he hum proximo herdeiro de Job de Huerter quem no-lo vai dar.

He pois de saber que correndo hum pleito entre Jeronymo d' Utra Corterreal, e a Coroa, sobre a successão da Capitania das duas Ilhas do Fayal e Pico (por motivos alheios do nosso assumpto, e que se podem ver na *Historia Insulana* a pag. 458) conserva-se ainda na Torre

re do Tombo (Gaveta 15 Maço 16 N. 5) huma Sentença proferida no Juizo da Coroa a 6 de Setembro de 1571; pela qual, e pela Allegação de dito Jeronymo d Utra que se refere consta, que seu Avô Joz d' Utra a instancias do Infante D. Fernando, Mestre da Ordem de Christo, viera povoar aquellas duas Ilhas, pertencentes á mesma Ordem; ficando as Capitanias para elle e seus Filhos e descendentes, o que fora confirmado por ElRei D. Manoel; e que por morte deste primeiro Capitão, passára a Capitania para seu Filho Manoel d' Utra Corterreal.

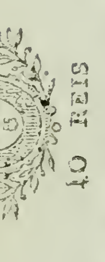
De tudo isto se vê convincentemente, que os Flamengos conduzidos por Joz d' Utra, forão os primeiros, ou ao menos os principaes povoadores do Fayal e Pico; porém tudo o mais he contado por differente maneira em cada hum dos tres lugares acima; pois não se dizendo palavra nos dois ultimos a respeito da Duqueza de Borgonha, tratão-se n' hum as Ilhas como da Coroa, e no outro como pertencentes ao Mestrado de Christo, e doadas pelo Infante D. Fernando.

Com tudo, esta contradição não passa de apparente: tinha ElRei D. Duarte feito mercê em 1433 a seu Irmão o Infante D. Henrique das Ilhas té então descobertas; a qual se augmentou com algumas das outras, que ao depois se forão conhecendo, e passárão todas por sua morte para seu Sobrinho, e Filho adoptivo, o Infante D. Fernando, como se vê da Carta de mercê passada pelo Sr. Rei D. Affonso V. na Cidade de Evora aos 3 dias do mez de Dezembro de 1460. (1) Erão pois naquelle tempo estes Infantes os que nomeavão os Capitães Donatarios daquellas Ilhas de que estavão de posse, extendendo-se esta graça á Infanta Dona Beatriz, como tutora e curadora de seu Filho o Sr. D. Diogo, de quem se conser-

(1) Ainda que neſta Doação não se faça menção das Ilhas de que tratamos, pelo nome que agora tem; he mais que provavel que sejão algumas das que ali se appellidão com nomes que actualmente não são já conhecidos. V. *Prov da Hist. Gen.* Tom. I. p. 563.

servião algumas destas Cartas; e por morte deste ultimo, ao Sr. D. Manoel, que vindo a succeder na Coroa, consolidou nella este dominio; e fez passar, segundo parece, novas Cartas de Doação aos Capitães que então as possuião. O Pico e Fayal achavão-se sem dúvida nestas circunstancias, como se colhe não só da Sentença acima, mas tambem da Carta de Doação passada por aquelle Monarca a favor do mesmo Joz d' Utra de quem tratamos, e que abaixo se transcreve. (1)

Em



(1) D. Joam &c. A quamtus esta minha Carta virem faço saber, que por parte de Manuel Dutra Cortereall, ffilho mais velho de Jooz Dutra que foy capitam das Ilhas do Fayall e Piquo, me foy apersemtada huuma minha Carta per mim asynada e pasada polla chamcelaria, da qual o theor de verbo a verbo hee o seguimte = D. Joam per graça de Deos Rey de Purtugall e dos Allgarues daquem e daalem mar, em Africa Snr. de Guinee e da comquista, nauegaçaom, comercio Dethiopia, Arabia, Persya, e da India, &c. A quantos esta minha Carta virem ffaço saber que por parte de Jooz Dutra capitão das Ilhas do Fayall e Piquo me foy apersemtada huuma Carta delRey meu Snr. e padre, que samta gloria aja, de que o theor tall hee = dom Manuel per graça de Deos Rey de Purtugall e dos Allgarues daaquem daalem mar, em Affrica Snr. de Guinee e da comquista, nauegaçaom, comercio Dethiopia, Arabia, Persya, e da India. A quamtus esta nossa Carta virem ffazemos saber, que Jooz Dutra capitão por noos das nosas Ilhas do Fayall e Fiquo, nos emuyou ora dizer como nos lhe tinhamos ffeita doaçaom e mercee das ditas capitanias, asy e polla maneira que temos dadas as capitanias das outras nosas Ilhas, sem em sua doaçaom decrarar particularmeimte as cousas que por ellas hade aver, pedimdonos por merce que lhe mandasemos daar dello nosa Carta, com decraração de todallas cousas que aas ditas capitanias pertemcem, da qual cousa a noos apraz, e per esta persemte nosa Carta queremos que elle tenha e aja de noos as ditas capitanias, e as gouerne per noos, e mamtenha em Justiça em sua uyda, e asy despois de seu ffallecimento o seu ffilho mayor baraom lidimo, ou segundo se tall for, e asy de descemdemte em descemdemte per linha direita mazcolina, asy como os capitaaens da Ilha da madeira a tem per suas Cartas; e semdo em tall idade o dito seu filho que a naom posa reger, noos poremos quem a reja athe que elle seja em idade pera as reger. Item nos praaz que elle tenha em as sobreditas Ilhas Jurdiçaom por noos do ciuel e crime, resalluamdo morte ou talhamemto de membro que desto venha apelaçaom ou agrauo pera noos; porem sem embarguo da dita Jurdiçaom, a noos praaz que todos nosos mandados e correiçaom seja hy comprida, asy como em nosa cousa propria: outro sy nos praaz que o dito Jooz Dutra aja pera sy todal-

Em quanto porém á Duqueza de Borgonha, he bem de

---

los moynhos de paom que ouuer nas ditas Ilhas, do qual lhe asy damos o carreguo, e que nimguem naom faça hy moynhos, soomente elle ou quem lhe a elle aprouuer: e esto naom se emtemda em moo de braço, que ffaça quem quizer naom moemdo a outrem; nem atafona a naom tenha outrem, soomente elle ou quem a elle aprouuer. Item nos praaz que aja de todallas serras daguoa que se hy fizerem, de cada huma huum marquo de prata, ou em cada huum anno seu justo vallor, ou duas tauoas cada somanna das que hy costumarem serrar, pagamdo porem o dizimo a nos de todallas ditas serras, segundo paguam das outras cousas, quamdo serrar a dita serra. E esto aja tambem o dito Jooz Dutra de qualquer moynho que se nas ditas Ilhas fizer, tiramdo vieiros de ferrarias ou outros metáis. Item noos praaz que todollos ffornos de paom em que ouuer paom de poya sejaom seus, porem nom embargue que quem quizer fazer fornalhas pera seu paom, que as faça e naom pera outro nenhuum. Item nos praaz que temdo elle saall pera vemder, que o naom posa vemder outrem senão elle, daindo elle a rezaom de meo reall de prata o allqueire, ou sua dita vallya e mais naom; e quamdo o naom tiuer que os da dita Ilha o posaom vemder á sua vomtade athee que o elle tenha: outro sy nos praaz que de todo o que noos hy ouuermos de remda nas ditas Ilhas que elle haja de dez huum de todas nosas remdas e direitos que seuus tem, no forall que pera ello mamdamos fazer; e per esta guisa nos praaz que aja seu filho esta remda, ou outro descemdente per linha direita que o dito carreguo tiuer. Item nos praaz que elle posa daar per suas Cartas a terra das ditas Ilhas forra per o forall a quem lhe aprouuer, com tall comdiçaom que ao que derem a dita terra a aproveite athe cimquo annos, e naom aproueitamdo que a posa daar a outrem; e despois que aproveitada for e a leixar por aproueitar ate outros cimquo annos, que yso mesmo a posaom daar; e isto nom embargue que se hy ouuer terra pera aproueitar que naom seja dada, que nos a posamos daar a quem nosa merce for; e asy nos praaz com ha de seu filho ou erdeiros descemdentes que o dito carrego tiuerem. Item nos praaz que os vezinhos posaom vemder suas herdades aproueitadas a quem lhe aprouuer; outro sy nos praaz que os guados brauos posaom matar os vezinhos das ditas Ilhas sem aver hy outra defeza, per licemça do dito capitaom, resalluamdo allguum lugar cerrado que seja lamçado por senhorio. E yso mesmo nos praaz que os guados mamsos pasçaom per todas as Ilhas trazemdoos com guarda que naom façam mall, e se o fizerem que o paguem a seu donno, e as coymas segundo as posturas dos Comselhos. E por sua guarda e nosa lembramça lhe mamdamos daar esta Carta per noos asinada e aselada do noso sello; e porem mamdamos a todollos nossos officiaes e pesoas a que esta nosa Carta for mostrada, e o conhecimento della pertencer, que asy cumpraom e guardem e façaom cumprir e guardar pol-

de crer, que se ella com effeito fosse senhora absoluta daquellas Ilhas, ter-se-hia feito menção disso em algum dos citados documentos; mas não parece provavel, que as pertenções de Martim de Bohemia, e de seu Sogro se extendessem até esse ponto; tanto mais que não he contradictorio, antes muito natural, que visto as grandes e extraordinarias despezas, que esta Princeza, Joz d' Utra, e os Flamengos em geral fizerão para o estabelecimento daquella Colonia, que lhes foi tão devedora, elles gosassem no principio, isto he até ao tempo do Sr. D. Manoel, de certas prerogativas, isenções, e authoridades, que darião azo ás expressões da nota do Globo de Nuremberg, e ao que tambem parece concluir-se da anecdota que refere o Padre Cordeiro no Liv. 8. Cap. 2. §. 14.

Para de todo concluirmos com esta materia das Ilhas, notaremos ainda outra differença notavel, que se acha nas duas ultimas authoridades já transcriptas, a qual sem dúvida não terá escapado aos leitores, e vem a ser, que affir-

---

la guisa que se nella contem, sem a ello porem duuida nem embarguo porque asy hee nosa merce. Dada em Evora a 31 dias do mes de mayo Afomso Figueira a fez de 1509 annos. Pedimdo-me o dito Jooz Dutra que lhe confirmase a dita carta, e visto per mim seu requerimento, e querendo lhe fazer graça e merce, tenho per bem e lha comfirmo, e mamdo que se cumpra e guarde asy e da maneira que nella se contem. Ayres Fernandes a fez em Lixboa a 22 dias doutubro de 1528 annos. Pedindo o dito Manuell Dutra Cortereall que por quanto o dito Jooz Dutra seu pay era fallecido, e elle era o filho mais velho baraom lidimo, que por seu fallecimento ficara e que per direito subcedia ás ditas capitanias do Fayal e Piquo, ouuesse por bem de lhe mamdar daar dello sua doaçaom; e visto seu requerimento lhe mamdei dar esta Carta polla quall quero e me praaz que o dito Manuell Dutra tenha e ajá as ditas Capitanias do Fayal e Piquo com sua Jurdiçaom remdas e direitos, asy e da maneira que as tinha o dito seu pai pela dita minha Carta que nesta vai trelladada e se nella contem: e mamdo a todollos corregedores, ouuidores, juizes, justiças, officiaes, e pessoas a que esta carta for mostrada e o conhecimento pertencer que asy o cumprão e guardem e façam inteiramente cumprir e guardar sem duuida que a ello seja posto. Inacio Reinel a fez em Lixboa a 15 dias do mes julho anno do nascimento de noso Snr. Jesus Christo de 1550 e eu Damião Dias o fiz escrever.

L.° 69 da Ch. do Sr. D. João III. fl. 109.

firmando o Padre Cordeiro huma e mais vezes, que houve dois Joz d' Utra, Pai e Filho, ambos elles Capitães donatarios; agora pela Allegação de Jeronymo d' Utra se vê convincentemente não ter havido senão hum só, ou ao menos, que se houve dois, morreo o ultimo sem successão: devendo assim entender-se que o primeiro Capitão e povoador casou duas vezes; a primeira com Dona Brites de Macedo, de quem houve a Mulher de Martim de Bohemia, e a segunda com N. Corterreal, de quem nascêrão os successores, que estiverão de posse daquella Capitania por alguns tempos.

O segundo ponto, que nos proposemos examinar, foi a parte que Behaim tinha tido no descobrimento da America, aonde alguns pertendem que elle tivesse penetrado, fundados em huma antiga Chronica de Nuremberg, em o testemunho de Hartman Scheldel, e em hum antigo Mappa que se achou no Gabinete do Sr. Rei D. Manoel, onde esta quarta parte do Globo vinha desenhada. Como o Presidente Conde Carli, Mr. Murr, e o Conde de Ayaba fizerão já conhecer amplamente a falsidade dos dois primeiros argumentos, escusado será que nos demoremos em repizar o que outros já disserão: com effeito basta ler o que deixámos escrito na primeira parte a respeito do Globo Terreste, para se ver que até áquella época não era por fórma alguma conhecido de seu Author o Continente Americano; ainda que depois, pelas noticias que alcançou até á sua morte em 1506, podesse formar aquelle Mappa, com que presenteou ElRei D. Manoel.

Se porém em lugar de olharmos a questão de facto, tratarmos sómente da sua possibilidade, isto he, se Martim de Bohemia estava persuadido, que podião existir novas terras ou Ilhas naquella parte do Globo, não duvidamos então asseverar, que isto nos parece fóra de toda a dúvida.

Data desde tempos antiquissimos a opinião da redondeza da terra. Aristoteles, e Plinio tinhão provado esta verdade, que já lhes vinha de Thalles, e de Platão. Sup-

posta esta esfericidade, só havia hum passo que dar para se crer na existencia dos Antipodas, já reconhecida por Pythagoras, pelos mesmos Platão e Aristoteles, e por muitos outros que os seguírão.

Além disso, dividindo com Ptolomeo o Equador em 360 gráos, vesse facilmente que os Antigos não conhecião senão 180, isto he hum Emisferio do Globo; e que as terras do outro estavão fora do seu alcance, porque cercadas de largos mares, ou impenetraveis gelos, era impossivel (segundo os conhecimentos nauticos daquelles tempos) abordar a ellas.

Se estas terras erão Ilhas, ou continente, he o que não era facil de decedir, e menos ainda a sua situação: como porém por huma parte seja difficultosa a confissão da nossa propria ignorancia, e pela outra seja mais facil amplificar as idéas de objectos já conhecidos, do que suppor outros totalmente novos; pensou-se que o Continente d'Azia, cuja costa não estava ainda explorada, se extendia muito mais do que realmente se extende; e que a parte do Oceano, comprehendida entre esta e a Europa e Africa, era talvez semeada de Ilhas grandes e pequenas.

Tanto isto he verdade, que Martim de Bohemia notou duas destas suppostas Ilhas no seu Globo, a das sete Cidades, chamada tambem Antilia, e a de S. Brandão: e por huma semelhante razão quando Christovão Colombo na sua terceira viagem em 1498 descobrio a Terra de Paria no Continente, ficou persuadido que era huma grande Ilha. O mesmo nome de Indias, que os Hespanhoes principiárão a dar á America, prova bem quanto se persuadírão que se achavão nellas, quando abordárão ao Novo Mundo; e daqui procedeo o grande espanto de Vasco Nunez de Valboa, quando atravessando o Histmo de Panama, avistou pela primeira vez o mar do Sul, chamado vulgarmente Pacifico.

Estas erão sem duvida as idéas de Christovão Colombo, e de seu amigo Martim de Bohemia, que com elle concorreo muito tempo na Corte de Lisboa. As considerações Cosmograficas deste ultimo tornavão-lhe evidente a ex-

existencia de terras maiores, do que as duas Ilhas, que elle tinha debuxado como isoladas no meio daquelle grande mar: he a quanto podia chegar o simples raciocinio, o mais devia ser determinado pela navegação.

Para que isto não pareça livremente dito da nossa parte, transcreveremos hum passo da tantas vezes citada *Historia Insulana*, que o copiou de Fr. Gaspar Fructuoso; onde a travez de algumas expressões maravilhosas e fantasticas, proprias daquelle tempo, se dá huma prova bem evidente de que estas erão as idéas que então grassavão (1).
» Advinhava (Martim de Bohemia) tantas outras cousas
» por observações de Estrellas, e tão certamente se vião ao
» depois, que o rude povo em lugar de julgar ao fidalgo
» por excellente Astrologo, o tinha por Nigromantico;
» como se assim como ha quem vê sem Nigromancia al-
» guma a agoa, que corre por muito baxo e fundo de
» terra, e a qualidade da agoa, os metaes que estão em
» o centro mais profundo, e o que está dentro de hum
» corpo humano, como não poderá haver tambem quem
» sem Nigromancia veja o que indicão as Estrellas?

» Chegado pois o mesmo Astrologo ao Fayal disse...
» antes de se descobrirem as Indias de Castella, que ao
» Sudueste do Fayal onde elle estava, via hum Planeta
» dominante sobre huma Provincia, onde se servião os
» moradores com vasos de ouro e prata, de que carrega-
» das as embarcações se verião no Fayal, e antes de mui-
» to tempo, &c. E dentro de poucos annos se virão em
» o Fayal náos que vinhão do Peru, achado então, e que
» vinhão carregadas de ouro, prata, e pedraria. »

Sendo pois estas as idéas daquelles dous grandes homens, hum concurso extraordinario de circumstancias lhes augmentou o desejo de as ver verificadas; taes erão, o espirito caracteristico daquelle Seculo, apaixonado pelas viajens e descobrimentos maritimos; o uso das Cartas maritimas ou hydrograficas, postas nas mãos dos Pilotos pelo Infante D.

 Hen-

(1) Veja-se a *Historia Insulana* Liv. 9. Cap. 9. §. 42.

Henrique (1); o melhor emprego na navegação, da Bussola cujas variações principiavão a ser conhecidas (2); e finalmente mais que tudo a pratica dos novos inſtrumentos, experimentados na viajem de Diogo Cão; e as Ephemerides publicadas por Monte Regio (3).

Todos conhecem hoje o resultado que tirou Colombo deſtes meios, e daquelles raciocinios; porém o que não he igualmente patente a todos, he que primeiro que eſte conseguisse os seus intentos, soccorrido pelos Reis de Hespanha, fez Martim de Bohemia com que os de Portugal mandassem navios á mesma expedição, os quaes com tudo se retirárão sem alcançar fructo algum daquella viajem.

Eſte facto veio ao nosso conhecimento não sómente pelo referir Herrera no Cap. 7 da I.ª Decada, mas pelo contar o mesmo Hiſtoriador das Ilhas acima citado, cujas palavras ainda copiaremos. ›› Era (diz elle) Martim de Bohemia tão grande Mathematico, e especial›› mente tão insigne Aſtrologo, que andando na Corte ›› Lusitana fazia Elrey grande eſtimação e conta delle, ›› não só por sua nobreza, mas por sua sabedoria e no›› ticias que dava por observações das Eſtrellas; a qual ›› era tão notavel, que eſtando ainda na Corte, e por no›› ticia delle mandando Elrey de Portugal navios que des›› cobrissem as Antilhas, no mesmo Portugal disse o mes›› mo Bohemia ao Rey o dia e hora em que os navios vol›› tavão, arribando, sem descobrirem as Antilhas. ›› (4)

No que acabamos de referir se inclue a parte que Be-

(1) Veja-se a *Encyclopedia Method* Marinha Art Cartas maritimas.

(2) Veja-se Tiraboschi *Storia della Litteratura Italiana* Tom. 6.

(3) Andre de S. Martin, que accompanhou a expedição de Magalhães na qualidade de Astronomo, e que occupou nella o lugar que devia ter o nosso Falleiro, servio se igualmente para as suas observações destas Ephemerides, ainda que se queixa que os seus numeros estavão errados, e não lhe correspondião bem ás suas observações. O Almanak que elle tinha era da impressão de João Lieftestein Veja-se o nosso Barros Dec. III. Liv. 5. Cap. 10.

(4) *Histor. Insulana* loco cit.

Behaim teve no descobrimento da America; e nós passariamos já a fallar do que diz respeito ao terceiro ponto, que nos proposemos tratar, se não julgassemos dever advertir, que he manifestamente por engano, ou por vontade de fazer ainda o caso mais maravilhoso, que na authoridade acima transcrita se falla nas Antilhas; pois he certo que nada se suspeitava ainda dellas nesse tempo: devendo assim entender-se que o que se mandou descobrir foi a Ilha Antilia ou das sete Cidades, para onde tinha hido aquelle Bispo do Porto de que já fizemos menção, ou alguma outra terra que por acaso apparecesse. Este Author, e alguns outros parecem seguir nisto aquelle errado principio „*post hoc, ergo propter hoc*„ sem se lembrarem, que quando Colombo chegou a *Guanahani* huma das Lucaias, não tendo ainda visto outras Ilhas, logo pensou que estava na Antilia, e por isso lhe deo aquelle nome, que depois se extendeo ás outras. Tão longe estava elle então de dar credito á etymologia daquelle nome, nem de pensar que estava perto do Continente, que em vez de seguir o seu caminho em linha recta, o que o teria conduzido ao Golfo do Mexico, tomou hum rumo totalmente differente; e o mesmo fez quando chegou ao Porto do Principe na Ilha da Cuba.

Notaremos tambem, posto que de passagem, que o infeliz successo desta viajem foi talvez a cauza mais forte, que teve ElRei D. João II. para regeitar os offerecimentos de Christovão Colombo. O disfarce e segredo com que este Monarcha tratou por algum tempo os nossos descobrimentos, fez crer que elle tinha reputado chimerico aquelle projecto, proposto por hum homem fallador, e glorioso: taes erão as vozes que o mesmo Rei fazia espalhar no publico, em quanto no particular mandava examinar aquellas paragens por navios, que fingia partidos para a Costa da Mina. O conhecimento deste facto foi hum dos principaes motivos de disgosto para Colombo.

Passando já ao que diz respeito ao Estreito de Magalhães, parece não se poder duvidar que a sua existencia foi

co-

conhecida por Martim de Bohemia; não só por assim o attestarem Herrera e outros; mas sobre tudo pela authoridade de Pigaffeta, que sendo companheiro do mesmo Fernando de Magalhães, assim o asseverou. (2) Quando este ultimo, descontente da sua Patria, se apresentou em Hespanha a Carlos V., e lhe propoz fazer o descobrimento das Malucas, sem tocar nos dominios Portuguezes, e por huma derrota totalmente nova, fundava-se nas noções que Francisco Serrão (3) lhe tinha dado da posição destas Ilhas; nas observações e regimento feitos por Ruy Falleiro, Astronomo Portuguez, (4) que tambem desgostoso tinha hido em sua companhia; e em hum Mappa de Martim de Bohemia, que víra no Gabinete d'ElRei D. Manoel. Até aqui não parece isto ter dúvida alguma: resta porém averiguar como podia existir já a demarcação do Estreito de Magalhães, que não foi descoberto senão tantos annos depois; he o que até agora tem parecido impossivel de poder-se averiguar ao certo; e por isso não pa-

(2) « Il Capitano Generale che sapeva de dover fare la sua navi-
» gazione per uno estreto molto ascoso, como vite nella thesoraria
» del Re de Portugal, in una Carta fatta per aquello excellentissi-
» mo huomo Martim de Bohemia, &c. » V. *Viaj. de Pigaf.*

(3) Francisco Serrão, que de Goa tinha passado ás Ilhas de Bamda, e de Maluco, correspondia-se dali com Fernando de Magalhães, ainda depois da volta deste para Portugal. Barros. *Decadas.*

(4) Segundo nos deixárão escrito Castanheda Liv. 6., e Barros Dec III. Liv. 5. Cap. 10. entregou Falleiro a Magalhães, antes de sua partida, huma especie de Regimento em 30 Capitulos, em que lhe dava documentos sobre a sua navegação. Este Regimento veio parar ás mãos de Duarte de Rezende, que sobre isso escreveo hum tratado, que se perdeo assim como todos os mais papeis de que falla Barros neste lugar. Sabe se porem que no dito Regimento vinhão tres methodos para calcular as Longitudes, e como póde ser curioso nos tempos actuaes saber quaes fossem os conhecimentos de Falleiro, transcreveremos dois destes methodos, descritos por Pigaffeta, companheiro daquella viajem, e que nella os vio praticar muitas vezes, como affirma no seu *Tratado de Navegação*, traduzido e publicado por Carlos Amoretti, Bibliothecario, e Director do Collegio Ambrosiano.

» (1.º) Pela Latitude da Lua julga-se da Longitude do lugar aonde
» se faz a observação. Chama-se Latitude da Lua a sua distancia da

parecerá estranho que formemos tambem mais huma conjectura.

Em a primeira das *Cartas de Americo Vespucio sobre as duas viajens, feitas por ordem d' ElRei de Portugal*, refere elle, que tendo em 1501 reconhecido parte da Costa do Brazil ate a altura de 32 gráos, isto he, até á vi-

» Ecclitica. A Ecclitica he o caminho do Sol. A Lua no seu movimento se affasta sempre della até chegar á sua maior distancia, » depois volta para traz até á cabeca ou cauda do Dragão, onde » corta a Ecclitica E como a Lua a medida que se affasta della, » corre ao mesmo tempo gráos para o Occidente: ella deve necessariamente ter maior Latitude de hum lado do Globo do que do » outro. E quando se conhece a Latitude (cujos gráos e minutos se » medem com o Astrolabio) conhece-se se a Lua está para o Este, » ou para o Oeste, e a quantos gráos está para hum ou outro destes dois pontos Mas não se póde saber a Longitude do lugar em » que se faz a observação, sem se saber exactamente em que Latitude e Longitude devia estar a Lua á mesma hora no lugar de » que se partio, v. gr. Sevilha. Quando esta se souber exactamente, comparando a com a Latitude e Longitude que tem no lugar em » que se acha o Navegante; saber-se-ha quantas horas o Meridiano » em que se está, fica distante do Meridiano de Sevilha, e daqui » poder-se-ha determinar a distancia Oriental ou Occidental a respeito desta Cidade.



» 2.º) A Lua dá outro meio mais para se conhecer a Longitude » do lugar em que se está, mas he necessario saber a hora exacta, » na qual a Lua observada em Sevilha está em conjuncção com huma Estrella ou Planeta dado; ou que está com o Sol em tal opposição, que os gráos sejão exactamente determinados; o que se » póde conhecer por meio do Almanak. Ora como o fenomeno accontece no Oriente, antes de ter lugar no Occidente; pelas horas e » minutos que tiverem passado desde que o fenomeno teve lugar em » Sevilha até o em que o Navegante o vê, concluo qual he a minha Longitude Occidental de Sevilha. Mas se o fenomeno tem lugar no sitio onde estou, primeiro do que em Sevilha, pelo tempo » que elle precede determino a minha distancia Oriental. E devem-se tomar por cada hora 15 gráos de Longitude » Segundo affirma Barros, foi este o methodo approvado por S. Martim, e o unico de que elle usou na viajem

O terceiro methodo sendo fundado em huma falsa supposição, a respeito da variação da Agulha, ainda neste tempo pouco conhecida, julgamos desnecessario mencionallo.

vizinhança do Rio da Prata, no que tinha empregado dez mezes: vendo que não achava na terra minas algumas, determinou deixar a Costa, e ir examinar o Paiz por outra parte, o que com effeito se effectuou, levando os Navios agua e viveres para seis mezes, e tomando o rumo de Lessoeste; e tanto andárão nesta navegação, até chegar a 52 gráos, onde avistárão terra, e soffrêrão huma tormenta, que os lançou sobre hum Paiz, cuja costa corrêrão ainda 20 legoas; e achando-se então quasi perdidos pelo temporal, e frio, voltárão para Portugal. (1)

Se pois Americo chegou aos 52 gráos, e costeou a terra ainda mais 20 legoas, necessariamente havia de reconhecer o Estreito de Magalhães, situado naquella Latitude; ainda que não fosse por outro modo, senão pela força da corrente, que sem duvida devia perceber, e cuja differença he bem sensivel na embocadura de hum Estreito, ou de huma Bahia. Notado pois isto no seu Jornal, com muito mais exactidão do que o notou depois nas suas Cartas, veio este parar ás mãos do Sr. Rei D. Manoel, que (como elle mesmo affirma em o fim do seu *Summario*) quiz ver todos os seus Livros, e Papeis, sem que conste que lhos tornasse outra vez a entregar.

Vê-se pois que nada ha mais natural, do que, na assistencia de Martim de Bohemia em Lisboa por aquelle tempo, ter elle redegido hum Mappa ou Globo, no qual viessem demarcados todos os descobrimentos modernos, e principalmente os de Americo. Póde mesmo dar-se que a sua vinda a Portugal fosse para este fim, visto o amor do Sr. D. Manoel pelos Estudos da Geografia, e a reconhecida pericia daquelle homem em a confecção das Cartas maritimas. A Inscripção que já citámos na primeira parte, e que o appellida Cosmografo, e Mathematico daquelle Monarca, parece dar maior peso a esta asserção, pois não nos occorre outro objecto, em que elle podesse desempenhar então melhor aquelles titulos.

Eis-

(1) Veja-se o Tomo. II. das *Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas* pag. 148 e 149.

Eis-aqui quanto pude averiguar com mais certeza a respeito de Martim de Bohemia, e posso assegurar a Academia, que puz da minha parte toda a diligencia para satisfazer as vistas do Professor Gebauer na sua *Historia de Portugal.* « Não seria certamente (diz elle) hum trabalho inutil dar a vida do Cavalheiro Martim Behaim, » escrita no gosto actual, sem cortar nada da verdade » dos factos, e sem lhe accrescentar cousa alguma, citando as Peças authenticas que sobre isto se podessem consultar. Vir-se-hião por este meio a descobrir huma quantidade de erros de toda a especie, tanto em favor como contra este navegador, e que segundo nota o Emperador Maximiliano, são inseparaveis daquelles que » visitão Paizes muito remotos. »

INDICE

De todas as Memorias contidas no Outavo Volume.

CATALOGO

Das Obras já impressas, e mandadas compôr pela Academia Real das Sciencias de Lisboa: com os preços, por que cada huma dellas se vende brochada.

I. BREVES Inſtrucções aos Correſpondentes da Academia ſobre as remeſſas dos productos naturaes para formar hum Muſeo Nacional, *folheto* 8.° - - - - - - - 120

II. Memorias ſobre o modo de aperfeiçoar a Manufactura do Azeite em Portugal remettidas á Academia, por João Antonio Dalla-Bella, Socio da meſma, 1 vol. 4.° - - 480

III. Memorias ſobre a Cultura das Oliveiras em Portugal remettidas á Academia, pelo meſmo, 1 vol. 4.° - - - 480

IV. Memorias de Agricultura premiadas pela Academia, 2 vol. 8.° - - - - - - - - - - - - - - - - - - 960

V. Paſchalis Joſephi Mellii Freirii Hiſtoria Juris Civilis Luſitani Liber ſingularis, 1 vol. 4.° - - - - - - - - 640

VI. Ejuſdem Inſtitutiones Juris Civilis, et Criminalis Luſitani, 5 vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - - - - 2400

VII. Oſmîa, Tragedia coroada pela Academia, *folh.* 4.° 240

VIII. Vida do Infante D. Duarte, por André de Rezende, *folh.* 4.° - - - - - - - - - - - - - - - - - - - 160

IX. Veſtigios da Lingoa Arabica em Portugal, ou Lexicon Etymologico das palavras, e nomes Portuguezes, que tem origem Arabica, compoſto por ordem da Academia, por Fr. João de Souſa, 1 vol. 4.° - - - - - - 480

X. Dominici Vandelli Viridarium Grysley Luſitanicum Linnæanis nominibus illuſtratum, 1 vol. 8.° - - - - - - 200

XI. Ephemerides Nauticas, ou Diario Aſtronomico para o anno de 1789, calculado para o Meridiano de Lisboa, e publicado por ordem da Academia, 1 vol. 4.° - - - 360

O meſmo para os annos ſeguintes até 1809 incluſivamente.

XII. Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para o adiantamento da Agricultura, das Artes, e da Induſtria em Portugal, e ſuas Conquiſtas, 4 vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - - - - 3200

XIII. Collecção de Livros ineditos de Hiſtoria Portugueza, dos Reinados dos Senhores Reis D. Joaõ I., Dom Duarte, D. Affonſo V., e D. João II., 3 vol. *fol.* - - 5400

XIV. Aviſos intereſſantes ſobre as mortes apparentes, mandados recopilar por ordem da Academia, *folh.* 8.° - - - *gr.*

XV.

XV Tratado de Educação Fysica para uso da Nação Portugueza, publicado por ordem da Academia Real das Sciencias, por Francisco de Mello Franco, Correspondente da mesma, 1 vol. 4.° - - - - - - - - - - - 360

XVI. Documentos Arabicos da Historia Portugueza, copiados dos Originaes da Torre do Tombo com permissão de S. Magestade, e vertidos em Portuguez, por ordem da Academia, pelo seu Correspondente Fr. João de Sousa, 1 vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - - - - - - 480

XVII. Observações sobre as principaes causas da decadencia dos Portuguezes na Asia, escritas por Diogo de Couto em fórma de Dialogo, com o titulo de *Soldado Pratico*; publicadas por ordem da Academia Real das Sciencias, por Antonio Caetano do Amaral, Socio Effectivo da mesma, 1 tom. 8.° *mai.* - - - - - - - - - - - - - - 480

XVIII. Flora Cochinchinensis; sistens Plantas in Regno Cochinchinæ nascentes. Quibus accedunt aliæ observatæ in Sinensi Imperio, Africa Orientali, Indiæque locis variis, labore ac studio Joannis de Loureiro, Regiæ Scientiarum Academiæ Ulyssiponensis Socii: Jussu Acad. R. Scient. in lucem edita, 2 vol. 4.° *mai.* - - - - - - 2400

XIX. Synopsis Chronologica de Subsidios, ainda os mais raros, para a Historia, e Estudo critico da Legislação Portugueza; mandada publicar pela Academia Real das Sciencias, e ordenada por José Anastasio de Figueiredo, Correspondente do Num.° da mesma Academia, 2 vol. 4.° 1800

XX. Tratado de Educação Fysica para uso da Nação Portugueza, publicado por ordem da Academia Real das Sciencias, por Francisco José de Almeida, Correspondente da mesma, 1 vol. 4.° - - - - - - - - - - - 360

XXI. Obras Poeticas de Pedro de Andrade Caminha, publicadas de ordem da Academia, 1 vol. 8.° - - - - 600

XXII. Advertencias sobre os abusos, e legitimo uso das Agoas Mineraes das Caldas da Rainha, publicadas de ordem da Academia Real das Sciencias, por Francisco Tavares, Socio Livre da mesma Academia, *folh.* 4.° - 120

XXIII. Memorias de Litteratura Portugueza, 8 vol. 4.° - 6400

XXIV. Fontes Proximas do Codigo Filippino, por Joaquim José Ferreira Gordo, Correspondente da Academia, 1 vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - - - - - - - 400

XXV. Diccionario da Lingoa Portugueza, I.° vol. *fol. mai.* 4800

XXVI. Compendio da Theorica dos Limites, ou Introducção ao Methodo das Fluxões por Francisco de Borja Garção Stockler, Socio da Academia 8.° - - - - - - - 240

XXVII. Ensáio Económico sobre o Comércio de Portugal,

e ſuas Colónias, oferecído ao Principe do Brazil N. S., publicádo de ordem da Academía Reál das Siências pelo ſeu Sócio Jozé Joaquim da Cunha de Azerêdo Coutinho. 480

XXVIII. Tratado de Agrimenſura por Eſtevaõ Cabral, Socio da Academia, em 8.° - - - - - - - - - - - - - 240

XXIX. Analyſe Chimica da Agoa das Caldas, por Guilherme Withering, em Portuguez e Inglez. *folh.* 4.° - - 240

XXX. Principios de Tactica Naval por Manoel do Eſpirito Santo Limpo, Correſpondente do Numero da Academia, 1 vol. 8.° - 480

XXXI. Memorias da Academia Real das Sciencias, 3 vol. *fol.* - 6000

XXXII. Memorias para a Hiſtoria da Capitania de S. Vicente, 1 vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - - - - - 480

XXXIII. Obſervações Hiſtoricas e Criticas para ſervirem de Memorias ao ſyſtema da Diplomatica Portugueza, por João Pedro Ribeiro, Socio da Academia, Part. 1. 4.° - 480

XXXIV. J. H. Lambert Supplementa Tabularum Logarithmicarum, et Trigonometricarum. 1 vol. 4.° - - - - 560

XXXV. Obras Poeticas de Franciſco Dias Gomes, 1 vol. 4.° 800

XXXVI. Compilação de Reflexões de Sanches, Pringle &c. sobre as Causas e Prevenções das Doenças dos Exercitos, por Alexandre Antonio das Neves: para diſtribuir-se ao Exercito Portuguez *folh.* 12.° - - - - - - - - gr.

XXXVII. Advertencias dos meios para preſervar da Peſte. *Segunda edição accrescentada com o* Opusculo do Thomaz Alvares sobre a Peste de 1569., *folh.* 12.° - - - - 120

XXXVIII. Hippolyto, Tragedia de Euripides, vertida do Grego em Portuguez, pelo Director de huma das Classes da Academia; *com o texto*, 1 vol. 4.° - - - - - - - 480

XXXIX. Taboas Logarithmicas, calculadas até á setima casa decimal, publicadas de ordem da Real Academia das Sciencias por J. M. D. P. 1 vol. 8.° - - - - - - 480

XL. Indice Chronologico Remissivo da Legislação Portugueza posterior á publicação do Codigo Filippino por João Pedro Ribeiro, Part. 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª - - - 3600

XLI. Obras de Francisco de Borja Garção Stockler, Secretario da Academia Real das Sciencias, I.° vol. 8.° - 800

XLII. Collecção dos principaes Auctores da Historia Portugueza, publicada com notas pelo Director da Classe da Litteratura da Academia R. das Sciencias. 8 Tom. em 8.° 4800

XLIII. Dissertações Chronologicas, e Criticas, por João Pedro Ribeiro, 3 vol. 4.° - - - - - - - - - - - - 2400

XLIV. Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas, Tomo I.° Numeros 1.°, 2.°, 3.°

3.° e 4.° 600
O Tomo II. 800
XLV. Hippolyto, Tragedia de Seneca; e Phedra, Tragedia de Racine: traduzidas em verso, pelo Socio da Academia Sebastião Francisco de Mendo Trigozo, *com os textos*. 600
XLVI. Opusculos sobre a Vaccina: Numeros I. até XIII. 300
XLVII. Elementos de Hygiene, por Francisco de Mello Franco, Socio da Academia: Parte I.ª 300

Estão no prélo as seguintes.

Taboadas Perpétuas Astronomicas para uso da Navegação Portugueza.
Memorias Economicas, 5.° vol.
Documentos para a Historia da Legislação Portugueza, pelos Socios da Academia João Pedro Ribeiro, e Joaquim de Santo Agostinho de Brito Galvão.
Collecção dos principaes Historiadores Portuguezes.
Collecção de Noticias para a Hiſtoria e Geografia das Nações Ultramarinas.
Taboas Trigonometricas, por J. M. D. P.
Obras de Francisco de Borja Garção Stockler, Tom. 2.°
Collecção de Livros ineditos de Hiſtoria Portugueza, Tom. 4.°
Elementos de Hygiene: Parte II.

Vendem-ſe em Lisboa *nas lojas dos* Mercadores de Livros na Rua das Portas de Santa Catharina; *e em* Coimbra, *e no* Porto *tambem pelos meſmos preços.*

LISBOA

NA TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS.

Anno de 1814.

Com Licença de S. A. R.

